Não espie por
trás da porta



SÉRIE

A EMPREGADA

FREIDA McFADDEN



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

SUMÁRIO

A EMPREGADA
Créditos
Prólogo
Parte I
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois

Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Trinta e sete
Parte II
Trinta e oito
Trinta e nove
Quarenta
Quarenta e um
Quarenta e dois
Quarenta e três
Quarenta e quatro
Quarenta e cinco
Quarenta e seis
Quarenta e sete
Quarenta e oito
Quarenta e nove
Cinquenta
Parte III
Cinquenta e um
Cinquenta e dois

Cinquenta e três
Cinquenta e quatro
Cinquenta e cinco
Cinquenta e seis
Cinquenta e sete
Cinquenta e oito
Cinquenta e nove
Sessenta
Sessenta e um
Epílogo

O SEGREDO DA EMPREGADA

Créditos
Prólogo
PARTE I
Um | Millie
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete

Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Trinta e sete
Trinta e oito
Trinta e nove
Quarenta
Quarenta e um
Quarenta e dois
Quarenta e três
Quarenta e quatro
Quarenta e cinco
PARTE II
Quarenta e seis | Wendy
Quarenta e sete
Quarenta e oito

Quarenta e nove
Cinquenta
Cinquenta e um
Cinquenta e dois
Cinquenta e três
Cinquenta e quatro
Cinquenta e cinco
Cinquenta e seis
Cinquenta e sete
Cinquenta e oito
PARTE III
Cinquenta e nove | Millie
Sessenta
Sessenta e um
Sessenta e dois
Sessenta e três
Sessenta e quatro
Sessenta e cinco
PARTE IV
Sessenta e seis | Wendy
Sessenta e sete
Sessenta e oito
Sessenta e nove
Setenta
Setenta e um
Setenta e dois
Setenta e três | Millie
Setenta e quatro
Epílogo | Millie
Uma carta de Freida
Agradecimentos

A EMPREGADA ESTÁ DE OLHO

Créditos

Prólogo

Parte I

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Trinta e sete
Trinta e oito
Trinta e nove
Quarenta
Quarenta e um
Parte II
Quarenta e dois
Quarenta e três
Quarenta e quatro
Quarenta e cinco
Quarenta e seis
Quarenta e sete
Quarenta e oito
Quarenta e nove
Cinquenta
Cinquenta e um
Cinquenta e dois
Cinquenta e três
Cinquenta e quatro
Cinquenta e cinco
Cinquenta e seis
Cinquenta e sete
Cinquenta e oito
Cinquenta e nove

Parte III
Sessenta
Sessenta e um
Sessenta e dois
Sessenta e três
Sessenta e quatro
Sessenta e cinco
Sessenta e seis
Sessenta e sete
Sessenta e oito
Sessenta e nove
Setenta
Setenta e um
Setenta e dois
Setenta e três
Parte IV
Setenta e quatro
Setenta e cinco
Setenta e seis
Setenta e sete
Setenta e oito
Setenta e nove
Oitenta
Epílogo
Agradecimentos

Sobre a autora
Sobre a Arqueiro

FREIDA McFADDEN



A EMPREGADA

Bem-vinda à família.

ARQUEIRO

A EMPREGADA

FREIDA McFADDEN



A EMPREGADA

ARQUEIRO

Título original: *The Housemaid*
Copyright © 2022 por Freida McFadden
Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado originalmente na Grã-Bretanha por Storyfire Ltd, Bookouture.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Roberta Clapp

preparo de originais: Karen Alvares

revisão: Ana Grillo e Mariana Bard

diagramação: Abreu's System

capa: Lisa Horton

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

imagens de capa: Golden Dayz (olho); Imagine CG Images (fechadura); Zebra-Studio (textura da porta)

foto da autora: © Mira Whiting

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M144e

McFadden, Freida
A empregada [recurso eletrônico] / Freida McFadden ; tradução Roberta Clapp. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2023.
recurso digital

Tradução de: The housemaid
Formato: epub
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-5565-507-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Clapp, Roberta. II. Título.

23-82996

CDD: 823
CDU: 82-3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PRÓLOGO

Se eu sair desta casa, será algemada.

Devia ter fugido quando tive chance, mas perdi a oportunidade. Agora que os policiais estão dentro da casa e descobriram o que há lá em cima, não dá mais para voltar atrás.

Estão prestes a me prender, a ler meus direitos. Não sei por que ainda não o fizeram. Talvez estejam achando que podem me convencer a contar algo que não deveria.

Boa sorte com isso.

O policial de cabelo preto meio grisalho está sentado no sofá ao meu lado. Ele remexe o corpo atarracado no couro italiano cor de caramelo queimado, e me pergunto que tipo de sofá tem em casa. Com certeza não custa cinco dígitos como este. Provavelmente, o dele é de uma cor cafona como *laranja*, coberto de pelos de animais de estimação e com alguns rasgos nas costuras. Fico imaginando se ele está pensando no sofá que tem em casa e desejando ter um como este.

Ou, mais provavelmente, se ele está pensando no cadáver localizado no sótão acima de nós.

– Vamos revisar os fatos mais uma vez – diz o policial com seu sotaque de Nova York.

Ele se apresentou mais cedo, mas esqueci completamente seu nome. Policiais deveriam usar crachás vermelhos brilhantes. De que outra forma alguém poderia

se lembrar do nome deles em uma situação de estresse elevado? Acho que ele é um detetive.

– Quando você encontrou o corpo?

Faço uma pausa, me perguntando se este seria o momento certo para exigir a presença de um advogado. Eles não tinham que me oferecer um? Estou enferrujada neste tipo de procedimento.

– Mais ou menos uma hora atrás – respondo.

– Por que você foi lá em cima, pra início de conversa?

Contraio os lábios.

– Já disse. Ouvi um barulho.

– E?

O policial se inclina para a frente, os olhos arregalados. Está com a barba por fazer no queixo, como se não tivesse tido tempo de se barbear esta manhã. Sua língua se projeta um pouquinho entre os lábios. Não sou burra – sei exatamente o que ele quer que eu diga.

Fui eu. Sou culpada. Podem me levar.

Em vez disso, me recosto no sofá.

– E é isso. É tudo que eu sei.

A decepção toma conta do rosto do detetive. Ele cerra o maxilar enquanto pensa nas evidências que foram encontradas até agora na casa. Está se perguntando se já tem o suficiente para colocar as algemas nos meus pulsos. Não tem certeza. Se tivesse, já teria feito isso.

– Ei, Connors!

É a voz de outro agente. Rompemos o contato visual, e olho para o alto da escada. O policial, muito mais jovem, está parado ali, seus dedos longos agarrando o topo do corrimão. O rosto sem rugas está pálido.

– Connors – repete o mais jovem. – Você precisa vir aqui… *agora*. Precisa ver o que tem aqui. – Mesmo do pé da escada, consigo ver o pomo de adão dele mexendo enquanto ele engole em seco. – Você não vai acreditar.

PARTE I

Três meses antes

UM

MILLIE

– Me fala de você, Millie.

Nina Winchester se inclina para a frente em seu sofá de couro cor de caramelo, as pernas cruzadas revelando apenas uma nesga de seus joelhos, que espreitam sob a saia de seda branca. Não entendo muito de marcas, mas é óbvio que tudo que Nina Winchester está vestindo é absurdamente caro. Sua blusa creme me faz querer esticar a mão para sentir o tecido, mesmo que um movimento como esse fosse eliminar qualquer chance de eu ser contratada.

Para ser franca, não tenho nenhuma chance de ser contratada.

– Bem… – começo, escolhendo minhas palavras com cuidado. Mesmo depois de todas as rejeições, ainda tento. – Eu cresci no Brooklyn. Tive muitos empregos fazendo tarefas domésticas pras pessoas, como você pode ver no meu currículo. – Meu currículo *cuidadosamente adulterado.* – E amo crianças. E também… – olho ao redor da sala, procurando algum brinquedo de cachorro ou uma caixa de areia para gatos – ... adoro animais de estimação…

O anúncio on-line para empregada não mencionava bichinhos de estimação. Mas é melhor garantir. Quem não aprecia alguém que goste de animais?

– Brooklyn! – A Sra. Winchester sorri para mim. – Eu cresci no Brooklyn também. Somos praticamente vizinhas!

– Somos, sim! – confirmo, embora nada esteja mais longe da verdade.

Há muitos bairros cobiçados no Brooklyn, onde você vai dar um rim por

uma casinha geminada. Não foi onde cresci. Nina Winchester e eu não poderíamos ser mais diferentes, mas, se ela quer acreditar que somos vizinhas, fico feliz da vida em concordar.

A Sra. Winchester enfia uma mecha de seu cabelo louro, dourado e brilhante atrás da orelha. Os fios batem na altura do queixo, num corte elegante que não destaca sua papada. Ela está na faixa dos trinta e, com um penteado e roupas diferentes, teria uma aparência bastante comum. Mas ela usa sua considerável riqueza para valorizar ao máximo o que tem. Não posso dizer que não respeito isso.

No que diz respeito à minha aparência, segui exatamente a direção oposta. Posso ser mais de dez anos mais nova do que a mulher sentada à minha frente, mas não quero que ela se sinta ameaçada por mim. Então, para a entrevista, escolhi uma saia comprida de lã pesada que comprei num brechó e uma blusa branca de poliéster com mangas bufantes. Meu cabelo louro-escuro está puxado para trás em um coque austero. Comprei até óculos com armação de tartaruga, grandes e desnecessários, que ficam empoleirados no meu nariz. Pareço profissional e nada atraente.

– Então, o trabalho – diz ela. – É principalmente cuidar da limpeza e cozinhar um pouco, se estiver disposta. Você cozinha bem, Millie?

– Cozinho, sim. – Minha habilidade na cozinha é a única coisa no meu currículo que não é mentira. – Sou uma excelente cozinheira.

Seus olhos azul-claros se iluminam.

– Que ótimo! Na verdade, quase nunca comemos uma boa comidinha caseira. – Ela ri. – Quem tem tempo pra isso?

Eu a julgo, mas engulo qualquer tipo de resposta. Nina Winchester não trabalha; ela é mãe de uma única criança, que passa o dia inteiro na escola, e está contratando alguém para limpar a casa. Inclusive, vi um homem cuidando do seu imenso jardim da frente. Como é que ela não tem tempo para cozinhar uma refeição para sua pequena família?

Eu não deveria julgar a mulher. Não sei nada sobre a vida dela. Só porque ela é rica, não significa que seja mimada. Mas, se tivesse que apostar 100 dólares mesmo assim, apostaria que Nina Winchester é uma riquinha mimada.

– E também vamos precisar de ajuda com a Cecelia de vez em quando –

continua a Sra. Winchester. – Talvez levando para as aulas que ela tem à tarde ou para brincar com os coleguinhas. Você tem carro, não tem?

Quase dou risada diante da pergunta dela. Sim, eu tenho um carro – é a *única coisa* que tenho neste momento. Meu Nissan de dez anos de idade está empesteando a rua em frente à casa dela, e é onde moro atualmente. Tudo que tenho está no porta-malas daquele carro. Passei o último mês dormindo no banco de trás.

Depois de um mês morando no próprio carro, você percebe a importância das pequenas coisas da vida. Um banheiro. Uma pia. Ser capaz de esticar as pernas enquanto dorme – é disso que sinto mais falta.

– Sim, eu tenho carro – confirmo.

– Excelente! – A Sra. Winchester bate palmas. – Vou arrumar uma cadeirinha para a Cecelia, é claro. Ela só precisa de um assento de elevação. Ainda não chegou ao peso e à altura ideais pra ficar sem o assento. A Academia de Pediatria recomenda…

Enquanto Nina Winchester fala sem parar sobre os requisitos exatos de altura e peso para assentos de carro, tiro um momento para olhar ao redor da sala. A mobília é toda ultramoderna, com a maior televisão de tela plana que já vi, e tenho certeza de que é um aparelho de alta definição e de que há alto-falantes *surround* embutidos em todos os cantos do ambiente para uma experiência de áudio perfeita. Na ponta da sala está o que parece ser uma lareira em funcionamento, com a cornija cheia de fotografias dos Winchesters em viagens a todas as partes do mundo. Quando olho para cima, percebo que o teto insanamente alto brilha iluminado por um lustre cintilante.

– Você não acha, Millie? – pergunta a Sra. Winchester.

Pisco para ela, aturdida. Tento rebobinar minha memória e descobrir o que ela acabou de me perguntar, mas me escapou.

– Claro? – respondo, meio hesitante.

Seja lá com o que eu tenha concordado, ela fica radiante.

– Estou *tão* feliz que você pense assim também.

– Com certeza – digo com mais firmeza desta vez.

Ela descruza e volta a cruzar as pernas um tanto atarracadas, acrescentando:

– E, claro, tem a questão do pagamento. Você viu a proposta no anúncio, certo? É um valor aceitável pra você?

Engulo em seco. O valor no anúncio é mais do que aceitável. Se eu fosse um personagem de desenho animado, os cifrões teriam saltado de cada um dos meus globos oculares quando li aquele anúncio. Mas o dinheiro quase me impediu de me candidatar ao emprego. Ninguém oferecendo tanto, morando numa casa como esta, pensaria em me contratar.

– Sim – falo, um pouco sufocada. – Está ótimo.

Ela arqueia uma sobrancelha.

– E você sabe que é preciso morar aqui, certo?

Ela está me perguntando se por mim tudo bem deixar o esplendor do banco de trás do meu Nissan?

– Claro. Sei, sim.

– Maravilha! – Ela puxa a barra da saia e se levanta. – Quer conhecer a casa? Pra ver no que você está se metendo?

Eu me levanto também. De salto alto, a Sra. Winchester é apenas alguns centímetros maior do que eu nos meus sapatos de salto baixo, mas parece que é muito mais.

– Por mim, está ótimo!

A Sra. Winchester me conduz em um tour minucioso pela casa, a ponto de eu ficar preocupada de ter errado o anúncio e talvez ela ser uma corretora achando que estou pronta para comprar um imóvel. É uma bela casa *mesmo*. Se tivesse 4 ou 5 milhões de dólares sobrando, eu a arrebataria. Além do térreo contendo a gigantesca sala de estar e a cozinha recém-reformada, no segundo andar fica o quarto principal dos Winchesters, o quarto de sua filha, Cecelia, o escritório do Sr. Winchester e um quarto de hóspedes que poderia ter saído diretamente do melhor hotel de Manhattan. Ela faz uma pausa dramática na frente da porta seguinte.

– E aqui é… – abre bem a porta – ... nosso cinema em casa!

É um cinema de verdade *dentro da casa deles* – além da televisão gigantesca no térreo. Esta sala tem diversas fileiras de poltronas, de frente para uma tela que vai do chão ao teto. Há até mesmo uma máquina de pipoca no canto.

Depois de alguns segundos, noto que a Sra. Winchester está olhando para mim, esperando uma reação.

– Uau! – exclamo, com o que espero que seja o entusiasmo apropriado.

– Não é maravilhoso? – Ela estremece de alegria. – E nós temos uma

biblioteca completa de filmes pra escolher. Claro, também temos todos os canais básicos e os serviços de streaming.

– Claro.

Depois que saímos da sala de cinema, chegamos a uma última porta no final do corredor. Nina faz uma pausa, com a mão na maçaneta.

– Este seria o meu quarto? – pergunto.

– Mais ou menos…

Ela gira a maçaneta, que range ruidosamente. Não posso deixar de notar que a madeira desta porta é muito mais pesada do que a de todas as outras. Atrás dela, há um lance de escadas na escuridão.

– Seu quarto é lá em cima. Tem também um sótão todo reformado.

Esta escada escura e estreita é um pouco menos glamourosa do que o resto da casa – e daria tanto trabalho assim colocar uma lâmpada aqui? Mas, é claro, eu sou a empregada. Não posso esperar que ela gaste tanto dinheiro no meu quarto quanto na sala de cinema.

No topo da escada há um corredorzinho estreito. Ao contrário do primeiro andar da casa, o teto é perigosamente baixo aqui. Não sou nem um pouco alta, mas quase preciso me abaixar.

– Você tem o seu próprio banheiro. – Ela indica com a cabeça uma porta à esquerda. – E este é o seu quarto.

Ela abre a última porta. Está completamente escuro lá dentro, até que ela puxa uma cordinha e o cômodo se ilumina.

O quarto é minúsculo. Não há outra forma de definir. Não só isso, como também o teto é inclinado, acompanhando o telhado da casa. O lado mais baixo bate na minha cintura. Em vez da enorme cama king-size do quarto principal dos Winchesters, do imenso armário e da penteadeira marrom, este quarto contém uma caminha dobrável de solteiro, uma estante baixa e uma cômoda pequena, iluminada por duas lâmpadas pendendo do teto.

É um cômodo modesto, mas, por mim, tudo bem. Se fosse bom *demais*, com certeza eu não teria chance de conseguir esse trabalho. O fato de o quarto ser meio ruim significa que talvez os padrões dela sejam baixos o suficiente para que eu tenha uma chance bem pequenininha.

Há algo mais sobre este quarto, porém. Algo que está me incomodando.

– Desculpa, é pequeno mesmo. – A Sra. Winchester faz uma careta. – Mas

você vai ter muita privacidade aqui.

Ando até a única janela. Como o quarto, também é pequena, pouco maior que a minha mão. E tem vista para o quintal. Há um jardineiro lá embaixo – o mesmo cara que vi no jardim da frente – aparando uma das cercas vivas com um enorme conjunto de tesouras.

– Então, o que você acha, Millie? Gostou?

Eu me afasto da janela para olhar para o rosto sorridente da Sra. Winchester. Ainda não consigo identificar o que está me incomodando. Há algo em relação a este quarto que está formando uma pequena bola de pavor na boca do meu estômago.

Talvez seja a janela – dá para os fundos da casa. Se acontecesse alguma coisa e eu tentasse chamar a atenção de alguém, ninguém conseguiria me ver aqui. Poderia gritar e berrar o quanto quisesse, mas não seria ouvida.

Mas quem estou querendo enganar? Eu teria sorte se morasse neste quarto.

Com um banheiro só para mim e uma cama de verdade, onde poderia esticar minhas pernas por completo. Aquela cama dobrável minúscula parece tão boa, comparada ao meu carro, que eu poderia chorar.

– É perfeito.

A Sra. Winchester parece ficar em êxtase com a minha resposta. Ela me conduz de volta pela escada escura até o segundo andar da casa, e, quando saio dali, solto o ar que não percebi que estava prendendo. Há algo muito assustador naquele quarto, mas, se por algum acaso eu conseguir esse emprego, vou superar isso. Fácil, fácil.

Meus ombros finalmente relaxam e meus lábios estão formando outra pergunta quando ouço uma voz atrás de nós.

– Mamãe?

Paro de repente e, ao me virar, vejo uma garotinha parada no corredor. A menina tem os mesmos olhos azul-claros de Nina Winchester, apenas alguns tons mais suaves, e seu cabelo é tão louro que chega a ser quase branco. A garota está usando um vestido azul muito claro com renda branca. E está me encarando como se pudesse ver dentro de mim. Bem através da minha *alma*.

Sabe esses filmes sobre seitas bizarras em que, tipo, crianças assustadoras conseguem ler mentes, adoram o diabo e vivem em milharais ou algo assim? Bem, se estivessem em busca de atores para um filme desses, essa menininha

conseguiria o papel. Eles nem teriam que fazer um teste com ela. Dariam uma olhada e diriam "É isso aí, você é a garotinha assustadora número três."

– Cece! – exclama a Sra. Winchester. – Você já voltou da aula de balé?

A menina assente devagar.

– A mãe da Bella me trouxe.

A Sra. Winchester envolve os ombros estreitos da criança com os braços, mas a expressão da garota não muda e seus olhos azul-claros não abandonam meu rosto em momento algum. Será que tem algo de errado comigo por estar com medo de que essa menina de 9 anos me mate?

– Essa é a Millie – diz a Sra. Winchester à filha. – Millie, esta aqui é a minha filha, Cecelia.

Os olhos da pequena Cecelia são duas gotas do oceano.

– Muito prazer, Millie – diz ela com educação.

Se eu conseguir esse emprego, diria que há pelo menos vinte e cinco por cento de chance de ela me matar enquanto durmo. Mas, mesmo assim, eu o quero.

A Sra. Winchester dá um beijo no topo da cabeça loura da filha e, em seguida, a menininha corre para o próprio quarto. Sem dúvida, ela tem uma casa de bonecas assustadora lá dentro, onde as bonecas ganham vida à noite. Talvez eu seja morta por uma delas. Ok, estou sendo ridícula. Provavelmente essa garotinha é um doce. Não é culpa dela estar vestida com uma roupa de criancinha-vitoriana-fantasma-assustadora. E, em geral, adoro crianças. Não que eu tenha interagido muito com elas nos últimos dez anos.

Assim que voltamos ao primeiro andar, a tensão deixa meu corpo. A Sra. Winchester é bastante simpática e normal – para uma mulher tão rica – e, enquanto fala sobre a casa, a filha e o emprego, estou apenas escutando por alto. A única coisa que sei é que este será um ótimo lugar para trabalhar. Eu daria meu braço direito para conseguir essa vaga.

– Você tem alguma dúvida, Millie? – pergunta ela.

Balanço a cabeça.

– Não, Sra. Winchester.

Ela estala a língua.

– Por favor, me chame de Nina. Se você for trabalhar aqui, vou me sentir

ridícula se ficar me chamando de *Sra. Winchester*. – Ela ri. – Como se eu fosse uma velhinha rica.

– Pode deixar… Nina.

O rosto dela brilha, embora possa ser apenas a alga marinha, casca de pepino ou qualquer outra coisa que pessoas ricas passam na cara. Nina Winchester é o tipo de mulher que faz tratamentos regulares em spas.

– Estou com um bom pressentimento, Millie. Estou mesmo.

É difícil não me deixar levar pelo entusiasmo dela, não sentir aquele vislumbre de esperança enquanto ela aperta minha palma áspera em sua mão suave de bebê. Quero acreditar que nos próximos dias receberei um telefonema de Nina Winchester, me oferecendo a oportunidade de vir trabalhar em sua casa e finalmente desocupar a Casa Nissan. Quero muito acreditar nisso.

No entanto, se posso dizer algo sobre Nina, é que ela não é nada burra. Ela não vai contratar uma mulher para trabalhar e morar na sua casa, e ainda cuidar de sua filha, sem antes fazer uma verificação básica de antecedentes. E quando ela fizer…

Engulo um nó na garganta.

Nina Winchester me dá um adeus caloroso da porta da frente.

– Muito obrigada por ter vindo, Millie. – Ela estende a mão para apertar a minha mais uma vez. – Prometo que você vai receber uma ligação minha logo, logo.

Não vou. Essa vai ser a última vez que vou pisar nesta casa magnífica. Nunca deveria ter vindo, para início de conversa. Deveria ter tentado um emprego que tivesse a chance de conseguir em vez de desperdiçar nosso tempo aqui. Talvez algo no setor de fast-food.

O jardineiro que vi da janela do sótão está de volta ao jardim da frente. Ele ainda segura as imensas tesouras e está dando forma a uma das cercas vivas bem na frente da casa. É um cara grande, e veste uma camiseta que mostra músculos impressionantes e mal esconde as tatuagens na parte de cima dos braços. Ele ajusta o boné e seus olhos muito escuros se desviam por um instante das tesouras para encontrar os meus do outro lado do gramado.

Levanto a mão em saudação.

– Olá.

O homem me encara, mas não responde. Não diz “Pare de pisar nas minhas

flores". Ele só me olha.

– Prazer em te conhecer também – murmuro baixinho.

Saio pelo portão eletrônico de metal que circunda a propriedade e me arrasto de volta até meu carro-casa. Olho para trás uma última vez em direção ao jardineiro, e ele ainda está me observando. Há algo em sua expressão que me faz sentir um calafrio. Ele então balança a cabeça, quase imperceptivelmente. Quase como se estivesse tentando me alertar.

Mas não diz uma palavra sequer.

DOIS

Quando você mora no seu carro, é preciso simplificar as coisas ao máximo.

Você não vai dar grandes recepções, para início de conversa. Nada de queijos e vinhos, nada de noites de pôquer. Por mim, tudo bem, pois não tenho ninguém para receber. O maior problema é onde tomar banho. Três dias depois de ser despejada da minha quitinete, o que aconteceu três semanas depois de ter sido demitida, descobri uma parada na estrada onde havia chuveiros. Quase chorei de alegria quando vi. Sim, os chuveiros têm bem pouca privacidade e cheiram levemente a dejetos humanos, mas, naquele momento, eu estava desesperada para tomar banho.

Agora estou curtindo meu almoço no banco de trás do meu Nissan. Tenho um fogareiro elétrico que posso ligar no isqueiro do carro para ocasiões especiais, mas, na maioria das vezes, me alimento de sanduíches. Muitos e muitos sanduíches. Tenho uma caixa térmica em que guardo frios e queijos, e costumo arranjar um pão branco – 99 centavos no supermercado. E coisas para petiscar, claro. Sacos de batatas chips. Bolachas com manteiga de amendoim. Bolinhos recheados. As opções nocivas à saúde não têm fim.

Hoje estou comendo presunto e queijo fundido, com um montão de maionese. A cada mordida que dou, tento não pensar em como estou farta de sanduíches.

Depois de me forçar a engolir metade, meu celular toca dentro do bolso. Tenho um daqueles aparelhos de flip pré-pagos que as pessoas só usam se forem

cometer um crime ou se voltaram quinze anos no passado. Mas preciso de um telefone e esse é o único que posso pagar.

– Wilhelmina Calloway? – diz a voz seca de uma mulher do outro lado da linha.

Estremeço ao ouvir meu nome completo. Wilhelmina era a mãe do meu pai, que já morreu há muito tempo. Não entendo que tipo de psicopata batizaria a filha de Wilhelmina, mas não falo mais com meus pais (e eles tampouco falam comigo), então é um pouco tarde para perguntar. De todo modo, sempre fui apenas Millie, e tento corrigir as pessoas o mais rápido que posso. No entanto, tenho a sensação de que quem está me ligando não é alguém por quem serei tratada pelo meu apelido tão cedo.

– Ela mesma.

– Srta. Calloway, aqui é Donna Stanton, do Munch Burgers.

Ah, claro. Munch Burgers – o fast-food gorduroso que me concedeu uma entrevista de emprego alguns dias atrás. Eu fritaria hambúrgueres ou cuidaria do caixa. Mas, se trabalhasse pesado, haveria alguma oportunidade de crescer. E, melhor ainda, uma oportunidade de ter dinheiro suficiente para não morar mais no meu carro.

Claro, o emprego que eu realmente adoraria ter era na casa dos Winchesters, porém já se passou uma semana desde que estive com Nina Winchester. Posso dizer sem dúvida alguma que não consegui o emprego dos meus sonhos.

– Eu só queria avisar – prossegue a Srta. Stanton – que já preenchemos a vaga no Munch Burgers. Mas boa sorte na sua busca por emprego.

O presunto e o queijo se reviram no meu estômago. Eu vi na internet que o Munch Burgers não tem políticas de contratação muito rígidas. Que, mesmo com antecedentes criminais, eu poderia ter uma chance. Esta foi a última entrevista que consegui marcar desde que a Sra. Winchester não me ligou de volta – e estou desesperada. Não posso comer mais nenhum sanduíche dentro do meu carro. Simplesmente *não posso.*

– Srta. Stanton – deixo escapar. – Estou aqui pensando… Será que poderia me contratar em qualquer outro local? Sou muito trabalhadora. E muito confiável. Eu sempre…

Paro de falar. Ela já desligou.

Agarro meu sanduíche com a mão direita enquanto seguro o celular com a

esquerda. Isso é desesperador. Ninguém quer me contratar. Todo empregador em potencial olha para mim exatamente da mesma maneira. A única coisa que eu quero é começar de novo. Vou me matar de trabalhar se for preciso. Vou fazer tudo que puder.

Luto contra as lágrimas, embora não saiba por que estou me dando ao trabalho. Ninguém vai me ver chorando no banco de trás do meu Nissan. Não há mais ninguém que se importe comigo. Meus pais me largaram de mão há mais de dez anos.

Meu celular toca novamente, me tirando do meu showzinho de vitimismo. Enxugo os olhos com as costas da mão e clico no botão verde para atender à chamada.

– Alô? – Minha voz sai embargada.

– Alô? É a Millie?

A voz soa vagamente familiar. Pressiono o aparelho contra o ouvido, o coração martelando no peito.

– É ela mesma…

– Aqui é Nina Winchester. Você fez uma entrevista comigo na semana passada, lembra?

– Ah. – Mordo meu lábio inferior com força. Por que ela está retornando a esta altura? Presumi que já houvesse contratado alguém e decidido não me informar. – Lembro, claro.

– Então, se ainda estiver interessada, teremos o maior prazer em lhe oferecer a vaga.

Sinto o sangue subir à cabeça e quase fico tonta. *Teremos o maior prazer em lhe oferecer a vaga.* Será que ela está falando sério? Era concebível que o Munch Burgers pudesse me contratar, mas parecia totalmente impossível que uma mulher como Nina Winchester fosse me convidar para dentro de sua casa. Para *morar* lá.

Será que ela não checou as minhas referências? Não fez uma simples verificação de antecedentes? Talvez seja tão *ocupada* que nunca chegou a fazer nada disso. Talvez seja uma dessas mulheres que se orgulham da própria intuição.

– Millie? Você está aí?

Percebo que fiquei em absoluto silêncio do outro lado da linha, de tão

atordoada.

– Sim. Estou aqui.

– Então, você ainda está interessada na vaga?

– Estou, sim. – Tento não parecer ridiculamente ansiosa. – Com certeza, estou. Adoraria trabalhar pra você.

– Trabalhar *comigo* – me corrige Nina.

Solto uma risada abafada.

– Isso. Claro.

– Então, quando você pode começar?

– Hum, quando gostaria que eu começasse?

– Assim que puder! Temos uma tonelada de roupas limpas que precisam ser dobradas!

Sinto inveja de como a risada fácil de Nina soa tão diferente da minha. Queria poder estalar os dedos e trocar de lugar com ela. Engulo em seco.

– Que tal amanhã?

– Seria ótimo! Mas você não precisa de tempo pra empacotar suas coisas?

Não quero dizer a ela que tudo que possuo já está no porta-malas do meu carro.

– Sou rápida nisso.

Ela ri novamente.

– Adoro seu entusiasmo, Millie. Mal posso esperar pra você vir trabalhar aqui em casa.

Enquanto Nina e eu tratamos de alguns detalhes sobre o dia seguinte, me pergunto se ela sentiria o mesmo por mim se soubesse que passei os últimos dez anos na cadeia.

TRÊS

Chego à casa dos Winchesters na manhã seguinte, depois de Nina ter deixado Cecelia na escola. Estaciono do lado de fora do portão de metal que cerca a propriedade. Nunca estive em uma casa protegida por um portão antes, muito menos morei em uma. Mas em Long Island, este bairro chique, todas as casas parecem ser assim. Considerando quão baixa é a taxa de criminalidade por aqui, parece meio exagerado, mas quem sou eu para julgar? Se pudesse escolher entre uma casa com portão e uma sem, eu escolheria uma com portão também.

Ele estava aberto quando cheguei no dia anterior, mas agora está fechado. Trancado, pelo que parece. Fico parada por um momento, minhas duas mochilas grandes de viagem aos meus pés, tentando descobrir como entrar. Não parece haver qualquer tipo de campainha ou interfone. Mas o tal jardineiro está de novo cuidando da propriedade, agachado na terra, com uma pá na mão.

– Com licença!

O homem olha para mim por cima do ombro e logo em seguida volta a cavar. Que simpático.

– Com licença! – repito, alto o suficiente para que ele não possa me ignorar.

Desta vez, ele se levanta devagar, *bem devagar*. Não demonstra absolutamente nenhuma pressa enquanto cruza o gigantesco gramado da frente rumo à entrada do portão. Ele tira suas grossas luvas de borracha e ergue as sobrancelhas para mim.

– Oi! – digo, tentando esconder minha irritação com ele. – Meu nome é

Millie Calloway, hoje é meu primeiro dia de trabalho aqui. Estou tentando entrar, a Sra. Winchester está me esperando.

O homem não diz nada. Parada do outro lado do jardim, eu só havia notado quão grande ele é – pelo menos uma cabeça mais alto do que eu, com bíceps do tamanho das minhas coxas –, mas, de perto, percebo que na verdade é muito gato. Parece ter uns 30 e poucos anos, cabelos pretos e grossos, úmidos de suor, pele marrom-clara e aparência vigorosa. Mas sua característica mais marcante são os olhos: são muito pretos – tão escuros que não consigo distinguir a pupila da íris. Algo em seu olhar me faz dar um passo para trás.

– Então, é… você pode me ajudar?

O homem finalmente abre a boca. Espero que me diga para dar o fora ou peça que lhe mostre um documento, mas, em vez disso, ele solta algumas palavras bem rápido em italiano. Pelo menos, acho que é italiano – não posso dizer que conheço uma palavra do idioma, mas vi um filme italiano com legendas uma vez e meio que soava assim.

– Ah! – exclamo quando ele termina seu monólogo. – Então, é… nada de inglês?

– Inglês? – diz ele, com um sotaque tão forte que a resposta é óbvia. – Não. Nada de inglês.

Excelente. Dou um pigarro, tentando descobrir a melhor maneira de me comunicar.

– Então, eu… – começo, apontando para o meu peito. – Eu vou trabalhar. Para a Sra. Winchester. – Aponto para a casa. – E preciso… entrar. – Agora aponto para a fechadura do portão. – *Entrar*.

Ele apenas franze a testa para mim. Que maravilha.

Estou prestes a pegar meu telefone e ligar para Nina quando ele chega para o lado e aperta uma espécie de interruptor: os portões se abrem, quase em câmera lenta.

Uma vez que estão abertos, paro um momento para olhar a casa que será o meu lar num futuro próximo. Tem dois andares mais o sótão, estendendo-se sobre o que parece ter a extensão de um quarteirão do Brooklyn. É tão branca que agride os olhos – possivelmente acabou de ser pintada – e a arquitetura parece contemporânea, mas quem sou eu para supor algo assim? Só sei que a

impressão que dá é de que as pessoas que moram aqui têm tanto dinheiro que nem sequer sabem o que fazer com ele.

Começo a pegar uma das minhas mochilas, mas, antes que o faça, o cara pega as duas sem nenhum esforço e as carrega até a porta da frente para mim. Elas estão muito pesadas – contêm literalmente tudo que possuo além do meu carro –, então fico grata por ele ter se oferecido para colocar a mão na massa para mim.

– *Gracias* – falo.

Ele me lança um olhar engraçado. Hum, acho que isso é espanhol. Ai, meu Deus.

Aponto para o meu peito.

– Millie.

– Millie. – Ele assente, então aponta para o próprio peito. – Eu sou Enzo.

– Prazer – digo, meio sem jeito, mesmo que ele não vá me entender. Mas, caramba, se ele mora e trabalha aqui, deve ter aprendido um *pouco* de inglês.

– *Piacere di conoscerti* – responde ele.

Assinto sem dizer nada. Já chega de tentar fazer amizade com o jardineiro.

– Millie – repete ele, com seu forte sotaque italiano. Parece ter algo a dizer, mas está tendo dificuldades. – Você…

Ele sussurra uma palavra em italiano, mas, assim que ouvimos alguém começar a destrancar a porta da frente, Enzo corre de volta para onde estava agachado no jardim e de repente parece muito ocupado. Mal consegui entender a palavra que ele disse. *Pericolo*. Seja lá o que for. Talvez signifique que ele queira um refrigerante. *Peri-cola: agora com um toque de limão!*

– Millie! – Nina parece contente em me ver, tanto que joga os braços em volta de mim e me esmaga num abraço. – Estou *tão* feliz por você ter decidido aceitar o trabalho. Senti que você e eu tínhamos uma *conexão*. Sabe como é?

Foi o que imaginei. Ela teve um "pressentimento" em relação a mim, então não se deu ao trabalho de fazer a pesquisa. Agora só tenho que me certificar de que ela jamais tenha motivos para não confiar em mim. Preciso ser a funcionária perfeita.

– Sim, sei exatamente o que você quer dizer. Sinto a mesma coisa.

– Bom, entra!

Nina agarra a dobra do meu cotovelo e me conduz para dentro de casa, alheia

ao fato de que estou sofrendo para carregar minhas duas mochilas. Não que eu esperasse que ela fosse me ajudar. Isso sequer teria lhe ocorrido.

Quando entro, não posso deixar de notar que a casa parece muito diferente da primeira vez que estive aqui. *Muito* mesmo. Quando vim para a entrevista, estava imaculada – eu poderia ter comido em qualquer superfície da sala. Agora, entretanto, o lugar parece um chiqueiro. A mesa de centro em frente ao sofá tem seis xícaras com quantidades variadas de diferentes líquidos pegajosos, cerca de uma dúzia de jornais e revistas amassados e uma caixa de pizza dobrada ao meio. Há roupas e lixo espalhados por toda a sala de estar e, na mesa de jantar, os restos da refeição da noite anterior.

– Como dá pra ver, você chegou bem na hora! – exclama Nina.

Quer dizer então que Nina Winchester é uma porca – esse é o segredo *dela*. Vou levar horas para conseguir deixar este lugar em um estado decente. Talvez dias. Mas tudo bem; estou ansiosa para pegar no pesado, fazer um trabalho bom e honesto. E gosto que ela precise de mim. Se conseguir me tornar inestimável, é menos provável que Nina me demita se (ou quando) descobrir a verdade.

– Deixa só eu guardar minhas coisas e já venho arrumar tudo.

Nina solta um suspiro feliz.

– Você é um milagre, Millie. Muito obrigada *mesmo*. Tem uma coisa… – Ela apanha a bolsa na bancada da cozinha e vasculha lá dentro, finalmente pegando um iPhone de última geração. – Comprei isso pra você. Não pude deixar de notar que você estava usando um telefone muito desatualizado. Se eu precisar entrar em contato, gostaria que tivesse um meio de comunicação confiável.

Hesitante, pego o iPhone novinho em folha.

– Uau. É muito generoso da sua parte, mas não tenho como pagar um plano…

Ela dá um tapinha no ar.

– Eu adicionei você no nosso plano familiar. Não custou quase nada.

Quase nada? Tenho a sensação de que a definição dela dessas duas palavras é muito diferente da minha.

Antes que eu possa protestar mais, o som de passos ecoa nas escadas atrás de mim. Eu me viro e vejo um homem de terno cinza descendo os degraus. Ao me avistar de pé na sala, ele para na base da escada, como se estivesse chocado com a

minha presença. Seus olhos se arregalam ainda mais quando percebe minha bagagem.

– Andy! – exclama Nina. – Vem cá conhecer a Millie!

Este deve ser Andrew Winchester. Quando eu estava pesquisando a família, meus olhos saltaram um pouco quando vi o patrimônio líquido desse homem. Depois de ver todos aqueles cifrões, o cinema em casa e o portão ao redor da propriedade fizeram mais sentido. Ele é um empresário que assumiu a próspera empresa do pai e desde então dobrou os lucros. Mas, pela sua expressão de surpresa, é óbvio que deixa a esposa lidar com a maioria dos assuntos domésticos, e aparentemente ela se esqueceu de contar a ele que contratou uma empregada.

– Olá… – O Sr. Winchester entra na sala de estar, a testa franzida. – Millie, né? Desculpa, eu não tinha me dado conta…

– Andy, eu falei dela pra você! – Ela inclina a cabeça para o lado. – Disse que a gente precisava contratar alguém pra cozinhar e pra ajudar na limpeza, e também com a Cecelia. Tenho certeza que te falei!

– É, bem… – O rosto dele finalmente relaxa. – Bem-vinda, Millie. Um pouco de ajuda com certeza vai ser bom pra gente.

Andrew Winchester estende a mão para me cumprimentar. É difícil não notar que ele é um homem incrivelmente bonito. Olhos castanhos penetrantes, cabelo castanho bem cheio e uma covinha sexy no queixo. Também é difícil não notar que ele é muito, muito mais atraente do que a esposa, mesmo com a aparência impecável dela, o que me parece um pouco estranho. O homem é podre de rico, afinal; poderia ter a mulher que quisesse. Eu o respeito por não escolher uma supermodelo de 20 anos para ser sua parceira de vida.

Enfio meu novo telefone no bolso da calça jeans e estendo a mão também.

– Prazer em conhecê-lo, Sr. Winchester.

– Por favor. – Ele sorri calorosamente para mim. – Me chame de Andrew.

Enquanto pronuncia essas palavras, algo acontece no rosto de Nina Winchester. Seus lábios se contraem e os olhos se estreitam. No entanto, não sei exatamente o porquê. Ela mesma pediu que a chamasse pelo primeiro nome. E Andrew Winchester não está me secando, nem de longe. Seus olhos se mantêm respeitosamente nos meus e não passam da linha do meu pescoço. Não que haja muito para olhar – mesmo que eu não tenha me dado ao trabalho de usar os

óculos falsos de armação de tartaruga hoje, estou vestindo uma blusa simples e uma calça jeans confortável para meu primeiro dia de trabalho.

– Enfim – corta Nina –, você não tem que ir para o trabalho, Andy?

– Ah, sim. – Ele endireita a gravata cinza. – Tenho uma reunião às nove e meia em Manhattan. É melhor eu me apressar.

Andrew dá um beijo demorado nos lábios de Nina e aperta seus ombros carinhosamente. Até onde posso ver, é um casal feliz. E Andrew parece bastante simples para um homem cujo patrimônio líquido tem oito dígitos. É fofo o jeito como ele sopra um beijo para ela da porta de entrada. Este é um homem que ama a esposa.

– Seu marido parece legal – falo para Nina quando a porta se fecha.

O olhar sombrio e suspeito retorna ao rosto dela.

– Você acha?

– Bem, acho, sim – gaguejo. – Quer dizer, ele parece… Há quanto tempo vocês estão casados?

Nina me olha, pensativa. Mas, em vez de responder à minha pergunta, diz:

– O que aconteceu com seus óculos?

– O quê?

Ela ergue uma sobrancelha.

– Você estava usando óculos na entrevista, não estava?

– Ah. – Eu me contorço, relutante em admitir que os óculos eram falsos: minha tentativa de parecer mais inteligente e séria e, sim, menos atraente e ameaçadora. – Eu… é… tô usando lentes de contato.

– Está?

Não sei por que menti. Deveria ter dito que não preciso tanto dos óculos. Em vez disso, agora piorei a situação e inventei lentes de contato que na verdade não estou usando. Posso sentir Nina examinando minhas pupilas, procurando as lentes.

– Tem… algum problema? – pergunto, por fim.

Um músculo se contrai sob seu olho direito. Por um momento, sinto medo de que ela me mande ir embora. Mas então seu rosto relaxa.

– Claro que não! Eu só achei os óculos *tão* fofos em você. Muito marcantes, você deveria usá-los com mais frequência.

– Sim, bem… – Agarro a alça de uma das minhas mochilas com a mão

trêmula. – Acho que vou colocar minhas coisas lá em cima pra poder começar.

Nina bate palmas.

– Excelente ideia!

Mais uma vez, Nina não se oferece para pegar nenhuma das minhas mochilas enquanto subimos os dois lances de escada para chegar ao sótão. Na metade do segundo lance, meus braços estão prestes a cair, mas Nina não parece interessada em parar e me dar um momento para reajustar as alças. Suspiro de alívio quando consigo largar as mochilas no chão do meu novo quarto. Nina puxa a cordinha para acender as duas lâmpadas que iluminam meu pequeno espaço.

– Espero que seja bom o suficiente – diz Nina. – Acho que você prefere ter a privacidade de estar aqui em cima, além de um banheiro próprio.

Talvez ela se sinta culpada pelo fato de seu gigantesco quarto de hóspedes estar vazio enquanto vou ficar em um quarto um pouco maior que um armário de produtos de limpeza. Mas tudo bem. Qualquer coisa maior do que o banco de trás do meu carro é um palácio. Mal posso esperar para dormir aqui esta noite. Estou obscenamente grata.

– É perfeito – respondo com sinceridade.

Além da cama, da cômoda e da estante, noto outra coisa no quarto que não tinha visto da primeira vez. Uma minigeladeira, com cerca de 30 centímetros de altura. Está ligada à parede e cantarola ritmicamente. Eu me agacho e a abro. Ela tem duas pequenas prateleiras e, na de cima, há três garrafinhas de água.

– É muito importante se hidratar bem – diz Nina com seriedade.

– É mesmo…

Ao ver a expressão perplexa no meu rosto, ela sorri.

– Obviamente, a geladeira é sua e você pode colocar o que quiser nela. Só pensei em te dar um incentivo.

– Obrigada.

Não é tão estranho assim. Algumas pessoas deixam balas em um travesseiro. Nina deixa três garrafinhas de água.

– Enfim… – Nina enxuga as mãos nas coxas, embora elas estejam imaculadas. – Vou deixar você desfazer as malas pra poder começar a limpar a casa e me preparar pra minha reunião da APM amanhã.

– APM?

– Associação de Pais e Mestres. – Ela sorri para mim. – Sou a vice-presidente.

– Que incrível! – exclamo, porque é o que ela quer ouvir. Nina é muito fácil de agradar. – Vou guardar tudo rapidinho e começar a trabalhar.

– Muito obrigada. – Seus dedos, quentes e secos, tocam brevemente a parte descoberta do meu braço. – Você salvou minha vida, Millie. Estou muito feliz que esteja aqui.

Pouso a mão na maçaneta enquanto Nina começa a sair do quarto. E é aí que percebo o que está me incomodando neste cômodo desde o momento em que entrei aqui. Um sentimento nauseante toma conta de mim.

– Nina?

– Hum?

– Por que… – Pigarreio. – Por que a tranca do quarto fica do lado de *fora* e não do lado de dentro?

Nina olha para a maçaneta, como se a percebesse pela primeira vez.

– Ah! Sinto muito por isso. A gente costumava usar esse quarto como um depósito, então obviamente queríamos que fosse trancado pelo lado de fora. Depois, quando o converti em um quarto pra funcionários, acabamos não invertendo a tranca.

Se alguém quisesse, poderia facilmente me trancar aqui. E há apenas aquela janela, que dá para os fundos da casa. Este quarto poderia ser um cativeiro.

Mas por que alguém iria querer me trancar aqui?

– Será que eu posso ter a chave do quarto?

Ela dá de ombros.

– Nem sei direito onde está.

– Eu gostaria de uma cópia.

Nina semicerra os olhos azul-claros na minha direção.

– Por quê? O que você está pensando em guardar no seu quarto que não quer que a gente saiba?

Minha boca se abre.

– Eu… Nada, só…

Nina joga a cabeça para trás e ri.

– Só estou brincando. O quarto é seu, Millie! Se você quer uma chave, eu te dou. Prometo.

Às vezes parece que Nina tem dupla personalidade. Ela vai de oito a oitenta muito depressa. Diz que estava brincando, mas não tenho tanta certeza. Mas não

importa, na verdade. Não tenho outras perspectivas, e este trabalho é uma bênção. Vou fazer isso dar certo. Não importa o que aconteça. Vou fazer Nina Winchester me amar.

Depois que Nina sai do quarto, fecho a porta. Gostaria de trancá-la, mas não posso. Obviamente.

Ao fechar a porta, noto marcas na madeira. Longas linhas finas percorrendo o comprimento da porta mais ou menos na altura do meu ombro. Corro meus dedos nos sulcos. Parecem…

Arranhões. Como se alguém estivesse raspando a porta. Tentando sair.

Não, isso é ridículo. Estou sendo paranoica. Às vezes, a madeira velha fica arranhada. Não tem nada de bizarro nisso.

O quarto de repente parece insuportavelmente quente e abafado. Há uma pequena caldeira num canto, que com certeza o mantém confortável no inverno, mas não há nada para refrescá-lo nos meses mais quentes. Vou ter que comprar um ventilador para colocar bem na frente da janela. Mesmo sendo muito maior do que o meu carro, ainda é um espaço muito pequeno – não fico surpresa de eles o terem usado como depósito. Olho ao redor, abrindo as gavetas para verificar o tamanho delas. Há um pequeno armário dentro do quarto, com espaço suficiente apenas para pendurar meus poucos vestidos. Está vazio, exceto por alguns cabides e um pequeno balde azul no canto.

Tento abrir a pequena janela para que entre um pouco de ar, mas ela não se move. Eu me aproximo, os olhos semicerrados, para investigar melhor. Corro o dedo ao longo da moldura da janela. Parece que foi selada com tinta.

Embora eu tenha uma janela, ela não abre.

Eu poderia perguntar a Nina a respeito, mas não quero que pareça que estou reclamando logo no meu primeiro dia. Talvez na próxima semana eu venha a mencionar isso. Não acho que ter uma janela que funcione seja uma grande exigência.

O jardineiro, Enzo, está no quintal agora, operando o cortador de grama lá nos fundos. Faz uma pausa por um momento para enxugar o suor da testa com o antebraço musculoso e então olha para cima. Ele vê meu rosto na pequena janela e balança a cabeça, assim como fez da primeira vez que o vi. Eu me lembro da palavra que ele sussurrou para mim em italiano antes de eu entrar na casa. *Pericolo.*

Pego meu celular novinho em folha do bolso. A tela ganha vida ao meu toque, enchendo-se de pequenos ícones que direcionam para mensagens de texto, chamadas e previsão do tempo. Esse tipo de telefone ainda não era popular quando fui presa, e não pude comprar um desde que saí. No entanto, algumas das garotas tinham um nas casas de recuperação para onde fui quando saí, então meio que sei como usá-los. Sei qual ícone abre um navegador.

Digito na janela: *Traduzir pericolo*. O sinal deve estar fraco aqui no sótão, porque demora muito. Quase um minuto se passa até que a tradução de *pericolo* finalmente apareça na tela do meu celular:

Perigo.

QUATRO

Passo as sete horas seguintes limpando a casa.

Não tinha como Nina ter deixado esta casa mais suja se tentasse. Todos os cômodos estão imundos. A caixa de pizza na mesinha de centro ainda tem duas fatias dentro, e há algo pegajoso e fedorento derramado no fundo dela. O líquido vazou e a caixa se fundiu à mesa. Foi necessário deixar de molho por uma hora e esfregar bastante por trinta minutos para que ficasse tudo limpo.

A cozinha é a pior parte. Além do que quer que esteja na própria lixeira, há dois sacos de lixo no recinto, transbordando. Um deles está rasgado no fundo, de modo que, quando o levanto para levá-lo para fora, o conteúdo se espalha pelo chão inteiro – e cheira muito, muito mal. Quase vomito.

Há pilhas de pratos imensas na pia, e me pergunto por que Nina não os colocou em seu lava-louças de última geração, até que abro a máquina e percebo que ela também está cheia até a boca com pratos imundos. Essa mulher não entende *mesmo* a necessidade de raspar os pratos antes de colocá-los no lava-louças. Nem, aparentemente, a importância de *ligar* a máquina. São necessárias três rodadas do lava-louças para dar conta de tudo. Lavo todas as panelas separadamente, a maioria das quais tem comida ressecada de dias e dias.

No meio da tarde, consigo deixar a cozinha minimamente habitável de novo. Estou orgulhosa de mim mesma. É meu primeiro dia de trabalho pesado desde que fui demitida do bar (de maneira completamente injusta, mas essa é a minha vida hoje em dia), e me sinto muito bem com isso. Tudo que eu quero é

continuar trabalhando aqui. E talvez ter uma janela no quarto que possa ser aberta.

– Quem é você?

Uma vozinha me assusta no momento em que estou guardando a última leva de pratos. Eu me viro. Cecelia tinha parado às minhas costas, os olhos azul-claros cravados em mim. Está usando um vestido branco de babados que a faz parecer uma bonequinha. E, por bonequinha, é claro que estou falando daquela boneca falante assustadora que mata pessoas em *Além da imaginação*.

Nem sequer a vi entrar. E Nina não está por perto. De onde será que ela veio? Se este é o momento em que descubro que Cecelia está morta há dez anos e é um fantasma, estou pronta para me demitir.

Bem, talvez não. Mas talvez peça um aumento.

– Oi, Cecelia! – cumprimento alegremente. – Eu sou a Millie. Vou trabalhar na sua casa de agora em diante… limpando as coisas e tomando conta de você quando sua mãe me pedir. Espero que a gente possa se divertir juntas.

Cecelia pisca os olhos claros para mim.

– Tô com fome.

Preciso me lembrar de que ela é apenas uma garotinha normal que sente fome e sede, fica irritada e usa o banheiro.

– O que você quer comer?

– Sei lá.

– Bom, do que você gosta?

– Sei lá.

Cerro os dentes. Cecelia se transformou de uma garotinha assustadora em uma menininha irritante. Mas acabamos de nos conhecer. Tenho certeza de que depois de algumas semanas seremos melhores amigas.

– Está bem, vou preparar um lanche pra você, então.

Ela assente e sobe em um dos bancos ao redor da ilha. Seus olhos ainda parecem estar me perfurando – como se pudessem ler todos os meus segredos. Eu adoraria que ela fosse para a sala assistir a desenhos animados em sua televisão gigantesca em vez de ficar ali… me observando.

– Então, o que você gosta de ver na TV? – pergunto, esperando que ela entenda a deixa.

Ela franze a testa como se eu a tivesse ofendido.

– Prefiro ler.

– Que ótimo! O que você gosta de ler?

– Livros.

– Que tipo de livros?

– Livros com palavras.

Ah, então é assim que vai ser, Cecelia. Tudo bem, se ela não quer falar sobre livros, posso mudar de assunto.

– Você voltou da escola agora?

Ela me encara.

– De onde mais eu poderia ter vindo?

– Mas… como você chegou em casa?

Cecelia bufa, exasperada.

– A mãe da Lucy me buscou no balé e me trouxe pra casa.

Ouvi Nina no andar de cima cerca de quinze minutos atrás, então presumo que ela esteja em casa. Fico pensando se devo avisá-la que Cecelia está de volta. No entanto, não quero incomodá-la, e um dos meus trabalhos é cuidar da menina.

Graças a Deus, Cecelia parece ter perdido o interesse em mim e agora está remexendo em sua mochila rosa-clara. Encontro uns biscoitos Ritz na despensa e também um pote de manteiga de amendoim. Espalho a manteiga de amendoim nos biscoitos como minha mãe costumava fazer. Repetir o mesmo gesto que ela fazia para mim tantas vezes me deixa um pouco nostálgica. E triste. Jamais pensei que ela fosse me abandonar do jeito que fez. *É isso, Millie. A gota d'água.*

Depois de espalhar manteiga de amendoim nos biscoitos, fatio uma banana e coloco uma rodela em cada um. Adoro a combinação de manteiga de amendoim e banana.

– Tcharan! – Deslizo o prato na bancada para oferecê-lo a Cecelia. – Biscoitos com manteiga de amendoim e banana!

Ela arregala os olhos.

– Manteiga de amendoim com banana?

– Confia em mim. É muito gostoso.

– Eu sou alérgica a manteiga de amendoim! – As bochechas de Cecelia ficam rosadas. – Manteiga de amendoim pode me matar! Você está tentando me matar?

Meu coração aperta. Nina nunca disse nada sobre nenhuma alergia a manteiga de amendoim. E eles têm manteiga de amendoim na despensa! Se a filha dela tem uma alergia fatal a amendoim, por que ela teria isso em casa?

– Mamãe! – grita Cecelia enquanto corre em direção à escada. – A empregada tentou me matar com manteiga de amendoim! Socorro, mamãe!

Ai, meu Deus.

– Cecelia! – falo entredentes. – Foi sem querer! Eu não sabia que você era alérgica e…

Mas Nina já está descendo as escadas às pressas. Apesar da desordem de sua casa, ela parece impecável agora, em outra de suas brilhantes combinações de saia e blusa brancas. Branco é a cor dela. A de Cecelia também, pelo que parece. Elas combinam com a casa.

– O que está acontecendo? – pergunta Nina com uma voz aguda ao chegar ao pé da escada.

Estremeço quando Cecelia se lança na direção da mãe, abraçando-a.

– Ela tentou me fazer comer manteiga de amendoim, mamãe! Eu falei pra ela que era alérgica, mas ela não escutou.

A pele pálida de Nina fica vermelha.

– Millie, isso é verdade?

– Eu… – Minha garganta está completamente seca. – Eu não sabia que ela era alérgica. Juro.

Nina franze a testa.

– Eu te falei sobre a alergia dela, Millie. Isso é inaceitável.

Ela nunca me falou nada. Nunca disse uma palavra sobre Cecelia ser alérgica a amendoim. Juro pela minha vida. E, mesmo que tivesse dito, *por que* ela deixaria um pote de manteiga de amendoim na despensa? Estava bem na frente!

Mas ela não vai acreditar em nenhuma das minhas justificativas. Na cabeça dela, eu quase matei sua filha. Vejo este emprego escorrendo por entre meus dedos.

– Lamento muito – digo, um nó na garganta. – Devo ter esquecido. Prometo que nunca mais vou deixar isso acontecer.

Cecelia está soluçando agora, enquanto Nina a abraça e gentilmente acaricia o cabelo louro da filha. Pouco depois, os soluços diminuem, mas Cecelia continua agarrada à mãe. Sinto uma terrível pontada de culpa. No fundo, sei que

não se deve dar nada de comer a crianças antes de verificar com os pais. A errada aqui sou eu, e, se Cecelia não estivesse tão atenta, algo terrível poderia ter acontecido.

Nina respira fundo. Fecha os olhos por um momento e os abre novamente.

– Tudo bem. Mas, por favor, certifique-se de nunca mais se esquecer de algo tão importante assim.

– Não vou esquecer. Prometo. – Minhas mãos estão fechadas em punhos. – Quer que eu jogue fora o pote de manteiga de amendoim que estava na despensa?

Ela fica em silêncio por um instante.

– Não, melhor não. Pode ser que a gente precise.

Sinto vontade de gritar, mas a escolha de manter em casa a ameaçadora manteiga de amendoim é dela. Só sei que, com certeza, nunca mais a usarei.

– Falando nisso – acrescenta Nina –, quando o jantar fica pronto?

Jantar? Eu deveria estar preparando o jantar? Por acaso Nina imaginou alguma outra conversa que jamais tivemos? Bem, não vou inventar desculpas novamente depois do desastre com a manteiga de amendoim. Vou catar algo na geladeira para preparar.

– Às sete? – arrisco.

Três horas deve ser tempo mais do que suficiente.

Ela assente.

– E você não vai usar manteiga de amendoim no jantar, certo?

– Não, claro que não.

– Por favor, não esqueça de novo, Millie.

– Não vou esquecer. Mais alguém tem alguma outra alergia ou… intolerância?

Será que ela é alérgica a ovo? Ferroada de abelha? Muito dever de casa? Preciso saber. Não posso correr o risco de ser pega desprevenida de novo.

Nina faz que não com a cabeça assim que Cecelia levanta o rosto coberto de lágrimas do peito da mãe por tempo suficiente para me encarar. Não começamos com o pé direito, eu e ela. Mas vou encontrar um jeito de consertar isso. Vou fazer brownies para ela ou algo assim. Crianças são fáceis. Adultos são mais complicados, mas estou determinada a conquistar Nina e Andrew também.

CINCO

Às 18h45, o jantar está quase pronto. Havia um peito de frango na geladeira, já marinado, e alguém havia deixado instruções anotadas no pacote, então apenas as segui e joguei tudo no forno. Eles devem comprar comida de algum tipo de fornecedor que manda os produtos junto com instruções de preparo.

A cozinha tem um cheiro fantástico quando o portão da garagem bate. Um minuto depois, Andrew Winchester está entrando na sala, o polegar no nó da gravata para afrouxá-la. Estou na frente do fogão mexendo o molho e me espanto ao vê-lo; já tinha esquecido quão bonito ele é.

Ele sorri para mim – é ainda mais belo quando sorri.

– Millie, certo?

– Isso mesmo.

Ele respira fundo.

– Uau. O cheiro está maravilhoso.

Minhas bochechas coram.

– Obrigada.

Ele observa a cozinha com um olhar de aprovação.

– Você limpou tudo.

– É o meu trabalho.

Ele ri.

– Acho que sim. Foi bom o seu primeiro dia?

– Foi, sim.

Não vou contar a ele sobre o desastre com a manteiga de amendoim. Ele não

precisa saber, embora eu suspeite de que Nina vá inteirá-lo da situação. Tenho certeza de que ele não vai gostar do fato de eu quase ter matado sua filha.

– Você tem uma casa muito bonita – comento.

– Bom, tenho que agradecer à Nina por isso. É ela quem cuida da casa.

Como se fosse uma deixa, Nina entra na cozinha, vestindo outras de suas roupas brancas – uma combinação diferente da que ela vestia apenas algumas horas antes. Mais uma vez, ela parece impecável. Mas, enquanto estava limpando a casa mais cedo, tirei alguns minutos para olhar as fotografias na cornija da lareira. Há uma de Nina e Andrew de muitos anos atrás, e ela parecia muito diferente naquela época. Seu cabelo não era tão louro e ela usava menos maquiagem e roupas mais casuais – e estava pelo menos vinte quilos mais magra. Quase não a reconheci, mas Andrew parecia exatamente o mesmo.

– Nina. – Os olhos de Andrew se iluminam ao ver a esposa. – Você está linda, como sempre.

Ele a puxa e lhe dá um beijão. Ela se derrete contra o marido, agarrando seus ombros possessivamente. Quando os dois se separam, ela olha para ele.

– Senti sua falta hoje.

– Eu senti mais.

– *Eu* senti mais.

Ai, meu Deus, por quanto tempo eles vão debater quem sente mais saudade de quem? Eu me afasto, me ocupando na cozinha. É estranho estar tão perto de uma demonstração de afeto dessas.

– Então. – Nina é a primeira a se afastar. – Vocês dois estão se conhecendo?

– Aham – diz Andrew. – E o que quer que Millie esteja fazendo, o cheiro está incrível, não está?

Olho para trás. Nina está me observando no fogão com aquela expressão sombria em seus olhos azuis. Ela não gosta que o marido me elogie. Mas não sei qual é o problema, já que obviamente ele é louco por ela.

– Está – concorda ela.

– Nina é um caso perdido na cozinha. – Andrew ri, passando um braço ao redor da cintura da mulher. – Nós morreríamos de fome se dependesse dela. Minha mãe costumava passar aqui pra deixar algumas refeições que ela ou o chef pessoal dela faziam. Mas, desde que ela e meu pai se aposentaram e mudaram

para a Flórida, nossa sobrevivência tem dependido basicamente de pedir comida. Você salvou a gente mesmo, Millie.

Nina dá um sorriso tenso. Ele está só implicando com ela, porém nenhuma mulher quer ser comparada de forma desfavorável a outra. Ele é um tapado se não sabe disso. Mas, de novo, muitos homens são bem tapados.

– O jantar vai sair em uns dez minutinhos – anuncio. – Por que vocês não vão para a sala relaxar um pouco e eu chamo quando estiver pronto?

Ele ergue as sobrancelhas.

– Você quer jantar com a gente, Millie?

O som de Nina inspirando profundamente preenche a cozinha. Antes que ela possa dizer qualquer coisa, balanço a cabeça vigorosamente.

– Não, vou subir para o meu quarto e descansar. Mas obrigada pelo convite.

– Sério? Tem certeza?

Nina dá um tapa no braço do marido.

– Andy, ela trabalhou o dia inteiro. Ela não quer jantar com os *patrões*, só quer subir e trocar mensagens de texto com as amigas. Não é, Millie?

– Isso – respondo, mesmo não tendo nenhuma amiga; pelo menos, não aqui fora.

De todo modo, Andrew não parece preocupado. Ele estava só sendo educado, alheio ao fato de que Nina não me queria na mesa de jantar. E tudo bem. Não quero fazer nada que a faça se sentir ameaçada. Só quero manter minha cabeça baixa e fazer meu trabalho.

SEIS

Tinha me esquecido de como é incrível dormir com as pernas esticadas.

Ok, essa cama não tem nada de mais. É toda irregular e o estrado geme toda vez que me movo um milímetro. Mas é *muito* melhor do que o meu carro. E o que é ainda mais incrível: se eu precisar usar o banheiro durante a noite, ele está bem aqui ao lado! Não tenho que sair dirigindo por aí até encontrar uma parada qualquer nem carregar um spray de pimenta enquanto esvazio a bexiga. Aliás, nem preciso mais do spray de pimenta.

É tão bom dormir em uma cama normal na qual desmaio segundos depois de minha cabeça encostar no travesseiro.

Quando abro os olhos de novo, ainda está escuro. Eu me sento em pânico, tentando lembrar onde estou. Só sei que não estou no meu carro. Vários segundos se passam até que os acontecimentos dos últimos dias voltem à minha mente. Nina me oferecendo o emprego. Eu saindo do carro com as coisas. E, por fim, pegando no sono em uma cama de verdade.

Minha respiração desacelera aos poucos.

Procuro na cômoda ao lado da cama o telefone que Nina comprou para mim. São 3h46 da manhã. Ainda não está na hora de me levantar para encarar o dia. Afasto as cobertas que causam coceira nas minhas pernas e rolo para fora da cama enquanto meus olhos se ajustam à luz da lua filtrada pela pequena janela. Vou ao banheiro, depois tento voltar a dormir.

Meus pés rangem contra as tábuas nuas do meu quarto minúsculo. Bocejo,

parando um segundo para me espreguiçar até que meus dedos quase alcancem as lâmpadas no teto. Este quarto faz com que eu me sinta gigante.

Chego à porta, agarro a maçaneta e… ela não gira.

O pânico que havia desaparecido do meu corpo quando entendi onde estava agora volta com toda a força. A porta está trancada. Os Winchesters me trancaram neste quarto. *Nina* me trancou neste quarto. Mas por quê? É algum tipo de jogo doentio? Eles estavam procurando alguma ex-presidiária para prender aqui, alguém de quem ninguém sentiria falta? Meus dedos roçam as marcas de arranhões na porta, imaginando quem foi a última coitada que acabou presa neste sótão.

Eu sabia que era bom demais para ser verdade. Mesmo com a cozinha absurdamente suja, parecia o emprego dos sonhos. Sabia que Nina tinha feito uma verificação de antecedentes criminais. Ela provavelmente me trancou aqui, achando que ninguém jamais sentiria minha falta.

Volto no tempo, dez anos atrás: a primeira noite em que a porta da minha cela se fechou e eu soube que aquela seria minha casa por muito tempo. Jurei a mim mesma que, se algum dia saísse, nunca mais me exporia a ficar presa em nenhuma situação. No entanto, faz menos de um ano que saí e cá estou.

Mas tenho meu telefone. Posso ligar para a polícia.

Pego meu celular da cômoda onde o deixei. Tinha sinal mais cedo, mas agora não. Nenhuma barrinha. Nenhum sinal.

Estou presa aqui. Com apenas uma janela minúscula que não abre, com vista para o quintal.

O que vou fazer?

Pego na maçaneta mais uma vez, me perguntando se conseguiria de alguma forma derrubar a porta. Mas, desta vez, ao rodar a maçaneta bruscamente, ela gira na minha mão.

E a porta se abre.

Saio cambaleando para o corredor, ofegante. Fico lá por um tempo, enquanto meus batimentos voltam ao normal. Em momento algum estive trancada no quarto, no fim das contas. Nina não tinha nenhum plano maluco de me prender lá. A porta só estava emperrada.

Mesmo assim, não consigo me livrar dessa sensação desconfortável. De que deveria sair daqui enquanto ainda posso.

SETE

Quando desço pela manhã, Nina está sistematicamente destruindo toda a - cozinha.

Ela tirou todos os potes e todas as panelas do armário que fica embaixo da bancada. Arrancou metade dos pratos de cima da pia e vários deles estão quebrados no piso. E agora está vasculhando a geladeira, jogando comida ao acaso no chão. Observo, espantada, enquanto ela pega da geladeira uma garrafa cheinha de leite e derrama tudo. O líquido imediatamente começa a jorrar, formando um rio branco ao redor das panelas e dos pratos quebrados.

– Nina? – chamo, timidamente.

Nina fica paralisada, as mãos agarradas a um bagel. Ela vira a cabeça para olhar para mim.

– Cadê?

– Cadê? Cadê o *quê*?

– Minhas anotações! – Ela solta um grito angustiado. – Deixei todas as minhas anotações para a reunião da APM de hoje à noite na bancada da cozinha! E agora elas sumiram! O que você fez com elas?

Em primeiro lugar, por que ela pensaria que as anotações estavam na *geladeira*? Em segundo lugar, tenho certeza de que não joguei fora as anotações dela. Quer dizer, tenho noventa e nove por cento de certeza. Existe uma chance ínfima de que houvesse um pequeno pedaço de papel amassado em cima da bancada que joguei fora por presumir ser lixo? Sim. Não posso descartar essa

possibilidade. Mas tive muito cuidado para não jogar fora nada que fosse importante. Para falar a verdade, quase tudo era lixo.

– Não fiz nada com elas – respondo.

Nina planta os punhos nos quadris.

– Então você está dizendo que as minhas anotações simplesmente *saíram andando por aí*?

– Não, não estou dizendo isso. – Dou um passo cauteloso na direção dela e meu tênis estala em um prato quebrado. Faço uma nota mental para nunca entrar na cozinha descalça. – Mas talvez você tenha deixado as anotações em outro lugar?

– Não deixei! – grita ela de volta. – Deixei *bem aqui*. – Ela bate a palma da mão na bancada da cozinha, alto o suficiente para me fazer pular. – Bem aqui nesta bancada. E agora… pronto! Sumiram!

Toda a comoção chamou a atenção de Andrew Winchester. Ele entra na cozinha, vestindo um terno escuro que o faz parecer ainda mais bonito do que no dia anterior, se é que isso é possível. Está claramente no processo de amarrar a gravata, mas seus dedos congelam quando vê a bagunça no chão.

– Nina?

Nina se vira e olha para o marido, os olhos cheios de lágrimas.

– Millie jogou as minhas anotações pra reunião de hoje à noite no lixo!

Abro a boca para protestar, mas é inútil. Nina tem certeza de que joguei fora suas anotações, e é perfeitamente possível que eu tenha feito isso. Quer dizer, se eram tão importantes, por que ela as deixaria na bancada da cozinha? Do jeito que o lugar estava no dia anterior, poderiam mesmo acabar no lixo.

– Isso é terrível. – Andrew abre os braços e ela se joga neles. – Mas você não tem algumas das suas anotações salvas no computador?

Nina funga no terno caro dele – provavelmente está melecando tudo, mas Andrew não parece se importar.

– Algumas. Mas vou ter que refazer muita coisa.

E então ela se vira para me lançar um olhar acusador.

Cansei de tentar afirmar minha inocência. Se ela tem certeza de que joguei fora suas anotações, a melhor coisa a fazer é apenas me desculpar.

– Desculpa, Nina. Se houver alguma coisa que eu possa fazer…

Ela olha para o desastre que está o chão.

– Você pode limpar essa nojeira que deixou na minha cozinha enquanto eu resolvo esse problema.

Com essas palavras, ela sai do recinto. Seus passos desaparecem escada acima enquanto penso em como vou limpar todos esses pratos quebrados, agora misturados com leite derramado e cerca de vinte uvas rolando pelo chão. Pisei em uma delas, que se espalhou por toda a sola do meu tênis.

Andrew fica parado no fundo da cozinha, balançando a cabeça. Agora que Nina foi embora, sinto que devo dizer alguma coisa.

– Olha, eu não…

– Eu sei – diz ele antes que eu possa defender minha inocência. – Nina é… um pouco nervosa. Mas ela tem um bom coração.

– Aham…

Ele tira o paletó escuro e começa a arregaçar as mangas da camisa branca.

– Deixa eu te ajudar a limpar.

– Você não precisa fazer isso.

– Vai ser mais rápido se trabalharmos juntos.

Ele abre o armário da cozinha e pega o esfregão – fico chocada que saiba exatamente onde está. Na verdade, ele conhece muito bem o armário do material de limpeza. E agora entendo. Nina já fez coisas desse tipo antes. Ele se acostumou a limpar a bagunça dela.

Mas, ainda assim, eu trabalho aqui agora. Este não é o trabalho dele.

– Eu vou limpar. – Coloco a mão no esfregão que Andrew está segurando e o puxo para longe dele. – Você está pronto pra sair, e é pra isso que estou aqui.

Por um momento, ele segura o esfregão. Depois, permite que eu o tire da mão dele.

– Está bem, obrigado, Millie. Obrigado mesmo por toda essa trabalheira.

Pelo menos alguém está grato.

Quando começo a limpar a cozinha, penso na fotografia na cornija, Andrew e Nina juntos no começo de tudo, antes de se casarem, antes de terem Cecelia. Eles pareciam tão jovens e felizes. É óbvio que Andrew ainda é louco por Nina, mas algo mudou. Dá para sentir. Nina não é a pessoa que costumava ser.

Mas não importa. Não é da minha conta.

OITO

Nina deve ter jogado metade do conteúdo da geladeira no chão da cozinha, então tenho que passar no supermercado hoje. Como aparentemente também vou cozinhar para eles, seleciono algumas carnes e temperos que posso usar para preparar refeições diversas. Nina cadastrou o cartão de crédito dela no meu telefone. Tudo que eu comprar será cobrado automaticamente na conta deles.

Na cadeia, as opções de comida não eram muito animadoras. O cardápio variava entre frango, hambúrguer, cachorro-quente, lasanha, burrito e um misterioso bolinho de peixe que sempre me dava ânsia de vômito. Como acompanhamento, havia sempre legumes cozidos até o ponto de se desintegrarem. Eu costumava fantasiar sobre o que iria comer quando saísse, mas, com o orçamento que tinha, as opções não eram muito melhores. Só podia comprar os alimentos em promoção e, como estava morando no meu carro, ficava ainda mais restrita.

Fazer compras para os Winchesters é diferente. Vou direto aos melhores cortes de carne vermelha – vou pesquisar no YouTube como prepará-los. Às vezes eu fazia um bife para o meu pai, mas isso já faz muito tempo. Se eu comprar ingredientes caros, a comida vai ficar boa, não importa o que eu faça.

Quando volto para a casa dos Winchesters, tenho quatro sacolas cheias de mantimentos no porta-malas do meu carro. Os carros de Nina e Andrew ocupam as duas vagas da garagem, e ela me instruiu a não estacionar na rampa de entrada, então tenho que deixar meu carro na rua. Enquanto estou tentando

tirar as sacolas do porta-malas, Enzo, o jardineiro, surge da casa ao lado da nossa com uma espécie de equipamento de jardinagem assustador na mão direita.

Enzo percebe que estou tendo dificuldades e, após um momento de hesitação, corre até o meu carro. Ele franze a testa para mim.

– Deixa comigo – diz em seu inglês com forte sotaque.

Começo a pegar uma das sacolas, mas ele recolhe todas as quatro em seus braços enormes e as carrega até a porta da frente. Ele meneia a cabeça em direção à porta, esperando pacientemente que eu a destranque. Faço isso o mais rápido possível, já que ele está carregando mais de trinta quilos de mantimentos nos braços. Ele limpa as botas no tapete de boas-vindas, depois carrega os mantimentos pelo resto do caminho até a cozinha e os deposita na bancada.

– *Gracias*.

Seus lábios se contraem.

– Não. *Grazie.*

– *Grazie* – repito.

Ele continua na cozinha por um momento, as sobrancelhas arqueadas. Percebo novamente que Enzo é bonito, de uma forma sombria e aterrorizante. Ele tem tatuagens na parte superior dos braços, parcialmente escondidas pela camiseta – consigo distinguir o nome "Antonia" inscrito em um coração no bíceps direito. Aqueles braços musculosos poderiam me matar sem qualquer esforço se ele quisesse. Mas não tenho a sensação de que esse homem queira me machucar. Na verdade, ele parece preocupado comigo.

Lembro o que ele murmurou para mim antes de Nina nos interromper no dia anterior. *Pericolo. Perigo.* O que estava tentando me dizer? Será que ele acha que estou em perigo aqui?

Talvez eu deva baixar um aplicativo de tradução no meu telefone. Ele poderia digitar o que quer me dizer e…

Um barulho no andar de cima interrompe meus pensamentos. Enzo respira fundo.

– Estou indo – diz ele, virando-se e caminhando de volta para a porta.

– Mas…

Corro atrás dele, porém ele é muito mais rápido do que eu. Enzo já cruzou a porta antes mesmo de eu deixar a cozinha.

Fico parada na sala por um momento, dividida entre guardar as compras e ir

atrás dele. Mas então a decisão é tomada por si só quando Nina desce as escadas até a sala, vestindo um terninho branco. Acho que nunca a vi usar nada além de branco – de fato, combina com o cabelo dela, mas o esforço de manter a roupa limpa me enlouqueceria. Claro, vou ser a única a cuidar da roupa a partir de agora. Faço uma nota mental para comprar mais alvejante na próxima vez que for ao supermercado.

Nina me vê ali de pé e suas sobrancelhas se erguem até quase a linha do cabelo.

– Millie?

Forço um sorriso.

– Sim?

– Ouvi vozes aqui embaixo. Você estava acompanhada?

– Não. Não foi bem isso.

– Você não pode convidar estranhos pra nossa casa. – Ela franze a testa para mim. – Se quiser receber algum convidado, espero que peça permissão e nos avise pelo menos dois dias antes. E gostaria que você os mantivesse no seu quarto.

– Era só o jardineiro – explico. – Ele estava me ajudando a trazer as compras pra dentro. Só isso.

Eu esperava que a explicação satisfizesse Nina, mas, em vez disso, seus olhos escurecem. Um músculo se contrai sob seu olho direito.

– O jardineiro? Enzo? Ele estava *aqui*?

– Hum. – Esfrego a parte de trás do pescoço. – Esse é o nome dele? Não sei. Ele só trouxe as compras.

Nina analisa meu rosto como se tentasse detectar uma mentira.

– Não quero ele aqui dentro de novo. Ele está imundo por trabalhar lá fora. Dou muito duro pra manter essa casa limpa.

Não faço ideia do que dizer diante disso. Enzo limpou as botas quando entrou na casa e não deixou vestígios de sujeira. E nada é comparável à bagunça que vi quando cheguei aqui no dia anterior.

– Você entendeu, Millie? – pressiona ela.

– Sim – respondo depressa. – Entendi.

Os olhos dela passam por mim de um jeito que me deixa muito desconfortável. Eu me remexo.

– A propósito, por que você nunca usa seus óculos?

Meus dedos voam para o meu rosto. Por que usei aqueles óculos bestas no primeiro dia? Nunca deveria ter usado aquela bobagem, e, quando ela me perguntou sobre eles no dia anterior, não deveria ter mentido.

– É…

Ela arqueia uma sobrancelha.

– Estive no banheiro do sótão e não vi nenhuma solução para lentes de contato. Eu não queria bisbilhotar, mas, se você for sair de carro por aí com a minha filha em algum momento, espero que enxergue direito.

– Claro… – Limpo as mãos suadas na calça jeans. Eu deveria abrir o jogo. – A questão é que na verdade eu não… – Pigarreio. – Na verdade, não preciso de óculos. Aqueles que eu estava usando no dia da entrevista eram mais… meio que decorativos, sabe?

Ela lambe os lábios.

– Entendi. Então você mentiu pra mim.

– Eu não estava mentindo. Era só um adereço.

– Sim. – Seus olhos azuis parecem gelo. – Mas depois eu te perguntei e você disse que estava de lente. Não foi?

– Ah. – Mexo as mãos. – Bem, acho que… sim, dessa vez eu menti. Acho que fiquei constrangida em relação aos óculos… Desculpa.

Os cantos de seus lábios repuxam para baixo.

– Por favor, nunca mais minta pra mim.

– Pode deixar. Desculpa mesmo.

Ela me encara por um momento, seus olhos ilegíveis. Então escaneia toda a sala, varrendo cada superfície com o olhar.

– E, por favor, limpe esta sala. Não estou te pagando pra flertar com o jardineiro.

Com essas palavras, Nina sai e bate a porta.

NOVE

Nina está em sua reunião da APM hoje à noite – a tal que eu *arruinei* jogando fora as anotações dela. Vai sair para comer alguma coisa com alguns dos outros pais, então fiquei encarregada de fazer o jantar para Andrew e Cecelia.

A casa fica muito mais silenciosa quando Nina não está. Não sei explicar, mas ela tem uma energia que preenche o espaço inteiro. Neste momento, estou sozinha na cozinha, selando um filé mignon na frigideira antes de colocá-lo no forno, e reina um silêncio celestial na casa dos Winchesters. Uma maravilha. Este trabalho seria tão bom se não fosse a minha...

Andrew tem um timing incrível e chega em casa bem quando estou tirando os bifes do forno e deixando-os descansar na bancada da cozinha. Ele dá uma espiada.

– O cheiro está muito bom… de novo.

– Obrigada. – Adiciono um pouco mais de sal ao purê de batatas, que já está encharcado de manteiga e creme de leite. – Você pode pedir a Cecelia para descer? Chamei duas vezes, mas…

Na verdade, chamei três vezes. Mesmo assim, ela não respondeu.

Andrew assente.

– Deixa comigo.

Pouco depois de Andrew desaparecer na sala de jantar e chamar o nome dela, ouço os passos rápidos da menina na escada. Então é assim que vai ser.

Sirvo dois pratos com bife, purê de batatas e brócolis. As porções são menores no prato de Cecelia, e não vou exigir que ela coma ou não o brócolis. Se

o pai dela quiser que coma, pode muito bem obrigar a menina a fazer isso. Mas eu seria negligente se não oferecesse legume nenhum. Quando eu era criança, minha mãe sempre fazia questão de que houvesse uma porção de legumes no prato. Tenho certeza de que ela ainda está se perguntando onde errou na minha criação.

Cecelia está usando outro de seus vestidos extravagantes em uma cor pálida qualquer. Nunca vi essa menina usar roupas normais de criança, e isso parece errado. Não dá para brincar com os vestidos que Cecelia usa – são muito desconfortáveis e evidenciam cada partícula de sujeira. Ela se senta em uma das cadeiras da mesa de jantar, pega o guardanapo que coloquei na mesa e o apoia no colo delicadamente. Por um momento, fico um pouco encantada. Então ela abre a boca.

– Por que você me serviu água? – Ela torce o nariz para o copo de água filtrada que coloquei na frente do prato dela. – Eu *odeio* água. Traz suco de maçã.

Se eu tivesse falado com alguém assim quando era criança, minha mãe teria batido na minha mão e me mandado dizer "por favor". Mas Cecelia não é minha filha, e ainda não consegui simpatizar com ela desde que cheguei. Então, sorrio educadamente, levo a água embora e trago um copo de suco de maçã.

Quando coloco o novo copo na frente de Cecelia, ela o examina cuidadosamente. Segura-o contra a luz, semicerrando os olhos.

– Esse copo está sujo. Traz outro.

– Não está sujo – protesto. – Acabou de sair da máquina de lavar louça.

– Tá todo *manchado*. – Ela faz uma careta. – Não quero esse. Me dá outro.

Respiro profundamente, tentando me acalmar. Não vou discutir com essa garotinha. Se ela quer um copo novo para seu suco de maçã, lhe darei um copo novo.

Enquanto estou fazendo isso, Andrew se senta à mesa de jantar. Ele tirou a gravata e desabotoou o botão de cima da camisa branca de algodão, expondo um pequeno indício de pelos no peito. Tenho que desviar o olhar.

Homens são um terreno em que ainda estou aprendendo a transitar na minha vida pós-cadeia. E, por "aprendendo", é claro que quero dizer que estou evitando o assunto por completo. No meu último emprego como garçonete no tal bar – meu único emprego desde que deixei a prisão –, os clientes inevitavelmente me convidavam para sair. Eu sempre negava. Não há espaço na

minha vida confusa para algo assim agora. E, é óbvio, os homens que me convidavam eram do tipo com quem eu não gostaria de sair jamais.

Fui para a prisão quando tinha 17 anos. Não era virgem, mas minhas únicas experiências sexuais incluíam transas desajeitadas no ensino médio. Ao longo do meu tempo na cadeia, em alguns momentos me senti atraída pelos guardas mais bonitos. Às vezes, chegava a doer. E uma das coisas pelas quais ansiava quando saí de lá era a possibilidade de ter um relacionamento com um homem. Ou até mesmo sentir os lábios de um pressionados contra os meus. Eu quero isso. Claro que quero.

Mas não agora. Algum dia.

Ainda assim, quando olho para alguém como Andrew Winchester, penso no fato de que faz mais de uma década que não *toco* em um homem – não dessa maneira, ao menos. Ele não é nada parecido com aqueles esquisitos do bar decadente onde eu servia as mesas. Quando finalmente me abrir de novo para isso, ele é o tipo de homem que vou buscar. Desde que, obviamente, não seja casado.

Uma ideia me ocorre: se eu quiser liberar um pouco da tensão, Enzo pode ser um bom candidato. Não, ele não fala inglês. Mas, se for apenas uma noite, isso não deveria importar. Ele tem cara de que saberia o que fazer sem ter que falar muito. E, ao contrário de Andrew, não usa aliança, embora seja impossível não imaginar quem seria essa tal de Antonia, cujo nome está tatuado em seu braço.

Eu me forço a abandonar minhas fantasias com o jardineiro sexy enquanto volto para a cozinha para buscar os dois pratos de comida. Os olhos de Andrew se iluminam quando vê o bife suculento, grelhado com perfeição. Estou muito orgulhosa de como ficou.

– Isso parece incrível, Millie! – exclama ele.

– Obrigada.

Olho para Cecelia, que tem a resposta oposta na ponta da língua.

– Que nojo! Isso é bife – fala ela, afirmando o óbvio, acho.

– Bife é bom, Cece – diz Andrew à menina. – Você deveria provar.

Cecelia olha para o pai e depois de volta para o prato. Ela cutuca o bife delicadamente com o garfo, com uma expressão de sofrimento no rosto, como se estivesse com medo de que ele pudesse pular do prato e entrar na sua boca.

– Cece… – começa Andrew.

Olho para Cecelia e para Andrew, sem saber o que fazer. Agora me ocorre que eu provavelmente não deveria ter feito um bife para uma menina de 9 anos. Apenas presumi que ela teria bom gosto, morando em um lugar como este.

– É… Quer que eu…?

Andrew empurra a cadeira para trás e pega o prato de Cecelia da mesa.

– Está bem, vou fazer uns nuggets pra você.

Sigo Andrew de volta à cozinha, me desculpando sem parar. Ele apenas ri.

– Não liga pra isso. Cecelia é obcecada por frango, principalmente por nuggets de frango. A gente poderia estar jantando no restaurante mais chique de Long Island, e mesmo assim ela pediria nuggets.

Meus ombros relaxam um pouco.

– Você não tem que fazer isso. Eu posso fazer os nuggets pra ela.

Andrew coloca o prato da filha na bancada da cozinha e aponta um dedo para mim.

– Ah, tenho, sim. Se você vai trabalhar aqui, precisa de um tutorial.

– Está bem.

Ele abre o freezer e tira um pacote gigante de nuggets de frango.

– Olha só, estes são os nuggets que a Cecelia gosta. Não compre outras marcas. Qualquer outra coisa é inaceitável. – Ele se atrapalha com o selo Ziploc no pacote e remove um dos nuggets congelados. – Eles devem vir em formato de dinossauro. Dinossauro… ok?

Não consigo reprimir um sorriso.

– Ok.

– Além disso – diz ele, erguendo o nugget –, você precisa primeiro examinar o nugget pra ver se tem alguma deformidade. Se, por acaso, tem uma cabeça, perna ou cauda faltando. Se o nugget de dinossauro tiver algum desses defeitos gravíssimos, ele *vai ser* rejeitado. – Agora Andrew puxa um prato do armário acima do micro-ondas e coloca cinco nuggets perfeitos nele. – Ela gosta de comer cinco nuggets. Você coloca eles no micro-ondas por exatamente noventa segundos. Menos, ainda está congelado; mais, fica passado. É um equilíbrio muito tênue.

Assinto solenemente.

– Entendi.

Enquanto os nuggets de frango giram no micro-ondas, ele olha ao redor da

cozinha, que é pelo menos duas vezes maior que o apartamento do qual fui despejada.

– Eu não sei nem dizer quanto dinheiro gastamos reformando esta cozinha, e a Cecelia não come nada que não saia do micro-ondas.

As palavras "pirralha mimada" estão na ponta da minha língua, mas não digo nada.

– Ela sabe do que gosta.

– Com certeza. – O micro-ondas apita e ele pega o prato de nuggets pelando. – E você? Já comeu?

– Vou levar um prato para o quarto.

Ele levanta uma sobrancelha.

– Não quer comer com a gente?

Parte de mim gostaria de se juntar a ele. Há algo muito envolvente em Andrew Winchester, e é impossível não querer conhecê-lo melhor. Mas, ao mesmo tempo, seria um erro. Se Nina entrasse e visse nós dois rindo à mesa de jantar, não iria gostar. Também tenho a sensação de que Cecelia não vai deixar que a noite seja agradável.

– Prefiro comer no meu quarto mesmo.

Ele parece que vai protestar, mas depois pensa melhor.

– Desculpa. Nós nunca tivemos uma empregada que morasse aqui antes, então não sei exatamente como me comportar.

– Nem eu – admito. – Mas acho que Nina não ia gostar se me visse comendo com você.

Prendo a respiração, me perguntando se passei dos limites ao afirmar o óbvio. Mas Andrew apenas assente.

– Acho que você tem razão.

– Enfim. – Levanto o queixo para encarar os olhos dele. – Obrigada pelo tutorial sobre os nuggets.

Ele sorri para mim.

– Sempre que precisar.

Andrew leva o prato com os nuggets para a sala de jantar. Depois que ele se retira, engulo a comida do prato rejeitado por Cecelia, ainda de pé diante da pia da cozinha, depois vou para o meu quarto.

DEZ

Uma semana depois, ao descer para a sala, encontro Nina segurando um saco de lixo cheio. Meu primeiro pensamento é: *Ai, meu Deus, o que foi agora?*

Em apenas uma semana morando com os Winchesters, sinto como se estivesse aqui há anos. Não, *séculos*. O humor de Nina é extremamente imprevisível. Em um momento, ela está me abraçando e me dizendo o quanto gosta que eu esteja aqui. No seguinte, está me repreendendo por não concluir uma tarefa que ela nunca me pediu para fazer. Ela é volúvel, para dizer o mínimo. E Cecelia é uma pirralha abusada, que claramente se ressente da minha presença. Se eu tivesse outras opções, pediria demissão.

Mas não tenho, então não faço isso.

O único membro da família que não é completamente intolerável é Andrew. Ele não fica muito em casa, mas minhas poucas interações com ele têm sido… sem complicações. E, nesse caso, fico bastante satisfeita com *sem complicações*. Na verdade, às vezes sinto pena dele. Não deve ser fácil ser casado com Nina.

Paro na entrada da sala de estar, tentando descobrir o que Nina poderia estar fazendo com um saco de lixo na mão. Será que ela quer que eu separe o lixo de agora em diante em ordem alfabética, por cor e cheiro? Comprei alguma marca de saco de lixo inaceitável e agora preciso ensacar de novo o conteúdo? Não sei nem por onde começar a tentar adivinhar.

– Millie! – chama ela.

Meu estômago embrulha. Tenho a sensação de que estou prestes a descobrir o que ela quer que eu faça com o lixo.

– Sim?

Ela acena, me chamando. Tento caminhar como se não estivesse rumo à forca. Não é fácil.

– Aconteceu alguma coisa?

Nina pega o pesado saco de lixo e o atira em seu lindo sofá de couro. Faço uma careta, querendo dizer para ela não espalhar lixo naquele couro tão caro.

– Acabei de dar uma olhada no meu armário – diz ela. – E, infelizmente, alguns dos meus vestidos se tornaram um *pouquinho* pequenos demais. Então juntei todos nessa sacola. Você faria a gentileza de levar pra doação?

Só isso? Não é tão ruim assim.

– Claro, tudo bem.

– Na verdade… – Nina dá um passo para trás, seus olhos me examinando. – Que tamanho você veste?

– É… 40.

Seu rosto se ilumina.

– Ah, perfeito, então! Esses vestidos são todos 40 ou 42.

Como assim 40 ou 42? Nina parece vestir no mínimo 48. Ela não deve fazer uma limpa no armário há um bom tempo.

– Ah…

– Você deveria ficar com eles – sugere ela. – Você não tem nenhuma roupa bonita.

Estremeço com o que ela diz, embora Nina tenha razão. Não tenho mesmo nenhuma roupa bonita.

– Não sei bem se eu deveria…

– Claro que deveria! – Ela empurra a sacola na minha direção. – Eles vão ficar incríveis em você. Eu insisto!

Aceito a sacola e a abro. Há um vestidinho branco em cima e eu o puxo para fora. Parece incrivelmente caro e o tecido é tão macio que quero me banhar nele. Ela tem razão. Ficaria incrível em mim – ficaria incrível em qualquer pessoa.

Se eu decidir sair por aí e começar a namorar de novo, seria bom ter algumas roupas decentes, mesmo que seja tudo branco.

– Está bem – concordo. – Muito obrigada. É muito generoso da sua parte.

– Imagina! Espero que faça bom proveito deles.

– E se você decidir que quer os vestidos de volta, é só me avisar.

Quando ela joga a cabeça para trás, dando risada, sua papada balança.

– Acho que não vou diminuir de tamanho tão cedo. Principalmente porque eu e o Andy vamos ter um bebê.

Fico boquiaberta.

– Você está grávida?

Não tenho certeza se Nina estar grávida é uma coisa boa ou ruim, embora isso explicasse seu mau humor. Mas ela faz que não.

– Ainda não. Estamos tentando há um tempinho, mas não conseguimos. Mas nós dois estamos realmente ansiosos pra ter um bebê e em breve vamos ter uma consulta com um especialista. Então, acho que ano que vem ou coisa assim haverá outra criança aqui em casa.

Não sei bem como responder.

– Hum… Parabéns – digo, hesitante.

– Obrigada. – Ela sorri para mim. – Enfim, aproveite as roupas, Millie, por favor. Além disso, tenho outra coisa pra você. – Ela remexe em sua bolsa branca e tira uma chave. – Você queria a chave do seu quarto, não é?

– Obrigada.

Depois daquela primeira noite, quando acordei aterrorizada achando que estava trancada no quarto, não pensei mais sobre a tranca. Percebi que a porta emperra um pouco, mas não tem ninguém entrando sorrateiramente no meu quarto e me fechando lá dentro. Não é que a chave vá ajudar se eu estiver do lado de dentro, mas a coloco no bolso mesmo assim. Pode ser bom trancar a porta quando eu sair do quarto. Nina tem cara de bisbilhoteira. Além disso, este parece ser um bom momento para trazer outra das minhas preocupações.

– Outra coisa. A janela do quarto não abre, parece selada com tinta.

– É mesmo? – Nina parece achar essa informação particularmente desinteressante.

– Pode ser perigoso em caso de incêndio.

Ela olha para as unhas e franze a testa para uma em que o esmalte branco está lascado.

– Acho que não.

– Não tenho certeza, mas… bem, o quarto deveria ter uma janela que abre, não? Fica bastante abafado lá em cima.

Na verdade, não fica – o sótão é arejado, ao menos. Mas vou dizer o que for

preciso se isso significa conseguir que a janela seja consertada. Odeio a ideia de a única janela do quarto estar selada com tinta.

– Vou mandar alguém dar uma olhada nisso, então – diz ela de um jeito que me faz pensar que jamais vai pedir para alguém dar uma olhada e que jamais terei uma janela que abra. Então ela olha para o saco de lixo. – Millie, fico feliz em te dar as minhas roupas, mas, por favor, não deixa esse saco de lixo largado na sala. É falta de educação.

– Ah, desculpa – murmuro.

E então ela suspira, como se não me aguentasse mais.

ONZE

– Millie! – A voz de Nina soa frenética do outro lado da linha. – Preciso que você busque a Cecelia na escola!

Tenho uma pilha de roupas nos braços e o celular entre o ombro e a orelha. Sempre atendo imediatamente quando Nina liga, não importa o que eu esteja fazendo. Porque, se não o fizer, ela começa a ligar e ligar (e ligar) até que eu atenda.

– Claro, sem problemas.

– Ai, obrigada! Você é *tão* querida! É na Winter Academy, às 14h45! Você é a melhor, Millie!

Antes que eu possa fazer qualquer outra pergunta, como, por exemplo, onde devo encontrar Cecelia ou o endereço da Winter Academy, ela desliga. Quando tiro o telefone da orelha, sinto uma pontada de pânico ao ver a hora. Tenho menos de quinze minutos para descobrir onde fica a escola e buscar a filha dela. A roupa suja vai ter que esperar.

Digito o nome da escola no Google enquanto desço as escadas correndo. Nenhum resultado. A escola mais próxima com esse nome fica em Wisconsin, e, embora Nina faça alguns pedidos estranhos, duvido que ela espere que eu chegue em Wisconsin em quinze minutos para buscar a filha dela. Ligo de volta para Nina, mas, como já esperava, ela não atende. Andy também não, quando tento contato com ele.

Maravilha.

Enquanto ando de um lado para outro na cozinha, tentando descobrir o que

fazer, noto um pedaço de papel grudado na geladeira com um ímã. É um calendário de férias escolares. Da *Windsor* Academy.

Ela disse Winter. Winter Academy. Tenho certeza.

Não foi?

Não tenho tempo para me perguntar se Nina me disse o nome errado ou se não sabe o nome da escola na qual a própria filha estuda, da qual também é a vice-presidente da APM. Felizmente, há um endereço no folheto, então sei exatamente aonde ir. E só tenho dez minutos para chegar lá.

Os Winchesters moram em uma cidade onde ficam algumas das melhores escolas públicas do país, mas Cecelia frequenta um colégio particular, porque sim, obviamente. A Windsor Academy é um edifício enorme e elegante com muitas colunas de marfim, tijolos marrom-escuros e hera correndo pelas paredes, o que faz com que me sinta buscando Cecelia em Hogwarts, ou algo fora da realidade desse jeito. Outra coisa que gostaria que Nina tivesse me avisado era sobre a questão do estacionamento na hora da saída. É um verdadeiro pesadelo. Preciso dar inúmeras voltas em busca de uma vaga e, por fim, consigo me espremer entre um Mercedes e um Rolls-Royce. Estou com medo de que alguém acabe rebocando meu Nissan amassado apenas por uma questão de princípios.

Dado o pouco tempo que tive para chegar à escola, estou bufando enquanto corro esbaforida em direção à entrada. E, claro, há cinco diferentes. De qual delas Cecelia sairá? Não há nenhum tipo de sinalização sobre isso. Tento ligar para Nina novamente, mas, mais uma vez, a chamada vai para o correio de voz. Onde ela *está*? Não é da minha conta, mas a mulher não tem um emprego e eu cuido de todas as tarefas da casa. O que ela poderia estar fazendo?

Depois de questionar vários pais impacientes, descubro que Cecelia sairá da última porta, na lateral direita do prédio. Como estou determinada a não cometer nenhum erro, no entanto, me aproximo de duas mulheres imaculadamente vestidas conversando na frente do portão e pergunto:

– Esta é a saída para os alunos do quarto ano?

– É, sim. – A mais magra das duas, uma mulher branca com cabelos castanhos e as sobrancelhas mais perfeitas que já vi, me olha de cima a baixo. – Quem você está procurando?

Eu me encolho sob o olhar dela.

– Cecelia Winchester.

As duas se entreolham.

– Você deve ser a faxineira nova da Nina – diz a mulher mais baixa, uma ruiva.

– Empregada – corrijo, embora não saiba por quê; Nina pode me chamar do que quiser.

A mulher de cabelo castanho ri do meu comentário, mas não diz nada.

– Então, como está sendo trabalhar lá até agora?

Ela está tentando descobrir algum podre. Boa sorte para ela com isso – não vou dizer nada.

– Ótimo.

As mulheres se entreolham de novo.

– Quer dizer que a Nina não está te infernizando? – pergunta a ruiva.

– Como assim? – falo com cautela.

Não quero fofocar com essas duas víboras, mas, ao mesmo tempo, estou curiosa em relação a Nina.

– Nina é um pouco… tensa.

– Nina é pirada – comenta a ruiva. – *Literalmente.*

Respiro fundo, apreensiva.

– O quê?

A mulher dá uma cotovelada na ruiva com força suficiente para fazer a amiga se engasgar.

– Nada. Ela só está brincando.

Nesse momento, os portões da escola se abrem e as crianças saem. Se havia alguma chance de obter mais informações dessas duas mulheres, ela se foi, pois ambas se movem na direção dos próprios filhos. Mas não consigo parar de pensar no que elas disseram.

Vejo o cabelo louro-claro de Cecelia perto da porta. Embora a maioria das outras crianças esteja vestindo calça jeans e camiseta, ela está usando outro vestido de renda, desta vez de um verde-claro da cor do mar. Ela se destaca em meio à multidão de crianças. Não tenho nenhuma dificuldade em não a perder de vista enquanto me aproximo.

– Cecelia! – Sacudo o braço freneticamente quando me aproximo. – Eu vim te buscar!

A menina olha para mim como se preferisse entrar na traseira da van de

algum sem-teto barbudo a ir para casa comigo. Ela balança a cabeça e se afasta de mim.

– Cecelia! – chamo com mais vigor. – Vamos. Sua mãe me pediu para vir te buscar.

Ela se vira para mim e seus olhos dizem que me acha uma ignorante.

– Ela não pediu, não. A mãe da Sophia vai me pegar e me levar pro caratê.

Antes que eu possa protestar, uma mulher de 40 e poucos anos vestindo calças de ioga e um suéter se aproxima e pousa a mão no ombro de Cecelia.

– Prontas para o caratê, meninas?

Pisco diante da cena, aturdida. A mulher não tem cara de sequestradora. Mas obviamente houve algum mal-entendido. Nina me ligou e pediu que buscasse Cecelia. Ela foi muito clara em relação a isso. Bem, exceto pelo fato de ter me dito o nome da escola errado. Tirando isso, foi muito clara.

– Com licença – falo para a mulher. – Eu trabalho para os Winchesters. Nina me pediu pra buscar a Cecelia hoje.

A mulher arqueia uma sobrancelha e coloca uma mão com unhas recém-feitas no quadril.

– Acho que não. Eu busco a Cecelia toda quarta e levo as meninas para o caratê. Nina não mencionou nenhuma mudança de planos. Talvez *você* tenha entendido errado.

– Não entendi, não – protesto, mas minha voz vacila.

A mulher enfia a mão na bolsa Gucci e pega o telefone.

– Vamos esclarecer isso com a Nina, está bem?

Observo enquanto ela pressiona um botão no celular. A mulher bate as unhas compridas na bolsa enquanto espera que Nina atenda.

– Alô, Nina? É a Rachel. – Ela faz uma pausa. – Sim, bom, tem uma *garota* aqui dizendo que você pediu a ela para buscar a Cecelia, mas expliquei que levo a Cecelia para o caratê toda quarta-feira. – Outra longa pausa enquanto a mulher, Rachel, assente. – Claro, foi exatamente o que eu disse a ela. Que bom que liguei pra confirmar. – Depois de outra pausa, Rachel ri. – Eu sei *muito bem* o que você quer dizer. É difícil *demais* encontrar alguém bom.

Não é difícil imaginar o fim da conversa com Nina.

– Bem – diz Rachel. – Exatamente como imaginei. Nina disse que você se atrapalhou. Vou seguir com o planejado e levar a Cecelia pro caratê.

E então, para colocar a cereja no bolo, Cecelia mostra a língua para mim. O lado positivo é que não tenho que dirigir até em casa com ela junto.

Pego meu telefone para verificar se há alguma mensagem de Nina, retirando seu pedido para que eu buscasse Cecelia. Nada. Escrevo uma mensagem para ela:

Uma mulher chamada Rachel acabou de ligar pra você e disse que você pediu que ela levasse a Cecelia para o caratê. Vou pra casa, então?

A resposta de Nina vem um segundo depois:

Vai. Por que raios você achou que eu queria que você fosse buscar a Cecelia?

Porque você me pediu! Meu maxilar se retesa, mas não posso deixar que isso me afete.

Nina é assim. E há muitas coisas boas em trabalhar para ela. (Ou *com* ela – ha-ha!) Ela é só um pouco volúvel. Um pouco excêntrica.

Nina é pirada. Literalmente.

Não consigo não pensar no que aquela ruiva intrometida me disse. O que ela quis dizer com isso? Nina é mais do que apenas uma chefe excêntrica e exigente? Tem algo mais por trás disso?

Talvez seja melhor se eu não souber.

DOZE

Embora tenha me resignado a não me meter a saber o histórico de saúde mental de Nina, não consigo deixar de pensar no assunto. Eu trabalho para esta mulher. Eu *moro* com esta mulher.

E há mais coisas estranhas em relação a Nina. Como hoje de manhã, quando fui limpar o banheiro da suíte principal e fiquei pensando que ninguém com boa saúde mental seria capaz de deixar o lugar em tal nível de desordem – as toalhas no chão, pasta de dente grudada na louça da pia. Sei que a depressão às vezes pode deixar as pessoas desmotivadas a limpar as coisas, mas Nina tem motivação suficiente para sair todos os dias, seja lá aonde vá.

O pior foi encontrar um absorvente interno no chão alguns dias atrás, usado e cheio de sangue. Tive vontade de vomitar.

Enquanto estou esfregando a pasta de dente e as gotas de maquiagem grudadas na pia, meus olhos se desviam para o armário de remédios. Se Nina é realmente "pirada", provavelmente toma remédios, certo? Mas não posso olhar o armário de remédios. Isso seria uma enorme violação de confiança.

Entretanto, ninguém iria saber se eu desse uma olhada. Só uma olhadinha rápida.

Olho para o quarto. Não tem ninguém. Espio o corredor só para ter certeza. Estou sozinha. Volto para o banheiro e, depois de um momento de hesitação, abro o armário.

Uau, tem *muitos* remédios aqui.

Pego um dos frascos laranja de comprimidos. O nome estampado nele é Nina

Winchester. Leio o nome do medicamento: haloperidol. Seja lá o que for isso.

Começo a pegar um segundo frasco quando uma voz chega pelo corredor.

– Millie? Você está aí?

Ah, não.

Rapidamente devolvo o frasco para o armário e o fecho. Meu coração está acelerado e um suor frio brota nas minhas mãos. Abro um sorriso bem a tempo de Nina irromper no quarto, vestindo uma blusa branca sem mangas e uma calça de brim da mesma cor. Ela para de repente ao me ver no banheiro.

– O que você está fazendo?

– Limpando o banheiro. – Não estou olhando seus remédios, imagina.

Nina semicerra os olhos para mim e, por um momento, tenho certeza de que vai me acusar de vasculhar o armário de remédios. E eu minto bem mal, então muito provavelmente ela vai descobrir a verdade. Mas então seus olhos se fixam na pia.

– Como você limpa a pia? – pergunta ela.

– Hum. – Levanto o borrifador que tenho na mão. – Eu uso esse produto de limpar pias.

– É *orgânico*?

– Eu… – Olho para a garrafa que peguei no supermercado na semana anterior. – Não. Não é.

A expressão dela muda.

– Eu prefiro os produtos de limpeza orgânicos, Millie. Eles não têm tantos aditivos químicos. Entende o que quero dizer?

– Claro…

Não digo o que estou pensando, ou seja, que não posso acreditar que uma mulher que tome tantos remédios esteja preocupada com meia dúzia de aditivos químicos em um produto de limpeza. Tipo, sim, eu uso na pia dela, mas ela não está *ingerindo* nenhum deles. Não vão parar na corrente sanguínea dela.

– Só acho que… – ela franze a testa – ... você não está limpando a pia direito. Posso ver como está fazendo? Quero ver o que você está fazendo de errado.

Ela quer me ver limpar a pia?

– Está bem…

Borrifo mais do produto na pia e esfrego a louça até que o resíduo de pasta de dente desapareça. Olho para Nina, que está balançando a cabeça, pensativa.

– Está certo. Acho que a questão é mesmo como você limpa a pia quando eu *não* estou vendo.

– É… do mesmo jeito?

– Hum. Duvido muito. – Ela revira os olhos. – Enfim, não tenho tempo pra supervisionar a limpeza o dia inteiro. Tenta fazer o trabalho direito desta vez.

– Claro – murmuro. – Pode deixar.

Nina sai do quarto para ir ao spa, ou almoçar com as amigas, ou o que quer que faça para ocupar o tempo, porque não tem emprego. Olho de volta para a pia, que agora está impecável. Sou tomada pelo desejo irreprimível de mergulhar a escova de dentes dela na privada.

Não faço isso. Em vez disso, pego meu telefone e digito a palavra "haloperidol".

Vários resultados preenchem a tela. O haloperidol é um medicamento antipsicótico, usado para tratar esquizofrenia, transtorno bipolar, delírio, agitação e psicose aguda.

E isso é apenas *um* de pelo menos uma dúzia de frascos de comprimidos. Deus sabe o que mais tem lá. Parte de mim está morrendo de vergonha por ter olhado. E outra parte está com medo do que mais posso encontrar.

TREZE

Estou ocupada passando aspirador na sala quando a sombra cruza a janela.

Vou até a janela e, de fato, Enzo está trabalhando no quintal hoje. Pelo que sei, ele alterna de casa dependendo do dia, fazendo várias tarefas de jardinagem e paisagismo. Neste momento, está cavando o canteiro de flores no jardim da frente.

Pego um copo vazio na cozinha e o encho com água gelada, então vou para fora.

Não tenho certeza do que espero descobrir. Mas, desde que aquelas duas mulheres falaram sobre Nina ser louca ("literalmente"), não consigo parar de pensar nisso. Aí encontrei aquele antipsicótico no armário de remédios dela. Longe de mim julgá-la por ter problemas psicológicos – conheci muitas mulheres que lutavam contra doenças mentais na cadeia –, mas seria uma informação útil para mim. Talvez eu pudesse até ajudá-la se a entendesse melhor.

Eu me lembro de como no meu primeiro dia Enzo parecia estar me alertando sobre algo. Nina não está em casa, Andrew está no trabalho e Cecelia está na escola, então parece o momento perfeito para fazer algumas perguntas. A única pequena complicação é que ele mal fala inglês.

Bem, não custa tentar. E tenho certeza de que ele está com sede e vai apreciar a água.

Quando saio, Enzo está ocupado cavando um buraco no chão. Ele parece intensamente focado em sua tarefa, mesmo depois de eu dar um pigarro bem alto. Dois, na verdade. Finalmente, aceno com a mão e digo:

– *Hola*.

Acho que isso também é espanhol.

Enzo ergue a cabeça do buraco que estava cavando, uma expressão contente em seus lábios.

– *Ciao* – diz ele.

– *Ciao* – me corrijo, prometendo a mim mesma acertar da próxima vez.

Ele tem um V de suor na camiseta, que está grudada na pele, enfatizando cada músculo. E não são músculos de um fisiculturista – são os músculos firmes de um homem que faz trabalho braçal para viver.

Estou olhando mesmo, e daí? Olhar não tira pedaço.

Dou mais um pigarro.

– Eu trouxe… hum, água pra você. Como se diz…?

– *Aqua* – responde ele.

Assinto vigorosamente.

– É. Isso.

Viu só? Estamos conseguindo, nos comunicando. Estamos indo muito bem.

Enzo caminha até mim e, agradecido, pega o copo d'água. Ele vira metade do líquido no que parece ser um único gole. Solta um suspiro e seca os lábios com as costas da mão.

– *Grazie.*

– De nada. – Sorrio para ele. – Então, é… Você trabalha para os Winchesters há muito tempo? – Ele me olha sem entender. – Tipo, você… você trabalha aqui… há quantos anos?

Ele toma outro gole. Já esvaziou quase três quartos do copo. Quando acabar, vai voltar ao trabalho – não tenho muito tempo.

– *Tre anni* – diz ele por fim. Em seguida, acrescenta em inglês com forte sotaque: – Três anos.

– E, é… – Aperto minhas mãos. – Nina Winchester… Você…

Ele franze a testa para mim. Mas não é um olhar vazio, como se não me entendesse. Parece estar esperando para ouvir o que vou dizer. Talvez entenda inglês melhor do que consiga falar.

– Você… – começo de novo. – Você acha que a Nina é… Bem, você gosta dela?

Enzo semicerra os olhos. Toma outro longo gole d'água, então devolve o

copo na minha mão. Sem dizer uma palavra, ele se vira em direção ao buraco que estava cavando, pega a pá e volta ao trabalho.

Abro a boca para tentar de novo, mas depois a fecho. Quando cheguei aqui, Enzo estava tentando me avisar sobre algo, mas Nina abriu a porta antes que ele pudesse dizer qualquer coisa. E, obviamente, ele mudou de ideia. O que quer que Enzo saiba ou pense, não vai me contar. Pelo menos, não agora.

CATORZE

Estou morando com os Winchesters há cerca de três semanas quando tenho minha primeira reunião com a oficial responsável pela minha condicional. Esperei para agendar no meu dia de folga. Não quero que saibam para onde estou indo.

Tenho reuniões apenas uma vez por mês com minha agente, Pam, uma mulher atarracada de meia-idade com um maxilar bem marcado. Assim que saí da prisão, fui morar em uma casa subsidiada pelo presídio, mas, depois que Pam me ajudou a conseguir o emprego de garçonete, saí de lá e arranjei minha própria casa. Depois, perdi o emprego de garçonete, mas jamais cheguei a contar nada disso para Pam. Também nunca contei sobre o despejo. No nosso último encontro, há pouco mais de um mês, menti descaradamente.

Mentir para um oficial de condicional configura uma violação da própria condicional. Não ter residência e morar dentro do seu carro também é uma violação da condicional. Não gosto de mentir, mas não queria ter esse direito revogado e acabar voltando para a cadeia para cumprir os últimos cinco anos da minha sentença. Não podia deixar isso acontecer.

Mas as coisas mudaram. Posso ser cem por cento sincera com Pam hoje. Bem, quase cem por cento.

Apesar de ser um dia fresco de primavera, faz uns 38 graus na salinha apertada de Pam. Metade do ano, o escritório dela é uma sauna, e na outra metade é um frigorífico. Não há meio-termo. Ela está com a pequena janela

aberta, e há um ventilador soprando as dezenas de papéis ao redor de sua mesa. Pam precisa manter as mãos sobre eles para evitar que saiam voando.

– Millie. – Ela sorri para mim quando entro. É uma pessoa bacana e realmente parece querer me ajudar, o que faz com que eu me sinta ainda pior por ter mentido para ela. – Que bom te ver! Como vão as coisas?

Eu me acomodo em uma das cadeiras de madeira na frente de sua mesa.

– Tudo ótimo! – Isso não é tão verdade assim. Mas está tudo indo bem; bem o suficiente. – Nada a informar.

Pam vasculha os papéis em sua mesa.

– Recebi sua mensagem sobre a mudança de endereço. Você está trabalhando pra uma família em Long Island como empregada?

– Isso mesmo.

– Não gostou do trabalho no Charlie's?

Mordo o lábio.

– Não muito.

Esta é uma das coisas sobre as quais minto. Dizer a ela que larguei o emprego no Charlie's, quando a realidade é que eles me demitiram. Mas foi *completamente* injusto.

Pelo menos tive a sorte de terem me demitido discretamente, sem envolver a polícia. Isso foi parte do acordo – eu saio de fininho e eles não envolvem as autoridades. Não tive muita escolha. Se tivessem ido à polícia contar o que aconteceu, eu teria voltado para a prisão.

Por isso, não contei a Pam que fui demitida, porque, se contasse, ela teria ligado para o pessoal do Charlie's a fim de descobrir o motivo. Depois, quando perdi o apartamento, também não pude contar a ela.

Mas agora está tudo bem. Tenho um novo emprego e um lugar para morar. Não corro o risco de ser presa de novo. No meu último encontro com Pam, estava uma pilha de nervos, mas desta vez me sinto bem.

– Estou orgulhosa de você, Millie. Pessoas que estiveram encarceradas desde a adolescência às vezes têm dificuldade de se ajustar, mas você se saiu muito bem.

– Obrigada.

Não, ela definitivamente não precisa saber sobre aquele mês em que morei no meu carro.

– Então, como é esse novo emprego? Como eles estão tratando você?

– Hum… – Esfrego as mãos nos joelhos. – Está tudo bem. A mulher pra quem eu trabalho é um pouco… excêntrica. Mas só tenho que cuidar da limpeza. Nada de mais.

Outra coisa que é uma pequena mentira. Não quero contar a ela que Nina Winchester está me deixando cada vez mais desconfortável. Pesquisei na internet para ver se ela mesma tinha algum tipo de registro policial. Nada apareceu, mas não paguei pela verificação de antecedentes de fato. De todo modo, Nina é rica o suficiente para manter sua ficha limpa.

– Bom, isso é ótimo – afirma Pam. – E como anda sua vida social?

Tecnicamente, essa não é uma área sobre a qual um oficial de condicional deveria estar questionando, mas Pam e eu nos tornamos amigas, então não me importo com a pergunta.

– Inexistente.

Ela joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada, de modo que consigo ver uma obturação brilhante no fundo de sua boca.

– Entendo que ainda não se sinta pronta pra namorar, mas você deveria tentar fazer amigos, Millie.

– É – respondo, embora seja da boca para fora.

– E, quando começar a namorar – continua ela –, não se contente com qualquer um. Não namore um babaca qualquer só porque você é ex-presidiária. Você merece alguém que te trate bem.

– Hum…

Por um momento, me permito pensar na possibilidade de namorar um homem no futuro. Fecho os olhos, tentando imaginar como ele seria. A imagem de Andrew Winchester brota na minha cabeça sem querer, aquele charme natural e o sorriso bonito.

Meus olhos se abrem. Ah, não. Sem chance. Eu não posso nem *pensar* nisso.

– Além disso – acrescenta Pam –, você é linda. Não deveria se privar.

Quase dou uma gargalhada. Tenho feito tudo que posso para parecer o menos atraente possível. Uso roupas largas, sempre mantenho meu cabelo preso em um coque ou um rabo de cavalo, e até hoje não passei um pingo de maquiagem. Mas, mesmo assim, Nina me olha como se eu fosse uma espécie de mulher fatal.

– Só não estou pronta ainda pra pensar nisso.

– Tudo bem – responde Pam. – Mas lembre-se: ter um emprego e um teto é importante, mas as conexões humanas são ainda mais.

Ela pode ter razão, mas não estou pronta para isso agora; tenho que me concentrar em manter minha ficha limpa. A última coisa que quero é voltar para a cadeia. É só isso que importa.

• • •

Tenho dificuldade para dormir à noite.

Quando você está na cadeia, dorme sempre com um olho aberto, com medo do que pode acontecer à sua volta. E, mesmo depois de sair, o instinto não me abandonou. Depois que passei a ter uma cama de verdade, consegui dormir muito bem por um tempo, mas agora minha antiga insônia voltou com força total. Principalmente porque meu quarto está insuportavelmente abafado.

Meu primeiro pagamento foi depositado na minha conta bancária e, na próxima oportunidade que tiver, vou sair e comprar uma televisão para o meu quarto. Talvez consiga pegar no sono se deixar o aparelho ligado. O som vai parecer o barulho do presídio à noite.

Até agora hesitei em usar a televisão dos Winchesters. Não a do cinema imenso, claro, mas a TV "normal" da sala de estar. Acho que não seria grande coisa, considerando que Nina e Andrew vão para a cama cedo. Eles têm uma rotina muito regrada todas as noites. Nina sobe para colocar Cecelia na cama exatamente às 20h30. Posso ouvi-la lendo uma história de ninar e depois cantando para a filha. Todas as noites, ela canta a mesma música: "Somewhere Over the Rainbow", do filme *O Mágico de Oz*. Nina não parece ter nenhum treinamento vocal, mas há algo estranho e assombrosamente lindo no jeito que ela canta para Cecelia.

Depois que a filha vai dormir, Nina lê ou assiste à televisão no quarto. Andrew sobe um pouco depois. Se eu descer depois das dez, o andar vai estar completamente vazio.

Então, nesta noite em específico, decidi aproveitar.

É por isso que estou esparramada no sofá, assistindo a um programa de perguntas e respostas. É quase uma da manhã, então o alto nível de energia dos competidores parece quase bizarro. O apresentador tira sarro deles e, apesar de

estar cansada, rio alto quando um dos competidores se levanta para demonstrar suas habilidades de sapateado. Eu costumava assistir ao programa quando era criança e sempre me imaginei participando; não sei exatamente quem teria convidado para ir comigo. Meus pais, eu – éramos três... Quem mais eu poderia ter convidado?

– O que você está assistindo?

Levanto a cabeça, sobressaltada. É tarde da noite, mas Andrew Winchester está sei lá como atrás de mim, tão acordado quanto as pessoas na tela da televisão.

Droga. Eu sabia que deveria ter ficado no meu quarto.

– Ah! Eu, é… Desculpa. Eu não queria…

Ele arqueia uma sobrancelha.

– Pelo que você está se desculpando? Você mora aqui também. Tem todo o direito de assistir à televisão.

Pego uma almofada no sofá para esconder o short de ginástica fininho que tenho usado para dormir. Além disso, estou sem sutiã.

– Eu estou querendo comprar uma pro meu quarto.

– Não tem problema usar a nossa TV, Millie. De todo modo, o sinal lá em cima não vai ser muito bom. – O branco dos olhos dele brilha à luz da televisão. – Vou te deixar em paz já, já. Vim só pegar um copo d'água.

Eu me sento no sofá, pressionando a almofada contra o peito, me perguntando se deveria subir. Vai ser impossível dormir agora porque meu coração está acelerado. Ele disse que só ia pegar um pouco de água, então talvez eu fique. Vejo Andrew entrar na cozinha e ouço a torneira aberta.

Ele volta para a sala de estar, tomando um gole d'água do copo. É quando percebo que está apenas com uma camiseta branca e de cueca samba-canção. Pelo menos não está sem camisa.

– Por que você pegou água da torneira? – Não consigo deixar de perguntar.

Ele se joga ao meu lado no sofá, embora eu desejasse que não tivesse feito isso.

– Como assim?

Seria grosseria me levantar, então me afasto o máximo que posso. A última coisa de que preciso é Nina vendo nós dois aconchegados no sofá usando roupas íntimas.

– Você não usou o filtro de água da geladeira.

Ele ri.

– Sei lá. Eu sempre peguei água da torneira. Está envenenada, por acaso?

– Não sei. Acho que tem produtos químicos.

Ele passa a mão pelo cabelo escuro até ficar um pouco espetado.

– Estou com fome, sei lá por quê. Tem alguma sobra do jantar na geladeira?

– Não, sinto muito.

– Hum. – Ele esfrega a barriga. – Seria muita falta de educação se eu comesse um pouco de manteiga de amendoim direto do pote?

Eu me encolho com a menção à manteiga de amendoim.

– Contanto que não coma perto da Cecelia, não.

Ele inclina a cabeça.

– Por quê?

– Você sabe, porque ela é alérgica.

Nesta casa, eles realmente não parecem levar muito a sério a alergia mortal que Cecelia tem a amendoim.

Mais surpreendentemente ainda, Andrew ri.

– Ela não é, não.

– É, sim. Ela me disse que é. No meu primeiro dia aqui.

– Hum, acho que eu saberia se a minha filha tivesse alergia a amendoim. – Ele bufa. – Você acha que manteríamos um pote imenso daqueles na despensa se ela fosse alérgica?

Foi exatamente o que pensei quando Cecelia me falou da tal alergia. Será que ela inventou aquilo só para me torturar? Não duvido. Só que Nina também disse que Cecelia era alérgica a amendoim. O que está acontecendo aqui? Mas Andrew encerra o assunto: o fato de haver um imenso pote de manteiga de amendoim na despensa indica que ninguém aqui tem uma alergia mortal a amendoim.

– Mirtilos – diz ele.

Eu franzo a testa.

– Acho que não tem mirtilos na geladeira.

– Não. – Ele meneia a cabeça em direção à tela da televisão, onde a segunda rodada de perguntas acabou de começar. – Eles entrevistaram uma centena de pessoas e pediram que dissessem o nome de uma fruta que dava pra colocar inteira na boca.

O participante na tela responde mirtilos, e é a resposta número um. Andrew dá um soquinho no ar.

– Viu? Sabia! Eu ia me sair muito bem nesse programa.

– A resposta principal é sempre fácil de acertar – comento. – O mais difícil é chegar nas respostas mais obscuras.

– Muito bem, espertinha. – Ele sorri para mim. – Diz aí uma fruta que você consegue colocar inteira na boca.

– Hum… – Bato o indicador no queixo. – Uva.

Como era de se esperar, o participante seguinte responde "uva" e acerta.

– Retiro o que disse – diz Andrew. – Você é boa nisso também. Ok, que tal morango?

– Provavelmente está lá também, embora não seja uma boa ideia colocar um morango inteiro na boca porque tem as folhinhas e tudo mais.

Os participantes citam morangos e cerejas, mas ficam empacados na última resposta. Andrew começa a rir quando um deles diz "pêssego".

– Um pêssego! – diz ele às gargalhadas. – Quem é capaz de colocar um pêssego na boca? Teria que deslocar a mandíbula!

Dou risada.

– Melhor que uma melancia.

– Essa aí deve ser a resposta! Aposto qualquer coisa.

A última resposta do quadro acaba sendo "ameixa". Andrew balança a cabeça.

– Acho que não, hein. Queria ver a cara dos participantes que disseram que conseguem colocar uma ameixa inteira na boca.

– Isso deveria fazer parte do programa – comento. – Você ouve as cem pessoas entrevistadas e fica sabendo a lógica por trás das respostas delas.

– Você deveria escrever pra lá e sugerir isso – comenta ele com um tom sério. – Poderia revolucionar o programa.

Dou risada de novo. Quando conheci Andrew, presumi que fosse um cara rico e conservador, mas ele não é nada disso. Nina é pirada, mas Andrew é *legal*. Ele é completamente pé no chão, engraçado. E parece ser um bom pai para Cecelia.

A verdade é que às vezes sinto um pouco de pena dele.

Eu não deveria sentir isso. Nina é minha chefe. Ela me paga um salário e me ofereceu um lugar para viver. É a ela que devo lealdade. Mas, ao mesmo tempo,

ela é *péssima*. É uma desleixada que vive me passando informações conflitantes e é capaz de ser incrivelmente cruel. Até Enzo, que deve ter 90 quilos de puro músculo, parece ter medo dela.

Claro, talvez eu não me sentisse assim se Andrew não fosse tão incrivelmente atraente. Mesmo sentada o mais longe possível dele sem cair da lateral do sofá, não posso deixar de pensar no fato de que ele está de cueca agora – que está usando só uma porcaria de uma cueca. E o tecido da camiseta dele é fino o suficiente para que eu possa ver o contorno de alguns músculos bastante sensuais. Ele poderia estar com uma mulher muito melhor do que Nina.

Fico imaginando se ele tem noção disso.

No momento em que estou começando a relaxar e me sentir feliz por Andrew ter se juntado a mim aqui embaixo, uma voz estridente invade meus pensamentos.

– Caramba, a piada deve ter sido mesmo muito boa pra tanta risada.

Giro a cabeça. Nina está de pé na base da escada, olhando para nós. Quando ela está de salto, posso ouvi-la chegando a um quilômetro de distância, mas seus passos são surpreendentemente leves com os pés descalços. Está vestindo uma camisola branca que vai até os tornozelos, e seus braços estão cruzados sobre o peito.

– Oi, Nina. – Andrew boceja e sai do sofá. – O que você está fazendo acordada?

Nina está encarando a gente. Não sei como ele não está em pânico agora. Estou a ponto de me mijar. Mas ele parece totalmente indiferente ao fato de a esposa ter acabado de pegar nós dois sozinhos na sala à uma da manhã, ambos *em trajes íntimos*. Não que estivéssemos *fazendo* alguma coisa, mas mesmo assim.

– Eu poderia te perguntar a mesma coisa – retruca ela. – Vocês dois parecem estar se divertindo bastante. Qual é a graça?

Andrew dá de ombros.

– Eu desci pra pegar água e a Millie estava aqui vendo televisão. Acabei me distraindo.

– Millie. – Nina volta sua atenção para mim. – Por que você não compra uma TV pra colocar no seu quarto? Este é um ambiente da família.

– Desculpa – falo depressa. – Vou comprar uma televisão assim que puder.

– Ei. – Andrew ergue as sobrancelhas. – Qual é o problema de a Millie ver um pouco de TV aqui se não tem ninguém por perto?

– Bom, você está por perto.

– E ela não estava me incomodando.

– Você não tem uma reunião amanhã cedo? – Os olhos de Nina estão fixos nele. – Deveria mesmo estar acordado vendo TV à uma da manhã?

Ele respira fundo. Já eu prendo a minha respiração, torcendo para que ele se defenda. Mas então os ombros dele cedem.

– Você está certa, Nina. É melhor eu ir me deitar.

Nina fica ali, parada, os braços cruzados, observando Andrew subir as escadas, como se ele fosse uma criança que ela está mandando para a cama sem jantar. É angustiante ver a proporção do ciúme dela.

Eu me levanto do sofá também e desligo a televisão. Nina ainda está parada na base da escada. Seus olhos passam pelo meu short de ginástica e pela minha regata. A ausência do sutiã. Mais uma vez, me impressiona quão ruim isso parece. Mas eu achei que estaria sozinha aqui embaixo.

– Millie, no futuro, espero que use roupas apropriadas em casa.

– Desculpa – falo pela segunda vez. – Achei que não teria ninguém acordado.

– Ah, é? – Ela bufa. – Você simplesmente vagaria pela casa de um estranho qualquer no meio da noite porque acha que eles não estariam por perto?

Não sei o que responder. Esta não é a casa de um estranho qualquer. Eu *moro* aqui, ainda que no sótão.

– Não…

– Por favor, fique no sótão depois da hora de dormir. O resto da casa é pra minha família. Você entendeu?

– Entendi.

Ela balança a cabeça.

– Na verdade, nem tenho certeza se precisamos tanto assim de uma empregada. Talvez isso tenha sido um erro…

Ah, não. Ela está me demitindo à uma da manhã porque eu estava assistindo à televisão na sala dela? Isso é péssimo. E não há a menor chance de Nina me dar uma boa recomendação para outro emprego. Ela parece mais o tipo de pessoa que ligaria para todos os possíveis empregadores para dizer o quanto me odiava.

Tenho que dar um jeito isso. Cravo as unhas na palma da mão.

– Olha, Nina – começo. – Não estava acontecendo nada entre mim e o Andrew…

Ela joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada. É um som perturbador, algo quase entre uma risada e um choro.

– É com isso que você acha que estou preocupada? Andrew e eu somos almas gêmeas. Temos uma filha juntos e em breve teremos outro bebê. Você acha que estou com medo de que o meu marido arrisque tudo que tem na vida por causa de uma empregadinha que mora no sótão?

Engulo em seco. Talvez eu só tenha piorado as coisas.

– Não, ele não faria isso.

– É claro que não. – Ela me encara bem nos olhos. – E nunca se esqueça disso.

Fico ali, sem saber o que dizer. Por fim, ela meneia a cabeça na direção da mesa de centro.

– Limpa essa bagunça agora mesmo.

Com isso, vira-se e sobe as escadas.

Não tem bagunça nenhuma, só o copo d'água que Andrew deixou para trás. Minhas bochechas queimam de humilhação enquanto ando até a mesa de centro e pego o copo. A porta do quarto bate no andar de cima, e eu olho para o copo na minha mão.

Antes que possa me impedir, arremesso o copo no chão.

Ele se espatifa de um jeito espetacular. O vidro se espalha para todo lado. Dou um passo para trás, e um caco se crava na sola do meu pé.

Uau, isso foi estúpido demais.

Confusa, observo a bagunça que fiz no chão. Tenho que limpar tudo e, além disso, preciso colocar um sapato para não entrar mais nenhum vidro nos meus pés. Respiro fundo, tentando desacelerar minha respiração. Vou limpar o vidro e vai ficar tudo bem. Nina nunca vai ficar sabendo.

Mas terei que ter mais cuidado no futuro.

QUINZE

Nesta tarde de sábado, Nina está fazendo uma reuniãozinha da APM no quintal de casa. Elas estão se encontrando para planejar algo chamado "dia no campo", durante o qual as crianças passam algumas horas brincando em um terreno gramado e, sei lá por quê, são necessários meses de planejamento para se preparar para isso. Nina não fala de outra coisa ultimamente e me mandou pelo menos uma dúzia de mensagens para me lembrar de buscar os acepipes.

Estou começando a ficar estressada, porque, como sempre, a casa inteira estava uma bagunça quando acordei. Não sei como essa casa fica tão bagunçada. Será que a medicação da Nina trata algum tipo de transtorno que faz com que ela acorde no meio da noite e bagunce a casa desse jeito? Existe algo do tipo?

Não faço ideia de como os banheiros ficam tão podres da noite para o dia, por exemplo. Quando entro no banheiro dela de manhã para limpar, geralmente há pelo menos três ou quatro toalhas espalhadas no chão, encharcadas. Costuma ter também pasta de dente grudada na pia, e tenho que esfregar a louça para me livrar da sujeira. Nina tem algum tipo de aversão a jogar as roupas sujas no cesto, então levo uns bons dez minutos catando sutiãs, calcinhas, calças, meias-calças, etc. Graças a Deus, Andrew é melhor nisso. Além disso, há as coisas que precisam ser lavadas a seco, que são muitas. Nina mistura tudo, e Deus me livre de tomar a decisão errada sobre o que vai na máquina de lavar e o que precisa ser levado para a lavanderia. Seria algo passível de enforcamento.

Outra coisa são as embalagens de alimentos. Encontro embalagens de doces enfiadas em quase todas as fendas do quarto e do banheiro dela. Imagino que

isso explique por que Nina está 20 quilos maior do que nas fotos de quando ela e Andrew se conheceram.

Depois de limpar a casa de cima a baixo, deixar algumas roupas na lavanderia e terminar de lavar e passar o resto, sobra bem pouco tempo. As mulheres vão chegar dentro de uma hora, e eu ainda não terminei todas as tarefas que Nina me designou, incluindo buscar os aperitivos. Ela não vai entender se eu tentar explicar. Levando em consideração que ela quase me demitiu na semana passada quando me pegou assistindo TV com Andrew, não posso me dar ao luxo de cometer nenhum erro. Tenho que me certificar de que esta tarde seja perfeita.

Então, chego ao quintal. O quintal dos Winchesters é uma das paisagens mais bonitas do bairro. Enzo fez bem o seu trabalho – as cercas vivas estão aparadas com tanta precisão que é como se ele tivesse usado uma régua. Flores pontilham as bordas do quintal, adicionando um toque de cor. E a grama é tão exuberante e verde que fico tentada a me deitar nela, agitando os braços e fazendo anjinho nas folhas.

Mas, ao que parece, eles não passam muito tempo aqui fora, porque todos os móveis do pátio têm uma camada espessa de poeira. Tudo está coberto de muita poeira.

Meu Deus, eu *não* tenho tempo para terminar tudo.

– Millie? Está tudo bem?

Andrew está parado atrás de mim, vestindo uma camisa polo azul e calça cáqui, uma roupa bastante casual para ele. De alguma forma, está ainda mais bonito do que quando usa um terno caro.

– Tudo bem – murmuro.

Eu nem deveria estar falando com ele.

– Você parece prestes a chorar – comenta ele.

Enxugo os olhos com as costas da mão, meio sem graça.

– Está tudo bem. Só tenho muita coisa pra fazer antes da reunião da APM.

– Ah, não vale a pena chorar por causa disso. – Ele franze a testa. – Essas mulheres da APM nunca ficam satisfeitas, não importa o que você faça. São todas péssimas.

Isso *não* faz com que eu me sinta melhor.

– Olha, talvez eu tenha um… – Ele remexe no bolso e tira um lenço de papel amassado. – Não acredito que tenho um lenço de papel no bolso, mas toma.

Consigo abrir um sorriso ao pegar o lenço. Enquanto limpo o nariz, sinto o cheiro da loção pós-barba de Andrew.

– Bom, o que posso fazer pra te ajudar?

Eu balanço a cabeça.

– Está tudo bem. Eu consigo dar conta.

– Você está chorando. – Ele apoia um dos pés na cadeira suja. – Sério, não sou um completo inútil. Só me diz o que você precisa que eu faça. – Quando hesito, ele acrescenta: – Olha, nós dois queremos fazer a Nina feliz, certo? É assim que você faz ela feliz. Ela não vai ficar contente se eu deixar você estragar tudo.

– Está bem – resmungo. – Me ajudaria muito se você pudesse buscar os aperitivos.

– Deixa comigo.

Sinto como se um peso gigantesco tivesse sido tirado dos meus ombros. Eu ia levar vinte minutos para chegar à loja para buscar os acepipes e outros vinte para voltar. Isso me deixaria com apenas quinze minutos para limpar toda a mobília suja do pátio. Dá para imaginar Nina se sentando em uma dessas cadeiras vestindo uma das suas roupas brancas?

– Obrigada – respondo. – Obrigada, mesmo. De verdade.

– De verdade? – diz ele com um sorriso.

– Verdade verdadeira.

Cecelia irrompe no quintal neste exato momento, usando um vestido rosa-claro com detalhes brancos. Como a mãe, não tem nem um fio de cabelo fora do lugar.

– Papai – chama ela.

Ele volta seu olhar para a filha.

– O que foi, Cece?

– O computador não está funcionando – diz ela. – Não consigo fazer meu dever de casa. Você pode consertar pra mim?

– Claro que posso. – Ele pousa a mão no ombro dela. – Mas, primeiro, vamos dar um passeio de carro superdivertido.

Ela olha para ele, confusa, mas ele ignora o ceticismo da menina.

– Vá calçar os sapatos.

Eu levaria metade de um dia para convencer Cecelia a se calçar, mas ela volta

obedientemente para dentro de casa para fazer o que ele pede. Cecelia é uma boa menina, desde que não seja eu a pessoa responsável por ela.

– Você leva muito jeito com ela – comento.

– Obrigado.

– Ela se parece muito com você.

Andrew balança a cabeça.

– Não parece, não. Ela é a cara da Nina.

– Parece, sim – insisto. – A cor da pele e do cabelo é da Nina, mas ela tem o seu nariz.

Ele brinca com a bainha da camisa polo.

– Cecelia não é minha filha biológica. Então, qualquer semelhança entre nós dois é, como dizem, mera coincidência.

Uau. Não consigo parar de passar vergonha.

– Ah. Eu não tinha me dado conta…

– Não tem problema. – Seus olhos castanhos estão fixos na porta dos fundos, esperando Cecelia voltar. – Eu conheci a Nina quando a Cecelia era bebê, então sou o único pai que ela conheceu. Considero minha filha. Não tem diferença nenhuma.

– É claro.

Andrew Winchester ganha alguns pontos no meu conceito. Ele não só não escolheu uma supermodelo, como se casou com uma mulher que já tinha uma filha e a criou como se fosse dele.

– Como já falei, você leva muito jeito com ela.

– Eu adoro crianças… Meu sonho era ter uma dúzia delas.

Andrew parece querer dizer mais alguma coisa, mas em seguida fecha a boca. Penso no que Nina me contou semanas atrás, sobre eles estarem tentando engravidar. Então me lembro do absorvente interno ensanguentado que encontrei no chão do banheiro. Fico imaginando se eles tiveram algum sucesso desde então. Com base na expressão triste nos olhos de Andrew, suspeito que a resposta seja não.

Mas tenho certeza de que Nina vai conseguir engravidar, se é isso que os dois querem. Afinal, eles têm todos os recursos do mundo. De todo modo, não é da minha conta.

DEZESSEIS

Posso afirmar sem dúvida alguma que odeio todas as mulheres nesta reunião da APM.

São quatro no total, incluindo Nina. Memorizei o nome delas: Jillianne (Jilly-anne), Patrice e Suzanne (não confundir com Jillianne). A razão pela qual decorei os nomes é o fato de Nina não me deixar sair do quintal. Ela está me fazendo ficar no canto, em constante alerta, caso precisem de alguma coisa.

Pelo menos os acepipes são um sucesso. E Nina não faz ideia de que Andrew os buscou para mim.

– Só não estou feliz com o menu do dia no campo. – Suzanne bate a caneta no queixo. Já ouvi Nina se referir a ela como sua "melhor amiga", mas, até onde sei, Nina não é próxima de nenhuma das pessoas que chama de amigas. – Acho que precisa ter mais de uma opção sem glúten.

– Concordo – diz Jillianne. – E mesmo que haja uma opção vegana, não é vegana *e* sem glúten. E aí, o que as pessoas que são veganas e intolerantes a glúten vão comer?

Não sei? Grama? Para falar a verdade, nunca vi mulheres mais obcecadas com glúten. Em todas as vezes que levei um aperitivo, todas me questionaram sobre a quantidade de glúten nele. Como se eu fizesse alguma ideia. Eu nem sei o que é glúten.

O dia está quente e sufocante, e eu daria tudo para estar dentro de casa, no ar condicionado. Caramba, daria qualquer coisa para tomar um gole da limonada borbulhante e cor-de-rosa que as mulheres estão compartilhando. Não paro de

enxugar o suor da testa toda vez que não estão olhando para mim. Tenho medo de estar com pizzas embaixo dos braços.

– Este pão de queijo de cabra com mirtilo deveria ter sido aquecido – comenta Patrice enquanto mastiga o pedaço em sua boca. – Está quase frio.

– Eu sei – diz Nina com pesar. – Pedi pra minha empregada cuidar disso, mas você sabe como é. É *tão* difícil encontrar uma boa empregada.

Minha boca se abre. Em nenhum momento ela me pediu isso. Além do mais, será que se dá conta de que estou *bem aqui*?

– Ai, é mesmo. – Jillianne assente, solidária. – É absolutamente impossível contratar alguém bom hoje em dia. A ética profissional neste país é um horror. Daí a gente se pergunta por que esse tipo de gente não consegue encontrar empregos melhores, né? É preguiça, pura e simples.

– Ou então você arruma alguém de fora – acrescenta Suzanne – e a pessoa mal fala inglês, tipo o Enzo.

– Pelo menos ele é bonito de se olhar! – diz Patrice com uma gargalhada.

As outras riem e fazem graça, embora Nina esteja estranhamente quieta. Suponho que não tenha que cobiçar o jardineiro gostoso sendo casada com Andrew – e não a julgo por isso. Ela também parece sentir algum tipo de rancor esquisito em relação a Enzo. Estou me coçando para dizer algo depois de tudo que elas falaram a meu respeito pelas minhas… quer dizer, pelas minhas costas, não, porque estou de pé *bem aqui*, como já falei. Mas tenho que mostrar a elas que não sou uma americana preguiçosa. Eu me mato de trabalhar nesse emprego e nunca reclamei de nada.

– Nina. – Dou um pigarro. – Você quer que eu aqueça os aperitivos?

Nina se vira para olhar para mim, os olhos brilhando de uma forma que me faz dar um passo para trás.

– Millie – diz ela calmamente –, nós estamos no meio de uma *conversa* aqui. Por favor, não interrompa. É muita falta de educação.

– Ah, eu…

– Além disso – acrescenta ela –, eu agradeceria se você não se referisse a mim como *Nina.* Não sou sua amiga de bar. – Ela dá uma risadinha dissimulada junto com as outras mulheres. – É *Sra. Winchester*. Não me obrigue a lembrar você disso mais uma vez.

Eu a encaro, estupefata. No dia em que a conheci, ela me instruiu a chamá-la

de Nina. Essa é a forma como venho me referindo a ela durante todo o tempo em que estive trabalhando aqui, e ela nunca disse uma palavra sobre isso. Agora está agindo como se eu estivesse tomando liberdades.

A pior parte é que as outras mulheres estão se comportando como se Nina fosse uma heroína por me repreender. Patrice começa a contar uma história a respeito de como sua faxineira teve a audácia de contar para ela sobre como o cachorro dela morreu.

– Não quero parecer cruel – diz ela –, mas o que me importa se o cachorro da Juanita morreu? Ela ficou falando disso por horas! Vê se pode…

– Mas não tem o que fazer, a gente precisa ter empregada. – Nina coloca um dos inaceitáveis aperitivos na boca. Estou de olho, e ela comeu cerca de metade deles enquanto as outras mulheres comem feito passarinhos. – Principalmente agora que eu e o Andrew vamos ter outro bebê.

As mulheres soltam suspiros de emoção.

– Nina, você está grávida?! – exclama Suzanne com uma voz aguda.

– Eu sabia que tinha motivo pra você estar comendo cinco vezes mais do que a gente! – comenta Jillianne, triunfante.

Nina olha para ela de cara feia (e eu tenho que abafar uma risada).

– Eu não estou grávida. *Ainda*. Mas eu e o Andy estamos nos consultando com um especialista em fertilidade que, pelo que dizem, é *incrível*. Confiem em mim, até o final do ano vou ter um bebê.

– Isso é maravilhoso. – Patrice coloca a mão no ombro de Nina. – Eu sei que faz tempo que vocês estão querendo um bebê. E Andrew é mesmo um *ótimo* pai.

Nina assente e, por um momento, seus olhos parecem um pouco úmidos. Ela dá um pigarro.

– Me deem uma licencinha, meninas. Volto já, já.

Nina corre para dentro de casa, e não tenho certeza se devo segui-la. Ela provavelmente está indo ao banheiro ou algo assim. Claro, talvez agora essa seja uma das minhas responsabilidades – seguir Nina até o banheiro para que eu possa secar as mãos dela, dar a descarga ou sabe lá Deus o quê.

Assim que Nina se retira, as outras mulheres caem na gargalhada.

– Ai, meu Deus! – Jillianne dá uma risadinha. – Isso foi muito constrangedor! Não estou acreditando que disse isso pra ela. Eu achei mesmo que ela estava grávida! Tipo, ela não parece grávida?

– Ela está ficando obesa – concorda Patrice. – Precisa contratar uma nutricionista e um personal trainer pra ontem. E mais alguém notou o tamanho das raízes?

As outras mulheres assentem. Ainda que não esteja participando da conversa, também reparei nas raízes de Nina. No dia em que vim fazer a entrevista, o cabelo dela parecia imaculado; agora, ela tem um bom centímetro de raízes mais escuras aparecendo. Estou surpresa de Nina ter deixado chegar a esse ponto.

– Bem, eu teria vergonha de andar por aí desse jeito – comenta Patrice. – Como ela espera segurar aquele marido gostoso dela?

– Especialmente desde que ouvi dizer que eles têm um acordo pré-nupcial super-restrito – acrescenta Suzanne. – Se eles se divorciarem, ela não fica com praticamente nada. Nem mesmo recebe pensão alimentícia, porque vocês sabem que ele nunca adotou a Cecelia.

– Um acordo pré-nupcial! – solta Patrice. – Qual o problema da Nina? Por que ela assinaria algo assim? Acho bom que ela faça o melhor que puder pra deixar ele feliz.

– Bom, não sou eu que vou dizer pra Nina que ela precisa fazer dieta! – diz Jillianne. – Deus me livre, não quero mandar ela de volta para aquela clínica de gente doida. Vocês sabem que a Nina não bate bem das bolas.

Quase engasgo. Esse tempo todo, desde que aquelas mulheres na escola insinuaram que Nina era louca, torci para que ela fosse só maluca do tipo "mulher rica e excêntrica". Sei lá, que ela fizesse terapia e tomasse uns sedativos de vez em quando. Mas parece que Nina está um nível acima disso. Se dá mesmo pra acreditar nessas fofoqueiras, ela esteve internada em um *hospital psiquiátrico*. Nina tem alguma doença grave.

Sinto uma pontada de culpa por ficar tão frustrada com ela quando me dá alguma informação errada ou quando seu humor muda de uma hora para outra. Não é culpa dela. Nina tem problemas sérios. Tudo faz um pouco mais de sentido agora.

– Vou dizer uma coisa pra vocês. – Patrice baixa bem a voz. Ela está fazendo isso para que eu não possa ouvir, o que significa que não faz ideia do quão alto está falando. – Se eu fosse a Nina, a última coisa que faria seria contratar uma empregada jovem e bonita pra morar na minha casa. Ela deve estar louca de ciúmes.

Desvio o olhar, tentando não deixar transparecer que posso ouvir cada palavra que ela diz. Fiz tudo que pude para evitar que Nina sentisse ciúme. Não quero que ela tenha a menor ideia de que estou interessada em seu marido. Não quero que saiba que o acho atraente, nem que pense que há alguma chance de algo acontecer entre nós dois.

Quer dizer, sim, se Andrew fosse solteiro, eu estaria interessada. Mas ele não é. Vou ficar longe daquele homem. Nina não tem com o que se preocupar.

DEZESSETE

Hoje, Andrew e Nina têm uma consulta com o tal especialista em fertilidade.

Ambos passaram a semana nervosos e animados com a consulta. Ouvi fragmentos da conversa deles durante o jantar. Pelo visto, Nina fez um monte de exames de fertilidade, e eles vão discutir os resultados hoje. Nina acha que farão fertilização in vitro, o que é caro, mas eles têm dinheiro para torrar.

Por mais que Nina às vezes me dê nos nervos, é fofo como os dois estão planejando o novo bebê. No dia anterior mesmo estavam falando que iriam transformar o quarto de hóspedes em um quarto de bebê. Não sei dizer quem está mais animado, se Nina ou Andrew. Pelo bem deles, espero que engravidem logo.

Enquanto os dois estiverem na consulta, vou ficar com Cecelia. Tomar conta de uma menina de 9 anos não deveria ser difícil, mas Cecelia parece determinada a fazer com que seja. Depois que a mãe de uma amiga a deixou em casa, após sei lá que aula ela teve hoje (caratê, balé, piano, futebol, ginástica – já me perdi completamente), ela chuta um de seus sapatos em uma direção, o segundo em outra, e depois atira a mochila em uma terceira. Por sorte, está muito quente para vestir um casaco, ou então ela teria que encontrar um quarto lugar para onde arremessá-lo.

– Cecelia – peço com paciência. – Você pode, por favor, colocar seus sapatos na sapateira?

– Mais tarde – diz ela, distraída, enquanto se joga no sofá, alisando o tecido de seu vestido amarelo-claro. Ela pega o controle remoto e liga a televisão em um

desenho animado irritantemente barulhento. Uma laranja e uma pera parecem estar discutindo na tela. – Tô com fome.

Respiro bem fundo para tentar me acalmar.

– O que você quer comer?

Imagino que ela vá inventar algo ridículo, só para me dar trabalho ao preparar. Então fico surpresa quando diz:

– Um sanduíche de mortadela, pode ser?

Fico tão aliviada com o fato de termos em casa todos os ingredientes para preparar um sanduíche de mortadela que nem insisto que ela diga por favor. Se Nina quer que a filha seja uma pirralha mimada, a escolha é dela. Não é meu trabalho disciplinar a menina.

Vou para a cozinha e pego o pão e um pacote de mortadela da geladeira transbordando de mantimentos. Não sei se Cecelia gosta de maionese no sanduíche e, além do mais, com certeza vou acabar colocando maionese de mais ou de menos. Então decido só levar o pote, assim ela pode colocar a quantidade perfeita. Ha-ha, fui mais esperta que você desta vez, Cecelia!

Volto para a sala e coloco o sanduíche e a maionese na mesa de centro para a menina. Cecelia olha para o sanduíche e franze a testa. Ela o pega timidamente e então seu rosto se enche de nojo.

– Eca! – choraminga. – Não quero isso.

Juro por Deus, vou estrangular essa garota com minhas próprias mãos.

– Você disse que queria um sanduíche de mortadela. Eu fiz um sanduíche de mortadela pra você.

– Eu não disse que queria um sanduíche de mortadela – reclama. – Falei que queria um sanduíche de *muçarela*!

Eu a encaro de queixo caído.

– De muçarela? Como *assim*?

Cecelia resmunga, frustrada, e arremessa o sanduíche no chão. O pão e a carne se separam, caindo em três pilhas no tapete. O único ponto positivo é o fato de eu não ter usado maionese, então pelo menos é mais fácil de limpar.

Muito bem, estou de saco cheio dessa garota. Talvez não seja a minha casa, mas ela tem idade suficiente para saber que não deve jogar comida no chão. E, principalmente, uma vez que em breve haverá um bebê em casa, ela precisa aprender a agir como uma criança de sua idade.

– Cecelia – falo entredentes.

Ela ergue o queixo ligeiramente pontudo.

– Que *é*?

Não tenho certeza do que teria acontecido entre mim e Cecelia, mas nosso confronto é interrompido pela porta da frente sendo aberta. Devem ser Andrew e Nina, voltando da consulta. Eu me afasto da menina e abro um sorriso. Tenho certeza de que Nina deve estar explodindo de emoção depois dessa consulta.

Só que, quando eles entram na sala, nenhum dos dois está sorrindo.

Isso é um eufemismo. O cabelo louro de Nina está completamente desarrumado e sua blusa branca está amarrotada. Os olhos estão vermelhos e inchados. Andrew também não parece muito bem. O nó de sua gravata está meio desfeito, como se ele tivesse começado a retirá-la e se distraído durante o processo. E, na verdade, os olhos dele também parecem injetados de sangue.

Entrelaço as mãos.

– Tudo bem?

Eu deveria ter ficado de boca calada, teria sido o mais inteligente a fazer. Porque agora Nina dirige o olhar para mim e sua pele pálida fica vermelha e incandescente.

– Pelo amor de Deus, Millie – dispara ela para mim. – Por que você tem que ser tão *intrometida*? Não é da sua conta, cacete.

Engulo em seco.

– Desculpa, Nina.

Seus olhos vão para a bagunça no chão. Os sapatos de Cecelia. O pão e as coisas espalhadas perto da mesa de centro. E, em algum momento durante o último minuto, Cecelia saiu correndo da sala e desapareceu. O rosto de Nina se contorce.

– É pra esta casa mesmo que eu tenho que voltar? Pra essa *zona*? Pra que eu te pago, afinal de contas? Talvez você devesse começar a procurar outro emprego.

Minha garganta se fecha.

– Eu… eu já ia limpar isso agora…

– Não me venha fazer as coisas *só* pra me agradar. – Ela lança um olhar fulminante para Andrew. – Vou me deitar. Minha cabeça está latejando.

Nina sobe a escada depressa, seus saltos soando como balas de revólver a

cada degrau, até que ouço a porta do quarto deles batendo. Está bem claro que algo não correu bem na tal consulta. Não adianta tentar conversar com ela agora.

Andrew afunda no sofá de couro e joga a cabeça para trás.

– Pois é, que merda.

Mordo o lábio e me sento ao lado dele, embora sinta que provavelmente não deveria.

– Você está bem?

Ele esfrega os olhos com a ponta dos dedos.

– Na verdade, não.

– Quer… conversar?

– Não quero, não. – Ele fecha os olhos por um momento. Depois, solta um suspiro. – Não vai rolar pra gente. Nina não vai conseguir engravidar.

Minha primeira reação é de surpresa. Não que eu entenda muito sobre o assunto, mas não consigo acreditar que Nina e Andrew não consigam pagar por uma solução para esse dilema. Juro por Deus que vi no jornal uma mulher que engravidou aos 60 anos.

Mas não posso dizer isso para Andrew. Eles acabaram de se consultar com um dos melhores especialistas em fertilidade. Não há nada que eu saiba que essa pessoa não saiba. Se ele disse que Nina não vai engravidar, é isso. Não vai haver bebê nenhum.

– Sinto muito, Andrew.

– É… – Ele passa a mão pelo cabelo. – Estou tentando lidar bem com isso, mas não posso dizer que não esteja decepcionado. Tipo, eu amo a Cecelia como se ela fosse minha filha, mas… eu queria… quer dizer, eu sempre sonhei com…

É a conversa mais profunda que já tivemos. É bom que ele esteja se abrindo comigo.

– Eu entendo – murmuro. – Deve ser muito difícil… pra vocês dois.

Ele olha para o colo.

– Preciso ser forte pra ajudar a Nina. Ela está arrasada com isso.

– Tem alguma coisa que eu possa fazer?

Ele fica quieto por um momento, passando o dedo por uma dobra no couro do sofá.

– Tem um espetáculo que a Nina quer assistir em Manhattan… Ela não para de falar nisso. *Showdown*. Eu sei que faria bem a ela se a gente fosse. Se você

puder perguntar a ela qual é a melhor data e conseguir reservar dois lugares bem na frente, seria ótimo.

– Deixa comigo.

Não suporto Nina por vários motivos, mas não consigo imaginar como deve ser receber essa notícia. Tenho total empatia por ela.

Ele esfrega os olhos vermelhos mais uma vez.

– Obrigado, Millie. De verdade, não sei o que a gente faria sem você. Sinto muito pela maneira como a Nina te trata às vezes. Ela é um pouco temperamental, mas no fundo gosta de você e aprecia a sua ajuda.

Não tenho certeza se isso é verdade, mas não vou discutir com ele. Vou ter que continuar trabalhando aqui até ter economizado uma quantia razoável. E vou ter que fazer o meu melhor para deixar Nina feliz.

DEZOITO

Nessa mesma noite, acordo com o som de gritos.

O sótão é incrivelmente bem isolado, então não consigo escutar o que está sendo dito, mas há vozes altas vindo de baixo do meu quarto. Uma masculina e uma feminina. Andrew e Nina.

Então ouço um estrondo.

Instintivamente, pulo da cama. Talvez não seja da minha conta, mas algo está acontecendo lá embaixo. Tenho que pelo menos ter certeza de que está tudo bem.

Coloco a mão na maçaneta do meu quarto e ela não gira. Estou acostumada ao fato de que a porta emperra, mas, de vez em quando, sinto uma pontada de pânico. Logo em seguida, no entanto, a maçaneta se move sob minha mão e consigo sair.

Desço os degraus barulhentos até o segundo andar. Agora que estou fora do sótão, os gritos estão muito mais altos. Vêm da suíte principal. A voz de Nina, berrando com Andrew. Ela parece fora de si.

– Não é justo! – choraminga ela. – Fiz tudo que eu pude e…

– Nina – diz ele. – Não é culpa sua.

– A culpa *é* minha! Se estivesse com uma mulher mais jovem, poderia ter um bebê, como você quer! A culpa é *minha*!

– Nina…

– Você estaria melhor sem mim!

– Por favor, não fala isso.

– É verdade! – Mas ela não parece triste, e sim irritada. – Você preferiria que

eu fosse embora!

– Nina, para com isso!

Há outro estrondo alto dentro do quarto, seguido por um terceiro. Dou um passo para trás, dividida entre bater na porta para ter certeza de que está tudo bem e querer correr de volta para o meu quarto e me esconder. Fico ali por alguns segundos, paralisada pela minha indecisão. Então a porta se abre.

Nina surge com a mesma camisola branca que estava usando na noite em que pegou Andrew na sala de estar comigo. Mas agora noto uma mancha carmesim no tecido claro, começando na lateral do quadril e descendo pelo comprimento da saia.

– Millie. – Ela crava os olhos em mim. – O que você está fazendo aqui?

Olho para as mãos dela e vejo o mesmo tom de vermelho-escuro em toda a palma da mão direita.

– Eu…

– Você está espionando a gente? – Ela arqueia uma sobrancelha. – Está escutando a nossa conversa?

– Não! – Dou um passo para trás. – Eu só ouvi um barulhão e fiquei preocupada… Queria ter certeza de que está tudo bem.

Ela percebe meu olhar direcionado para o que tenho quase certeza de que seja uma mancha de sangue em sua camisola. Nina quase parece achar graça disso tudo.

– Foi só um cortezinho na mão. Nada pra se preocupar. Não preciso da *sua* ajuda.

Mas o que estava acontecendo lá dentro? É realmente por isso que há sangue por toda a camisola dela? E cadê Andrew?

E se ela o matou? E se ele estiver morto, caído no meio do quarto? Ou pior, e se ele estiver sangrando até a morte agora e eu tiver uma chance de salvá-lo? Não posso simplesmente ir embora. Posso ter feito algumas coisas ruins na vida, mas não vou deixar Nina sair impune de um homicídio.

– Cadê o Andrew? – pergunto.

As bochechas dela enrubescem.

– *Como é que é*?

– Eu só… – Me balanço de um lado para outro em meus pés descalços. – Ouvi um estrondo. Ele está bem?

Nina me encara.

– Que audácia! Do que você está me acusando?

Então me ocorre que Andrew é um homem grande e forte. Se Nina fosse capaz de acabar com ele, que chance eu teria contra ela? Mas não consigo me mexer. Preciso ter certeza de que ele está bem.

– Volta pro seu quarto – ordena ela.

Engulo um nó na garganta.

– Não.

– Volta pro seu quarto, ou então você está demitida.

Ela está falando sério, posso ver nos seus olhos. Mas continuo paralisada. Começo a protestar de novo, então ouço algo – algo que faz meus ombros desabarem de alívio.

O som da torneira sendo aberta na suíte principal. Andrew está bem. Só está no banheiro.

Graças a Deus.

– Feliz agora? – Seus olhos azul-claros parecem gelo, mas há algo mais. Uma pontada de diversão. Ela gosta de me assustar. – Meu marido está vivo e bem.

Abaixo a cabeça.

– Eu só queria… Desculpa por ter incomodado.

Eu me viro e saio me arrastando pelo corredor. Posso sentir os olhos de Nina nas minhas costas. Quando estou quase na escada, a voz dela ressoa atrás de mim.

– Millie?

Eu me viro. Sua camisola branca brilha à luz do luar que invade o corredor, como se ela fosse um anjo. Exceto pelo sangue. E agora também posso ver uma pequena poça vermelha se formando no chão, sob sua mão direita ferida.

– Sim?

– Fique no sótão à noite. – Ela faz uma pausa, os olhos cravados em mim. – Você entendeu?

Ela não precisa me dizer uma segunda vez. Não quero sair do sótão nunca mais.

DEZENOVE

Na manhã seguinte, Nina está de volta à sua versão mais agradável, tendo aparentemente esquecido a noite anterior. Não fosse o curativo em volta da mão direita, eu acharia que tudo não passou de um sonho aterrorizante. A atadura branca está pontilhada de vermelho.

Embora não esteja sendo pessoalmente estranha comigo, Nina *está* mais esgotada do que o normal esta manhã. Quando sai para levar Cecelia à escola, os pneus de seu carro cantam no asfalto. Quando volta para casa, fica parada no meio da sala de estar por um momento, olhando para as paredes, até que eu finalmente saio da cozinha e pergunto se está tudo bem com ela.

– Estou bem. – Ela ajeita a gola da blusa branca, que está toda amarrotada, embora eu tenha certeza de que a passei. – Você faria a gentileza de me preparar um café da manhã, Millie? O de sempre.

– Claro – respondo.

"O de sempre" para Nina são três ovos mexidos com muita manteiga e queijo parmesão, quatro fatias de bacon e pão, também com manteiga. É impossível não pensar nos comentários que a mulher da APM fez na ausência de Nina sobre o peso dela, embora eu respeite o fato de ela não controlar cada caloria que entra em sua boca do jeito que as outras fazem. Nina não é vegana nem zero glúten. Pelo que sei, ela come o que quer e mais um pouco. Vive, inclusive, fazendo lanchinhos tarde da noite, como evidencia a louça que deixa na bancada para que eu lave pela manhã. Nenhum desses pratos jamais chega à máquina de lavar louça.

Sirvo a ela o prato de comida na mesa de jantar com um copo de suco de laranja ao lado. Ela examina a comida, e fico preocupada de estar diante da versão de Nina que vai dizer que tudo que servi está malfeito, ou então alegar que em momento algum me pediu para preparar o café da manhã. Mas, em vez disso, ela sorri com doçura para mim.

– Obrigada, Millie.

– De nada. – Hesito e fico ali parada por um instante. – A propósito, Andrew me perguntou se eu poderia comprar dois ingressos pro *Showdown*, na Broadway.

Os olhos dela se iluminam.

– Ele é *tão* atencioso. Pode, sim, seria ótimo.

– Quais são os melhores dias pra você?

Ela coloca uma colherada de ovos mexidos na boca e mastiga, pensativa.

– Eu estou livre sem ser neste domingo, o próximo, se der pra conciliar.

– Perfeito. E posso tomar conta da Cecelia, claro.

Nina coloca mais ovos mexidos na boca. Cai um pouco de seus lábios e suja sua blusa branca. Ela nem parece notar e continua enfiando comida na boca.

– Obrigada mais uma vez, Millie. – Ela me olha. – Eu não sei mesmo o que faríamos sem você.

Ela adora me dizer isso. Ou que vai me demitir. Sempre uma coisa ou outra. Mas imagino que não seja culpa dela. Nina definitivamente tem problemas psicológicos como suas amigas disseram. Não consigo parar de pensar em sua suposta internação em um hospital psiquiátrico. Ninguém é trancado num lugar desses sem motivo. Algo ruim deve ter acontecido, e parte de mim está morrendo de vontade de saber o que foi. Mas não posso perguntar a ela, e minhas tentativas de arrancar essa história de Enzo não deram em nada.

Nina praticamente já limpou o prato – tendo devorado os ovos, o bacon e o pão em menos de cinco minutos – quando Andrew desce correndo as escadas. Fiquei um pouco preocupada com ele depois da noite anterior, mesmo depois de ouvir a torneira aberta. Não que fosse um cenário provável, mas talvez, sei lá, Nina tivesse colocado algum tipo de temporizador automático na torneira só para fazer parecer que ele estava no banheiro, vivo e bem. Como já falei, não parecia provável, mas também não parecia *impossível*. De todo modo, é um alívio

vê-lo intacto. Minha respiração trava um pouco com a visão de seu terno cinza-escuro combinando com uma camisa azul-clara.

Pouco antes de Andrew entrar na sala de jantar, Nina afasta o prato de comida. Ela se levanta e alisa o cabelo louro, que não tem o brilho habitual, e noto que as raízes escuras estão ainda mais visíveis do que antes.

– Oi, Andy. – Ela oferece a ele um sorriso deslumbrante. – Como você está hoje?

Ele começa a responder, mas logo baixa o olhar para o bocado de ovo ainda grudado na blusa dela. Andrew dá um sorrisinho de canto de boca.

– Nina, tem um pouquinho de ovo na sua blusa.

– Ah! – As bochechas dela ficam rosadas enquanto esfrega o ovo da roupa. No entanto, como está ali há vários minutos, a mancha persiste no delicado tecido branco. – Desculpa!

– Tudo bem… Você está linda mesmo assim. – Ele a segura pelos ombros e a puxa para um beijo. Eu a vejo se derreter toda contra o marido e ignoro a pontada de ciúme no meu peito. – Tenho que correr para o escritório, mas te vejo à noite.

– Eu te acompanho, meu amor.

Nina é sortuda demais. Ela tem tudo. Sim, foi internada em um hospital psiquiátrico, mas pelo menos não esteve na cadeia. E aqui está ela, com uma casa incrível, rios de dinheiro e um marido que é gentil, engraçado, rico, atencioso e… bem, absolutamente lindo.

Fecho os olhos por um momento e penso em como seria viver no lugar dela. Ser a mulher responsável por esta casa. Ter as roupas caras, os sapatos e o carro chiques. Ter uma empregada em quem eu pudesse mandar – que pudesse forçar a cozinhar e limpar para mim, e a morar num minúsculo buraco no sótão enquanto tenho um quarto imenso com cama king-size e lençóis caríssimos. E, além de tudo, ter um marido como Andrew. Ter seus lábios pressionados contra os meus, como ele faz com ela. Sentir o calor do corpo dele contra o meu peito…

Ai, meu Deus, preciso *parar* de pensar nisso. *Agora*. Em minha defesa, faz muito tempo que não vivo algo assim. Passei dez anos na prisão, fantasiando sobre o cara perfeito que conheceria quando saísse, que me salvaria de tudo. E agora…

Bem, pode ser que aconteça. É possível.

Subo as escadas e começo a arrumar as camas e limpar os quartos. Acabei de terminar e estou voltando para o andar de baixo quando a campainha toca. Corro para atender e fico surpresa ao ver Enzo na porta, segurando uma caixa de papelão gigante nos braços.

– *Ciao* – cumprimento, me lembrando da saudação que ele me ensinou.

Ele acha graça, dá para ver em seu rosto.

– *Ciao*. Isso… pra você.

Entendo de imediato o que deve ter acontecido. Às vezes, os entregadores não se dão conta de que podem entrar pelo portão, então despejam pacotes pesados do lado de fora, de modo que tenho que ir pegá-los. Enzo deve ter visto o entregador deixar o pacote e gentilmente o trouxe para mim.

– *Grazie* – respondo.

Ele ergue as sobrancelhas para mim.

– Você quer… Eu…

Levo um segundo para entender o que ele está perguntando.

– Ah… sim, pode colocar na mesa de jantar.

Aponto para a mesa e ele carrega o pacote até lá. Em seguida, lembro que Nina surtou na outra vez que Enzo entrou na casa, mas ela não está aqui e a caixa parece pesada demais para eu carregar. Depois que ele a coloca sobre a mesa, olho para o endereço do remetente: Evelyn Winchester. Provavelmente alguém da família de Andrew.

– *Grazie* – repito.

Enzo assente. Está vestindo uma camiseta branca e calça jeans – está *muito bonito*. Ele está sempre por aí, em algum lugar da vizinhança, dando duro em algum jardim, e muitas das mulheres ricas das redondezas adoram cobiçá-lo. Para falar a verdade, prefiro a aparência de Andrew e, claro, há a barreira do idioma. Mas talvez me divertir um pouco com Enzo fosse bom para mim. Aliviaria um pouco essa energia reprimida, e talvez eu parasse de ter fantasias totalmente inadequadas com o marido da minha chefe.

Não tenho certeza de como abordar o assunto, já que ele parece não falar inglês, mas tenho certeza de que a linguagem do amor é universal.

– Água? – ofereço, enquanto estou tentando descobrir exatamente como prosseguir.

Ele assente.

– *Si.*

Corro para a cozinha e pego um copo do armário. Encho até a metade com água e depois levo para ele. Ele aceita, agradecido.

– *Grazie.*

Seus bíceps se evidenciam enquanto ele bebe a água. Enzo tem um corpo *muito* bonito. Fico imaginando como é na cama. Provavelmente fantástico.

Remexo as mãos enquanto ele mata a sede.

– Então, hum… você está… ocupado?

Ele abaixa o copo e me olha sem entender.

– Quê?

– Hum. – Pigarreio. – Tipo, você tem muito… trabalho?

– Trabalho.

Ele assente diante de uma palavra que compreende. Sério, não entendo. Faz três anos que Enzo trabalha aqui e não entende mesmo nada de inglês?

– *Si. Molto occupato.*

– Ah.

Isso não está indo bem. Talvez eu devesse ir direto ao ponto.

– Olha. – Dou um passo na direção dele. – Eu só pensei que talvez você quisesse fazer… uma pequena pausa?

Seus olhos escuros analisam meu rosto. Ele tem olhos bonitos.

– Eu… não entendo.

Eu vou conseguir – linguagem do amor e tal.

– Uma pausa. – Estico o braço, coloco a mão no peito dele e levanto uma sobrancelha sugestivamente. – Você sabe.

Eu esperava que, a esta altura, ele sorrisse para mim, me erguesse do chão e me carregasse até o sótão, onde passaria horas me devorando. O que não esperava é a forma como seus olhos escurecem. Ele se afasta de mim como se minha mão estivesse pegando fogo e solta uma frase em um italiano veloz e irritado. Não faço ideia do que está dizendo – só sei que não está falando "olá" nem "obrigado".

– Eu… Desculpa, mesmo – falo, impotente.

– *Sei pazzo*! – grita Enzo. Ele passa a mão pelo cabelo preto. – *Che cavolo*!

Muito constrangedor. Quero me enfiar debaixo da mesa. Tipo, até achei que havia uma chance de ele me rejeitar, mas não com tanta veemência.

– Eu… eu não tive a intenção…

Ele olha para a escada quase com medo e depois volta a olhar para o meu rosto.

– Eu… eu vou. Agora.

– Tá bem. – Assinto para ele. – Claro. Eu… Me desculpa. Só estava sendo amigável. Não queria…

Ele me lança um olhar de quem sabe que o que acabei de dizer foi pura enrolação. Acho que algumas coisas são *mesmo* universais.

– Desculpa – falo pela terceira vez enquanto ele caminha em direção à porta. – E… obrigada pelo pacote. *Grazie*.

Ele para na porta, virando-se para que seus olhos escuros encontrem os meus.

– Você… sai daqui, Millie – diz ele em seu inglês picotado. – É… – Contrai os lábios, então consegue encontrar a palavra que me disse no dia em que nos conhecemos, desta vez em inglês: – Perigoso.

Ele olha de volta para a escada mais uma vez, com uma expressão perturbada no rosto. Então balança a cabeça e, antes que eu possa impedi-lo de ir embora para tentar descobrir o que quer dizer, Enzo sai em disparada pela porta da frente.

VINTE

Meu Deus, como isso foi humilhante.

Ainda estou me recuperando da vergonha de Enzo ter me rejeitado enquanto espero a aula de sapateado de Cecelia terminar. Minha cabeça está latejando, e o bater de pezinhos em uníssono vindo da sala de dança não ajuda em nada. Olho ao redor, pensando se mais alguém acha tão irritante quanto eu. Não? Só eu mesmo?

A mulher na cadeira ao lado da minha por fim me lança um olhar solidário. Com base em sua pele naturalmente lisa, sem sinais de *facelift* nem Botox, suponho que tenha mais ou menos a minha idade, o que me faz pensar que ela também não está ali buscando a filha. É uma das *criadas*, como eu.

– Analgésico? – pergunta a mulher.

Ela deve ter um sexto sentido para perceber meu desconforto. Ou isso, ou meus suspiros estão lhe passando a mensagem.

Hesito, mas depois aceito. Um analgésico não vai fazer desaparecer a humilhação de ter sido rejeitada pelo jardineiro italiano gostoso, mas pelo menos vai aliviar minha dor de cabeça.

Ela enfia a mão em sua grande bolsa preta e tira uma caixa de remédio. Ergue as sobrancelhas para mim, e eu estendo a mão, onde ela coloca duas pequenas cápsulas vermelhas. Eu as atiro na boca e engulo sem água mesmo. Fico imaginando quanto tempo vai demorar para que façam efeito.

– Bom, meu nome é Amanda – diz ela. – A traficante de drogas oficial da sala de espera da aula de sapateado.

Dou uma risada, apesar de tudo.

– Quem você veio buscar?

Ela afasta do ombro os fios castanhos presos em um rabo de cavalo.

– As gêmeas Bernsteins. Você precisa ver as duas sapateando juntas, é bem impressionante… já que estamos falando em dores de cabeça. E você?

– Cecelia Winchester.

Amanda solta um assobio baixo.

– Você trabalha pros Winchesters? Boa sorte.

Aperto meus joelhos.

– Como assim?

Ela dá de ombros.

– Nina Winchester. Você sabe. Ela é… – Ela faz o sinal universal de "doida" com o dedo indicador. – Não é?

– Como você sabe?

– Ah, *todo mundo* sabe. – Ela me lança um olhar. – Além disso, tenho a sensação de que a Nina é do tipo ciumenta. E o marido dela é *muito* gostoso, você não acha?

Desvio o olhar.

– Acho que sim, não sei.

Amanda começa a revirar sua bolsa enquanto lambo meus lábios. Esta é a oportunidade que eu estava esperando. Alguém de quem eu possa arrancar informações sobre Nina.

– Então – começo –, por que as pessoas falam que a Nina é maluca?

Ela olha para cima e, por um momento, tenho medo de que se ofenda com o fato de eu obviamente a estar interrogando. Mas ela apenas sorri.

– Você sabe que ela foi parar numa casa de pirados, né? Todo mundo fala disso.

Estremeço com o uso da expressão "casa de pirados". Tenho certeza de que ela tem outros termos igualmente vibrantes para o lugar onde passei a última década da minha vida. Mas preciso ouvir isso. Meu coração acelera, batendo em sincronia com os pezinhos na sala ao lado.

– Ouvi falar…

– Cecelia era bebê na época. Coitadinha… Se a polícia tivesse chegado um segundo depois…

– Como assim?

Ela abaixa a voz um pouco, olhando ao redor da sala.

– Você sabe o que ela fez, não sabe?

Balanço a cabeça, sem palavras.

– Foi horrível… – Amanda respira fundo. – Ela tentou afogar a Cecelia na banheira.

Cubro a boca com a mão.

– Ela… *o quê*?

Amanda assente solenemente.

– Nina drogou a criança, jogou ela na banheira com a torneira aberta e depois se entupiu de remédios.

Abro a boca, mas nenhuma palavra sai. Estava esperando alguma história do tipo, sei lá, que ela tivesse discutido a respeito da melhor cor para tutus com alguma outra mãe durante o ensaio de balé e depois tido um colapso. Ou talvez porque a manicure favorita tivesse decidido se aposentar e ela não suportou. Isso é bem diferente. A mulher tentou matar a própria filha. Não consigo pensar em nada mais horrível do que isso.

– Andrew Winchester aparentemente estava no escritório dele, em - Manhattan – diz Amanda. – Mas ficou preocupado quando não conseguiu falar com ela. Graças a Deus chamou a polícia depois que conseguiu.

Minha dor de cabeça piorou, apesar do analgésico. Estou realmente prestes a vomitar. Nina tentou matar a filha. Tentou se matar. Meu Deus, não é à toa que toma antipsicóticos.

Não faz nenhum sentido para mim. Posso dizer várias coisas sobre Nina, mas ela claramente ama muito Cecelia. Esse tipo de coisa não dá para fingir. No entanto, acredito em Amanda – com certeza já ouvi esse boato sobre ela não bater bem de uma quantidade suficiente de pessoas. Não parece possível que todo mundo tenha entendido errado.

Nina de fato tentou matar a filha.

Mas, sim, não sei o contexto. Já ouvi falar sobre depressão pós-parto e sobre como ela pode fazer a mente de uma mulher ir para lugares sombrios. Talvez Nina não tivesse ideia do que estava fazendo. Não tem ninguém aqui dizendo que ela *planejou* matar a filha. Até porque, se isso fosse verdade, ela estaria na cadeia agora. Para sempre.

Mesmo assim. Por mais que eu me preocupasse com o estado mental de Nina, no fundo jamais acreditei que ela tivesse a capacidade de ser realmente violenta. Ela é capaz de muito mais do que eu imaginava.

Pela primeira vez desde que Enzo me rejeitou, penso no pânico em seus olhos enquanto corria em direção à porta da frente. *Você sai daqui, Millie. É… perigoso.* Ele teme por mim. Tem medo de Nina Winchester. Queria tanto que ele falasse inglês. Se falasse, tenho a sensação de que a esta altura eu já teria saído de lá.

Mas, no fundo, o que posso fazer? Os Winchesters me pagam bem, mas não o suficiente para eu me manter por um tempo sem pelo menos mais alguns meses de salário. Se eu me demitir, eles jamais me darão uma recomendação decente. Vou ter que voltar a pesquisar vagas de trabalho, enfrentando uma rejeição atrás da outra toda vez que descobrirem que sou fichada.

Só preciso aguentar um pouquinho mais. E dar o meu melhor para não irritar Nina Winchester. Minha vida pode depender disso.

VINTE E UM

Na hora do jantar, a caixa de papelão que Enzo trouxe para casa ainda está no mesmo local. A fim de pôr a mesa, tento movê-la, mas é *muito* pesada – pela maneira como a carregou sem esforço para dentro da sala, Enzo a fez parecer mais leve do que realmente era. Estou com medo de tentar movê-la e derrubá-la sem querer. Há grandes chances de que haja um vaso da dinastia Ming de valor inestimável lá dentro, ou algo igualmente frágil e caro.

Analiso o endereço do remetente na caixa mais uma vez. Evelyn Winchester – fico imaginando quem é. A caligrafia é grande e cheia de curvas. Dou um empurrão na caixa e algo chacoalha lá dentro.

– Presente de Natal antecipado?

Olho por cima do pacote – Andrew está em casa. Ele deve ter entrado pela garagem e está dando um sorrisinho para mim, a gravata solta ao redor do pescoço. Fico feliz por ele parecer estar com um humor melhor do que no dia anterior. Achei mesmo que ele fosse ficar mal depois da consulta com o médico. E ainda teve aquela discussão terrível à noite, quando quase me convenci de que Nina o havia assassinado. Claro, agora que sei por que ela foi internada, não parece tão improvável.

– Estamos em junho – eu o lembro.

Ele estala a língua.

– Nunca é cedo demais pro Natal.

Ele contorna a lateral da mesa para examinar o endereço do remetente no

pacote. Andrew está a apenas alguns centímetros de mim, e sinto o cheiro de sua loção pós-barba. Tem um aroma… gostoso. Caro.

Pare com isso, Millie. Pare de cheirar seu chefe.

– É da minha mãe – explica Andrew.

Sorrio para ele.

– Sua mãe ainda te manda mimos de casa?

Ele ri.

– Ela costumava mandar, na verdade. Principalmente antes, quando a Nina estava… doente.

Doente. É um belo eufemismo para o que Nina fez. Simplesmente não consigo entender isso.

– Provavelmente é alguma coisa pra Cece – comenta. – Minha mãe adora mimar essa menina. Ela sempre diz que, como a Cece só tem uma avó, é seu dever mimá-la.

– E os pais da Nina?

Ele faz uma pausa, com as mãos na caixa.

– Os pais da Nina morreram quando ela era nova. Nem cheguei a conhecer os dois.

Nina tentou se matar. Tentou matar a própria filha. E agora descubro que seus pais também já morreram. Só espero que a empregada não seja a próxima.

Não. Preciso parar de pensar assim. É mais provável que os pais de Nina tenham morrido de câncer ou alguma doença cardíaca. O que quer que houvesse de errado com ela, eles obviamente acharam que a filha estava pronta para voltar à sociedade. Eu deveria dar a ela o benefício da dúvida.

– Enfim – diz Andrew, endireitando-se –, deixa eu abrir isso.

Ele corre para a cozinha e volta um minuto depois com um estilete. Abre o topo da caixa e puxa as abas. Estou bastante curiosa a esta altura. Passei o dia inteiro olhando para essa caixa, imaginando o que havia dentro. Tenho certeza de que, seja lá o que for, é algo absurdamente caro. Ergo as sobrancelhas enquanto Andrew olha para a caixa, a cor sumindo de seu rosto.

– Andrew? – chamo, franzindo a testa. – Você está bem?

Ele não responde. Em vez disso, afunda em uma das cadeiras e pressiona a ponta dos dedos na testa. Corro para confortá-lo, mas não consigo deixar de dar uma olhada no interior da caixa.

E então entendo por que ele está tão chateado.

A caixa está cheia de coisas de bebê. Mantinhas brancas, chocalhos, bonecas. Há uma pequena pilha de macacões brancos minúsculos.

Nina estava tagarelando para quem quisesse ouvir que eles teriam um bebê em breve. Com certeza, ela mencionou isso para a mãe de Andrew, que decidiu enviar presentes. Infelizmente, ela se precipitou.

Andrew está com o olhar vidrado.

– Você está bem? – pergunto mais uma vez.

Ele pisca como se tivesse se esquecido da minha presença. Depois, consegue dar um sorriso lacrimejante.

– Estou bem. Mesmo. Eu só… não precisava ver isso.

Deslizo para a cadeira ao lado dele.

– Quem sabe o médico esteja errado?

Parte de mim se pergunta por que ele iria *querer* ter um filho com Nina, em especial depois do que ela quase fez com Cecelia. Como ele poderia confiar um bebê nas mãos dela depois de Nina ter feito algo assim?

Ele esfrega o rosto.

– Tudo bem. Nina é mais velha que eu e teve alguns… problemas quando a gente se casou, e não me senti confortável pra ter um bebê na época. Então esperamos e agora…

Olho para ele, surpresa.

– Nina é mais velha que você?

– Um pouco. – Ele dá de ombros. – Ninguém se importa com idade quando está apaixonado. E eu amava ela. – Não me escapa o fato de ele ter usado o verbo no passado para se referir a seus sentimentos pela esposa. Ele percebe isso também, porque seu rosto fica vermelho. – Quer dizer, eu *amo*. Amo a Nina. E, aconteça o que acontecer, nós temos um ao outro.

Ele diz as palavras com convicção, mas, ao olhar para a caixa de novo, uma expressão muito triste surge em seu rosto. Não importa o que diga, não está feliz com o fato de que ele e Nina não terão outro filho juntos. Está sendo difícil para ele.

– Eu… vou colocar a caixa no porão – murmura Andrew. – Talvez alguém na vizinhança tenha um bebê e a gente possa dar isso de presente. Ou então a gente pode só… pode só doar. Tenho certeza de que alguém vai aproveitar.

Sou tomada pelo desejo irreprimível de abraçá-lo. Apesar de seu sucesso financeiro, sinto pena de Andrew. Ele é um cara muito bacana e merece ser feliz. E estou começando a me perguntar se Nina – com todos os seus problemas e as mudanças de humor bizarras – é capaz de fazer esse homem feliz. Ou se ele só está preso a ela por obrigação.

– Se quiser falar sobre isso – falo suavemente –, eu estou aqui.

Seus olhos encontram os meus.

– Obrigado, Millie.

Coloco minha mão sobre a dele – um gesto para confortá-lo. Ele vira a mão e aperta a minha. Com o toque de sua palma contra a minha, uma sensação me atravessa como um raio. É algo que nunca senti antes. Olho para os olhos castanhos de Andrew e posso dizer que ele sente isso também. Por um momento, nós dois apenas nos encaramos, atraídos por alguma conexão invisível e indescritível. Então, seu rosto fica vermelho.

– É melhor eu ir. – Ele puxa a mão para longe da minha. – Eu deveria… Quer dizer, tenho que…

– Claro.

Ele se levanta de um pulo e deixa a sala de jantar às pressas. Mas, pouco antes de desaparecer escada acima, me lança um último olhar demorado.

VINTE E DOIS

Passo a semana seguinte evitando Andrew Winchester.

Não posso mais negar meus sentimentos por ele. Não são quaisquer sentimentos. Tenho uma queda absurda por esse homem. Penso nele o tempo todo. Até sonho com ele me beijando.

E ele pode ter sentimentos por mim também, embora afirme que ame Nina. Mas o ponto-chave é que não quero perder este emprego. Ninguém consegue manter um emprego dormindo com o patrão casado. Então, faço o meu melhor para esconder meus sentimentos. De todo modo, Andrew passa a maior parte do dia no trabalho. É bem fácil ficar fora do caminho dele.

Esta noite, enquanto estou servindo a refeição, me preparando para sair correndo antes que Andrew chegue, Nina entra na sala de jantar. Ela balança a cabeça em aprovação para o salmão com arroz selvagem de acompanhamento. E, claro, nuggets de frango para Cecelia.

– O cheiro está maravilhoso, Millie.

– Obrigada. – Fico perto da cozinha, pronta para encerrar a noite, a rotina de sempre. – Mais alguma coisa?

– Só uma. – Ela ajeita o cabelo louro. – Você conseguiu os ingressos para o *Showdown*?

– Sim! – Consegui os dois últimos assentos no melhor setor para o próximo domingo à noite. Fiquei muito orgulhosa de mim mesma. Custaram uma pequena fortuna, mas os Winchesters podem pagar. – Vocês estão na sexta fila. Dá pra praticamente tocar os atores.

– Perfeito! – Nina bate palmas. – E você reservou o quarto no hotel?

– No Plaza.

Como a viagem até Manhattan é longa, Nina e Andrew passarão a noite no Plaza. Cecelia vai ficar na casa de uma amiga, e eu com esta casa inteirinha só para mim. Posso andar pelada se quiser. (Não estou planejando fazer isso, mas é bom saber que posso.)

– Vai ser tão lindo. – Nina suspira. – Eu e o Andy precisamos *mesmo* disso.

Seguro a língua. Não vou fazer nenhum comentário sobre o estado do relacionamento dos dois, principalmente porque a porta bate neste momento, o que significa que Andrew está em casa. Basta dizer que, desde a visita ao médico e a briga em seguida, eles parecem um pouco distantes. Não que eu esteja prestando atenção, mas é difícil não notar a estranha polidez que têm um com o outro. E a própria Nina não parece muito bem. Agora, por exemplo, sua blusa branca está abotoada errada. Ela pulou um botão, e a peça está toda desconjuntada. Estou me coçando para dizer a ela, mas vai gritar comigo se eu o fizer, então mantenho a boca fechada.

– Espero que se divirtam muito.

– Vamos nos divertir! – Ela sorri para mim. – Vai ser difícil aguentar esperar a semana inteira!

Franzo a testa.

– A semana inteira? O espetáculo é daqui a três dias.

Andrew entra na cozinha tirando a gravata. Ele para quando me vê, mas reprime uma reação, assim como sufoco a minha própria diante de como ele fica bonito no terno que está usando.

– Três dias? – repete Nina. – Millie, pedi pra você comprar os ingressos para o outro domingo! Eu me lembro bem disso.

– Foi… – Balanço a cabeça. – Mas você me disse isso há mais de uma semana. Então comprei pra *este* domingo.

As bochechas de Nina ficam rosadas.

– Então você admite que te falei pra comprar para o outro domingo e mesmo assim você comprou para *esse*?

– Não, o que estou dizendo é que…

– Não consigo acreditar que você possa ser tão descuidada assim. – Ela cruza

os braços. – Não posso ir neste domingo. Preciso levar a Cecelia ao acampamento de verão em Massachusetts e vou passar a noite lá.

O quê? Eu poderia jurar que ela me disse para reservar para este domingo e que Cecelia ficaria na casa de uma amiga. É impossível que tenha me enganado.

– Talvez outra pessoa possa levar a Cecelia? Quer dizer, os ingressos não têm reembolso.

Nina parece ofendida.

– Não vou deixar que outra pessoa leve a minha filha para o acampamento de verão, sendo que vou ficar duas semanas sem vê-la!

Por que não? Não é pior do que tentar matar a menina. Mas não posso dizer isso.

– Não acredito que você estragou tudo, Millie. – Ela balança a cabeça. – O custo desses ingressos e do quarto de hotel vão ser descontados do seu salário.

Fico boquiaberta. O valor dos ingressos e de um quarto de hotel no Plaza é maior do que o meu salário. Caramba, é maior do que *três* salários. Estou tentando economizar para poder dar o fora daqui. Pisco, tentando não chorar diante da ideia de não receber nada num futuro próximo.

– Nina – interrompe Andrew. – Não fica chateada com isso. Olha, tenho certeza de que tem algum jeito de conseguir o reembolso dos ingressos. Vou ligar pra empresa do cartão de crédito e resolver isso.

Nina me lança um olhar fulminante.

– Ok. Mas se não conseguirmos o dinheiro de volta, você vai pagar. Entendeu?

Assinto sem dizer nada, e então corro para a cozinha antes que ela me veja chorando.

VINTE E TRÊS

No domingo à tarde, recebo duas boas notícias.

Primeiro, Andrew conseguiu o reembolso dos ingressos e não vou ter que trabalhar de graça.

Segundo, Cecelia vai passar duas semanas inteiras fora.

Não sei qual dessas revelações me deixa mais feliz.

Estou contente por não ter que desembolsar o dinheiro dos ingressos. Estou ainda mais, porém, por não ter que servir Cecelia. Filho de peixe, peixinho é.

Cecelia tem bagagem suficiente para pelo menos um ano. Juro por Deus, é como se ela tivesse colocado tudo que possui nessas malas e depois, no espaço restante, enchido de *pedras*. É assim que me sinto quando carrego tudo para o Lexus de Nina.

– Por favor, toma cuidado com isso, Millie. – Nina me observa, preocupada enquanto reúno uma força sobre-humana para colocar as bagagens no porta-malas. As palmas das minhas mãos estão vermelhas no lugar onde eu segurava as alças. – Vê se não quebra nada, por favor.

O que Cecelia poderia estar carregando de tão frágil para o acampamento? As crianças não levam só roupas, livros e repelente contra insetos? Mas quem sou eu para questionar.

– Desculpa.

Quando volto para a casa a fim de buscar as últimas malas de Cecelia, esbarro com Andrew descendo as escadas às pressas. Ele me pega prestes a levantar a mala monstruosa e seus olhos se arregalam.

– Ei – diz ele. – Eu carrego isso pra você. Parece muito pesado.

– Não, está tudo bem, eu levo – insisto, só porque Nina está saindo da garagem.

– Pode deixar, ela leva, Andy. – Nina faz um sinal de "não" com o dedo. – Você precisa ter cuidado com as suas costas.

Ele lança um olhar atravessado para ela.

– Minhas costas estão bem. De todo modo, quero me despedir da Cece.

Nina faz uma careta.

– Tem certeza de que não quer vir com a gente?

– Bem que eu queria – responde ele. – Mas não posso perder um dia inteiro de trabalho amanhã. Tenho várias reuniões à tarde.

Ela torce o nariz.

– Você sempre coloca o trabalho em primeiro lugar.

Ele fecha a cara. Eu não o culpo por ter ficado magoado com o comentário dela – pelo que sei, isso não é verdade. Apesar de ser um empresário bem-sucedido, Andrew está em casa toda noite para o jantar. Uma vez ou outra, trabalha nos fins de semana, mas também esteve presente em duas apresentações de dança este mês, uma de piano, uma cerimônia de formatura do quinto ano, uma apresentação de caratê, e teve ainda uma noite em que eles passaram horas em uma espécie de amostra de arte da escola da Cecelia.

– Desculpa – diz ele mesmo assim.

Ela torce o nariz mais uma vez e vira a cabeça. Andrew estende a mão para tocar seu braço, mas ela o afasta e sai em disparada em direção à cozinha para pegar a bolsa.

Ele ergue a última mala nos braços e vai até a garagem para despejá-la no porta-malas e se despedir de Cecelia, que está sentada no Lexus cor de neve da Nina, usando um vestido branco rendado que é totalmente inadequado para um acampamento de verão. Não que eu vá dizer alguma coisa.

Duas semanas inteiras sem aquela monstrinha. Quero pular de alegria. Em vez disso, curvo os lábios para baixo.

– Vai ser triste sem a Cecelia aqui este mês – comento quando Nina volta da cozinha.

– Jura? – diz ela secamente. – Eu achava que você não suportava ela.

Meu queixo cai. Tipo, sim, ela tem razão, eu e Cecelia não nos damos muito

bem. Mas não tinha me dado conta de que ela sabia que eu me sentia assim. Se Nina sabe disso, será que percebe que não sou uma grande fã dela também?

Nina alisa a blusa branca e volta para a garagem. Assim que se retira, é como se toda a tensão tivesse sido sugada de mim. Sempre me sinto no limite quando Nina está por perto. É como se ela estivesse dissecando tudo que faço.

Andrew volta da garagem, esfregando as mãos na calça jeans. Amo o fato de ele usar camiseta e calça jeans nos fins de semana. Amo o jeito como seu cabelo fica despenteado quando está fazendo atividades físicas. Amo o jeito que sorri e pisca para mim.

Fico imaginando se ele sente o mesmo que eu em relação à partida de Nina.

– Então – começa ele –, agora que a Nina já foi, tenho uma confissão pra fazer.

– Hã?!

Uma confissão? *Estou loucamente apaixonado por você. Vou abandonar a Nina pra que a gente possa ir juntos para Aruba.*

Não, bem pouco provável.

– Não consegui o reembolso dos ingressos. – Ele abaixa a cabeça. – Eu não queria que a Nina te infernizasse por causa disso. Ou tentasse te *cobrar*, pelo amor de Deus. Tenho certeza de que foi ela que te disse a data errada.

Assinto lentamente.

– Ela disse, sim, mas… Bom, obrigada mesmo assim. De verdade.

– Então… tipo, você deveria ficar com os ingressos. Vai até lá hoje à noite e assiste ao espetáculo com uma amiga. E você pode passar a noite no quarto do Plaza.

Quase engasgo.

– É muito *generoso* da sua parte.

O lado direito de seus lábios se curva para cima.

– Bom, já temos os ingressos. Por que eles deveriam ir pro lixo? Aproveita.

– É… – Brinco com a bainha da minha camiseta, pensativa. Não consigo imaginar o que Nina diria se descobrisse. E tenho que admitir, só a ideia de ir já me dá ansiedade. – Agradeço mesmo, mas vou ter que recusar.

– Sério? Parece que esse é o melhor espetáculo da década! Você não gosta de ir a shows na Broadway?

Ele não faz ideia do que foi a minha vida, do que fiz ao longo dos últimos dez

anos.

– Eu nunca fui a um show na Broadway.

– Então você precisa ir! Eu insisto!

– Tudo bem, mas… – Respiro fundo. – A verdade é que não tenho com quem ir. E não sinto vontade de ir sozinha. Então, como falei, vou ter que recusar.

Andrew me encara por um momento, esfregando o dedo na leve barba por fazer no queixo. Por fim, diz:

– Eu vou com você.

Ergo as sobrancelhas.

– Tem certeza de que é uma boa ideia?

Ele hesita.

– Eu sei que a Nina é meio ciumenta, mas isso não é motivo pra desperdiçarmos ingressos caros como esses. E é um crime você nunca ter visto um show na Broadway. Vai ser divertido.

Sim, vai ser divertido. É com isso que estou preocupada, caramba.

Imagino a noite se desenrolando. Ir até Manhattan no BMW de Andrew, me sentar na sexta fileira da plateia para assistir a um dos shows mais cobiçados da Broadway, depois talvez comer algo em um restaurante próximo e saborear um copo de prosecco. Ter uma conversa com Andrew em que não precisamos nos preocupar com Nina aparecendo e olhando de cara feia para nós dois.

Parece maravilhoso.

– Está bem – respondo. – Vamos, então.

O rosto de Andrew se ilumina.

– Maravilha. Vou me trocar e a gente se encontra aqui em mais ou menos uma hora, ok?

– Combinado.

Enquanto subo as escadas para o sótão, sinto um aperto, um bolo pesado na boca do estômago. Por mais que esteja ansiosa para hoje à noite, tenho um mau pressentimento. Não consigo me livrar da sensação de que, se eu for para o show hoje à noite, algo terrível vai acontecer. Já tenho uma queda totalmente inapropriada por Andrew. Parece que passar a noite inteira com ele, só nós dois, é brincar com o destino.

Mas isso é ridículo. Nós vamos para Manhattan para curtir um espetáculo.

Somos dois adultos e estamos completamente no controle de nossas próprias ações. Vai ficar tudo bem.

VINTE E QUATRO

Não posso ir a um show da Broadway de jeans e camiseta, disso não tenho dúvida. Dei uma olhada na internet e oficialmente não há código de vestimenta, mas parece inadequado. De todo modo, Andrew disse que ia se trocar, então preciso usar algo bacana.

O problema é que não tenho nada do tipo.

Quer dizer, tecnicamente tenho. Aquela sacola de roupas que Nina me deu. Pendurei as peças para que não estragassem, mas ainda não usei nenhuma. Em sua maioria, são todos vestidos chiques, e não dá para dizer que enquanto limpava a casa dos Winchesters eu tenha tido muitas oportunidades de me arrumar para eventos. Com certeza não quero botar um vestido de festa para passar o aspirador.

Mas esta noite é uma oportunidade para me arrumar. Talvez a única que terei por muito tempo.

O maior problema é que todos os vestidos são absurdamente *brancos*. Claro, esta é a cor favorita da Nina. Acontece que branco *não é* minha cor favorita. Acho que nem tenho uma cor favorita (qualquer coisa menos laranja para mim está bom), mas nunca gostei de usar branco porque suja muito fácil. Vou ter que ser especialmente cuidadosa esta noite. E não vai ser tudo branco, porque não tenho sapatos dessa cor. Só tenho sapatilhas pretas, então é isso que vou usar.

Olho os vestidos, tentando descobrir qual seria o mais apropriado para esta noite. São todos lindos, e também extremamente sexy. Escolho um vestido de festa justo, com uma frente única de renda, bem na altura dos joelhos.

Considerando que Nina é bem maior do que eu, presumi que ficaria largo em mim. Mas ela deve ter comprado essa peça há muitos anos: o vestido se encaixa tão bem no meu corpo que nem que eu tivesse comprado algo especificamente para mim ficaria tão perfeito.

Pego leve na maquiagem. Apenas algumas pinceladas de batom, um pouquinho de delineador, e é isso. O que quer que aconteça esta noite, vou me comportar. A última coisa que quero é confusão. E não tenho dúvidas de que, se Nina suspeitar de alguma coisa entre mim e o marido dela, seu maior objetivo na vida será acabar comigo.

Andrew já está na sala quando desço as escadas. Está vestindo um paletó cinza e uma gravata combinando, e se deu ao trabalho de tomar banho e fazer a barba que despontava no queixo. Ele está… meu Deus, ele está maravilhoso. Lindo de morrer. Tão bonito que quero agarrá-lo pela gola da camisa. Mas o mais incrível é a maneira como seus olhos se arregalam quando me vê, e ele respira fundo ruidosamente.

E então, por alguns segundos, apenas olhamos um para o outro.

– Meu Deus, Millie. – A mão dele treme um pouco enquanto ajusta a gravata. – Você está…

Ele não conclui o pensamento, o que provavelmente é uma coisa boa. Porque ele não está olhando para mim como um homem deveria olhar para uma mulher que não é sua esposa.

Abro a boca, imaginando se devo perguntar a ele se isso é uma má ideia. Se talvez devêssemos cancelar tudo. Mas não consigo me forçar a dizer isso.

Andrew enfim desvia o olhar de mim para o relógio de pulso.

– É melhor a gente ir. Estacionar na Broadway pode ser difícil.

– Sim, claro. Vamos.

É impossível voltar atrás agora.

Eu me sinto praticamente uma celebridade quando deslizo para o banco de couro geladinho do BMW de Andrew. Este carro não lembra em nada o meu Nissan. Andrew sobe no banco do motorista e é quando percebo que meu vestido subiu pelas coxas. Quando o coloquei, ele desceu quase até os joelhos, mas, sentada, sei lá por que está batendo no meio da coxa. Eu o puxo, mas, no segundo em que o solto, ele sobe de novo.

Felizmente, os olhos de Andrew estão na rua quando passamos pelo portão

que cerca a propriedade. Ele é um marido bom e fiel. Só porque pareceu que ia desmaiar quando me viu neste vestido não significa que não será capaz de se controlar.

– Estou tão animada – comento enquanto ele pega o caminho para a autoestrada de Long Island. – Não acredito que vou ver *Showdown*.

Ele assente.

– Ouvi dizer que é incrível.

– Até escutei algumas músicas no celular enquanto estava me arrumando – admito.

Ele dá risada.

– Você disse que a gente está na sexta fila, certo?

– Isso mesmo.

Não só vamos ver o show mais cobiçado da Broadway, como vamos ficar tão perto que quase poderemos tocar os atores. Se eles falarem demais, vamos ser atingidos em cheio pelos perdigotos. E, estranhamente, estou animada com tudo isso.

– Mas olha só… – começo.

Ele ergue as sobrancelhas.

– Eu me sinto mal por você não ir com a Nina. – Puxo a bainha do vestido, que parece *empenhado* em mostrar minha calcinha. – Ela que queria esses ingressos.

Ele dá um tapinha no ar.

– Não se preocupa com isso. Desde que a gente se casou, Nina viu mais shows da Broadway do que consigo contar. Isso é especial pra você. Você vai adorar, mesmo. Tenho certeza de que ela gostaria que você aproveitasse.

– Hum.

Não tenho tanta certeza disso.

– Confia em mim. Está tudo bem.

Ele desacelera até parar em um sinal vermelho. Enquanto seus dedos tamborilam no volante, noto que seus olhos se desviam do para-brisa. Depois de um momento, percebo para onde ele está olhando.

Para as minhas pernas.

Ergo os olhos, e ele percebe que foi pego no flagra. Suas bochechas coram e Andrew desvia o olhar.

Cruzo as pernas e me mexo no assento. Nina definitivamente não ficaria feliz se soubesse disso, mas é impossível que descubra. E, de qualquer maneira, não estamos fazendo nada de errado. E daí se Andrew olhou para as minhas pernas? Olhar não tira pedaço.

VINTE E CINCO

É uma bela noite de junho. Trouxe um xale comigo, mas está tão quente que acabo deixando no carro de Andrew, então não tenho nada além do meu vestido branco e minha bolsa descombinados enquanto esperamos na fila para entrar no teatro.

Dou um suspiro quando vejo o interior do lugar. Acho que nunca vi algo assim na minha vida toda. A plateia contém filas e filas de cadeiras, mas, quando levanto a cabeça, há dois conjuntos de assentos que se estendem até a altura do teto. E na frente há uma cortina vermelha que é iluminada por baixo por uma luz amarela provocante.

Quando finalmente me distraio da visão à minha frente, noto que Andrew está com uma expressão contente.

– O que foi? – pergunto.

– É fofa, só isso – diz ele. – A expressão no seu rosto. Estou acostumado com tudo isso, mas estou adorando ver através dos seus olhos.

– É tão grande – falo, timidamente.

Um lanterninha vem nos entregar o programa e nos conduzir aos nossos lugares. E então vem a parte realmente incrível: ele continua nos levando cada vez mais e mais perto. E, quando finalmente chegamos aos nossos lugares, não consigo acreditar em quão próximos estamos do palco. Se eu quisesse, poderia agarrar os atores pelos tornozelos. Não que eu fosse fazer isso, porque definitivamente violaria minha liberdade condicional, mas seria possível.

Ao me sentar ao lado de Andrew em um dos melhores lugares do show mais

cobiçado da cidade neste teatro incrível, não me sinto como uma garota que acabou de sair da cadeia, sem um centavo no bolso e com um emprego que odeia. Eu me sinto *especial*. Como se, talvez, merecesse estar aqui.

Olho para Andrew. Tudo isso está acontecendo por causa dele. Ele poderia ter sido um babaca em relação a tudo isso e me cobrado pelos ingressos, ou ido com um amigo qualquer. Teria todo o direito de fazer isso. Mas não. Ele me trouxe aqui esta noite. E nunca vou me esquecer disso.

– Obrigada – deixo escapar.

Ele gira a cabeça para me olhar. Seus lábios se curvam. Ele é tão bonito quando sorri...

– O prazer é meu.

Ao fundo, é possível ouvir a música tocando e a comoção das pessoas encontrando seus lugares, e mal escuto um zumbido vindo da minha bolsa. É meu celular. Eu o pego e vejo uma mensagem de Nina na tela:

Não esquece de botar o lixo pra fora.

Cerro os dentes. Se tem uma coisa capaz de acabar com todas as fantasias de alguém sobre ser mais do que uma empregada, é uma mensagem da patroa pedindo para você arrastar o lixo até a calçada. Nina sempre me lembra do lixo, toda semana, mesmo que eu nunca tenha esquecido. Mas o pior de tudo é que, quando vejo a mensagem dela, me dou conta de que *esqueci mesmo* de levar o lixo para a calçada desta vez. Costumo fazer isso depois do jantar, e a mudança no cronograma me deixou perdida.

Mas tudo bem. Só tenho que me lembrar de fazer isso mais tarde, quando voltarmos. Depois que o BMW de Andrew se transformar em uma abóbora.

– Tudo bem?

De testa franzida, Andrew me observa ler a mensagem. Meus sentimentos calorosos por ele evaporam um pouco. Andrew não é um cara com quem estou saindo e que está me mimando ao me trazer para um show na Broadway. Ele é meu chefe. É casado. Ele só me trouxe aqui porque sente pena de mim por ser tão inculta.

E não posso me esquecer disso.

• • •

O show é absolutamente incrível.

Estou literalmente na beira do meu assento na sexta fila, boquiaberta. Posso dizer por que esse é um dos shows mais populares da Broadway. Os números musicais são tão cativantes, os de dança, tão elaborados, e, para completar, o ator que interpreta o protagonista é coisa de outro mundo.

Embora eu não possa deixar de pensar que ele não é tão bonito quanto Andrew.

Depois de três sessões de aplausos de pé, o show finalmente acaba e o público começa a se encaminhar em direção às saídas. Andrew se levanta devagar de seu lugar e alonga uma torção nas costas.

– Então, vamos jantar?

Deslizo o programa para dentro da bolsa. É arriscado guardá-lo, mas estou desesperada para não deixar escapar a memória dessa experiência mágica.

– Pode ser. Você tem um lugar em mente?

– Tem um restaurante francês incrível a alguns quarteirões de distância. Você gosta de comida francesa?

– Nunca comi comida francesa – admito. – Mas gosto de pão francês.

Ele ri.

– Acho que você vai gostar. É minha convidada, claro. O que acha?

Acho que Nina não gostaria de saber que o marido dela me levou a um espetáculo da Broadway e depois me convidou para um jantar francês caro. Mas que se dane. Já estamos aqui mesmo, e também o jantar não vai deixá-la *mais* irritada do que o show por si só. Não tem como ficar pior.

– Por mim, está ótimo.

Na minha antiga vida, antes de trabalhar para os Winchesters, eu jamais poderia ter ido a um restaurante francês como aquele ao qual Andrew está me levando. Há um menu afixado na porta, e só de passar o olho em alguns dos preços constato que qualquer entrada me deixaria dura por várias semanas. Mas, ao lado dele, usando o vestido branco de Nina, eu me encaixo aqui. Ninguém vai me pedir para sair, no fim das contas.

Tenho certeza de que, quando entramos no restaurante, todo mundo pensa que somos um casal. Vi nosso reflexo no vidro do lado de fora e ficamos *bem*

juntos. Para falar a verdade, parecemos mais um casal do que ele e Nina. Ninguém percebe que ele usa uma aliança de casamento e eu, não. O que as pessoas podem notar é a maneira como ele gentilmente coloca a mão na parte inferior das minhas costas para me conduzir até nossa mesa e depois puxa uma cadeira para mim.

– Você é mesmo um cavalheiro – comento.

Ele dá uma risadinha.

– Agradeça à minha mãe. Fui criado assim.

– É, ela criou você muito bem.

Ele sorri.

– Ela ficaria muito feliz em ouvir isso.

Claro, isso me faz pensar em Cecelia. Aquela pirralha mimada que parece gostar de me dar ordens. Mas, sim, Cecelia passou por muita coisa. Afinal, sua mãe tentou matá-la.

Quando o garçom vem anotar nossas bebidas, Andrew pede uma taça de vinho tinto, então faço o mesmo. Nem olho os preços. Isso só vai fazer com que me sinta mal, e ele já disse que vai pagar.

– Não faço ideia do que pedir. – Nenhum dos nomes dos pratos soa familiar, o cardápio está todo em francês. – Você entende esse menu?

– *Oui* – responde Andrew.

Ergo as sobrancelhas.

– Você fala francês?

– *Oui, mademoiselle*. – Ele pisca para mim. – Sou fluente, na verdade. Passei o primeiro ano da faculdade estudando em Paris.

– Uau.

Não só não passei nenhum ano estudando francês na faculdade, como nem fiz faculdade. Consegui o diploma do ensino médio fazendo supletivo.

– Você quer que eu leia o cardápio pra você?

Minhas bochechas ficam quentes.

– Não precisa fazer isso. Só escolhe alguma coisa que você acha que vou gostar.

Ele parece satisfeito com essa resposta.

– Está bem, posso fazer isso.

O garçom chega com uma garrafa de vinho e duas taças. Observo enquanto

ele abre a garrafa e nos serve as duas taças cheias. Andrew faz um gesto para que deixe a garrafa. Pego minha taça e tomo um longo gole.

Meu Deus, isso é muito bom. Muito melhor do que o que consigo comprar por cinco dólares na loja de bebidas perto de casa.

– E você? – pergunta ele. – Fala alguma outra língua?

Faço que não com a cabeça.

– Tenho sorte de falar inglês.

Andrew não ri da minha piada.

– Você não deveria se diminuir assim, Millie. Você trabalha pra gente há meses, é muito ética no seu trabalho e é obviamente uma mulher inteligente. Eu nem sei por que você iria querer esse emprego, embora pra gente seja uma sorte. Não tem outras aspirações profissionais?

Brinco com meu guardanapo, evitando encará-lo. Andrew não sabe nada sobre mim. Se soubesse, entenderia.

– Não quero falar sobre isso.

Ele hesita por um momento, depois assente, respeitando meu pedido.

– Bem, de todo modo, estou feliz de você ter saído esta noite.

Levanto a cabeça e seus olhos castanhos estão me fitando do outro lado da mesa.

– Eu também.

Andrew parece estar prestes a dizer algo mais, mas então seu telefone começa a tocar. Ele o tira do bolso e olha para a tela enquanto tomo outro gole de vinho. É tão bom que quero beber tudo de uma vez, mas isso não seria uma boa ideia.

– É a Nina. – Talvez seja minha imaginação, mas a expressão dele é de angústia. – É melhor eu atender.

Não consigo ouvir o que ela está dizendo, mas sua voz trêmula é audível do outro lado da mesa. Nina parece chateada. Ele segura o celular a cerca de um centímetro da orelha, estremecendo a cada palavra.

– Nina – diz ele. – Olha, é… ok, eu não vou… Nina, relaxa, por favor. – Ele contrai os lábios. – Não posso falar com você sobre isso agora. A gente se vê quando você chegar em casa amanhã, está bem?

Andrew aperta um botão em seu telefone para encerrar a chamada, então bate o aparelho na mesa. Por fim, pega a taça de vinho e bebe metade do conteúdo.

– Tudo bem?

– Aham. – Ele pressiona a ponta dos dedos na testa. – Eu só… amo a Nina, mas às vezes não consigo entender como meu casamento chegou a esse ponto… em que noventa por cento das nossas interações são ela gritando comigo.

Não sei o que dizer em relação a isso.

– Eu… sinto muito. Não sei se faz você se sentir melhor, mas noventa por cento das minhas interações com ela também são assim.

Os lábios dele se contraem de novo.

– Bom, temos isso em comum.

– Então… ela era diferente antes?

– Completamente. – Ele pega o vinho e vira o resto. – Quando a gente se conheceu, ela era uma mãe solo que trabalhava em dois empregos. Eu admirava muito ela. Nina teve uma vida difícil, e foi a força dela que mais me atraiu. E agora… ela não faz nada além de reclamar. Não tem nenhum interesse em trabalhar. Mima a Cecelia. E o pior de tudo é…

– O quê?

Ele pega a garrafa de vinho e enche a taça de novo. Em seguida, passa o dedo pela borda.

– Nada. Deixa pra lá. Eu não deveria… – Ele olha ao redor do restaurante. – Cadê o nosso garçom?

Estou morrendo de vontade de saber o que Andrew estava prestes a me confessar. Mas então nosso garçom aparece, ansioso pela gorjeta gigante que quase certamente vai receber depois dessa refeição, e aparentemente perdi a chance.

Andrew pede a comida para nós dois, como disse que faria. Nem pergunto o que ele pediu, porque quero que seja uma surpresa e tenho certeza de que será incrível. Também estou impressionada com sua pronúncia em francês. Sempre sonhei em ser capaz de falar outro idioma. No entanto, provavelmente é tarde demais para mim.

– Espero que você goste do que eu pedi – diz ele, quase tímido.

– Tenho certeza que vou gostar. – Sorrio para ele. – Você tem muito bom gosto. Tipo, olha pra sua casa. Ou foi a Nina que escolheu tudo?

Ele toma outro gole de vinho.

– Não, a casa é minha, e a maior parte da decoração foi feita antes de a gente

se casar. Antes mesmo de a gente se conhecer, na verdade.

– Sério? A maioria dos homens que trabalha em Manhattan prefere morar sozinho em um apartamento por lá antes de se casar.

Ele bufa.

– Não, nunca liguei pra isso. Estava pronto pra me casar. Na verdade, pouco antes da Nina, fiquei noivo de outra pessoa…

Pouco antes da Nina? O que isso quer dizer? Será que ele está dizendo que Nina acabou com o noivado dele?

– Enfim – diz ele –, tudo que eu queria era me estabelecer, comprar uma casa, ter filhos…

Nessa última declaração, seus lábios se curvam para baixo. Mesmo que ele não tenha mencionado, tenho certeza de que ainda está magoado por saber que Nina não é capaz de ter outros filhos.

– Sinto muito por… – Giro o vinho na taça. – Sabe, essas questões de fertilidade. Deve ser difícil pra vocês dois.

– Aham… – Ele ergue os olhos da taça e deixa escapar: – Nós não transamos desde a consulta com aquele médico.

Quase derrubo a taça na mesa. Neste momento, o garçom volta com a entrada. São pequenos círculos de pão cobertos com uma pasta rosa. No entanto, mal consigo me concentrar nisso depois da confissão de Andrew.

– *Mousse de saumon canapés* – diz ele quando o garçom se retira. – Basicamente, mousse de salmão defumado em uma baguete.

Eu só o encaro.

– Desculpa. – Ele dá um suspiro. – Eu não deveria ter dito isso. Foi de muito mau gosto.

– Hum…

– Vamos só… – Ele aponta para as pequenas fatias de baguete sobre a mesa. – Vamos curtir o jantar. Por favor, esquece que eu disse isso. Eu e a Nina… estamos bem. Todo casal passa por um período de seca.

– Claro.

Mas esquecer o que ele disse sobre Nina é um esforço inútil.

VINTE E SEIS

Acabamos nos divertindo muito no jantar. Não falamos mais de Nina, e a conversa fluiu com facilidade, em especial depois que chegamos à segunda garrafa de vinho. Não me lembro da última vez que tive uma noite tão agradável. Fico triste quando ela começa a chegar ao fim.

– Muito obrigada por isso – falo para Andrew enquanto ele paga a conta.

Tenho medo até de olhar; só o vinho provavelmente custou uma pequena fortuna.

– Não, *eu* que agradeço. – O rosto dele está praticamente brilhando. – Eu me diverti muito. Não me divirto tanto há… – Ele dá uma tossidinha. – Enfim, foi muito divertido. Exatamente do que eu precisava.

Ele se levanta depois de pagar e balança o corpo para a frente e para trás. Bebemos *muito* vinho esta noite, o que já não seria uma boa ideia em circunstâncias mais apropriadas, e é aí que lembro que ele precisa dirigir até Long Island. E pegar a autoestrada.

Andrew deve ter percebido o que estou pensando. Ele se segura na mesa para se equilibrar.

– Eu não deveria dirigir – reconhece.

– Não. Provavelmente, não.

Ele esfrega o rosto.

– Ainda temos aquela reserva no Plaza. O que você acha?

Bem, não é preciso ser um gênio para saber que isso é um grande erro. Estamos os dois bêbados, a esposa dele está fora da cidade e ele aparentemente

não faz sexo há algum tempo. E eu não transo há muito, muito mais tempo. Eu deveria dizer não. Isso não tem como acabar bem.

– Acho que não é uma boa ideia – murmuro.

Andrew coloca a mão no peito.

– Serei um perfeito cavalheiro. Juro. É uma suíte. São duas camas.

– Eu sei, mas…

– Você não confia em mim?

Eu não confio em *mim*. Esse é o grande problema.

– Bom, não tenho como levar a gente de volta pra casa esta noite. – Ele olha para o Rolex. – Já sei. Vou pegar dois quartos separados no Plaza.

– Ai, meu Deus, isso vai custar uma fortuna!

Ele dá um tapinha no ar.

– Não, recebo clientes lá às vezes, vou conseguir um desconto. Está tudo bem.

Andrew está definitivamente bêbado demais para dirigir, e eu provavelmente também estou, mas de todo modo morreria de medo de conduzir um carro caro como o dele. Acho que poderíamos pegar um táxi de volta, mas ele não deu essa sugestão.

– Tudo bem, desde que a gente fique em quartos separados.

Ele chama um táxi para nos levar ao hotel. Enquanto deslizamos para o banco de trás do carro, meu vestido branco sobe novamente até a coxa. Qual é o problema desse vestido ridículo? Estou me esforçando tanto para me comportar, mas ele não ajuda. Agarro a bainha para puxá-la para baixo de novo, mas, antes que consiga, noto Andrew dando outra olhada. E desta vez, quando o flagro, ele sorri para mim.

– O que foi? – pergunta ele.

Caramba, ele deve estar mesmo muito bêbado.

– Você está olhando pras minhas pernas!

– E daí? – O sorriso dele se alarga. – Você tem belas pernas. O que é bonito é pra ser visto.

Dou um tapinha no braço dele. Ele coloca a mão no ombro, fingindo estar ferido.

– Vamos ficar em quartos separados. Não esquece.

Mas seus olhos castanhos encontram os meus no banco de trás do táxi. E, por um momento, tenho dificuldade para respirar. Andrew quer ser fiel a Nina,

tenho certeza disso. Entretanto, ela está diferente, está bêbado, e os dois estão tendo problemas – talvez há muito tempo. Pelo que sei, durante esse tempo todo em que trabalho lá, ela sempre o tratou mal. Ele merece coisa muito melhor.

– O que *você es*tá olhando? – pergunta ele baixinho.

Engulo um nó na garganta.

– Nada.

– Você está linda, Millie – diz ele, respirando fundo. – Não sei se te disse isso antes, mas queria que soubesse.

– Andrew…

– Eu só… – Ele engole em seco. – Ultimamente, tenho me sentido tão…

Antes que ele possa falar mais alguma coisa, o táxi faz uma curva e nos joga para a direita. Eu nunca coloco o cinto de segurança, então logo percebo meu corpo pressionado contra o dele. Ele me segura antes que eu bata a cabeça contra a janela. Seu corpo pesa contra o meu, a respiração no meu pescoço.

– Millie – sussurra ele.

E em seguida me beija.

E, Deus me ajude, eu o beijo de volta.

VINTE E SETE

Não preciso nem dizer que não pegamos quartos separados no Plaza.

Então, sim, eu dormi com meu patrão casado.

Depois que ele me beijou no táxi, era impossível voltar atrás. Estávamos praticamente rasgando as roupas um do outro àquela altura. Foi difícil nos comportarmos enquanto Andrew se encarregava do check-in. A gente se pegou no elevador feito dois adolescentes.

E então, quando chegamos ao quarto, não havia chance de tentar me segurar ou desacelerar as coisas por ele ser casado. Não sei quando foi a última vez que ele fez sexo, mas, no meu caso, fazia tanto tempo que eu estava com medo de que ele tivesse que tirar as teias de aranha. Não havia a menor chance de eu não ir adiante. Tinha até alguns preservativos na bolsa, da época em que pensei que poderia rolar alguma coisa com Enzo.

E foi bom. Não, mais do que bom. Foi absolutamente incrível. Exatamente do que eu precisava.

O sol acaba de nascer na gigantesca janela com vista da cidade. Estou deitada na minha cama queen-size decadentista do hotel Plaza e Andrew está dormindo ao meu lado, soprando de maneira suave o ar pelos lábios a cada respiração. Penso no que ele fez na noite anterior e estremeço deliciosamente. Parte de mim quer acordá-lo e ver se ele quer transar de novo. Mas minha parcela mais realista sabe que isso nunca mais vai acontecer – que isso *não pode* se repetir, jamais.

Quer dizer, Andrew é casado. Eu sou a empregada dele. Ontem à noite, ele estava bêbado. Foi só essa vez.

Por um momento, no entanto, observo seu belo perfil enquanto dorme e me permito fantasiar. Talvez ele acorde e conclua que está farto de Nina e suas baboseiras. Vai perceber que me ama e quer que eu more com ele na sua linda casa gradeada. E então vou poder dar a ele o bebê que tanto quer, algo que Nina jamais será capaz de fazer. Penso naquelas mulheres detestáveis na reunião da APM, dizendo que Andrew e Nina têm um acordo pré-nupcial rigoroso. Ele poderia deixá-la e isso não lhe custaria tanto dinheiro assim, embora eu tenha certeza de que ele seria generoso com ela.

Que besteira. Isso nunca vai acontecer. Se ele soubesse a verdade sobre mim, sairia correndo. Mas posso sonhar acordada.

Andrew geme e esfrega os olhos com a palma das mãos. Ele vira a cabeça para o lado e abre os olhos. Acho positivo o fato de não parecer horrorizado ao me ver deitada ali.

– Ei – diz ele com uma voz rouca.

– Ei.

Ele esfrega os olhos de novo.

– Como você está? Tudo bem?

Tirando a sensação de aperto no peito, estou ótima.

– Eu estou bem. E você?

Ele tenta se sentar na cama, mas sua cabeça cai no travesseiro.

– Acho que estou de ressaca. Meu Deus, a gente bebeu tanto assim?

Ele bebeu muito mais do que eu. Mas sou mais leve, então o álcool me atingiu com a mesma força.

– Duas garrafas de vinho.

– Eu… – A testa dele franze. – Está tudo bem entre a gente?

– Claro. – Dou conta de abrir um sorriso. – Totalmente. Juro.

Ele tenta se sentar uma segunda vez, estremecendo com a dor de cabeça. Mas desta vez consegue.

– Me desculpa. Eu não deveria…

Recuo com seu pedido de desculpa.

– Não se preocupa com isso. – Minha voz soa um pouco ríspida e pigarreio. – Vou tomar banho. Acho que a gente deveria voltar pra casa.

– Sim… – Ele dá um suspiro. – Você não vai falar nada pra Nina, né? Quer dizer, nós dois estávamos muito bêbados e…

Claro. É só com isso que ele se importa.

– Não vou falar nada.

– Obrigado. Obrigado mesmo.

Estou nua debaixo das cobertas, mas não quero que ele me veja assim. Pego um dos lençóis e enrolo ao redor do corpo enquanto saio da cama, cambaleando na direção do banheiro. Posso sentir os olhos de Andrew em mim, mas não me viro para olhar para ele. É humilhante.

– Millie?

Ainda não consigo olhar.

– O quê?

– Eu não estou arrependido – diz ele. – Eu me diverti muito com você ontem à noite, e não me arrependo de nada. E espero que você também não.

Arrisco olhar para ele. Ele ainda está na cama, as cobertas até a cintura, revelando seu peito nu e musculoso.

– Não, eu não estou arrependida, mesmo.

– Mas… – Ele dá um suspiro. – Isso não pode acontecer de novo. Você sabe disso, não sabe?

Assinto.

– Sei, eu entendo.

Uma expressão confusa surge em seu rosto. Ele passa a mão pelo cabelo escuro para alisá-lo.

– Queria que as coisas pudessem ser diferentes.

– Eu sei.

– Queria ter te conhecido antes, quando…

Ele não precisa completar a frase. Sei o que está pensando. Quem dera tivéssemos nos conhecido quando ele ainda era solteiro... Ele poderia ter entrado no bar onde eu estava servindo as mesas, nossos olhares teriam se cruzado, e, quando ele me pedisse meu número, eu teria dado. Mas não é o caso. Ele é casado. Pai. Não pode acontecer mais nada entre nós dois.

– Eu sei – repito.

Ele mantém os olhos em mim e, por um momento, fico imaginando se vai perguntar se pode se juntar a mim no chuveiro. Afinal, já profanamos o quarto mesmo. Que diferença faz se o fizermos mais uma vez? Mas ele se comporta.

Andrew olha para o lado e puxa as cobertas. Já eu entro no banheiro para tomar meu banho frio.

VINTE E OITO

Praticamente não conversamos durante a viagem de volta a Long Island – Andrew liga o rádio e ouvimos o papo sem sentido do radialista. Lembro, então, que ele mencionou uma reunião mais tarde em Manhattan, de modo que vai só fazer um bate e volta em casa. Mas não estamos retornando só por minha causa. Ele ainda está vestindo a mesma roupa da noite anterior, e tenho certeza de que quer colocar um terno limpo antes de ir para a reunião.

– Quase chegando – murmura ele quando saímos da via expressa.

Está de óculos escuros, de modo que é impossível ler sua expressão.

– Ótimo.

Meu vestido está subindo mais uma vez – foi esse maldito vestido que causou toda essa confusão. Eu o puxo e, mesmo com os óculos escuros, não posso deixar de notar que Andrew está olhando para mim de novo. Ergo as sobrancelhas para ele, e Andrew sorri timidamente.

– A saideira.

Enquanto descemos um quarteirão residencial, ele desvia para evitar um caminhão de lixo. E é aí que um pensamento horrível me ocorre.

– Andrew – falo entredentes. – Eu não tirei o lixo ontem à noite.

– Ah…

Ele não parece estar entendendo a gravidade da situação.

– Nina me mandou uma mensagem especificamente pra pedir que eu colocasse o lixo pra fora ontem à noite. E não fiz isso porque não estava em casa. Eu nunca esqueci antes. Se ela descobrir…

Ele tira os óculos escuros, revelando olhos ligeiramente vermelhos.

– Merda. Ainda dá tempo?

Observo o caminhão de lixo, que está viajando na direção oposta da casa dele.

– Duvido. Acho que é tarde demais, eles passam muito cedo.

– Você pode só dizer que esqueceu, não?

– Você acha que a Nina vai cair nessa?

– Merda – repete ele. Então bate no volante. – Ok, eu cuido disso. Não se preocupa.

A única maneira de cuidar disso é carregar todo o lixo para o depósito pessoalmente. Não sei nem onde fica, mas, independentemente disso, o porta-malas do meu Nissan é minúsculo, e eu precisaria fazer várias viagens. Então, realmente espero que Andrew esteja falando sério quando diz que vai cuidar da situação.

Quando chegamos em casa, Andrew aperta um botão no carro que faz o portão se abrir automaticamente. Enzo está trabalhando no jardim e levanta a cabeça quando vê o BMW descendo a entrada da garagem. É incomum ver o BMW chegando em casa a esta hora – faria mais sentido que estivesse saindo –, então sua surpresa é justificada.

Eu deveria ter me abaixado, mas é tarde demais. Enzo faz uma pausa no trabalho no jardim, e seus olhos escuros encontram os meus. Ele balança a cabeça, assim como fez naquele primeiro dia.

Que porcaria.

Andrew nota também, mas apenas levanta a mão e acena como se não houvesse nada de estranho em chegar em casa às 9h30 da manhã com uma mulher que não é a própria esposa. Antes de entrar na garagem, ele para o carro e diz:

– Deixa eu ver se o Enzo pode cuidar do lixo.

Quero implorar a ele que não pergunte, mas, antes que possa abrir minha boca, Andrew já desceu do carro, deixando a porta entreaberta. Enzo dá um passo para trás como se não quisesse ter essa conversa.

– *Ciao*, Enzo.

Andrew abre um sorriso largo para o jardineiro. Meu Deus, como ele fica

lindo quando sorri. Fecho os olhos por um momento, tremendo ao me lembrar de suas mãos por todo o meu corpo na noite anterior.

– Preciso de uma ajuda sua – continua Andrew.

Enzo não diz uma palavra, apenas o encara.

– Estamos com um problema com o lixo. – Andrew aponta para os quatro sacos de lixo lotados ao lado da casa. – Nos esquecemos de colocar os sacos pra fora ontem à noite. Você acha que consegue levar até o depósito de lixo na sua caminhonete? Eu te dou cinquenta dólares.

Enzo olha para os sacos de lixo e depois para Andrew, ainda sem dizer nada.

– Lixo… – repete Andrew. – Para… o depósito. Depósito de lixo. *Capisci*?

Enzo faz que não com a cabeça.

Andrew trinca os dentes e tira a carteira do bolso de trás.

– Só se livra do lixo pra gente. Eu te dou… – Ele vasculha a carteira. – Cem dólares. – Então sacode as notas na cara de Enzo. – Se livra do lixo. Você tem uma caminhonete. Leva pro depósito.

Por fim, Enzo diz:

– Não. Estou ocupado.

– Certo, mas este é *o nosso* jardim e… – Andrew solta um suspiro e mexe de novo na carteira. – Duzentos dólares. Uma viagem ao depósito de lixo. Me ajuda, por favor.

A princípio, tenho certeza de que Enzo vai recusar mais uma vez. Mas ele estende o braço e pega as notas da mão de Andrew. Em seguida, vai até a lateral da casa e agarra os sacos de lixo. Ele consegue carregar todos em uma viagem só, os músculos dos bíceps se projetando sob a camiseta branca.

– Isso – diz Andrew. – Pro depósito.

Enzo apenas o encara por um instante, depois passa direto por ele com os sacos. Sem dizer mais nada, ele os atira na caminhonete e vai embora. Então acho que entendeu a mensagem.

Andrew caminha em direção ao carro e desliza de volta para o banco do motorista.

– Bom, resolvido. Mas cacete, que babaca.

– Acho que ele não estava entendendo.

– Ah, até parece. – Andrew revira os olhos. – Ele entende mais do que deixa transparecer. Estava só esperando que eu oferecesse mais dinheiro.

Concordo que Enzo não parecia muito a fim de levar o lixo, mas não acho que fosse porque queria mais dinheiro.

– Não gosto desse cara – resmunga Andrew. – Ele trabalha em todas as casas da vizinhança, mas passa um terço do tempo no nosso jardim. Ele está *sempre* aqui fora. Eu nem sei que diabos faz na metade do tempo que passa aqui.

– Você tem a maior casa do quarteirão – ressalto. – E o maior gramado.

– Sim, mas… – Andrew olha para a caminhonete de Enzo, desaparecendo na rua. – Sei lá. Falei pra Nina se livrar dele e contratar outra pessoa, mas ela diz que ele trabalha pra todo mundo e aparentemente é "o melhor".

Claro, Enzo não é minha pessoa favorita desde que me rejeitou não-tão-sutilmente-assim, mas isso não significa que ele me deixe desconfortável desse jeito. Jamais vou esquecer a maneira como sussurrou a palavra italiana para "perigo" no meu primeiro dia aqui nem como parece ter medo de desafiar Nina, mesmo sendo grande o suficiente para esmagá-la com uma mão. Será que Andrew tem alguma ideia de como Enzo desconfia da esposa dele?

Bem, não sou eu que vou dizer isso a ele.

VINTE E NOVE

Nina chega em casa depois de deixar Cecelia no acampamento, por volta das duas da tarde. Está carregando quatro sacolas grandes cheias de coisas que comprou no caminho para casa, em um momento de compulsão, e despeja tudo sem cerimônia no chão da sala.

– Descobri uma lojinha, a coisa *mais fofa* – diz ela. – Simplesmente não consegui evitar!

– Legal – falo com um entusiasmo forçado.

As bochechas de Nina estão coradas, há manchas de suor em sua blusa, sob as axilas, e o cabelo louro está todo arrepiado. Ela ainda não retocou as raízes, e o rímel está endurecido no canto de seu olho direito. Quando observo essa mulher, realmente não consigo entender o que Andrew ainda vê nela.

– Leva essas sacolas lá pra cima pra mim, Millie? – Ela se atira no sofá de couro e pega o celular. – Muito obrigada.

Agarro uma das sacolas e, caramba, como está pesada. Que loja é essa? Uma loja de halteres? Vou acabar precisando fazer duas viagens, não tenho a mesma força de Enzo.

– Está um pouco pesada – comento.

– Jura? – Ela dá risada. – Não achei. Talvez esteja na hora de você começar a ir pra academia, Millie. Está ficando um pouco mole.

Sinto meu rosto queimar. *Eu* estou ficando mole? Nina não parece ter um pingo de músculo no corpo. Ela nunca faz exercícios, pelo que sei. Nunca a vi usar tênis.

Enquanto me encaminho lenta e dolorosamente para as escadas com duas das sacolas de compras, Nina me chama de novo:

– Ah, a propósito, Millie.

Cerro os dentes.

– Sim?

Nina gira no sofá para me olhar.

– Eu liguei pro telefone fixo aqui de casa ontem à noite. Por que ninguém atendeu?

Congelo. Meus braços tremem sob o peso das sacolas de compras.

– O quê?

– Liguei pro telefone fixo daqui de casa ontem à noite – diz ela mais devagar desta vez. – Por volta das onze horas. Atender o telefone da casa é uma das suas responsabilidades. Mas nem você nem o Andrew atenderam.

– Hum. – Largo as sacolas de compras por um momento e esfrego o queixo, como se estivesse pensando. – Eu já devia estar dormindo, e o telefone não toca alto o suficiente a ponto de me acordar no meu quarto. Talvez o Andrew tenha saído?

Ela arqueia uma sobrancelha.

– Andrew saiu às onze da noite num domingo? Com quem?

Dou de ombros.

– Não faço ideia. Você tentou o celular dele?

Sei que ela não tentou. Eu estava com Andrew às onze. Estávamos juntos, na cama.

– Não – diz ela, mas não oferece nenhuma explicação adicional.

Pigarreio.

– Bom, como já disse, eu estava no meu quarto a essa hora. Não faço ideia do que ele estava fazendo.

– Hum. – Seus olhos azul-pálidos escurecem enquanto ela me encara do outro lado da sala. – Talvez você tenha razão. Vou ter que perguntar a ele.

Assinto, aliviada por ela não estar me questionando mais. Ela não sabe o que aconteceu. Não sabe que fomos juntos de carro para Manhattan, assistimos ao espetáculo que ela deveria ter visto com ele e depois passamos a noite juntos no Plaza. Só Deus sabe o que faria comigo se soubesse.

Mas ela não sabe.

Pego as sacolas de compras e as carrego pelo resto do caminho escada acima. Coloco tudo na suíte principal e esfrego os braços, que parecem ter ficado dormentes durante a viagem. Meus olhos são atraídos para o banheiro principal, que limpei esta manhã – embora já estivesse estranhamente limpo, uma vez que Nina estava fora. Entro nele. É quase tão grande quanto meu quarto no andar de cima, com uma banheira de porcelana enorme, mais alta do que a maioria das banheiras, com uma borda que bate na altura dos meus joelhos.

Franzo a testa diante da banheira, imaginando o que deve ter acontecido tantos anos atrás. A pequena Cecelia, tomando banho na banheira, que lentamente se enche de água. Então Nina agarra a filha e força a menina a ficar submersa, assistindo enquanto ela tenta respirar…

Fecho os olhos e me afasto. Não consigo pensar nisso. Mas não posso me esquecer jamais de quão emocionalmente frágil Nina é. Ela não pode saber o que aconteceu entre mim e Andrew, nunca. Isso acabaria com ela. E depois ela acabaria comigo.

Então, enfio a mão no bolso e pego meu telefone. Digito uma mensagem para o celular de Andrew:

Apenas um aviso: Nina ligou pra casa ontem à noite.

Ele vai saber o que fazer. Sempre sabe.

TRINTA

A casa está mais silenciosa sem Cecelia.

Mesmo passando muito tempo no quarto, ela traz certa energia para o ambiente. Sem ela, parece que o silêncio caiu sobre a residência dos Winchesters. E, para minha surpresa, Nina parece mais alegre. Graças a Deus, ela não falou mais sobre o telefonema da noite em que não havia ninguém em casa.

Andrew e eu temos nos evitado meticulosamente, o que é difícil quando se mora na mesma casa. Quando nos cruzamos, ambos desviamos o olhar. Espero que possamos superar isso, porque não quero perder este emprego. Já é ruim o suficiente não ter a chance de ter um relacionamento de verdade com o primeiro cara por quem me interessei nos últimos dez anos.

Esta noite estou correndo para preparar o jantar, tentando servi-lo antes de Andrew voltar para casa. Mas, no momento em que estou levando os copos de água para a sala de jantar, esbarro com ele. Literalmente. Um dos copos escorrega e se estilhaça no chão.

– Droga – choramingo.

Arrisco olhar para Andrew. Ele está vestindo um terno azul-escuro e uma gravata do mesmo tom – para variar, lindo de morrer. Passou o dia inteiro no trabalho, e a barba que já começa a despontar no queixo só o torna mais sexy. Nossos olhos se encontram por uma fração de segundo e, contra a minha vontade, sinto um choque causado pela atração entre nós dois. Os olhos dele se arregalam, e tenho certeza de que sente o mesmo.

– Eu te ajudo a limpar isso – diz ele.

– Não precisa.

Mas ele insiste. Varro os cacos de vidro grandes, e ele segura a pá e os joga fora no lixo da cozinha. Nina jamais me ajudaria, mas Andrew não é igual a ela. Quando ele pega a vassoura da minha mão, meus dedos roçam os dele. Nossos olhos se encontram de novo, e desta vez é impossível ignorar as faíscas. É fisicamente doloroso não poder estar com este homem.

– Millie – diz ele em um sussurro rouco.

Minha garganta está completamente seca. Ele está a centímetros de distância de mim. Se eu me inclinasse para a frente, ele me beijaria. Sei que ele faria isso.

– Ah, não! O que aconteceu?

Ao som da voz de Nina, Andrew e eu pulamos para longe um do outro como se estivéssemos em chamas. Agarro a vassoura com tanta força que meus dedos ficam brancos.

– Deixei cair um copo – explico. – Estamos só, bem… limpando.

Os olhos de Nina vão em direção ao chão, onde pequenos cacos de vidro brilham sob as luzes do teto.

– Ai, Millie. Por favor, tenha mais cuidado da próxima vez.

Trabalho aqui há meses e nunca deixei cair nem quebrei nada. Bem, exceto naquela noite em que ela nos pegou assistindo TV tarde da noite, mas Nina não sabe disso.

– Sim, desculpa. Vou pegar o aspirador.

Os olhos de Andrew me acompanham quando volto para o armário de produtos de limpeza (que é um pouco maior do que o meu quarto no andar de cima), guardo a vassoura e pego o aspirador. Ele tem uma expressão de angústia no rosto. Não sei o que ia me dizer um minuto atrás, mas, seja o que for, ainda quer falar. Só que não pode – não com Nina ali.

Ou talvez ele possa.

– Vamos conversar mais tarde – murmura ele no meu ouvido assim que Nina se vira para a sala e antes que vá atrás dela, onde vão esperar que eu limpe tudo. – Ok?

Assinto. Não sei sobre o que ele quer conversar comigo, mas considero isso um bom sinal. Nós já concordamos em jamais falar sobre o que aconteceu naquela noite no Plaza, mas, se ele quiser voltar a esse assunto…

Eu não deveria criar expectativas.

Cerca de dez minutos depois, já está tudo limpo, então chamo Andrew e Nina de volta. Ambos estão sentados no sofá, mas em extremidades opostas. Estão olhando para os respectivos telefones, sem sequer se esforçarem para falar um com o outro. Já percebi que passaram a fazer isso durante o jantar também.

Eles me acompanham de volta até a sala de jantar, e Nina se senta em frente a Andrew. Ela olha para o prato de costeleta de porco com molho de maçã e brócolis. Sorri para mim, e é aí que noto que seu batom vermelho brilhante parece um pouco estranho. Está borrado no canto direito dos lábios, o que lhe dá a aparência de um palhaço demoníaco.

– A comida está com uma cara ótima, Millie.

– Obrigada.

– Não está uma delícia o cheiro, Andy? – pergunta ela.

– Uhum. – Ele pega o garfo. – Muito bom.

– Tenho certeza – continua Nina – de que você nunca comeu um prato assim na cadeia, não é, Millie?

Silêncio.

Nina está sorrindo para mim agradavelmente com seus lábios demoníacos. Andrew, sentado em frente a ela, olha para mim boquiaberto. É óbvio que esta é uma informação nova para ele.

– Hum – grunho.

– Que tipo de comida eles serviam pra vocês lá? – pressiona Nina. – Eu sempre tive curiosidade de saber. Como é a comida na prisão?

Não sei o que dizer. Não posso negar. Ela conhece meu passado.

– É normal.

– Bom, espero que você não se inspire em nenhuma das refeições que fez por lá – diz ela e dá uma risada. – Continua com o que você tem feito. Está fazendo um bom trabalho.

– Obrigada – murmuro.

Andrew está pálido. Claro, ele não fazia ideia de que eu já estive presa. Jamais cogitei contar para ele. Não sei como, mas, quando estou com ele, aquela época da minha vida parece parte de um passado distante, uma outra vida. Mas a maioria das pessoas não enxerga dessa forma. Para elas, sou apenas uma coisa: uma ex-presidiária.

E Nina quer ter certeza de que sei o meu lugar.

Neste momento, preciso desesperadamente fugir da expressão chocada de Andrew. Eu me viro para voltar ao meu quarto. Estou quase na escada quando Nina me chama:

– Millie?

Paro, as costas rígidas. Preciso de todo o meu autocontrole para não bater nela quando me viro. Volto lentamente para a sala de jantar com um sorriso artificial no rosto.

– Sim, Nina?

Ela franze a testa.

– Você se esqueceu de trazer o saleiro e o pimenteiro. E, infelizmente, esta costeleta de porco precisa de um pouco de sal. Gostaria que você fosse mais generosa na hora de temperar a comida.

– Claro. Me desculpe.

Entro na cozinha e pego o saleiro e o pimenteiro na bancada. Eles estavam a menos de dois metros de onde Nina estava sentada no outro cômodo. Levo-os até a sala de jantar e, embora me esforce muito, acabo batendo com os vidros na mesa. Quando olho para Nina, os cantos de seus lábios estão se contraindo.

– *Muito* obrigada, Millie – diz ela. – Por favor, vê se não esquece de novo.

Espero que ela pise em um caco de vidro quebrado.

Não consigo nem olhar para Andrew. Só Deus sabe o que ele deve estar pensando sobre mim. Não posso acreditar que estava contemplando algum tipo de futuro com ele. Eu não estava de fato, mas, por uma fração de segundo… Bem, coisas estranhas aconteceram. Mas nada disso existe mais neste momento. Ele pareceu horrorizado quando ela mencionou que estive na cadeia. Se ao menos eu pudesse explicar…

Consigo chegar às escadas desta vez sem Nina me chamar para me dizer que, sei lá, preciso passar a manteiga para ela de um lado para o outro da mesa, ou algo do tipo. Subo os degraus até o segundo andar, depois o outro lance mais escuro e estreito até o meu quarto.

Bato a porta e me atiro na cama, tentando evitar que as lágrimas brotem. Fico imaginando há quanto tempo Nina sabe sobre meu passado. Será que descobriu isso há pouco tempo ou fez uma verificação de antecedentes quando me contratou, afinal de contas? Talvez ela gostasse da ideia de contratar uma ex-

presidiária. Alguém em quem pudesse mandar. Qualquer outra pessoa teria desistido meses atrás.

Sentada na cama, sentindo pena de mim mesma, algo na minha mesa de cabeceira chama minha atenção.

É uma cópia do programa de *Showdown*.

Pego o papel, confusa. Por que isso está na minha mesa de cabeceira? Eu o coloquei na minha bolsa depois do espetáculo e o tenho guardado lá como uma lembrança daquela noite mágica. Minha bolsa está no chão, encostada na cômoda. Então, como o programa foi parar na mesinha? Eu com certeza não o tirei de lá. Tenho certeza.

Alguém deve ter colocado lá. Não sou a única aqui que tem acesso ao quarto.

Sinto um aperto no peito. Finalmente entendo por que Nina deixou escapar que estive na prisão. Ela sabe que fui ao show com Andrew. Sabe que estivemos juntos em Manhattan, sozinhos. Não tenho certeza se tem conhecimento de que passamos a noite no Plaza, mas está ciente de que não estávamos em casa às onze da noite daquele domingo. E tenho certeza de que, se ela for esperta o suficiente, pode descobrir se demos entrada ou não no hotel.

Nina sabe de tudo.

Acabo de fazer uma inimiga perigosa.

TRINTA E UM

Como parte do meu novo regime diário de tortura, Nina assumiu para si o objetivo de tornar o momento de ir às compras o mais desafiador possível para mim.

Ela fez uma lista de itens de supermercado dos quais estamos precisando. Mas todos são muito específicos. Ela não quer *leite*; quer leite orgânico de uma fazenda especial da Austrália. E, se não houver exatamente o item que ela quer, tenho que enviar uma mensagem para avisá-la, além de enviar fotos de outras possíveis substituições. E ela leva todo o tempo do mundo para me responder, enquanto preciso ficar lá parada no maldito corredor de leite, esperando.

Neste momento, estou no corredor do pão. Mando uma mensagem para Nina:

Eles estão sem o Nantucket de fermentação natural. Algumas possíveis substituições.

Envio fotos de cada um dos pães de fermentação natural que eles têm em estoque. E agora preciso esperar enquanto ela olha todos eles. Depois de vários minutos, recebo uma mensagem dela:

Tem algum brioche?

Agora preciso mandar fotos de cada brioche que eles têm. Juro, vou dar um tiro na cabeça antes de terminar estas compras. Ela está me atormentando de propósito. Mas quem sou eu para reclamar, dormi com o marido dela.

Enquanto estou tirando fotos dos pães, noto um homem corpulento com cabelos grisalhos me observando do outro lado do corredor. Ele nem tenta disfarçar. Eu o encaro e ele recua, graças a Deus. Não tenho como lidar com alguém me perseguindo, além de tudo.

Enquanto espero que Nina contemple os pães um pouco mais, deixo minha mente vagar. Como de costume, ela flutua até Andrew Winchester. Após Nina revelar que estive na cadeia, Andrew nunca me procurou para "conversar", como disse que faria. Ele ficou mesmo assustado. Não o julgo.

Gosto de Andrew. Não, não só gosto dele. Estou apaixonada por ele. Penso nele o tempo inteiro, e é doloroso dividir uma casa com ele e não poder agir de acordo com meus sentimentos. Além do mais, ele merece coisa melhor do que Nina. Eu poderia fazê-lo feliz. Poderia até lhe dar um bebê, como ele quer. E, convenhamos, qualquer coisa é melhor do que *ela*.

Mas, mesmo sabendo que temos uma conexão, nada vai acontecer. Ele sabe que fui presa. Ele não quer uma ex-presidiária. E vai continuar sendo infeliz com aquela megera, provavelmente pelo resto da vida.

Meu telefone vibra mais uma vez.

Algum pão francês, tipo baguete, croissant?

Demora mais dez minutos, mas consigo encontrar um pão que atenda às expectativas de Nina. Enquanto empurro meu carrinho em direção ao caixa, noto o sujeito corpulento outra vez. Ele definitivamente está me encarando. E, o que é mais perturbador, não tem um carrinho de compras. Então, o que ele está fazendo aqui, exatamente?

Pago a conta o mais rápido que posso. Coloco as sacolas de papel cheias de mantimentos de volta no carrinho, para que eu possa levar tudo até o meu Nissan que está parado no estacionamento. É só quando estou chegando perto da saída que uma mão se fecha em volta do meu ombro. Levanto a cabeça e o homem corpulento está atrás de mim.

– Com licença!

Tento me afastar, mas ele segura firme meu braço. Minha mão direita se fecha em um punho. Há várias pessoas nos observando, então tenho testemunhas.

– O que você pensa que está fazendo? – questiono.

Ele aponta para um pequeno crachá de identificação pendurado na gola de sua camisa azul, que eu não havia notado antes.

– Sou segurança do supermercado. Você pode me acompanhar, senhorita?

Acho que vou vomitar. Já é ruim o suficiente ter passado quase noventa minutos neste lugar, comprando uma meia dúzia de itens, e agora estou sendo detida? *Por quê*?

– Qual é o problema? – pergunto, engolindo em seco.

Atraímos uma multidão. Percebo algumas mães da escola de Cecelia, que com certeza ficarão felizes em relatar a Nina que viram a empregada dela sendo detida pelo segurança do supermercado.

– Por favor, me acompanhe – diz o sujeito novamente.

Levo o carrinho junto porque tenho medo de deixá-lo para trás. Há mais de duzentos dólares em compras dentro dele, e tenho certeza de que Nina me faria arcar com tudo se as compras fossem perdidas ou roubadas. Sigo o homem até um pequeno escritório com uma mesa de madeira arranhada e duas cadeiras de plástico posicionadas na frente dela. O homem faz um gesto para que eu me sente, então me acomodo em uma das cadeiras, que range ameaçadoramente sob meu peso.

– Deve ter havido algum engano… – Olho para o crachá de identificação do homem. O nome dele é Paul Dorsey. – O que está acontecendo, Sr. Dorsey?

Ele franze a testa para mim.

– Uma cliente me alertou de que você estava roubando itens do supermercado.

Solto um suspiro.

– Eu jamais faria isso!

– Talvez não. – Ele enfia o polegar no ilhós da calça. – Mas preciso investigar. Posso ver sua nota fiscal, por favor, senhorita…?

– Calloway. – Reviro a bolsa até encontrar a tira de papel amassada. – Aqui.

– Só pra você saber – diz ele. – Todo mundo que rouba as nossas lojas é incriminado.

Fico sentada na cadeira de plástico, minhas bochechas queimando, enquanto o segurança examina meticulosamente os itens da nota e os compara com o que está no carrinho. Meu estômago revira quando considero a terrível possibilidade de que talvez o caixa não tenha registrado alguma coisa direito e ele pense que eu roubei. E aí? Todo mundo que rouba as lojas é incriminado. Isso significa que vão chamar a polícia. E isso seria uma violação da minha liberdade condicional, sem dúvida.

Percebo que isso seria ótimo para Nina. Ela se livraria de mim sem ter que ser a pessoa malvada que me demitiu. Também se vingaria de mim por ter dormido com o marido dela. Claro, é um pouco duro ser enviada para a cadeia por adultério, mas tenho a sensação de que Nina talvez enxergue as coisas de forma diferente.

Mas isso não vai acontecer. Não roubei nada do supermercado. Ele não vai encontrar nada nesse carrinho que não esteja na nota fiscal.

Ou vai?

Eu o vejo examinando a nota fiscal enquanto o pote de sorvete de pistache no meu carrinho provavelmente vira uma sopa. Meu coração está martelando no peito e mal posso respirar. Não quero voltar para a cadeia. Não quero. Não *posso*. Prefiro me matar.

– Bom – diz ele por fim –, parece que está tudo certo.

Quase caio no choro.

– Pois é. É claro.

Ele resmunga.

– Desculpe o incômodo, Srta. Calloway. Mas temos muitos problemas com furtos nas lojas, então preciso levar isso a sério. E recebi um telefonema me alertando de que uma cliente que corresponde à sua descrição poderia estar planejando pegar alguma coisa.

Um telefonema? Quem ligaria para o mercado, descreveria a minha aparência e diria ao segurança que eu estava planejando roubar alguma coisa? Quem faria uma coisa dessas?

Só consigo pensar em uma pessoa que faria algo desse tipo.

– De qualquer forma, obrigado pela sua paciência. Pode ir agora.

Essas são as palavras mais bonitas que existem. *Pode ir agora.* Saio do mercado com as mãos livres, empurrando meu carrinho. Consigo ir para casa.

Desta vez.

Mas tenho uma sensação terrível de que isso não é o fim. Nina tem mais truques na manga reservados para mim.

TRINTA E DOIS

Não consigo dormir.

Já se passaram três dias desde que quase fui presa no supermercado. Não sei o que fazer. Nina tem sido bastante agradável, então talvez ela ache que aprendi minha lição sobre quem é que manda nesta casa. Talvez ela não esteja tentando me mandar para a cadeia.

No entanto, esse não é o motivo pelo qual estou me revirando na cama.

A verdade é que não consigo parar de pensar em Andrew. Na noite que passamos juntos. Na maneira como me sinto quando estou com ele. Nunca me senti assim antes. E, até Nina lançar aquela bomba sobre o meu passado, ele sentia o mesmo. Sei disso.

Mas não mais. Agora ele acha que não passo de uma criminosa qualquer.

Descubro as pernas aos chutes. Está quente no meu quarto de um jeito sufocante, mesmo à noite. Se ao menos eu pudesse abrir aquela maldita janela... Mas duvido que Nina vá fazer qualquer coisa para que eu me sinta mais confortável aqui.

Por fim, desço as escadas até a cozinha. Tenho o tal frigobar no meu quarto, mas não há muita comida nele. É pequeno demais para isso. As três minigarrafas d'água que Nina me deixou são praticamente tudo que há lá dentro, ainda intocadas.

No caminho para a cozinha, noto que a luz da varanda dos fundos está acesa. Franzo a testa e me aproximo da porta. É quando percebo que há uma razão para a luz estar acesa. Alguém está lá.

Andrew.

Sentado sozinho em uma das cadeiras, com uma garrafa de cerveja.

Abro a porta silenciosamente. Andrew pisca ao me ver, surpreso, mas não diz nada, apenas toma outro gole da sua cerveja.

– Ei – chamo.

– Ei – responde ele.

Aperto as mãos.

– Posso me sentar aqui?

– Claro. Vai fundo.

Desço os degraus até as tábuas frias de madeira na varanda e me sento na cadeira ao lado dele, desejando ter uma cerveja também. Ele nem olha para mim. Apenas continua bebendo, observando o enorme quintal.

– Eu queria te explicar. – Pigarreio. – Tipo, por que não te contei sobre…

– Você não precisa explicar nada. – Ele olha na minha direção, mas em seguida volta para a cerveja. – É bem óbvio por que você não me contou.

– Eu queria contar. – Isso não é verdade. Eu não queria dizer nada para ele. Não queria que ele soubesse em hipótese alguma, mesmo que isso fosse completamente impossível. – De todo modo, me desculpa.

Ele agita a cerveja na garrafa.

– Por que você foi presa?

Eu queria muito, muito mesmo uma cerveja. Abro a boca, mas, antes que possa pensar no que dizer, Andrew fala:

– Deixa pra lá. Não quero saber. Não é da minha conta.

Mordo o lábio.

– Olha, me desculpa por não ter te contado. Eu queria tentar deixar o passado pra trás. Não queria causar nenhum mal.

– Aham…

– E… – Olho para minhas mãos, no meu colo. – Eu estava com vergonha. Não queria que você me enxergasse dessa forma. A sua opinião significa muito pra mim.

Ele vira a cabeça para me encarar, seus olhos suaves sob a luz fraca da varanda.

– Millie…

– Também queria que você soubesse… – Respiro fundo. – Eu me diverti

muito naquela noite. Foi uma das melhores da minha vida. Por sua causa. Então, aconteça o que acontecer, obrigada. Eu só… precisava te dizer isso.

Há um vinco entre suas sobrancelhas.

– Eu me diverti muito também. Não me sentia tão feliz há… – Ele pressiona a ponte do nariz. – Um tempo. Nem tinha me dado conta disso.

Nós nos encaramos por alguns segundos. Ainda há uma eletricidade entre nós. Posso ver em seus olhos que ele sente isso também. Ele olha para a porta e, antes que eu consiga entender o que está acontecendo, seus lábios estão colados nos meus.

Ele me beija pelo que parece uma eternidade, mas que provavelmente foram apenas sessenta segundos. Quando se afasta, há arrependimento em seus olhos.

– Não posso…

– Eu sei…

Não é para ser. Nós dois. Por muitos motivos. Mas, se ele quisesse ir em frente, eu bancaria. Mesmo que isso significasse fazer da Nina uma inimiga. Eu arriscaria. Por ele.

Então me levanto e o deixo para trás na varanda com sua cerveja.

A madeira da escada está gelada sob meus pés descalços no caminho de volta ao segundo andar. Minha cabeça ainda está girando com aquele beijo e meus lábios estão formigando. Essa não pode ser a última vez. Não *pode*. Eu vi o jeito que ele me olhou. Andrew tem sentimentos verdadeiros por mim. Mesmo sabendo do meu passado, ainda gosta de mim. O único problema é…

Espere aí. O que é isso?

Congelo no topo da escada. Há uma sombra no corredor. Olho para ela, tentando distinguir a imagem na escuridão.

E então ela se move.

Deixo escapar um grito e quase rolo escada abaixo. Agarro o corrimão e me salvo no último segundo. A sombra se aproxima de mim, e agora consigo ver o que é.

É Nina.

– Nina – falo, sem ar.

Por que ela está parada no corredor? Será que ela estava descendo as escadas? Será que viu Andrew e eu nos beijando?

– Oi, Millie.

Está escuro no corredor, mas o branco de seus olhos está praticamente brilhando.

– O que… o que você está fazendo aqui?

Ela faz uma careta para mim, a luz da lua criando sombras perturbadoras em seu rosto.

– A casa é *minha*. Não tenho que te dar satisfação sobre o que eu faço ou deixo de fazer.

Na verdade, a casa não é de fato dela. Andrew é o dono da casa. E, se eles não fossem casados, ela não poderia morar aqui. Se ele decidisse me escolher em vez dela, esta seria a *minha* casa.

Esses pensamentos são insanos. Obviamente, isso não vai acontecer.

– Desculpe.

Ela cruza os braços.

– O que *você es*tá fazendo aqui?

– Eu… eu desci pra pegar um copo d'água.

– Você não tem água no seu quarto?

– Bebi tudo – minto.

E tenho certeza de que ela sabe que é mentira, considerando o fato de que bisbilhota o meu quarto.

Nina fica em silêncio por um momento.

– Andy não estava na cama. Você viu ele lá embaixo em algum lugar?

– Eu, é… acho que ele está na varanda dos fundos.

– Entendi.

– Mas não tenho certeza. Não falei com ele nem nada.

Nina me lança um olhar de quem não acredita em uma palavra que eu digo. O que é justo, já que nada é verdade.

– Vou lá falar com ele.

– E eu vou pro meu quarto.

Ela assente e passa por mim, dando um encontrão no meu ombro. Meu coração está acelerado. Não consigo me livrar da sensação de ter cometido um erro terrível ao cruzar o caminho de Nina Winchester. No entanto, agora não consigo fazer nada para mudar isso.

TRINTA E TRÊS

Tenho o domingo de folga, então passo o dia fora de casa. Está um lindo dia de verão – nem muito quente, nem muito frio –, de modo que pego o carro e vou até o parque local, me sento em um banco e leio meu livro. Na prisão, é fácil esquecer prazeres simples como esse. Só sair e ler no parque. Às vezes, você quer tanto essas coisas que chega a doer fisicamente.

Nunca mais vou voltar para lá. Nunca.

Compro algo para comer em um drive-thru de fast-food, depois volto para casa.

A propriedade dos Winchesters é realmente linda. Ainda que meu desprezo por Nina esteja crescendo, é impossível odiar aquela casa. É uma bela residência.

Estaciono na rua como sempre e ando até a porta da frente. O céu escureceu ao longo do caminho e, assim que chego à porta, as nuvens se desfazem e gotas de chuva começam a cair. Abro a porta e deslizo para dentro antes de ficar encharcada.

Quando entro na sala, Nina está sentada no sofá em meio à penumbra. Ela não está fazendo nada. Não está lendo, não está assistindo TV. Só está lá, sentada. E, quando abro a porta, seus olhos ficam em alerta.

– Nina? Tudo bem?

– Na verdade, não.

Ela olha para a outra ponta do sofá, e agora percebo que há uma pilha de roupas ao lado dela. São as mesmas que ela insistiu que eu aceitasse quando comecei a trabalhar aqui.

– O que as *minhas* roupas estão fazendo no seu quarto? – pergunta ela.

Eu a encaro enquanto um relâmpago ilumina a sala.

– O quê? Do que você está falando? Você me deu essas roupas.

– Eu dei essas roupas pra você?! – Ela solta uma gargalhada que ecoa pelo cômodo, apenas parcialmente abafada pelo estrondo do trovão. – Por que eu daria pra minha *empregada* roupas que valem milhares de dólares?

– Você… – Minhas pernas tremem. – Você disse que elas estavam muito pequenas. Você insistiu que eu ficasse com elas.

– Como você consegue mentir desse jeito? – Ela dá um passo na minha direção, seus olhos azuis como gelo. – Você roubou as minhas roupas! Sua ladra!

– Não… – Tento me segurar em algo antes que minhas pernas cedam por completo, mas não alcanço nada. – Eu nunca faria isso.

– Rá! – Ela bufa. – Isso é o que eu ganho por confiar em uma ex-presidiária pra trabalhar na minha casa!

Ela fala alto o suficiente para que Andrew ouça a comoção. Ele vem correndo do escritório, e vejo seu lindo rosto no topo da escada, iluminado por outro relâmpago. Meu Deus, o que ele vai pensar de mim? Já é ruim o suficiente que ele saiba sobre meu tempo na cadeia. Não quero que ache que roubei algo dentro de sua própria casa.

– Nina? – Ele desce os degraus de dois em dois. – O que está acontecendo aqui?

– Eu vou te falar o que está acontecendo! – anuncia ela, triunfante. – Millie vem roubando coisas do meu armário. Ela roubou todas essas roupas de mim. Encontrei tudo isso no armário dela.

Os olhos de Andrew se arregalam lentamente.

– Ela…

– Eu não roubei nada! – Lágrimas surgem em meus olhos. – Eu juro. A Nina me deu essas roupas. Ela disse que não cabiam mais nela.

– Como se a gente fosse acreditar nessas suas mentiras. – Ela zomba de mim. – Eu deveria chamar a polícia pra vir atrás de você. Você sabe quanto valem essas roupas?

– Não, por favor, não…

– Ah, claro. – Nina ri da expressão no meu rosto. – Você está em liberdade condicional, não é? Algo desse tipo te mandaria direto de volta pra cadeia.

Andrew está olhando para as roupas no sofá, um vinco profundo entre as sobrancelhas.

– Nina…

– Eu vou ligar pra polícia. – Ela tira o celular da bolsa. – Só Deus sabe o que mais ela roubou da gente, certo, Andy?

– Nina. – Ele levanta a cabeça e olha para ela. – Millie não roubou essas roupas. Eu me lembro de você esvaziando o armário. Você colocou tudo em sacos de lixo e disse que ia doar. – Ele pega um vestido branco minúsculo. – Você não cabe nisto aqui *há anos*.

É gratificante a forma como as bochechas de Nina ficam vermelhas.

– O que você está dizendo? Que eu sou *gorda* demais?

Ele ignora o comentário dela.

– Eu estou dizendo que com certeza ela não roubou isso de você. Por que você está fazendo isso com ela?

Nina fica boquiaberta.

– Andy…

Andrew olha para mim, pairando ao lado do sofá.

– Millie. – Sua voz é gentil ao dizer meu nome. – Você poderia subir e nos deixar a sós? Preciso conversar com a Nina.

– Sim, claro – falo.

Com prazer.

Os dois ficam parados em silêncio enquanto subo o lance de escadas até o segundo andar. Quando chego ao topo, vou até a porta do sótão e a abro. Por um momento, fico ali, contemplando meu próximo passo. Então, fecho a porta sem passar por ela.

Sem fazer barulho dessa vez, vou pé ante pé até o topo da escada.

Estou na beira do corredor, pouco antes da escada. Não consigo ver Nina e Andrew, mas posso ouvir suas vozes. É errado espionar, mas não consigo me segurar. Afinal, essa conversa quase certamente envolverá as acusações de Nina contra mim.

Espero que Andrew continue me defendendo, mesmo na minha ausência. Será que ela vai convencê-lo de que roubei suas roupas? Ao fim e ao cabo, sou uma ex-presidiária. Você comete um erro na vida e ninguém nunca mais confia em você.

– … não pegou esses vestidos – diz Andrew. – Eu sei que ela não pegou.

– Como você pode ficar do lado dela e não do meu? – devolve Nina. – Essa garota já foi presa. Não dá pra confiar em gente assim. Ela é uma mentirosa e uma ladra, e provavelmente merece voltar pra cadeia.

– Como você pode dizer uma coisa dessas? A Millie tem sido maravilhosa pra gente.

– Claro, tenho certeza de que *você* acha isso.

– Em que momento da vida você se tornou tão cruel, Nina? – A voz dele treme. – Você mudou. É outra pessoa agora.

– Todo mundo muda – dispara ela.

– Não. – Ele abaixa a voz, de modo que preciso me esforçar para ouvi-la acima do ruído das gotas de chuva caindo do lado de fora e batendo no chão. – Não como você. Eu nem te reconheço mais. Você não é a mesma pessoa por quem me apaixonei.

Há um silêncio prolongado, interrompido por um trovão que estala alto o suficiente para sacudir as paredes. Assim que o barulho passa, ouço as palavras de Nina em alto e bom som.

– Do que você está falando, Andy?

– Estou dizendo que… acho que não sou mais apaixonado por você, Nina. Acho que a gente deveria se separar.

– Você não está mais apaixonado por mim? – Ela explode. – Como pode dizer isso?

– Desculpa. Eu estava só seguindo o fluxo, vivendo a vida, e nem percebi como estava infeliz.

Nina fica em silêncio por um bom tempo enquanto assimila as palavras dele.

– Isso tem a ver com a Millie?

Prendo a respiração esperando para ouvir a resposta de Andrew. Algo aconteceu entre nós naquela noite em Nova York, mas não vou me enganar achando que ele está deixando a Nina por minha causa.

– Não tem a ver com a Millie – diz ele por fim.

– Tem certeza? Quer dizer que você vai mentir na minha cara e fingir que nada aconteceu entre vocês dois?

Droga. Ela sabe. Ou, pelo menos, acha que sabe.

– Eu gosto da Millie – diz ele com uma voz tão calma que tenho certeza de

que estou imaginando coisas. Como esse homem rico, bonito e *casado* pode ter sentimentos por *mim*? – Mas não é disso que se trata. Tem a ver comigo e com você, Nina. Eu não te amo mais.

– Não acredito nisso! – O tom da voz dela está ficando tão agudo que logo só os cães poderão ouvi-la. – Você vai me largar pra ficar com a *empregada*! Essa é a coisa mais ridícula que já ouvi. Que *vergonha alheia*. Você é melhor do que isso, Andrew.

– Nina. – O tom dele é firme. – Acabou. Sinto muito.

– *Sente muito*? – Outro estrondo sacode as tábuas do assoalho. – Você vai ver só o que é sentir muito…

Há uma pausa.

– *Como é que é*?

– Se você tentar ir adiante com isso – vocifera ela –, vou acabar com você na Justiça. Vou garantir que você fique sem um tostão e sem casa.

– Sem casa? Esta casa é *minha*, Nina. Comprei antes de a gente sequer se conhecer. Eu *permito* que você more aqui. A gente tem um acordo pré-nupcial, como você deve se lembrar, e depois que o nosso casamento terminar esta casa vai ser minha de novo. – Ele faz outra pausa. – E agora eu gostaria que você fosse embora.

Arrisco olhar para a escada. Se me agachar, consigo ver Nina parada no meio da sala com o rosto pálido.

Sua boca abre e fecha como se ela fosse um peixe.

– Você não pode estar falando sério, Andy – gagueja ela.

– Estou falando muito sério.

– Mas… – Ela aperta o peito. – E a Cece?

– Cece é *sua* filha. Você nunca quis que eu adotasse ela.

Ela aparentemente está falando com os dentes cerrados.

– Ah, já entendi tudo. É porque não posso ter outro filho. Você quer alguém mais jovem, que possa te dar um bebê. Já que eu não sirvo mais.

– Não é nada disso.

Embora, em algum nível, talvez seja. Andrew quer outro filho. E ele não pode ter isso com Nina.

A voz dela treme.

– Andy, por favor, não faz isso comigo… Não me humilha desse jeito. *Por*

favor.

– Eu gostaria que você fosse embora, Nina. Agora mesmo.

– Mas está chovendo!

A voz de Andrew não vacila.

– Arruma as malas e vai embora.

Quase posso ouvi-la considerando suas opções. Posso dizer muitas coisas sobre Nina Winchester, mas ela não é burra. Por fim, ela se rende.

– Muito bem. Eu vou embora.

Os passos de Nina ecoam na direção das escadas. É quando me ocorre, um segundo tarde demais, que preciso sair dali. Nina ergue os olhos e me vê de pé no topo da escada. Seus olhos queimam de raiva. Nunca vi algo assim. Eu deveria correr de volta para o meu quarto, mas minhas pernas parecem congeladas quando seus saltos mordem os degraus um por um.

Um relâmpago lampeja quando ela chega ao topo, e o brilho em seu rosto faz com que ela pareça estar diante dos portões do inferno.

– Você… – Meus lábios estão dormentes, é quase difícil formar as palavras. – Você precisa de ajuda pra fazer as malas?

Há tanto ódio nos olhos dela que tenho medo de que enfie a mão no meu peito e arranque meu coração.

– Se eu preciso de ajuda pra *fazer as malas*? Não, acho que consigo resolver isso sozinha.

Nina vai para o quarto, batendo a porta depois de entrar. Não sei exatamente o que fazer. Poderia ir para o sótão, mas então olho para baixo e vejo Andrew ainda na sala. Ele está olhando para mim, então desço as escadas para falar com ele.

– Sinto muito! – Minhas palavras saem em um rompante. – Eu não tinha a intenção…

– Não se atreva a pedir desculpas – diz ele. – Isso já estava pra acontecer há muito tempo.

Olho para a janela, que está encharcada de chuva.

– Você quer que eu… vá embora?

– Não – responde ele. – Quero que você fique.

Ele toca meu braço e sinto um formigamento me atravessar. A única coisa

em que consigo pensar é que quero que ele me beije, mas Andrew não pode fazer isso agora. Não com Nina lá em cima.

Mas ela logo vai embora.

Cerca de dez minutos depois, Nina desce as escadas, lutando com uma bolsa em cada ombro. No dia anterior, ela teria feito eu carregar tudo e dado risada de quão fraca eu sou. Agora, tem que fazer isso sozinha. Quando olho para ela, noto seus olhos inchados e o cabelo desgrenhado. Ela parece muito mal. Acho que nunca havia me dado conta até este momento de quantos anos ela tem.

– Por favor, Andy, não faz isso – implora ela. – *Por favor*.

Um músculo se contrai no queixo dele. Um trovão estala novamente, mas é mais suave do que antes. A tempestade está se afastando.

– Eu te ajudo a colocar as malas no carro.

Ela sufoca um soluço.

– Não precisa.

Nina se arrasta até a porta que dá para a garagem que fica bem na lateral da sala de estar, carregando as malas pesadas com dificuldade. Andrew tenta estender a mão para ajudar, mas ela dá de ombros, então se atrapalha para abrir a porta. Em vez de colocar as malas no chão, parece estar fazendo malabarismos com as duas e tentando abrir a porta ao mesmo tempo. Leva vários minutos, e em determinado momento não aguento mais. Corro até a porta e, antes que Nina seja capaz de me impedir, giro a maçaneta e abro para ela.

– Puxa – diz. – *Muito* obrigada, viu?

Não sei como responder. Apenas fico lá parada enquanto ela passa por mim com as malas. Pouco antes de atravessar a porta, ela se inclina para perto de mim, tanto que posso sentir seu hálito quente no meu pescoço.

– Eu *nunca* vou esquecer isso, Millie – sussurra no meu ouvido.

Sinto meu coração palpitar dentro do peito. Suas palavras ecoam em meus ouvidos enquanto ela atira as malas na parte de trás de seu Lexus branco e então sai da garagem.

Ela deixa o portão aberto. Vejo a chuva caindo no chão de cimento enquanto uma rajada de vento atinge meu rosto. Fico lá por um momento, observando o carro de Nina desaparecer ao longe. Quase dou um pulo quando um braço envolve meus ombros.

Claro, é Andrew, só isso.

– Você está bem? – pergunta ele.

Ele é tão maravilhoso. Depois daquela cena lamentável, é atencioso o suficiente para perguntar como estou.

– Estou. E você?

Ele suspira.

– Podia ter sido melhor. Mas precisava ser assim. Eu não tinha mais como continuar vivendo desse jeito. Não amava mais ela.

Olho de volta para a garagem.

– Será que ela vai ficar bem? Onde ela vai ficar?

Ele dá um tapinha no ar.

– Ela tem um cartão de crédito. Vai pegar um quarto em algum hotel. Não se preocupa com a Nina.

Só que *estou* preocupada com ela. Muito preocupada. Mas não do jeito que ele pensa.

Andrew solta meus ombros para apertar o botão e fechar o portão da garagem. Ele pega minha mão e tenta me puxar para longe, mas continuo observando o portão até que ele se feche por completo, para garantir que o carro de Nina não vai reaparecer no último segundo.

– Vamos, Millie. – Há um brilho nos olhos de Andrew. – Faz tempo que eu quero ficar sozinho com você.

Apesar de tudo, sorrio.

– Ah, é?

– Você não faz ideia…

Ele me puxa para um beijo, e, quando me derreto contra ele, outro trovão estala. Tenho a sensação de que ainda consigo ouvir o motor do carro de Nina ao longe. Mas isso é impossível. Ela se foi.

De vez.

TRINTA E QUATRO

Na manhã seguinte, acordo no quarto de hóspedes, com Andrew dormindo ao meu lado.

Depois que Nina partiu, ontem à noite, foi aqui que acabamos. Eu não queria dormir na cama dele, a mesma em que Nina estava dormindo até a véspera. E minha cama lá em cima não é muito confortável para duas pessoas. Então, esse foi o acordo.

Suponho que, se continuarmos assim, se as coisas ficarem mais sérias entre nós, mais cedo ou mais tarde terei que dormir na suíte principal. Mas por enquanto, não. O quarto ainda tem o cheiro de Nina. Seu fedor gruda em tudo.

Os olhos de Andrew se abrem e um sorriso se espalha em seu rosto quando me vê deitada ao lado dele.

– É… Olá – diz ele.

– Olá pra você também.

Ele corre um dedo pelo meu pescoço e por cima do meu ombro, e todo o meu corpo se arrepia.

– Adoro acordar do seu lado. E não do lado *dela*.

Eu me sinto da mesma forma. Espero acordar ao lado dele amanhã. E na manhã seguinte. Nina não dava valor a este homem, mas eu, sim. Ela achava que tinha a vida ganha.

É uma loucura pensar que agora tudo isso será meu.

Ele se inclina e dá um beijo no meu nariz.

– É melhor eu me levantar. Preciso ir a uma reunião.

Eu me esforço para me sentar na cama.

– Vou fazer o café da manhã.

– Nem pense nisso. – Andrew sai da cama, os cobertores caindo de seu corpo perfeito. Ele está em muito boa forma, deve frequentar uma academia. – Você tem se levantado e feito o café da manhã pra gente todos os dias desde que chegou aqui. Hoje, você vai dormir até mais tarde. E depois vai fazer o que quiser.

– Eu costumo lavar roupa às segundas. Não me importo de bater uma máquina e…

– Não. – Ele me encara. – Olha, não sei exatamente como resolver tudo isso, mas… eu gosto mesmo de você. Quero dar uma chance pra nós dois, de verdade. E, se vamos fazer isso, você não pode ser minha empregada. Vou encontrar outra pessoa pra limpar a casa e você pode ficar aqui até descobrir o que quer fazer.

Minhas bochechas coram.

– Não é tão fácil pra mim. Você sabe que tenho antecedentes. As pessoas não querem contratar alguém que…

– É por isso que você pode ficar aqui o tempo que quiser. – Ele ergue a palma da mão silenciando meus protestos. – É sério. Eu adoro ter você aqui. E, quem sabe, talvez acabe sendo, bem, algo permanente.

Ele abre um sorriso doce e encantador, e eu simplesmente derreto.

Nina tinha que ser mesmo louca para deixar esse cara escapar. Ainda estou com medo de que ela o queira de volta.

Observo Andrew enfiar as pernas musculosas na cueca samba-canção, embora finja não estar olhando. Ele dá uma piscadinha para mim, então sai do quarto para tomar um banho. E eu fico sozinha.

Deixo escapar um bocejo, me espreguiçando nesta luxuosa cama de casal. Fiquei emocionada quando ganhei a cama dobrável do andar de cima, mas isto aqui é outro nível. Eu nem tinha percebido que estava com torcicolo, porém, depois de uma noite neste colchão, me sinto melhor. Acho que posso me acostumar com isso.

Meu celular, largado na mesa de cabeceira ao lado da cama, começa a vibrar com uma ligação. Eu o alcanço e franzo a testa diante da mensagem na tela:

Número restrito.

Meu estômago revira. Quem está me ligando a esta hora da manhã? Fico olhando para a tela até o telefone parar de tocar.

Bem, está aí um bom jeito de lidar com isso.

Coloco o aparelho de volta na mesa de cabeceira e me aconchego novamente na cama. Não é só o colchão que é confortável. Os lençóis dão a sensação de que estou dormindo em uma cama de seda. E o cobertor é quente, mas, de alguma forma, leve. Muito melhor do que aquela porcaria feita de lã e que me enche de coceira que tenho usado para me cobrir no andar de cima. E do que aquele cobertor fino e horroroso que eu tinha na prisão. Quem diria que cobertores bonitos e caros seriam deliciosos, não é?

Meus olhos começam a se fechar de novo. Mas, pouco antes de eu adormecer, meu telefone começa a tocar novamente.

Gemo e estico a mão para pegá-lo. Mais uma vez, a mesma mensagem:

Número restrito.

Quem poderia estar me ligando? Não tenho amigos. A escola de Cecelia tem o meu número, mas estão em férias de verão. A única pessoa que me liga é…

Nina.

Bem, se for ela, é a última pessoa com quem quero falar agora. Pressiono o botão vermelho para recusar a chamada. Mas, como vai ser impossível pegar no sono de novo, saio da cama e subo para tomar um banho.

• • •

Quando chego lá embaixo, Andrew já está vestindo seu terno e bebendo uma caneca de café. Sem me dar conta, corro meus dedos pela calça jeans, me sentindo incrivelmente malvestida comparada a ele. Ele está parado na janela, olhando para o jardim da frente, os lábios curvados para baixo.

– Tudo bem? – pergunto.

Ele dá um pulo, surpreso com a minha presença. Em seguida, sorri.

– Sim, tudo bem. É só que… esse maldito jardineiro… está aqui de novo. O que diabos ele tanto faz lá fora?

Eu me junto a ele na janela. Enzo está inclinado sobre um canteiro de flores,

uma pá na mão.

– Cuida do jardim?

Ele olha para o relógio.

– São oito da manhã. Ele está *sempre* aqui. Tem uma dezena de outras famílias para as quais ele trabalha… Por que ele está sempre *aqui*?

Dou de ombros, mas, para ser sincera, ele tem razão. Parece mesmo que Enzo passa muito tempo no nosso quintal. Uma quantidade desproporcional, mesmo considerando o quanto nosso quintal é maior do que a maioria dos outros.

Andrew parece tomar uma decisão e apoia a caneca de café no parapeito da janela. Eu a pego, sabendo que Nina vai ter um ataque se vir uma mancha de café no parapeito, mas de repente paro. Nina não vai me perturbar mais. Não vou precisar ver aquela mulher de novo nunca mais. Posso deixar xícaras de café onde quiser a partir de agora. Enquanto isso, Andrew caminha em direção ao gramado da frente, uma expressão determinada no rosto, e o sigo por curiosidade. Obviamente, está planejando dizer algo para Enzo.

Ele pigarreia duas vezes, mas isso não é suficiente para chamar a atenção de Enzo. Por fim, dispara:

– Enzo!

O jardineiro levanta a cabeça bem devagar e se vira.

– Sim?

– Quero falar com você.

Enzo solta um longo suspiro e se levanta. Ele caminha até nós, tão devagar quanto humanamente possível.

– Hum. O que você quer?

– Escuta. – Andrew é alto, mas, como Enzo é mais, ele precisa levantar a cabeça para olhar para o jardineiro. – Obrigado por tudo que você tem feito por aqui, mas não precisamos mais dos seus serviços. Então, por favor, pegue as suas coisas e pode ir pro seu próximo local de trabalho.

– *Che cosa*? – pergunta Enzo.

Os lábios de Andrew formam uma linha reta.

– Eu disse que a gente não precisa mais de você. Acabou. Fim. Pode ir.

A cabeça de Enzo se inclina para o lado.

– Demitido?

Andrew respira fundo.

– Sim. Demitido.

Enzo reflete por um momento. Dou um passo para trás, ciente de que, por mais forte e musculoso que Andrew seja, Enzo ganha dele fácil. Se os dois começassem a brigar agora, Andrew não teria chance. Mas então Enzo só dá de ombros.

– Ok. Eu vou.

Enzo parece se importar tão pouco com aquilo tudo que me pergunto se Andrew se sente um tolo por ter feito um grande estardalhaço por ele trabalhar aqui com tanta frequência. Mas Andrew assente, aliviado:

– *Grazie*. Obrigado pela sua ajuda nos últimos anos.

Enzo apenas o encara fixamente.

Andrew murmura algo baixinho e se vira a fim de voltar para dentro de casa. Eu me viro para acompanhá-lo, mas, assim que Andrew desaparece pela porta da frente, algo me detém. Levo um segundo para perceber que Enzo agarrou meu braço.

Giro o corpo e olho para ele. Sua expressão mudou por completo desde que Andrew voltou para dentro de casa. Os olhos escuros estão arregalados enquanto encaram os meus.

– Millie – sussurra ele –, você tem que sair daqui. Você está correndo perigo.

Meu queixo cai. Não só por conta do que ele disse, mas por como ele disse. Desde que comecei a trabalhar aqui, Enzo nunca tinha conseguido juntar mais do que algumas palavras em inglês. Desta vez, ele disse duas frases inteiras. E não só isso: o sotaque italiano, que costuma ser tão forte que mal consigo entender o que ele diz, pareceu muito mais sutil. O sotaque de um homem que se sente *muito* confortável em falar inglês.

– Eu estou bem. Nina foi embora.

– Não. – Ele balança a cabeça com firmeza, seus dedos ainda em volta do meu braço. – Você está enganada. Ela não é…

Antes que ele possa dizer qualquer outra palavra, a porta da frente da casa se abre de novo. Enzo rapidamente solta meu braço e se afasta.

– Millie? – Andrew enfia a cabeça para fora. – Tudo bem?

– Tudo – respondo.

– Você vai entrar?

Quero ficar aqui fora e perguntar a Enzo o que exatamente ele quis dizer com

aquele aviso sinistro e o que estava tentando me dizer agora, mas tenho que voltar para dentro de casa. Não tenho escolha.

Enquanto sigo Andrew pela porta da frente, olho para trás na direção de Enzo, que se ocupou recolhendo o equipamento. Ele nem sequer olha para mim. É quase como se eu tivesse imaginado tudo aquilo. Mas, quando olho para o meu braço, vejo as marcas vermelhas que os dedos dele deixaram.

TRINTA E CINCO

Andrew disse que não devo fazer nenhum serviço doméstico na casa, mas costumo fazer compras às segundas-feiras, e estamos com poucos mantimentos. E, depois que folheio alguns livros que tirei da estante e assisto a um pouco de TV, fico ansiosa para fazer alguma coisa. Ao contrário de Nina, gosto de me manter ocupada.

Tenho evitado o mercado em que aquele segurança tentou me deter. Em vez disso, vou a um diferente em outra parte da cidade. São todos iguais mesmo.

A melhor parte é empurrar o carrinho pela loja e não ter que seguir a lista de compras pretensiosa e ridícula de Nina. Posso comprar o que quiser. Se eu quiser brioche, compro. E se quiser pão de fermentação natural, é isso que vou comprar. Não preciso mandar para ela cem fotos de todos os tipos de pão. É tão libertador.

Enquanto estou dando uma olhada no corredor de laticínios, meu telefone toca dentro da bolsa. Mais uma vez, fico com aquele sentimento de inquietação. Quem poderia estar me ligando?

Talvez seja Andrew.

Enfio a mão na bolsa e pego o telefone. De novo, o tal número restrito. Quem me ligou esta manhã está tentando me ligar novamente.

– Você é a Millie, não é?

Quase saio do corpo. Ergo a cabeça e vejo uma das mulheres que Nina convidou para a reunião da APM, mas não consigo lembrar o nome dela. Ela está

empurrando um carrinho também e tem um sorriso falso nos lábios carnudos e pintados.

– Isso? – respondo, hesitante

– Eu sou a Patrice – diz ela. – Você é a mocinha da Nina, não é?

Eu me irrito com o rótulo que ela me dá. *A mocinha da Nina*. Uau. Espera só até ela descobrir que Andrew largou Nina e que ela vai se ferrar no divórcio graças ao acordo pré-nupcial. Espera até descobrir que sou a nova namorada de Andrew Winchester. Em breve, talvez *eu* seja a pessoa a quem ela precise agradar.

– Eu trabalho para os Winchesters – falo num tom duro.

Mas não por muito tempo.

– Ah, bom. – Seu sorriso se alarga. – Passei a manhã toda tentando falar com a Nina. A gente tinha combinado de se encontrar pra um brunch… Sempre tomamos um brunch às segundas e quintas no Kristen's Diner… Mas ela não apareceu. Está tudo bem?

– Está – minto. – Tudo bem.

Patrice comprime os lábios.

– Acho que ela deve ter esquecido, então. Você com certeza já sabe que não dá pra confiar na Nina às vezes.

Ah, ela é muito mais do que uma pessoa não confiável. Mas mantenho a boca fechada.

Os olhos dela vão para o telefone na minha mão.

– Esse é o telefone que a Nina deu pra você usar?

– É… sim. É.

Ela joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada.

– Preciso dizer que acho bem legal da sua parte deixar que ela acompanhe onde você está o tempo inteiro. Não sei se me sentiria bem com isso se fosse eu.

Dou de ombros.

– Ela só me manda mensagens. Não é tão ruim assim.

– Não é disso que estou falando. – Ela aponta para o telefone. – Estou falando desse aplicativo de rastreamento que ela instalou. Você não fica irritada de ela querer saber onde você está o tempo todo?

Sinto como se tivesse levado um soco no estômago. *Nina rastreia o meu celular?* Como assim?

Como sou burra. É *claro* que ela faria algo do gênero. Faz todo o sentido. E agora percebo que ela não precisou vasculhar minha bolsa para encontrar o programa do espetáculo nem ligar para casa naquela noite. Ela sabia exatamente onde eu estava.

– Ah! – Patrice tapa a boca com a mão. – Desculpa. Você não tinha percebido?

Quero dar um tapa na cara cheia de Botox dessa mulher. Não tenho certeza se ela estava ciente de que eu sabia disso ou não, mas parece que está sentindo um prazer imenso em me contar. Um suor frio irrompe na minha nuca.

– Com licença – falo para Patrice.

Passo por ela, deixando meu carrinho de compras para trás. Corro para o estacionamento e só consigo respirar de novo quando estou fora da loja. Coloco as mãos nos joelhos e me inclino para a frente, e permaneço assim até que minha respiração volte ao normal.

Quando me endireito de novo, um carro está saindo a toda do estacionamento. Reconheço o Lexus branco. Parece o carro de Nina.

E então meu telefone começa a tocar mais uma vez.

Eu o arranco da bolsa. Mais uma vez, número restrito. Tudo bem, se ela quer falar comigo, pode ir em frente e dizer o que quer. Se quiser me ameaçar e me chamar de destruidora de lares, que seja.

Pressiono o botão verde.

– Alô? Nina?

– Olá! – diz uma voz alegre. – Chegou ao nosso conhecimento que a garantia do seu veículo pode ter expirado recentemente!

Afasto o telefone do ouvido e o encaro, incrédula. Não era Nina, no fim das contas. Era uma chamada de spam besta. Minha reação foi completamente exagerada.

Mas ainda não consigo afastar a sensação de que estou em perigo.

TRINTA E SEIS

Andrew está preso no trabalho esta noite.

Às quinze para as sete, me enviou uma mensagem pesarosa:

Problemas no trabalho. Vou ficar preso aqui por pelo menos mais uma hora. Pode comer sem mim.

Mandei uma mensagem de volta:

Tranquilo. Toma cuidado na volta.

Mas, por dentro, estou morrendo de decepção. Eu me diverti tanto jantando em Manhattan com ele que estava tentando recriar um dos pratos que comemos naquele restaurante francês. Filé *au poivre*. Usei pimenta-do-reino que comprei no supermercado (depois que consegui reunir forças para voltar), cebolinha picada, conhaque, vinho tinto, caldo de carne e creme de leite. O cheiro estava incrível, mas não ia dar para esperar mais uma ou duas horas – bife não é a mesma coisa quando a gente requenta. Não tive escolha a não ser comer meu jantar magnífico sozinha. E agora estou aqui sentada de barriga cheia, zapeando a TV.

Não gosto de ficar sozinha nesta casa. Quando Andrew está aqui, parece que a casa é *dele*, e de fato é. Mas, quando não está, o lugar inteiro cheira à Nina. Seu

perfume emana de cada rachadura e fenda – ela marcou território com seu cheiro, feito um bicho.

Mesmo depois de Andrew ter me dito para não fazer isso, fiz uma limpeza pesada na casa quando voltei do mercado, tentando me livrar do perfume dela. No entanto, ainda consigo sentir o cheiro.

Por mais desagradável que Patrice tenha sido, ela me fez um grande favor. Nina *estava* me rastreando. Encontrei o aplicativo escondido em uma pasta aleatória, em um lugar que eu jamais teria visto. Apaguei no mesmo instante.

Mas ainda não consigo afastar a sensação de que ela está me observando.

Fecho os olhos e penso no aviso que Enzo me deu esta manhã. *Você tem que sair daqui. Você está correndo perigo.* Ele tinha medo de Nina, vi nos olhos dele no dia em que estávamos conversando e ela passou perto da gente.

Você está correndo perigo.

Fico enjoada e tento me livrar da sensação. Nina se foi. Mas talvez ela ainda possa me machucar.

O sol se pôs e, quando olho pelo vidro, tudo que consigo ver é meu reflexo. Eu me levanto do sofá e vou até a janela, o coração batendo forte. Pressiono a testa contra a vidraça gelada, olhando para a escuridão lá fora.

Tem um carro estacionado do lado de fora do portão?

Olho para a escuridão, tentando descobrir se estou apenas imaginando coisas. Fico pensando que poderia ir lá fora para dar uma olhada mais de perto, mas isso envolveria destrancar as portas da casa.

Claro, que diferença faz se a porta está destrancada quando Nina tem uma chave?

Meus pensamentos são interrompidos pelo som do meu celular tocando na mesa de centro. Corro para pegá-lo antes que perca a chamada e franzo a testa quando vejo outro número restrito na tela. Balanço a cabeça. Outra chamada de spam, exatamente do que eu preciso.

Pressiono o botão verde para aceitar a chamada, esperando ouvir a gravação desagradável. Mas, em vez disso, ouço uma voz distorcida e mecânica:

– *Fique longe de Andrew Winchester!*

Respiro fundo.

– Nina?

Eu não saberia dizer se era um homem ou uma mulher, muito menos se era

Nina. Então há um clique do outro lado da linha. A ligação caiu.

Engulo em seco. Estou farta dos jogos de Nina. A partir de amanhã, vou retomar o controle desta casa. Vou chamar um chaveiro para trocar o segredo das fechaduras das portas. E, esta noite, vou dormir na suíte principal. Chega dessa palhaçada de quarto de hóspedes. Não sou mais uma hóspede aqui.

Andrew disse que queria que isso se tornasse algo permanente. Então agora esta casa é minha também.

Vou até as escadas, subindo dois degraus por vez. Continuo andando até chegar ao quarto abafado no sótão, o meu quarto – exceto que ele não será mais meu depois desta noite. Vou arrumar tudo e me mudar para o andar de baixo. Esta será minha última vez neste quartinho claustrofóbico com fechadura estranha do lado de fora da porta.

Pego uma das minhas malas do armário. Começo a jogar roupas dentro dela, sem me preocupar em ser muito cuidadosa, já que vou apenas descer um lance de escadas. Claro, vou ter que pedir permissão a Andrew antes de abrir espaço em uma gaveta no andar de baixo. Mas ele não pode esperar que eu continue vivendo aqui. É desumano. Este quarto é uma espécie de câmara de tortura.

– Millie? O que você está fazendo?

A voz atrás de mim quase me causa um ataque cardíaco. Levo a mão ao peito e me viro.

– Andrew. Não ouvi você entrar.

Seu olhar dispara para as minhas malas.

– O que você está fazendo? – repete.

Enfio na mala um punhado de sutiãs que tinha nas mãos.

– Bom, pensei em me mudar pro andar de baixo.

– Ah.

– Tem… tem problema?

De repente, me sinto desconfortável. Tinha presumido que estaria tudo bem para Andrew, mas talvez eu não devesse ter feito essa suposição.

Ele dá um passo na minha direção. Mordo meu lábio até doer.

– Claro que não. Eu mesmo ia sugerir isso. Mas não tinha certeza se você iria querer.

Meus ombros caem.

– Quero, sim, com certeza. Eu… tive um dia meio difícil.

– O que você fez hoje? Vi alguns dos meus livros na mesa de centro. Você estava lendo?

Eu adoraria que isso tivesse sido a única coisa que fiz hoje.

– Pra falar a verdade, não quero conversar sobre isso.

Ele dá mais um passo para se aproximar de mim e estende a mão para traçar meu queixo com a ponta do dedo.

– Quem sabe eu consigo fazer você esquecer isso…

Tremo com o toque dele.

– Aposto que consegue.

E consegue mesmo.

TRINTA E SETE

Apesar de quão incrivelmente desconfortável é a minha cama comparada ao fabuloso colchão do quarto de hóspedes, eu desmaio logo depois que Andrew e eu fazemos amor lá em cima, envolta nos braços dele. Nunca pensei que transaria com alguém neste quarto. Em especial porque Nina era extremamente rigorosa em relação a me deixar receber convidados.

Essa regra com certeza não funcionou muito bem para ela.

Acordo por volta das três da manhã. A primeira sensação que tenho é de que minha bexiga está cheia, de um jeito até um pouco desconfortável. Preciso ir ao banheiro. Normalmente, vou bem antes de ir para a cama, mas Andrew me cansou e peguei no sono antes que pudesse reunir energia para fazer isso.

A segunda sensação da qual me dou conta é de um vazio. Andrew não está mais na cama.

Suspeito que, depois que adormeci, ele decidiu ir para a própria cama. Não o julgo. Essa cama não é confortável nem para uma pessoa, quanto mais para duas, e o quarto é absolutamente claustrofóbico. Talvez ele tenha tentado ficar, mas, depois de virar de um lado para outro, migrou para baixo. Andrew é mais de dez anos mais velho que eu, e minhas costas mal conseguem passar a noite neste colchão, então não posso mesmo culpá-lo.

Estou muito feliz de esta ser a última noite que vou dormir aqui. Talvez, depois de usar o banheiro, eu vá me encontrar com Andrew lá embaixo.

Eu me levanto, as tábuas do assoalho rangendo sob meu peso. Vou até a porta e giro a maçaneta. Como de costume, ela trava. Então, giro com mais firmeza.

Continua travada.

O pânico cresce no meu peito. Pressiono o corpo contra a porta, as marcas de arranhões na madeira esfolando meu ombro, e coloco a mão direita na maçaneta. Tento mais uma vez girá-la no sentido horário, mas ela não se mexe. Nem um milímetro. E é aí que percebo o que está acontecendo.

A porta não está travada. Está trancada.

PARTE II

TRINTA E OITO

NINA

Se há poucos meses alguém me dissesse que hoje eu estaria passando a noite em um quarto de hotel enquanto Andy está na *minha* casa com outra mulher – a empregada! –, eu não teria acreditado.

Mas cá estou eu. Com um roupão felpudo que encontrei no armário, jogada na cama queen-size do hotel. A televisão está ligada, mas mal presto atenção. Pego meu celular e clico no aplicativo que tenho usado nos últimos meses. Buscar Meus Amigos. Aguardo até que ele me mostre a localização de Wilhelmina Calloway.

Contudo, sob o nome dela, diz: localização não encontrada. O mesmo resultado desde hoje à tarde.

Ela deve ter descoberto que eu a estava rastreando e desativou o aplicativo. Garota esperta.

Mas não o suficiente.

Pego minha bolsa em cima da mesinha de cabeceira. Fuço até encontrar a única fotografia impressa que tenho de Andy. Alguns anos atrás, ele tirou fotos profissionais para o site da empresa e me deu uma cópia. Encaro seus olhos castanhos profundos no pedaço de papel brilhante, seu cabelo castanho perfeito, a covinha sutil em seu queixo definido. Andy é o homem mais bonito que já conheci. Eu me apaixonei por ele no segundo em que o vi.

Em seguida, encontro outro objeto dentro da bolsa e o coloco no bolso do

roupão.

Eu me levanto da cama queen-size, meus pés afundando no tapete macio do quarto do hotel. Este quarto está custando uma fortuna, mas tudo bem. O cartão é de Andy, e não vou passar muito tempo aqui.

Entro no banheiro e seguro a fotografia do rosto sorridente dele. Então, puxo o objeto que tenho no bolso.

É um isqueiro.

Aciono a roldana até que uma chama amarela saia dele. Seguro a luz bruxuleante na borda da fotografia e ela começa a queimar. Observo o rosto bonito do meu marido ficar marrom e se desintegrar, até que a pia esteja cheia de cinzas.

Então, sorrio. Meu primeiro sorriso genuíno em quase oito anos. Não acredito que finalmente me livrei daquele escroto.

• • •

Como se livrar de seu marido sádico e cruel: um guia de Nina Winchester

Primeiro passo: engravide depois de transar bêbada em uma única noite casual, abandone o doutorado e arrume um emprego de merda para pagar as contas

Meu chefe, Andrew Winchester, sempre pareceu um sonho.

Ele não é exatamente meu chefe. Está mais para o chefe do chefe do meu chefe. Pode ser que haja mais algumas pessoas entre mim (uma recepcionista) e ele (o CEO da empresa desde a aposentadoria do pai).

Então, quando estou sentada à minha mesa, do lado de fora da sala do meu chefe imediato, admirando Andrew Winchester de longe, não é que eu esteja encantada por um homem de *verdade*. É mais como admirar um ator famoso na estreia de um filme ou talvez até mesmo uma pintura no museu de belas-artes. Especialmente porque não tenho espaço na minha vida para encontros, muito menos para um namorado.

Mesmo assim, ele é *tão* bonito. Tem todo esse dinheiro e, além disso, ainda é

lindo desse jeito. Se ele não fosse tão *gentil*, diria que isso é a prova de que a vida é injusta.

Por exemplo, quando ele foi falar com o meu chefe (um cara pelo menos vinte anos mais velho que ele chamado Stewart Lynch, que claramente se ressente de responder a um sujeito ao qual se refere como "o garoto"), Andrew Winchester parou na minha mesa, sorriu para mim e me chamou pelo nome.

– Oi, Nina. Como estão as coisas hoje?

Obviamente, ele não sabe quem eu sou. Ele só leu meu nome na placa em cima da mesa. Mas, mesmo assim, foi legal ver que tenha feito esse esforço. Gostei de ouvir meu nome comum de quatro letras saindo de sua boca.

Os dois estão conversando na sala de Stewart há cerca de meia hora. Stewart me instruiu a não ir embora enquanto o Sr. Winchester estivesse lá, porque ele poderia precisar de mim para buscar algum dado no computador. Não consigo entender o que Stewart faz, porque sou eu que faço todo o trabalho dele. Mas tudo bem. Não me importo, desde que eu receba meu salário e meu seguro-saúde. Cecelia e eu precisamos de um lugar para morar, e o pediatra diz que ela precisa tomar uma série de injeções no mês que vem (para doenças que ela sequer tem!).

Mas o que me incomoda um pouco mais é que Stewart não me avisou que ia me pedir para esperar. Eu deveria estar tirando leite agora. Meus seios estão cheios e doloridos, esticando os grampos do meu frágil sutiã de amamentação. Estou dando o meu melhor para não pensar em Cece, porque, se o fizer, o leite quase certamente vai explodir pelos meus mamilos. E esse não é o tipo de coisa que você quer que aconteça quando está sentada diante de sua mesa de trabalho.

Nesse momento, Cece está com a minha vizinha, Elena. Ela também é mãe solo, então nos revezamos tomando conta das crianças. Meu horário é mais certinho, enquanto ela trabalha no turno da noite em um bar. Assim, cuido de Teddy para ela e ela cuida de Cece para mim. Estamos conseguindo dar conta. Mais ou menos.

Sinto falta de Cece quando estou no trabalho. Penso nela o tempo todo. Sempre fantasiei que, quando tivesse um bebê, conseguiria ficar em casa pelo menos nos primeiros seis meses. Em vez disso, tirei minhas duas semanas de licença e voltei direto para o trabalho, embora ainda sentisse dor ao andar. Eles teriam me concedido doze semanas de licença, mas as outras dez não teriam sido

remuneradas. Quem consegue ficar dez semanas sem receber? Com certeza, eu, não.

Às vezes, Elena se ressente do filho em razão de tudo de que abriu mão por causa dele. Vivendo em estado de quase pobreza, eu mal conseguia me dedicar ao doutorado em inglês quando acabei me deparando com um teste de gravidez positivo. Ao ver as duas linhas azuis, me dei conta de que aquele estilo de vida como eterna aluna de pós-graduação jamais seria suficiente para mim e aquela criança que nasceria em breve. No dia seguinte, desisti. E comecei a bater perna por aí, em busca de algo com que pudesse pagar as contas.

Este não é o meu emprego dos sonhos. Longe disso. Mas o salário é justo, os benefícios são ótimos e o horário é estável e não muito longo. E me disseram que é possível subir na empresa. Em algum momento.

Mas, agora, eu só preciso passar os próximos vinte minutos sem que meus seios vazem.

Estou *muito* perto de sair correndo até o banheiro com minha bombinha e minhas garrafas de leite quando a voz de Stewart estala no interfone.

– Nina? – diz ele num tom irritado. – Você poderia me trazer os dados do Grady?

– Sim, senhor, agora mesmo!

Acesso meu computador e carrego os arquivos que ele quer, então clico em imprimir. São cerca de cinquenta páginas de informações, e fico ali sentada, batendo o pé no chão, vendo a impressora cuspir cada folha de papel. Quando a última página é impressa, puxo as folhas e corro para a sala dele.

Abro a porta.

– Sr. Lynch?

– Entra, Nina.

Empurro a porta e deixo que ela se abra sozinha. Imediatamente, noto que os dois homens estão me encarando. E não é o olhar admirado que eu costumava receber em bares antes de engravidar e minha vida mudar por completo. Estão olhando para mim como se houvesse uma aranha gigante pendurada no meu cabelo e eu não tivesse notado. Estou prestes a perguntar o que diabos os dois estão olhando quando olho para baixo e descubro.

Meus seios estão vazando.

Não apenas vazando: estão esguichando leite como se eu fosse uma vaca. Há

dois círculos enormes ao redor de cada um dos meus mamilos, e algumas gotas de leite escorrem pela minha blusa. Quero rastejar para debaixo de uma mesa e morrer.

– Nina! – choraminga Stewart. – Vá se limpar!

– Claro – respondo depressa. – Eu… sinto muito. Eu…

Largo as folhas de papel na mesa de Stewart e saio correndo do escritório o mais rápido que consigo. Pego meu casaco para esconder a blusa, o tempo todo piscando para conter as lágrimas. Nem sei dizer ao certo o que me chateou mais: o fato de que o chefe do chefe do meu chefe me viu desse jeito ou o desperdício de todo esse leite.

Levo a bomba para o banheiro, ligo e alivio a pressão em meus seios. Apesar do constrangimento, é *tão* bom esvaziar todo esse leite. Talvez seja melhor do que sexo. Não que me lembre de como é fazer sexo – a última vez que isso aconteceu foi naquela única noite casual que acabou me colocando nesta situação. Encho duas garrafas de 150 mililitros inteirinhas e as ajeito dentro da minha bolsa junto com um saco de gelo. Vou deixá-las na geladeira até a hora de ir para casa. Agora, tenho que voltar para minha mesa. E fico de casaco durante o resto da tarde, porque descobri recentemente que, mesmo depois de seco, o leite deixa uma mancha.

Quando abro a porta do banheiro, me assusto ao ver que tem alguém parado ali. E não é qualquer um. É Andrew Winchester. O chefe do chefe do meu chefe. Seu punho está suspenso no ar, pronto para bater à porta. Seus olhos se arregalam ao me ver.

– É… oi – falo. – O banheiro masculino é… ali.

Eu me sinto ridícula dizendo isso. Esta é a empresa *dele*. Além disso, há uma placa de uma mulher com um vestido na porta do banheiro. Ele deve ter percebido que este é o banheiro feminino.

– Na verdade – diz ele –, eu estava atrás de você.

– De mim?

Ele assente.

– Queria saber se você estava bem.

– Estou bem. – Tento sorrir, escondendo a humilhação que passei antes. – É só leite.

– Eu sei, mas… – Ele franze a testa. – Stewart foi um babaca com você.

Aquilo foi inaceitável.

– Bom, sim… – Estou tentada a contar a ele sobre uma centena de outras situações em que Stewart foi um babaca comigo. Mas é uma má ideia falar mal do próprio chefe. – Tudo bem. De qualquer forma, eu ia mesmo sair pra almoçar, então…

– Eu também. – Ele arqueia uma sobrancelha. – Quer ir comigo?

Claro que digo que sim. Mesmo que ele não fosse o chefe do chefe do meu chefe, eu teria dito sim. Ele é lindo, para início de conversa. Amo o sorriso dele; o jeito que a pele enruga ao redor dos olhos e a sugestão de uma covinha no queixo. Mas não dá para dizer que ele está me convidando para um encontro. Ele só está se sentindo mal pelo que aconteceu na sala de Stewart. Provavelmente, alguém do RH falou para ele fazer isso a fim de amenizar a situação.

Acompanho Andrew Winchester escada abaixo até o saguão do edifício do qual ele é dono. Presumo que vá me levar a um dos muitos restaurantes chiques do bairro, então fico chocada quando me conduz até o carrinho de cachorro-quente na frente do prédio e entra na fila.

– Melhor cachorro-quente da cidade. – Ele dá uma piscadinha para mim. – O que você gosta no seu?

– Hum… mostarda, acho?

Quando chega a nossa vez, ele pede dois cachorros-quentes, ambos com mostarda, e duas garrafas de água. Ele me entrega um cachorro-quente e uma das garrafas, e me leva a um conjunto de apartamentos geminados no final do quarteirão. Ele se senta nos degraus e eu me junto a ele. É quase cômico um homem bonito desses sentado nos degraus de pedra marrom, vestindo seu terno caro e segurando um cachorro-quente coberto de mostarda.

– Obrigada pelo cachorro-quente, Sr. Winchester.

– Andy – me corrige ele.

– Andy – repito.

Dou uma mordida no cachorro-quente. É muito bom. Mas o melhor da cidade? Já não tenho tanta certeza sobre isso. Tipo, é uma carne misteriosa dentro de um pão.

– Quantos anos tem o seu bebê? – pergunta ele.

Meu rosto fica vermelho de felicidade, como sempre acontece quando alguém me pergunta sobre minha filha.

– Cinco meses.

– Como se chama?

– Cecelia.

– Muito bonito. – Ele sorri. – Como a música.

Agora ele marcou muitos pontos, porque a música de Simon e Garfunkel é o motivo pelo qual dei esse nome a ela, embora a grafia seja diferente. Era a música favorita dos meus pais. Era a música *deles* antes de aquele acidente de avião tirá-los de mim. E essa homenagem fez com que eu me sentisse perto deles novamente.

Ficamos ali sentados por vinte minutos, comendo nossos cachorros-quentes e conversando. Fico surpresa de ver quão pé no chão é Andy Winchester. Adoro o jeito que sorri para mim. Adoro o jeito que faz perguntas sobre mim, como se estivesse realmente interessado. Não me surpreende que tenha se saído tão bem com a empresa: ele é bom em lidar com pessoas. O que quer que o RH tenha lhe dito, ele fez um bom trabalho. Definitivamente não estou mais chateada com o incidente na sala de Stewart.

– É melhor eu voltar – falo para ele quando meu relógio marca uma e meia. – Stewart vai me matar se eu voltar tarde do almoço.

Não menciono o fato de Stewart trabalhar para *ele*.

Ele se levanta e limpa as migalhas das mãos.

– Tenho a impressão de que cachorro-quente não era o almoço que você esperava de mim.

– Foi ótimo.

E foi mesmo. Eu me diverti muito comendo cachorro-quente com Andy.

– Deixa eu compensar isso, então. – Ele me olha nos olhos. – Deixa eu te levar pra jantar hoje à noite.

Meu queixo cai. Andrew Winchester poderia ter qualquer mulher que quisesse. *Qualquer uma*. Por que iria querer *me levar* para jantar? Mas ele convidou.

E eu quero muito ir, o que torna quase doloroso ter que recusar.

– Não posso. Não tenho ninguém pra tomar conta da minha filha à noite.

– A minha mãe vai estar em Manhattan amanhã à tarde – diz ele. – Ela adora bebês. Com certeza ficaria felicíssima em tomar conta da Cecelia pra irmos jantar amanhã.

Agora estou mesmo boquiaberta. Ele não apenas me convidou para jantar, como também, quando lhe apresentei uma barreira, devolveu com uma solução. Envolvendo a *mãe* dele. Ele quer mesmo sair para jantar comigo.

Como eu poderia recusar?

TRINTA E NOVE

Segundo passo: ingenuamente se case com o homem sádico e cruel

Andy e eu estamos casados há três meses e às vezes tenho que me beliscar.

Nosso namoro foi rápido. Antes de conhecê-lo, todos os caras com quem eu havia saído queriam só se divertir. Mas Andy não era desses. Desde a noite do nosso primeiro e mágico encontro, ele deixou suas intenções claras para mim. Estava em busca de um relacionamento sério. Um ano antes, tinha sido noivo de uma mulher chamada Kathleen, mas não dera certo. Ele estava pronto para se casar. Estava disposto a cuidar de mim e de Cecelia.

E, do meu ponto de vista, ele era tudo que eu estava procurando. Eu queria um lar seguro para mim e minha filha. Queria um homem com um emprego estável, que fosse uma figura paterna para minha garotinha. Queria um homem gentil e responsável e… bem, sim, atraente. Andy cumpria todos os requisitos.

Mesmo nos dias que antecederam nosso casamento, eu continuava procurando defeitos. Não era possível alguém tão perfeito quanto Andy Winchester. Ele devia ter um problema secreto com jogos de azar ou, quem sabe, outra família escondida em Utah. Cogitei até ligar para Kathleen, a ex-noiva. Ele havia me mostrado fotos dela – ela era loura como eu e tinha um rosto doce –, mas eu não sabia seu sobrenome e não consegui localizá-la nas redes sociais. Pelo menos, ela não estava falando mal dele na internet. Encarei isso como um bom sinal.

A única coisa em relação a Andy que não era ideal era… bem, sua mãe. Evelyn Winchester passava mais tempo por perto do que eu gostaria. E não diria que ela era a pessoa mais calorosa do mundo. Apesar de Andy ter garantido que a mãe "adorava bebês" e ficava "felicíssima" em tomar conta de Cece, ela sempre parecia um pouco incomodada quando a convidávamos para cuidar da bebê. E a noite invariavelmente terminava com uma série de críticas ao jeito como crio minha filha, discretamente veladas como "sugestões".

Mas o casamento seria com Andy, não com a mãe dele. Ninguém gosta da sogra, certo? Eu conseguiria lidar com Evelyn, principalmente porque ela não se interessa muito por mim de modo geral, exceto pela minha aparente falta de habilidade como mãe. Se esse era o único problema de Andy, por mim tudo bem.

Então me casei com ele.

E, mesmo passados três meses, ainda estou nas nuvens. Não acredito que tenho estabilidade financeira para poder ficar em casa com a minha filha. Quero voltar para o doutorado em algum momento, mas, agora, quero aproveitar cada minuto com a minha família. Cece e Andy. Como uma mulher pode ter tanta sorte?

E, em troca, tento ser a esposa perfeita. No meu pouco tempo livre, frequento a academia para garantir que esteja em forma. Comprei um guarda-roupa de peças brancas nada práticas porque ele me acha linda com essa cor. Pesquisei receitas na internet e estou tentando cozinhar para ele o máximo que posso. Quero ser digna desta vida incrível que ele me dá.

Esta noite, beijo Cecelia em sua bochecha macia de bebê, demorando-me alguns segundos a mais para olhar para ela e absorver o som de sua respiração profunda e o cheiro de talco. Coloco uma mecha de seu cabelo louro macio atrás de uma de suas orelhas quase translúcidas. Ela é tão bonita. Eu a amo tanto que às vezes sinto que seria capaz de engoli-la.

Quando saio do quarto dela, Andy está me esperando do lado de fora. Está sorrindo para mim, seu cabelo escuro sem um fio sequer fora do lugar, tão lindo quanto no dia em que o conheci. Ainda não entendo por que me escolheu. Ele poderia ter qualquer mulher do mundo. Por que eu?

Mas talvez eu não devesse questionar. Talvez devesse apenas ficar feliz com isso.

– Ei. – Ele prende uma mecha do meu cabelo louro atrás da minha orelha. –

Suas raízes estão começando a aparecer um pouco.

– Ah.

Toco meu cabelo, envergonhada. Andy ama cabelo louro, então comecei a ir ao salão depois que ficamos noivos a fim de clarear meu cabelo para um tom mais dourado.

– Caramba, acho que ando tão ocupada com a Cece que acabei esquecendo – comento.

Não consigo ler a expressão em seu rosto. Ele ainda está sorrindo, mas há algo errado. Será que o incomoda tanto o fato de eu ter me esquecido do horário que marquei no salão?

– Escuta – diz ele. – Eu preciso da sua ajuda com uma coisa primeiro.

Ergo uma sobrancelha, feliz por ele não parecer muito chateado em relação ao meu cabelo.

– Claro. O que é?

Ele levanta a cabeça na direção do teto.

– Tem uns papéis do trabalho que enfiei lá em cima. Queria saber se você poderia me ajudar a tentar encontrá-los. Preciso escrever esse contrato hoje à noite. E depois a gente pode… – Ele sorri para mim. – Você sabe…

Ele não precisa me pedir duas vezes.

Estou morando nesta casa há cerca de quatro meses e nunca fui ao sótão. Subi as escadas uma vez, enquanto Cece estava tirando uma soneca, mas a porta estava trancada, então voltei. Andy diz que tem apenas um monte de papéis lá, nada muito interessante.

E a verdade é que não gosto de subir naquele lugar. Não tenho fobias loucas de sótãos, mas a escada que leva até lá é meio assustadora. É escuro, e os degraus rangem a cada passo. Enquanto acompanho Andy escada acima, fico perto dele.

Quando chegamos ao topo da escada, Andy me leva pelo pequeno corredor até a porta trancada, no final. Ele pega seu molho de chaves e coloca uma das menores na fechadura. Em seguida, abre a porta e puxa uma corda para acender a luz.

Pisco enquanto meus olhos se ajustam à claridade e observo o ambiente. Não é um depósito como imaginei que seria. É mais um quarto minúsculo, com uma cama dobrável enfiada em um canto. Há até uma pequena cômoda e um frigobar, além de uma única janela minúscula no outro extremo do cômodo.

– Ah – falo, coçando o queixo. – É um *quarto*. Eu achava que aqui só tivesse um monte de coisas velhas guardadas.

– Bom, eu deixo tudo naquele armário ali – explica ele, apontando para o armário perto da cama.

Vou até o armário e dou uma espiada. Não há nada do lado de dentro, exceto um balde azul. Não há papéis, muito menos o suficiente para exigir o trabalho de duas pessoas. Não entendo muito bem o que ele quer que eu faça.

Então ouço uma porta se fechar.

Levanto a cabeça e me viro. De repente, estou sozinha neste quarto minúsculo. Andy saiu e fechou a porta.

– Andy? – chamo.

Atravesso o quarto em duas passadas e alcanço a maçaneta. Mas ela não gira. Tento com mais força, jogando meu peso contra a porta, mas continuo sem sorte. A maçaneta não se move nem um centímetro.

Está trancada.

– Andy? – chamo mais uma vez. Nenhuma resposta. – Andy!

Que diabos está acontecendo?

Talvez ele tenha descido para pegar alguma coisa e a porta se fechou. Mas isso não explica por que não há papel nenhum aqui dentro, afinal ele disse que era isso que viríamos buscar.

Bato na porta com o punho fechado.

– Andy!

Ainda sem resposta.

Pressiono o ouvido contra a porta. Ouço passos, mas eles não estão se aproximando. Estão se afastando, desaparecendo na escada.

Ele não deve estar me ouvindo. É a única explicação. Apalpo meus bolsos, mas meu telefone está no quarto. Não tenho como ligar para ele.

Droga.

Meus olhos vão parar na janela minúscula no canto do quarto. Eu me aproximo e olho para fora, percebendo que ela dá para o quintal. Sendo assim, não há como chamar a atenção de ninguém do lado de fora. Estou presa aqui até Andy voltar.

Não sou exatamente claustrofóbica, mas este quarto é muito pequeno, com um teto baixo que se inclina sobre a cama. E a ideia de estar trancada aqui dentro

está começando a me assustar. Sim, Andy vai voltar em breve, mas não gosto deste espaço fechado. Minha respiração acelera e meus dedos começam a formigar.

Preciso abrir esta janela.

Empurro a parte inferior, mas ela não se move. Nem um milímetro. Por um momento, acho que talvez abra para fora, mas não. Qual é o problema desta janela besta? Respiro fundo, tentando me acalmar. Olho a janela com mais atenção e…

Está selada com tinta.

Quando Andy voltar, ele vai ver só. Eu me considero bastante equilibrada, mas *não* estou gostando de ficar trancada neste quarto. Temos que fazer alguma coisa em relação à fechadura da porta, para garantir que não volte a trancar sozinha. Quer dizer, e se nós dois estivéssemos aqui dentro? Estaríamos realmente presos.

Volto a bater na porta.

– Andy! – grito a plenos pulmões. – Andy!

Depois de quinze minutos, estou rouca de tanto gritar. Por que ele não voltou? Mesmo que não consiga me ouvir, deve ter percebido que ainda estou no sótão. O que eu poderia estar fazendo aqui sozinha? Nem sei que papéis ele quer.

Será que ele estava descendo as escadas e tropeçou, desceu rolando e agora está inconsciente em uma poça de sangue lá embaixo? Porque essa é a única coisa que faz sentido para mim.

Trinta minutos depois, estou prestes a enlouquecer. Minha garganta dói e meus punhos estão vermelhos de tanto bater na porta. Quero explodir em lágrimas. Cadê Andy? O que está acontecendo?

Justo quando sinto que estou prestes a perder a cabeça, ouço uma voz do outro lado da porta.

– Nina?

– Andy! – grito com a voz embargada. – Graças a Deus! Eu fiquei trancada aqui! Você não me ouviu gritando?

Há um silêncio prolongado do outro lado da porta.

– Sim. Eu ouvi.

Não sei o que dizer ao escutar isso. Se ele me ouviu, por que não abriu para mim? Mas não posso lidar com isso agora. Só quero sair deste quarto.

– Você pode, por favor, abrir a porta?

Outro longo silêncio.

– Não. Ainda não.

O quê?

– Não entendi – gaguejo. – Por que você não vai abrir a porta? Perdeu a chave?

– Não.

– Então me deixa sair!

– Eu disse que *ainda não*.

Estremeço com a nitidez das duas últimas palavras. Não consigo entender. O que está acontecendo? Por que ele não me deixa sair do sótão?

Olho para a porta entre nós. Tento a maçaneta mais uma vez, esperando que talvez seja algum tipo de piada. Ainda está trancada.

– Andy, você precisa me deixar sair daqui.

– Não me diga o que fazer na minha própria casa. – Sua voz tem uma entonação estranha que mal reconheço como dele. – Você tem que aprender sua lição antes de poder sair.

Sinto uma corrente gelada e nauseante percorrer minhas costas. Enquanto Andy e eu estávamos noivos, ele parecia tão perfeito. Ele era gentil, romântico, bonito, rico e bom para Cecelia. Eu sempre quis saber qual era o seu grande defeito.

Agora eu sei.

– Andy – chamo. – Por favor, me deixa sair daqui. Não sei com o que você está chateado, mas a gente pode resolver isso. Só destranca a porta e vamos conversar.

– Não. – Sua voz é calma e equilibrada, exatamente o oposto de como estou me sentindo agora. – A única forma de aprender é encarar as consequências dos seus atos.

Respiro fundo.

– Andy, me deixa sair desta merda de quarto *agora*.

Chuto a porta com força, embora meus pés descalços não causem muito impacto. Na verdade, fazer isso só machuca meus dedos. Fico esperando ouvir a porta ser destrancada, mas nada acontece.

– Juro por Deus, Andy – vocifero. – Deixa eu sair daqui. Abre. A. Porta.

– Você está chateada – reconhece ele. – Quando se acalmar, eu volto.

E então seus passos ficam mais distantes. Ele está indo embora.

– Andy! – grito. – Não se atreva a ir embora! Volta aqui! Volta aqui e me deixa sair! Andy, se não me deixar sair daqui, eu largo você! Me deixa sair! – Bato com os dois punhos. – Eu estou calma! Me deixa sair!

Mas os passos ficam cada vez mais fracos, até que, por fim, desaparecem.

QUARENTA

Terceiro passo: descubra que seu marido é o mal encarnado

É meia-noite. Três horas depois.

Bati na porta e raspei a madeira até ficar com lascas debaixo das unhas. Gritei até perder a voz. Achei que mesmo que ele não me deixasse sair, talvez os vizinhos ouvissem. Mas, depois de uma hora, perdi a esperança.

Agora estou sentada na cama no canto do quarto. As molas cutucam minha bunda enquanto finalmente deixo as lágrimas rolarem pelo rosto. Não sei o que ele pretende fazer comigo, mas só consigo pensar em Cecelia, dormindo no berço, sozinha com aquele psicopata. O que ele vai fazer comigo? O que ele vai fazer com *ela*?

Se eu sair daqui em algum momento, vou pegar a Cece e correr o mais rápido que puder para longe desse homem. Não me importo com quanto dinheiro ele tem. Não me importo se estamos legalmente casados. Eu quero *sair daqui*.

– Nina?

A voz de Andy. Pulo da cama e corro até a porta.

– Andy – falo com o que resta da minha voz.

– Você perdeu a voz – comenta ele. Não sei o que responder. – Você não deveria se dar ao trabalho de gritar. O sótão é à prova de som. Então, ninguém vai te ouvir. Eu poderia estar dando um jantar lá embaixo e ninguém jamais escutaria você gritando.

– Por favor, me deixa sair – choramingo.

Estou disposta a fazer o que for preciso. Vou concordar com o que ele quiser se me deixar sair daqui. Mas, claro, assim que a porta estiver aberta, vou abandoná-lo. Não estou nem aí se o acordo pré-nupcial diz que não vou receber nada por terminar o casamento no primeiro ano. Qualquer coisa para dar o fora.

– Não se preocupa, Nina – diz ele. – Vou deixar você sair. Prometo.

Solto um suspiro.

– Mas *ainda não* – acrescenta. – Você tem que aprender as consequências do que você fez.

– Do que você está falando? Consequências do *quê*?

– O seu cabelo. – A voz dele está cheia de repulsa. – Não posso ter uma esposa que anda por aí toda desleixada, com as raízes por retocar.

As raízes do meu cabelo. Não consigo acreditar que ele tenha se chateado tanto com isso. Quer dizer, são só alguns milímetros de cabelo.

– Me desculpa. Prometo que vou marcar uma hora com o cabeleireiro imediatamente.

– Isso não basta.

Pressiono a testa contra a porta.

– Vou logo amanhã de manhã. Prometo.

Ele boceja do outro lado da porta.

– Estou indo dormir agora. Aguenta firme aí, e amanhã de manhã a gente fala mais sobre o seu castigo.

Os passos dele desaparecem enquanto se afasta. Mesmo que minhas mãos estejam doendo de tanto socar a porta, começo a bater de novo. Esmurro a porta com tanta força, que não consigo acreditar que ainda não quebrei todos os ossos da minha mão.

– Andy, não ouse me deixar aqui a noite inteira! Volta aqui! Volta!

Mas ele me ignora como fez antes.

• • •

Durmo nesse quarto. É óbvio. Que escolha eu tenho?

Não achei que fosse pegar no sono, mas, sei lá como, aconteceu. Depois de toda aquela gritaria e dos socos na porta, a adrenalina deu lugar à exaustão e

acabei desmaiando naquela cama desconfortável. Não é muito pior do que a cama em que costumava dormir no apartamento minúsculo onde morava quando éramos só eu e Cecelia, mas me acostumei com o colchão de espuma viscoelástica de Andy.

Fico pensando em quando éramos só eu e Cece. Eu vivia sobrecarregada, sempre à beira das lágrimas. Não fazia ideia de como minha vida era boa antes de me casar com um psicopata capaz de me trancar em um quarto por uma noite só porque não fui ao cabeleireiro.

Cece. Espero que ela esteja bem. Se aquele babaca tocar num único fio de cabelo dela, juro que o mato. Não me importo de passar o resto da vida na cadeia.

Minhas costas estão doendo quando acordo de manhã e minha cabeça está latejando. Mas o pior de tudo é que a minha bexiga está cheia. Dolorosamente cheia. Essa é a necessidade mais urgente de todas.

O que posso fazer? O banheiro fica do lado de fora.

Mas, sim, se tiver que esperar muito mais, vou fazer xixi nas calças.

Fico de pé e ando pelo quarto. Tento a maçaneta mais uma vez, esperando que talvez tenha imaginado tudo que aconteceu ontem à noite e que ela vai se abrir magicamente. Não tenho essa sorte. Ainda está trancada.

Eu me lembro de quando olhei no armário e havia apenas um item lá. Um balde.

Andy armou tudo isso. Ele me enganou para que eu viesse aqui. Instalou uma fechadura do lado de fora da porta. E também colocou aquele balde lá dentro por um motivo.

Vou ter mesmo que fazer isso.

Acho que há coisas piores do que fazer xixi num balde. Eu o arrasto para fora do armário e faço o que tenho que fazer. Então, coloco o balde lá de volta. Espero não ter que usá-lo de novo.

Minha boca está seca e meu estômago, roncando, mesmo achando que acabaria vomitando se comesse qualquer coisa. Levando em consideração o balde, me pergunto se Andy armou coisas semelhantes em outras partes do quarto. Abro o frigobar, esperando que ele tenha sido generoso e deixado alguma comida por lá.

Em vez disso, há três garrafinhas de água. Três lindas garrafas de água.

Quase desmaio de alívio. Pego uma delas, abro e viro tudo praticamente em um gole só. Minha garganta ainda está seca e em carne viva, mas um pouco melhor.

Olho para as outras duas garrafas. Adoraria beber mais água, mas estou com medo. Quanto tempo Andy vai me deixar aqui? Não faço ideia. Acho melhor preservar meus recursos.

– Nina? Você está acordada?

A voz de Andy surge do outro lado da porta. Saio tropeçando até lá, minha cabeça latejando a cada passo.

– Andy…

– Bom dia, Nina.

Fecho os olhos para conter uma onda de vertigem.

– Cecelia está bem?

– Ela está bem. Falei pra minha mãe que você foi visitar uns parentes e ela vai cuidar da Cecelia até você voltar.

Solto um suspiro. Pelo menos, minha filha está segura. Evelyn Winchester não é minha pessoa favorita no mundo, mas é uma babá vigilante.

– Andy, por favor, me deixa sair.

Ele ignora meu pedido, o que sequer me surpreende a esta altura.

– Você encontrou a água na geladeira?

– Encontrei. – E, mesmo que isso acabe comigo, acrescento: – Obrigada.

– Você vai ter que fazer essa água durar. Não posso te dar mais nenhuma.

– Então me deixa sair – resmungo.

– Eu vou deixar – diz ele. – Mas primeiro você precisa fazer uma coisa por mim.

– O quê? Faço qualquer coisa.

Ele faz uma pausa.

– Você precisa entender que o seu cabelo é um privilégio.

– Sim, eu entendo.

– Entende mesmo, Nina? Porque eu sinto que, se você entendesse, não andaria por aí toda largada, com essas raízes escuras aparecendo.

– Eu… Me desculpa por isso.

– Como você não conseguiu cuidar bem do seu cabelo, agora você vai me dar ele.

Sinto uma sensação horrível na boca do estômago.

– O quê?

– Não tudo. – Ele ri, porque é claro que *isso* seria ridículo. – Quero cem fios do seu cabelo.

– Você… você quer cem fios do meu cabelo?

– Isso mesmo. – Ele dá dois tapinhas na porta. – Você me dá cem fios do seu cabelo e eu te deixo sair do quarto.

Esse é o pedido mais estranho que já ouvi. Ele quer me punir por minhas raízes escuras recebendo uma centena de fios do meu cabelo? Deve ter mais ou menos isso emaranhado na minha escova. Será que ele tem algum tipo de fetiche por cabelo? É disso que se trata?

– Se você olhar na minha escova…

– Não – interrompe ele. – Eu quero que saia do seu couro cabeludo. Quero ver a raiz.

Fico lá, parada, atordoada.

– Você está falando sério?

– Parece que estou brincando? – dispara ele. Em seguida, sua voz suaviza. – Tem uns envelopes na gaveta da cômoda. Você coloca os fios lá dentro e desliza os envelopes por baixo da porta. Se fizer isso, vai ter aprendido sua lição, então eu deixo você sair.

– Está bem – concordo. Corro a mão pelo meu cabelo louro e duas mechas se soltam nos meus dedos. – Resolvo isso em cinco minutos.

– Tenho que ir trabalhar agora, Nina – diz ele, irritado. – Mas, quando eu chegar em casa, os fios precisam estar prontos pra mim.

– Mas eu posso fazer isso rápido!

Puxo meu cabelo novamente e outra mecha se solta.

– Vou estar em casa às sete – avisa ele. – E, lembre-se, quero cabelos totalmente intactos. Tenho que ver a raiz, senão não conta!

– Não! Por favor!

Agarro meu cabelo com mais violência desta vez. Meus olhos lacrimejam, mas apenas mais alguns fios se soltam.

– Vou fazer isso agora! Espera um pouco!

Mas Andrew não vai esperar. Ele está indo embora. Seus passos desaparecem como antes.

Aprendi que nenhuma quantidade de gritos nem batidas na porta vai fazê-lo voltar. Não adianta desperdiçar minha energia e agravar minha já agonizante dor de cabeça. Tenho que me concentrar no que ele quer que eu faça. Assim, posso voltar para a minha filha. E posso escapar desta casa para sempre.

QUARENTA E UM

Às sete horas, já completei a tarefa.

Consegui cerca de vinte fios passando os dedos repetidamente pelo cabelo. Depois disso, sabia que teria que arrancar o resto pela raiz. Cerca de oitenta vezes, agarrei um fio do meu cabelo, me preparei e puxei. Tentei conseguir alguns fios de uma só vez, mas foi doloroso demais. Felizmente, meu cabelo é saudável, então a maioria dos fios soltou com o folículo piloso intacto. Se fosse logo depois que tive Cecelia, acabaria ficando careca antes de ter arrancado os cem fios.

Então, às sete horas em ponto, estou sentada na cama, segurando um envelope contendo cem fios do meu cabelo. Mal posso esperar para entregar a ele e sair daqui. E para dar entrada no divórcio. Maldito desgraçado da cabeça.

– Nina?

Olho para o relógio. Sete em ponto. Ele é pontual, pelo menos isso.

Dou um pulo da cama e pressiono minha cabeça contra a porta.

– O envelope está aqui.

– Desliza por baixo da porta.

Deslizo o envelope pela fresta. Fico imaginando Andrew do outro lado. Rasgando o envelope, examinando meus folículos capilares. Não dou a mínima para o que ele vai fazer a esta altura, contanto que me deixe sair. Fiz o que ele queria.

– E aí?

Minha garganta parece dolorosamente ressecada. Tomei as outras duas

garrafas de água ao longo do dia, guardando a segunda para a última hora aqui dentro. Quando eu sair daqui, vou beber cinco copos de água seguidos. E fazer xixi em um banheiro de verdade.

– Um minuto, por favor – diz ele. – Estou conferindo.

Cerro os dentes, ignorando o ronco raivoso do meu estômago. Não como nada há 24 horas e estou tonta de fome. Cheguei a ponto de achar que meu cabelo parece apetitoso.

– Cadê a Cece? – pergunto, engasgada.

– Está lá embaixo, no cercadinho – diz ele.

Criamos uma área fechada e segura na sala, onde ela poderia brincar sem que tivéssemos medo de que se machucasse. Foi ideia de Andy. Ele é tão cuidadoso.

Não, ele não é cuidadoso. Isso foi tudo uma ilusão. Uma encenação. Ele é um monstro.

– Hum... – diz Andy.

– O quê? O que foi?

– Bom, *quase* todos os fios estão bons, mas um deles está sem o folículo.

Desgraçado.

– Tudo bem. Eu te dou outro.

– Não – diz ele e dá um suspiro. – Você vai ter que começar tudo de novo. Eu volto amanhã de manhã. Espero que até lá você tenha cem cabelos intactos pra mim. Caso contrário, vamos ter que continuar tentando.

– Não…

Seus passos desaparecem no corredor, e me ocorre que ele está realmente me abandonando aqui. Sem comida e sem água.

– Andy! – Minha voz está rouca e não é muito mais alta do que um sussurro. – Não faz isso! Por favor! Por favor, não faz isso!

Mas ele se foi.

• • •

Tenho mais cem fios prontos na hora de dormir, caso ele volte, mas isso não acontece. Coloquei até dez fios extras. Não sei como, mas eles estão saindo mais fácil agora. Mal sinto quando o cabelo se solta do meu couro cabeludo.

Só consigo pensar em água. Comida e água, mas principalmente água. E,

claro, na minha Cecelia. Não tenho certeza se a verei de novo. Não sei quanto tempo uma pessoa consegue ficar sem água, mas não deve ser muito. Andy jurou que ia me deixar sair daqui, mas e se ele estiver mentindo? E se ele for me deixar morrer aqui?

Tudo porque não fui ao cabeleireiro.

Quando adormeço à noite, sonho com uma poça d'água. Abaixo a cabeça em direção à poça e a água se afasta de mim. Cada vez que tento beber, a água me escapa. Parece tortura.

– Nina?

A voz de Andy me acorda. Não sei ao certo se peguei no sono ou se desmaiei, mas passei a noite inteira esperando, então preciso me levantar e dar a Andy o que ele quer. É a única maneira de sair daqui.

Levante-se, Nina!

Assim que me sento na cama, minha cabeça gira violentamente. Tudo fica preto por um segundo. Agarro a borda do colchão fino, esperando minha visão clarear. Leva um bom tempo.

– Acho que não posso deixar você sair a menos que me dê esses fios de cabelo – diz Andy do outro lado da porta.

O som de sua voz horripilante provoca uma onda de adrenalina que me põe de pé. Meus dedos estão tremendo quando pego o envelope e saio tropeçando até a porta.

Deslizo o envelope por debaixo da porta, depois caio contra a parede, escorregando para o chão.

Aguardo enquanto ele conta. Parece levar uma eternidade. Se ele disser que fracassei de novo, não sei o que vou fazer. Não suporto mais doze horas aqui. Vai ser o fim. Vou morrer neste quarto.

Não, preciso continuar, não importa o que aconteça. Por Cece. Não posso deixar minha filha com esse monstro.

– Muito bem – diz ele por fim. – Bom trabalho.

E então a fechadura gira. E a porta se abre.

Andy está de terno, já pronto para o trabalho. Imaginei que, no momento em que visse esse homem depois de ficar presa neste quarto por duas noites, eu pularia em cima dele e arrancaria seus olhos. Mas, em vez disso, permaneço no

chão, fraca demais para me mover. Andy se agacha ao meu lado, e é quando percebo que está segurando um copo grande de água e um bagel.

– Aqui – diz ele. – Trouxe isto pra você.

Eu deveria jogar a água na cara dele. Quero jogar. Mas acho que não consigo sair deste quarto se não comer e beber alguma coisa. Então, aceito o presente dele, virando o copo d'água e enfiando pedaços do bagel goela abaixo até acabar com tudo.

– Sinto muito por ter que fazer isso – diz ele –, mas é a única maneira de você aprender.

– Vai pro inferno – falo entredentes.

Tento me levantar, mas tropeço novamente. Mesmo depois de beber a água, minha cabeça ainda está girando. Não consigo andar em linha reta. Duvido que consiga descer as escadas.

Então, embora me odeie por isso, deixo Andy me ajudar. Deixo que me leve para baixo, e tenho que me apoiar com força nele durante todo o caminho. Quando chego ao segundo andar, ouço Cecelia cantando lá embaixo. Ela está bem. Ele não a machucou. Graças a Deus.

Não vou permitir que ele tenha outra oportunidade.

– Você precisa se deitar – diz Andy em um tom sério. – Não está bem.

– Não – resmungo.

Quero ficar com Cecelia. Meus braços anseiam por ela.

– Você está muito doente – insiste ele, como se eu estivesse me recuperando de uma gripe e não do fato de ele ter me prendido em um quarto por dois dias. Ele está falando comigo como se *eu* fosse a louca. – Vamos.

Mas, seja lá o que for, ele tem razão: preciso me deitar. Minhas pernas estão tremendo a cada passo e minha cabeça não para de girar. Então, deixo que me leve até a nossa cama king-size e ele me coloca debaixo das cobertas. Se havia alguma chance de eu conseguir sair daqui, ela se foi assim que cheguei na cama. É como dormir em uma nuvem depois de desmaiar naquele colchão horrível nas últimas duas noites.

Minhas pálpebras parecem chumbo. Não consigo lutar contra a vontade de dormir. Andy está sentado ao meu lado, na beira da cama, passando os dedos pelo meu cabelo.

– Você não tem se sentido bem – diz ele. – Precisa de um dia de sono. Não se

preocupa com a Cecelia. Garanto que ela vai ficar bem.

A voz dele é tão gentil e suave que começo a me perguntar se talvez eu tenha imaginado tudo. Afinal, ele tem sido um marido tão bom. Ele realmente me trancaria em um quarto e me faria arrancar meu cabelo? Isso não soa como algo que ele faria. Talvez eu esteja com febre e tudo isso seja uma alucinação terrível.

Não. Não foi uma alucinação. Foi real. Eu sei que foi.

– Eu odeio você – sussurro.

Andy ignora o que eu digo enquanto continua a acariciar meu cabelo até meus olhos se fecharem.

– Dorme um pouco – diz ele suavemente. – É só disso que você precisa.

QUARENTA E DOIS

Quarto passo: faça todo mundo acreditar que você é louca

Acordo com o som de água correndo ao longe.

Ainda me sinto grogue e fora do ar. Quanto tempo leva para o corpo se recuperar da privação de comida e água por dois dias? Olho para o relógio – já passa de meio-dia.

Esfrego os olhos, tentando identificar de onde vem o som de água corrente. Parece ser do banheiro da suíte, que está fechado. Será que Andy está tomando banho? Se estiver, não tenho muito tempo para dar o fora daqui.

Meu celular está na mesa de cabeceira ao lado da cama. Eu o pego, tentada a chamar a polícia para contar o que Andy fez comigo. Mas não, vou esperar. Até estar bem longe dele.

Só que o telefone está cheio de mensagens de texto de Andy. Devo ter acordado com o som das notificações. Percorro todas elas, franzindo a testa diante da tela.

Você está bem?

Você estava agindo de um jeito muito estranho hoje de manhã. Por favor, me liga pra eu saber que está tudo bem.

Nina, tá tudo bem? Vou entrar numa reunião, mas me avisa se você está bem.

Como você e a Cece estão? Por favor, liga ou manda mensagem.

É a última mensagem que me chama a atenção. Cecelia. Não a vejo faz dois dias. Antes disso, nunca tinha passado um dia sequer longe dela. Não a deixei nem durante a lua de mel. Onde ela está agora?

Afinal, Andy não me deixaria sozinha com ela se eu estivesse dormindo, não é?

Olho para a porta fechada do banheiro. Quem está lá dentro? Tinha presumido que fosse Andy, mas não pode ser. Ele está me mandando mensagens do trabalho. Será que deixei a água aberta por engano? Talvez eu tenha levantado e usado o banheiro e esquecido de fechar a torneira da pia. Parece possível, considerando como estou me sentindo aérea.

Descubro as pernas. Minhas mãos estão pálidas e trêmulas. Tento me levantar, mas é difícil. Mesmo tendo bebido água e descansado, ainda me sinto muito mal. Tenho que me apoiar na cama para andar. Não tenho certeza se consigo ir dali até o banheiro.

Respiro fundo, me esforço para superar a tontura e ando o mais devagar que consigo. Cruzo cerca de dois terços do caminho até lá antes de cair de joelhos. Meu Deus, o que há de errado comigo?

Mas preciso saber que som é este. Por que tem água correndo no banheiro? E, agora que estou mais perto, vejo que a luz está acesa do lado de dentro. Quem está lá? *Quem está no meu banheiro?*

Rastejo o restante do caminho até lá. Quando finalmente chego à porta do banheiro, alcanço a maçaneta e empurro a porta para abri-la. E o que vejo quando entro é algo que jamais esquecerei pelo resto da minha vida.

É Cece. Ela está dentro da banheira, apoiada nela. Seus olhos estão fechados. A água enche rapidamente a banheira, subindo acima do nível de seus ombros. Mais um minuto ou dois, e cobrirá a cabeça dela.

– Cecelia – chamo, ofegante.

Ela não diz uma palavra. Não chora nem chama por mim. Mas suas pálpebras tremem ligeiramente.

Tenho que salvar minha filha. Tenho que fechar a torneira e arrastá-la para

fora da banheira. Só que não consigo fazer meus pés funcionarem, e meus movimentos são extremamente lentos. Mas vou salvá-la. Vou salvar minha filha nem que isso exija cada pingo da minha força. Nem que isso me mate.

Rastejo pelo chão do banheiro. Minha cabeça está girando tanto que não tenho certeza se consigo manter a consciência. Mas não posso desmaiar. Meu bebê precisa de mim.

Estou chegando, Cece. Por favor, aguente firme. Por favor.

Quando meus dedos roçam a porcelana da banheira, quase choro de alívio. A água está praticamente na altura do queixo dela agora. Começo a alcançar a torneira, mas uma voz áspera faz meus dedos congelarem.

– Sra. Winchester. Não se mova.

Alcanço a torneira mesmo assim. Ninguém vai me impedir de salvar meu bebê. Consigo parar a água, mas, antes que possa fazer qualquer outra coisa, mãos fortes agarram meus braços, me puxando para ficar de pé. Em meio a uma névoa, vejo um homem de uniforme puxando Cecelia para fora da banheira.

– O que você está fazendo? – tento perguntar, mas minha fala está arrastada.

O homem que resgatou Cecelia ignora minha pergunta.

– Ela está viva, mas parece que foi drogada – diz outra voz.

– Sim – consigo falar. – Drogada.

Eles sabem. Sabem o que Andy tem feito conosco. E agora ele drogou nós duas. Graças a Deus a polícia veio.

Um paramédico coloca Cecelia em uma maca, e eles estão me colocando em uma também. Nós duas vamos ficar bem. Eles vieram para nos salvar.

Um homem de uniforme da polícia ilumina meus olhos. Desvio o olhar, estremecendo com o brilho insuportável.

– Sra. Winchester – diz ele bruscamente. – Por que estava tentando afogar sua filha?

Abro a boca, mas nenhum som sai. *Afogar minha filha?* Do que ele está falando? Eu estava tentando *salvá-la*. Será que eles não viram isso?

Mas o policial apenas balança a cabeça. Ele se vira para um dos colegas.

– Ela está totalmente fora do ar. Parece que também se entupiu de remédios. Leva ela pro hospital. Vou ligar pro marido e informar que chegamos a tempo.

Chegaram aqui a tempo? Do que ele está falando? Eu passei o dia inteiro dormindo. Pelo amor de Deus, *o que eles acham que eu fiz*?

QUARENTA E TRÊS

Passo os oito meses seguintes no Hospital Psiquiátrico de Clearview.

A história, que me foi repetida inúmeras vezes, é que tomei um monte de sedativos que meu médico havia receitado e também dei à minha filha alguns comprimidos na mamadeira. Em seguida, coloquei Cecelia na banheira e liguei a água. Minha intenção, aparentemente, era matar nós duas. Graças a Deus, Andy, meu maravilhoso marido, suspeitou que havia algo errado e a polícia chegou a tempo de nos salvar.

Não me lembro de nada disso. Não me lembro de tomar remédio algum. Não me lembro de colocar Cecelia na banheira. Não me lembro sequer do meu médico prescrevendo esse medicamento, mas o médico de família que cuida de mim e de Andy nos assegurou que o fez.

De acordo com o terapeuta que me atende em Clearview, sofro de depressão e delírios graves. Foram esses delírios que me levaram a acreditar que meu marido me manteve presa em um quarto por dois dias. A depressão foi o que me levou à tentativa de homicídio-suicídio.

A princípio, não acreditei. Minhas lembranças de estar no sótão são tão vívidas que eu quase podia sentir no meu couro cabeludo as picadas dos fios de cabelo que arranquei. Mas o Dr. Barringer continua me explicando que, quando se tem delírios, as coisas podem parecer muito reais, mesmo quando não são.

Então, agora estou tomando dois medicamentos para evitar que isso aconteça, um antipsicótico e um antidepressivo. Quando tenho minhas sessões

com o Dr. Barringer, assumo a responsabilidade pelo que fiz, mesmo que não me lembre de nada disso. Só me lembro de acordar e encontrar Cecelia na banheira.

Mas eu devo ter feito. Não havia mais ninguém lá.

A parte que finalmente me convenceu de que eu tinha feito aquilo sozinha é que Andy jamais poderia ter feito algo desse tipo comigo. Desde o dia em que o conheci, ele não tem sido nada além de maravilhoso. E, durante toda a minha estadia em Clearview, ele me visitou sempre que pôde. Os funcionários o adoram. Ele traz muffins e biscoitos para as enfermeiras. E sempre guarda um para mim.

Hoje ele me trouxe um muffin de mirtilo. Ele bate à porta do quarto particular em Clearview, uma instituição cara para pessoas com questões psiquiátricas que também têm dinheiro. Ele veio direto do trabalho, veste terno e gravata, e está dolorosamente bonito.

Quando cheguei aqui, ficava trancada no quarto. Mas melhorei tanto com a medicação que me concederam o privilégio de ter um quarto destrancado. Andy fica na outra ponta da cama enquanto coloco o muffin na boca. O antipsicótico aumentou meu apetite e engordei dez quilos desde que cheguei aqui.

– Está pronta pra voltar pra casa na semana que vem? – pergunta ele.

Assinto, limpando migalhas dos lábios.

– Eu… acho que sim.

Ele pega minha mão, e me encolho, mas consigo não me afastar. Quando cheguei aqui, não suportava que ele me tocasse. Mas consegui deixar de lado minha sensação de repulsa.

Andy não fez nada comigo. Foi meu cérebro ferrado que imaginou tudo.

Mas parecia tão real...

– Como está a Cecelia? – pergunto.

– Está ótima. – Ele aperta minha mão. – Muito animada por você estar voltando pra casa.

Pensei que ela acabaria me esquecendo durante o período que passei aqui, mas ela não esquece nunca. Não tive permissão para vê-la nos primeiros meses em que estive internada, mas, quando Andy finalmente a trouxe para mim, nós duas nos agarramos uma à outra e, no fim do horário de visita, ela chorou até meu coração se partir em mil pedacinhos.

Preciso ir para casa. Preciso retomar minha vida, do jeito que ela era. Andy

tem sido tão incrível. Ele assumiu mais responsabilidades do que precisava.

– Então venho te buscar no domingo ao meio-dia – diz ele. – Depois vou te levar pra casa. Minha mãe vai ficar com a Cece.

– Ótimo – respondo.

Por mais que esteja animada para voltar para casa e ver minha filha, a ideia de retornar para aquele lugar me dá uma sensação de mal-estar na boca do estômago. Não estou ansiosa para pisar lá de novo. Principalmente no sótão.

Nunca mais vou subir lá.

QUARENTA E QUATRO

– Do que você tem medo, Nina?

Ergo os olhos para o Dr. Hewitt diante da pergunta. Tenho feito essas sessões ao longo dos últimos quatro meses, duas vezes por semana, desde que tive alta em Clearview. O Dr. Hewitt não teria sido minha primeira escolha. Para início de conversa, eu provavelmente teria escolhido uma terapeuta mulher e mais jovem (alguém que não tivesse uma cabeça cheia de cabelos grisalhos). No entanto, a mãe de Andy recomendou muitíssimo o Dr. John Hewitt, e não me senti confortável em dizer não, considerando que Andy pagou por todos os meus cuidados psiquiátricos.

De todo modo, o Dr. Hewitt tem se mostrado muito bom. Ele me pressiona com algumas perguntas difíceis. Agora, por exemplo, estamos abordando o fato de eu não ter mais chegado perto do sótão da nossa casa desde que voltei.

Eu me remexo no sofá de couro. O mobiliário caro neste consultório é uma prova do grande sucesso do meu terapeuta.

– Não sei do que tenho medo. Esse é o problema.

– Você acha mesmo que tem uma masmorra no sótão?

– Não uma masmorra, mas…

Depois de todas as minhas alegações sobre o que haviam feito comigo em nossa casa, um policial foi enviado para verificar o sótão. Ele encontrou o quarto lá em cima e conferiu que não era nada mais do que um depósito, cheio de caixas e papéis.

Foi um delírio. Algo deu errado com minha química cerebral, e imaginei que

Andy havia me mantido lá como refém. Quer dizer, me fazer arrancar os cabelos e colocá-los em um envelope só porque não fui ao cabeleireiro? Isso é completamente insano, olhando em retrospecto.

Mas parecia tão real na época. E tenho sido diligente em pintar meu cabelo desde que voltei para casa. Só por garantia.

Andy tem mantido a porta da escada que dá no sótão fechada. Pelo que sei, ele não a abriu desde que voltei para casa.

– Acho que seria terapêutico você ir até lá – sugere o Dr. Hewitt, franzindo a testa e unindo as grossas sobrancelhas brancas. – Assim, o lugar não vai ter mais nenhum poder sobre você. Vai ver por si mesma que é só um quartinho de depósito.

– Talvez…

Andy também tem me encorajado a ir lá. *Só veja por si mesma. Não há nada a temer.*

– Promete que vai tentar, Nina – diz ele.

– Vou tentar.

Talvez. Vamos ver.

O Dr. Hewitt me acompanha até a sala de espera, onde Andy está sentado em uma das cadeiras de madeira, lendo algo no celular. Quando me vê, seu rosto se abre em um sorriso. Ele reorganizou a agenda para me levar a cada uma dessas consultas. Não sei como ainda pode me amar tanto depois das coisas terríveis das quais o acusei. Mas estamos trabalhando juntos para chegarmos à cura.

E ele espera até que estejamos em seu BMW para perguntar sobre a sessão.

– Então, como foi?

– Ele acha que eu deveria visitar o quarto do sótão.

– E?

Engulo com dificuldade enquanto observo a paisagem passando pela janela.

– Estou cogitando.

Andy assente.

– Acho que é uma boa ideia. Quando você chegar lá em cima, vai perceber que foi tudo um delírio. Vai ser tipo uma revelação, sabe?

Ou eu poderia ter outro colapso e tentar matar Cecelia mais uma vez. Claro, isso seria difícil, já que atualmente não tenho autorização para ficar sozinha com ela. Andy ou a mãe dele estão sempre por perto. Essa foi uma das condições para

que eu pudesse voltar para casa. Não sei por quanto tempo vou precisar que alguém tome conta de mim quando estiver com minha própria filha, mas, neste momento, está claro que ninguém confia em mim.

• • •

Cece está no chão, brincando com um dos jogos educativos que Evelyn comprou para ela. Quando minha filha nos vê entrar, abandona o jogo e se atira em mim até que seu corpinho toque minha perna esquerda. Quase me derruba no chão. Embora eu não tenha permissão para ficar sozinha com ela, Cece tem ficado bastante grudada comigo desde que voltei para casa.

– Mamãe, me levanta! – Ela ergue os braços até que eu a pegue no colo. Está usando um vestido branco cheio de babados, uma roupa um pouco sem sentido para uma garotinha brincando na sala de estar (deve ser coisa de Evelyn). – Casa, mamãe.

Evelyn não é tão rápida quanto Cece. Ela se levanta do sofá devagar, limpando sua calça branca imaculada. Eu nunca havia notado a frequência com que Evelyn se veste de branco, que sempre foi a cor favorita de Andy em mim. Mas combina com ela. Seu cabelo parece ter sido louro, mas agora ela está naquele limbo entre o louro e o branco, os fios surpreendentemente grossos e saudáveis para uma mulher de sua idade. Evelyn é, de modo geral, muito conservada e impecável. Eu nunca a vi com um fio de cabelo solto no suéter.

– Obrigada por tomar conta da Cece, mãe – diz Andy.

– Imagina – diz Evelyn. – Ela se comportou muito bem hoje. Mas… – Seus olhos se dirigem para o teto. – Notei que você deixou as luzes acesas no quarto no andar de cima. Que desperdício de energia.

Ela lança ao filho um olhar de reprovação, e o rosto de Andy fica vermelho. Percebi como ele fica desesperado pela aprovação da mãe.

– Foi culpa minha. – Não sei ao certo se foi, mas e daí? Posso muito bem assumir a culpa, Evelyn já não gosta de mim mesmo. – Eu deixei a luz acesa.

Evelyn me repreende.

– Nina, produzir eletricidade consome muitos recursos do nosso planeta. Você deve se lembrar de desligar as luzes quando sair de qualquer cômodo.

– Pode deixar – prometo.

Evelyn me olha como se não tivesse certeza se estou falando sério ou não, mas o que ela vai fazer? Já fracassou em impedir que o filho se casasse comigo. Claro, talvez ela estivesse certa a meu respeito depois da coisa terrível que fiz.

– Nós paramos pra comprar comida, mãe – diz Andy. – Trouxemos um pouco mais. Quer jantar com a gente?

Fico aliviada quando Evelyn faz que não com a cabeça. Ela não é uma convidada agradável. Sua permanência para a refeição garante uma série de críticas sobre nossa sala de jantar, a limpeza dos nossos pratos e utensílios e sobre a própria comida.

– Não, é melhor eu ir – diz ela. – Seu pai está me esperando.

Ela hesita na frente de Andy. Por um momento, acho que vai beijá-lo na bochecha, algo que nunca a vi fazer antes. Mas, em vez disso, estende a mão e ajusta a gola da camisa dele, alisando o tecido. Ela inclina a cabeça, examinando-o, então assente em aprovação.

– Muito bem, estou indo agora.

Depois que Evelyn vai embora, desfrutamos de um jantar agradável juntos, só nós três. Cecelia está sentada na sua cadeirinha alta e come macarrão com as mãos. No meio do jantar, um dos fios de massa, sei lá como, chega à testa dela e fica lá pelo resto do jantar. Mas, mesmo enquanto tento aproveitar a refeição, algo se revira na boca do meu estômago. Fico pensando no que o Dr. Hewitt disse. Ele acha que eu deveria ir até o sótão. E Andy também.

Talvez ambos tenham razão.

Então, depois que coloco Cecelia para dormir, quando Andy aborda o assunto, digo sim.

QUARENTA E CINCO

Quinto passo: descubra que você não é louca, afinal

– A gente vai bem devagar – promete Andy, enquanto estamos juntos na porta da escada do sótão. – Mas vai ser bom você ver por si mesma que não há nada a temer. Que tudo isso estava só na sua cabeça.

– Claro. – É só o que consigo dizer.

Sei que ele tem razão. Mas parecia *tão* real.

Andy pega minha mão. Não me encolho mais quando ele me toca. Voltamos a fazer amor. Confio nele de novo. Este será o último passo para retornar ao ponto onde estávamos antes de eu fazer essa coisa terrível. Antes de o meu cérebro pifar.

– Pronta? – pergunta ele.

Assinto.

Subimos a escada rangente de mãos dadas. Precisamos colocar uma lâmpada aqui em algum lugar. O resto da casa é tão bonito. Quem sabe se toda essa área fosse menos assustadora eu me sentisse melhor. Não que seja uma desculpa para o que fiz.

Logo chegamos ao quarto do sótão. Ali está o depósito que de alguma forma transformei em uma masmorra na minha cabeça. Andy ergue as sobrancelhas para mim.

– Você está bem?

– Eu… acho que sim.

Ele gira a maçaneta e empurra a porta. A luz está apagada, o quarto escuro como breu. O que é estranho, porque há uma janela e sei que a lua está cheia nesta noite, pois a admirei da janela do meu quarto. Eu entro, tentando ajustar a visão em meio às sombras.

– Andy. – Engulo um nó na garganta. – Você pode acender a luz?

– Claro, querida.

Ele puxa a corda e o cômodo se ilumina. Mas não é uma luz normal. A luz que vem de cima quase me cega. É muito brilhante, como nada que já experimentei antes. Solto a mão de Andy e levo as mãos aos olhos, para bloquear a claridade.

E então ouço o som da porta se fechando.

– Andy! – chamo. – Andy!

Meus olhos se ajustaram à luz incrivelmente brilhante apenas o suficiente para ser capaz de distinguir, de olhos semicerrados, o conteúdo do quarto. E… é exatamente como me lembro. O colchão sujo no canto. O armário com o balde. O frigobar que continha três garrafinhas d'água.

– Andy? – chamo mais uma vez.

– Estou aqui, Nina. – A voz dele está abafada.

– Onde? – Tateio sem conseguir enxergar, ainda forçando a vista. – Pra onde você foi?

Meus dedos fazem contato com o metal frio da maçaneta da porta. Giro para a direita e…

Não. *Não*. Não pode ser.

Estou tendo outro colapso? Isso é tudo coisa da minha cabeça? Não pode ser. Parece tão real.

– Nina. – A voz de Andy novamente. – Você consegue me ouvir?

Protejo os olhos com a mão.

– Está tão claro aqui. Por que está claro desse jeito?

– Apaga a luz.

Continuo tateando até encontrar a corda que controla a luz, então dou um puxão forte. Sinto uma onda de alívio quando mergulho de volta na escuridão. Dura cerca de dois segundos, até eu perceber que estou completamente cega aqui dentro.

– Seus olhos vão se ajustar um pouco – diz ele. – Mas não vai ajudar muito. Eu coloquei umas tábuas na janela na semana passada e lâmpadas novas. Se você apagar a luz, o mundo vai ficar escuro como breu. Se ligar… Bem, essas lâmpadas são bem fortes, né?

Fecho os olhos e não vejo nada além de escuridão. Abro-os, e é exatamente a mesma coisa. Nenhuma diferença. Minha respiração acelera.

– Luz é um privilégio, Nina – diz ele. – Minha mãe já havia notado antes que você se esqueceu de apagar as luzes. Sabia que em outros países existem pessoas que sequer têm eletricidade? E o que você faz? Você desperdiça.

Pressiono a palma da mão contra a porta.

– Isso realmente está acontecendo, né?

– O que você acha?

– Que você é um perturbado mental, um psicopata!

Andy dá uma gargalhada do outro lado da porta.

– Pode ser. Mas foi *você* quem foi parar numa clínica de gente doida por tentar se matar e matar sua filha. A polícia viu você fazendo isso. Você *admitiu* ter feito isso. E, quando eles vieram aqui pra verificar, este quarto parecia exatamente um depósito.

– Foi real – falo, ofegante. – Esse tempo todo, era tudo real. Você…

– Eu queria que você soubesse com o que está lidando. – Ele parece estar se divertindo. Ele realmente acha isso *divertido*. – Queria que você soubesse o que aconteceria se tentasse fugir.

– Eu entendi. – Pigarreio. – Juro pra você, não vou fugir. Só me deixa sair daqui.

– Ainda não. Primeiro você precisa aprender a não desperdiçar energia elétrica.

O som dessas palavras traz de volta uma esmagadora sensação de déjà-vu. Sinto que vou vomitar. Caio de joelhos.

– Então, vai ser assim, Nina – diz ele. – Como sou um cara *muito* legal, vou te dar duas opções. Você pode ter a luz ou a escuridão. Só depende de você.

– Andy, por favor…

– Boa noite, Nina. A gente conversa mais amanhã.

– Por favor! Andy, não faz isso!

Lágrimas brotam dos meus olhos enquanto os passos dele desaparecem.

Gritar não vai fazer diferença. Sei disso porque aconteceu exatamente a mesma coisa comigo há um ano. Ele me trancou aqui do mesmo jeito que fez agora.

E, de alguma forma, deixei que fizesse isso de novo.

Imagino as coisas se desenrolando da mesma forma que da última vez. Emergindo desta sala, fraca e grogue. Ele fazendo parecer que eu estava tentando me machucar, ou pior, machucar Cecelia. Ninguém vai pensar duas vezes antes de acreditar na história dele depois da última vez. Imagino ser afastada da minha filha de novo. Acabei de recuperá-la. Não posso deixar isso acontecer. *Não posso.*

Faço qualquer coisa.

• • •

Mais uma vez, Andy deixou três garrafas de água para mim na geladeira. Decido guardá-las para o dia seguinte, porque é tudo que vou ter, e não faço ideia de quanto tempo ficarei aqui. Vou guardá-las para quando não aguentar nem mais um minuto. Quando minha língua começar a parecer uma lixa.

A questão da luz está me deixando completamente louca. Há duas lâmpadas nuas no teto, e ambas são ultrabrilhantes. Se eu acender a luz, fica torturantemente claro aqui dentro. Mas, com elas desligadas, fica escuro como breu. Tenho a ideia de empurrar a cômoda até que fique bem embaixo das lâmpadas, subo nela e consigo desatarraxar uma delas. É um pouco melhor com apenas uma, mas ainda brilhante o suficiente para que eu tenha que semicerrar os olhos.

Andy não volta de manhã. Passo o dia inteiro no quarto, sentada, preocupada com Cecelia, me perguntando o que vou fazer quando e se sair daqui. Mas isto não é um delírio. Não é uma alucinação. Isto realmente está acontecendo comigo.

Preciso me lembrar disso.

É hora de dormir quando finalmente ouço passos do lado de fora do quarto. Estou deitada na cama, escolhendo a opção da escuridão. Durante o dia, alguns pequenos feixes de luz do sol passavam pelas frestas, e eu quase podia distinguir a sombra de alguns objetos. Mas, agora que o sol se pôs, está escuro como breu de novo.

– Nina?

Abro a boca, mas minha garganta está seca demais para dizer qualquer coisa. Tenho que dar um pigarro.

– Estou aqui.

– Vou deixar você sair.

Espero que ele acrescente "mas não ainda", só que ele não faz isso.

– Mas, primeiro – diz ele –, vamos fixar algumas regras básicas.

– O que você disser. – *Só, por favor, me deixa sair daqui.*

– Pra começar, você não pode contar pra ninguém o que aconteceu neste quarto. – A voz dele é firme. – Não pode contar para suas amigas, não pode contar para o seu médico, não pode contar pra *ninguém*. Porque ninguém vai acreditar em você, e, se falar sobre isso, só vai ser um sinal de que está tendo delírios de novo e de que a pobre Cecelia pode estar em perigo.

Olho para a escuridão. Mesmo sabendo o que ele ia dizer, ouvir isso tudo me enche de raiva. Como pode esperar que eu não fale sobre o que ele acabou de fazer comigo?

– *Você entendeu, Nina*?

– Entendi – consigo dizer.

– Ótimo. – Quase posso ver seu sorriso satisfeito. – Em segundo lugar, de vez em quando, se você precisar ser disciplinada, isso será feito aqui neste quarto.

Será que ele está brincando comigo?

– De jeito nenhum. Esquece.

– Acho que você não está em posição de negociar, Nina. – Ele bufa. – Só estou te dizendo como vai ser. Você é minha esposa agora, e tenho expectativas muito específicas. De verdade, é para o seu próprio bem. Eu te ensinei uma lição valiosa sobre o desperdício de eletricidade, não foi?

Busco por ar em meio à escuridão. Sinto que estou sufocando.

– Isto é *por você*, Nina – insiste ele. – Pensa só nas escolhas terríveis que você fez na vida antes de eu aparecer. Você tinha um emprego que te pagava um salário mínimo e não ia te levar a lugar nenhum. Engravidou de um zé-ninguém que simplesmente sumiu. Estou só tentando te ensinar a ser uma pessoa melhor.

– Eu queria nunca ter te conhecido – disparo.

– Isso não é uma coisa muito legal de se dizer. – Ele ri. – Acho que não posso te julgar por isso. Estou impressionado que você tenha conseguido desatarraxar uma das lâmpadas. Eu nem pensei nessa possibilidade.

– Você… Como você…?

– Estou de olho em você, Nina. Estou sempre de olho. – Posso ouvir a respiração dele atrás da porta. – Essa vai ser a nossa vida a partir de agora. Seremos um casal feliz como todos os outros. E você será a melhor esposa de toda a vizinhança. Vou garantir que isso aconteça.

Pressiono os dedos contra minhas sobrancelhas, tentando extinguir a dor de cabeça que aflora nas minhas têmporas.

– Você entendeu, Nina?

Lágrimas se formam em meus olhos, mas não consigo chorar. Estou desidratada demais. Nada sai.

– *Você entendeu, Nina*?

QUARENTA E SEIS

Sexto passo: tente viver desse jeito mesmo

Abro a janela do Audi de Suzanne para que o vento despenteie meu cabelo fino enquanto ela me leva para casa depois do nosso almoço. Deveríamos estar discutindo questões da APM, mas nos distraímos e começamos a fofocar. É difícil não fofocar. Há tantas donas de casa entediadas nesta cidade.

As pessoas acham que sou uma delas.

Andy e eu estamos casados há sete anos. E ele cumpriu cada uma de suas promessas. Tem sido, de muitas maneiras, um marido maravilhoso. Andy me apoiou financeiramente, foi uma figura paterna para Cecelia, é tranquilo e agradável. Não bebe muito nem me trai como tantos outros homens nesta cidade fazem com a esposa. Ele é quase perfeito.

E eu odeio Andy com todas as minhas forças.

Fiz tudo que pude para sair deste casamento. Tentei negociar com ele. Disse que iria embora apenas com Cecelia e minhas roupas, mas ele só deu risada. Com meu histórico de problemas de saúde mental, seria fácil para ele dizer à polícia que eu havia sequestrado Cece e que a machucaria de novo. Tentei fazer o papel da esposa perfeita, torcendo para não dar mais nenhuma desculpa para ele me jogar no sótão. Preparei jantares deliciosos, mantive a casa impecável e até fingi não sentir repulsa quando transávamos. Mas ele sempre encontrava alguma coisa, algo que eu jamais poderia imaginar ter feito errado.

Em um determinado momento, desisti. Não ficaria tentando ser legal quando isso sequer afetava a frequência com que ele me colocava lá. Minha nova estratégia passou a ser repeli-lo. Comecei a me comportar como uma megera, brigando com ele por cada coisinha que me irritava. Ele não se importava, quase parecia gostar do abuso. Parei de ir à academia e comecei a comer tudo que sentia vontade, torcendo para que ele perdesse o tesão em mim por causa da minha aparência, já que isso não acontecia diante do meu comportamento agressivo. Uma vez, ele me pegou comendo um bolo de chocolate, então me arrastou até o sótão e me deixou passar fome por dois dias como punição. Mas, depois disso, pareceu não se importar mais.

Tentei encontrar Kathleen, a ex-noiva de Andy, na esperança de que ela corroborasse minha história para que eu finalmente pudesse ir à polícia sem parecer uma louca. Eu tinha uma ideia de como ela era e sua idade aproximada, então achei que poderia encontrá-la. Mas sabe quantas pessoas entre 30 e 35 anos se chamam Kathleen? Uma porção. Não consegui encontrá-la. Por fim, desisti de tentar.

Em média, ele me faz ficar no sótão uma vez a cada dois meses. Às vezes, é mais frequente, às vezes menos. Certo período, passaram-se seis meses sem uma única viagem até lá. Não sei se é melhor ou pior quando acontece quando não estou esperando. Seria horrível saber o dia exato e temer a chegada do momento, mas também é horrível nunca saber se vou passar uma determinada noite na minha própria cama ou naquele colchão desconfortável. E, claro, nunca sei que tipo de tortura ele armou para mim, pois nunca sei que transgressão cometi.

E não sou só eu. Se Cecelia faz algo inaceitável, sou eu que sou punida. Ele encheu um guarda-roupa inteiro com vestidos cheios de babados que ela odeia, que fazem com que as outras crianças zombem dela, mas ela sabe que, se não os usar ou se os sujar, sua mãe vai desaparecer por dias (e provavelmente vou passar o tempo todo nua, para aprender que ter roupas é um privilégio). Então, ela obedece.

Tenho medo de que algum dia ele comece a puni-la, mas, enquanto isso, aceito o meu destino com prazer se isso significa que ele vai poupar minha filha.

E Andy deixa bem claro que, se eu tentar fugir dele, Cecelia pagará o preço. Ele quase já a afogou. Sua outra maneira favorita de me perturbar é manter um pote de manteiga de amendoim em nossa despensa, mesmo sabendo que ela é

alérgica. Joguei dezenas desses potes no lixo, e eles sempre reaparecem (às vezes, inclusive sou punida pela transgressão). Felizmente, a alergia dela não coloca sua vida em risco, apenas surgem erupções por todo o corpo. De vez em quando, ele coloca um pouco na comida dela, e, quando ela começa a se coçar e as incômodas bolhas surgem no final da refeição, fica muito claro do que ele é capaz.

Se eu tivesse certeza de que não iria parar na cadeia por isso, pegaria uma faca e enfiaria no pescoço dele.

Mas Andy se preparou para essa eventualidade. Claro, ele sabe que minha tentação de providenciar sua morte ou matá-lo eu mesma pode se tornar esmagadora. Ele me informou que, no caso de sua morte por qualquer motivo, seu advogado enviará uma carta ao departamento de polícia, informando a respeito do meu comportamento instável e de ameaças de morte contra ele. Não que ele precise fazer isso, com meu histórico psiquiátrico.

Então, fico com ele. E não o mato enquanto dorme, nem contrato um assassino profissional. Mas fantasio com isso. Quando Cecelia for mais velha e não precisar de mim, talvez eu possa fugir. Assim, ele não terá mais nenhuma forma de me ameaçar. Desde que ela esteja segura, não me importo com o que aconteça comigo.

– Chegamos! – anuncia Suzanne alegremente enquanto paramos em frente ao portão da nossa casa.

Engraçado como, na primeira vez que os vi, pensei que era mesmo encantador ter uma casa cercada por portões. Agora, ela parece exatamente o que é: uma prisão.

– Obrigada pela carona – falo, mesmo que ela não tenha me agradecido por pagar o almoço.

– De nada – responde ela. – Espero que o Andrew chegue logo em casa.

Fecho a cara diante do tom de preocupação na voz dela. Alguns anos atrás, quando eu estava ficando muito próxima de Suzanne, tomamos uns drinques a mais na casa dela e eu contei tudo. *Tudinho*. Implorei que ela me ajudasse. Disse que queria ir à polícia, mas não podia. Não sem ninguém me apoiando.

Passamos horas conversando. Suzanne segurou minha mão e jurou que ficaria tudo bem. Ela me disse para ir para casa e que daríamos um jeito nisso

juntas. Chorei de alívio, acreditando que meu pesadelo finalmente havia acabado.

Mas, quando cheguei em casa, Andy estava esperando por mim.

Aparentemente, toda vez que eu fazia uma nova amiga, Andy procurava essa pessoa, sentava-se com ela e lhe dava uma pista do meu histórico de problemas de saúde mental. Contava o que eu havia tentado fazer anos antes. E pedia que, caso surgisse algum motivo de preocupação, essa pessoa entrasse em contato com ele na mesma hora, porque eu poderia estar tendo outra crise.

Sem que eu percebesse, Suzanne escapuliu brevemente durante nossa conversa, sob o pretexto de precisar usar o banheiro, e ligou para Andy. Ela o avisou que eu estava tendo delírios de novo. Então, quando cheguei em casa, ele estava pronto para mim. Foram mais dois meses de estadia em Clearview, onde descobri que pelo menos um dos diretores era amigo de golfe do pai dele.

Quando saí, Suzanne pediu milhares de desculpas. *Eu só estava preocupada com você, Nina. Estou muito feliz de você ter recebido ajuda.* Eu a perdoei, é claro. Ela foi enganada da mesma forma que eu. Mas as coisas nunca mais foram as mesmas entre nós. E nunca mais fui capaz de confiar em ninguém.

– Então te vejo na sexta, certo? – diz Suzanne. – Na peça da escola.

– Claro – respondo. – A que horas começa mesmo?

Suzanne não responde, subitamente distraída por alguma coisa.

– É às sete? – Eu a pressiono.

– Aham – responde ela.

Olho por cima do ombro para ver o que chamou sua atenção. Reviro os olhos quando descubro. É Enzo, o jardineiro que contratamos para cuidar do nosso quintal alguns meses atrás. Ele faz um bom serviço (sempre trabalha duro e nunca inventa desculpas) e é, de fato, muito agradável aos olhos. Mas é impressionante como todo mundo que vem à nossa casa quando Enzo está no quintal fica babando por ele e de repente se lembra de que tem algum trabalho que precisa ser feito no jardim.

– Uau! – Suzanne suspira. – Eu tinha ouvido dizer que o seu jardineiro era gato, mas *caramba*.

Reviro os olhos mais uma vez.

– Ele cuida do jardim, só isso. E nem fala inglês.

– Por mim, tudo bem – diz Suzanne. – Isso pode até ser uma vantagem.

Ela não vai desistir até eu passar o número do telefone de Enzo. Não que eu me importe. Ele parece ser um cara bem legal, e fico feliz que esteja conseguindo alguns serviços extras. Mesmo que seja só por ele ser gostoso, e não por causa do seu trabalho.

Quando saio do carro e passo pelo portão, Enzo ergue os olhos de sua tesoura e acena para mim.

– *Ciao, signora.*

Retribuo seu sorriso.

– *Ciao*, Enzo.

Eu gosto de Enzo. Mesmo não falando inglês, ele parece uma pessoa gentil, dá para ver. Planta várias flores lindas no nosso jardim. Cece às vezes o observa, e, quando ela pergunta sobre as flores, ele aponta para cada uma e diz o nome delas com toda a paciência. Ela repete, e ele balança a cabeça e sorri. Algumas vezes, ela já perguntou se poderia ajudá-lo, e ele olhou para mim e perguntou "Tudo bem?". Quando concordei, ele pediu que ela cuidasse de um canteiro de flores, embora isso provavelmente fosse atrasá-lo.

Ele tem tatuagens por toda a parte superior dos braços, principalmente escondidas por baixo da camisa. Uma vez, enquanto o observava trabalhar, vi o nome Antonia dentro de um coração em seu bíceps. Isso me fez pensar em quem era Antonia. Tenho certeza de que Enzo não é casado.

Tem alguma coisa nele que me atrai. Se ao menos ele falasse inglês, sinto que poderia confiar nele. Que ele poderia ser a única pessoa que acreditaria em mim. Que poderia de fato me ajudar.

Fico ali, observando-o cortar as cercas. Não trabalho desde o dia em que me mudei para cá – Andy não permite. Sinto falta disso. Enzo entenderia. Tenho certeza. Pena que ele não fala inglês. Mas, de certa forma, isso faz com que seja mais fácil confiar nele. Às vezes, sinto que, se não disser as palavras em voz alta, vou acabar enlouquecendo de verdade.

– Meu marido é um monstro – falo em voz alta. – Ele me tortura. Me mantém refém no sótão.

Os ombros de Enzo enrijecem. Ele abaixa a tesoura, com a testa franzida.

– *Signora*… Nina…

Sinto um gelo na barriga. Por que eu disse isso? Jamais deveria ter pronunciado essas palavras. É que eu sabia que ele não me entenderia, e senti que

precisava contar a *alguém* que não me denunciasse para Andy. Achei que seria seguro contar a Enzo. Afinal, ele nem sabe inglês. Mas, quando olho em seus olhos escuros, vejo que ele entendeu.

– Deixa pra lá – falo depressa.

Ele dá um passo na minha direção, e eu balanço a cabeça, recuando. Cometi um grande erro. Agora, provavelmente vou ter que demitir Enzo.

Mas então ele parece compreender. Pega novamente sua tesoura e volta ao trabalho.

Corro para dentro de casa o mais rápido que posso e bato a porta. Bem junto à janela, há um arranjo de flores espetacular. Dá para dizer que todas as cores do arco-íris estão representadas ali. Ao voltar do trabalho ontem à noite, Andy o trouxe para mim, uma surpresa, para me mostrar o marido incrível que ele é quando "me comporto bem".

Espio além das flores, em direção ao jardim. Enzo ainda está trabalhando na cerca, segurando a tesoura afiada com as mãos enluvadas. Mas ele faz uma pausa por um momento e olha para a janela. Nossos olhos se encontram por uma fração de segundo.

E então eu desvio o olhar.

QUARENTA E SETE

Faz vinte horas que estou no sótão.

Andy me trouxe para cá ontem à noite, logo depois que Cecelia foi dormir. Aprendi a não discutir. Se o fizer, haverá outra estadia em Clearview. Ou talvez, quando tentar buscar Cece na escola no dia seguinte, descobrirei que ela não está lá, e não a verei por uma semana inteira, enquanto ela estiver "fora da cidade". Ele não quer machucar Cecelia, mas com certeza vai. Afinal, se a polícia não tivesse chegado naquela hora, ela poderia ter se afogado na banheira anos atrás. Falei com ele sobre isso uma vez, e ele apenas sorriu para mim. *Isso teria te ensinado uma lição, não acha?*

Andy quer outro filho. Outra criança que vou amar e querer proteger, que ele usará para me controlar nos próximos anos. Não posso deixar isso acontecer. Então, dirigi até uma clínica em Manhattan, dei um nome falso e paguei em dinheiro para que colocassem um DIU em mim. Ensaiei minha expressão perplexa para quando os testes de gravidez dessem negativo.

Desta vez, minha transgressão foi borrifar muito odorizador de ambiente no nosso quarto. Foi exatamente a mesma quantidade de sempre, e, se eu não tivesse usado o produto, ele teria me trancado no sótão com algo malcheiroso, como um peixe podre. Eu agora sei como a mente dele funciona.

Enfim, de alguma maneira, ontem à noite havia odorizador demais e os olhos dele ficaram irritados. Meu castigo? Tive que borrifar spray de pimenta em mim mesma.

Aham.

Ele deixou o frasco na gaveta da cômoda.

Aponte para os olhos e pressione a válvula.

Além disso, tem que deixar os olhos abertos. Ou não conta.

Então, eu fiz isso. Borrifei spray de pimenta em mim mesma só para sair deste maldito quarto. Já levou spray de pimenta na cara? Não recomendo. Arde de um jeito terrível, e, logo de cara, meus olhos começaram a lacrimejar de um jeito absurdo. Meu rosto parecia estar queimando. E então meu nariz começou a escorrer. Um minuto depois, pingou na minha boca, onde senti uma ardência, além do gosto péssimo. Passei vários minutos sentada na cama, apenas lutando para respirar. Mal consegui abrir os olhos por quase uma hora.

Definitivamente foi pior do que um pouco de odorizador.

Mas agora já se passaram muitas horas. Consigo abrir os olhos de novo. Ainda sinto como se tivesse uma queimadura de sol no rosto, e meus olhos estão inchados, mas a sensação de que vou morrer passou. Tenho certeza de que Andy vai querer esperar até que minha aparência volte minimamente ao normal antes de me deixar sair daqui.

O que significa mais uma noite. Mas torço que não.

A janela não está coberta com tábuas, como ele faz às vezes, então pelo menos há alguma luz natural entrando no quarto. É a única coisa que me impede de ficar completamente louca. Vou até a janela e olho para o quintal, desejando estar lá fora em vez de aqui dentro.

É quando percebo que o quintal não está vazio.

Enzo está trabalhando lá. Começo a recuar, mas ele olha para a janela bem na hora em que estou ali. Ele me encara e, mesmo do terceiro andar da casa, posso ver o olhar sombrio em seu rosto. Ele arranca as luvas de jardinagem e sai do quintal.

Ah, não. Isso não é bom.

Não sei o que Enzo vai fazer. Será que vai chamar a polícia? Não tenho certeza se isso seria uma coisa boa ou não. Andy sempre conseguiu virar essas situações contra mim. Ele está sempre um passo à frente. Cerca de um ano atrás, comecei a guardar algum dinheiro dentro de uma bota no meu armário, economizando na esperança de fugir dele. Então, um dia, todo o dinheiro desapareceu e, no dia seguinte, ele me forçou a ir para o sótão.

Cerca de um minuto depois, alguém bate à porta do sótão. Dou um passo

para trás, me encolhendo contra a parede.

– Nina! – É a voz de Enzo. – Nina! Eu sei que você está aí!

Pigarreio.

– Eu estou bem!

A maçaneta sacode.

– Se você está bem, então abre a porta que eu quero ver.

Nesse momento, me dou conta de que Enzo está falando inglês muito bem. Sempre tive a impressão de que ele entendia um pouco do idioma e falava muito menos, mas seu inglês parece excelente agora. O sotaque italiano nem é tão forte.

– Eu… eu estou ocupada – falo com uma voz anormalmente estridente. – Mas estou bem! Só estou fazendo umas coisas aqui.

– Você me disse que o seu marido tortura você e te tranca no sótão.

Dou um suspiro. Eu só disse isso porque achei que ele não conseguia entender. Mas agora está claro que ele entendeu tudo que eu disse. Tenho que dar um jeito nisso. Não posso fazer nada para irritar Andy.

– Como você entrou na casa, afinal?

Enzo solta um som irritado.

– Você deixa uma chave debaixo do vaso de plantas do lado da porta da frente. Agora me diz, onde está a chave deste quarto? Me fala.

– Enzo…

– *Me fala.*

Eu sei onde está a chave da porta do sótão. Isso não me ajuda em nada quando estou aqui, mas poderia contar para ele. Se eu quisesse.

– Eu sei que você está tentando ajudar, mas não está ajudando. Por favor, fica fora disso. Ele vai me deixar sair hoje, mais tarde.

Há um silêncio prolongado do outro lado da porta. Espero que ele esteja pensando se vale a pena se envolver na vida pessoal de uma cliente. E não sei qual é a situação dele no país, mas sei que não nasceu aqui. Tenho certeza de que Andy e sua família têm dinheiro e poder suficientes para deportá-lo, se quiserem.

– Se afasta – diz Enzo por fim. – Eu vou arrombar a porta.

– Não, você não pode fazer isso! – Meus olhos se enchem d'água. – Escuta, você não entende. Se eu não fizer o que ele diz, ele vai machucar a Cecelia. E vai me internar… Ele já fez isso antes.

– Não. Isso são só desculpas.

– Não são, não! – Uma única lágrima rola pelo meu rosto. – Você não entende a quantidade de dinheiro que ele tem. Você não entende o que ele poderia fazer com você. Quer ser deportado?

Enzo fica em silêncio de novo.

– Isso é errado. Ele está machucando você.

– Eu estou bem. Juro.

É verdade, em grande parte. Meu rosto ainda parece estar queimando e meus olhos ainda ardem, mas Enzo não precisa saber disso. Daqui a mais um dia, estarei completamente recuperada. Como se nunca tivesse acontecido. E então poderei voltar à minha vida normal e miserável.

– Você quer que eu vá embora – diz ele.

Não quero que ele vá. Não há nada que eu queira mais do que o ver derrubando aquela porta, mas sei como Andy vai distorcer as coisas. Só Deus sabe do que vai nos acusar. Nunca pensei que ele seria capaz de me internar em um hospital psiquiátrico várias vezes apenas por tentar dizer a verdade. Não quero que a vida de Enzo vire isso também. Afinal, Andy sempre teve motivos para querer que eu saísse, mas não teria problema algum em deixar Enzo trancado lá para sempre.

– Quero – respondo. – Vai, por favor.

Ele solta um longo suspiro.

– Eu vou. Mas se não te vir amanhã de manhã, vou subir aqui e arrombar a porta. E vou chamar a polícia.

– Está bem.

Só tenho mais uma garrafinha de água, então, se Andy não me deixar sair pela manhã, estarei em péssimas condições.

Fico esperando até ouvir seus passos se afastando. Mas não os ouço. Ele ainda está do outro lado da porta.

– Você não merece ser tratada dessa maneira – diz ele, por fim.

Então seus passos desaparecem no corredor enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto.

• • •

Andy me deixa sair do quarto naquela noite. Quando finalmente chego ao

espelho, fico chocada com o quanto meus olhos estão inchados por conta do spray de pimenta, e meu rosto está vermelho como se eu tivesse sido escaldada. Mas, na manhã seguinte, pareço quase normal. Minhas bochechas estão rosadas, como se eu tivesse pegado sol demais no dia anterior.

Enzo está trabalhando no jardim quando Andy sai da garagem, com Cece presa à cadeirinha no banco de trás. Ele vai deixá-la na escola enquanto descanso hoje. Ele geralmente é muito legal comigo por vários dias depois que me deixa sair do sótão. Tenho certeza de que esta noite vai voltar para casa com flores e talvez algumas joias para mim, como se isso pudesse compensar qualquer coisa.

Observo da janela enquanto Andy passa pelo portão, saindo para a rua. Depois que o carro desaparece, percebo Enzo me encarando. Geralmente, ele não passa dois dias seguidos na nossa casa. Enzo está aqui por um motivo que não tem nada a ver com o estado dos nossos canteiros de flores.

Saio pela porta da frente, em direção ao local onde ele está parado com sua tesoura. Só então me ocorre como elas são afiadas. Se ele as enfiasse no peito de Andy, seria o fim. Claro, ele não precisaria fazer isso. Provavelmente seria capaz de matar Andy com as próprias mãos.

– Viu? – Abro um sorriso forçado. – Falei que estava bem.

Ele não retribui meu sorriso.

– Juro – reforço.

Seus olhos são tão escuros que é impossível distinguir as pupilas.

– Me fala a verdade.

– Você não quer ouvir a verdade.

– Me fala.

Nos últimos cinco anos, todas as pessoas para quem contei sobre as coisas que Andy fez comigo – a polícia, os médicos, minha melhor amiga – me chamaram de louca. *Paranoica*. Fui internada por falar sobre o que ele fez comigo. Mas aqui está um homem que quer ouvir a verdade. Ele vai acreditar em mim.

Então, neste lindo dia ensolarado no jardim da frente de casa, conto tudo a Enzo. Conto a ele sobre o quarto no sótão. Conto a ele algumas das maneiras como Andy me torturou. Conto sobre ter encontrado Cecelia inconsciente na banheira. Isso foi há anos, mas me lembro do rosto dela debaixo d'água como se fosse ontem. Conto tudo a ele enquanto seu rosto fica cada vez mais sombrio.

Antes mesmo de eu terminar, Enzo solta algumas palavras em italiano. Não conheço a língua, mas reconheço palavrões quando os ouço. Seus dedos apertam a tesoura até ficarem brancos.

– Vou matar esse cara – sibila Enzo. – Hoje à noite, vou matar ele.

Todo o sangue se esvai do meu rosto. Foi muito bom contar a ele tudo que aconteceu comigo, mas foi um erro. Ele está mais do que furioso.

– Enzo…

– Ele é um monstro! – explode Enzo. – Você não *quer* que eu mate ele?

Sim, quero ver Andy morto. Mas não quero lidar com nenhuma das consequências disso, principalmente com a carta que irá para a polícia caso ele morra. Eu o quero morto, mas não o suficiente para passar o resto da minha vida na cadeia.

– Você não pode fazer isso. – Balanço a cabeça com firmeza. – Você vai ser preso. Nós dois vamos. É isso que você quer?

Enzo murmura baixinho mais alguma coisa em italiano.

– Ok. Então você precisa largar ele.

– Não posso.

– Você pode, *sim*. Vou te ajudar.

– O que você pode fazer?

Não é inteiramente uma pergunta retórica. Talvez Enzo seja secretamente rico. Talvez ele tenha alguma ligação com a máfia que eu desconheça.

– Você consegue me arrumar uma passagem de avião? Um passaporte novo? Uma identidade nova?

– Não, mas… – Ele esfrega o queixo. – Vou descobrir um jeito. Conheço algumas pessoas. Vou te ajudar.

Quero muito acreditar nele.

QUARENTA E OITO

Sétimo passo: tente fugir

Uma semana depois, eu me encontro com Enzo para bolar um plano.

Tomamos muito cuidado. Na verdade, quando recebo minhas amigas da APM, armo um barraco, acusando-o de estar arruinando meus gerânios, só para evitar qualquer possível fofoca. Tenho quase certeza de que Andy colocou um dispositivo de rastreamento em algum lugar do meu carro, então não posso dirigir até a casa dele. Em vez disso, vou até um fast-food, paro no estacionamento e entro no carro de Enzo antes que alguém me veja. Deixo meu telefone para trás.

Não posso correr nenhum risco.

Enzo vive em um pequeno apartamento alugado no porão de uma casa, mas com uma entrada privativa. Ele me leva até sua minúscula cozinha, onde há uma mesa redonda e cadeiras bambas, e a cadeira geme ameaçadoramente quando me sento. Eu me sinto constrangida ao notar que nossa casa é mil vezes melhor do que o lugar onde Enzo vive, mas não acho que ele seja o tipo de pessoa que se importaria com algo assim.

Enzo vai até a geladeira, pega uma cerveja e estende para mim.

– Quer?

Começo a dizer não, mas mudo de ideia.

– Quero, por favor.

Ele volta para a mesa com duas garrafas. Usa o abridor pendurado em seu chaveiro para abri-las e, em seguida, desliza uma delas sobre a mesa para mim. Pouso os dedos na garrafa, sentindo a condensação gelada na minha pele.

– Obrigada.

Ele dá de ombros.

– Não é uma cerveja muito boa.

– Não estou me referindo à cerveja.

Ele estala os dedos. À medida que os músculos de seus braços se flexionam, é difícil ignorar como esse homem é incrivelmente sexy. Se as mulheres do meu bairro soubessem que estive na casa dele, todas morreriam de inveja. Elas iam achar que ele rasgou minhas roupas enquanto a gente conversava, pronto para me devorar; provavelmente ficariam com raiva por ele ter me escolhido dentre todas as outras mulheres do quarteirão que são mais atraentes do que eu. *Enzo poderia arrumar alguém muito melhor.* Elas não fazem ideia. Está tão longe da verdade que chega a ser engraçado. Mas não é, de fato.

– Eu tinha um pressentimento – diz ele. – O seu marido… dá pra ver que ele é uma pessoa ruim.

Tomo um bom gole de cerveja.

– Eu nem sabia que você falava inglês.

Enzo ri. Ele trabalha no meu quintal há dois anos, e esta é a primeira vez que o ouço rir.

– É mais fácil fingir que não entendo. Caso contrário, as donas de casa nunca me deixam em paz, entende?

Apesar de tudo, também dou risada. Ele tem razão.

– Você nasceu na Itália?

– Sicília.

– Então… – Giro a cerveja na garrafa. – O que te trouxe aqui?

Seus ombros caem.

– A história não é muito boa.

– E a minha é?

Ele olha para sua garrafa de cerveja.

– O marido da minha irmã, Antonia… era como o seu. Uma pessoa ruim. Um cara rico e poderoso, que batia nela pra se sentir melhor. Eu disse pra ela, vai embora… Mas ela não ia nunca. Então, um dia, ele empurrou Antonia escada

abaixo, ela foi parar no hospital e nunca mais acordou. – Ele agarra a manga da camiseta e a puxa para cima para revelar a tatuagem que vi do coração com o nome Antonia inscrito nele. – Agora é assim que me lembro dela.

– Ah. – Cubro a boca com a mão. – Sinto muito.

Ele engole em seco.

– Não existe justiça pra homens como ele. Ele não foi preso. Não recebeu nenhuma punição por matar a minha irmã. Então, decidi punir ele. Eu mesmo.

Eu me lembro do olhar sombrio dele quando contei o que Andy fazia comigo. *Vou matar esse cara.*

– Você…?

– Não. – Ele estala os dedos de novo, e o som ecoa pelo apartamento minúsculo. – Não fui tão longe assim. E me arrependo. Porque, depois disso, minha vida passou a não valer mais nada. *Niente*. Juntei todo o dinheiro que tinha e usei pra fugir. – Ele toma um gole da cerveja. – Se eu voltar, vou ser morto antes de sair do aeroporto.

Não sei o que dizer.

– Foi difícil pra você ir embora?

– Vai ser difícil pra você ir embora daqui?

Reflito por um momento e faço que não com a cabeça. Quero ir embora. Quero ficar o mais longe possível de Andrew Winchester. Se isso significar ir para a Sibéria, eu vou.

– Você vai precisar de passaporte pra você e pra Cecelia. – Ele conta nos dedos. – Uma carteira de motorista. Certidões de nascimento. Dinheiro suficiente pra manter vocês duas até você encontrar trabalho. E duas passagens de avião.

Meu coração acelera.

– Então eu preciso de dinheiro…

– Eu tenho um dinheiro guardado que posso te dar – diz ele.

– Enzo, eu jamais…

Ele dá um tapinha no ar diante do meu protesto.

– Mas não é suficiente. Você vai precisar de mais. Consegue arrumar?

Vou ter que encontrar um jeito.

• • •

Alguns dias depois, levo Cecelia para a escola como faço quase todos os dias. Seu cabelo louro está dividido em tranças idênticas e impecáveis atrás da cabeça, e ela está usando um de seus vestidos claros cheios de babados que a fazem se destacar entre os colegas de classe. Morro de medo de que as outras crianças tirem sarro dela por causa desses vestidos e que ela não consiga brincar como quer por causa deles. Mas, se ela não os usa, Andy me pune.

Cece bate os dedos no vidro da janela traseira, distraída, enquanto viro na rua até a Windsor Academy. Ela nunca me dá trabalho para ir à escola, mas não acho que goste de fato. Queria muito que ela tivesse mais amigos. Eu a matriculo em inúmeras atividades para que se distraia e para ajudá-la a conhecer pessoas, mas, no fim das contas, não ajuda.

Mas isso não importa mais. Em breve, tudo vai mudar. Muito em breve.

Quando chego na área de desembarque da escola, Cece continua no banco de trás do carro, a testa franzida.

– Você vem me buscar hoje, né? Não o papai, né?

Andy é o único pai que ela conheceu na vida. Cecelia não sabe o que ele faz comigo, mas sabe que, às vezes, quando ela faz algo de que ele não gosta, eu desapareço por dias a fio. E, quando isso acontece, é ele quem vem buscá-la. Isso a assusta. Cece jamais dirá isso em voz alta, mas ela o odeia.

– Sou eu que venho te buscar – asseguro.

O rostinho dela relaxa. Quero deixar escapar as palavras em voz alta: *Não se preocupe, amor. Logo vamos embora daqui, e ele nunca mais vai conseguir ferir a gente.* Mas ainda não posso. Não posso arriscar. Não até o dia em que eu for buscá-la e formos direto para o aeroporto.

Depois que Cecelia sai do carro, faço a volta e dirijo para casa. Tenho mais uma semana aqui. Uma semana antes de arrumar as malas e fazer a viagem de noventa minutos até onde um cofre no banco me aguarda com meu novo passaporte, minha nova carteira de motorista e uma pilha de dinheiro. Vou comprar as passagens no aeroporto em espécie, porque, da última vez que comprei uma passagem com antecedência, Andy estava à minha espera no portão de embarque. Enzo me ajudou a planejar tudo de forma a minimizar as chances de Andy descobrir o que estou fazendo. Até agora, ele ainda está no escuro.

Ou assim acredito, até que entro em casa e encontro Andy sentado à mesa de

jantar. Esperando por mim.

– Andy – falo, engasgada. – É… Oi.

– Olá, Nina.

É quando vejo as três pilhas dispostas na frente dele.

O passaporte, a carteira de motorista e a pilha de dinheiro.

Ah, não.

– Então, o que você estava planejando fazer com isso… – Ele olha para baixo e lê o nome na carteira de motorista. – Tracy Eaton?

Sinto que estou sufocando. Minhas pernas começam a tremer e tenho que me segurar na parede para não desmoronar.

– Como você conseguiu isso?

Andy se levanta da cadeira.

– Você ainda não entendeu que é impossível esconder qualquer segredo de mim?

Dou um passo para trás.

– Andy…

– Nina – diz ele. – É hora de subir.

Não, não vou. Não vou quebrar a promessa que fiz à minha filha de que iria buscá-la hoje. Não vou me permitir passar dias trancada lá dentro, quando imaginava que logo estaria a caminho da liberdade. Não vou. Não posso mais fazer isso.

Antes que Andy consiga se aproximar, saio correndo pela porta da frente e volto para o carro. Acelero para fora da garagem tão rápido que quase bato no portão na saída.

Não sei para onde estou indo. Parte de mim quer ir direto para a escola de Cecelia, arrancá-la de lá e depois só sair dirigindo até chegar na fronteira com o Canadá. Mas vai ser difícil fugir dele sem aquele passaporte ou a carteira de motorista. Tenho certeza de que ele está ligando para a polícia neste exato momento e contando uma história sobre como a esposa maluca está tendo uma recaída.

Só existe uma coisa certa nisso tudo. Ele encontrou apenas um dos dois cofres. Os dois cofres separados foram ideia de Enzo. Ele encontrou o que tinha o passaporte e a carteira de motorista, mas ainda há uma segunda reserva de dinheiro da qual ele não tem conhecimento.

Continuo dirigindo até chegar ao bairro de Enzo. Estaciono a dois quarteirões de distância do apartamento dele e então ando o resto do caminho. No momento em que chego, ele está subindo em sua caminhonete, então corro na direção dele.

– Enzo!

Ele levanta a cabeça ao som da minha voz. Seu rosto desaba quando vê minha expressão.

– O que aconteceu?

– Ele encontrou um dos cofres. – Faço uma pausa para recuperar o fôlego. – Acabou… Acabou. Não tenho como ir embora.

Então, desmorono. Antes de começar a conversar com Enzo, havia aceitado que essa seria a minha vida, pelo menos até Cecelia completar 18 anos. Mas agora acho que não consigo mais. Não posso viver desse jeito. *Não posso*.

– Nina…

– O que eu vou fazer? – choramingo.

Ele estende os braços e eu me jogo neles. Deveríamos tomar mais cuidado. Alguém poderia nos ver. E se Andy achar que estou tendo um caso com Enzo?

A propósito, não estamos tendo um caso. Não mesmo. Ele pensa em mim como Antonia, a irmã que não conseguiu salvar. Enzo jamais me tocou de um jeito que não fosse fraternal. É a última coisa na qual qualquer um de nós dois está pensando. No momento, tudo em que consigo pensar é no futuro que acho que possa ter sido jogado no lixo. Mais uma década vivendo com aquele monstro.

– O que eu vou fazer? – repito.

– É simples – diz ele. – Vamos partir pro plano B.

Levanto o rosto manchado de lágrimas.

– Qual é o plano B?

– Eu mato esse desgraçado.

Sinto um calafrio, porque vejo em seus olhos escuros que ele está falando sério.

– Enzo…

– Pode deixar. – Ele se afasta de mim; seu queixo está rígido. – Ele merece morrer. Isso não está certo. Vou fazer por você o que deveria ter feito pela Antonia.

– E nós dois vamos pra cadeia?

– Você não vai pra cadeia.

Dou um tapa no braço dele.

– Não gosto da ideia de você ser preso.

– O que você sugere, então?

E então me vem a ideia. É tão absurdamente simples. E, mesmo que eu odeie Andy, também o conheço muito bem. Vai dar certo.

QUARENTA E NOVE

Oitavo passo: encontre uma substituta

Não posso escolher qualquer uma.

Em primeiro lugar, ela tem que ser bonita. Mais bonita do que eu, o que não deve ser difícil, já que deliberadamente me larguei ao longo dos últimos anos. Ela tem que ser mais jovem do que eu, jovem o suficiente para dar a Andy os filhos que ele tanto deseja. Tem que ficar bem de branco. Ele adora essa cor.

E, acima de tudo, ela tem que estar desesperada.

Então conheço Wilhelmina Calloway. Ela é tudo que eu queria. As roupas desalinhadas que usa na entrevista não conseguem esconder quão jovem e bonita é. Está desesperada para me agradar. Daí, quando a mera verificação de antecedentes que faço revela uma ficha criminal, sei que encontrei uma mina de ouro. Esta é uma garota desesperada por um trabalho minimamente digno e bem remunerado.

– Não vou compactuar com isso – diz Enzo quando vou até o quintal lhe perguntar o nome do detetive particular que ele conhece. – Isso não está certo.

Quando contei meu plano algumas semanas atrás, ele não ficou feliz. *Você seria capaz de sacrificar outra pessoa?* Ele não entende.

– Andy me controla por causa da Cece. Essa menina não tem filhos, não tem amarras. Nada que ele possa usar pra ameaçá-la. Ela pode ir embora.

– Você sabe que não é assim que funciona – resmunga ele.

– Você vai me ajudar ou não?

Seus ombros caem.

– Vou. Você sabe que vou te ajudar.

Contrato, então, o investigador particular que Enzo recomendou, usando parte do dinheiro restante que tinha guardado. E o detetive me conta tudo que preciso saber sobre Wilhelmina Calloway. Ele me diz que ela foi demitida de seu último emprego e que seus empregadores por pouco não precisaram chamar a polícia. Conta que ela está morando no próprio carro. E menciona mais outro detalhe que muda tudo. Logo depois que falo com o detetive, ligo para Millie e ofereço o emprego a ela.

O único problema é Andy.

Ele não vai querer uma desconhecida morando na nossa casa. Com muita relutância, ele permitiu que pessoas entrassem por algumas horas para limpar, mas apenas isso. Ele nunca autoriza que alguém tome conta de Cecelia, exceto sua mãe. Mas o timing é perfeito. O pai de Andy se aposentou há pouco tempo e, depois de uma queda feia, eles decidiram se mudar para a Flórida. Dava para ver que Evelyn não estava nem um pouco entusiasmada com a ideia, e eles decidiram manter a antiga casa para o verão, mas a esta altura a maioria dos amigos deles já havia se mudado para o sul da Flórida. E o pai de Andy estava ansioso para passar a aposentadoria jogando golfe todos os dias com os amigos.

O que importa é que precisamos de ajuda.

A parte mais complicada é que o novo quarto de Millie será no sótão. Ele não vai gostar nem um pouco. Mas tem que ser assim. Para que pense nela como minha substituta, Andy precisa vê-la lá em cima. Tenho que convencê-lo.

Organizo tudo antes de atirá-la em cima dele. Acordo todas as manhãs reclamando de enxaquecas que me impossibilitam de cozinhar ou limpar. Faço um grande esforço para deixar a casa uma zona. Mais alguns dias e nossa casa estaria pronta para ser declarada inabitável. Precisamos de ajuda. Desesperadamente.

Ainda assim, logo depois que Andy descobre que contratei Millie, ele me encurrala do lado de fora do meu carro, crava os dedos no meu antebraço e me dá um puxão.

– O que diabos você pensa que está fazendo, Nina?

– A gente precisa de ajuda. – Levanto o queixo em desafio. – A sua mãe está

longe. Precisamos de alguém pra cuidar da Cece e pra ajudar a limpar.

– Você colocou ela no sótão – vocifera ele. – Aquele é o *seu* quarto. Você deveria colocar ela no quarto de hóspedes.

– E onde seus pais vão ficar quando vierem visitar a gente? No sótão? No sofá da sala?

Vejo seu maxilar trincando enquanto ele reflete. Evelyn Winchester *jamais* dormiria no sofá da sala.

– Deixa ela ficar uns dois meses – falo. – Até o ano letivo acabar, até eu ter mais tempo livre pra limpar e sua mãe voltar da Flórida.

– Nem pensar.

– Então demite ela se quiser. – Sustento o olhar dele. – Não posso te impedir.

– Pode ter certeza de que vou demitir mesmo.

Só que ele não faz isso. Porque, ao chegar em casa nessa noite, pela primeira vez a casa está limpa. E a empregada lhe serve um jantar que não está queimado. Além disso, é jovem e bonita.

Então, Millie fica no sótão.

• • •

Isso só vai funcionar se três coisas acontecerem:

1. Millie e Andy sentirem uma atração mútua;
2. Millie me odiar o suficiente para dormir com meu marido;
3. Eles tiverem essa oportunidade.

A parte da atração é fácil. Millie é linda, ainda mais atraente do que eu quando era mais jovem. E, embora Andy seja bem mais velho que ela, mesmo assim ainda é lindo de morrer. Às vezes, Millie me olha como se não conseguisse entender o que ele vê em mim. Faço o meu melhor para ganhar peso. Como Andy não tem a opção de me trancar no sótão, ouso pular a visita ao salão e deixar as raízes escuras começarem a aparecer.

E, acima de tudo, trato Millie feito lixo.

Não é fácil tratar a moça desse jeito. No fundo, sou uma boa pessoa. Ou pelo

menos era antes de Andy me destruir. Agora, tudo é um meio para um fim. Millie pode não merecer, mas eu não aguento mais. Preciso sair daqui.

Ela começa a me odiar em sua primeira manhã na nossa casa. Tenho uma reunião da APM à noite e vou para a cozinha logo de manhã. Venho deixando tudo bagunçado ao longo das últimas semanas, e Millie tem limpado tudo com perfeição. Ela tem trabalhado muito. Todas as superfícies da casa estão brilhando.

Eu me sinto terrível em relação isso. De verdade.

Destruo a cozinha inteira. Tiro do armário todos os pratos e todas as xícaras que encontro. Atiro panelas e frigideiras no chão. Quando Millie chega, estou a caminho da geladeira. Quando criança, eu era responsável por parte das tarefas, e é fisicamente doloroso pegar uma caixa de leite e entorná-la no piso, deixando o líquido se espalhar por todos os lados. Mas eu me forço. Meios para um fim.

Quando Millie entra na cozinha, eu me viro e olho para ela com um tom acusador.

– Cadê?

– Cadê? Cadê *o quê*?

– Minhas anotações! – Levo a mão à testa como se o horror de tudo aquilo fosse me fazer desmaiar. – Deixei todas as minhas anotações para a reunião da APM de hoje à noite na bancada da cozinha! E agora elas sumiram! – E, em seguida, acuso: – O que você fez com elas?

As anotações para a reunião estão comigo. Mas estão em segurança, escondidas no meu computador. Por que minhas únicas cópias estariam aqui, empilhadas na bancada da cozinha? Não faz sentido, mas continuo insistindo que é verdade. Ela sabe que não deixei as anotações lá, mas não sabe que estou ciente disso.

Grito alto o suficiente para chamar a atenção de Andy. Ele sente pena dela. Seu coração está compadecido porque estou acusando Millie de algo que ele sabe que ela não fez. Ele se sente atraído por ela porque estou transformando essa moça em uma vítima.

Da mesma forma que fui uma vítima quando gritaram comigo por meus seios vazarem leite, anos atrás.

– Desculpa, Nina – gagueja Millie. – Se houver alguma coisa que eu possa fazer…

Meus olhos percorrem o desastre que fiz no chão da cozinha.

– Você pode limpar essa nojeira que deixou na minha cozinha enquanto eu resolvo esse problema.

E, naquele momento, alcancei todos os meus três objetivos. Primeiro, a atração mútua: ela, em uma calça jeans skinny, linda sem fazer qualquer esforço. Segundo, Millie me odeia. Terceiro, quando me retiro, eles têm a oportunidade de ficar sozinhos.

Mas não é o bastante. Tenho outro ás na manga. Andy quer ter um bebê.

Não vai ser comigo. Não com o DIU encaixado confortavelmente no meu útero. E Andy vai descobrir que sou estéril, porque o investigador particular que Enzo encontrou para mim conseguiu obter fotos excelentes do especialista em fertilidade com outra mulher (e não a esposa com quem é casado há 25 anos). Tudo que o bom médico precisa fazer é dizer a Andy que eu não tenho chance de engravidar, então essas fotos vão para o lixo.

Um dia antes da nossa consulta com o Dr. Gelman, ligo para Evelyn na Flórida. Como sempre, ela não parece nem um pouco animada em ouvir a minha voz.

– Oi, Nina – diz ela, em um tom seco.

A pergunta *O que você quer de mim?* está implícita.

– Só queria que você fosse a primeira a saber – começo – que minha menstruação está atrasada. Acho que estou grávida!

– Ah… – Ela faz uma pausa, dividida entre querer se entusiasmar com a ideia de ter o primeiro neto biológico e odiar a ideia de que eu seria a mãe da criança. – Que adorável.

Adorável. Provavelmente é o oposto do que ela está pensando.

– Espero que esteja tomando multivitamínicos pré-natais – diz ela. – E você precisa seguir uma dieta rigorosa quando estiver grávida. Não é bom para o bebê se você ficar se entupindo de guloseimas extremamente calóricas, como costuma fazer. Andy é negligente com você deixando que se comporte assim, mas, para o bem do bebê, você deveria tentar se controlar.

– Sim, claro. – Sorrio de leve, feliz com a certeza de que Evelyn jamais será avó de um filho meu. – Além disso, eu estava pensando… Seria *ótimo* se você pudesse mandar pra gente algumas coisinhas de quando o Andy era bebê. Ele estava falando outro dia sobre querer que o filho ficasse com as mantinhas dele, esse tipo de coisa. Você acha que consegue mandar pra gente?

– Sim, vou ligar pro Roberto e pedir que ele mande uma caixa.

– *Adorável.*

• • •

Andy fica abalado com a revelação do Dr. Gelman. Observo o rosto dele no consultório do médico quando a bomba cai. *Sinto informar que a Nina nunca mais vai conseguir levar uma gravidez até o fim.* Seus olhos se enchem de lágrimas. Se ele fosse outra pessoa, talvez eu sentisse pena dele.

Então, naquela noite, puxo briga com ele. E não qualquer briga. Eu o lembro do motivo pelo qual nunca será pai de um filho meu.

– A culpa *é* minha! – Forço as lágrimas, lembrando-me da vez que ele me trancou no sótão e ligou o aquecedor no máximo, até eu sentir meu corpo inteiro arder. – Se estivesse com uma mulher mais jovem, poderia ter um bebê como você quer! A culpa é *minha*!

Uma mulher mais jovem feito Millie. Não digo isso, mas ele deve estar pensando. Vejo o jeito que olha para ela.

– Nina… – Ele estende a mão para me tocar, e ainda há amor em seus olhos. *Ainda*. Eu o odeio tanto por me amar. Por que ele não poderia ter escolhido outra pessoa? – Por favor, não fala isso. Não é culpa sua.

– É, sim!

A raiva cresce dentro de mim como um vulcão e, antes que me dê conta do que estou fazendo, dou um soco no espelho de maquiagem. O estrondo ecoa pelo quarto. Apenas um segundo depois, minhas mãos queimam de dor e percebo o sangue pingando dos meus dedos.

– Ai, meu Deus. – O rosto de Andy fica pálido. – Deixa eu pegar um pouco de papel pra você.

Ele pega alguns lenços no banheiro, mas resisto à sua ajuda e, quando ele consegue envolver minha mão, fica com sangue nas mãos também. Então Andy entra no banheiro para se limpar, e ouço um ruído do lado de fora da porta. Será que Cecelia ouviu a nossa briga? Odeio a ideia de que meus gritos possam tê-la assustado.

Abro a porta, mas não é minha filha quem está lá. É Millie. E posso ver em

seu rosto que ouviu cada palavra da nossa discussão. Ela percebe o sangue em minhas mãos e arregala os olhos.

Ela acha que sou louca. Tornou-se um sentimento familiar.

Millie acha que sou louca. Andy acha que estou velha demais. Depois disso, é só uma questão de oportunidade. Andy vai querer me dar ingressos para assistir a *Showdown* depois de eu ter falado sem parar sobre o assunto (ele adora fazer coisas para me agradar, alternando com os horrores aos quais me submete). Mas é Millie quem irá ao espetáculo, não eu. Ela irá ao show e depois passará a noite no quarto do hotel. É quase perfeito demais. E isso me dá a oportunidade de tirar Cecelia do acampamento, de modo que Andy não possa usá-la contra mim.

Quando o GPS do celular de Millie registra que ela está em Manhattan naquela noite, sei que a vitória é minha. Vejo a maneira como eles se olham depois disso. Acabou. Andy está apaixonado por ela. Agora ele é problema dela.

Estou livre.

CINQUENTA

Nunca mais vai acontecer. Ele nunca mais vai me levar para o sótão. Nunca mais vai espalhar para a vizinhança inteira que sou louca e que eles precisam observar meu comportamento. Nunca mais vai me prender.

Claro, ainda que ele tenha me colocado para fora de casa, não vou me sentir cem por cento confiante até que estejamos divorciados. Tenho que tomar cuidado com isso. Ele precisa dar entrada no divórcio primeiro. Se suspeitar de que isso é ideia minha, está tudo acabado.

Eu me deito na cama queen-size do meu quarto de hotel, planejando meu próximo passo. Vou dirigir até o acampamento para buscar Cecelia amanhã. E então iremos… para algum lugar. Não sei para onde, mas preciso de um novo começo. Graças a Deus, Andy nunca a adotou. Ele não tem direito nenhum em relação a ela. Posso levar minha filha para onde eu quiser. Não preciso sequer me preocupar com identidades falsas, mas sem dúvida voltarei a usar meu nome de solteira. Não quero nenhuma lembrança daquele homem.

Ouço uma batida na porta do quarto. Por um momento terrível, penso que pode ser Andy. Eu o imagino parado do lado de fora da porta do quarto do hotel. *Você achou mesmo que seria fácil assim, Nina? Vamos. Direto pro sótão.*

– Quem é? – pergunto com cuidado.

– Sou eu, Enzo.

Sinto uma onda de alívio. Abro a porta e lá está ele, vestindo uma camiseta e uma calça jeans sujas de terra, a testa franzida.

– E aí? – pergunta ele.

– Acabou. Ele me colocou pra fora de casa.

Seus olhos se iluminam.

– O quê? É sério?

Enxugo as lágrimas dos meus olhos úmidos com as costas da mão.

– É sério.

– Isso é incrível…

Respiro fundo.

– Preciso te agradecer. Sem você, eu jamais teria…

Ele assente devagar.

– Foi um prazer te ajudar, Nina. Era meu dever. Eu…

Ficamos ali por um instante, nos encarando. Então ele se inclina para a frente e, um segundo depois, está me beijando.

Eu não esperava isso. Quer dizer, sim, sempre achei Enzo um gato. Impossível não notar. Mas sempre estivemos completamente tomados pelo propósito comum de me afastar de Andy. E a verdade é que, depois de tantos anos casada com aquele monstro, achei que estava morta por dentro. Andy e eu ainda fazíamos sexo, porque ele exigia isso de mim, mas era sempre algo totalmente mecânico, como lavar a louça ou a roupa. Eu não sentia nada. Não achava que fosse possível ter esse tipo de sentimento por mais ninguém. Estava cem por cento em modo de sobrevivência.

Mas agora – agora que sobrevivi – descubro que não estou morta por dentro, afinal de contas. Nem perto disso.

Sou eu que puxo Enzo pela camiseta até a cama queen-size. Mas é ele quem desabotoa minha blusa, exceto pelo botão que acaba arrancando. E praticamente tudo que acontece depois é um esforço conjunto.

É tão bom. Melhor que bom. *Incrível*. É incrível estar com um homem que eu não desprezo com todas as partes do meu ser. Um homem que é bom e gentil. Um homem que ajudou a salvar minha vida. Mesmo que seja apenas por uma noite.

E, meu Deus, como ele beija bem.

Quando acaba, estamos os dois morrendo de calor, suados e felizes. Enzo coloca o braço em volta de mim e eu me aninho ao lado dele.

– Foi bom? – pergunta ele.

– *Muito* bom. – Enterro minha bochecha em seu peito nu. – Eu não

imaginava que era isso que você sentia por mim.

– Sempre foi – diz ele. – Desde a primeira vez que te vi. Mas eu tento ser, você sabe, *o bom moço.*

– Eu achava que você pensava em mim como uma irmã.

– Irmã! – Ele parece horrorizado. – Não. Irmã, não. Definitivamente, não.

É impossível não dar risada da expressão em seu rosto. Mas, tão rápido quanto começou, a risada morre.

– Vou embora da cidade amanhã. Você sabe disso, né?

Ele fica em silêncio por um tempo. Será que está pensando em me pedir para ficar? Gosto muito de Enzo, mas não posso ficar por ele. Não posso ficar aqui por ninguém. Ele deveria saber disso melhor do que qualquer outra pessoa. Talvez vá se oferecer para ir comigo. Não tenho certeza de como me sentiria em relação a isso, caso ele fizesse essa proposta. Eu gosto muito dele. Mas depois de tudo que aconteceu, preciso ficar sozinha por um tempo. Vai demorar muito até que eu consiga realmente confiar em um homem outra vez, embora suspeite de que, se há alguém em quem eu possa confiar, essa pessoa é Enzo. Ele conquistou isso.

Mas ele não me pede para ficar, não se oferece para ir comigo. O que ele diz é algo totalmente diferente:

– A gente não pode abandonar ela, Nina.

– Como é que é?

– Millie. – Ele olha para mim com seus olhos escuros. – A gente não pode deixar ela lá com ele. Não é certo. Não vou permitir.

– Você não vai *permitir*? – repito, incrédula, enquanto me afasto dele. Minha euforia pós-sexo simplesmente evaporou. – O que isso quer dizer?

– Quer dizer… – Ele cerra o maxilar, depois diz: – Millie não merece ficar com ele tanto quanto você não merecia.

– Ela é uma criminosa!

– Olha o que você está falando. Ela é um ser humano.

Eu me sento na cama, usando os cobertores para cobrir meu peito nu. Enzo respira com dificuldade e uma veia está saltando em seu pescoço. Acho que não o julgo por estar chateado. Mas ele não sabe de nada.

– A gente precisa contar pra ela – insiste ele.

– Não, a gente não precisa.

– Eu vou contar pra ela. – Um músculo se contrai no queixo dele. – Se você

não contar, eu vou. Vou avisar a ela.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

– Você não ousaria…

– Nina. – Ele balança a cabeça. – Me desculpa. Eu… eu não quero te magoar, mas isso não está certo. A gente não pode fazer isso com ela.

– Você não entende – insisto.

– Entendo, sim.

– Não – repito –, não entende.

PARTE III

CINQUENTA E UM

MILLIE

– Andrew? – chamo. – Andrew!

Silêncio.

Agarro o metal frio da maçaneta mais uma vez e giro com toda a minha força, torcendo para que esteja apenas emperrada. Não tenho sorte. A porta está trancada. Mas como?

A única coisa em que consigo pensar é que, talvez, quando Andrew saiu do quarto para dormir na própria cama (não posso julgá-lo: se o meu colchão já é desconfortável para uma pessoa, é pior ainda para duas), trancou a porta sem pensar, achando que ainda era um armário. Se ele estava sonolento, imagino que esse seja um erro bastante razoável de se cometer.

Isso significa que vou ter que ligar para ele e acordá-lo para que abra a porta do quarto. Não estou nem um pouco feliz em fazer isso, mas, se estou trancada aqui, a culpa é dele. Não vou passar a noite inteira presa neste sótão, principalmente porque preciso fazer xixi.

Acendo a luz, e é aí que vejo que há três livros no chão, bem no meio do quarto. Que coisa mais estranha. Eu me abaixo ao lado deles, lendo os títulos nas capas. *Guia das prisões dos EUA*, *A história da tortura,* e uma lista telefônica.

Estes livros não estavam aqui quando fui dormir ontem à noite. Será que Andrew os trouxe para cá porque pensou que, como de manhã eu desocuparia o

cômodo, ele poderia converter o espaço em um depósito de novo? Essa é a única coisa que faz sentido.

Chuto os livros pesados para fora do caminho e vou até a cômoda em busca do meu telefone, que coloquei para carregar ontem à noite. Ou, pelo menos, achei que tivesse colocado. Não está lá.

O que será que está acontecendo?

Pego a calça jeans que abandonei no chão e começo a vasculhar os bolsos. Nenhum sinal do celular. Cadê? Reviro as gavetas da cômoda, procurando por aquele pequeno retângulo que se tornou minha tábua de salvação. Chego a tirar os lençóis e os cobertores da cama, pois quem sabe ele acabou se perdendo durante nossas atividades recreativas ontem à noite. Então me ajoelho e olho *embaixo* da cama.

Nada.

Devo ter deixado o aparelho lá embaixo, embora tenha a lembrança de usá-lo aqui ontem à noite. Acho que não. Que péssimo momento para esquecer meu telefone lá embaixo, trancada aqui nesta porcaria de sótão e precisando usar o banheiro.

Eu me acomodo de volta na cama, tentando não pensar na minha bexiga cheia. Não sei como vou conseguir pegar no sono. Quando Andrew aparecer aqui atrás de mim amanhã de manhã depois de perceber que me trancou neste lugar por acidente, ele vai ver só.

• • •

– Millie? Você está acordada?

Meus olhos se abrem. Não sei como consegui adormecer, porém, de alguma forma, caí no sono. Mas ainda é muito cedo. O quarto minúsculo está escuro, com apenas alguns raios de sol entrando pela minha pequena janela.

– Andrew. – Eu me sento na cama, a pressão na minha bexiga agora mais do que urgente. Pulo dali e vou tropeçando até a porta. – Você me trancou aqui ontem à noite!

Há um silêncio prolongado do outro lado. Espero um pedido de desculpas, um tilintar de chaves enquanto ele tenta localizar a que me vai deixar sair, mas não ouço nada disso. Ele está completamente em silêncio.

– Andrew – chamo de novo. – Você está com a chave aí, né?

– Ah, estou com a chave, sim – confirma ele.

E é nesta hora que tenho uma sensação de mal-estar. Na noite anterior, passei muito tempo dizendo a mim mesma que havia sido um acidente. Só podia ser. Mas, de repente, não tenho tanta certeza. Afinal, como você acidentalmente tranca sua namorada em um quarto e só percebe isso horas depois?

– Andrew, você pode, por favor, abrir a porta?

– Millie. – A voz dele soa estranha, desconhecida. – Lembra que ontem você estava lendo uns livros meus, da minha estante?

– Lembro…

– Bom, você pegou os livros e deixou na mesa de centro. Aqueles livros são meus, e você não tratou eles muito bem, né?

Não sei do que ele está falando. Sim, tirei alguns livros da estante. Três, no máximo. E talvez tenha me distraído e não tenha colocado tudo de volta na estante. Mas isso é tão sério assim? Por que ele parece tão chateado?

– Me… me desculpa.

– Hum. – A voz dele ainda soa estranha. – Você está pedindo desculpas, mas esta casa é minha. Você não pode fazer o que bem entende sem que haja consequências. Achei que soubesse disso, já que você é a *empregada* e tal.

Sinto um calafrio com a maneira depreciativa como ele descreve o meu trabalho, mas vou dizer qualquer coisa para acalmá-lo.

– Me desculpa. Eu não queria fazer bagunça. Vou arrumar.

– Eu já arrumei. Você demorou demais.

– Escuta, você pode abrir a porta pra gente conversar melhor sobre isso?

– Vou abrir – diz ele. – Mas você precisa fazer uma coisa pra mim primeiro.

– O quê?

– Está vendo os três livros que eu deixei pra você no chão?

Os livros que ele deixou no meio do meu quarto, nos quais quase tropecei na noite anterior. Ainda estão exatamente onde Andrew os deixou.

– Estou…

– Quero que você se deite no chão do quarto e equilibre os três na barriga.

– *Como é que é*?

– Você me ouviu – diz ele. – Quero que equilibre esses livros na barriga. Por três horas seguidas.

Olho para a porta, imaginando a expressão perturbada no rosto de Andrew.

– Você está brincando, né?

– Nem um pouco.

Não tenho a menor ideia de por que ele está fazendo isso. Este não é o Andrew por quem me apaixonei. É como se ele estivesse fazendo uma espécie de jogo bizarro comigo. Não sei se percebe o quanto está me magoando.

– Escuta, Andrew, não sei qual é o seu objetivo nem que jogo é esse que você quer jogar, só abre a porta e me deixa ir ao banheiro, pelo menos.

– Acho que você ainda não entendeu. – Ele estala a língua. – Você foi descuidada e largou meus livros no meio da sala, e eu tive que guardar todos no devido lugar. Então, agora quero que você aguente o peso desses livros aí.

– Eu não vou fazer isso.

– Bom, é uma pena. Porque você não vai sair desse quarto enquanto não fizer o que eu mandei.

– Está bem. Provavelmente vou fazer xixi nas calças então.

– Tem um balde no armário se você precisar se aliviar.

Quando me mudei para cá, notei aquele balde azul no canto do armário. Na época, o deixei guardado e nunca pensei muito no assunto. Abro o armário e vejo que ainda está lá. Sinto espasmos na barriga e cruzo as pernas.

– Andrew, estou falando sério. Eu preciso muito ir ao banheiro.

– E eu acabei de te dizer o que você pode fazer.

Ele não está cedendo. Não consigo entender o que está acontecendo aqui. *Nina* sempre foi a louca. Andrew era a única pessoa *razoável*, aquele que me salvou quando Nina me acusou de roubar as roupas dela.

Será que os dois são loucos? Os dois estão juntos nisso?

Bem, vamos acabar logo com isso. Eu me sento no chão e pego um dos livros para que ele consiga ouvir.

– Tá. Muito bem, os livros estão em cima de mim. Você pode me deixar sair agora?

– Os livros não estão em cima de você.

– Estão, sim.

– Não minta.

Bufo, exasperada.

– Como sabe se eu estou mentindo ou não?

– Porque estou vendo você.

Sinto um calafrio nas costas. Ele está *me vendo*? Meu olhar percorre as paredes em busca de uma câmera. Há quanto tempo ele está me observando? Esteve me espionando o tempo todo em que estive aqui?

– Você não vai encontrar – diz ele. – Está bem escondida. E não se preocupa, eu não passei esse tempo todo te observando. Faz só algumas semanas.

Fico de pé em um pulo.

– Qual é o seu problema? Você precisa me deixar sair daqui *agora mesmo*.

– Olha só – diz Andrew calmamente. – Acho que você não está em posição de fazer exigências.

Voo em direção à porta. Bato os punhos fechados contra a madeira, forte o suficiente para deixar minhas mãos vermelhas e doloridas.

– Juro por Deus, é melhor você me deixar sair daqui! Isso não tem a menor graça!

– Ei. *Ei*. – A voz calma de Andrew interrompe minhas batidas. – Sossega. Olha, eu vou deixar você sair. Prometo.

Deixo os braços caírem ao lado do corpo. Meus punhos estão latejando.

– *Obrigada*.

– Mas *não ainda*.

Sinto minhas bochechas quentes.

– Andrew…

– Eu já disse o que você precisa fazer pra sair – diz ele. – É uma punição extremamente justa pelo que fez.

Contraio os lábios, com raiva demais para responder.

– Por que você não tira um tempinho pra pensar sobre isso, Millie? Volto mais tarde.

Juro por Deus, continuo acreditando que tudo é apenas uma brincadeira, até que seus passos desaparecem no corredor.

CINQUENTA E DOIS

MILLIE

Já faz uma hora desde que Andrew esteve aqui.

Usei o balde. Não quero falar sobre isso. Mas chegou a um ponto em que, se eu não usasse, o xixi escorreria pelas minhas pernas. Foi uma experiência interessante, para dizer o mínimo.

Depois de cuidar dessa necessidade, meu estômago começou a roncar. Dei uma olhada no frigobar, onde costumo guardar alguns lanches, como iogurte. Mas, de alguma forma, ele foi esvaziado nos últimos dias. A única coisa que restou foram três daquelas garrafinhas de água. Virei o conteúdo de duas delas, embora logo depois tenha me arrependido. E se ele me deixar aqui por muitas horas mais? Ou *dias*? Talvez eu precise dessa água.

Coloco meu jeans e uma camiseta limpa, então examino a pilha de livros no chão. Andrew disse que queria que eu mantivesse aqueles livros pousados na minha barriga por três horas e só então me deixaria sair do quarto. Não entendo muito bem o propósito desse jogo ridículo, mas acho que é melhor participar. Assim, ele me deixa sair e eu posso dar o fora daqui para sempre.

Então me estico no chão sem carpete. É o início do verão, o que significa que o sótão está insuportavelmente abafado, mas o chão ainda está fresco. Apoio a cabeça no chão e pego o livro sobre prisões. É um livro grosso que deve pesar vários quilos. Eu o coloco sobre a minha barriga.

Sinto uma pressão, mas não é exatamente desconfortável. Se eu tivesse feito

isso antes de usar o balde, provavelmente já teria feito xixi nas calças a esta altura. Mas não é tão ruim assim. Então pego o segundo livro.

Este é o da tortura. Imagino que o título não seja inteiramente uma coincidência. Ou talvez seja. Quem sabe?

Coloco o segundo livro na minha barriga. Desta vez, a pressão se torna mais desconfortável. Os livros são pesados. E a protuberância da minha escápula e do meu cóccix beliscam o chão duro e sem carpete. Não é agradável, mas é tolerável.

Mas ele quer os três livros.

Pego o último livro: a lista telefônica. Este não é apenas pesado, mas volumoso. É difícil até mesmo levantá-lo com dois outros livros já em cima de mim. Preciso fazer algumas tentativas, mas consigo equilibrá-lo no meu abdômen.

O peso dos três livros quase me tira o fôlego. Sustentar dois era possível, mas três é horrível. É muito, *muito* desconfortável. É difícil respirar fundo. E a borda do livro de baixo machuca minhas costelas.

Não, não vou conseguir fazer isso. *Não vou conseguir*.

Empurro os três livros de cima de mim. Meus ombros levantam enquanto puxo o ar. Ele não pode estar esperando que eu mantenha esses três livros equilibrados em cima de mim por horas. Ou será que pode?

Eu me levanto e imediatamente começo a andar de um lado para outro pelo quarto. Não sei que brincadeira é essa, mas não vou entrar nessa. Ele vai me deixar sair daqui. Ou então eu mesma vou encontrar uma saída. Deve haver uma saída deste lugar. Isso aqui não é uma *prisão*.

Talvez haja uma maneira de desaparafusar as dobradiças da porta. Ou os parafusos na maçaneta. Andrew tem um kit de ferramentas lá embaixo escondido na garagem, e eu daria qualquer coisa para colocar minhas mãos nele agora. Mas tenho muitas coisas nas gavetas da minha cômoda. Talvez haja algo que eu possa usar como uma chave de fenda improvisada.

– Millie?

É a voz de Andrew de novo. Deixo de lado minha busca por ferramentas e corro para a porta.

– Eu coloquei os livros em cima de mim. Por favor, me deixa sair.

– Eu disse três horas. Você só fez isso por cerca de um minuto.

Estou de saco cheio dessa merda.

– Deixa. Eu. Sair. Agora.

– Ou então o quê? – Ele dá risada. – Eu disse o que você precisa fazer.

– Não vou fazer isso.

– Está bem, então você vai ficar trancada aí.

Balanço a cabeça.

– Quer dizer que você vai me deixar morrer aqui dentro?

– Você não vai morrer. Quando a água acabar, você vai entender o que precisa fazer.

Desta vez, eu mal posso ouvir seus passos recuando por conta do som dos meus próprios gritos.

• • •

Faz duas horas e cinquenta minutos que estou com os livros em cima da barriga.

Andrew tinha razão. Depois que tomei a terceira garrafa de água, meu desespero para sair do quarto aumentou consideravelmente. Quando fantasias de cachoeiras começaram a dançar diante dos meus olhos, soube que precisava completar a tarefa que ele queria. Claro, não há garantia de que ele me deixará sair se eu o fizer, mas espero que sim.

Os livros são muito, muito desconfortáveis, não vou mentir. Há momentos em que sinto que não aguento mais um segundo, que o peso vai literalmente esmagar minha pélvis, mas depois respiro – o melhor que consigo com estes livros ridículos em cima de mim – e aguento firme. Está quase acabando.

E quando eu sair daqui…

Quando as três horas se completam, empurro os livros da minha barriga. É um alívio enorme, mas, quando tento me sentar, meu abdômen dói o suficiente para brotarem lágrimas nos meus olhos. Com certeza vou ficar com hematomas. Ainda assim, me arrasto até a porta e bato.

– Pronto! – grito. – Terminei! Me deixa sair daqui!

Mas é claro que ele não vem. Andrew consegue me ver, mas eu não faço ideia de onde ele está. Em casa? No trabalho? Ele poderia estar em qualquer lugar. Andrew sabe onde estou, mas não tenho o mesmo privilégio.

Desgraçado.

Uma hora depois, ouço passos do lado de fora da porta. Quero chorar de

alívio. Nunca fui claustrofóbica, mas esta experiência me mudou. Não tenho certeza se serei capaz de andar de elevador depois disso.

– Millie?

– Consegui, babaca. – Disparo em direção à porta. – Agora me deixa sair.

– Hum. – Seu tom indiferente me faz querer agarrar o pescoço dele e apertar. – Acho que não vou poder fazer isso.

– Mas você prometeu! Você disse que, se eu ficasse com os livros na barriga por três horas, me deixaria sair.

– Certo. Mas a questão é a seguinte: você tirou os livros um minuto antes. Então, acho que vai ter que começar de novo.

Meus olhos se arregalam. Se houvesse um momento em que eu me transformaria no Incrível Hulk e arrancaria a porta pelas dobradiças, seria agora.

– Você só pode estar brincando.

– Sinto muito, mas essas são as regras.

– Mas… – gaguejo. – Eu não tenho mais água.

– É uma pena – diz ele com um suspiro. – Da próxima vez, você vai ter que aprender a racionar a água.

– Da próxima vez? – Eu chuto a porta. – Você está maluco? Não vai ter uma próxima vez.

– Na verdade, acho que vai ter, sim – diz ele, pensativo. – Você está em liberdade condicional, certo? Se pegasse algo da nossa casa… e eu tenho certeza de que a Nina me apoiaria nisso… onde você acha que iria parar? Basta um vacilo e você volta pra cadeia! Aqui, pelo menos, você só tem que passar um dia ou dois neste quarto de vez em quando, quando se comportar mal. Acho que é um negócio muito melhor, não?

Ok, *esse* seria o momento em que eu me transformaria no Incrível Hulk.

– Então, se eu fosse você, voltaria ao trabalho. Porque logo, logo você vai ficar com muita sede – conclui ele.

• • •

Desta vez, espero três horas e dez minutos, porque não quero que haja nenhuma chance de Andrew dizer que preciso fazer uma terceira vez. Isso me mataria.

Sinto como se alguém tivesse passado as últimas horas socando a minha

barriga. Dói tanto que no começo não consigo nem me sentar. Preciso rolar para o lado e empurrar o corpo para uma posição sentada usando os braços. E minha cabeça dói por causa da desidratação. Tenho que rastejar até a cama e forçar o corpo para cima. Eu me sento lá e espero que Andrew apareça.

Mais meia hora se passa antes que a voz dele surja atrás da porta.

– Millie?

– Fiz o que você pediu – falo, embora minha voz seja apenas um sussurro. Não consigo sequer ficar de pé.

– Eu vi. – Há um tom paternalista na voz dele. – Excelente trabalho.

E então ouço o som mais lindo que já ouvi. É o som da porta sendo destrancada. É ainda melhor do que quando saí da prisão.

Andrew entra no quarto, segurando um copo d'água. Entrega o copo para mim e, por um momento, me ocorre que ele pode ter colocado algum tipo de droga na água, mas não me importo. Viro tudo de uma vez só.

Ele se senta ao meu lado na cama. Pousa a mão na parte inferior das minhas costas e eu me encolho.

– Como você está?

– Minha barriga está doendo.

Ele inclina a cabeça.

– Sinto muito.

– Sente mesmo?

– Você precisa aprender uma lição quando faz algo errado… É a única maneira de aprender. – Seus lábios se contraem. – Se você tivesse feito certo da primeira vez, eu não teria que pedir pra você fazer de novo.

Olho para cima e observo suas belas feições. Como pude me apaixonar por esse homem? Ele parecia bom, normal e maravilhoso. Eu não fazia a menor ideia do monstro que ele é. Seu objetivo não é se casar comigo, é me fazer sua prisioneira.

– Como você sabe exatamente por quanto tempo fiz aquilo? – pergunto. – Não tem como você conseguir ver tão bem.

– Pelo contrário.

Ele tira o telefone do bolso e abre um aplicativo. Uma imagem colorida e nítida do meu quarto preenche a tela. Posso ver nós dois sentados juntos na

cama em uma resolução incrível. A imagem de mim mesma me mostra pálida e encurvada, com cabelos desgrenhados.

– Não é ótima a imagem? Parece um filme.

Desgraçado. Ele me viu sofrer aqui o dia inteiro e tem toda a intenção de fazer isso comigo de novo, só que, da próxima vez, será por mais tempo, e só Deus sabe o que vai me obrigar a fazer. Eu já fui presa uma vez, não vou deixar isso acontecer de novo. Não mesmo.

Então enfio a mão no bolso da minha calça jeans.

E pego o frasco de spray de pimenta que encontrei no balde.

CINQUENTA E TRÊS

NINA

Quando contratei o tal detetive particular para investigar o passado de Wilhelmina Calloway, encontrei algumas informações muito interessantes.

Eu imaginava que Millie tivesse sido presa por cometer algum tipo de crime envolvendo drogas ou talvez roubo. Mas não. Millie Calloway foi condenada por algo totalmente diferente: homicídio.

Tinha apenas 16 anos na época do crime e foi presa aos 17, então o detetive precisou se esforçar para obter todas as informações. Millie estava num internato. Não, não era apenas um internato, mas uma escola específica para adolescentes com problemas disciplinares.

Uma noite, Millie e uma de suas amigas fugiram para uma festa no dormitório masculino. Quando Millie estava passando por um quarto, ouviu a amiga gritando por socorro atrás da porta. Entrou no quarto escuro e encontrou um de seus colegas de classe – um jogador de futebol de 90 quilos – tentando estuprar a amiga.

Então Millie pegou um peso de papel em cima de uma mesa e bateu na cabeça do garoto, várias vezes. Ele morreu antes mesmo de chegar ao hospital.

O detetive tinha imagens. O advogado de Millie alegou que ela estava tentando defender a amiga, a qual estava sendo agredida. Mas, se você olha as fotos, fica difícil argumentar que ela não pretendia matá-lo. O crânio dele foi visivelmente esmagado.

Dada a sua idade e as circunstâncias, ela acabou fazendo um acordo e se declarando culpada por homicídio culposo. A família do menino ficou satisfeita: eles queriam vingança pela morte do filho, mas não desejavam que ele fosse tachado de estuprador em toda a internet.

Millie aceitou o acordo porque houvera outros incidentes, coisas que teriam vindo à tona se ela tivesse ido a julgamento.

No ensino fundamental, ela foi expulsa quando entrou em uma briga com um garotinho de sua turma que a xingou. Ela o empurrou de um trepa-trepa, e ele quebrou o braço.

No ensino médio, ela cortou os pneus do carro do professor de matemática após ele lhe dar uma nota baixa. Logo depois, foi enviada para o internato.

E, mesmo depois de sua sentença, os incidentes continuaram. Millie não foi demitida sem razão de seu trabalho de garçonete; ela foi demitida depois de dar um soco no nariz de um dos colegas.

Millie parece ser uma garota doce; é isso que Andrew vê quando olha para ela. Ele não vai desenterrar o passado dela do jeito que eu fiz. Andy não sabe do que ela é capaz.

E a verdade é a seguinte: no começo, eu queria contratar uma empregada na esperança de que ela se tornasse minha substituta, já que, caso Andrew se apaixonasse por outra mulher, ele finalmente me deixaria ir. Mas não foi por isso que contratei Millie. Não foi por isso que dei a ela uma cópia da chave do quarto. E não foi por isso que deixei um frasco de spray de pimenta no balde azul do armário.

Eu a contratei para matá-lo. Ela só não sabe disso.

CINQUENTA E QUATRO

MILLIE

Andrew grita quando o spray de pimenta o atinge nos olhos.

O bocal está a cerca de três centímetros de distância do rosto dele, então ele recebe uma dose bem em cheio. E, em seguida, pressiono a válvula uma segunda vez, só por garantia. Enquanto faço isso, viro minha cabeça para o lado e fecho os olhos. A última coisa de que preciso é tomar um spray de pimenta na cara, embora seja difícil não sentir um pouco do resíduo.

Quando volto a olhar para Andrew, ele está com os dedos cravados no rosto, que ficou vermelho brilhante. Seu celular cai no chão, e eu o pego, tomando muito cuidado para não tocar em mais nada. Tudo tem que dar certo nos próximos vinte segundos. Passei mais de seis horas planejando isso enquanto tinha três livros em cima da barriga.

Minhas pernas estão bambas quando me levanto, mas funcionam. Andrew ainda está se contorcendo na cama, e, antes que ele possa recuperar a visão, saio do quarto e fecho a porta. Em seguida, pego a chave que Nina me deu, encaixo-a na fechadura, viro-a e a coloco no bolso. Então, dou um passo para trás.

– Millie! – grita Andrew do outro lado da porta. – Que porra é essa?

Olho para a tela do celular dele. Meus dedos estão trêmulos, mas consigo acessar as configurações e desativar o bloqueio de tela, de modo que não exija mais senha, antes que o telefone bloqueie.

– Millie!

Dou outro passo para trás, como se ele fosse alcançar a porta e conseguir me agarrar. Mas ele não pode. Estou segura aqui do outro lado.

– Millie. – A voz dele é um grunhido baixo agora. – Me deixa sair daqui *agora mesmo.*

Meu coração está acelerado. É a mesma coisa que senti quando entrei naquele quarto tantos anos atrás e encontrei Kelsey gritando com aquele jogador de futebol de merda. *Sai de cima de mim!* E Duncan ria, bêbado. Fiquei lá parada por um segundo, meu corpo paralisado enquanto meu peito se enchia de raiva. Ele era muito maior do que nós duas, eu não teria como tirá-lo de cima dela. O quarto estava escuro; tateei na mesa até minhas mãos tocarem um peso de papel e…

Jamais vou me esquecer daquele dia. Como foi bom esmagar o crânio daquele desgraçado com o peso de papel até ele parar de se mexer. Quase valeu a pena todos aqueles anos na cadeia. Afinal, quem sabe quantas outras garotas eu salvei dele?

– Eu vou deixar você sair – falo. – Mas *não ainda.*

– Você só pode estar brincando comigo. – A indignação na voz dele é notável. – Esta é a *minha* casa. Você não pode me manter refém aqui. E você é uma criminosa. Tudo que tenho que fazer é chamar a polícia e você volta pra cadeia.

– Beleza, mas como você vai chamar a polícia se estou com o seu telefone?

Olho para a tela do celular dele. Consigo vê-lo parado ali, em cores vivas. Posso até ver como seu rosto está vermelho por conta do spray de pimenta e das lágrimas nas bochechas. Ele verifica os bolsos, depois examina o chão com os olhos inchados.

– Millie – diz com uma voz lenta e controlada. – Quero meu telefone de volta.

Solto uma risada rouca.

– Tenho certeza de que você quer.

– Millie, me devolve o meu celular agora mesmo.

– Hum. Acho que você não está em posição de fazer *exigências.*

– *Millie.*

– Só um instante. – Deslizo o celular dele para dentro do meu bolso. – Eu vou comer alguma coisa. Volto *muito* em breve.

– Millie!

Ele ainda está chamando meu nome enquanto me afasto pelo corredor e depois desço as escadas. Eu o ignoro. Não há nada que ele possa fazer preso naquele quarto. E tenho que descobrir meu próximo passo.

A primeira coisa que faço é exatamente o que disse que ia fazer: vou para a cozinha, onde bebo dois copos d'água. Então, preparo um sanduíche de mortadela. Não, não *muçarela*. Mortadela. Com muita maionese e pão branco. Depois de comer um pouco, me sinto muito melhor. Posso finalmente pensar direito.

Pego o celular de Andrew. Ele ainda está no sótão, andando de um lado para outro, como um animal enjaulado. Se eu o deixasse sair, nem consigo imaginar o que faria comigo. Esse pensamento faz um suor gelado irromper na minha nuca. Enquanto estou olhando para ele, uma mensagem de texto aparece no celular. O nome do contato é "Mãe".

Você vai dar entrada no pedido de divórcio?

Percorro algumas das mensagens anteriores. Andrew contou à mãe tudo sobre a briga com Nina. Tenho que responder, porque, se ele não fizer isso, ela pode vir aqui, e aí estarei ferrada. Ninguém pode suspeitar que algo aconteceu com Andrew.

Vou. Estou falando com o advogado agora mesmo.

A resposta da mãe de Andrew chega quase instantaneamente:

Ótimo. Nunca gostei dela. E sempre dei o meu melhor com a Cecelia, mas Nina era extremamente displicente no que se refere a disciplina, e a garotinha virou uma pirralha irritante.

Sinto no peito uma pontada de empatia por Nina e Cecelia. Já é ruim o suficiente que a mãe de Andrew nunca tenha gostado de Nina, mas falar assim da própria neta? E fico imaginando o que a mãe de Andrew tinha em mente quando

falou em "disciplina". Se for algo parecido com a ideia de punição de Andy, fico feliz que Nina nunca tenha dado ouvidos a ela.

Minhas mãos estão tremendo enquanto digito a resposta:

Parece que você estava certa em relação à Nina.

Agora tenho que lidar com aquele babaca.

Enfio o telefone dele de volta no bolso, depois subo as escadas até o segundo andar e, em seguida, vou para o sótão. Quando chego ao último andar, paro de ouvir passos. Ele deve ter me ouvido.

– Millie – diz ele.

– Estou aqui – respondo rigidamente.

Ele pigarreia.

– Já entendi, este quarto é horrível. Sinto muito pelo que fiz.

– Sente, é?

– Sinto. Agora entendo que estava errado.

– Está certo. Quer dizer que você está arrependido?

Ele dá outro pigarro.

– Estou.

– Então fala.

Ele fica em silêncio.

– Falar o quê?

– Que você está arrependido por ter feito uma coisa terrível comigo.

Observo a expressão dele na tela. Ele não quer dizer que está arrependido, porque não está. Andrew só se arrepende de ter deixado que eu tirasse vantagem dele.

– Sinto muito – diz ele por fim. – Eu estava completamente errado. Fiz uma coisa terrível com você e nunca mais vou fazer isso de novo. – Ele faz uma pausa. – Você vai me deixar sair?

– Sim. Eu vou, sim.

– Obrigado.

– Mas *não ainda.*

Ele puxa o ar bruscamente.

– Millie…

– Eu vou te deixar sair. – Minha voz calma desmente as batidas no meu peito. – Mas, antes disso, você tem que ser punido pelo que fez comigo.

– Não entra nesse jogo – vocifera ele. – Você não tem estômago pra isso.

Ele não falaria comigo desse jeito se soubesse que esmaguei o crânio de um homem até a morte com um peso de papel. Ele não faz ideia. Mas aposto que Nina faz.

– Quero que se deite no chão e coloque esses três livros em cima de você.

– Fala sério. Isso é ridículo.

– Não vou deixar você sair desse quarto até que faça isso.

Andrew levanta os olhos em direção à câmera. Sempre achei que ele tinha olhos bonitos, mas há maldade neles enquanto olha para mim. *Não para mim,* lembro. Ele está olhando para a câmera.

– Está bem. Vou fazer a sua vontade.

Ele se deita no chão. Um por um, pega cada livro e os empilha em seu abdômen, da mesma forma que fiz apenas algumas horas antes. Mas ele é maior e mais forte do que eu, e só parece levemente desconfortável com esses livros em cima dele, mesmo quando todos os três estão empilhados na barriga.

– Feliz? – pergunta ele.

– Mais pra baixo.

– O quê?

– *Mova os livros mais pra baixo.*

– Eu não sei o que você…

Pressiono a testa contra a porta enquanto falo:

– Você sabe *exatamente* o que quero dizer.

Mesmo através da porta, posso ouvi-lo respirar profundamente.

– Millie, eu não consigo…

– Se você quer sair deste quarto, vai fazer isso.

Olho para a tela do celular dele, observando-o. Andrew empurra os livros para baixo, para que fiquem bem em cima de seus genitais. Ele não parecia muito desconfortável antes, mas agora tudo mudou. Seu rosto está paralisado, completamente retorcido.

– Meu Deus – diz ele sem ar.

– Ótimo. Agora fique assim por três horas.

CINQUENTA E CINCO

MILLIE

Sentada no sofá, vendo televisão enquanto espero as três horas chegarem ao fim, penso em Nina.

O tempo todo, eu achava que a louca era ela. Agora não sei o que pensar. Ela deve ter deixado o spray de pimenta naquele quarto para mim. Ela desconfiava que ele ia fazer isso comigo. O que me faz pensar que ele fazia a mesma coisa com ela. Talvez diversas vezes.

Será que Nina era mesmo ciumenta? Ou era tudo só atuação? Ainda não tenho certeza. Parte de mim quer ligar para ela e descobrir, mas acho que não seria uma boa ideia. Afinal, Kelsey nunca mais falou comigo depois que matei Duncan. Não entendo por quê, já que eu o matei *por ela.* Ele estava tentando estuprá-la. Mas, quando vi minha ex-melhor amiga depois disso, ela me olhou com repulsa.

Ninguém nunca me entendeu. Depois de me meter em confusão por furar os pneus do Sr. Cavanaugh, tentei explicar à minha mãe que ele tinha me dito que eu ia ser reprovada em matemática a menos que o deixasse me apalpar. Ela não acreditou em mim. Ninguém acreditou. Ela me mandou para um internato, porque eu continuava me metendo em confusão. Não deu muito certo. Depois do incidente no internato, meus pais me largaram de mão por completo.

Quando finalmente consegui um emprego decente depois de sair da cadeia, tive que lidar com aquele barman, Kyle, que passava a mão na minha bunda

sempre que podia. Então, um dia, me virei e dei um soco no nariz dele. Ele só não deu queixa porque estava morrendo de vergonha de ter apanhado de uma garota. Mas me disseram para não voltar mais. E, logo depois disso, fui morar no meu carro.

A única pessoa em quem posso confiar sou eu mesma.

Dou um bocejo e desligo a televisão. Faz pouco mais de três horas, e Andrew não se moveu do chão. Ele seguiu todas as regras, embora deva estar em sofrimento. Subo calmamente os degraus até o último andar. Assim que chego, ele empurra os livros de seus genitais. Por alguns segundos, só fica ali, deitado no chão em posição fetal.

– Andrew? – chamo.

– *O que foi*?

– Como você está se sentindo?

– Como você *acha* que estou me sentindo? – responde ele, entredentes. – Me deixa sair daqui, sua vagabunda.

Ele não parece tão calmo e presunçoso quanto da última vez que estive aqui. Ótimo. Eu me aproximo da porta, observando o rosto dele na tela do celular.

– Não gosto nada, nada desse linguajar. Acho que você poderia ser um pouco mais educado, já que depende de mim pra te ajudar.

– Me. Deixa. Sair. Daqui. – Ele se senta no chão, embalando a cabeça nas mãos. – Eu juro por Deus, Millie. Se você não me deixar sair agora, vou te matar.

Ele diz isso sem nenhum constrangimento. *Vou te matar.* Olho para a tela do telefone, imaginando quantas outras mulheres estiveram neste quarto. Fico pensando se alguma delas morreu aqui.

Parece totalmente possível.

– Relaxa. Vou deixar você sair.

– Ótimo.

– Mas *não ainda.*

– Millie… – vocifera ele. – Eu fiz exatamente o que você disse. Três horas.

– Três horas? – Ergo as sobrancelhas, embora ele não possa ver. – Desculpa, você ouviu três horas? Na verdade, eu disse *cinco*. Então, acho que você vai ter que começar de novo.

– Cinco… – Amo o fato de que a tela colorida me permite ver a maneira

como o rosto dele perde a cor. – Não dá. Não consigo fazer isso por mais cinco horas. Fala sério, você precisa me deixar sair daqui. Esse jogo acabou.

– Isso não é uma *negociação*, Andrew – falo com paciência. – Se você quer sair deste quarto, vai aguentar esses livros em cima das suas bolas pelas próximas cinco horas. A escolha é sua.

– Millie. *Millie*. – A respiração dele está irregular. – Olha, sempre tem espaço pra gente negociar. O que você quer? Eu te dou dinheiro. Te dou um milhão de dólares agora mesmo se me deixar sair deste quarto. O que você acha?

– Não.

– Dois milhões.

É fácil para ele me oferecer um dinheiro que não tem intenção de me dar.

– Acho que não. Eu vou dormir agora, mas quem sabe de manhã a gente se veja de novo.

– Millie, seja razoável! – A voz dele falha. – Pelo menos eu deixei água pra você. Será que não mereço um pouco de água?

– Acho que não – respondo. – Quem sabe da próxima vez você deixa mais água pra garota que trancar neste quarto, daí sobra mais pra você.

Com essas palavras, viro as costas e me afasto pelo corredor enquanto ele grita meu nome. Assim que chego ao quarto, pesquiso no Google: *Por quanto tempo uma pessoa consegue viver sem água?*

CINQUENTA E SEIS

NINA

Quando cumprimento Cecelia no acampamento, percebo que há muito tempo não a vejo tão feliz. Ela está acompanhada de algumas das novas amigas que fez, e seu rostinho redondo está radiante. Os ombros e as bochechas estão queimados de sol, e há um arranhão no cotovelo com um Band-Aid meio pendurado. Em vez de um daqueles vestidos horrorosos cheios de babados que Andy sempre insiste que ela use, Cecelia está vestindo um short confortável e uma camiseta. Vou ficar bem feliz se ela nunca mais usar um vestido.

– Oi, mãe! Você chegou cedo!

Ela saltita na minha direção, seu rabo de cavalo sacudindo atrás dela. Suzanne disse que quando sua caçula começou a chamá-la de "mãe" em vez de "mamãe" foi uma punhalada no coração. Mas fico feliz que Cece esteja crescendo, porque isso significa que logo ela terá idade suficiente para que *ele* não tenha nenhum poder sobre ela. Sobre *nós*.

– É…

O topo de sua cabeça bate no meu ombro agora. Será que ela cresceu enquanto esteve aqui? Ela me abraça com seus bracinhos magros e pousa a cabeça no meu ombro.

– Pra onde a gente vai agora? – pergunta ela.

Abro um sorriso. Quando Cece estava arrumando suas coisas para o acampamento, pedi que trouxesse várias roupas a mais, pois não tinha certeza se

voltaríamos diretamente para casa. Disse que talvez fôssemos para outro lugar depois daqui. Então, algumas bagagens dela estão no porta-malas do meu carro.

Eu não tinha certeza se isso aconteceria. Não sabia que tudo sairia conforme o planejado. Toda vez que penso nisso, meus olhos se enchem de lágrimas. Estamos livres.

– Pra onde você gostaria de ir? – pergunto.

Ela inclina a cabeça.

– Pra Disney!

Poderíamos ir para a Califórnia. Eu adoraria ficar a cinco mil quilômetros de distância de Andrew Winchester. Vai que ele enfia na cabeça que deveríamos ficar juntos de novo.

Vai que Millie não faz o que eu espero que ela faça.

– Vamos! – respondo.

O rosto de Cece se ilumina e ela começa a pular para cima e para baixo. Ela ainda tem aquela felicidade infantil. A capacidade de viver o momento. Ele não roubou isso dela por completo. Ainda não, ao menos.

Então ela para de pular e seu rosto fica sério.

– E o papai?

– Ele não vai.

O alívio em seu rosto espelha o meu. Ele nunca encostou um dedo nela, pelo que sei, e sempre fiquei muito atenta a isso. Se eu tivesse visto o menor hematoma suspeito na minha filha, teria dito a Enzo para ir em frente e matá-lo. Mas nunca vi nada. Ainda assim, ela sabia que algumas de suas próprias transgressões resultavam em uma punição dirigida a mim. Ela é uma garota inteligente.

Claro, o fato de precisar ser sempre tão perfeita perto do pai significava que sofria as consequências disso mesmo quando ele não estava por perto. Cece não confia de verdade em nenhum adulto, a não ser em mim, e às vezes pode ser uma criança difícil. Ela já foi chamada de pirralha malcriada antes. Mas não é culpa dela. Minha filha tem um bom coração.

Cece corre para seu chalé para buscar as malas. Começo a ir atrás dela, mas meu celular vibra na bolsa. Reviro toda a bagunça lá dentro até encontrar o aparelho. É Enzo.

Fico me perguntando se devo ou não atender. Enzo ajudou a salvar minha

vida, e não posso negar que ele me proporcionou uma noite inesquecível. Mas estou pronta para deixar essa parte da minha vida para trás. Não sei por que ele está ligando e não tenho certeza se quero saber.

Mas, sim, Enzo merece que pelo menos eu o atenda.

– Alô? – digo, abaixando um pouco a voz. – O que houve?

O tom de Enzo é grave e sério.

– A gente precisa conversar, Nina.

Ao longo de toda a minha vida, essas quatro palavras nunca levaram a nada de bom.

– O que é? – pergunto.

– Você precisa voltar aqui. Precisa ajudar a Millie.

– Isso está fora de cogitação – respondo, bufando.

– Fora de cogitação? – Já ouvi Enzo irritado antes, mas nunca fui a destinatária da irritação; esta é a primeira vez. – Nina, ela está com problemas. Você a colocou nessa situação.

– Claro, porque ela dormiu com o meu marido. Agora eu tenho que sentir *pena* dela?

– Você levou ela a isso!

– Ela não precisava morder a isca. Não foi obrigada a nada. De todo modo, ela vai ficar bem. Andy passou meses sem fazer nada comigo. Só depois que a gente se casou. – Dou uma fungada. – Vou escrever uma carta pra ela depois do divórcio, está bem? Vou avisar sobre ele. Antes que eles se casem.

Ele fica quieto por alguns segundos do outro lado da linha.

– Faz três dias que a Millie não sai de casa.

Meus olhos disparam para o chalé de Cecelia. Ela ainda está fazendo as malas e provavelmente conversando com as novas amigas. Olho em volta para os outros pais que estão chegando para buscar as crianças. Corro para o lado, falando ainda mais baixo.

– Como assim?

– Eu estava preocupado com a Millie, então fiz uma marca vermelha no pneu do carro dela. Já se passaram três dias e a marca ainda está exatamente no mesmo local. Tem três dias que ela não vai a lugar nenhum.

Bufo.

– Olha, Enzo, isso pode significar qualquer coisa. Talvez os dois tenham

viajado juntos.

– Não. Eu vi o carro dele sair.

Reviro os olhos.

– Então talvez eles estejam andando de táxi ou sei lá. Talvez ela simplesmente não tenha tido vontade de dirigir.

– A luz do sótão está acesa.

– A… – Pigarreio, dando mais um passo para longe dos outros pais. – Como você sabe disso?

– Entrei no quintal.

– Depois que o Andy te demitiu?

– Eu precisava verificar! Tem alguém lá em cima.

Aperto o telefone com tanta força que meus dedos começam a formigar.

– E daí? O sótão era o quarto dela. É realmente tão grave que ela esteja lá em cima?

– Não sei. Você me diz.

Uma sensação de vertigem toma conta de mim. Quando planejei tudo isso, quando quis que Millie fosse minha substituta e depois, quando quis que ela matasse aquele desgraçado, jamais parei para pensar nisso. Deixei o spray de pimenta e dei a chave do quarto para ela, achando que ela ficaria bem. Mas agora percebo que posso ter cometido um erro grave. Penso nela presa naquele sótão, tendo que suportar uma das torturas que Andy tenha inventado. Só de pensar nisso sinto náuseas.

– E você? – pergunto. – Você não pode entrar e ver como ela está?

– Eu toquei a campainha. Nenhuma resposta.

– E a chave embaixo do vaso de flores?

– Não estava lá.

– Mas e…

– Nina – diz Enzo, irritado –, você está falando pra eu invadir a casa? Você sabe o que pode acontecer comigo se eu for pego? *Você* tem uma chave. Você tem todo o direito de entrar lá. Eu vou com você, mas não posso entrar sozinho.

– Mas…

– Você só está dando um monte de desculpas! – Ele explode. – Não consigo acreditar que vai deixar ela sofrer do jeito que você sofreu.

Dou uma última olhada no chalé de Cecelia. Ela está saindo agora,

carregando as malas.

– Tudo bem. Eu volto. Mas com uma condição.

CINQUENTA E SETE

MILLIE

Quando acordo no quarto de hóspedes na manhã seguinte, a primeira coisa que faço é pegar o celular de Andrew.

Abro o aplicativo que mostra a câmera no sótão. Imediatamente, o quarto aparece. Olho para a tela e meu coração quase para. O quarto está vazio. Andrew não está mais lá.

Ele saiu do sótão.

Agarro os cobertores com a mão esquerda. Meus olhos percorrem o quarto, procurando por ele, talvez espreitando nas sombras. Há um movimento súbito na janela, e quase tenho um ataque cardíaco antes de me dar conta de que é um pássaro.

Onde ele está? E como saiu? Será que existe um botão para alguma passagem secreta que eu desconhecia? Uma maneira de escapar se por acaso ele acabasse nessa situação? Mas é difícil imaginar. Ele manteve aqueles livros em cima dele por horas a fio. Por que teria feito isso se o tempo todo tivesse como sair de lá?

De todo modo, se ele saiu do quarto, deve estar puto da vida.

Tenho que sair desta casa. *Agora*.

Meus olhos vão parar no telefone, e então algo se move na tela. Solto uma respiração lenta. Andrew ainda está no quarto, no fim das contas. Está debaixo das cobertas, em cima da cama. Eu só não o vi porque ele estava muito quieto.

Assisto à gravação para ver o que aconteceu no quarto nas últimas horas.

Observo Andrew deitado no chão, fazendo careta com o peso em cima dele. Cinco horas. Ele passou cinco horas fazendo isso. Então, se estou disposta a cumprir minha parte do trato, preciso deixá-lo sair agora.

Não tenho pressa em me preparar. Tomo um banho longo e quente. A tensão no meu pescoço derrete quando a água quente corre pelo meu corpo. Sei o que tenho que fazer a seguir. E estou pronta.

Coloco uma camiseta confortável e uma calça jeans. Prendo meu cabelo louro-escuro para trás em um rabo de cavalo e deslizo o celular de Andrew para dentro do bolso. Então, pego algo que trouxe da garagem no dia anterior e escondo no outro bolso.

Subo os degraus rangentes do sótão. Já subi esta escada tantas vezes que notei que nem todos os degraus rangem, só alguns. O segundo range muito alto, por exemplo. E o último, também.

Quando chego ao topo da escada, bato na porta. Olho para o telefone dele, para a imagem colorida do quarto. Ele não se move da cama.

A preocupação me dá um arrepio na base do pescoço. Andrew não bebe nada há cerca de doze horas. Ele deve estar se sentindo muito fraco. Eu me lembro de como estava me sentindo no dia anterior, quando estava morrendo de sede. E se ele estiver inconsciente? O que eu faço?

Mas então Andrew se mexe no colchão. Observo enquanto ele luta para se sentar e esfrega os olhos com a palma das mãos.

– Andrew – chamo. – Estou de volta.

Ele levanta a cabeça e olha diretamente para a câmera. Eu tremo, imaginando exatamente o que ele faria comigo se eu abrisse esta porta. Se eu fizesse isso, ele me arrastaria pelo rabo de cavalo. Ele me obrigaria a fazer coisas horríveis antes de me deixar sair, se é que me deixaria sair *em algum momento*.

Ele se põe de pé, cambaleante. Caminha até a porta e cai contra ela.

– Eu fiz o que você pediu. Me deixa sair.

Aham. Claro.

– Então, é o seguinte – falo. – Não estou conseguindo acessar as imagens de ontem. Frustrante, né? Acho que o jeito vai ser você…

– *Eu não vou fazer isso de novo.* – O rosto dele está vermelho, e não é do spray de pimenta. – Você precisa me deixar sair *agora mesmo*, Millie. Não estou brincando.

– Eu vou deixar você sair. – Faço uma pausa. – Mas *não ainda.*

Andrew dá um passo para trás, olhando para a porta. Então dá outro passo para trás. E outro. E então se joga contra a porta.

Ele bate na porta com tanta força que as dobradiças tremem.

Mas a porta não se mexe.

Então ele começa a recuar de novo. Merda.

– Escuta – falo. – Vou deixar você sair. Tem só uma outra coisa que você precisa fazer.

– Vai se foder. Eu não acredito em você.

Ele se atira na porta mais uma vez. Ela treme, mas não se move. A casa é relativamente nova e bem-feita. Fico pensando se ele é capaz de derrubar a porta. Talvez em melhores condições, se estivesse bem hidratado. Mas assim, não. E seria difícil derrubá-la porque as dobradiças ficam do lado de dentro.

Andrew está respirando com dificuldade agora. Ele se inclina contra a porta, tentando recuperar o fôlego. Seu rosto está ainda mais vermelho do que antes. Acho que ele não tem como arrombar a porta.

– O que você quer que eu faça? – pergunta.

Puxo do bolso o objeto que peguei na garagem. Eu o encontrei no kit de ferramentas de Andrew. É um alicate. Eu o deslizo pela fresta sob a porta.

Do outro lado, ele se abaixa e pega a ferramenta, girando-a de um lado para o outro. Franze a testa.

– Não entendi. O que você quer que eu faça?

– Bom – respondo –, foi bem difícil dizer exatamente quanto tempo você passou com aqueles livros em cima de você. Isso vai ser mais fácil. É imediato.

– Não estou entendendo.

– É simples. Se você quiser sair do quarto, a única coisa que precisa fazer é arrancar um dos seus dentes.

Observo o rosto de Andrew na tela. Seus lábios se contraem e ele joga o alicate no chão.

– Você está brincando. Nem pensar. Não vou fazer isso.

– Acho que mais algumas horas sem água vão fazer você pensar diferente.

Ele dá mais alguns passos para trás de novo. Está reunindo todas as forças. Corre até a porta e bate nela o mais forte que pode. E, mais uma vez, ela treme,

mas não se move. Vejo quando ele levanta um punho e o bate contra a porta de madeira.

Andrew uiva de dor. Para falar a verdade, seria melhor simplesmente arrancar um dente. No bar onde eu trabalhava, um cara ficou bêbado, deu um soco na parede e acabou quebrando um osso da mão. Eu não ficaria surpresa se Andrew tivesse feito o mesmo.

– Me deixa sair! – grita ele. – Me deixa sair desta merda de quarto *agora.*

– Eu vou deixar você sair. Você sabe o que precisa fazer.

Ele está segurando a mão direita com a esquerda. Andrew cai de joelhos, quase dobrado ao meio. Assisto na tela do celular quando ele pega o alicate com a mão esquerda. Prendo a respiração quando ele o leva à boca.

Será que vai mesmo fazer isso? Eu não vou aguentar ver. Fecho os olhos, incapaz de assistir.

Ele uiva de agonia. É o mesmo som que Duncan fez quando acertei aquele peso de papel no crânio dele. Meus olhos se abrem, e Andrew ainda está na tela. Ele continua de joelhos. Observo enquanto abaixa a cabeça e chora feito um bebê.

Ele está a ponto de explodir. Não vai aguentar. Está disposto a arrancar os próprios dentes só para sair deste quarto.

Ele não faz ideia de que isso é só o começo.

CINQUENTA E OITO

NINA

Tem algo errado.

Sinto isso no segundo em que paro na frente da casa de Andrew. Algo terrível aconteceu dentro dessa casa. Eu sinto isso com cada célula do meu corpo.

Concordei em voltar aqui com uma condição: Enzo deveria ficar com Cece e *protegê-la com todas as suas forças*. Não havia mais ninguém no mundo a quem eu confiaria minha filha. Conheço muitas mulheres nesta cidade, e cada uma delas foi seduzida pelo charme do meu marido. Qualquer uma entregaria Cece para ele.

Mas isso significa que estou aqui sozinha.

A última vez que estive aqui foi há uma semana, mas parece uma eternidade. Estaciono do lado de fora dos portões, na rua, atrás do carro de Millie. Eu me agacho atrás do carro dela e noto a marca vermelha que Enzo fez em seu pneu. Ainda está lá. Será que está no mesmo lugar que estava no dia anterior e antes disso? Não faço ideia.

– Nina? É você?

Suzanne. Eu me endireito, me afastando do carro de Millie. Ela está de pé na calçada, inclinando a cabeça interrogativamente na minha direção. A última vez que a vi, ela parecia completamente esquelética, mas agora parece que perdeu ainda mais peso.

– Está tudo bem, Nina? – pergunta Suzanne.

Dou um sorriso forçado.

– Sim, claro. Por que não estaria?

– A gente tinha marcado de almoçar outro dia e você não apareceu. Então vim aqui pra saber de você.

Claro. Meus almoços semanais com Suzanne. Se tem uma coisa da qual não vou sentir falta na vida, é disso.

– Desculpa. Acho que esqueci.

Suzanne comprime os lábios. Nunca vou me esquecer do jeito que ela assentiu para mim, solidária, enquanto eu confessava tudo que Andy tinha feito comigo, depois virou as costas e me dedurou. Ela escolheu acreditar nele em vez de acreditar em mim. Ninguém esquece uma traição como essa.

– Ouvi um boato terrível – diz ela. – Ouvi dizer que você saiu de casa. Que você largou o Andy. Ou que ele…

– Que ele me trocou pela *empregada*? – Percebo a expressão no rosto de Suzanne e sei que acertei em cheio. Todo mundo na cidade está falando sobre nós. – Isso não é verdade. Mais uma vez, os boatos estão equivocados. Eu fui buscar a Cece no acampamento, só isso.

– Ah. – Há um lampejo de decepção no rosto de Suzanne. Ela estava ansiando por uma fofoca suculenta. – Bom, fico feliz em ouvir isso. Estava preocupada com você.

– Não há absolutamente nada para se preocupar. – Minhas bochechas estão começando a doer de tanto sorrir. – A viagem foi longa, então, se me dá licença…

Suzanne me segue com os olhos enquanto caminho até a porta da frente. Tenho certeza de que há milhares de perguntas girando na cabeça dela. Por exemplo, se eu fui buscar Cecelia no acampamento, onde ela está? E por que não estacionei na garagem em vez de na rua? Mas não tenho tempo de me explicar para uma mulher terrível como ela.

Preciso descobrir o que aconteceu com Millie e Andy.

O primeiro andar da minha casa está escuro. Como na última vez que estive aqui Andy me disse para sair de sua casa, começo tocando a campainha em vez de ir entrando. E então espero que alguém abra para mim.

Depois de dois minutos, ainda estou lá, parada.

Por fim, tiro meu chaveiro da bolsa. Já fiz esse movimento milhares de vezes

antes. Pego as chaves, encontro a de cobre com a letra A gravada e coloco na fechadura. A porta da minha antiga casa se abre.

Como não é de surpreender, está escuro dentro da casa. Não ouço nenhum som.

– Andy? – chamo.

Nenhuma resposta.

Ando até a porta da nossa garagem. Abro e o BMW de Andy está parado lá. Claro, isso não exclui o fato de que Andy e Millie tenham feito uma viagem juntos. Eles podem ter pegado um táxi para LaGuardia. É o que Andy costuma fazer. Aposto que decidiram tirar férias de última hora juntos.

Mas bem aqui, dentro de mim, sei que não foi isso que aconteceu.

– Andy? – chamo, mais alto desta vez. – Millie?

Nada.

Caminho até a escada. Espio o segundo andar, tentando detectar qualquer movimento. Não vejo nada. No entanto, parece que há alguém aqui.

Começo a subir as escadas. Minhas pernas estão tremendo e há uma possibilidade real de que cedam, mas continuo andando. Sigo em frente até chegar ao segundo andar.

– Andy? – Engulo um nó na garganta. – Por favor… Se houver alguém aqui, fala alguma coisa…

Quando não recebo uma resposta, começo a verificar os quartos. O quarto principal está vazio. O de hóspedes, vazio. O de Cece, vazio. A sala de cinema, também vazia.

Só há mais um lugar para procurar.

A porta da escada do sótão está aberta. A iluminação da escada sempre foi péssima. Agarro o corrimão e olho para o topo. Tem alguém lá dentro. Tenho certeza.

Millie deve estar trancada lá. Andy deve ter feito isso com ela.

Mas cadê Andy, então? Por que o carro dele está aqui se ele não está?

Minhas pernas mal me sustentam enquanto subo os catorze degraus até o patamar do sótão. No final do corredor, está o quarto onde passei tantos dias terríveis ao longo do meu casamento. Há uma luz acesa lá dentro. Está vindo da fresta sob a porta.

– Não se preocupa, Millie – murmuro. – Vou te ajudar.

Enzo tinha razão. Eu jamais deveria tê-la deixado aqui. Achei que ela fosse mais forte do que eu, mas estava enganada. E agora qualquer coisa que aconteça com ela vai ser culpa minha. Espero que esteja bem. Vou tirá-la daqui.

Tiro a chave da porta do sótão da minha bolsa, enfio na fechadura e deixo a porta se abrir.

CINQUENTA E NOVE

NINA

– Meu Deus – sussurro.

A luz está acesa no sótão, como imaginei. As duas lâmpadas piscam no teto. Precisam ser trocadas, mas há luz suficiente para ver Andy.

O que em algum momento foi Andy, ao menos.

Por bons sessenta segundos, a única coisa que consigo fazer é olhar. Então, inclino o corpo para a frente e vomito. Ainda bem que estava nervosa demais para comer qualquer coisa no café da manhã mais cedo.

– Olá, Nina.

Quase tenho um infarto com o som da voz atrás de mim. Fiquei tão enojada com a imagem à minha frente que sequer ouvi os passos na escada até o sótão. Eu me viro e lá está ela. Millie. Segurando um frasco de spray de pimenta apontado para o meu rosto.

– Millie – falo, quase me engasgando.

Suas mãos estão tremendo e seu rosto está muito pálido. É como olhar para um espelho. Mas seus olhos estão pegando fogo.

– Abaixa o spray de pimenta – digo o mais calmamente que consigo. Ela não obedece. – Não vou te machucar… Prometo. – Olho para o corpo no chão, depois de novo para Millie. – Há quanto tempo ele está aqui?

– Cinco dias? – A voz dela é vazia. – Seis? Perdi a conta.

– Ele está morto. – Digo isso como uma afirmação, mas sai mais como uma

pergunta. – Há quanto tempo ele está morto?

Millie continua apontando o spray de pimenta para mim, e tenho medo de fazer qualquer movimento rápido. Sei do que essa garota é capaz.

– Você acha que ele está morto mesmo? – pergunta ela.

– Eu posso ir olhar? Se você quiser…

Ela hesita, então assente.

Faço movimentos lentos porque não quero levar um jato na cara; sei muito bem como é ficar encharcada de spray de pimenta. Eu me abaixo ao lado do corpo do meu marido no chão. Ele não parece vivo. Seus olhos estão abertos, as bochechas afundadas e os lábios, entreabertos. Seu peito não está se movendo. Mas a pior parte é todo o sangue seco ao redor da boca e na camisa branca. Vejo que há vários dentes faltando. Contenho a vontade de vomitar.

Mesmo assim, quando estendo a mão para verificar se há pulso, torço para que ele agarre meu braço. Mas isso não acontece. Ele está completamente imóvel. Quando encosto no pescoço dele, não sinto nada.

– Ele está morto – anuncio.

Millie me encara por um momento, então abaixa o spray de pimenta. Ela afunda na cama e enterra o rosto nas mãos. É como se tivesse acabado de perceber a grandiosidade do que aconteceu. Do que ela fez.

– Ai, meu Deus. Ah, não…

– Millie…

– Você sabe o que isso significa. – Ela ergue a cabeça e me encara, os olhos injetados de sangue. A raiva se foi e tudo que resta é medo. – Acabou. Vou passar o resto da vida na cadeia.

Lágrimas escorrem por suas bochechas e seus ombros tremem silenciosamente, do mesmo jeito que Cece faz quando não quer que ninguém saiba que está chorando.

Millie parece dolorosamente jovem de repente. Ela é só uma menina.

E é aí que tomo a decisão.

Eu me sento ao lado dela na cama e coloco meu braço cuidadosamente em seus ombros.

– Não, você não vai pra cadeia.

– Como assim, Nina? – Ela levanta o rosto manchado de lágrimas. – Eu matei

ele! Deixei ele definhar aqui, trancado neste quarto, por uma semana! Como assim não vou pra cadeia?

– Porque – respondo – você sequer estava aqui.

Ela enxuga os olhos com as costas da mão.

– Do que você está falando?

Minha querida Cece, por favor, me perdoe pelo que estou prestes a fazer.

– Você vai embora. Vou dizer pra polícia que passei a semana toda aqui. Vou dizer que te dei a semana de folga.

– Mas…

– É o único jeito – falo bruscamente. – Eu tenho uma chance. Você, não. Eu… já fui parar num hospital por questões psiquiátricas. Dos males, o menor… – Respiro fundo. – Vou ser internada de novo.

Millie franze a testa, o nariz vermelho.

– Foi você quem deixou o spray de pimenta pra mim, não foi?

Assinto.

– Você esperava que eu matasse ele.

Assinto mais uma vez.

– Então, por que não matou ele você mesma?

Eu gostaria que houvesse uma resposta fácil para essa pergunta. Tinha receio de ser pega. Medo de ir parar na cadeia. Não sabia o que minha filha faria sem mim.

Mas a verdade é que simplesmente *não consegui*. Eu não tinha coragem de tirar a vida dele. E fiz algo terrível: tentei manipular Millie para que ela o matasse.

E foi o que ela fez.

Só que agora ela pode passar o resto da vida pagando por isso, se eu não fizer algo para ajudá-la.

– Por favor, Millie, vá embora enquanto ainda pode. – Lágrimas surgem nos meus olhos. – Vá. Antes que eu mude de ideia.

Não preciso pedir mais uma vez. Ela se levanta e sai correndo do quarto. Seus passos desaparecem escada abaixo. E então a porta da frente se fecha, me deixando sozinha em casa: só eu e Andy, que está olhando para o teto com seus olhos sem vida. Acabou. Acabou de verdade. E só resta uma coisa a fazer.

Pego meu celular e chamo a polícia.

SESSENTA

NINA

Se eu sair desta casa, será algemada. Não consigo ver outra maneira de contornar isso.

Continuo no meu sofá de couro, segurando os joelhos, me perguntando se esta será a última vez que me sento aqui, enquanto espero o detetive voltar. Minha bolsa está sobre a mesa de centro, e eu a pego em um rompante. Provavelmente deveria estar sentada aqui quieta, como uma pessoa suspeita de homicídio, mas não consigo evitar. Pego meu telefone e abro a lista de chamadas recentes. Seleciono o primeiro número da lista.

– Nina? O que está acontecendo? – A voz de Enzo está cheia de preocupação. – O que está acontecendo aí?

– A polícia ainda está aqui – respondo com dificuldade. – Eu… A situação não parece nada boa. Pra mim. Eles acham…

Não quero dizer as palavras em voz alta. Eles acham que matei Andy. E eu não o matei ativamente. Ele morreu de desidratação. Mas eles acham que sou a responsável.

Eu poderia acabar com tudo isso. Poderia contar a eles sobre Millie. Mas não vou fazer isso.

– Vou testemunhar a seu favor – diz ele. – Vou contar o que ele fazia com você. Eu te vi trancada lá.

Ele está sendo sincero. Enzo fará tudo que puder para me ajudar. Mas qual

será o valor do testemunho de um homem que quase certamente será pintado como meu amante secreto? E não posso nem negar. Eu dormi com Enzo.

– Cece está bem? – pergunto.

– Está, sim.

Fecho os olhos, tentando estabilizar minha respiração.

– Ela está vendo TV?

– TV? Não, não, não. Estou ensinando italiano a ela. Cece é um talento nato.

Apesar de tudo, dou risada, mesmo que seja muito fraca.

– Posso falar com ela?

Há uma pausa e Cece aparece do outro lado da linha.

– *Ciao, mama*!

Engulo em seco.

– Oi, querida. Como você está?

– *Bene*. Quando você vem me buscar?

– Logo, logo – minto. – Continue treinando seu italiano, e eu vou chegar aí assim que puder. – Respiro fundo. – Eu… eu te amo.

– Eu também te amo, mãe!

O detetive Connors está descendo as escadas, e seus passos soam como tiros. Enfio o celular de volta na bolsa e a recoloco na mesa de centro. Aparentemente, ele deu uma olhada no corpo de Andy. E tenho certeza de que tem uma nova série de perguntas. Consigo ver em seu rosto quando ele se senta de novo na minha frente.

– Então – diz ele. – Você sabe alguma coisa a respeito dos hematomas no corpo do seu marido?

– Hematomas? – pergunto, genuinamente confusa.

Sei sobre a falta de dentes, mas não pressionei Millie para obter mais detalhes sobre o que aconteceu naquele sótão.

– Há hematomas muito escuros em toda a parte inferior da barriga – diz Connors. – E por toda… a genitália. São quase pretos.

– Ah…

– Como você acha que isso aconteceu?

Ergo as sobrancelhas.

– Você acha que eu bati nele?

A sugestão é risível. Andy era um pouco mais alto que eu, e seu corpo era

puro músculo. O meu, não.

– Não faço a menor ideia do que aconteceu lá em cima. – Seus olhos encontram os meus, e tento não desviar o olhar. – A história que você me conta é que seu marido deve ter acidentalmente se trancado no sótão, e você de alguma forma não percebeu que ele tinha sumido. É isso?

– Achei que ele estivesse viajando a trabalho. Ele geralmente pega um táxi até o aeroporto.

– E vocês não trocaram mensagens de texto nem se falaram por telefone durante esse período, mas isso não te deixou preocupada – ressalta ele. – Além disso, de acordo com os pais dele, parece que ele pediu pra você sair de casa na semana passada.

Não posso negar essa parte.

– Sim, isso mesmo. Por isso não nos falamos.

– E essa moça, Wilhelmina Calloway? – Ele tira um pequeno bloco de papel do bolso e consulta sua anotação. – Ela estava trabalhando pra você, não é?

Dou de ombros.

– Eu dei a semana de folga pra ela. Minha filha estava no acampamento, então senti que não precisávamos dela. Não a vi a semana toda.

Tenho certeza de que vão tentar entrar em contato com Millie, mas estou fazendo o meu melhor para tirá-la da lista de suspeitos. É o mínimo que posso fazer depois do que causei a ela.

– Então você está me dizendo que um homem adulto conseguiu se trancar em um quarto no sótão, sem celular, sendo que o quarto só pode ser trancado pelo lado de fora? – As sobrancelhas de Connors quase alcançam a linha do cabelo. – E que, enquanto estava lá dentro, ele do nada decidiu arrancar quatro dentes?

Do jeito que ele fala…

– Sra. Winchester – diz o detetive. – Você acredita mesmo que seu marido é o tipo de homem que faria algo desse tipo?

Eu me recosto no sofá, tentando não deixar transparecer o quanto meu corpo está tremendo.

– Talvez. O senhor não conhecia ele.

– Pra ser sincero – diz ele –, isso não é inteiramente verdade.

Ergo os olhos bruscamente.

– Como é?

Ai, meu Deus. Essa situação fica cada vez pior. O detetive de cabelos grisalhos tem a idade certa para ser um dos amigos de golfe do pai de Andy. Ou algum outro receptor da incrível generosidade da família. Meus pulsos começam a formigar, antecipando as algemas sendo colocadas ao redor deles.

– Eu nunca o conheci pessoalmente – diz Connors. – Mas a minha filha, sim.

– A sua… filha?

Ele assente.

– O nome dela é Kathleen Connors. Na verdade, que mundo pequeno… Ela e seu marido foram noivos muito tempo atrás.

Pisco para ele, aturdida. Kathleen. A noiva com quem Andy terminou antes de nós dois nos conhecermos. Aquela que tentei encontrar tantas vezes, mas nunca consegui. Kathleen é filha deste homem. Mas o que isso significa?

Ele abaixa a voz, e preciso me esforçar para ouvir.

– O término foi muito duro pra ela. Kathleen não queria falar sobre o assunto. Até hoje, não fala. Ela se mudou pra longe depois disso, até mudou de nome. Nunca mais saiu com homem nenhum.

Meu coração acelera.

– Ah. Eu…

– Sempre me perguntei o que exatamente Andrew Winchester fez com a minha filha. – Ele contrai os lábios, formando uma linha reta. – Então, quando fui transferido pra cá há cerca de um ano e comecei a fuçar um pouco, achei curioso o fato de você alegar que ele te trancava no sótão, mas ninguém sabia dizer se a sua história era real, embora sinceramente me pareça que ninguém se esforçou muito pra descobrir. Os Winchesters costumavam ter muita influência aqui antes de se mudarem para a Flórida, especialmente com alguns policiais. – Ele faz uma pausa. – Mas comigo, não.

Minha boca está seca demais para emitir qualquer som. Apenas o encaro, boquiaberta.

– Na minha opinião – diz ele –, esse sótão é um perigo. Parece mesmo muito fácil ficar preso lá dentro. – Ele se endireita, a voz voltando ao volume normal. – É uma pena que tenha acontecido com o seu marido. Tenho certeza de que o meu amigo que cuida das autópsias também vai concordar. Que fique de lição, certo?

– Certo. – Finalmente consigo dizer algo. – Que fique de lição.

O detetive Connors me encara por um bom tempo, uma última vez. Em seguida, volta ao andar de cima para se juntar aos colegas. E me dou conta de algo incrível.

Não vou sair daqui algemada.

SESSENTA E UM

NINA

Nunca pensei que iria ao velório de Andy.

De todas as maneiras que imaginei que isso fosse acabar, jamais acreditei de fato que terminaria com Andy morto. Sempre soube, lá no fundo, que não tinha coragem de matá-lo. E, ainda que tivesse, ele sempre pareceu imortal. Parecia uma daquelas pessoas que simplesmente nunca morrem. Mesmo agora, enquanto olho para seu belo rosto no caixão aberto, feito de madeira clara, os lábios colados para esconder os quatro dentes perdidos que Millie o forçou a arrancar, tenho certeza de que seus olhos vão se abrir e ele voltará à vida para um susto derradeiro.

Você achou mesmo que eu tinha morrido? Surpresa! Não morri, não! Vamos já para o sótão, Nina.

Não. Eu não vou. Nunca mais.

Nunca mais.

– Nina. – Uma mão pousa no meu ombro. – Como você está?

Ergo a cabeça para olhar quem é. É Suzanne. Minha ex-melhor amiga. A mulher que me entregou para Andy quando contei para ela que meu marido era um monstro.

– Tentando me manter firme.

Fecho com força a mão direita, cheia de lenços de papel, apenas para fazer uma cena. Consegui espremer uma única lágrima o dia inteiro, e foi quando vi

Cecelia usando um vestido preto simples que comprei para o enterro. Ela está sentada ao meu lado com esse mesmo vestido, o cabelo louro despenteado. Andy teria odiado.

– Foi um choque tão grande. – Suzanne pega minha mão, e é preciso muito autocontrole para não a puxar de volta. – Que acidente terrível.

Há empatia e pena em seus olhos. Ela está feliz por ter sido o meu marido e não o dela. *Coitadinha da Nina, que má sorte ela tem*. Ela não faz ideia.

– Terrível – murmuro.

Suzanne dá uma última olhada em Andy e segue em frente. Do caixão e com a própria vida. Tenho a impressão de que o enterro amanhã talvez seja uma das últimas vezes que a verei. E isso não me deixa nem um pouco triste.

Olho para meus sapatos pretos simples, sorvendo o silêncio da sala. Odeio falar com as pessoas, aceitar suas condolências, fingir que estou devastada por esse monstro estar morto. Não vejo a hora de tudo isso acabar para que eu possa seguir em frente com a minha vida. Amanhã será a última vez que terei que fazer o papel da viúva triste.

Ouço o som de passos e ergo a cabeça. Enzo lança uma sombra comprida pela porta, e seus passos soam como tiros no silencioso salão. Ele está vestindo um terno escuro, e, por mais que sempre o tenha achado lindo quando trabalhava no meu quintal, ele parece cem vezes melhor de terno. Seus olhos escuros e úmidos encontram os meus.

– Sinto muito – diz ele calmamente. – Não dá.

Meu coração aperta. Ele não está dizendo que sente muito por Andy. Nenhum de nós dois sente por isso. Está se desculpando porque no dia anterior perguntei a ele se, quando tudo isso acabasse, ele viria comigo para o outro lado do país, na Costa Oeste, bem longe daqui. Nunca esperei que ele dissesse sim, mas mesmo assim sua recusa à minha proposta me deixa triste. Este homem ajudou a salvar minha vida, ele é o meu herói. Ele e Millie.

– Você vai ter um novo começo. – Um pequeno vinco se forma entre suas sobrancelhas. – É melhor assim.

– É, sim – respondo.

Ele tem razão. Há muitas lembranças terríveis entre nós dois. É melhor começar de novo. Mas isso não significa que não vou sentir falta dele. E nunca, nunca vou esquecer o que ele fez por mim.

– Fica de olho na Millie, está bem? – peço.

Ele assente.

– Pode deixar. Prometo.

Ele estende o braço para tocar a minha mão uma última vez. Como Suzanne, provavelmente nunca mais o verei. Já coloquei à venda a casa que Andy e eu dividíamos. Cece e eu estamos hospedadas em um hotel, porque não suporto entrar naquele lugar. Tenho quase certeza de que nossa antiga casa é assombrada.

Olho para Cecelia, que está se contorcendo em uma cadeira a poucos metros de mim. Dormimos no quarto do hotel na noite anterior, dividindo uma cama queen-size, seu corpo magro pressionado contra o meu. Eu poderia ter pedido uma cama extra, mas ela quer ficar perto de mim. Ainda não entende muito bem o que aconteceu com o homem que chamava de pai e não perguntou. Só está aliviada por ele não estar mais aqui.

– Enzo – chamo –, você pode levar a Cece? Ela está aqui há muito tempo e deve estar com fome. Talvez você possa levar ela pra comer alguma coisa.

Ele faz que sim com a cabeça e estende a mão para a minha filha.

– Vem, Cece. Vamos comer uns nuggets e tomar milk-shake.

Cecelia pula da cadeira na mesma hora, não é preciso chamar duas vezes. Ela está sendo um amor em ficar aqui comigo, mas é só uma menina. Eu deveria lidar com isso sozinha.

Alguns minutos depois que Enzo sai com Cece, as portas se abrem mais uma vez. Por instinto, dou um passo para trás quando vejo quem está na porta.

São os Winchesters.

Prendo a respiração quando Evelyn e Robert Winchester entram na sala. É a primeira vez que os vejo desde a morte de Andy, mas eu sabia que esse momento chegaria. Eles haviam voltado da Flórida para passar o verão apenas algumas semanas antes, mas Evelyn ainda não tinha ido à nossa casa. Falei com ela só uma vez, quando ela me ligou para perguntar se eu precisava de ajuda para organizar o velório. Falei para ela que não.

Só que a verdade é que eu não estava nem um pouco animada para falar com ela depois de ser responsável pela morte de seu único filho.

O detetive Connors cumpriu todas as suas promessas. A morte de Andy foi considerada um acidente, e nem eu nem Millie fomos investigadas. No final, a história foi de que Andy acidentalmente ficou trancado no sótão enquanto eu

estava fora e morreu de desidratação. Nada disso explica as contusões e os dentes perdidos. O detetive Connors tinha amigos no setor de autópsias, mas os Winchesters são uma das famílias mais poderosas e influentes do estado.

Será que eles sabem? Será que fazem ideia de que sou responsável pela morte de Andy?

Evelyn e Robert cruzam a sala em direção ao caixão. Mal reconheço Robert, que é bonito como o filho e hoje está vestindo um terno escuro. Evelyn também está vestida de preto, que contrasta bastante com o branco de seus cabelos e com os sapatos da mesma cor. Os olhos de Robert estão inchados, mas Evelyn parece impecável, como se tivesse acabado de fazer um tratamento de spa.

Abaixo a cabeça quando eles se aproximam de mim. Só olho para cima quando Robert dá um pigarro.

– Nina – diz ele com sua voz grave e rouca.

Engulo em seco.

– Robert…

– Nina. – Ele dá outro pigarro. – Quero que você saiba…

Nós sabemos que você matou o nosso filho. Sabemos o que você fez, Nina. E não vamos descansar até garantirmos que você passe o resto da vida apodrecendo na cadeia.

– Quero que você saiba que eu e a Evelyn estaremos sempre aqui pra você – diz ele. – Sabemos que não tem ninguém, e qualquer coisa que você precisar… você e a Cecelia… é só pedir.

– Obrigada, Robert.

Meus olhos brilham um pouco. Robert sempre foi um homem bom, embora não tenha sido o melhor pai de todos os tempos. Pelo que Andy me contava a seu respeito, ele nunca estava por perto durante a sua infância. Passava a maior parte do tempo trabalhando enquanto Evelyn o criava.

– Obrigada – falo mais uma vez.

Robert estende a mão e toca suavemente o ombro do filho. Fico imaginando se ele fazia alguma ideia do monstro que Andy era. Não é possível que nem desconfiasse. Ou talvez Andy fosse bom demais em esconder. Afinal, eu não fazia ideia até estar raspando minhas unhas na madeira da porta do sótão.

Robert tapa a boca com a mão. Balança a cabeça e resmunga "Com licença" para a esposa, em seguida sai correndo da sala, me deixando sozinha com Evelyn.

De todas as pessoas com quem eu não gostaria de ficar sozinha hoje, Evelyn está no topo da lista. Ela não é burra. Devia saber os problemas que existiam no meu casamento. Como Robert, pode ser que não soubesse o que ele fazia comigo, mas deve ter percebido o atrito entre nós.

Ela deve ter percebido como eu de fato me sentia em relação a ele.

– Nina – diz ela em um tom seco.

– Evelyn – respondo.

Ela olha para o rosto de Andy. Tento ler sua expressão, mas é difícil. Não sei se é tudo Botox ou se ela sempre foi assim.

– Sabe, eu conversei com um velho amigo que tenho na delegacia sobre o Andy.

Meu estômago revira. De acordo com o detetive Connors, o caso está encerrado. Andy sempre me provocou, dizendo que uma suposta carta seria enviada para a delegacia caso ele morresse, mas isso jamais aconteceu. Nunca tive certeza se foi porque nunca houve uma carta ou porque o detetive se livrou dela.

– É? – É tudo que consigo dizer.

– Sim – murmura ela. – Eles me contaram como ele estava quando foi encontrado. – Seus olhos astutos perfuram os meus. – Me contaram que faltavam alguns dentes.

Meu Deus. Ela sabe.

Com certeza, ela sabe. Qualquer pessoa ciente do estado da boca de Andy quando a polícia o encontrou sabe que sua morte não foi acidental. Ninguém arranca os próprios dentes com um alicate. Não de livre e espontânea vontade.

Acabou. Quando eu sair daqui, a polícia provavelmente vai estar me esperando do lado de fora. Eles vão algemar meus pulsos e ler meus direitos. E, depois disso, vou passar o resto da vida na cadeia.

Mas não vou contar a ninguém sobre Millie. Ela não merece ser arrastada para isso também. Foi ela quem me deu uma chance de ser livre. Vou deixá-la fora disso.

– Evelyn – falo com dificuldade. – Eu… eu não…

Seus olhos se voltam para o rosto do filho, para seus longos cílios, fechados para sempre. Ela contrai os lábios.

– Eu sempre disse a ele como a higiene bucal é importante. Falei que ele tinha

que escovar os dentes todas as noites e que, se não fizesse isso, haveria uma punição. Sempre há uma punição quando você quebra as regras.

O quê? Do que ela está falando?

– Evelyn…

– Se você não cuida dos próprios dentes – prossegue ela –, perde o privilégio de *ter* dentes.

– Evelyn?

– Andy sabia disso. Ele sabia que essa era a minha regra. – Ela olha para mim. – Quando arranquei um dos dentes de leite dele com um alicate, achei que ele tivesse entendido.

Eu a encaro, com muito medo de falar. Com muito medo das próximas palavras que vão sair de sua boca. E, quando elas finalmente chegam, fico completamente sem fôlego.

– É uma pena – diz ela – que ele nunca tenha aprendido de verdade. Estou feliz por você ter se imposto e ensinado a ele uma lição.

Estou de queixo caído quando Evelyn faz um último ajuste no colarinho branco da camisa do filho. Então ela se retira, me deixando para trás.

EPÍLOGO

MILLIE

– Me fala de você, Millie.

Eu me inclino contra a bancada de mármore da cozinha em frente a Lisa Killeffer. Lisa está impecável esta manhã, os cabelos pretos sedosos presos em um elaborado coque francês, os botões de sua blusa creme, de manga curta, brilhando com a luz vinda das claraboias do que parece ser uma cozinha recém-reformada.

Se eu conseguir este emprego, será o meu primeiro em quase um ano. Fiz alguns bicos aqui e ali desde o que aconteceu na casa dos Winchesters, mas tenho vivido do depósito de um ano de salário que Nina fez em minha conta bancária logo após a morte de Andrew ser considerada acidental.

Ainda não entendo muito bem como ela conseguiu isso.

– Bom… – começo. – Eu cresci no Brooklyn. Tive muitos empregos fazendo tarefas domésticas para as pessoas, como você pode ver no meu currículo. E adoro crianças.

– Que ótimo!

Os lábios de Lisa se abrem em um sorriso. O entusiasmo dela desde o momento em que entrei aqui foi surpreendente, já que deve haver dezenas de pessoas se candidatando a esta vaga de empregada doméstica. Nem sequer me candidatei. Foi Lisa quem entrou em contato através do site no qual coloquei um anúncio oferecendo meus serviços de limpeza e babá.

O salário é ótimo, o que não surpreende, porque a casa cheira a riqueza. A cozinha tem todos os aparelhos mais recentes, e tenho quase certeza de que o fogão é capaz de preparar o jantar sozinho e do zero, sem qualquer intervenção. Quero muito esse emprego, e estou tentando transparecer confiança. Tento pensar na mensagem de texto de Enzo que recebi hoje de manhã:

Boa sorte, Millie. Lembre-se de que eles terão muita sorte em ter você por perto.

E depois:

Vejo você à noite, depois que conseguir esse emprego.

– O que você está procurando exatamente? – pergunto a ela.

– Ah, o de sempre. – Lisa se inclina contra a bancada da cozinha ao meu lado e ajeita a gola da blusa. – Alguém pra manter a casa limpa. Cuidar da roupa. Cozinhar uma coisinha ou outra.

– Posso fazer isso – falo, embora minha situação não tenha mudado muito desde um ano atrás.

Ainda tenho a questão da verificação de antecedentes. Minha ficha jamais vai desaparecer.

As mãos de Lisa deslizam distraidamente para o conjunto de facas na bancada da cozinha. Seus dedos brincam com o cabo de uma delas, e ela a levanta apenas o suficiente para que a lâmina brilhe com as luzes do teto. Eu me mexo um pouco, desconfortável de repente. Por fim, ela diz:

– Nina Winchester recomendou muito você.

Fico boquiaberta. Essa é a última coisa que eu esperava que ela dissesse. Não tenho notícias de Nina há muito tempo. Ela se mudou para a Califórnia com Cecelia logo depois que tudo terminou. Não está nas redes sociais, mas há alguns meses ela me mandou uma selfie dela e de Cecelia na praia juntas, bronzeadas e felizes, junto com algumas palavras:

Obrigada por isso.

Então, acho que a outra maneira de me agradecer é me recomendar para vagas de empregada. Definitivamente agora estou mais otimista de que Lisa vai me contratar.

– Fico muito feliz em ouvir isso. Eu… gostava muito de trabalhar pra Nina, ela era maravilhosa.

Lisa assente, seus dedos ainda brincando com a faca.

– Concordo. Ela *é* maravilhosa.

Ela sorri de novo, mas há algo estranho em seu rosto. Ela puxa a gola da blusa mais uma vez com a mão livre e, quando o tecido muda de posição, é aí que vejo.

Um hematoma em seu braço. Com o formato dos dedos de alguém.

Olho por cima do ombro dela para a geladeira. Há um ímã com uma fotografia de Lisa ao lado de um homem alto e atarracado, cujos olhos estão fixos na câmera. Imagino os dedos daquele homem envolvendo o braço magro de Lisa, apertando forte o suficiente para deixar aquelas marcas roxas profundas.

Meu coração acelera tanto que me sinto tonta. E agora finalmente entendi. Entendi por que Nina me recomendou tanto para essa mulher. Ela me conhece, talvez até melhor do que conheço a mim mesma.

– Então – diz Lisa, deslizando a faca de volta para o bloco de madeira e se endireitando, seus olhos azuis arregalados e ansiosos –, você pode me ajudar, Millie?

– Sim – respondo. – Acho que posso, sim.

PARA VOCÊ, QUE LEU ATÉ AQUI,

Quero agradecer muito por escolher ler *A empregada*. Se você gostou e quiser acompanhar todos os meus lançamentos, basta se inscrever no link a seguir. Seu endereço de e-mail jamais será divulgado, e você poderá cancelar a inscrição a qualquer momento.

www.bookouture.com/freida-mcfadden

Espero que tenha gostado de *A empregada* e, nesse caso, ficaria muito grata se pudesse deixar um comentário. Eu adoraria saber o que você acha, e isso ajuda muito novas pessoas a descobrirem um de meus livros pela primeira vez.

Adoro conhecer quem lê o que eu escrevo! Envie um e-mail para fizzziatrist@gmail.com. E não se assuste quando eu responder! Você também pode entrar em contato comigo através da minha página no Facebook.

Confira meu site: www.freidamcfadden.com

Para mais informações sobre meus livros, por favor, me siga na Amazon! Você também pode me seguir no Bookbub!

Obrigada!

Freida

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à Bookouture por dar uma chance ao meu manuscrito e apresentar meu trabalho ao seu público. Um agradecimento especial à minha editora, Ellen Gleeson, que tem ideias incríveis para os meus livros! Obrigada também às minhas leitoras beta, Kate e Nelle. Obrigada a Zack pelos excelentes conselhos. E, como sempre, obrigada a todo mundo que me lê e que tanto me apoia – estou fazendo isso por vocês! E obrigada a Val por seu olho de águia.

"Freida McFadden segue entregando aquilo que faz de melhor: enganar o leitor da primeira à última página!" – Tiago Valente, booktoker com mais de meio milhão de seguidores

FREIDA McFADDEN



O SEGREDO DA EMPREGADA

Não espie por trás da porta.

ARQUEIRO

O SEGREDO DA EMPREGADA

FREIDA McFADDEN



O SEGREDO DA EMPREGADA

ARQUEIRO

Título original: *The Housemaid's Secret*
Copyright © 2023 por Freida McFadden
Copyright da tradução © 2024 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado originalmente na Grã-Bretanha por Storyfire Ltd, Bookouture.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fernanda Abreu

preparo de originais: Karen Alvares

revisão: Ana Grillo e Pedro Staite

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Lisa Horton

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

imagens de capa: Imagine CG Images (fechadura); Lukaszsokol (textura da porta); Oleg Gekman (olho)

foto da autora: © Mira Whiting

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M144e

McFadden, Freida
O segredo da empregada [recurso eletrônico] / Freida McFadden ; tradução Fernanda Abreu. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2024.
recurso digital

Tradução de: The housemaid's secret
Sequência de: A empregada
Formato: e-book
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-5565-595-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

CDD: 823
23-86390 CDU: 82-3(410.1)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Artur de Azevedo, 1767 - conjunto 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PRÓLOGO

Hoje à noite, vou ser assassinada.

Um relâmpago no céu ilumina a sala do pequeno chalé onde estou passando a noite e onde minha vida em breve chegará a um abrupto fim. Mal consigo distinguir as tábuas de madeira do piso lá de baixo e, por uma fração de segundo, imagino meu corpo esparramado nessas tábuas, com uma poça vermelha se espalhando num círculo irregular e se entranhando na madeira. Meus olhos abertos fitando o nada. Minha boca entreaberta, com um filete de sangue escorrendo pelo queixo.

Não. *Não*.

Hoje à noite, não.

Quando o chalé fica escuro de novo, tateio às cegas na minha frente para me afastar do conforto do sofá. É um baita temporal, mas não forte o suficiente para afetar a energia. Não; outra pessoa foi responsável por isso. Alguém que já tirou uma vida nesta noite e imagina que a próxima vá ser a minha.

Tudo começou com um simples trabalho de faxina. E agora pode terminar com meu sangue sendo limpo do chão do chalé.

Espero o clarão de outro relâmpago me mostrar o caminho, então avanço com cuidado na direção da cozinha. Não tenho um plano em mente, mas a cozinha contém armas em potencial. Lá tem um conjunto inteiro de facas; na falta de uma, até um garfo pode servir. Só com as mãos, não tenho a menor chance. Já com uma faca, minhas chances talvez sejam um pouco maiores.

A cozinha tem grandes janelas retangulares que deixam entrar um pouco mais de luz do que no restante do chalé. Minhas pupilas se dilatam no esforço de absorver o máximo possível de claridade. Cambaleio em direção à bancada, porém, após dar três passos sobre o linóleo, meus pés escorregam e me estatelo no chão, batendo o cotovelo com tanta força que surgem lágrimas nos meus olhos.

Embora, para ser sincera, eu já estivesse com lágrimas nos olhos.

Ao tentar me levantar outra vez, desorientada, me dou conta de que o piso da cozinha está molhado. Há o clarão de outro relâmpago, e baixo os olhos para a palma das mãos. Estão tingidas de vermelho. Não escorreguei numa poça d'água nem em leite derramado.

Escorreguei em sangue.

Fico sentada por um instante enquanto analiso meu corpo. Nada dói. Sigo ilesa. Isso significa que o sangue não é meu.

Pelo menos, não *ainda*.

Anda. Sai daí agora. É sua única chance.

Dessa vez, consigo ficar de pé. Chego à bancada da cozinha e dou um suspiro de alívio quando meus dedos fazem contato com a superfície dura e fria. Tateio em busca do faqueiro, mas não o encontro. *Onde* ele foi parar?

E é então que ouço passos se aproximando. É difícil avaliar, especialmente estando tudo tão escuro, mas tenho quase certeza de que agora tem mais alguém comigo na cozinha. Todos os pelos da minha nuca se eriçam quando um par de olhos se crava em mim.

Não estou mais sozinha.

Sinto um peso no estômago. Eu tinha tomado uma decisão muito ruim. Subestimei uma pessoa extremamente perigosa.

E agora vou pagar muito caro.

PARTE I

UM

MILLIE

Três meses antes

Depois de uma hora esfregando, a cozinha de Amber Degraw fica praticamente imaculada.

Levando em conta que, até onde sei, Amber parece fazer quase todas as refeições em restaurantes do bairro, aquele esforço não me parece muito necessário. Se fosse para apostar, eu diria que ela nem sequer sabe ligar aquele forno chique. A mulher tem uma cozinha lindíssima, gigantesca, cheia de aparelhos que provavelmente nunca usou. Tem uma panela de pressão elétrica, uma panela de arroz, uma air fryer e até um negócio chamado *desidratador*. Parece um pouco contraditório alguém que tem oito tipos de hidratante diferentes no banheiro ter também um desidratador, mas longe de mim julgar.

Tá, eu julgo *um pouco*.

Mesmo assim, esfreguei com todo o cuidado cada um desses aparelhos nunca usados, limpei a geladeira, guardei vários itens de louça e passei o esfregão no piso até ele ficar reluzente a ponto de eu quase enxergar meu reflexo. Neste momento, tudo que preciso fazer é guardar a última leva de roupa lavada e a cobertura dos Degraws estará oficialmente tinindo de limpa.

– Millie! – A voz ofegante de Amber adentra flutuando pela cozinha, e seco um pouco de suor da testa com as costas da mão. – Millie, *cadê você?*

– Tô aqui! – respondo alto.

Mas é bem óbvio onde estou. Apesar de grande, a cobertura, que unificou duas unidades contíguas para formar um superapartamento, não é *tão* grande assim. Se eu não estiver na sala, é quase certeza que estou na cozinha.

Amber entra no cômodo com o visual impecavelmente elegante de sempre, usando um de seus muitos, *muitos* vestidos de marca. O desse dia tem estampa zebrada, um decote em V bem cavado e mangas que se estreitam ao chegar nos pulsos finos. Ela combinou o vestido com botas também zebradas e, embora esteja linda de morrer como sempre, uma parte minha não sabe muito bem se eu deveria elogiá-la pela produção ou caçá-la num safári.

– Ah, aí está você! – exclama ela com um quê de acusação na voz, como se eu não estivesse exatamente onde deveria.

– Já tô acabando – respondo. – Falta só pegar a roupa limpa e…

– Na verdade, vou precisar que você fique – diz Amber, me cortando.

Eu me encolho por dentro. Trabalho como faxineira para Amber duas vezes por semana, mas também faço outras coisas para ela, entre as quais cuidar de sua filha Olive, de 1 ano e 7 meses. Tento ser flexível porque o pagamento é sensacional, mas ela não é muito boa em pedir as coisas com antecedência. A sensação que tenho é de que todos os meus trabalhos de babá para ela são apenas em caso de extrema necessidade. E, pelo visto, só é necessário me informar vinte minutos antes.

– Eu tenho pedicure – explica ela, com tanta seriedade quanto se estivesse me informando que está indo para o hospital fazer uma operação no coração. – Preciso que dê uma olhadinha na Olive até eu voltar.

Olive é um doce de menina. Não me incomodo de jeito nenhum em dar uma olhadinha nela… na maior parte do tempo. Na verdade, em algumas ocasiões eu inclusive agarraria sem nem pestanejar a oportunidade de fazer por merecer o pagamento por hora exorbitante feito por Amber, que me permite pagar meu aluguel e me alimentar com comida que não tenha sido catada numa caçamba de lixo. Só que, nesse dia, não dá.

– Eu tenho aula daqui a uma hora.

– Ah.

Amber franze o cenho, então logo volta a deixar a expressão impassível. Na última vez que vim aqui, ela me contou que tinha lido uma matéria em que dizia

que sorrir e enrugar a testa são as duas maiores causas de rugas, por isso vem tentando manter a expressão o mais neutra possível em todas as situações.

– Você não tem como faltar? – insiste ela. – As aulas não ficam gravadas? Ou não tem alguma transcrição que você possa pegar depois?

Não, não tem. Além do mais, já faltei a duas aulas nos últimos quinze dias por causa dos seus pedidos de última hora para ficar com a filha dela. Estou tentando me formar na faculdade e preciso tirar uma nota decente nessa matéria. E, de toda forma, eu gosto dessa disciplina. Psicologia social é algo divertido e interessante. E tirar a média nela é crucial para obter o meu diploma.

– Eu não pediria se não fosse importante – diz Amber.

A definição dela de "importante" talvez não seja a mesma que a minha. Para mim, "importante" é me formar na faculdade e tirar meu diploma de serviço social. Não sei ao certo como uma ida à pedicure poderia ser igualmente importante. Tipo, nós ainda estamos no final do inverno. Ninguém vai *ver* os pés dela tão cedo.

– Amber… – começo a dizer.

Bem nessa hora, um choro agudo irrompe na sala. Embora eu não esteja cuidando de Olive oficialmente nesse dia, em geral fico de olho nela sempre que estou no apartamento. Amber leva a filha para brincar com um grupo de amiguinhos três vezes por semana e no restante do tempo parece empenhada em inventar maneiras de arrumar outra pessoa para ficar com a menina. Já reclamou comigo que o Sr. Degraw não a deixa contratar uma babá em tempo integral pelo fato de ela própria não trabalhar, então Amber monta um esquema com uma série de babás freelancers, das quais a principal sou eu. De toda forma, Olive estava no cercadinho quando comecei a faxina, e fiquei na sala com ela até o ronco do aspirador a fazer pegar no sono.

– Millie – diz Amber num tom incisivo.

Dou um suspiro e largo a esponja que estava segurando, esponja essa que parece ter se fundido à minha mão ultimamente. Lavo as mãos na pia, e em seguida as enxugo na calça jeans.

– Já estou indo, Olive! – aviso, a voz mais alta.

Quando entro na sala de novo, vejo que Olive conseguiu se equilibrar em pé na lateral do cercadinho e está chorando com tamanho desespero que seu rostinho redondo ficou vermelho vivo. Ela é o tipo de bebê que se poderia

encontrar na capa de uma revista infantil. É o retrato perfeito de um anjinho, linda até o último fio dos cabelos loiros e macios, nesse instante grudados do lado esquerdo da cabeça por causa do cochilo que acabou de tirar. No momento, não se parece tanto assim com um anjinho, mas, ao me ver, na mesma hora levanta os braços e os soluços diminuem.

Estendo as mãos para dentro do cercado e a pego no colo. Ela afunda o rostinho molhado no meu ombro, e não me sinto tão mal assim em faltar à aula se for preciso. Não sei o que é, mas, assim que fiz 30 anos, foi como se algum interruptor dentro de mim tivesse sido acionado para me fazer achar bebês a coisa mais fofa de todo o universo. Adoro ficar com Olive, embora ela não seja o *meu* bebê.

– Eu te agradeço demais, Millie – diz Amber, já vestindo o casaco e pegando sua bolsa Gucci no cabide ao lado da porta. – E meus dedos dos pés também, pode acreditar.

Tá, tá bom.

– A que horas você volta?

– Não vou demorar muito – garante ela, o que ambas sabemos ser uma mentira descarada. – Afinal, sei que minha princesinha vai ficar com saudades de mim!

– Claro – murmuro.

Enquanto Amber revira a bolsa à procura das chaves, do celular ou da base facial, Olive se aconchega mais junto a mim. Ela ergue o rosto redondo e me abre um sorriso com seus quatro dentinhos minúsculos.

– Ma-mã – declara ela.

Ainda com a mão dentro da bolsa, Amber congela. É como se o tempo tivesse parado.

– O que *foi* que ela falou?

Ai, não.

– Ela falou… Millie?

Alheia ao problema que está causando, Olive torna a sorrir para mim e balbucia, dessa vez mais alto:

– Mamã!

O rosto de Amber fica todo cor-de-rosa por baixo da base.

– Ela por acaso acabou de chamar você de *mamã*?

– Não…

– Mamã! – grita Olive, toda feliz.

Ai, meu Deus, menina, dá pra parar com isso?

Amber joga a bolsa em cima da mesa de centro, o rosto contorcido numa máscara de raiva que é bem capaz de lhe causar algumas rugas.

– Você anda dizendo pra Olive que é a mãe dela?

– Não! Eu falo pra ela que meu nome é Millie. *Millie*. Com certeza, ela só deve ficar confusa, já que sou eu que…

Os olhos de Amber se arregalam.

– Já que você passa mais tempo com ela do que eu? É isso que você ia dizer?

– Não! Claro que não!

– Você tá dizendo que eu sou uma *mãe ruim*?

Amber dá um passo na minha direção, e Olive faz uma cara alarmada.

– Você se acha mais mãe da minha filhinha do que eu?

– Não! Eu nunca…

– *Então por que anda dizendo a ela que a mãe dela é você?*

– Eu não ando dizendo isso! – retruco, percebendo que minha remuneração exorbitante de babá está indo pelo ralo. – Juro que não. *Millie*, é só isso que digo pra ela. É que pra ela o som deve ser parecido com mamã, só isso. Os dois começam com M.

Amber inspira bem fundo para se acalmar. Em seguida, dá outro passo na minha direção.

– Me dá meu bebê.

Mas Olive não facilita as coisas. Ao ver a mãe vindo na sua direção com os braços estendidos, ela se agarra com mais força ainda ao meu pescoço.

– Mamã! – exclama a menina, soluçando no meu cangote.

– Olive – murmuro. – Eu não sou sua mamã. Sua mamã é *aquela ali*.

Aquela ali prestes a me pôr no olho da rua se você não me soltar.

– Isso não é justo! – reclama Amber. – Eu amamentei ela por mais de uma semana! Isso por acaso não vale nada?

– Eu sinto muito…

Por fim, Amber arranca Olive do meu colo enquanto a menina se esgoela.

– Mamã! – grita ela, com os bracinhos rechonchudos estendidos para mim.

– Ela não é sua mãe! – diz Amber, repreendendo a neném. – A sua mãe sou

eu. Você quer ver as estrias? Essa mulher *não é* sua mãe.

– Mamã! – choraminga a menina.

– Millie – corrijo. – *Millie*.

Mas que diferença faz? Ela não precisa saber meu nome porque, depois disso, nunca mais vou ter permissão para pôr os pés nesta casa. Estou no olho da rua *mesmo*.

DOIS

Durante a caminhada da estação de trem até meu apartamento de um quarto no sul do Bronx, mantenho um dos braços pressionado com força em volta da bolsa e o outro segurando a lata de spray de pimenta que levo no bolso, mesmo em plena luz do dia. Neste bairro, todo cuidado é pouco.

Nesse dia, me sinto sortuda por ter ao menos meu apartamentozinho no meio de um dos bairros mais perigosos de Nova York. Se não arrumar logo outro emprego para substituir a renda que acabei de perder depois de Amber Degraw me mandar embora (sem se oferecer para me dar uma carta de recomendação), o melhor que eu poderia esperar é uma caixa de papelão na rua em frente ao prédio de tijolos decrépito no qual moro no momento.

Se não tivesse decidido fazer faculdade, a essa altura talvez tivesse conseguido juntar algum dinheiro. Mas eu, burra, decidi tentar me aprimorar.

Ao percorrer o último quarteirão até meu prédio, meus tênis chiam quando piso num trecho molhado da calçada. Tenho a sensação de que alguém está atrás de mim, me seguindo. É claro que ando sempre muito alerta por aqui. Mas há momentos em que tenho a forte sensação de ter atraído o tipo errado de atenção.

Nesse momento, por exemplo, além do arrepio na nuca, ouço passos atrás de mim. Parecem estar ficando mais altos conforme avanço. Quem quer que se encontre no meu encalço está chegando mais perto.

Só que não me viro. Tudo o que faço é segurar com mais força meu casaco preto sóbrio e apressar o passo, passando por um Mazda preto com a lanterna

dianteira direita rachada, por um hidrante vermelho vazando água pela rua inteira, até que por fim subo os cinco degraus de concreto irregulares até a entrada do meu prédio.

Já estou com as chaves na mão. Ao contrário do prédio residencial chique dos Degraws no Upper West Side, o meu não tem porteiro. Há um interfone e uma chave para abrir a porta. Quando me alugou o apartamento, a proprietária, Sra. Randall, me deu um sermão bem sério sobre não deixar ninguém entrar atrás de mim. *É um ótimo jeito de ser assaltada ou estuprada.*

Quando estou encaixando a chave na fechadura, que sempre parece agarrar, os passos tornam a ficar mais altos. Um segundo depois, uma sombra se avulta ao meu lado, e não tenho mais como ignorá-la. Ergo os olhos e identifico um homem de 20 e poucos anos, usando um casaco preto e com os cabelos escuros levemente úmidos. Ele parece vagamente familiar, sobretudo por causa da cicatriz acima da sobrancelha esquerda.

– Eu moro no segundo andar – lembra ele ao ver a hesitação no meu rosto. – No 2C.

– Ah – respondo, embora não fique muito animada em deixá-lo entrar.

O homem saca um molho de chaves do bolso e as sacode na minha frente. Uma delas tem as mesmas marcações que a minha.

– 2C – repete ele. – Bem debaixo de você.

Enfim cedo e dou um passo para dentro, de modo a permitir que o homem da cicatriz entre no prédio, considerando que, se ele quisesse, seria fácil me empurrar e entrar. Sigo na frente e vou subindo devagar os degraus, um de cada vez, enquanto me pergunto como diabos vou pagar o aluguel do mês seguinte. Preciso de um emprego, e preciso agora. Tive um bico de bartender por um tempinho, e fui burra ao abrir mão dele, já que cuidar de Olive pagava bem melhor e os horários de última hora tornavam difícil acomodar o segundo emprego. Além disso, não é fácil para alguém como eu arrumar outro emprego. Não com o meu histórico.

– Que tempo bom tem feito, né? – comenta o homem da cicatriz, que está subindo a escada um degrau atrás de mim.

– Ahã – respondo.

A última coisa que quero agora é falar do tempo.

– Ouvi dizer que vai nevar outra vez semana que vem – acrescenta ele.

– Ah, é?

– É. Previram vinte centímetros. Pra fechar o inverno.

Nem consigo mais tentar fingir interesse. Quando chega ao segundo andar, o homem me abre um sorriso.

– Bom dia pra você então – diz ele.

– Pra você também – balbucio.

Enquanto ele segue pelo corredor até o próprio apartamento, não consigo parar de pensar no que me disse quando o deixei entrar. *2C. Bem debaixo de você*.

Como ele sabe que eu moro no 3C?

Faço uma careta e subo um pouco mais depressa a escada até meu apartamento. Já estou com a chave pronta outra vez e, assim que entro, bato a porta com força, giro a fechadura e passo o trinco. É provável que esteja dando muita importância ao comentário dele, mas todo cuidado é pouco. Principalmente quando se mora no sul do Bronx.

Minha barriga ronca, porém, mais do que comida, estou louca é por um banho quente. Certifico-me de que a persiana esteja abaixada antes de tirar a roupa e pular debaixo do chuveiro. Sei por experiência própria que há um limite tênue entre a água sair pelando ou gelada. Desde que comecei a morar aqui, já virei especialista em ajustar a temperatura. Mas a água pode esfriar ou esquentar quase dez graus numa fração de segundo, de modo que não me demoro muito no chuveiro. Só preciso tirar um pouco da sujeira do corpo. Depois de um dia inteiro andando pela cidade, fico sempre coberta por uma camada de pó preto. Detesto pensar em como devem estar meus pulmões.

Não consigo acreditar que perdi aquele emprego. Amber confiava tanto em mim. Pensei que estivesse segura pelo menos até Olive entrar no jardim de infância, talvez mais. Estava quase começando a me sentir confortável, como se tivesse um emprego fixo e uma renda com a qual pudesse contar.

Agora tenho que procurar outra coisa. Talvez vários outros empregos para substituir aquele. E não é tão fácil para mim quanto para a maioria das outras pessoas. Não posso exatamente colocar um anúncio num dos aplicativos mais usados de babás porque todos exigem uma verificação de antecedentes. E, assim que isso acontecer, qualquer perspectiva de trabalho para mim irá por água abaixo. Ninguém quer uma pessoa como eu trabalhando dentro de casa.

No momento, estou meio sem referências. Porque, por um tempo, os trabalhos de faxina que eu pegava não eram exatamente só faxina. Eu costumava prestar outro serviço para várias das famílias cujas casas limpava. Só que não faço mais isso. Já faz muitos anos.

Bom, de nada adianta ficar remoendo o passado. Não quando o futuro parece tão sombrio.

Pare de sentir pena de si mesma, Millie. Você já esteve em situações piores do que essa e conseguiu se virar.

A temperatura do chuveiro despenca do nada, e dou um grito involuntário. Estendo a mão para o registro e desligo a água. Consegui uns bons dez minutos. Melhor até do que eu esperava.

Eu me enrolo no roupão de banho sem me dar ao trabalho de calçar os chinelos. Vou deixando pegadas molhadas até a cozinha, que não passa de um puxadinho da sala. No superapartamento dos Degraws, a cozinha, a sala de estar e a de jantar eram três espaços distintos. Mas, no meu, eles fundiram tudo num único cômodo, que, por ironia, é bem menor do que qualquer um dos cômodos da residência dos Degraws. Até o banheiro deles é maior do que toda a área de estar do meu apartamento.

Ponho água para ferver no fogão. Não sei o que vou fazer para o jantar, mas provavelmente a refeição vai envolver algum tipo de massa fervida em água, seja um ramen, um espaguete ou um macarrão parafuso. Estou examinando minhas opções quando ouço batidas na porta.

Hesito, apertando o cinto do roupão em volta da cintura. Tiro uma caixa de espaguete do armário.

– Millie! – A voz atrás da porta soa abafada. – Millie, me deixa entrar!

Faço uma careta. Ah, não.

Então:

– Eu sei que você tá aí!

TRÊS

Não tenho como ignorar a pessoa que está batendo na porta.

Meus pés deixam um rastro de pegadas molhadas quando atravesso os poucos metros até a porta. Aproximo o rosto do olho mágico. Há um homem parado em frente à minha porta, os braços cruzados diante dos bolsos do terno Brooks Brothers.

– Millie. – A voz agora é um rosnado baixo. – Me deixa entrar. *Agora*.

Dou um passo para trás, me afastando da porta. Por um instante, pressiono as têmporas com a ponta dos dedos. Mas é inevitável: preciso deixar aquele homem entrar. Então, estendo a mão, solto o trinco, giro a fechadura e, com todo o cuidado, abro uma fresta na porta.

– Millie. Qual é, hein?

Ele empurra a porta para abri-la até o fim e entra na minha casa. Seus dedos se fecham em volta do meu braço.

Meus ombros afundam.

– Foi mal, Brock.

Brock Cunningham, meu namorado há seis meses, me encara.

– A gente tinha ficado de jantar hoje. Você não apareceu. E não estava respondendo às mensagens nem atendendo o celular.

Ele está coberto de razão. Devo ser mesmo a pior namorada de todos os tempos. Brock e eu tínhamos ficado de nos encontrar num restaurante em Chelsea depois da minha aula hoje, mas, após ser demitida, como mal conseguia

me concentrar na aula – e com certeza não estava a fim de jantar fora –, acabei indo direto para casa. Mas sabia que, se ligasse para o Brock e lhe dissesse que não queria ir, ele teria se sentido compelido a me convencer. E, por ser advogado, ele é superconvincente. Então eu tinha o plano de lhe mandar uma mensagem cancelando o jantar, mas fiquei adiando, e estava tão ocupada sentindo pena de mim mesma que depois esqueci completamente.

Como já falei, a pior namorada de todos os tempos.

– Me desculpa – repito.

– Fiquei *preocupado* com você – argumenta ele. – Achei que alguma coisa horrível pudesse ter te acontecido.

– Por quê?

Uma sirene ensurdecedora dispara bem do lado de fora da janela, e Brock me olha como se eu tivesse feito uma pergunta muito ridícula. Sinto uma fisgada de culpa. Brock devia ter milhões de coisas para fazer esta noite, e não só o fiz me esperar no restaurante feito um idiota, como agora ele desperdiçou o resto da noite indo até o sul do Bronx para se certificar de que eu estava bem.

No mínimo, eu lhe devo uma explicação.

– A Amber Degraw me demitiu. Então basicamente eu tô ferrada.

– Sério?

As sobrancelhas dele pulam para cima. Brock tem as sobrancelhas mais perfeitas que já vi num homem, e estou convencida de que deve fazê-las com um profissional, mas ele não admite uma coisa dessas.

– Demitiu por quê? – pergunta ele. – Achei que você tivesse dito que sem você ela não dava conta. Você falou que estava praticamente criando a filha dela.

– Justamente – respondo. – A filha dela não parou de me chamar de mamã, e a Amber surtou.

Brock passa alguma segundos me encarando, e então, inesperadamente, começa a rir. No começo, fico ofendida. Acabei de perder o emprego. Será que ele não entende como isso é péssimo?

Mas então, um segundo depois, me pego rindo também. Jogo a cabeça para trás e rio do ridículo da situação. Penso em Olive estendendo os braços para mim e soluçando "mamã" enquanto Amber ficava cada vez mais irada. No final, achei mesmo que ela fosse acabar tendo um aneurisma.

Um minuto depois, estamos ambos enxugando lágrimas dos olhos. Brock

passa os braços ao meu redor e me puxa mais para perto, não mais zangado por eu ter lhe dado um bolo. Ele não se chateia com facilidade. A maioria das pessoas incluiria isso na lista de qualidades dele, embora haja ocasiões em que eu gostaria que Brock demonstrasse um pouco mais de paixão.

De modo geral, porém, estamos no melhor momento do nosso relacionamento. Seis meses. Existe momento melhor numa relação do que seis meses? De verdade, não sei, porque essa é só a segunda vez que cheguei a esse marco. Mas, para mim, seis meses parecem ser aquele período perfeito, no qual a cerimônia do início de namoro já passou, mas cada um continua a mostrar ao outro o seu melhor lado.

Por exemplo, Brock é um advogado bonitão de 32 anos e de boa família. Parece quase perfeito. Tenho certeza de que ele tem hábitos problemáticos, mas não sei quais são. Vai ver ele tira cera de ouvido com o dedo e depois passa na bancada da cozinha ou no sofá. Ou vai ver ele *come* a cera de ouvido. O que quero dizer é que existem vários hábitos ruins que ele pode ter sobre os quais nada sei, e alguns deles talvez nem sequer envolvam cera de ouvido.

Bom, ele tem sim *uma* imperfeição. Apesar do fato de ser um cara jovem e forte, cujo rosto corado transborda saúde, ele na verdade tem uma doença cardíaca que desenvolveu na infância. Mas isso não parece afetá-lo em nada. Ele toma um comprimido por dia, e a coisa parece parar por aí. Só que o comprimido é importante o suficiente para ele ter um frasco reserva no meu armário de remédios. E a doença e a incerteza em relação à sua expectativa de vida o tornaram um pouco mais ansioso para formar uma família do que a maioria dos caras.

– Deixa eu te levar pra jantar – diz Brock. – Quero te animar um pouco.

Faço que não com a cabeça.

– Eu só quero ficar em casa chorando as pitangas mesmo. E depois, quem sabe, procurar uns empregos na internet.

– A essa hora? Só faz algumas horas que você perdeu o emprego. Não pode esperar pelo menos até amanhã?

Ergo os olhos e o fuzilo com o olhar.

– Tem gente que precisa de dinheiro pra pagar o aluguel.

Ele assente devagar.

– Tá, mas e se você não precisasse se preocupar com o aluguel?

Tenho uma sensação ruim de saber o rumo que a conversa está tomando.

– Brock…

– Sério, Millie, por que você não quer vir morar comigo? – pergunta ele, franzindo o cenho. – Eu tenho um apartamento de dois quartos com vista para o Central Park, num prédio onde ninguém vai cortar sua garganta durante a noite. E você já vai lá o tempo todo mesmo…

Não é a primeira vez que ele sugere que eu vá morar com ele, e não posso acusá-lo de não ser convincente. Se eu fosse morar com Brock, passaria a levar uma vida de luxo sem ter que pagar um tostão por isso. Ele nem sequer me deixaria contribuir se eu quisesse. Poderia me concentrar em terminar a faculdade para poder virar assistente social e fazer alguma coisa de bom no mundo. A decisão parece óbvia.

Só que toda vez que cogito responder sim, uma vozinha no fundo da minha cabeça grita: "*Não faça isso!*".

A voz dentro da minha cabeça é tão convincente quanto a de Brock. Existem vários bons motivos para ir morar com ele, mas um único bom motivo para não ir. Ele não faz ideia de quem eu sou de verdade. Ainda que ele de fato coma a cera do próprio ouvido, os meus segredos são bem piores.

Então, aqui estou eu, na relação mais normal e saudável de toda a minha vida adulta, e pareço decidida a ferrar tudo. Mas meio que estou num beco sem saída. Se lhe contar a verdade sobre meu passado, ele talvez termine comigo, e não quero isso. Porém, se eu não contar…

De uma forma ou de outra, ele vai descobrir tudo. Só que não estou pronta para isso.

– Desculpa – digo. – Como já falei, preciso do meu próprio espaço no momento.

Brock abre a boca para protestar, mas então muda de ideia. Ele me conhece bem o suficiente para saber até que ponto posso ser teimosa. Viu? Ele já está descobrindo alguns dos meus piores defeitos.

– Pelo menos me diz que vai pensar no assunto.

– Vou pensar no assunto – minto.

QUATRO

Vou fazer minha décima entrevista de emprego nas últimas três semanas, e estou começando a ficar nervosa.

Não tenho dinheiro na conta nem para pagar um mês de aluguel. Sei que se deve ter uma reserva de emergência de seis meses no banco, mas isso funciona melhor na teoria do que na prática. Adoraria ter uma reserva de seis meses no banco. Droga, adoraria de ter uma de *dois* meses. Em vez disso, meu saldo não chega nem a 200 dólares.

Não sei o que fiz de errado nas outras nove entrevistas para cargos de faxineira ou babá. Uma das mulheres me garantiu de cara que planejava me contratar, mas isso já tem uma semana e não ouvi um pio dela. Nem de nenhuma das outras. Imagino que ela tenha verificado meus antecedentes e pronto, foi isso.

Se eu fosse qualquer outra pessoa, poderia simplesmente entrar em algum tipo de prestadora de serviços de limpeza e não teria que passar por esse processo todo. Só que nenhum desses serviços quer me contratar. Já tentei. As verificações de antecedentes tornam isso impossível: ninguém quer uma pessoa com ficha criminal dentro de casa. É por isso que coloco anúncios na internet e cruzo os dedos.

Tampouco estou muito esperançosa para a entrevista de hoje. Marquei de encontrar um homem chamado Douglas Garrick, que mora num prédio no Upper West Side, logo a oeste do Central Park. É um daqueles edifícios góticos

com torretas que se destacam entre os outros prédios. Esse dá a vaga sensação de que deveria estar cercado por um fosso e sendo vigiado por um dragão, em vez de ser um lugar no qual se pode entrar direto da rua.

Um porteiro de cabelos brancos segura a porta da frente para mim enquanto leva a mão ao quepe preto. Quando lhe abro um sorriso, mais uma vez tenho a sensação de arrepio na nuca. Como se alguém estivesse me vigiando.

Desde aquela noite em que fui para casa depois de ser demitida, já tive essa sensação várias vezes. Ela faz sentido no sul do Bronx, onde moro, e onde provavelmente existem ladrões em cada esquina só esperando para surgir se eu parecer ter algum dinheiro, mas não ali. Não num dos bairros mais ricos de Manhattan.

Antes de entrar no prédio, eu me viro para espiar às minhas costas. Há dezenas de pessoas passando na rua, mas nenhuma delas está prestando atenção em mim. Existem várias pessoas singulares e interessantes andando por Manhattan, e eu não sou uma delas. Não existe motivo nenhum para alguém estar me encarando.

É então que vejo o carro.

É um sedã preto da Mazda. Deve haver milhares de carros iguaizinhos a esse na cidade, mas quando olho para ele tenho uma estranha sensação de *déjà-vu*. Levo um instante para entender por quê. O carro está com a lanterna dianteira direita rachada. Tenho certeza de ter visto um Mazda preto com a lanterna da frente direita rachada estacionado perto do meu prédio, no sul do Bronx.

Ou não?

Espio pelo para-brisa. O carro está vazio. Baixo os olhos para olhar a placa. É de Nova York; nada de mais nisso. Levo alguns instantes para decorá-la: 58F321. A placa não significa nada para mim, mas, se eu tornar a vê-la, vou me lembrar.

– Moça? – chama o porteiro, me despertando do meu transe. – Vai querer entrar?

– Ah. – Dou uma tossida dentro da mão fechada. – Vou. Vou sim, me desculpe.

Entro na portaria do prédio. Em vez de luzes no teto, ela é iluminada por candelabros e arandelas de parede feitas para imitar tochas. O pé-direito baixo se curva para formar uma cúpula, o que me dá a leve sensação de estar entrando

num túnel. Obras de arte adornam as paredes, todas elas provavelmente de valor inestimável.

– A senhorita veio ver quem? – pergunta o porteiro.

– Os Garricks. Apartamento 20A.

– Ah. – Ele me dá uma piscadela. – A cobertura.

Ah, que ótimo… uma família que mora numa cobertura. Por que estou perdendo meu tempo desse jeito?

Depois de o porteiro avisar lá em cima e confirmar minha hora marcada, ele tem que entrar no elevador e inserir uma chave especial para eu poder subir até a cobertura. Após as portas do elevador se fecharem, dou uma conferida rápida na minha aparência. Ajeito meus cabelos loiros, que prendi num coque simples. Estou usando minha melhor calça preta e um colete de lã. Começo a ajeitar os peitos, mas aí percebo que o elevador tem câmera e prefiro não dar um show para o porteiro.

As portas do elevador dão direto no hall da cobertura dos Garricks. Ao sair da cabine, inspiro bem fundo e quase posso *sentir* o cheiro da riqueza no ar. É uma combinação de perfume caro e notas novas de 100 dólares. Passo um instante parada no hall, em dúvida se devo sair dali sem ser formalmente recebida, então, em vez de entrar, concentro minha atenção num pedestal branco sobre o qual há uma estátua cinza, na realidade apenas uma grande pedra lisa vertical, daquelas que se poderia encontrar em qualquer parque da cidade. Apesar disso, ela provavelmente vale mais do que qualquer outra coisa que eu já tenha possuído.

– Millie? – Ouço a voz segundos antes de o homem se materializar no hall. – Millie Calloway?

Foi o Sr. Garrick quem me chamou para a entrevista de hoje. É incomum o homem da casa telefonar. Quase cem por cento de meus empregadores principais no ramo das faxinas são mulheres. Mas o Sr. Garrick parece animado ao me cumprimentar. Entra depressa no hall, com um sorriso nos lábios e a mão já estendida.

– Sr. Garrick?

– Por favor, me chame de Douglas – diz ele, ao mesmo tempo que a mão forte aperta a minha.

Douglas Garrick parece exatamente o tipo de homem que moraria numa

cobertura no Upper West Side. Tem 40 e poucos anos e aquele tipo de beleza clássica, com os traços bem definidos. Está usando um terno de aspecto bem caro, e seus cabelos castanho-escuros são lustrosos e ostentam um corte e um penteado também caros. Os olhos castanhos bem fundos são astutos e fazem a dose certa de contato visual com os meus.

– Prazer… Douglas – respondo.

– Muito obrigado por ter vindo hoje. – Douglas Garrick me lança um breve sorriso de agradecimento enquanto me conduz até a sala ampla. – Em geral, quem cuida da casa é minha esposa, Wendy… Ela se orgulha de tentar fazer tudo sozinha. Mas, como ela não anda se sentindo bem, eu insisti para arrumar alguém para ajudar.

A última afirmação dele me soa estranha. Mulheres que moram em coberturas imensas como aquela não costumam "tentar fazer tudo" sozinhas. Em geral, mulheres como essas têm empregadas para suas empregadas.

– Claro – respondo. – Você comentou que estava precisando de alguém para cozinhar e limpar…?

Ele assente.

– O básico dos cuidados com a casa: espanar, arrumar e lavar a roupa, claro. E também fazer comida algumas noites por semana. Acha que isso seria um problema?

– De forma alguma – respondo. Estou disposta a aceitar praticamente qualquer coisa. – Tenho feito faxina em apartamentos e casas há muitos anos. Posso trazer meu próprio material de limpeza e…

– Não, não vai ser necessário – interrompe Douglas. – A minha esposa… Wendy é muito meticulosa em relação ao material de limpeza. Ela é sensível a odores, entende? Eles servem de gatilho para os sintomas dela. É preciso usar nossos produtos de limpeza especiais, senão…

– Compreendo – digo. – Como vocês preferirem.

– Maravilha. – Os ombros dele relaxam. – E precisaríamos que você começasse imediatamente.

– Não tem problema.

– Ótimo, ótimo. – Douglas dá um sorriso como quem pede desculpas. – Porque, como pode ver, isso aqui está meio bagunçado.

Ao entrar na sala, avalio o entorno. Assim como o restante do edifício, aquela

cobertura me dá a sensação de ter sido transportada para o passado. Tirando o lindíssimo sofá de couro, a maioria dos móveis parece ter sido fabricada centenas de anos atrás e então congelada no tempo de modo a ser especialmente transportada até aquela sala. Se eu soubesse mais sobre decoração de interiores, talvez pudesse assinalar também que a mesa de centro foi entalhada à mão no início do século XX, ou então que a cristaleira veio, sei lá, do período neoclássico renascentista francês ou algo do tipo. Tudo que posso dizer com certeza é que cada peça custou uma pequena fortuna.

E outra coisa de que estou certa é que o apartamento não está bagunçado. Pelo contrário. Se eu tivesse de começar a limpar, nem sei direito o que faria. Precisaria de um microscópio para encontrar um grão de poeira.

– Terei prazer em começar quando vocês quiserem – digo com cuidado.

– Maravilha. – Douglas aprova com um meneio de cabeça. – Fico muito feliz em ouvir isso. Por que não se senta para podermos conversar mais um pouco?

Sento-me ao seu lado no sofá de canto e afundo bastante no couro macio. Meu Deus, isso é a coisa mais agradável que já encostou na minha pele. Eu poderia largar Brock e simplesmente me casar com este sofá, e todas as minhas necessidades seriam atendidas.

Douglas me encara atentamente com seus olhos fundos por baixo de um par de grossas sobrancelhas castanho-escuras.

– Então, Millie, me fale de você.

Gosto de cara do fato de a voz dele não conter nenhum tom de flerte. Seus olhos se mantêm respeitosamente cravados nos meus e não se desviam para baixo em direção aos meus seios ou às minhas pernas. Uma única vez me envolvi com um patrão, e esse é um caminho que *nunca*, nunca mais vou seguir. Preferiria arrancar meus próprios dentes com um alicate.

– Bom. – Pigarreio para limpar a garganta. – No momento, estou cursando a faculdade. Quero ser assistente social, mas, enquanto isso, estou pagando eu mesma meus estudos.

– Que louvável. – Ele sorri, exibindo uma fileira de dentes brancos e retos. – E você sabe cozinhar?

Aquiesço.

– Cozinhei para muitas das famílias para as quais trabalhei. Não sou profissional, mas já fiz algumas aulas. E eu também… – Olho em volta, mas não

consigo ver nenhum brinquedo ou sinal de que alguma criança more ali. – Também trabalho como babá.

Douglas se retrai.

– Não vamos precisar disso.

Faço uma careta e amaldiçoo minha língua comprida. Ele nunca mencionou nenhum serviço de babá. Provavelmente o fiz recordar algum problema de infertilidade horroroso.

– Desculpe.

Ele dá de ombros.

– Sem problemas. Que tal conhecer o apartamento?

A cobertura dos Garricks dá de mil no superapartamento de Amber. O lugar é um tipo *inteiramente* distinto de apartamento. A sala tem o tamanho de uma piscina olímpica, no mínimo. O canto abriga um bar com meia dúzia de banquetas vintage dispostas em volta. Apesar do tema antiquado da sala, a cozinha tem todos os utensílios mais modernos, entre eles, tenho certeza, o melhor desidratador do mercado.

– Aqui deve ter tudo de que você precisa – comenta Douglas, dando um aceno que abarca a imensa área da cozinha.

– Parece perfeito – respondo, cruzando os dedos para o forno vir com alguma espécie de manual explicando a função de cada um das duas dúzias de botões no display.

– Excelente – diz ele. – Agora deixe eu lhe mostrar o segundo andar.

Segundo andar?

Apartamentos em Manhattan *não têm* segundo andar. Mas, pelo visto, este tem. Douglas me leva para fazer um tour pelo andar de cima e me conduz a pelo menos seis quartos. A suíte master é tão grande que preciso de um binóculo para ver a cama king size do outro lado do cômodo. Um dos quartos contém apenas livros, e isso me lembra a cena de *A bela e a fera* em que a Bela é levada até a biblioteca. Outro quarto parece ter uma parede cheia de almofadas. Imagino que seja o quarto das almofadas.

Depois de me levar até um cômodo com algo que deve ser uma lareira artificial, e no qual uma parede inteira é uma imensa janela com uma vista de tirar o fôlego dos edifícios de Nova York, chegamos a uma última porta. Com o punho preparado para bater, Douglas hesita.

– Este é o nosso quarto de hóspedes – explica ele. – É aqui que Wendy está se recuperando. Eu provavelmente deveria deixá-la descansar.

– Lamento saber que sua esposa está doente.

– Ela passou quase o nosso casamento inteiro doente – acrescenta ele. – Ela tem… uma doença crônica. Tem dias bons e outros ruins. Às vezes, está normal, e em outros dias, mal consegue se levantar da cama. E em outros…

– O quê?

– Nada. – Ele abre um sorriso fraco. – Enfim, se a porta estiver fechada, é só deixá-la em paz. Ela precisa descansar.

– Entendo totalmente.

Douglas passa um instante encarando a porta com uma expressão perturbada no rosto. Toca a porta com a ponta dos dedos, em seguida balança a cabeça.

– Então, Millie, quando pode começar?

CINCO

Em 1964, uma mulher chamada Kitty Genovese foi assassinada.

Kitty tinha 28 anos e era bartender. Foi estuprada e esfaqueada por volta das três da madrugada a cerca de trinta metros do seu apartamento no Queens. Ela gritou por socorro, mas, embora vários vizinhos a tenham ouvido gritar, ninguém foi socorrê-la. O agressor, Winston Moseley, deixou Kitty por um curto período e voltou dez minutos depois, quando a esfaqueou várias outras vezes e lhe roubou 50 dólares. Ela morreu em decorrência dos ferimentos.

– Kitty Genovese foi atacada, estuprada e assassinada na frente de 38 testemunhas – declara o professor Kindred para a sala de aula. – Trinta e oito pessoas viram o ataque, e nenhuma delas a ajudou nem chamou a polícia.

Nosso professor, um homem de 60 e poucos anos e cabelos que parecem estar sempre espetados, encara cada um de nós com um ar de acusação, como se fôssemos nós as 38 pessoas que deixaram aquela mulher morrer.

– Trata-se do efeito testemunha – explica ele. – É um fenômeno de psicologia social no qual os indivíduos têm menos probabilidade de prestar socorro a uma vítima quando há outras pessoas presentes.

Os alunos na sala de aula fazem anotações ou digitam em seus laptops. Eu só encaro o professor.

– Pensem nisso – diz o professor Kindred. – Mais de três dúzias de pessoas permitiram que uma mulher fosse estuprada e assassinada, e simplesmente

ficaram olhando sem fazer nada. Isso demonstra com perfeição a diluição de responsabilidade num grupo.

Eu me remexo na cadeira, imaginando o que teria feito numa situação daquelas: se olhasse pela minha janela e visse um homem atacando uma mulher. De uma coisa tenho certeza: eu não ficaria sentada sem fazer nada. Seria até capaz de pular pela janela se fosse preciso.

Não. Pular, eu não pularia. Aprendi a me controlar para não chegar a tanto. Mas ligaria para a emergência. Sairia na rua e levaria uma faca. Não faria nada com ela, mas talvez bastasse para afugentar um agressor.

Saio da sala de aula ainda abalada, pensando naquela pobre moça morta mais de meio século atrás. Quando piso na rua, quase passo direto por Brock. Ele precisa correr atrás de mim e me segurar pelo braço.

Claro. A gente combinou de jantar.

– Oi.

Ele sorri para mim com os dentes mais brancos que já vi. Nunca lhe perguntei se ele os clareou com um profissional, mas deve ter feito isso. Dentes não têm como ser naturalmente tão brancos assim, não é humano.

– A gente vai comemorar hoje, né? O seu emprego novo.

– Ah, é. – Dou um jeito de sorrir. – Desculpa.

– Tá tudo bem?

– É só que eu… fiquei abalada com a aula que acabei de ter. O professor falou sobre uma mulher nos anos 1960 que foi estuprada na frente de 38 testemunhas que não fizeram nada. Como pode uma coisa dessas ter acontecido?

– Kitty Genovese, né? – Brock estala os dedos. – Eu me lembro de ouvir sobre ela na aula de psicologia da faculdade.

– Isso. Um horror.

– Mas essa história é uma conversa fiada. – Ele me dá a mão; sua palma está quente. – O *New York Times* fez o maior sensacionalismo com a notícia. Eram menos testemunhas do que o jornal noticiou. E, com base em onde ficavam os apartamentos, a maioria não conseguiu realmente ver o que estava acontecendo e achou que era só uma briga de namorados. E uma porção de gente ligou *sim* para a polícia. Acho que um dos vizinhos estava segurando a mulher no colo quando a ambulância chegou.

– Ah.

Eu me sinto ligeiramente desconfortável, como muitas vezes acontece quando Brock sabe mais sobre alguma coisa do que eu. Até onde sei, o cara está a par de tudo praticamente. Essa é uma das muitas coisas que o tornam tão perfeito.

– Mas essa história não é tão sensacional assim, né?

Brock solta minha mão e passa o braço em volta dos meus ombros. Por um instante, capto nosso reflexo na vitrine de uma loja e não consigo deixar de pensar que formamos um casal bonito. Parecemos o tipo de casal capaz de convidar quinhentas pessoas para o nosso casamento, depois ir morar numa casa com cerca de madeira branca, então enchê-la de crianças.

– De toda forma, você não deveria se sentir mal por causa de uma coisa que aconteceu décadas atrás. Você é… um tiquinho boa demais, sabia?

Sempre tive essa tendência a ajudar quem está com problemas. Infelizmente, isso às vezes causa problemas *para mim*. Quem me dera ser tão boa quanto Brock pensa que eu sou… Ele não faz ideia.

– Desculpa, não consigo evitar.

– Imagino que seja por isso que você queira ser assistente social. – Ele me dá uma piscadela. – A menos que eu consiga te convencer a escolher uma carreira mais bem-remunerada.

Meu último namorado foi quem me convenceu a seguir a carreira de assistente social; assim, eu poderia ajudar quem precisasse e ao mesmo tempo me manter dentro da lei. *Você tem essa necessidade de ajudar todo mundo, Millie. É o que eu amo em você*. Ele me entendia de verdade. Infelizmente, não está mais por aqui.

– Enfim – diz Brock, apertando meus ombros. – Não vamos pensar em mulheres assassinadas nos anos 1960. Me conta sobre o seu trabalho novo.

Eu o atualizo sobre os detalhes da impressionante cobertura dos Garricks. Quando falo sobre a vista, a localização e o segundo andar, ele dá um assobio.

– Esse apartamento deve ter custado uma nota – comenta enquanto atravessamos a rua.

Escapamos por um triz de sermos atingidos por uma bicicleta. Até onde sei, os ciclistas da cidade não prestam a menor atenção nos sinais de trânsito nem nos pedestres.

– Aposto que eles pagaram uns vinte milhões – continua Brock. – Por baixo.

– Nossa. Você acha?

– Com certeza. É melhor estarem te pagando bem.

– Estão, sim.

Quando Douglas falou sobre meu pagamento por hora, quase senti cifrões pipocando nos meus olhos.

– Como você disse que se chamava o cara que te contratou?

– Douglas Garrick.

– Ah, é o CEO da Coinstock. – Brock estala os dedos. – Eu já o encontrei quando ele contratou meu escritório para ajudar com uma patente. Um cara bem legal.

– É. Ele me pareceu simpático.

E pareceu mesmo. Só que não consigo parar de pensar naquela porta fechada no segundo andar. Na esposa que nem sequer saiu para me conhecer. Por mais animada que esteja com o trabalho, alguma coisa nele me incomoda.

– E sabe o que mais? – acrescenta Brock, me puxando para uma faixa de pedestres; o sinal está piscando, prestes a ficar vermelho, e conseguimos atravessar bem a tempo. – O prédio fica só a uns cinco quarteirões de onde eu moro.

Indireta, indireta.

É claro que eu sabia que a cobertura ficava perto da casa dele. Eu me remexo um pouco, me sentindo tão incomodada quanto na sala de aula. Brock virou um cachorro que não larga o osso. Ele quer que eu vá morar com ele e parece não desistir da ideia. E eu simplesmente não consigo me livrar da sensação de que, se ele realmente me conhecesse, não iria querer isso. Adoro estar com Brock e não quero estragar nosso namoro.

– Brock…

– Tá, tá bom. – Ele revira os olhos. – Olha, não quero te pressionar. Se você não tá pronta pra morar junto, tudo bem. Mas, só pra deixar registrado, eu acho que a gente forma um bom time. E você já passa metade das noites na minha casa mesmo, né?

– Ahã – respondo no tom mais neutro possível.

– Além do mais… – Ele me mostra os dentes muito brancos. – Meus pais gostariam de te conhecer.

Tá, é agora que eu passo mal. Embora ele tenha insistido para eu ir morar

com ele, ainda não havia me ocorrido que ele tivesse comentado a meu respeito com os pais. Mas é claro que comentou. Ele deve ligar para os pais uma vez por semana, no domingo, às oito da noite, e os atualizar sobre todos os detalhes importantes da sua vida perfeita.

– Hum – exprimo, sem forças.

– E eu também gostaria de conhecer os seus – acrescenta ele.

Esse talvez seja um ótimo momento para contar a ele que não falo com meus pais. Só que as palavras não vêm.

Como é difícil. O último cara que namorei sabia tudo sobre mim desde o começo, então nunca tive que revelar meu passado complicado; nunca houve um momento aterrorizante em que abri o jogo em relação a tudo. E, como já falei, Brock é tão… perfeito. As únicas coisas que não são perfeitas em relação a ele são pequenos detalhes insignificantes, como a vez em que ele esqueceu de abaixar o assento do vaso no meu apartamento. E até isso foi algo que ele só fez uma vez.

O problema de Brock é que ele está pronto para se casar. E, apesar de termos a mesma idade, eu ainda não estou nesse ponto. E ele tampouco quer esperar. Tem um emprego ótimo num excelente escritório de advocacia e ganha mais do que o suficiente para sustentar uma família. Apesar de sua última consulta com o cardiologista ter lhe garantido que a saúde dele está ótima, Brock teme não conseguir alcançar a expectativa de vida de um homem branco neste país. Quer se casar e ter filhos enquanto ainda puder aproveitar essas coisas.

Enquanto isso, sinto que estou no meio do meu processo de crescimento. Afinal de contas, ainda faço faculdade. Não estou preparada para me casar. Eu só… não dá.

– Tudo bem.

Ele para de andar por um tempo e fica olhando para mim; um homem vindo atrás quase colide conosco e se afasta, resmungando um palavrão.

– Não quero te apressar – diz Brock. – Mas você precisa saber que eu sou louco por você, Millie.

– Eu também sou louca por você – respondo.

Ele segura minhas mãos nas dele enquanto me encara.

– Na verdade, eu meio que te amo.

Meu coração acelera um pouco. Ele já tinha me dito que era louco por mim,

mas é a primeira vez que fala que me ama. Ainda que antecedido de um "meio que".

Abro a boca sem saber exatamente o que dizer. Mas, antes de qualquer palavra sair, tenho aquela sensação de arrepio na nuca.

Por que essa impressão de que alguém está me observando? Será que estou ficando maluca?

– Ah, que fofo – digo por fim.

Não estou pronta para retribuir a declaração. Não vou conseguir dar o passo seguinte na nossa relação enquanto houver tanta coisa a meu respeito que Brock ainda não sabe. Felizmente, ele não me pressiona.

– Vem, vamos comer uns sushis – diz ele.

Em algum momento, provavelmente também vou ter que contar para ele que não gosto de sushi.

SEIS

É meu primeiro dia de trabalho na casa dos Garricks.

Douglas já avisou ao porteiro para me deixar subir e deixou uma cópia da chave para eu poder inseri-la na fenda do elevador, que estala e geme ao percorrer os vinte andares. Bom, dezenove. Embora o apartamento seja o 20A, o prédio não tem décimo terceiro andar. Não existe azar ali.

As engrenagens do elevador param com um chiado quando chego ao meu destino. Mais uma vez, as portas se abrem, e o impressionante apartamento dos Garricks aparece. Apesar de Douglas ter dito que eles vão precisar dos meus serviços várias vezes por semana, o lugar mal parece ter essa necessidade. Está empoeirado, como todo apartamento da cidade fica, mas, tirando isso, está relativamente limpo.

– Olá? – chamo. – Douglas?

Ninguém responde.

Tento outra vez:

– Sra. Garrick?

Eu me aventuro até a sala, que mais uma vez me dá a sensação de ter entrado numa residência de um ou dois séculos atrás. Nem se gastasse todas as minhas economias eu conseguiria comprar sequer uma peça daquela mobília antiga. A maioria dos meus móveis veio da calçada em frente ao meu prédio.

Caminho até a cornija posicionada acima do que deve ser uma lareira falsa. Há umas cinco fotografias enfileiradas. Todas elas são de Douglas Garrick com

uma mulher magérrima de cabelos ruivos compridos. Uma é numa pista de esqui; a outra, em trajes de gala; e uma terceira, em frente ao que parece ser uma caverna. Fico estudando a mulher, que presumo ser Wendy Garrick. Me pergunto se vou encontrá-la em algum momento em breve, ou se ela vai continuar trancada naquele quarto toda vez que eu vier. Não que eu tenha algum problema com isso: já tive muitos clientes que nunca vi durante todo o tempo que passei fazendo faxina em suas casas.

Uma pancada alta vem lá de cima, e me afasto do parapeito com um sobressalto. Não quero que ninguém pense que eu estava bisbilhotando. Isso certamente não seria uma boa apresentação para Wendy Garrick.

De costas, me afasto da lareira e olho para o pé da escada. Não há ninguém ali, e não ouço nenhum passo. Ninguém parece estar chegando.

Decido começar lavando a roupa. Douglas me mostrou o cesto de vime onde eles guardam a roupa suja na suíte master. Uma vez ligada a máquina, posso começar a cuidar de algumas das outras tarefas.

Subo a escada de madeira encerada até a imensa suíte. Dentro do closet, localizo o cesto grande de vime que Douglas me mostrou no outro dia. Porém, quando o abro, fico pasma.

Durante todo o tempo que passei lavando roupa para os outros, já vi muita coisa maluca. Já me deparei com roupas que não chegaram a acertar o cesto e ficaram espalhadas ao redor dele. Já encontrei todo tipo de mancha, de chocolate passando por óleo até umas poucas manchas que tenho quase certeza de que eram sangue. Mas uma coisa igual àquela nunca vi.

Toda a roupa suja está *dobrada*.

Passo alguns instantes encarando aquilo, tentando entender se me enganei. Talvez aquela roupa já tenha sido lavada e precise ser guardada. O que levaria alguém a dobrar a roupa suja?

Mas este é o cesto de roupa suja que Douglas me mostrou. Então só me resta supor que a roupa esteja usada.

Pego o cesto e saio da suíte master. Quando estou descendo o corredor até as máquinas de lavar e secar, reparo numa fresta aberta na porta do quarto de hóspedes.

– Sra. Garrick? – chamo.

Estreito os olhos para a fenda. Com muita dificuldade, consigo distinguir um

olho verde. Me encarando.

– Meu nome é Millie – me apresento e começo a levantar a mão, então percebo que isso não vai ser possível enquanto estiver segurando o cesto de roupa suja, de modo que o ponho no chão. – Sou a faxineira nova.

Começo a andar na direção da porta com a mão estendida, mas, antes de percorrer metade do caminho, a fenda aberta desaparece. A porta foi fechada.

Tá certo…

Entendo algumas pessoas não serem lá muito sociáveis, e *em especial* não gostarem de socializar com o pessoal da limpeza. Mas ela não poderia pelo menos ter dito oi? Só para eu não ficar ali no meio do corredor com cara de tacho?

Mas, enfim, a casa é dela. E Douglas me contou que ela está doente. Então não vou obrigar a mulher a me conhecer.

Mas seria tão horrível assim eu só bater na porta e me apresentar?

Mas, não; Douglas me pediu para não incomodá-la. Então não vou fazer isso. Vou terminar de lavar a roupa, preparar o jantar e depois ir para casa.

SETE

Depois de ligar a máquina de lavar e dar um jeito no andar de cima (embora na realidade não haja muita coisa a fazer), desço até a cozinha para cuidar do jantar.

Felizmente, alguém me deixou uma lista pregada na porta da geladeira. É um cardápio semanal impresso, com receitas e instruções específicas sobre como fazer as compras. Parte está manuscrita; a letra parece mais feminina, mas é difícil dizer. Conforme vou lendo as instruções, começo a ficar cada vez menos animada com meu trabalho:

O patê deve ser comprado às terças-feiras na Oliver's Delicatessen antes das 16h.

Se só tiver terrine, não comprar. Nesse caso, comprar o patê no François.

O patê deve ser servido no pão de campagne adquirido no London Market. Cortar uma fatia e espalhar delicadamente. Colocar cornichon em cima, comprado no Mr. Royal.

Tudo o que consigo pensar é: que raio de patê é esse? E o que é um *cornichon?* Pelo menos, pão eu sei o que é. Mas por que preciso ir a quatro lojas para comprar essas três coisas? Mr. Royal é uma pessoa ou um lugar?

A parte boa é que pouca coisa é deixada a cargo da imaginação. As receitas estão classificadas por data, então simplesmente encontro a do dia e começo a preparar o…

Frango. Tá, isso vai ser interessante.

• • •

Duas horas mais tarde, já guardei a roupa limpa. O frango está no forno, assando, e, na minha opinião, o cheiro está ótimo. Já pus a mesa com dois lugares na sala de jantar, então agora estou apenas parada na cozinha, fazendo hora e esperando a comida ficar pronta. Com sorte, isso vai coincidir com a hora do jantar, que é às sete da noite em ponto.

Bem na hora que estou abrindo a porta do forno para checar o frango, as portas do elevador se abrem com um chiado; dá para ouvi-las a mais de um quilômetro de distância. Passos pesados vêm do corredor e ficam cada vez mais altos.

– Wendy! – É a voz de Douglas ecoando pelo apartamento. – Wendy, cheguei!

Vou até a entrada da cozinha e olho para a escada que conduz ao segundo andar. Aguardo um instante, com os ouvidos apurados para ouvir o barulho da porta do quarto de hóspedes se abrindo, na esperança de finalmente conseguir dar uma olhada na extravagante Sra. Garrick, mas não ouço nada.

– Olá. – Limpo as mãos na calça jeans ao sair da cozinha. – O jantar já vai ficar pronto… prometo.

Douglas está parado na sala, olhando para a escada.

– Excelente. Muito obrigado, Millie.

– De nada. – Acompanho o olhar dele escada acima. – Quer que eu vá chamar a Sra. Garrick?

– Humm.

Ele baixa os olhos para os dois lugares postos na mesa de jantar de madeira vitoriana, que parece o lugar onde poderia ser sido servido o jantar da rainha em pessoa.

– Tenho a sensação de que ela não vai jantar comigo hoje.

– Quer que eu leve um prato pra ela lá em cima?

– Não precisa. Eu levo. – Ele abre um sorriso enviesado. – Com certeza, ela ainda não deve estar se sentindo muito bem.

– Claro – murmuro. – Deixa eu tirar a comida do forno.

Vou depressa até a cozinha para ver como está o jantar. Tiro o frango do forno, e está com um aspecto sensacional. Quer dizer, levando em conta que nunca havia preparado essa receita específica antes, nem nunca tinha ouvido falar nela a não ser num sentido inteiramente teórico.

Levo mais dez minutos para cortar a ave besta segundo instruções específicas, mas, no fim das contas, tenho dois belos pratos de comida. Levo-os até a sala de jantar bem a tempo de ver Douglas descendo o lance de escada.

– Como ela está? – pergunto enquanto ponho os pratos na mesa.

Ele passa alguns segundos calado, como se estivesse refletindo sobre a resposta.

– Hoje não é um bom dia.

– Sinto muito.

Ele ergue um dos ombros.

– Fazer o quê? Mas obrigado pela ajuda hoje, Millie.

– De nada. Quer que eu leve o prato da Sra. Garrick?

Não sei se é minha imaginação, mas os lábios de Douglas se retesam quando ele ouve minha sugestão.

– Você já ofereceu e falei que eu mesmo levaria, não foi?

– Foi, mas… – Eu paro antes de dizer alguma besteira. Ele acha que estou sendo intrometida, e não está tão errado assim. – Enfim, tenha uma boa noite.

– Sim – responde ele, vago. – Boa noite, Millie. Obrigado mais uma vez.

Pego meu casaco e vou até o elevador. Prendo a respiração enquanto espero as portas se fecharem com um baque, então meus ombros relaxam. Não sei o que é, mas alguma coisa nesse apartamento me deixa pouco à vontade.

OITO

– Vai ver ela é uma vampira – sugere Brock. – E não pode sair do quarto durante o dia senão vira pó.

Contei a Brock tudo sobre a família Garrick, e, enquanto tomamos vinho no seu apartamento depois de jantar, ele está me dando explicações bem *in*úteis sobre por que já estive lá meia dúzia de vezes e Wendy Garrick não saiu uma vez sequer daquele quarto de hóspedes, embora eu tenha certeza de que ela está lá dentro. Aquela única ocasião em que a porta se entreabriu foi o mais próximo que já fiquei de vê-la.

– Ela não é uma vampira – respondo, mudando a posição das pernas debaixo do corpo no sofá de Brock.

– Você não sabe.

– Sei, sim. Porque vampiros não existem.

– Uma mulher lobisomem, então?

Dou um tapa no seu braço que quase o faz derramar a taça de vinho que está segurando.

– Isso nem faz sentido. Por que ela precisaria ficar no quarto se fosse uma mulher lobisomem?

– Tá, então vai ver… – reconsidera ele, pensando. – Vai ver ela tem uma fitinha verde em torno do pescoço, e se alguém desamarrar a cabeça dela cai?

Tomo um gole do vinho chique que Brock me serviu. As garrafas caras são de longe bem melhores do que as baratas, mas nunca consigo detectar as notas sutis

de melão, lavanda ou seja lá o que for. Ele vive me perguntando, mas a essa altura já estou mentindo que consigo notar, só que na verdade não consigo. Estou *fingindo* degustar vinho.

– Eu sinto uma energia esquisita – comento. – Só isso.

– Bom, já te dei todas as minhas melhores ideias. – Ele passa o braço ao meu redor e me puxa para mais perto. – Então, se ela não é vampira, nem mulher lobisomem nem uma cabeça degolada, o que *você* acha que está acontecendo?

– Eu… – digo, colocando a taça de vinho em cima da mesa de centro e mordendo o lábio inferior. – Pra falar a verdade, não faço a menor ideia. É só uma sensação ruim.

Brock parece se distrair por um instante enquanto encara minha taça quase cheia na mesa.

– Não vai terminar seu vinho?

– Não sei. Acho que não.

– Mas é um Giuseppe Quintarelli – insiste ele, como se isso explicasse absolutamente tudo.

– Acho que não estou com sede.

– Sede? – Ele parece traumatizado com minha declaração. – Millie, ninguém bebe vinho porque está com sede.

– Tá bom.

Pego a taça e dou outro gole. Às vezes me pergunto por que ele namora comigo, a não ser pelo fato de dizer que me acha bonita. Ele se comporta como se tivesse muita sorte por estar comigo. Mas isso é loucura. O bom partido não sou eu, é ele.

– Tem razão. É bom mesmo – comento.

Termino o resto da taça, mas a verdade é que passo o tempo inteiro pensando nos Garricks.

NOVE

Adquiri o hábito de apurar os ouvidos toda vez que passo em frente à porta do quarto de hóspedes.

Isso é bisbilhotar, eu sei, não nego. Mas não consigo me conter. Já faz um mês que estou trabalhando para os Garricks e ainda não conheci Wendy Garrick oficialmente. Mas já ouvi barulhos vindo daquele quarto. E, em pelo menos três ocasiões, reparei numa fresta aberta na porta. Mas todas as vezes ela se fechou antes de eu conseguir me apresentar.

Não seria exagero dizer que estou com a imaginação a mil. Já vi muita coisa estranha em meus anos de faxina. Muita coisa ruim também. Passei uma fase tentando consertar algumas dessas coisas. Mas já tem muito tempo que não faço isso.

Desde que Enzo se foi.

Dessa vez, quando estou cruzando o corredor, escuto com certeza alguma coisa vindo do quarto de hóspedes. Ali costuma ser bem silencioso, então isso é diferente. Paro com o aspirador de pó na mão e encosto o ouvido na porta. E então consigo ouvir o som com muito mais clareza.

É um choro. Tem alguém soluçando lá dentro.

Prometi a Douglas que não bateria na porta. Mas, por algum motivo, Kitty Genovese me vem à mente. Mesmo que Brock diga que a história toda foi um grande exagero, sei que coisas ruins acontecem quando pessoas comuns não fazem nada.

Então, bato com os nós dos dedos na porta.

No mesmo instante, o choro cessa.

– Olá? – chamo. – Sra. Garrick? Tá tudo bem?

Ninguém responde.

– Sra. Garrick? – repito. – Tudo bem?

Nada.

Tento outra tática:

– Não vou embora até ver se a senhora está bem. Passo o dia inteiro aqui se precisar.

E então fico parada e espero.

Alguns segundos depois, ouço passos suaves do outro lado da porta. Dou um passo para trás quando ela se entreabre uns cinco centímetros até eu conseguir ver aquele olho verde me encarando. De fato, o branco do olho está marcado por veias vermelhas e a pálpebra está inchada.

– O. Que. Você. Quer? – sibila a dona dos olhos.

– Eu sou a Millie. A faxineira.

Ela não responde nada.

– E ouvi alguém chorando – acrescento.

– Estou bem – replica ela, tensa.

– Tem certeza? Porque eu…

– Tenho certeza de que meu marido avisou que não estou me sentindo bem. – Seu tom é cortante. – Só quero descansar.

– Sim, mas…

Antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, Wendy Garrick bate a porta na minha cara. É o que ganho por lhe estender a mão. Pelo menos eu tentei.

Torno a descer a escada, arrastando comigo o pesado aspirador de pó. É uma perda de tempo querer me envolver nisso. Toda vez que menciono o assunto com Brock ultimamente, ele me diz para cuidar da minha vida.

Estou ocupada guardando o aspirador quando as portas do elevador se abrem fazendo barulho. Douglas entra na sala assobiando baixinho, usando outro daqueles seus ternos muito caros. Traz um buquê de rosas numa das mãos e uma caixa azul retangular na outra.

– Oi, Millie. – Ele parece estranhamente contente, levando em conta sua

esposa soluçando no andar de cima. – Como estão as coisas? Tudo quase terminado?

– Tudo… – Não tenho certeza se deveria lhe contar o que ouvi lá em cima. Mas, se a mulher dele estiver chorando, ele iria querer saber, certo? – Sua esposa parece estar meio para baixo. Ouvi ela chorando no quarto.

Manchas vermelhas surgem no alto de suas bochechas.

– Você não… não falou com ela, falou?

Não quero mentir, mas ao mesmo tempo ele foi muito claro quando me disse para não incomodar Wendy.

– Não, claro que não.

– Que bom. – Seus ombros relaxam. – Você deve deixá-la em paz e pronto. Como eu disse, ela não está bem.

– É, foi o que você disse…

– E… – Ele suspende a caixa azul retangular. – Eu trouxe um presente pra ela. – Ele larga as flores na mesa para poder abrir a caixa de veludo e a segura mais perto de mim para eu conseguir dar uma olhada lá dentro. – Acho que ela vai amar isso aqui.

Observo o conteúdo da caixa. É a pulseira mais linda que já vi na vida, cravejada de diamantes perfeitos.

– Está gravada – destaca ele, orgulhoso.

– Ela com certeza vai amar.

Douglas pega as flores da mesa e sobe a escada. Eu o observo desaparecer no corredor, então ouço uma porta sendo aberta e fechada em seguida.

Essa eu não consigo entender. Douglas parece ser um marido maravilhoso e dedicado. Wendy, por sua vez, nunca sai do quarto. Talvez saia quando não estou por perto, mas nunca vi seu rosto inteiro, a não ser nas fotos.

Tem alguma coisa anormal nessa situação, e não sei o que é.

Mas, como diz Brock, não é da minha conta. Eu deveria simplesmente deixar isso para lá.

DEZ

Você passa aqui hoje?

Apesar de já ter combinado com Douglas de passar na cobertura esta noite para levar as compras e fazer a faxina, ele sempre confirma comigo por mensagem de texto. É um homem extremamente organizado. Considerando o dinheiro que eles estão me pagando, sempre respondo na hora.

Sim, confirmado!

Como não tenho aula hoje, minha tarde vai ser dedicada a fazer compras para os Garricks, depois a ir à casa deles limpar a sujeira invisível e preparar o jantar. Já faz bem mais de um mês que estou trabalhando na casa deles e agora conheço a rotina. Estou com a lista de compras em mãos, mas preciso ir a Manhattan para comprar tudo que eles querem.

Ontem à noite, Brock me pediu para dormir na casa dele, e tenho passado muitas noites lá, porque ele mora muito perto da cobertura e da minha faculdade, mas isso é mais um motivo para dizer não. Se eu passar mais tempo no apartamento dele, basicamente vou acabar morando lá. E isso é uma coisa que não posso fazer.

Pelo menos, não ainda. Não antes de lhe contar a verdade. Ele merece pelo menos isso.

Só que estou com medo. Tenho medo de Brock surtar e terminar comigo no ato se souber tudo a meu respeito. E estou com mais medo ainda de que, quando seus pais ricos descobrirem, eles o convençam a me largar. Brock é perfeito, a família dele é perfeita, e eu estou tão longe de ser perfeita que nem graça isso tem.

Meu último relacionamento foi o oposto de perfeito. E, por algum motivo, isso parecia mais adequado a mim. Não sei bem o que isso diz a meu respeito, o fato de o meu par perfeito ser um cara como Enzo Accardi.

Enzo e eu nos conhecemos quatro anos atrás e viramos amigos, depois de um trabalho meu terminar de modo bastante inesperado. Como eu não tinha muitas amizades, fiquei obscenamente grata pelo apoio que ele me deu. Chegamos ao ponto em que estávamos passando quase todo o nosso tempo livre juntos, e ainda por cima ajudamos cerca de uma dúzia de mulheres a saírem de relacionamentos abusivos. Em grande parte do tempo, isso significava apenas encaminhá-las para as instituições adequadas, mas, em outras ocasiões, precisávamos ser criativos. Enzo fez contatos que lhe permitiram obter novas identidades, celulares temporários impossíveis de rastrear e passagens de avião para lugares distantes. Nós tirávamos mulheres de seus relacionamentos tóxicos sem precisar recorrer à violência.

Bom, não, isso não é verdade. Para ser totalmente sincera, houve algumas vezes em que as coisas meio que… fugiram do controle. Enzo e eu concordamos em nunca mais voltar a falar desses episódios. Nós fizemos o que foi preciso fazer.

Foi Enzo quem me convenceu a voltar a estudar para tirar um diploma de assistente social. Mal sabia que ele estava me pondo no caminho de uma vida normal que eu jamais havia sonhado ser possível para mim. Mesmo sendo ex-presidiária, eu ainda poderia conseguir um emprego de assistente social. Poderia fazer o que gostava dentro dos limites da lei.

Brock gosta de dizer que ele e eu formamos um bom time. Pode ser que seja verdade. Mas Enzo e eu *de fato* éramos um bom time: nós *trabalhávamos* juntos. Tínhamos uma missão. Além do mais, ele era gentil, apaixonado e um grande de um gostoso. Principalmente, esse último detalhe: por mais que eu tenha tentado continuar só amiga dele, foi difícil não me deixar afetar pelos seus atributos mais

superficiais. Na época, odiei o fato de estar desenvolvendo uma paixonite frustrante por ele.

Então, certa noite, eu estava no apartamento dele, dividindo uma pizza que tínhamos pedido no nosso restaurante preferido (e também o mais barato, uma mera coincidência). Tínhamos colocado nossos sabores preferidos na pizza: pepperoni e queijo extra. Eu me lembro de Enzo ter dado um gole grande na sua cerveja e sorrido na minha direção. *Que delícia*, disse ele.

É, concordei. *Uma delícia mesmo.*

Ele largou a cerveja em cima da mesa de centro. Depois de fazer faxina em tantas casas, eu sentia um pouquinho de aflição toda vez que alguém deixava de usar um porta-copos. *Eu gosto de estar com você, Millie*.

Eu não tinha muita experiência com homens, mas o jeito como ele estava me olhando era inconfundível. E, mesmo se eu tivesse alguma dúvida, ela logo se dissipou quando ele chegou mais perto e me deu um beijo demorado com o qual eu soube que passaria anos sonhando. E quando nossos lábios por fim se separaram, ele sussurrou:

Quem sabe a gente não passa mais tempo junto?

O que mais eu poderia dizer a não ser sim? Nenhuma mulher seria capaz de recusar um pedido daqueles de Enzo Accardi.

Engraçado, porque sempre considerei Enzo um cara meio galinha, mas, depois daquele primeiro beijo, ele só teve olhos para mim. Nosso relacionamento evoluiu depressa, mas tudo parecia supercerto. Em poucas semanas, já estávamos dormindo na mesma cama todas as noites, e pouco depois decidimos morar juntos. Nós simplesmente nos encaixamos. Com a faculdade e o namoro com Enzo, tive o período mais feliz da minha vida.

Ainda me lembro do dia em que tudo veio abaixo.

Estávamos sentados no nosso sofá, que Enzo tinha pegado na calçada em frente ao nosso prédio, mas que ainda estava bem bacana e usável (com uma única mancha que não havíamos conseguido identificar, mas tudo bem, porque simplesmente viramos a almofada do lado contrário). Ele colocou um dos braços musculosos ao redor dos meus ombros, e nós estávamos assistindo a *O Poderoso Chefão II*, porque pouco tempo antes Enzo ficara horrorizado ao descobrir que eu nunca tinha visto a trilogia. *É um clássico, Millie!* Eu me lembro de me

aconchegar junto dele pensando em como estava feliz e também que o meu namorado era bem mais gostoso que o Robert DeNiro.

Aí o telefone dele tocou.

A conversa que se seguiu foi toda em italiano, e eu me esforcei para tentar captar uma palavra aqui e outra ali. *Malata*, ele não parava de repetir. Finalmente, digitei a palavra no meu celular, que a traduziu para mim:

Doente.

Depois de desligar, ele me explicou a situação com o forte sotaque que às vezes tinha quando ficava estressado ou com raiva. A mãe dele tinha sofrido um AVC. Estava internada. Ele precisava voltar para a Sicília para ficar com ela, já que o pai e a irmã dele tinham morrido e ele era o único a quem ela podia recorrer. Fiquei sem entender, porque ele sempre tinha me dito que nunca poderia voltar para casa. Antes de ir embora de lá, tinha espancado um homem muito poderoso com as próprias mãos até quase matá-lo, e agora sua cabeça estava a prêmio.

Você me contou que não podia voltar, lembrei. *Disse que tinha um pessoal barra-pesada que iria te matar se você voltasse. Não foi isso que você falou?*

Foi, foi, respondeu ele. *Mas isso não é mais um problema. Essas pessoas barra-pesada… outras pessoas deram um jeito nelas.*

O que eu poderia ter dito? Não podia falar para o meu namorado que ele não tinha permissão para ver a própria mãe que acabara de sofrer um AVC. Então respondi que tudo bem, e um dia depois ele pegou um avião para ir ficar com ela. Depois de levá-lo ao aeroporto e de ele me beijar por tipo cinco minutos seguidos antes de passar pelo controle de segurança, Enzo prometeu que voltaria "muito em breve".

Não me ocorrera que ele pudesse nunca mais voltar.

Tenho certeza de que ele tinha a intenção de voltar; ele não teria mentido de caso pensado para mim. No começo, a gente se falava por telefone toda noite, e as coisas às vezes ficavam bem quentes. Ele sussurrava o quanto estava com saudades e como voltaríamos a ficar juntos em breve. Mas, conforme a doença da mãe foi se arrastando, ficou cada vez mais evidente que ele não podia sair de perto dela. E ela não podia vir para cá.

Já fazia um ano que eu não o havia tocado nem visto seu rosto quando finalmente lhe perguntei, sem rodeios:

Me diz a verdade. Quando você vai voltar?

Ele soltou um longo suspiro. *Não sei. Não posso abandonar ela, Millie.*

E eu não posso esperar para sempre, respondi.

Eu sei, disse ele com tristeza. *Eu entendo o que você precisa fazer.*

E foi isso. Foi esse o fim. Terminamos, simples assim. Então, quando uns meses depois Brock me chamou para sair, não havia motivo para dizer não.

Com Enzo, minha vida era uma espécie de aventura empolgante, mas agora estou a caminho da vida perfeita e normal que jamais pensei ser possível para mim. Brock não conhece nenhum cara capaz de fabricar um passaporte falso em 24 horas; imagino que, se eu pedisse algo assim, ele ficaria me encarando em completo choque.

Já Enzo conhecia um cara para *tudo*. Essa era praticamente a resposta automática dele toda vez que eu lhe pedia ajuda. *Eu conheço um cara*.

E agora estou executando a tarefa mais normal que existe. Fazendo compras no mercado. Embora, a bem da verdade, a lista de itens que Douglas me pediu para comprar não tenha nada de normal. Ao verificar os primeiros poucos itens dela, que Douglas Garrick havia me enviado por mensagem naquela manhã, faço uma careta ao pensar na caça ao tesouro que ele está me mandando fazer:

Cidra-mão-de-buda

Brotos de samambaia

Minipepino mexicano

Physalis

Juro por Deus, ele deve estar tirando esses nomes da própria cabeça. *Cidra-mão-de-buda?* Isso não existe de verdade, né? Com certeza, parece inventado.

Segurando a lista de compras, pego meu casaco e desço a escada. Não faço ideia de quanto tempo vou levar para encontrar uma cidra-mão-de-buda, ou mesmo para descobrir do que se trata, então é melhor fazer tudo com tempo.

Bem na hora em que chego no térreo, quase trombo em cheio com aquele

homem que mora bem embaixo de mim. *Diretamente* embaixo. Aquele da cicatriz acima da sobrancelha esquerda. Faço uma careta quando o vejo.

Ele me abre um sorriso. Tem um dente de ouro no lugar do segundo incisivo esquerdo que me faz pensar em Joe Pesci em *Esqueceram de mim*, meu filme preferido quando eu era criança.

– Ei. Tá com pressa?

– Tô. – Dou um sorriso como quem pede desculpas. – Sinto muito.

– Sem problemas. – O sorriso dele fica mais largo. – A propósito, eu me chamo Xavier.

– Prazer – respondo, fazendo questão de evitar lhe dizer meu próprio nome.

– Millie, né?

Bom, minha estratégia fracassou. Sinto um frio esquisito na barriga: aquele cara sabe exatamente onde eu moro e, por algum motivo, o meu primeiro nome. Deve saber meu sobrenome também. Mas é claro: teria sido fácil descobrir isso em nossas caixas de correio.

Continuo tendo a sensação intermitente de estar sendo seguida. Há vezes em que acho que tudo talvez não passe de coisa da minha cabeça, mas, nesse momento, não tenho tanta certeza assim. Xavier sabe um pouquinho demais a meu respeito. Será que ele pode estar…?

Meu Deus, não consigo pensar nessa possibilidade agora. Já é assustador o suficiente andar pelas ruas do sul do Bronx sem ter que me preocupar se o cara que mora no apartamento debaixo do meu está me seguindo. Talvez eu devesse aceitar a proposta de Brock para ir morar com ele. Xavier provavelmente vai me deixar em paz se eu me mudar para o Upper West Side. E, mesmo que não deixe, vai ter que lidar com o porteiro uniformizado e de quepe. Não há como passar por um porteiro desses. Acho que, se precisarem, eles conseguem até usar aqueles quepes como bumerangues.

– O que vai fazer hoje? – pergunta Xavier.

Avanço na direção da saída.

– Só umas compras de mercado.

– Ah, é? Quer companhia?

– Não, obrigada.

Xavier parece ter mais alguma coisa a dizer, mas não lhe dou a chance de falar. Passo por ele e saio pela porta. Quer acabe indo morar com Brock ou não,

talvez eu precise me mudar num futuro próximo. Não me sinto à vontade perto desse homem. Tenho a sensação ruim de que ele é o tipo de cara que não sabe aceitar não como resposta.

ONZE

Quando chego à cobertura dos Garricks, estou carregando quatro sacolas de compras abarrotadas. Estava conseguindo equilibrá-las direitinho até o último quarteirão, quando por um triz não deixei cair tudo. Mas, pela graça de Deus, aqui estou, com cidra-mão-de-buda e tudo. (Isso existe de verdade, e consegui encontrar uma num mercadinho de hortifrúti asiático.)

Por sorte, não preciso acionar a maçaneta, porque as portas do elevador se abrem e consigo entrar direto no apartamento. Estava torcendo para conseguir chegar à cozinha de uma vez só, mas, na metade do caminho, sou obrigada a largar todas as sacolas no chão e fazer uma pausa. Se deixasse cair a tal cidra-mão-de-buda e ela amassasse, acho que teria que me sentar no chão e chorar.

É enquanto estou em pé no meio da sala, tentando calcular a melhor estratégia para levar as compras até a cozinha, que ouço.

Gritos.

Bom, gritos abafados. Não consigo escutar palavras propriamente ditas, mas, pelo barulho, alguém no primeiro andar parece estar gritando com vontade. Deixando as compras para trás, esgueiro-me até mais perto da escada para tentar ouvir o que está acontecendo. É então que escuto o estrondo.

Parece vidro se estilhaçando.

Levo a mão ao corrimão da escada, pronta para subir os degraus e me certificar de que tudo está bem. Mas, antes de conseguir dar um só passo, uma porta bate lá em cima. Então passos ficam mais altos na escada, e eu recuo.

– Millie.

Douglas se detém abruptamente ao pé da escada. Veste uma camisa social e está com o rosto cor-de-rosa, como se a gravata estivesse um pouco apertada demais, embora ela penda frouxa no pescoço. Na mão direita, segura uma sacola de presente.

– O que está fazendo aqui?

– Eu… – Olho para as quatro sacolas de compras. – Eu fiz compras. Estava indo guardar.

Ele estreita os olhos.

– Então por que não está na cozinha?

Abro um sorriso tímido.

– Ouvi um barulho. Fiquei preocupada que…

Bem na hora em que estou dizendo essas palavras, reparo num rasgo no tecido da sua camisa social chique. E não é do tipo que a camisa só descosturou. Ele está com um rasgo feio logo acima do bolso da frente.

– Está tudo bem – diz ele, sucinto. – Eu cuido das compras. Pode ir.

– Tá bom…

Não consigo tirar os olhos do rasgo na sua camisa. Como isso foi acontecer? O sujeito trabalha como CEO, não faz nenhum trabalho pesado. Será que aquilo poderia ter acontecido agorinha mesmo, lá no quarto de hóspedes?

– E também… – Ele me estende a sacola de presente que está segurando na mão direita. – Preciso que devolva isso pra mim. A Wendy não quis.

Aceito a sacolinha rosa de presente. Vejo de relance um tecido sedoso lá dentro.

– Tá, pode deixar. A nota tá aqui?

– Não, foi um *presente*.

– Eu… eu não acho que vá conseguir devolver sem nota. Onde você comprou?

Douglas trinca os dentes.

– Não sei… foi minha assistente quem escolheu. Eu te mando por e-mail uma cópia da nota.

– Se foi a sua assistente quem escolheu, não seria mais fácil ela devolver?

Ele inclina a cabeça.

– Me desculpe, mas não é o seu *trabalho* resolver as coisas pra mim?

Dou um tranco para trás com a cabeça. É a primeira vez desde que trabalho aqui que Douglas se dirige a mim de modo tão desrespeitoso. Sempre pensei que ele parecia um homem bastante agradável, ainda que estressado e desatento. Agora percebo que ele tem outro lado.

Mas todo mundo não tem?

Douglas Garrick está me encarando. Espera que eu vá embora, mas cada fibra do meu ser me diz que eu deveria ficar. Que deveria verificar lá em cima para garantir que tudo está bem.

Mas então Douglas se interpõe entre mim e a escada. Cruza os braços e ergue para mim as sobrancelhas grossas. Não vou conseguir passar por esse homem e, mesmo se conseguisse, tenho a sensação de que, caso batesse na porta do quarto de hóspedes, Wendy Garrick me garantiria que está tudo bem com ela.

Sendo assim, no fim das contas, não me resta nada a fazer senão ir embora.

DOZE

Enquanto estou percorrendo o trajeto de cinco quarteirões da estação de metrô até meu prédio, tenho aquela sensação de arrepio na nuca mais uma vez.

Quando sinto isso em Manhattan, no bairro rico onde trabalho e onde meu namorado mora, parece que estou sendo paranoica. Mas ali, no sul do Bronx, quando o sol já sumiu no céu, paranoia nada mais é do que bom senso. Não me visto para chamar atenção. Estou usando uma calça jeans pelo menos um número acima do meu, um par de tênis Nike cinza que um dia foi branco e um casaco mais volumoso do que estiloso – de uma cor escura feita para não sobressair à noite –, mas, ao mesmo tempo, obviamente sou uma mulher. Mesmo com o gorro enfiado por cima dos cabelos loiros e com meu casaco feio de gominhos, a maioria das pessoas me identificaria como mulher desde a outra esquina.

É por isso que apresso o passo. Além do mais, tenho uma lata de spray de pimenta no bolso. Meus dedos estão fechados em volta dela. Mas a sensação só desaparece depois que entro no prédio e fecho a porta.

A questão é essa. Eu *nunca* tenho essa sensação de arrepio quando estou em casa. Não sinto isso quando estou limpando a cobertura. Só quando estou na rua, em momentos em que alguém poderia estar mesmo me observando. Isso me faz pensar que a sensação é real.

Ou isso, ou estou ficando maluca. Essa também é uma possibilidade.

Brock me mandou uma mensagem de texto perguntando se eu queria ir à

casa dele hoje à noite, e respondi que não. Que estava cansada demais.

Afasto da mente os pensamentos sobre Brock enquanto retiro algumas correspondências da minha caixa de correio: todas são contas. Como é possível eu ter tantas contas assim? Pareço sobreviver à base de praticamente nada. Em todo caso, estou enfiando as cartas no bolso quando a fechadura da porta do prédio gira. Um segundo depois, sinto uma lufada de ar frio ao mesmo tempo que o homem da cicatriz empurra a porta e entra.

Xavier. Foi assim que ele disse que se chamava.

– Oi, Millie – diz ele num tom demasiado alegre. – Tudo bem?

– Tudo – respondo, rígida.

Dou meia-volta e sigo na direção da escada, torcendo para ele se demorar olhando a própria correspondência. Não tenho essa sorte. Xavier se apressa para me seguir, tentando subir no mesmo ritmo ao meu lado.

– Algum plano para hoje à noite? – pergunta ele.

– Nenhum – respondo, enquanto subo correndo os degraus até o segundo andar. É lá que vou poder me despedir de Xavier.

– Você poderia ir lá em casa – diz ele. – Ver um filme.

– Tô ocupada.

– Não tá, não. Você acabou de dizer que não tinha planos pra hoje.

Cerro os dentes.

– Eu tô cansada. Vou só tomar um banho e ir pra cama.

Xavier sorri para mim, fazendo seu único dente de outro brilhar sob a luz mortiça da escadaria.

– Quer companhia pra isso?

Viro as costas para ele.

– Não, obrigada.

Chegamos ao segundo andar, e imagino que Xavier vá seguir seu caminho. Mas, em vez disso, ele continua subindo a escada ao meu lado. Sinto o estômago embrulhar e enfio a mão no bolso para tocar minha lata de spray de pimenta.

– Por que não? – insiste ele. – Vamos. Não é possível que você curta mesmo aquele mauricinho ricaço que vive te visitando aqui. Você precisa de um homem de verdade.

Dessa vez, eu o ignoro. Dali a mais um minuto, vou estar no meu apartamento. Só preciso chegar lá.

– Millie?

Mais cinco passos. Mais cinco passos para subir, e estarei livre desse babaca. Quatro, três, dois…

Mas então uma mão segura meu braço e dedos se cravam em mim.

Não vou conseguir chegar lá.

TREZE

– Ei. – A mão carnuda de Xavier segura com força o meu braço. – Ei!

Tento me desvencilhar, mas o aperto dele é como o de um torno; ele é mais forte do que parece. Abro a boca, pronta para gritar, mas ele pressiona a palma da mão nos meus lábios antes que saia qualquer som. Minha cabeça bate na parede atrás de mim, fazendo meus dentes chacoalharem.

– Quer dizer que agora você tem alguma coisa pra dizer? – Ele sorri para mim com desdém. – Mas antes estava se achando boa demais pra mim. Não estava?

Tento afastá-lo, mas ele está pressionando o corpo no meu para eu poder sentir a protuberância na sua calça. Lambe os lábios rachados.

– Vamos entrar e nos divertir um pouco, tá bom?

Mas ele comete o erro de segurar o braço errado. Saco a lata de spray de pimenta e fecho os olhos ao mesmo tempo que a esvazio bem na sua cara. Ele grita, e então, no mesmo segundo em que paro de apertar a válvula, eu lhe dou um empurrão com o máximo de força de que sou capaz.

Sempre reclamei de como as escadas desse prédio são íngremes, mas dessa vez isso vem a calhar, pois Xavier despenca o lance inteiro. Em determinado momento, ouço o barulho nauseante de algo se rachando, em seguida um baque quando ele chega lá embaixo. E então, silêncio.

Passo alguns segundos parada no alto da escada, olhando para o corpo esparramado no andar de baixo. Será que ele morreu? Será que eu o matei?

Desço correndo os degraus e me detenho bruscamente lá embaixo. A lata de spray continua na minha mão direita quando me abaixo para ver mais de perto. O peito ainda parece estar subindo e descendo, e ele então solta um gemido baixo. Ainda está vivo. Nem sequer o fiz perder a consciência.

Que pena. Se alguém merecia um pescoço quebrado, era esse cara.

Não. Provavelmente é melhor ele não ter morrido.

Num impulso, movo o pé para trás e então o chuto nas costelas com o máximo de força que consigo. Dessa vez, ele geme mais alto. *Com certeza* ainda está vivo. Dou-lhe um segundo chute para garantir. E então um terceiro, a saideira. Toda vez que meu tênis faz contato com as suas costelas, sorrio para mim mesma.

Olho para o lance seguinte de escada mais abaixo. Ele sobreviveu ao primeiro. Fico imaginando o que aconteceria se caísse um segundo. Ou quem sabe um terceiro. Ele nem parece tão pesado assim. Aposto que eu conseguiria fazê-lo rolar e…

Não. Meu Deus do céu, o que estou pensando?

Eu não posso fazer isso. Passei dez anos na prisão. Não vou voltar para lá.

Tiro o celular do bolso e ligo para a emergência. Vou conseguir a justiça à qual tenho direito, e não vai ser matando esse homem.

CATORZE

Uma hora mais tarde, a polícia e uma ambulância estão paradas em frente ao meu prédio. Não é tão incomum ver uma viatura estacionada na nossa rua, só que, dessa vez, as luzes estão piscando.

Eu esperava que fossem levar Xavier direto para a cadeia, mas ele estava com o braço quebrado, uma concussão e possivelmente algumas costelas fraturadas. Quando a polícia chegou, já tinha começado a falar coisa com coisa e estava tentando se levantar. Foi bom eles terem chegado, senão eu precisaria ter encontrado alguma outra coisa com a qual apagá-lo.

Fiquei chateada por nenhum dos meus vizinhos ter saído para me ajudar. Apesar do que Brock havia dito sobre o incidente com Kitty Genovese, posso afirmar com certeza que um homem tentou me estuprar no hall do meu prédio e ninguém apareceu para me acudir. Qual é o problema com as pessoas? Sério.

Uma policial me fez algumas perguntas assim que eles chegaram, mas depois me pediram para aguardar em casa enquanto cuidavam de tudo. Então foi isso que fiquei fazendo. Liguei para Brock e disse a ele que um vizinho tinha tentado me atacar, embora tenha sido vaga em relação aos detalhes de como conseguira escapar. Ele está a caminho, mas não vou sair daqui até ter prestado um depoimento formal que faça Xavier ser preso assim que tiverem dado um jeito no seu braço quebrado. Tomara que o filho da mãe precise ser operado.

Pela janela, dou uma boa olhada na ambulância que está se afastando. Fiquei observando tudo desde que me pediram para subir. A polícia conversou com

alguns vizinhos meus na rua e passou um tempão falando com Xavier atrás da ambulância antes de ele ser levado embora. Uns poucos policiais continuam batendo papo em frente ao prédio. Nem sequer consigo imaginar o que têm para falar. Um homem me atacou a segundos da porta do meu apartamento. Para mim, parece tudo bastante evidente.

Então, um dos policiais aponta para a minha janela.

Um segundo depois, um dos agentes entra no prédio, e me afasto dela. Esfrego as mãos suadas na calça jeans. Ainda estou com uma mancha vermelha no braço onde Xavier me segurou, e a parte de trás da minha cabeça lateja de leve no ponto em que bateu na parede, mas ele está num estado bem pior do que eu.

É o que ele merece.

Um segundo depois de baterem na minha porta, eu a abro. O agente parado do outro lado tem uns 30 e poucos anos, um pouco de barba por fazer no queixo e uma expressão ligeiramente entediada. Como se nessa noite aquele fosse o quinto cara com quem ele precisa lidar que tentou estuprar uma mulher na escada em frente à porta de casa.

– Boa noite – diz ele. – Wilhelmina Calloway?

Faço uma careta ao ouvir meu nome inteiro.

– Sou eu.

– Eu sou o agente Scavo. Posso entrar?

Quando eu estava na prisão, todas as mulheres diziam que, se um policial pedir para entrar na sua casa, você tem o direito de dizer não. *Não deixe os babacas entrarem.* Mas, afinal, eles não estão aqui para me investigar. Opto por um meio-termo: deixo o agente entrar, mas não nos sentamos.

Não é a mesma pessoa com quem falei logo depois do incidente. A primeira agente era mulher e me deu um abraço. Não acho que esse cara vá me dar um abraço. Nem quero que dê.

– Então, preciso recapitular o que aconteceu hoje à noite – diz Scavo. – Entre a senhorita e o Sr. Marin.

– Tudo bem. – Cruzo os braços, com frio de repente, embora a calefação esteja funcionando, coisa rara. – O que o senhor quer saber?

Scavo me olha de cima a baixo.

– Era assim que estava vestida durante o incidente?

Não entendo o sentido da pergunta. Ele a faz como se eu estivesse vestida de

modo inadequado. Estou usando uma camiseta e a mesma calça jeans de mais cedo. A camiseta é levemente ajustada no corpo, mas nada que chame a atenção. Como se isso fizesse alguma diferença.

– Era, mas eu estava com um casaco por cima.

– Ahã.

Scavo faz uma cara de quem não acredita totalmente em mim. Como se eu estivesse seduzindo Xavier com a minha camiseta supersexy e minha calça jeans largona.

– Então, me conta exatamente o que aconteceu.

Repito a história pela terceira vez na mesma noite. Dessa vez, é mais fácil. Minha voz não treme quando descrevo a forma como ele me agarrou. Ergo o pulso como prova para mostrar a Scavo as marcas vermelhas, embora ele não pareça nem um pouco impressionado.

– E foi isso? – indaga ele. – Ele só segurou o seu braço?

– Não. – Cerro os punhos de frustração. – Eu já *falei*. Ele me segurou e se encostou em mim.

– Se encostou como?

– Tipo imprensou o corpo em mim!

O policial franze o cenho.

– É possível que a senhorita tenha interpretado mal a situação toda? Tipo, talvez ele estivesse só sendo simpático?

Me limito a encará-lo.

– Porque o negócio é o seguinte, Srta. Calloway. – Scavo me encara com firmeza. – Segundo o Sr. Marin, ele só estava tendo uma conversa amigável com a senhorita, e a senhorita surtou. Jogou spray de pimenta na cara dele, depois o empurrou da escada.

– Está de brincadeira comigo?

Minha vontade agora é jogar spray de pimenta na cara do agente Scavo e empurrá-lo da escada.

– Não foi isso que aconteceu, de jeito nenhum! O senhor acredita de verdade nessa história? Está tomando o partido *dele?*

– Bom, uma das suas vizinhas viu a senhorita em pé ao lado do homem dando vários chutes nas costelas dele. Ela até ficou com medo de sair do apartamento.

Abro a boca, mas tudo que sai é um ganido.

– Nós achamos que o Sr. Marin está com uma ou duas costelas quebradas – prossegue o policial. – E temos uma testemunha que viu a senhorita chutá-lo nas costelas enquanto ele estava desacordado no chão. Então me diga o que devo pensar.

De verdade, sério mesmo, eu queria não ter chutado Xavier. Mas foi tentador demais. E sei como fraturas nas costelas podem ser doloridas.

– Eu estava transtornada.

– Transtornada por quê? O Sr. Marin acha que a senhorita estava transtornada porque estava flertando com ele, mas ele não correspondeu. Ele disse que foi por isso que a senhorita o atacou.

Sinto como se alguém de repente tivesse me dado um soco na barriga. Ou nas costelas.

– Eu ataquei *ele*?

Scavo arqueia uma sobrancelha.

– E a senhorita já tem passagem, não é, Srta. Calloway? Um histórico de comportamento violento?

– Mas que absurdo – digo com um arquejo. – Aquele homem me atacou. Se eu não tivesse me defendido…

– Então, o negócio é o seguinte – retruca o policial. – É só a sua palavra contra a dele dizendo que ele a atacou, e uma testemunha a viu chutá-lo quando ele estava no chão. E quem está com uma porção de ossos quebrados é ele.

Sinto as pernas ficarem bambas. De repente, desejo que tivéssemos nos sentado para ter essa conversa.

– Eu vou ser presa?

– O Sr. Marin por enquanto não decidiu se vai prestar queixa.

Scavo faz uma cara de quem acha que o meu agressor com certeza deveria prestar queixa. Como se desejasse fechar um par de algemas ao redor dos meus pulsos nesse exato instante.

– Então, até ele se decidir, sugiro não sair da cidade – continua ele.

Odeio esse homem. O que aconteceu com a policial? Aquela que me abraçou e disse que Xavier nunca mais iria conseguir me machucar? Onde *ela* foi parar?

Com essas palavras, conduzo o agente Scavo de volta até a porta. Quando a abro, Brock está parado do lado de fora, com a roupa de trabalho – camisa social

azul-celeste e calça bege – e a mão erguida para bater. Scavo abre um sorriso de sarcasmo ao vê-lo, mas não comenta nada. Brock está com cara de quem quer perguntar alguma coisa para o agente, mas, felizmente, Scavo parece estar com pressa para ir embora.

Consigo me conter até puxar Brock para dentro do apartamento e trancar a porta. Só então as lágrimas brotam nos meus olhos. Só que não são lágrimas de tristeza. São de *fúria*. Como ele *se atreve* a falar assim comigo? Fui atacada no meu próprio prédio, e por algum motivo meu *agressor* é a vítima?

– Millie. – Brock me envolve com os braços. – Meu Deus, tá tudo bem com você? Vim o mais rápido que consegui.

Assinto sem dizer nada enquanto me afasto dele. Se falar, não vou conseguir conter as lágrimas. E, por algum motivo, não quero chorar na frente de Brock.

– Espero que aquele babaca fique preso um tempão – diz ele.

Eu deveria contar a ele o que aconteceu. O que aquele policial me disse. Mas, se fizer isso, vou ter que explicar por quê. Vou ter que explicar meu histórico de violência. Minha passagem pela prisão. Todos os motivos pelos quais ninguém acredita em mim.

Se Enzo estivesse aqui, tudo seria diferente. Eu poderia contar tudo para ele. E Enzo iria entender. Haveria, *sim,* uma pequena chance de ele esquartejar Xavier Marin com as próprias mãos, membro por membro. Mas por mim tudo bem, tudo ótimo. Quando olho para Brock, a ideia de ele fazer algo parecido quase me faz rir alto. Mas, pelo lado positivo, se Xavier de fato me acusar de lesão corporal, Brock poderia me defender. Sim, isso seria muito bom para a nossa relação.

– Você não pode dormir aqui de jeito nenhum – diz Brock. Dessa vez, eu concordo cem por cento com ele. – Estou com o carro estacionado bem aqui na frente. Deixa eu te levar pra minha casa.

Meus ombros afundam.

– Tá bom.

– E você deveria ficar comigo – insiste ele. Ao ver a expressão no meu rosto, acrescenta depressa: – Não estou dizendo que deva se mudar. Mas pelo menos levar roupa pra uma semana. Quem sabe começar a procurar outro lugar pra morar.

Não tenho forças para discutir com ele agora, e Brock tem toda a razão. Se

Xavier voltar para esse prédio, não tenho mais como morar aqui. Vou ter que arrumar outro apartamento, apesar de já mal conseguir pagar o aluguel daqui, mesmo com o dinheiro que os Garricks estão me pagando. Será que vou ser obrigada a arrumar uma vizinhança ainda pior no Bronx?

Enfim, penso nisso depois. Nesse momento, preciso arrumar minhas coisas.

QUINZE

A suíte master da casa dos Garricks é tão grande que, se eu falasse, juro que minha voz faria eco.

Estou guardando uma pilha de roupa limpa. Achava que o casal mandasse a maior parte da roupa para lavar fora, mas, como Wendy nunca parece sair do quarto, não imagino que use peças que exijam ser lavadas a seco com muita frequência. Com base no que tenho visto passar pela máquina de lavar, ela usa principalmente camisolas. No presente momento, estou dobrando uma delicada camisola branca com renda na gola que parece ir até os tornozelos de Wendy, a julgar pela sua altura, que observei durante aquela única tentativa de conversa que tivemos.

É então que vejo.

Tem uma mancha na gola da camisola. Uma mancha irregular entre o marrom e o vermelho, agora entranhada no tecido. Já me deparei com manchas assim antes, ao lavar roupa. São inconfundíveis.

É sangue.

E não só isso: é uma quantidade bem razoável de sangue. Bem na linha do pescoço, se espalhando para o tecido mais abaixo. Fecho os olhos, incapaz de evitar pensar em qual poderia ter sido a causa de todo aquele sangue.

Meus olhos tornam a se abrir de repente com o barulho do meu celular tocando. Tiro o aparelho do bolso da calça jeans e sinto um aperto no peito. A

tela mostra que a chamada vem da delegacia de polícia do Bronx. Não parece que vai ser uma boa notícia.

Bom, eles provavelmente não iriam me prender por telefone.

– Alô?

Eu me sento na borda da cama dos Garricks, que tem mais ou menos o tamanho de um navio transatlântico.

– Wilhelmina Calloway? Agente Scavo falando.

Sinto o estômago embrulhar: o som do nome daquele policial me dá arrepios.

– Pois não?

– Tenho boas notícias.

Se esse homem ainda estiver cuidando do meu caso, não pode haver nenhuma notícia boa. Mas talvez eu devesse tentar ser otimista. A essa altura, mereço uma vitória.

– Que notícias?

– O Sr. Marin decidiu não prestar queixa – diz ele.

É *essa* a boa notícia? Aperto o celular com tanta força que meus dedos começam a formigar.

– E eu? Eu quero dar queixa.

– Srta. Calloway, nós temos uma testemunha que a viu atacá-lo. – Ele pigarreia. – A senhorita tem sorte de essa ser a única consequência. Se ainda estivesse em condicional, voltaria para a prisão no ato. Ele ainda pode apresentar uma queixa civil contra a senhorita, claro.

Engulo um nó na garganta.

– Mas onde ele está agora?

– Foi liberado hoje de manhã.

– Vocês o liberaram da cadeia hoje de manhã?

Scavo dá um suspiro.

– Não, ele nem chegou a ser preso. Teve alta do hospital hoje de manhã.

Isso quer dizer que ele vai voltar para o prédio hoje à noite. O que significa que nunca mais vou poder voltar lá.

– Escuta, dona – diz Scavo. – Dessa vez, a sorte ficou do seu lado, mas a senhorita precisa começar a fazer algum tipo de terapia para controlar sua raiva. Senão vai acabar voltando direto para a prisão.

– Obrigada pela dica – respondo entredentes.

Bem na hora em que estou desligando, ergo os olhos e me dou conta de que não estou sozinha na suíte. No outro extremo do quarto, em pé no vão da porta, está Douglas Garrick, vestindo um terno Armani com uma gravata vermelho vivo e os cabelos castanho-escuros penteados para trás com gel, como de costume.

Fico imaginando quanto da conversa ele escutou. É claro que só haveria problema se ele tivesse escutado o lado de Scavo.

– Olá, Millie – diz ele.

Eu me levanto toda atrapalhada e enfio o celular no bolso.

– Oi. Desculpa, eu… estava só guardando a roupa.

Ele não contesta minha afirmação com o fato de eu estar falando no telefone. Em vez disso, entra no quarto, afrouxando a gravata com um polegar. Tira o paletó e o joga em cima da cômoda.

– Então? – indaga ele.

Eu o encaro sem entender.

– Vai deixar meu paletó assim, jogado ali em cima da cômoda?

Levo um segundo para entender o que ele quer que eu faça. O closet fica a uns dois metros de onde estamos, e teria sido bem fácil para ele ir pendurar o próprio paletó, mas, em vez disso, está deixando a tarefa para mim. É justo, uma vez que é o meu trabalho, mas seu tom de voz não me deixa à vontade. Venho notando isso cada vez mais nas minhas interações com ele.

– Me desculpe – murmuro. – Vou pendurar pra você.

Douglas Garrick fica olhando enquanto pego seu paletó, me estudando com atenção. Pesquisei o nome dele no Google outro dia, mas não achei grande coisa, nem mesmo uma foto decente. Pelo visto, ele é uma pessoa extremamente reservada. Tudo que consegui descobrir foi que ele é CEO de uma empresa bem grande chamada Coinstock, como Brock mencionou. É algum tipo de gênio da tecnologia, que inventou um software usado por praticamente todos os bancos do país. Brock tinha me dito que ele parecia ser um cara legal, mas não dá para conhecer de verdade uma pessoa só numa interação profissional. Douglas parece um homem com talento para ligar o botão do charme quando necessário.

– Você é casada? – pergunta ele.

A pergunta me faz gelar com o paletó a meio caminho do cabide.

– Não…

Um dos cantos da boca dele se ergue.

– Tem namorado?

– Tenho – respondo, tensa.

Ele não tece comentários, mas seus olhos me examinam até eu começar a ficar sem graça. Pouco importa o quanto ele é atraente, não gosto que fique me encarando desse jeito. Quando nos conhecemos, fiquei bem impressionada com o modo como ele controlava o próprio olhar, mas acho que devia ser só fachada. Se ele continuar olhando para mim desse jeito…

Bom, acho que não tem muita coisa que eu possa fazer a respeito. Não depois de um policial ter acabado de me acusar de agredir um homem.

Estou a ponto de atrair o olhar dele para o meu rosto quando ele finalmente recai na camisola branca estendida em cima da cama king size. Ele está encarando a mancha na gola. Talvez seja minha imaginação, mas tenho certeza de ouvir uma inspiração marcada.

– Bom. – Baixo os olhos para a camisola, então torno a encarar Douglas. – Se me der licença, preciso pesquisar como tirar manchas de molho de tomate de uma roupa.

Ele passa mais alguns segundos me encarando, então felizmente aquiesce em aprovação.

– Ótimo. Faça isso.

Só que não preciso pesquisar nada. Já sei como tirar manchas de sangue de uma roupa.

DEZESSEIS

Brock e eu estamos jantando juntos, mas não consigo me concentrar em uma só palavra que ele está dizendo.

O tempo esquentou, e pegamos uma mesa na calçada num restaurantezinho fofo de comida árabe em East Village. Brock está irresistivelmente atraente, vestido com seu terno de trabalho, e eu coloquei um vestido novo, sem mangas. Enquanto comemos nossas entradas, Brock me conta tudo sobre um de seus clientes. Em geral, fico feliz por passar a tarde com meu namorado incrível. Fico sempre um pouco admirada que um cara como Brock se interesse por alguém como eu e, numa situação normal, estaria prestando atenção em cada palavra (embora ele esteja falando sobre direito de patentes, um assunto meio chato, confesso). Só que nesse dia minha cabeça está em outro lugar.

Porque estou com aquela sensação de arrepio na nuca outra vez. Como se alguém estivesse me observando.

Deveria ter dito a Brock que queria comer do lado de dentro. Não me sinto mais segura com Xavier à solta. Não sei por que ele decidiu me escolher como alvo, mas já faz uma semana desde o ataque, e com frequência sinto aqueles olhos cravados em mim. Gostaria de pensar que está tudo na minha imaginação, mas não tenho tanta certeza. Mesmo com o braço quebrado, mesmo vivendo em outra *região* da cidade, Xavier ainda assim poderia estar me seguindo.

– Você não acha, Millie?

Ergo os olhos para ele, sem ideia do que dizer. Estou segurando o garfo na

mão direita e com ele espetei um cubinho de cordeiro, mas acho que faz pelo menos dez minutos que não levo nada à boca.

– Ahn? – digo, na falta de coisa melhor.

As sobrancelhas de Brock se juntam, e o pedacinho de pele entre elas se enruga de um jeito que em geral acho fofo, mas que, neste exato instante, me parece irritante.

– Tá tudo bem com você?

– Tá – minto.

Ele aceita minha resposta sem questionar. Já reparei que Brock confia muito facilmente nas pessoas, sobretudo para um advogado. Qualquer outra pessoa provavelmente teria me interrogado em relação ao meu passado, mas ele não é assim. É um alívio não ter que lhe contar tudo, mas às vezes eu gostaria que ele me pressionasse. Estou cansada de guardar tantos segredos dele.

Brock e eu nos conhecemos durante um curto período no qual pensei que pudesse me interessar por algum tipo de carreira na área de direito, antes de perceber que meu passado tornaria isso difícil, senão impossível. A faculdade onde estudo me ofereceu a oportunidade de observá-lo trabalhar, embora, no primeiro dia, Brock tenha admitido, com uma voz acanhada:

O meu trabalho não é lá muito empolgante.

Eu me imaginara assistindo a audiências, mas, em vez disso, ele praticamente só mexia com a papelada enquanto eu observava.

Desculpa, disse ele ao final da nossa primeira semana juntos. *Tenho certeza de que você estava esperando outra coisa.*

Tudo bem, respondi. *Eu não queria mesmo ser advogada.*

Deixa eu compensar te levando pra jantar.

Mais tarde, Brock admitiu ter passado a semana inteira pensando num jeito de me chamar para sair. A verdade é que eu quase disse não. Ainda estava na fossa depois de Enzo ter me dito que não tinha a intenção de voltar para os Estados Unidos e não estava a fim de ter uma segunda desilusão amorosa. Mas então imaginei as lindas italianas dando em cima do meu ex-namorado e pensei: quer saber? Por que eu não deveria me divertir um pouco também?

Brock tem sido um bom namorado. A cada semana, fico procurando seu defeito fatal, mas ele se mantém tão perfeito que chega a ser frustrante. E quando descobriu que Xavier não tinha sido acusado de tentativa de estupro, Brock ficou

irritado, como era de se esperar. Ele se ofereceu para ir comigo à delegacia falar com o agente encarregado do caso, oferta que tive que recusar por motivos óbvios.

E então ele simplesmente desistiu. Passei a semana inteira sem conseguir parar de pensar no assunto, mas Brock seguiu em frente, embora não sem afirmar várias vezes o óbvio: preciso arrumar outro lugar para morar.

– Você está meio pálida – comenta Brock.

Esfrego a nuca, então me viro para olhar para trás. Tenho certeza de que vou dar de cara com Xavier, mas não há ninguém ali. Pelo menos, não que eu veja. Mas ele decididamente está ali.

– Vamos morar juntos – disparo.

Brock para de falar no meio de uma frase. Há uma gota minúscula de tahine no canto da sua boca.

– Como é que é?

– Acho que a gente tá pronto.

Outra mentira. Não me sinto pronta para ir morar com Brock, mas tampouco tenho qualquer intenção de algum dia voltar para meu apartamento no sul do Bronx enquanto Xavier estiver morando lá e não sei se vou me sentir segura em algum lugar daquele bairro. Nem ao menos tenho certeza de me sentir segura aqui, mas, no Bronx, com certeza não.

Em todo caso, é a coisa certa a dizer. Um sorriso imenso ilumina o rosto do meu namorado.

– Tá bom. Pra mim parece ótimo. – Ele estende a mão por cima da mesa e segura a minha. – Eu te amo, Millie.

Abro a boca, sabendo ter chegado a um ponto crítico no qual preciso retribuir a declaração. Mas, bem nessa hora, a sensação insistente na minha nuca se torna insuportável. Giro a cabeça depressa mais uma vez, certa de que vou dar com Xavier em pé, a poucos metros de onde estou, me encarando.

Meus olhos se estreitam enquanto vasculho a rua atrás de mim. Cadê esse babaca?

Mas não vejo Xavier em lugar algum. Ou ele se escondeu atrás de alguma caixa de correio, ou então não está ali. Só que vejo uma pessoa que não esperava encontrar.

Douglas Garrick.

DEZESSETE

Douglas Garrick está atrás de mim.

Mais especificamente, atravessando a rua. O sinal está vermelho para os pedestres, e quando ele pisa na faixa, um táxi amarelo buzina com força. Passo um instante observando-o, com o coração aos pulos. Por algum motivo, tinha partido do princípio de que era Xavier quem estava me seguindo, mas agora já não tenho mais tanta certeza. Terá sido Douglas desde o início?

– Peraí um instantinho – digo a Brock. – Volto já.

– Mas o que…

Não lhe dou oportunidade de concluir o raciocínio e saio em disparada pela rua atrás de Douglas, forçando um sedã azul a meter o pé no freio. O motorista me xinga, mas eu o ignoro e continuo andando.

O que Douglas está fazendo em East Village? Ele mora no Upper West Side e trabalha na Wall Street.

Se ele estava me vigiando, não está mais. E outra coisa interessante é que não está sozinho. Parece caminhar na companhia de uma mulher de cabelos loiros, agarrada a uma bolsa marrom de aspecto robusto, pendurada no ombro direito.

O que está acontecendo? Por que ele estava me vigiando? E quem é aquela mulher? Embora eu não tenha conseguido dar uma boa olhada em Wendy Garrick, já vi fotos dela, e sei que não é ela.

Eu o sigo por mais um quarteirão. Talvez esteja me iludindo, mas acho que ele não tem a menor ideia de que estou atrás dele e da mulher enquanto eles

percorrem a Segunda Avenida. Ela está com a voz exaltada, mas não consigo ouvir o que os dois estão dizendo. E se eu chegar mais perto, eles talvez me vejam.

Não sei por quanto tempo mais vou poder segui-lo. Brock continua lá no restaurante e provavelmente acha que enlouqueci. Espero que esse pequeno incidente não seja incluído no seu telefonema semanal para mamãe e papai.

Felizmente, Douglas e a mulher param na frente de um prediozinho de tijolos. Assim como o meu, aquele ali não tem porteiro. Ela revira a bolsa em busca de uma chave, destranca a porta e a abre com um empurrão. Consigo dar uma boa olhada na mulher logo antes de os dois desaparecerem lá dentro.

É dolorosamente evidente o que está acontecendo. Douglas tem uma amante que mora naquele prédio. Ainda está cedo o suficiente para ele poder dizer a Wendy que ficou trabalhando até mais tarde quando chegar em casa.

Mas por que os dois estavam discutindo?

Não é difícil imaginar por quê, claro. Se ela for sua namorada, e ele sendo casado, talvez esteja com raiva por ele não ter largado a esposa. A mulher tinha pelo menos 30 e poucos anos, e não parecia uma qualquer só atrás de diversão. Talvez esteja esperando que Douglas largue Wendy para se casar com ela.

Ainda estou encarando o prédio de tijolos, tentando decidir qual vai ser meu próximo passo, quando o celular começa a tocar no meu bolso. Faço uma careta quando o nome de Brock aparece na tela. Queria ter deixado o telefone na bolsa. Mas, a essa altura, preciso atender a ligação. O cara me disse que podemos morar juntos, que me *ama*, e então pulei da cadeira feito uma louca e saí correndo na direção oposta.

– Millie? – Seu tom do outro lado da linha é de perplexidade. – O que houve? Pra onde você foi?

– Eu… eu vi uma amiga das antigas. Queria falar com ela. Faz anos que não a vejo.

– Tá… – Ele parece aceitar com relutância minha explicação ridícula, como eu sabia que faria. – Você vai voltar?

Lanço uma última olhada na direção do prédio.

– Vou. Daqui a alguns minutos estou aí.

– *Alguns minutos?*

O que quer que Douglas Garrick esteja fazendo lá dentro, não vou descobrir

ficando aqui parada encarando o edifício. Então, começo a voltar para o restaurante, já me preparando para um interrogatório de Brock. Ele vai querer uma resposta mais elaborada que explique por que saí correndo daquele jeito. Mas a verdade vai me deixar parecendo louca.

– Já estou – digo para ele. – Juro.

– Quer que eu vá pagando a conta? – pergunta ele. – Você tá bem? O que tá acontecendo?

Atravesso a rua para voltar ao restaurante, apressando só um pouquinho o passo.

– Nada. Como eu disse, vi uma amiga das antigas.

– Você não parecia bem.

– Tô bem, sim – insisto. – Eu…

Bem na hora em que estou persistindo naquela desculpa, fico sem palavras. Porque estou olhando para algo que faz meu coração subir até a boca.

É um Mazda preto com a lanterna dianteira direita rachada. O mesmo que vi estacionado perto do meu prédio e, algumas vezes, perto de onde os Garricks moram.

Baixo os olhos para checar a placa. 58F321. Vasculho meu cérebro para tentar lembrar qual era a placa na última vez que vi o carro. Por que não anotei? Eu tinha tanta certeza de que iria me lembrar.

Mas aquela lanterna direita rachada. Aquilo me parece muito familiar.

– Millie? – A voz de Brock está saindo do meu celular. – Millie? Você tá aí?

Fico encarando o carro. O tempo todo, supus que fosse Xavier quem estivesse me seguindo. Mas agora encontro o mesmo carro estacionado perto do prédio da amante de Douglas. Embora não tenha cem por cento de certeza de que aquele seja o mesmo carro que vem me seguindo, seria capaz de apostar um bom dinheiro que sim. De fato, parece um carro bem simples para um multimilionário dirigir, mas talvez não, se ele estiver tentando passar despercebido.

Mas só tem um detalhe: por que Douglas estaria me seguindo? Afinal, venho tendo essa sensação antes mesmo de começar a trabalhar para a família Garrick. Isso significaria que Douglas vem me seguindo desde antes de eu começar a trabalhar para ele.

Uma sensação horrível de frio percorre minha espinha. O que está

acontecendo?

DEZOITO

Hoje estou arrumando minhas coisas para me mudar.

A verdade é que ainda não me sinto bem em relação a ir morar com Brock, mas, se Xavier Marin estiver morando nesse prédio, não vou continuar nele. E devo admitir que não vai ser nenhuma tortura ficar no apartamento de dois quartos de Brock no Upper West Side. Lá não é exatamente uma mansão, mas o apartamento é lindo. Tem até uma varanda que *não* tem também a função de escada de incêndio. Além do mais, quando faz calor no verão, tem ar-condicionado. Ar-condicionado! É o ápice do luxo.

Brock me leva até o Bronx no seu Audi. O carro não tem tanto espaço no porta-malas, mas felizmente não tenho muitos pertences. Uma das vantagens desse apartamento era que ele já estava parcialmente mobiliado, então a maior parte das coisas não é minha. Tudo que não couber no porta-malas e no banco de trás do carro, eu posso deixar para trás.

– Estou tão feliz que a gente vai morar junto – comenta Brock enquanto percorremos as ruas até meu apartamento pela última vez. – Vai ser incrível.

O sorriso no meu rosto parece de plástico.

– Vai sim.

Como posso estar fazendo isso? Como posso estar indo morar com Brock sem ele saber a verdade em relação ao meu passado? Não é justo com ele. E não vai ser justo comigo quando ele descobrir e me chutar para a sarjeta.

Continuo trabalhando para a família Garrick… por enquanto. Quanto mais

penso no assunto, menos certeza tenho de que Douglas estava me seguindo naquele dia. Afinal, ele estava conversando com a amante e não parecia nem um pouco concentrado em mim. Tirei conclusões precipitadas. E saber que meu patrão está tendo um caso não é motivo para largar um trabalho bem remunerado, sobretudo porque arrumar outro é sempre complicado para mim. Posso estar indo morar com Brock, mas seria um erro passar a depender dele. Preciso ter minha própria renda… só para o caso de ele me chutar mesmo para a sarjeta.

Num sinal vermelho, Brock estende a mão e a pousa no meu joelho. Ele sorri para mim e está tão, mas tão bonito – tipo um galã de cinema –, porém tudo em que consigo pensar é que isso é uma má ideia. Ele está cometendo um erro terrível sem nem saber. E parte de mim gostaria que ele tirasse a porcaria da mão do meu joelho.

Ele não disse de novo que me amava desde aquele dia no restaurante. Posso ver que está se coçando para dizer, mas já falou duas vezes, e eu sigo tendo dito um total de zero. Se ele falar de novo, das duas uma: ou vou ter que retribuir, ou então… Bom, vou ter que retribuir se quiser que esse namoro continue. Não resta mais dúvida.

Brock retira a mão do meu joelho quando entramos na minha rua.

– Ei, o que tá acontecendo aqui?

Tem uma viatura de polícia com as luzes piscando parada em frente ao meu prédio. Aperto os lábios um contra o outro para me segurar e não contar que tem viaturas paradas ali o tempo todo. Sinto um nó na barriga e me pergunto se existe alguma chance de a polícia estar ali por minha causa. Talvez Xavier tenha mudado de ideia quanto a prestar queixa.

Ai, meu Deus, será que eles vão me levar embora algemada?

– Brock – digo com urgência. – Talvez a gente devesse dar o fora daqui. Voltar outra hora.

Ele franze o nariz.

– Não vou dirigir até o Bronx de novo amanhã. Vamos, vai ficar tudo bem.

Bem na hora em que estou prestes a ter um ataque de pânico real, a porta do meu prédio se abre e um policial aparece, conduzindo até a rua um homem com as mãos algemadas nas costas. Pelo visto, não estão ali por minha causa, afinal. Deve ser mais uma apreensão de drogas.

Então vejo a cicatriz acima da sobrancelha esquerda do homem algemado. É *Xavier*.

Abaixo o vidro bem a tempo de ouvi-lo gritar para o policial que o conduz até a viatura:

– Vocês têm que acreditar em mim! Aquelas drogas… nunca vi aquilo antes. Não são minhas!

Mesmo dali, onde estamos estacionados, posso ver o policial revirar os olhos.

– Tá, é o que todas as pessoas dizem quando a polícia encontra quilos de heroína na casa delas.

Um segundo antes de chegarem à viatura, os olhos de Xavier se enchem de pânico. Embora com certeza saiba que isso é uma burrice, ele se desvencilha do policial e começa a correr pelo quarteirão. Está com as mãos algemadas nas costas, lógico, o que significa que não vai conseguir ir muito longe. O policial o alcança poucos segundos depois, e fico olhando enquanto ele é jogado no chão.

É o melhor espetáculo que vejo em meses.

Os olhos de Brock se arregalam diante da cena que se desenrola na nossa frente.

– Meu Deus. Que sorte a sua se mudar daqui.

– É ele – digo num arquejo. – O homem que me atacou.

– Uau. Quer dizer que ele também é traficante? Acho que não é nenhuma surpresa.

Não tive a impressão de que Xavier estivesse drogado durante nossas interações. Ele sempre me pareceu inteiramente sóbrio. Mas, se a polícia achou a droga no apartamento dele… melhor ainda, e se a quantidade tiver sido grande, o suficiente para dar a entender que ele estava traficando, ele não vai voltar tão cedo.

– Não preciso mais me mudar – disparo.

A boca de Brock se escancara.

– Como é que é?

– Ele não vai mais morar no prédio – assinalo. – Então não preciso sair.

Brock faz um biquinho.

– Não entendi. Você não *quer* morar comigo?

É uma pergunta incrivelmente capciosa. Sim, seria legal ter um pouco mais

de espaço, um ar-condicionado e um porteiro para afastar os ladrões. Mas isso não é um bom motivo para ir viver com o namorado.

– Quero, sim – respondo. – Algum dia. Mas… ainda não.

– Entendi. – O tom dele é gélido.

– Sinto muito. – Estendo a mão para apertar a dele, mas Brock não aperta a minha de volta. – É que sou o tipo de pessoa que precisa do próprio espaço. Só isso.

Seus olhos azuis encontram os meus.

– É só isso mesmo?

Imagino que os pais de Brock devam ser o tipo de gente que verifica os antecedentes de qualquer mulher com quem o filho vá morar. Droga, pode ser que já tenham feito isso. Mas aposto que eles pesquisaram Millie Calloway, e essa foi minha única salvação. É só uma questão de tempo até descobrirem que meu primeiro nome na verdade é Wilhelmina, e então Brock vai descobrir tudo.

Preciso contar para ele antes de isso acontecer.

Mas, com o babaca do Xavier na prisão, pelo menos consegui um pouco mais de tempo.

DEZENOVE

A cobertura dos Garricks parece calma hoje.

Ouvi um barulho vindo do quarto de hóspedes, mas não foi um choro, nem gritos, nem qualquer outra coisa suspeita. O barulho só indicava que tinha alguém lá dentro, uma mulher que não devo incomodar.

Depois de encontrar o sangue naquela camisola, achei de verdade que Douglas fosse arrumar uma desculpa para me mandar embora, mas até agora ele não fez isso. O que é bom, levando em conta que preciso do dinheiro. (Brock continua dando indiretas para eu ir morar com ele, mas até o momento consegui me esquivar.)

E depois que tive alguns dias para pensar no assunto, não estou mais convencida de que aquele vermelho na camisola fosse tão ameaçador quanto pareceu na ocasião. Continuo certa de que a mancha era sangue, mas há muitos motivos inocentes para manchas de sangue em roupas. Já lidei com um número suficiente de crianças com sangramentos nasais abundantes para saber que é um erro tirar conclusões precipitadas. Então, consegui afastar o assunto da cabeça.

Bom, quase.

Depois de arrumar alguns dos outros quartos, percorro o corredor até o banheiro principal do segundo andar. Os banheiros em geral não são muito sujos. Faz sentido, levando em conta que só duas pessoas moram no apartamento, e eles mal parecem precisar de alguém para limpar a casa com

tanta frequência, mas não sou eu quem vai discutir. Sou paga para fazer faxina, e se precisar limpar algo que já estiver razoavelmente limpo, é isso que vou fazer.

Só que, quando entro no banheiro agora, tem uma coisa que eu nunca tinha visto. Algo que me dá a sensação de ter levado um soco na barriga.

É uma mão impressa em sangue na pia do banheiro.

Bom, a bem da verdade, meia mão. Como se alguém tivesse agarrado a pia com a mão toda suja de sangue.

Baixo os olhos para o chão. Não tinha reparado assim que entrei, mas então percebo gotículas de sangue no piso de linóleo. Elas parecem formar um pequeno rastro.

Sigo o rastro de gotículas vermelhas para fora do banheiro. Como no corredor não tem luz, eu de alguma forma não reparei da primeira vez, mas agora posso ver os pontinhos de sangue formando um caminho no carpete. E a trilha vai dar na porta do quarto de hóspedes.

Eu não deveria bater na porta. Douglas deixou isso bem claro quando comecei a trabalhar aqui. E, na única vez que fiz isso, Wendy Garrick não ficou *nada* feliz em me ver.

Mas torno a pensar em Kitty Genovese. Como posso não investigar quando tem literalmente um rastro de sangue indo dar naquela porta?

Então ergo a mão fechada e bato.

Tinha ouvido alguns barulhos antes, mas de repente tudo fica em silêncio do outro lado da porta. Ninguém me diz para entrar ou para não entrar. Então, volto a bater.

– Sra. Garrick? – chamo. – Wendy?

Nenhuma resposta.

Cerro os dentes de tão frustrada. Não sei o que está acontecendo lá dentro, mas não vou embora até me certificar de que ela não está morrendo de hemorragia. Tenho uma regra de não fazer faxina quando existe um cadáver na casa.

Embora não devesse fazer isso, ponho a mão na maçaneta. Tento girá-la, mas ela não se move. *Está trancada*.

– Sra. Garrick – insisto. – O seu banheiro tá todo sujo de sangue.

Ainda sem resposta.

– Escuta, se a senhora não abrir a porta, vou ter que chamar a polícia.

Isso arranca uma reação dela. Ouço uma movimentação atrás da porta, seguida por uma voz levemente engasgada.

– Eu estou aqui. Estou bem. Não chame a polícia.

– Tem certeza?

– Tenho. Por favor… vá embora. Estou tentando dormir.

Eu poderia me afastar, mas na verdade não consigo. Não depois de ver todo aquele sangue no banheiro. Nem é tanto o fato de o sangue estar lá, mas de a pessoa que sangrou estar machucada demais para conseguir limpá-lo.

– Quero ver a senhora – digo. – Abra a porta, por favor.

– Eu estou bem… já disse. Só sangrei um pouco por causa de um dente rachado.

– Abra a porta por dois segundos, e eu a deixo em paz. Mas juro que não vou embora daqui até a senhora abrir a porta.

Faz-se outro silêncio demorado atrás da porta. Enquanto aguardo, meus olhos se desviam para o rastro de gotículas de sangue que vem do banheiro. Existem muitas explicações inocentes para isso. Ela poderia estar usando uma gilete e se cortou. Vai ver foi mesmo um dente rachado.

E existem também algumas explicações não tão inocentes assim.

Por fim, a maçaneta emite um clique. A porta foi destrancada. E, muito devagar, ela a entreabre.

E tenho que tapar a boca com uma das mãos para não dar um grito.

VINTE

– Wendy – digo num arquejo. – Meu Deus.

– Eu já disse – insiste ela. – Estou bem. Não é tão ruim quanto parece.

Já vi muita coisa ruim na vida, mas o rosto de Wendy Garrick vai passar anos me assombrando. A mulher tinha sido espancada, e pelo visto não foi tudo de uma vez só. Os hematomas que cobrem seu rosto estão em estágios variados de cicatrização. Um deles, na maçã esquerda do rosto, parece recente, mas outros têm um aspecto amarelado que dão a impressão de terem sido causados por uma pancada ocorrida bem antes.

Wendy me disse que o sangramento tinha vindo de um dente, e acredito piamente que o que quer que tenha feito isso com seu rosto foi suficiente para arrancar um dente mesmo.

– É por causa dos remédios que eu tomo – explica ela. – Eu caí, e tomo anticoagulantes. Por isso fico roxa com facilidade.

Essa mulher por acaso se olhou no espelho? Ela está mesmo tentando me dizer que isso tudo aconteceu por causa de uma *queda?*

Wendy está usando uma camisola cor-de-rosa florida e, assim como o banheiro, a frente está suja de sangue. E essa nem é a primeira camisola suja de sangue que vejo desde que trabalho aqui.

– Você precisa ir para o hospital – consigo dizer.

– Hospital? – Ela se retrai. – E o que exatamente eles fariam?

– Verificariam se você está com algum osso quebrado.

– Não estou. Estou bem.

– E depois você poderia fazer uma denúncia – acrescento.

Wendy Garrick me encara com os olhos rodeados de hematomas. Inspira e faz uma careta. Fico me perguntando se está com alguma costela quebrada. Não me espantaria.

– Escuta, *Millie* – diz ela em voz baixa. – Você não faz ideia do tipo de coisa com que está lidando. Você *não* vai querer se meter nessa história. Precisa ir embora e me deixar em paz.

– Wendy…

– Estou falando sério. – Seus olhos roxos ficam mais arregalados, e pela primeira vez vejo medo de verdade ali. – Se souber o que é bom pra você, precisa fechar essa porta e dar o fora daqui.

– Mas…

– Millie, você tem que *ir embora*. – E agora sua voz tem um tom de urgência terrível. – Você não faz ideia. *Vá embora*, só isso.

Abro a boca para protestar, mas, antes de conseguir fazer isso, ela já bateu a porta na minha cara.

O recado está bem claro. Seja lá o que esteja acontecendo nesta casa, Wendy *não* quer minha ajuda. Ela quer que eu fique fora disso. Que vá cuidar da minha vida.

Infelizmente, nunca fui muito boa nisso.

VINTE E UM

Em 2007, um aclamado violinista chamado Josh Bell, que pouco antes tinha dado um concerto com lotação máxima e preço médio dos ingressos chegando a 100 dólares cada, se passou por um músico de rua. Ele foi para uma estação de metrô em Washington, de calça jeans e boné de beisebol, e lá tocou exatamente a mesma música que havia tocado no concerto, num violino de fabricação artesanal avaliado em mais de 3,5 milhões de dólares.

– Quase ninguém parou para escutar – explica o Dr. Kindred para o auditório lotado de alunos. – Na verdade, quando as crianças às vezes paravam, os pais as puxavam para continuarem andando. O homem deu um concerto com lotação esgotada em Boston, e naquele dia apenas umas cinquenta pessoas pararam por tempo suficiente para deixar 1 dólar no estojo do violino dele. Como vocês explicam isso?

Após um momento de hesitação, uma moça na primeira fila levanta a mão. Essa daí está sempre ansiosa para responder às perguntas.

– Acho que em parte é pelo fato de a beleza ser mais difícil de identificar num contexto modesto.

Pego o metrô todo dia para ir do Bronx até Manhattan, e muitas vezes vejo pessoas tocando seus instrumentos enquanto espero o trem chegar. Por motivos nos quais prefiro não pensar, a estação mais próxima do meu prédio vive fedendo a urina, mas, se tiver alguém tocando música enquanto espero, não é tão ruim assim.

Eu teria parado para escutar Josh Bell. Talvez tivesse até deixado 1 dólar no estojo do violino dele, embora eu precise de cada dólar que ganho.

– Tá – diz o Dr. Kindred. – Algum outro fator possível em jogo?

Hesito por alguns segundos antes de levantar a mão. Em geral, não participo em sala de aula porque tenho uns dez anos a mais do que a segunda pessoa mais velha da turma (tirando o professor). Só que pelo visto ninguém mais vai responder.

– Ninguém queria ajudá-lo – digo.

O Dr. Kindred assente e coça o cavanhaque.

– Como assim?

– Bom… Ele estava com um estojo de violino cheio de notas e moedas. As pessoas imaginavam que estivesse querendo ajuda na forma de dinheiro. E como não queriam ajudá-lo, elas o ignoravam. Sentiam que parar teria significado que seriam obrigadas a ajudar.

– Ah. – Ele assente. – Então isso não depõe muito a favor da raça humana, se ninguém se dispôs a apreciar uma bela música só porque isso significava que talvez precisassem ajudar uma pessoa necessitada.

Como o professor continua olhando para mim, sinto que preciso dizer alguma coisa.

– Pelo menos cinquenta pessoas pararam. Já é alguma coisa.

– Verdade – concorda ele. – É *mesmo* alguma coisa.

Mas eu teria ajudado. Sempre ajudo. Nunca, *nunca* consigo ir embora, nem quando deveria.

Depois do final da aula, bem quando estou saindo do prédio, vejo um rosto conhecido vindo pela rua na minha direção. Fico meio surpresa ao perceber que é Amber Degraw, a mulher que me mandou embora depois que sua filha pequena não parava de me chamar de "mamã". Mas o mais surpreendente é vê-la empurrando um carrinho ocupado pela pequena Olive, entretida brincando com algum tipo de chocalho enfiado o mais fundo possível na boca. Seus dedinhos estão todos grudentos de baba.

Quando eu trabalhava para Amber, ela nunca parecia interessada em levar Olive para passear. Então isso é uma boa coisa para as duas.

Cogito me esconder na esquina para evitar um encontro constrangedor, mas

então Amber me vê e ergue a mão para um cumprimento animado. Pelo visto, ela esqueceu por completo a forma como me demitiu.

– Millie! – chama ela. – Nossa, que *prazer* encontrar você!

É mesmo? Porque não foi isso que ela disse na última vez que nos vimos.

– Oi, Amber – respondo, já resignada com o fato de ter que travar um diálogo educado.

Ela para ao meu lado e solta a barra do carrinho por tempo suficiente para alisar os brilhantes cabelos loiro-acobreados. Nesse dia Amber está toda de couro. Veste uma calça de couro enfiada num par de botas de couro que vão até os joelhos e um casaco de couro marrom-claro.

– Como vai? – Ela inclina a cabeça de lado como se eu fosse uma amiga aleatória que estivesse passando por um período de azar, não uma pessoa que ela demitiu. – Tudo bem?

– Tudo – respondo entredentes. – Tudo ótimo.

– Onde está trabalhando agora?

Reluto em lhe contar qualquer coisa sobre meu trabalho atual. Ela mesma já me demitiu por um motivo completamente besta; considero essa mulher capaz de qualquer coisa.

– Estou entre um emprego e outro.

– Vi você na rua outro dia – comenta ela. – Você estava entrando naquele prédio antigo da 86th Street. Douglas Garrick mora lá, não mora?

Congelo, espantada por ela saber disso. Mas, pensando bem, nas rodas de gente rica, todo mundo parece conhecer todo mundo.

– É, estou trabalhando para os Garricks agora.

– Ah, é isso que você estava fazendo lá?

O sorriso nos lábios de Amber me deixa pouco à vontade. O que exatamente ela está sugerindo?

– Sim…

Ela me dá uma piscadela.

– Tenho certeza de que está aproveitando ao máximo.

Não gosto do tom de voz dela, mas lembro a mim mesma que não preciso ficar ali parada conversando com Amber; essa é uma das vantagens de não trabalhar mais para ela. Mas preciso dizer oi para a pequena Olive, cujo queixo

está lustroso de baba. Faz um tempinho que não a vejo, e um bebê pode mudar bastante nessa idade. Ela provavelmente mal vai me reconhecer.

– Oi, Olive! – exclamo, animada.

Olive retira o chocalho do fundo da garganta e ergue os imensos olhos azuis para me encarar.

– Mamã! – guincha ela, contentíssima.

O rosto de Amber perde toda a cor.

– Não! Ela não é sua mamã! A sua mamã sou *eu*!

– Mamã! – Olive estica os braços rechonchudos para tentar me alcançar. – Mamã!

Como não pego Olive no colo, a menininha começa a soluçar. Amber me lança um olhar ressentido.

– Olha como você deixou ela triste!

Com esse comentário, Amber dá meia-volta e sai em disparada pela rua para se afastar de mim, enquanto Olive continua chorando, aos gritos de "Mamã!". Apesar de tudo, o encontro me faz sorrir. Então, no fim das contas, ela se lembrava de mim.

Enquanto observo Amber desaparecer ao longe, meu telefone começa a tocar; na mesma hora, meu bom humor evapora. Provavelmente deve ser Douglas dizendo que estou demitida por ter importunado sua esposa, ou então Brock, o que seria ainda pior.

As coisas têm andado decididamente frias entre nós dois desde que eu lhe disse de uma hora para a outra que não queria mais morar com ele. Expliquei várias vezes minha necessidade de ter meu próprio espaço e que me sentia mais segura agora que Xavier fora preso até segunda ordem, mas, mesmo assim, ele continua sem entender. Tenho uma sensação ruim de que a nossa relação vai ter que progredir muito, muito em breve, caso contrário, vai terminar.

Só que, quando olho meu telefone, não é nem Douglas nem Brock. É um número que não reconheço.

– Alô?

– Wilhelmina Calloway?

Demoro a responder, imaginando se a voz do outro lado da linha vai dizer que a garantia do meu carro está a ponto de vencer, ou então vai começar a falar sem parar em algum idioma estrangeiro.

– Isso…

– Oi! Meu nome é Lisa, eu trabalho no EmpregoJá!

Meus ombros relaxam. EmpregoJá foi o serviço que usei para pôr meu anúncio à procura de trabalhos como empregada doméstica.

– Oi, Lisa.

– Sra. Calloway – diz Lisa, com sua voz animada –, nós não recebemos nenhuma resposta aos nossos e-mails, então esta é nossa segunda ligação com relação ao seu cartão de crédito.

– Meu cartão de crédito?

– Isso – confirma Lisa. – O seu American Express foi negado.

Balanço a cabeça; que burrice a minha.

– Sinto muito. Eu cancelei esse cartão. Deveria ter usado meu MasterCard. Mas não preciso mais do anúncio.

– Bom – prossegue Lisa –, só quero ter certeza de que a senhora entende que o anúncio não chegou a ser publicado, porque nunca recebemos o pagamento.

Paro de andar bem no meio da Primeira Avenida.

– Peraí – digo. – Meu anúncio me oferecendo como empregada doméstica não foi publicado?

– Infelizmente, não, porque nunca recebemos o pagamento. Como eu disse, temos tentado entrar em contato com a senhora…

Mas não estou mais escutando. Não sei como é possível o anúncio sobre os meus serviços nunca ter sido publicado na internet.

– Tem certeza? – disparo. – Está dizendo que o meu anúncio nunca foi publicado? Nem por um dia?

– Nem por um dia sequer – confirma Lisa.

Tento recordar a época em que estava procurando emprego, uns dois meses antes. A maioria das entrevistas tinha sido com potenciais empregadoras que eu mesma havia procurado por meio dos anúncios delas. Na verdade, uma única pessoa entrou em contato comigo primeiro.

Douglas Garrick.

VINTE E DOIS

Tudo que sei é que vou descobrir que história é essa.

Douglas Garrick ligou para *mim*. Eu me lembro muito bem disso. Atendi o celular, e ele me disse que estava à procura de uma empregada que pudesse fazer faxina, lavar roupa, cozinhar um pouco e resolver assuntos ocasionais na rua. Não comentou nada sobre o anúncio, ou pelo menos acho que não, mas na época simplesmente parti do princípio de que fosse por isso que ele estivesse ligando. Afinal, não havia outro motivo.

Como ele conseguiu meu telefone se não foi pelo anúncio?

A coisa toda me provoca certa náusea. Continuo com a sensação de que tem alguém me vigiando, embora Xavier teoricamente esteja preso. E aquele Mazda preto estava estacionado em frente ao prédio no qual Douglas entrou com a amante. De alguma forma, Douglas tinha meu telefone, apesar de o anúncio nunca ter sido publicado.

Ele sabia quem eu era.

Fico parada na rua, em frente a uma pizzaria. O aroma apetitoso de molho de tomate, gordura e queijo derretido invade minhas narinas, mas só faz eu me sentir mais enjoada. Vasculho a rua à minha frente em busca de qualquer coisa suspeita.

Não vejo Douglas. Não vejo Xavier.

Mas tem alguém por aí. Alguém está me vigiando. Tenho certeza absoluta.

Tiro o celular do bolso outra vez. Tem uma mensagem de Douglas

confirmando minha ida hoje à noite, embora eu tenha estado lá dois dias antes e tenha certeza de que a casa continua praticamente imaculada. Em geral, respondo com outra mensagem, mas dessa vez fico encarando a tela. Antes de conseguir me controlar, clico no número dele para fazer uma chamada.

Enquanto a ligação completa e começa a chamar, um telefone toca bem atrás de mim. Sinto um nó na barriga.

Dou meia-volta, mas o telefone que está tocando é de uma adolescente. Ela atende, e posso ouvi-la gritar "Ai, meu Deus!" no aparelho ao passar por mim. Caramba, estou mesmo com os nervos à flor da pele.

– Alô? Millie?

É a voz de Douglas do outro lado da linha. Ele não está um metro atrás de mim. Onde quer que esteja, o lugar soa bem mais tranquilo do que a rua movimentada onde me encontro.

– Ah, oi.

– Está tudo bem? Você vai hoje fazer faxina lá em casa?

– Vou… – Amaldiçoo a mim mesma por não ter inventado uma história antes de ligar. Agi por impulso. – Estava só atualizando meu currículo e queria perguntar uma coisa rapidinho.

– Você não vai abandonar a gente, vai? – A voz dele tem um quê de bom humor, mas também algo sombrio abaixo da superfície. – Espero que não.

– Não, com certeza não. Eu só queria arrumar algum trabalho extra, e fiquei pensando em como você ouviu falar de mim. Tipo, como arrumou meu telefone quando me ligou?

Ele passa alguns segundos pensando.

– Na verdade, foi a Wendy quem me deu seu telefone.

– Wendy? Sua esposa?

– Você conhece alguma outra? – Ele dá uma risadinha. – Ela me disse que uma amiga tinha dado seu telefone para ela e dito que você era muito boa.

– Ela disse qual amiga?

– Não. – A voz passou a assumir um tom ligeiramente defensivo. – Já demos bastante informação. Por favor, não incomode Wendy com isso.

– É claro que não. Muito obrigada pela informação. E com certeza estarei lá hoje à noite.

Estarei lá hoje à noite, sim. Mas, se ele acha que não vou perguntar nada a

Wendy sobre isso, está muito enganado.

VINTE E TRÊS

Esta noite, chego na cobertura com os braços repletos de roupas trazidas da lavagem a seco. Todas elas pertencem a Douglas Garrick. Estou segurando quatro ternos, cada um dos quais custou mais do que ganho num ano inteiro, com certeza. Se decidisse fugir e tentasse vender esses ternos por conta própria, provavelmente resolveria a minha vida. Só que não vale a pena. Já estou com medo de Douglas, e a última coisa que quero fazer é deixá-lo com raiva de mim.

Embora o que estou prestes a fazer hoje possa muito bem acabar tendo essa consequência.

Quando entro na sala com as roupas penduradas nos braços, a casa está em silêncio. Wendy deve estar lá em cima, e Douglas provavelmente ficou trabalhando até mais tarde… ou então está com a amante. Levo as roupas até o segundo andar, e as batidas dos meus tênis em cada degrau ecoam pela cobertura. Já fiz faxina em lugares muito maiores do que essa cobertura, mas nunca estive em uma que parecesse ter ecos tão altos. Fico me perguntando se tem a ver com a idade do edifício.

Não é nenhuma surpresa a porta do quarto de hóspedes estar trancada. Pego as roupas e as levo até a suíte master. Penduro os ternos de Douglas no closet, mas só consigo pensar na mulher trancada naquele quarto. Estou decidida a falar com ela hoje.

Então, assim que termino de guardar os ternos, subo o corredor até o quarto de hóspedes.

Por algum motivo, as luzes do corredor não acendem. Uma vez perguntei a Douglas por quê, e ele respondeu que era algum problema de fiação. Balbuciou algo sobre mandar consertar, mas essas luzes nunca funcionaram desde que comecei a trabalhar aqui. Além do fato de a arquitetura ser tão antiga, a falta de iluminação do segundo andar dá ao ambiente um ar sinistro.

Paro em frente ao quarto de hóspedes. O carpete sob meus pés está limpo: esfreguei todo o sangue do banheiro e removi as manchas do carpete com água oxigenada. Não há mais sinal algum de que o sangue de Wendy algum dia tenha pingado no carpete. E Douglas não sabe que eu sei.

Ergo a mão, pronta para bater na porta, e um arrepio me percorre. Não consigo deixar de me lembrar do alerta de Wendy na última vez que falei com ela.

Se souber o que é bom pra você, precisa fechar essa porta e dar o fora daqui.

Engulo minhas dúvidas. Não, eu *nunca* vou embora, *nunca* vou deixar para trás alguém em necessidade. Com a determinação renovada, bato com a mão fechada na porta.

Estou totalmente preparada para implorar outra vez para ela abrir, mas dessa vez ouço passos atrás da porta fechada. Segundos depois, uma fresta se abre. Mais uma vez, me pego encarando o rosto cheio de hematomas de Wendy, embora ele esteja bem melhor do que alguns dias atrás.

– O que foi? – A voz dela tem um tom de resignação. – Eu estava tentando dormir.

Baixo os olhos para sua camisola amarelo-clara, que felizmente dessa vez não parece ter qualquer mancha de sangue.

– Que camisola bonita. Eu sempre acabo dormindo com a minha camiseta do Mets.

Ela cruza os braços.

– Foi pra dizer isso que você me acordou?

– Não… não foi. Na verdade, eu queria te perguntar uma coisa.

Wendy passa o peso do corpo de uma perna para a outra; está calçando chinelos. Eu nunca tinha reparado no quanto ela é magra. A mulher é praticamente esquelética. Imagino que possa ser por causa da doença, mas não sei se algum dia já vi uma mulher tão magra assim. Ela tem a clavícula

dolorosamente saltada, e, quando puxa a camisola, posso distinguir cada osso da sua mão cheia de veias azuis. Os olhos parecem enormes no rosto magro.

– O que você quer?

– Quero saber como você arrumou meu telefone.

Ela brinca com uma mecha dos cabelos ruivos, e reconheço a pulseira pendurada no seu pulso. É a mesma que Douglas lhe deu de presente pouco tempo antes.

– Como assim?

– Douglas me contou que você deu meu telefone para ele me ligar e me convidar para trabalhar aqui. Mas como você conseguiu meu número?

– Você colocou um anúncio, não? Deve ter sido assim. – Ela solta um longo suspiro. – Agora, se não se importa, vou voltar para a cama. O dia foi comprido.

– Na verdade, descobri que o anúncio nunca foi publicado. Então, como já disse: como foi que você conseguiu meu telefone?

Quase posso ver as engrenagens girando dentro do cérebro de Wendy. Antes de ela conseguir inventar outra mentira, eu a interrompo:

– Diga a verdade.

Wendy baixa os olhos.

– Por favor. Não quero fazer isso. Esqueça essa história e pronto.

– Me fala – digo entredentes.

– Por que você nunca faz o que eu peço? – Ela ergue as mãos. – Tá. Eu peguei seu telefone com Ginger Howell.

E nessa hora sinto como se alguém tivesse acabado de me dar um soco do nada. Eu sei quem é Ginger Howell, mas faz anos que não a vejo. Dois anos, para ser exata. Ela foi uma das últimas mulheres para quem trabalhei antes de Enzo viajar para a Itália. Nós lhe arrumamos um advogado disposto a trabalhar para ajudá-la a se divorciar do monstro que era seu marido. Ele lutou com unhas e dentes, e estávamos a ponto de conseguir um passaporte e uma identidade novos para ela quando o marido finalmente a deixou ir embora.

Espero que ela esteja bem. Ginger parecia ser uma boa pessoa. Não merecia o que o marido estava fazendo com ela.

Mas, se Wendy tinha ouvido falar de mim por Ginger, nesse caso…

– Wendy, por que você disse para o Douglas me ligar? – pergunto. Ela

começa a abrir a boca, e então emendo: – Preciso que me diga o verdadeiro motivo.

Ela continua sem olhar para mim, e em vez disso encara o carpete.

– Acho que você já sabe por quê.

Um apito difuso ecoa no fundo da minha mente. Desde o momento em que entrei aqui, desconfiei que houvesse alguma coisa estranha em relação a esta casa. Porém, toda vez que tentei estender a mão para Wendy, ela não pareceu interessada em falar comigo.

– Eu quebrei o pulso – diz ela com amargura. – Ele me empurrou, e eu quebrei, mas quando o médico veio, ele se recusou a sair do quarto. Tive que dizer que escorreguei no chão molhado e caí. Esse foi o único motivo pelo qual ele me deixou chamar alguém para ajudar com a casa… do contrário, ele nunca deixa mais ninguém entrar aqui.

Meus punhos se fecham.

– Por que você não falou nada?

– Porque foi uma burrice trazer você pra cá. – Seus olhos vermelhos ficam marejados. – Eu estava desesperada, mas quando te vi, sabia que não conseguiria ir até o fim. Você não conhece o Douglas. Não sabe como ele é. Fugir dele *não é* uma opção.

– Você está enganada.

Ela joga a cabeça para trás e dá uma risada ácida.

– Você não faz ideia do que está falando. Douglas está *por toda parte*. Ele vê *tudo*.

Recordo todas as ocasiões na rua em que tive a sensação de que havia alguém me observando.

– Ele está nos vendo agora? Está ouvindo esta conversa?

– Eu… eu não sei. – Ela olha de relance para o corredor. – Não consegui encontrar nenhuma câmera na casa, mas isso não quer dizer que não tenha. Douglas tem acesso a tecnologias que eu e você não conseguimos sequer imaginar. Ele é um gênio, sabe. – Dessa vez, seu riso é triste. – Eu achava isso atraente nele.

– Mesmo assim, vale a pena tentar.

As bochechas roxas dela enrubescem de leve.

– Você não está entendendo. Ele gastaria cada centavo que tem pra me

encontrar.

Ela tem razão… e Douglas tem muitos centavos para gastar. Com um marido como ele, fugir seria difícil; eu de fato não faço ideia do que ele é capaz. E não sei se posso ajudar Wendy. Principalmente já que não disponho dos recursos que Enzo tinha… Eu não tenho "um cara" para tudo. Por isso, jurei que largaria essa vida e me concentraria em tirar meu diploma, para poder ajudar mulheres de um modo que não envolvesse infringir a lei. Apesar disso, cada molécula do meu corpo está gritando que preciso ajudar essa mulher… e agora.

Eu nunca passaria direto no metrô por um homem que precisasse de ajuda. Ou por uma mulher que estivesse sendo esfaqueada até a morte em frente à minha janela. Não posso permitir que isso aconteça debaixo do meu nariz.

– Você tem algum dinheiro? – pergunto. – Dinheiro vivo, quero dizer?

De modo hesitante, ela assente.

– Tenho vendido aos poucos algumas das minhas joias. Eu tenho tantas… toda vez que me bate, ele me compra alguma coisa nova e cara. Tenho algum dinheiro escondido num lugar onde acho que ele não vai encontrar. Não vai durar muito, mas quem sabe dure o suficiente.

Minha cabeça está a mil.

– Tem alguma amiga que possa te ajudar? Amigas que ele talvez desconheça? Amigas do ensino médio, da faculdade ou…

– Por favor, para – pede ela com a voz aguda. – Você não parece estar entendendo o que estou tentando te dizer. O Douglas é muito perigoso. Você não pode subestimar esse homem. Se tentar me ajudar, não vai dar certo e… e você vai se arrepender. Confia em mim.

– Mas, Wendy…

– *Eu não consigo, tá bom?*

Ela baixa os olhos para a pulseira no pulso esquerdo; eu me lembro do quanto Douglas estava orgulhoso ao me mostrar a joia. Com uma expressão desvairada nos olhos, ela mexe no fecho até a pulseira escorregar do seu pulso fino.

– Odeio os presentes que ele me dá. – A amargura escorre de sua voz. – Mal consigo olhar pra eles, mas ele espera que eu use.

Ela embola a pulseira dentro do punho fechado, então estende a mão e segura a minha. Pressiona a pulseira na minha palma.

– Tira esse troço da minha frente. Não consigo mais nem olhar pra isso. Se ele perguntar, eu digo… digo que perdi.

Abro a mão para olhar a pequena pulseira. Fico imaginando se estaria manchada com o sangue dela.

– Wendy, eu não posso ficar com isso.

– Então joga fora – retruca ela. – Não quero mais isso dentro da minha casa. Principalmente depois do que ele mandou gravar.

Aproximo a pulseira do rosto para examinar a gravação. Leio as letras diminutas:

Para W, Minha para sempre, Com amor, D

– Dele para sempre – diz ela com amargura. – Propriedade dele.

O recado é inconfundível.

– Por favor, deixa eu te ajudar. – Seguro o pulso dela, esquecendo que talvez seja o que foi quebrado. Ela faz uma careta, e eu solto. – Faço o que for preciso. Não tenho medo do seu marido. A gente vai conseguir encontrar uma saída.

E então vejo nos olhos dela. Uma centelha de hesitação. De *esperança*. Dura apenas uma fração de segundo, mas está ali. Essa mulher está desesperada.

– Não – diz ela com firmeza. – E agora você precisa ir embora.

Antes de eu conseguir dizer mais alguma palavra, ela bate a porta na minha cara.

Wendy Garrick sente um terror absoluto pelo marido… e eu também tenho medo dele. Mas, depois de todos esses anos, aprendi a não me deixar controlar pelo medo. Enfrentei Xavier. Já enfrentei homens tão poderosos quanto Douglas. Pouco me importa o que Wendy diz. Eu consigo dar conta dele.

VINTE E QUATRO

Se eu ganhasse um centavo toda vez que um ciclista quase me atropela quando atravesso a rua, não precisaria trabalhar para a família Garrick. Quando estou atravessando para chegar ao prédio dos Garricks, um ciclista sem capacete e segurando um celular junto ao ouvido passa a milímetros de me mandar para o hospital. Por que será que são sempre os ciclistas de celular que também estão sem capacete? É tipo uma *regra*.

Logo antes de chegar na entrada do prédio, meu celular toca dentro da bolsa. Hesito, cogitando a possibilidade de deixar cair na caixa postal. Então reviro a bolsa e pego o aparelho. É Brock. Me sinto ainda mais tentada a ignorar. Não quero ter mais uma conversa sobre por que não posso ir morar com ele. Ou, como ele gosta de dizer, por que não *quero* ir morar com ele.

Por fim, dou um suspiro e aperto o botão verde do telefone para aceitar a ligação.

– Oi.

– Oi, Millie – diz ele. – Topa jantar hoje?

– Hoje devo sair tarde da casa dos Garricks – respondo, o que não é de todo mentira.

– Ah.

Fico imaginando quantos convites para jantar vou ter que recusar antes de ele parar de me convidar. E não quero isso. Gosto muito de Brock, apesar de talvez ainda não amá-lo. Não quero perdê-lo.

– Escuta – digo. – O Douglas vai passar uns dias fora a partir de amanhã, então eles não vão precisar que eu cozinhe. E se a gente jantar amanhã à noite?

– Tá bom. – A voz dele soa meio esquisita. – Quando formos jantar, acho que a gente também precisa ter uma conversa.

Deixo escapar um riso engasgado.

– Isso não está me cheirando bem.

– É que… – Ele pigarreia. – Millie, eu gosto muito de você. A gente só precisa conversar sobre a minha situação.

– Não tem nada de errado com a sua situação.

– Tem certeza?

Não sei o que responder. Mas ele tem razão. Brock e eu precisamos conversar. E quanto antes, melhor. Preciso abrir o jogo com ele em relação a tudo sobre o meu passado, e então ele vai poder decidir se quer ou não continuar o namoro. Gosto de pensar que ele é um cara bom o suficiente para não se assustar com uma década na prisão, mas não paro de imaginar a expressão no seu rosto quando eu contar. E não é uma expressão feliz.

– Tudo bem – concordo. – Vamos conversar.

– Você me encontra lá em casa às sete?

– Claro.

Há uma pausa do outro lado da linha, e quase fico com medo de ele dizer que me ama outra vez, mas, em vez disso, ele fala:

– A gente se vê amanhã.

Depois que desligamos, passo um instante olhando para a tela do meu celular. E se eu telefonasse de novo agora mesmo e contasse tudo? Arrancasse o band-aid e pronto. Aí não precisaria esperar e passar mais um dia andando por aí com essa sensação de dor na barriga.

Não, não consigo. Vai ter que ser amanhã.

Prossigo na direção do prédio com uma sensação de peso no fundo do estômago. O porteiro se adianta e segura a porta para mim, e, ao fazê-lo, me dá uma piscadela.

Isso me parece meio estranho. O cara tem no mínimo trinta anos a mais do que eu. Será que está tentando me cantar? Passo alguns segundos tentando me lembrar se já reparei nele piscando para mim antes, mas então tiro o assunto da cabeça. Um porteiro tarado é o menor dos meus problemas.

Quando as engrenagens do elevador se detêm no vigésimo andar e as portas se abrem para a cobertura, quase morro de susto. Em todas as vezes que vim aqui nos últimos meses, nunca tinha visto isso. E basta para me deixar de queixo caído.

Wendy está parada em frente à porta do elevador do apartamento: ela saiu do quarto. E está me encarando com seus grandes olhos verdes.

– A gente precisa conversar – declara ela.

VINTE E CINCO

Wendy me segura pelo braço e me puxa para o sofá. É forte para uma mulher tão magra. Por algum motivo, isso não me deixa tão espantada assim.

Eu me sento no sofá e ela se acomoda ao meu lado, alisando a camisola por cima dos joelhos ossudos. Os hematomas em seu rosto melhoraram, mas os olhos estão tão vermelhos quanto da última vez que a vi.

– Você disse que estava disposta a me ajudar – diz ela. – Estava falando sério?

– É claro que estava!

Seus lábios esboçam o mais débil dos sorrisos. Nesse instante me dou conta de que Wendy é muito bonita. Com o corpo maltratado e os hematomas, não tinha reparado antes.

– Eu segui seu conselho.

– Que conselho?

– Depois que você foi embora, pensei em me matar – conta ela.

Dou um arquejo.

– Não foi *esse* o conselho que eu te dei!

– Eu sei – responde ela depressa. – Mas é que tudo pareceu tão sem solução… Quando fiz o Douglas contratar você, foi como o meu último bote salva-vidas para sair dessa situação desesperadora. E, quando te mandei embora, a sensação que tive foi de que não havia possibilidade nenhuma de fugir dele algum dia. Então, fui até o banheiro e pensei em cortar os pulsos.

– Ah, Wendy, meu Deus…

– Mas não cortei. – Ela firma o maxilar. – Porque, pela primeira vez, não me senti totalmente sozinha. E me lembrei do que você tinha dito sobre pedir ajuda para alguém que o Douglas não conhecesse. Alguém do meu passado que ele nunca tenha encontrado. Foi aí que me lembrei da Fiona, minha antiga colega de faculdade. Ela era uma das minhas melhores amigas e tem séculos que a gente não se fala, e eu não tinha contato nenhum com ela pelas redes sociais.

Ergo as sobrancelhas para ela.

– Então você vai tentar encontrar essa Fiona?

– Já encontrei. – As faces habitualmente pálidas de Wendy ficam coradas. – Consegui o número dela ligando para outra amiga de faculdade… a quem pedi sigilo total, claro… e hoje de manhã Fiona e eu ficamos horas no telefone. Ela tem uma fazenda bem perto de Potsdam, no norte do estado de Nova York. Vive praticamente fora do radar, a não ser pelo telefone fixo. Contei tudo a ela sobre a minha situação, e ela me disse que eu poderia ficar com ela o tempo que precisasse.

Embora eu aplaudisse aquela iniciativa, não iria resolver o problema dela. Mesmo que Douglas não a encontrasse lá, ela não poderia ficar escondida para sempre no norte do estado. Nem sequer teria como arrumar um emprego sem qualquer tipo de documento de identidade ou número de previdência social. Era com isso que Enzo costumava ajudar. Com o tipo de recurso de que dispõe, Douglas vai encontrá-la num piscar de olhos se ela usar seu nome verdadeiro. Também aprendi, por experiência própria, que de nada adianta procurar a polícia em se tratando desses homens incrivelmente ricos e poderosos; eles sabem como molhar as mãos certas.

– Sei que isso não é uma solução permanente – reconhece ela. – Mas tudo bem se eu puder só passar um tempinho lá até resolver qual vai ser meu próximo passo. Quem sabe consigo arrumar um advogado que possa me ajudar com os trâmites legais enquanto eu estiver escondida dele. Ou quem sabe consigo encontrar alguém que me ajude a recomeçar do zero. – Ela inspira, trêmula. – O mais importante é que não vou mais estar com ele. E ele não vai conseguir chegar até mim.

– Que incrível, Wendy.

E estou sendo sincera, mesmo prestes a perder um trabalho muito bem remunerado. Guardei a tal pulseira que ela enfiou na minha mão outro dia, e

provavelmente conseguiria penhorar e pagar um mês de aluguel. Além do mais, tenho a sensação de que, depois da minha conversa com Brock amanhã, talvez a gente resolva morar juntos, afinal. (Ou terminar de vez. Ou uma coisa, ou outra.)

– Mas tem uma questão – ressalta Wendy. – Preciso da sua ajuda.

– Claro! O que você precisar.

– É meio difícil o que vou pedir – revela ela. – Mas vou te compensar.

– *Qualquer coisa*.

– Preciso de uma carona. – A mão dela está tremendo de leve quando ela puxa a gola da roupa. – Meu plano é, quando o Douglas viajar amanhã, aproveitar e ir embora. Ele vai estar do outro lado do país, então, mesmo se desconfiar que eu fugi, não vai poder fazer nada em relação a isso… pelo menos, não na hora.

– Tá bom…

– A Fiona disse que pode me buscar se eu conseguir chegar até Albany – afirma ela. – Ela não pode passar o dia inteiro fora da fazenda. Por isso, preciso de uma carona até Albany. Até alugaria um carro, mas aí teria que mostrar minha identidade e…

– Eu levo você – interrompo. – Alugo o carro no meu nome. Levo você até Albany… sem problemas.

– Obrigada, Millie. – Ela segura minhas mãos. – Prometo te pagar em dinheiro vivo. Você não sabe o quanto te agradeço por isso.

– Não precisa se preocupar com o dinheiro – respondo, embora me preocupe muito com dinheiro de forma geral. – Você precisa mais dele do que eu.

Wendy me envolve num abraço, e só então sinto quão frágil seu corpo realmente é. Se eu apertasse com um pouquinho mais de força, poderia esmagá-la.

Quando ela se afasta, está com os olhos molhados.

– Você precisa saber que se me ajudar vai se colocar em perigo.

– Eu sei disso.

– Não sabe, *não*. – Ela passa a língua pelos lábios levemente rachados. – O Douglas é um homem muito perigoso, e estou avisando: ele vai fazer o que for preciso para me encontrar e me trazer de volta. *O que for preciso*.

– Não estou com medo – digo a ela.

Mas, no fundo da mente, uma voz me diz que talvez eu *devesse* estar. Que

seria um erro grave subestimar Douglas Garrick.

VINTE E SEIS

Alugo um carro no dia seguinte.

Embora eu tenha dito que não precisava, Wendy me deu o valor da locação em dinheiro, mas vou usar meu cartão de crédito para alugar o carro. Não quero que essa locação tenha nenhum vínculo com ela.

É claro que existe uma chance razoável de Douglas Garrick desconfiar que tenho algo a ver com o sumiço de sua esposa. Mas eu nunca, jamais vou entregá-la. Mesmo se ele me torturar, o que sinceramente não acho que seria incapaz de fazer. Um homem que faz aquilo com o rosto da esposa é capaz de qualquer coisa.

– Olá, bem-vinda à Locadora Bom Passeio – entoa uma garota diante do balcão, e ela própria parece não ter idade suficiente para alugar um veículo. – Posso ajudar?

– Reservei um Ford Focus cinza – respondo. – Fiz a reserva pela internet.

A garota digita meus dados no computador enquanto tamborilo sobre o balcão. Ali, em pé diante do guichê, não tenho como evitar notar uma sensação de formigamento na nuca. Como se alguém estivesse me observando. Outra vez.

Eu me viro para trás. Como a fachada da locadora é envidraçada de alto a baixo, seria fácil alguém estar olhando aqui dentro. Quase espero ver um homem com o rosto encostado no vidro, me encarando. Mas não tem ninguém ali.

Um arrepio involuntário percorre meu corpo. De acordo com a Sra. Randall, Xavier Marin está preso. Sem direito a fiança, segundo ela me contou; e a própria

Sra. Randall o despejou do apartamento. Então por que continuo com a sensação de que alguém está me vigiando? E não é a primeira vez que isso acontece. Eu me senti assim pelo menos meia dúzia de vezes desde que Xavier foi para a cadeia.

A verdade é que não sei quem tem me observado esse tempo todo. E se for mesmo Douglas Garrick que vem me seguindo pela cidade? Não faz muito sentido, porque tenho essa sensação de ter olhos pousados em mim desde antes de começar a trabalhar para ele. Mas não posso descartar a possibilidade. Foi ele quem eu vi quando estava sentada naquele restaurante na calçada.

E se Douglas souber exatamente o que estamos planejando fazer? E se ele estiver por aí, *observando*?

– Estou com seu carro aqui – informa a garota. – É o Hyundai vermelho.

– Não – retruco, impaciente. – Eu reservei um Ford Focus cinza.

Permanecer no anonimato e não atrair atenção é fundamental. Aprendi isso com Enzo.

– Nem sei o que dizer pra senhora. Aqui está escrito Hyundai vermelho. No momento, não temos nenhum Ford Focus cinza disponível.

– É inacreditável. Eu faço uma reserva, e vocês nem têm o carro que eu reservei?

A atendente dá de ombros, impotente. E não é nem a primeira vez que isso me acontece. De que adianta fazer uma reserva se eles simplesmente alugam o carro que foi reservado?

– Eu não quero um carro vermelho – protesto, tensa. – Que tal um Hyundai cinza?

Ela faz que não com a cabeça.

– Estamos com poucos sedãs. Posso alugar para a senhora um Honda CRV.

Passo um instante pensando se um SUV chamaria mais atenção do que um sedã vermelho. Acabo aceitando o Hyundai. Na verdade, tudo que eu quero é sair daqui. O objetivo dessa viagem é tirar Wendy de Manhattan, mas não acho que seria tão ruim assim sair da cidade eu mesma.

VINTE E SETE

A viagem até nosso destino vai demorar cerca de cinco horas, já levando em conta os engarrafamentos. Ou pelo menos é isso que me diz meu GPS.

Nosso plano é encontrar um hotel barato na beira da estrada quando estivermos chegando perto de Albany. Vou deixar Wendy lá para passar a noite, e Fiona vai buscá-la na manhã seguinte. Ela está levando roupa suficiente para uns quinze dias e dinheiro para vários meses.

Douglas nunca vai encontrá-la.

Estaciono meu chamativo Hyundai a um quarteirão do edifício, assim o porteiro que vive piscando para mim não vai dar com a língua nos dentes e dizer a Douglas que a esposa dele embarcou num sedã vermelho junto com a faxineira. O carro é tão ridiculamente vermelho que pareço estar dirigindo a porcaria de uma viatura do corpo de bombeiros. Mas não há nada que eu possa fazer em relação a isso agora.

Enquanto estou no carro esperando Wendy se materializar, uma mensagem de Douglas chega no meu celular:

Você vem hoje à noite?

Douglas me pediu para fazer faxina enquanto ele estiver viajando. Eu aceitei, e não me espanta ele continuar a me monitorar e confirmar meu horário mesmo que vá estar fora da cidade. Isso me deixa meio aflita ao pensar que ele vai voltar

para casa e descobrir que a esposa sumiu. Mas, para tentar fingir que tudo está o mais normal possível, digito de volta:

Vou, sim.

É claro que não vou estar lá. Vou levar a esposa dele para um lugar seguro.

Apesar da minha irritação com a confusão na locadora e com o longo trajeto pela frente, tenho que sorrir para mim mesma. Wendy está finalmente largando Douglas. Era isso que eu costumava achar tão recompensador. E foi por isso que resolvi ser assistente social. O que eu quero é passar a vida ajudando as pessoas dessa forma.

No espelho retrovisor, vejo Wendy descendo a rua com duas malas. Ela prendeu os cabelos num rabo de cavalo simples, tem um par de óculos escuros escondendo os olhos e está usando um casaco de moletom com capuz e uma calça jeans confortável.

Desço do carro para ajudar a pôr sua bagagem no porta-malas. Ela está absolutamente radiante.

– Tinha me esquecido como uma calça jeans era confortável – comenta.

– Você não usa jeans?

– O Douglas detesta. – Ela torce o nariz. – É por isso que eu só trouxe calças jeans!

Dou risada enquanto jogo a bagagem dela no porta-malas. Entramos no carro, programo o GPS e partimos. Faz uns anos que não dirijo, e é bom estar ao volante outra vez. É claro que dirigir na cidade é superestressante, mas em breve estarei na estrada e a viagem vai fluir bem… pelo menos, até toparmos com o trânsito do horário de pico.

– Então Douglas não desconfiou de nada? – pergunto para Wendy.

Ela empurra os óculos de sol mais para cima do nariz arrebitado.

– Acho que não. Ele veio se despedir antes de sair, e fingi que estava dormindo na cama. – Ela baixa os olhos para o relógio. – E no momento deve estar embarcando num avião para Los Angeles.

– Ótimo.

Ela ergue os óculos escuros para me encarar.

– Você não comentou com ninguém sobre nada disso, né?

– De jeito nenhum. Com ninguém.

Ela parece aliviada.

– Mal posso esperar para sair daqui. Nem consegui dormir direito essa noite.

– Não se preocupe. Eu dirijo bem rápido. Antes de você perceber, já vamos estar no hotel.

Bem na hora em que estou dizendo isso, paro cantando pneus num sinal vermelho, evitando por um triz atropelar um pedestre que graciosamente me mostra o dedo do meio. Tá, precisamos chegar lá depressa, mas o mais importante é chegarmos lá inteiras.

Enquanto espero o sinal ficar verde, olho pelo retrovisor e não tenho como não notar um carro atrás de mim. É um sedã preto.

E está com a lanterna direita dianteira rachada.

Ou será a esquerda? Estico o pescoço para olhar para trás, porque sempre confundo direita e esquerda no espelho. Não, com toda a certeza é a lanterna dianteira *direita* que está rachada.

Estico mais um pouco o pescoço para olhar a grade dianteira, que tem um pequeno círculo no centro: o logotipo da Mazda. Sinto um peso na barriga. Um Mazda preto com a lanterna dianteira direita rachada. O mesmo carro que tenho visto várias vezes nos últimos meses.

Tento dar uma olhada na placa, mas, antes de conseguir identificar o que quer que seja, uma sinfonia de buzinas começa a soar atrás de mim. Tá, preciso andar logo antes de alguém sacar uma arma e me dar um tiro.

– Tudo bem com você? – Wendy tem a testa franzida acima dos óculos de sol. – O que houve?

Fico pensando no quanto devo lhe contar. Não há chance alguma de eu conseguir dar uma boa olhada na tal placa enquanto estiver dirigindo, mas, ao mesmo tempo, ela já está extremamente nervosa. Não quero fazê-la surtar ao contar que acho que alguém talvez esteja me seguindo.

Principalmente se esse alguém for o marido dela.

Não precisa ser Douglas. Apesar do que a Sra. Randall disse, é totalmente possível Xavier Marin ter saído da cadeia. E agora ele está me atormentando.

Só que não faz muito sentido. Estando ou não na cadeia, Xavier certamente deve ter os próprios problemas no momento. Não vai perder o tempo dele me seguindo até Manhattan, e com certeza não o trajeto todo até Albany.

No caminho até a estrada, tento ser criativa na direção. Continuo de olho no Mazda enquanto mudo de faixa, observando se ele vai fazer o mesmo. Isso nem sempre acontece, mas toda vez que olho no retrovisor, o carro está atrás de mim. E em determinado momento consigo identificar os três primeiros caracteres da placa: 58F.

Os mesmos do carro que vem me seguindo pela cidade.

– Millie! – exclama Wendy num arquejo quando quase acerto um SUV verde. – Vá mais devagar, por favor! Eu não quero sofrer um acidente.

– Desculpa – balbucio. – É que faz um tempinho que não dirijo.

Finalmente chegamos à FDR Drive, e mantenho um dos olhos no retrovisor. O Mazda preto passou o trajeto inteiro atrás de mim. E vai ser bem mais fácil para o carro continuar me seguindo quando eu estiver na rodovia. Como ainda não chegou o horário de pico, as faixas devem estar bem livres.

Mas isso significa também que posso ir o mais rápido que quiser e me esquivar dele.

Assim que entro na FDR, piso fundo no acelerador para fazer o carro disparar. *Vamos ver se esse Mazda velho consegue chegar a cento e trinta*. Mas então olho no retrovisor.

O Mazda sumiu. O carro não entrou na rodovia comigo.

Solto um suspiro, ao mesmo tempo de alívio e incompreensão. Tinha certeza de que o carro estava me seguindo. Teria apostado minha vida que sim. Mas, no fim das contas, tudo foi só uma coincidência. Ninguém está me seguindo.

Tudo vai ficar bem.

VINTE E OITO

– Vamos parar no McDonald's – sugere Wendy.

Ela está absurdamente animada com a perspectiva de comer fast food. Como os ultraprocessados respondem por cinquenta por cento da minha dieta, não fico tão animada quanto ela. Mas Douglas é muito rígido em relação ao que Wendy pode ou não comer, embora eu tenha medo de que ela esteja tão magra e em tamanha privação de alimentos gordurosos que, se comer uma única batata frita, isso talvez a mate.

Felizmente, uma placa aparece na beira da estrada com o logotipo do McDonald's em destaque. Então, pego a saída seguinte. Seria bom abastecer um pouco o tanque, de toda forma.

Entro no estacionamento da lanchonete e os olhos de Wendy começam a brilhar. Quando ela abre a porta, o cheiro de fritura invade minhas narinas. Estou prestes a saltar do carro atrás dela quando meu celular toca. Pego o telefone depressa e fico aflita quando o nome de Brock aparece na tela.

Ai, *não*… fiquei tão absorvida pelo resgate de Wendy que me esqueci de desmarcar nosso jantar. Como pude fazer isso com ele outra vez? Eu sou louca pelo Brock. Por que não paro de sabotar nosso namoro?

Às vezes fico pensando se estou fazendo isso de propósito. Para ele me dar um pé na bunda logo, antes de eu ter que lhe contar a verdade a meu respeito e de ele me dar um pé na bunda por um motivo que vai doer bem mais.

– Vai indo na frente – digo para Wendy, com a voz meio aguda. – Te

encontro lá dentro.

Não vai ser uma conversa rápida. Ou talvez seja uma conversa *bem* rápida.

Assim que Wendy salta do carro, eu atendo a ligação. Como não é de espantar, a voz do Brock soa quase enfurecida.

– Cadê você? Pensei que fosse chegar aqui às sete.

– Humm – respondo. – Tive que mudar os planos.

– Tá, então você vai chegar a que horas?

Queria poder dizer que estou logo na esquina, mas a realidade é que estou a horas de distância. E não existe nenhum jeito fácil de dizer isso a ele.

– Acho que não vou conseguir hoje.

– Por que não?

Meu maior desejo seria poder lhe contar. Seria um alívio compartilhar isso com alguém, mas Wendy me fez jurar segredo, e por um bom motivo.

– Tenho coisas pra fazer. Preciso estudar.

– Você tá falando sério? – Brock passou de quase enfurecido para literalmente irado. – Millie, a gente tinha um compromisso hoje. E você não só deixa de aparecer sem avisar como agora tá inventando uma desculpa esfarrapada de que precisa estudar?

Não sei por que essa não é uma desculpa válida. Eu poderia mesmo ter que estudar hoje!

– Brock, escuta…

– Não, escuta você – grunhe ele. – Eu tenho sido paciente, mas a minha paciência tem limite. Preciso saber o que você sente por mim e para onde essa relação está indo. Porque estou pronto pra uma coisa mais séria e gostaria de saber se estou perdendo meu tempo ou não.

Brock está absolutamente pronto para se casar. Sei que isso tem a ver em parte com seu problema no coração, e talvez outra parte só tenha a ver com aquele anseio indescritível por algo mais que tantas pessoas sentem aos 30 e poucos anos. Ele não está de brincadeira. Ou preciso levá-lo a sério, ou então liberá-lo. É a coisa certa a fazer.

– Você não tá perdendo seu tempo – murmuro ao telefone. – Juro. É que as coisas estão meio malucas pra mim, mas juro que gosto de você de verdade.

– Gosta mesmo? Porque às vezes não tenho certeza.

Eu sei que ele está me testando. E sei que tenho duas escolhas. Ou digo o que

ele quer escutar, ou termino o namoro.

E não quero terminar. Mesmo que não esteja sendo sincera em relação ao que vou dizer, Brock é um cara muito, muito legal. A vida que imaginei com ele é a que eu sempre quis. E não quero perdê-lo.

– Eu gosto de você, sim. – Inspiro fundo. – Eu… eu te amo.

Quase posso ouvir a raiva se esvaindo do meu namorado.

– Eu também te amo, Millie. De verdade.

– E a gente precisa mesmo conversar. – Preciso contar a ele tudo em relação a mim… e logo. Não posso mais prolongar isso. Tenho que colocar as cartas na mesa e me certificar de que, ainda assim, ele queira ficar comigo. – Assim que as coisas se acalmarem, tá bom? Semana que vem.

– Tá – responde Brock, porque tenho quase certeza de que ele iria concordar com qualquer coisa nesse momento. – E se você terminar de estudar, quem sabe a gente não janta amanhã? E depois você vem dormir aqui em casa.

Nós *sempre* dormimos na casa dele. Nem sei por que ele se deu ao trabalho de deixar uma muda de roupa e um frasco do remédio dele no meu apartamento. Mas é verdade que a casa do Brock é mais agradável e muito mais bem localizada.

– Claro.

– Eu te amo, Millie.

Ah. Pelo visto, agora vamos concluir nossas conversas desse jeito.

– Eu também te amo.

Encerro a ligação, mas continuo a não me sentir muito bem em relação à conversa. Ainda tenho namorado, mas por quanto tempo? Ele diz que me ama, mas às vezes tenho a sensação de que ele mal me conhece.

Talvez tudo fique bem. Quem sabe ele não descobre a verdade a meu respeito e continua a me amar? E ainda podemos ficar juntos, comprar a tal casa e enchê-la de crianças, juntos. Talvez a gente possa ter uma vida normal, perfeita.

Só que desconfio muito que isso nunca vá acontecer comigo. Nunca fui normal nem perfeita, e só houve um único homem na minha vida que entendeu isso.

VINTE E NOVE

Na melhor das hipóteses, a viagem teria levado de três a quatro horas. Com o trânsito, acabo passando quase cinco na estrada, mais meia hora por causa da parada no McDonald's; mas valeu a pena ver Wendy pôr para dentro um Quarterão com Queijo e uma batata frita média. Agora ainda preciso fazer a viagem de volta, mas já passa das nove e por isso as estradas devem pelo menos estar livres. Tenho certeza de que consigo fazer o trajeto em menos de três horas.

Quando chegamos perto de Albany, saio da rodovia numa parada que anuncia um hotel. Acaba que é exatamente o que estávamos procurando: um estabelecimento de aspecto barato com um letreiro piscante anunciando vagas. Como os quartos dão direto para o lado de fora, Wendy não vai ter que passar pela recepção para chegar ao dela. Entro no estacionamento ocupado com poucos carros.

– Bem – anuncio. – Aqui estamos nós.

– É…

Wendy e eu não conversamos muito durante a viagem e passamos quase o tempo todo ouvindo música. Nesse momento, seu olhar se enche de pânico.

– Millie, talvez isso seja um erro – diz ela.

– Não é. Sem dúvida você tá fazendo a coisa certa.

– Ele é mais inteligente do que eu. – Ela pressiona as mãos uma na outra. – O Douglas é um gênio e tem uma fortuna ao seu dispor. Ele vai me achar. Vai

procurar em cada hotel, e o cara da recepção provavelmente vai contar pra ele tudo sobre mim.

– Não vai, não – retruco com firmeza. – Porque sou eu quem vai reservar o quarto pra você, lembra? Ninguém vai te ver.

Wendy ainda parece à beira de um ataque de pânico, mas inspira fundo uma ou duas vezes e, por fim, assente.

– Tá bom, talvez você tenha razão.

Wendy me passa um pouco de dinheiro vivo que tira da bolsa, e salto do carro para ir até a recepção do hotel. O funcionário atrás do balcão tem 20 e poucos anos, barba espessa e um celular na mão direita, e não poderia estar menos animado por ter que trabalhar no turno da noite.

– Oi – cumprimento. – Gostaria de reservar um quarto, por favor.

Ele não levanta os olhos do celular.

– Documento com foto, por favor.

Eu estava preparada para esse pedido, motivo pelo qual não deixei Wendy fazer a reserva. Mas mesmo assim me sinto segura ao estender minha própria carteira de motorista. O documento não vai ser registrado no sistema, provavelmente só no disco rígido daquele computador. Não que Douglas necessariamente fosse procurar por mim, mas nunca se sabe. Se ele for tão inteligente quanto Wendy afirma, talvez acabe somando dois mais dois.

E, se for assim, talvez eu esteja correndo sério perigo.

Felizmente, o homem aceita o dinheiro sem discussão e não pede meu cartão de crédito. Eu teria sido obrigada a mostrar o cartão se ele tivesse pedido, mas pelo visto vamos conseguir fazer isso sem deixar um rastro digital.

– Quarto 207. – O homem tira uma chave de um painel atrás de si. Que hotel mais das antigas esse. – Fica nos fundos.

– Ótimo – respondo.

Ele pisca para mim.

– Eu sabia que era isso que a senhora queria.

Dou um grunhido interno. Sabia que não havia a menor chance de aquele cara não se lembrar de mim – uma mulher sozinha pedindo um quarto tarde da noite –, mas tomara que ele não dê muita importância a isso. Talvez pense que estou recebendo clientes no hotel. É esse o objetivo.

Volto para o carro com a chave do quarto. Wendy salta do banco do carona, e

noto que mudou de posição o boné que está usando de modo a cobrir parte do rosto. Imagino que em determinado momento de um futuro próximo ela provavelmente vá cortar e tingir os cabelos, decerto usando uma tesoura de cozinha e alguma tinta vagabunda comprada numa farmácia. Mas, por enquanto, o boné de beisebol vai servir.

– Obrigada mesmo por isso – diz Wendy com lágrimas nos olhos. – Você salvou minha vida, Millie.

– Era o mínimo que eu podia fazer.

Ela me encara.

– Acho que nós duas sabemos que isso não é verdade.

Eu a ajudo a tirar as malas do bagageiro, e por um instante ficamos simplesmente as duas paradas ali, no estacionamento deserto, nos encarando. Não tenho certeza se algum dia voltarei a ver Wendy. Tomara que não, porque, se voltar, isso significa que a missão fracassou.

– Obrigada – repete ela.

E, antes de eu me dar conta do que está acontecendo, ela já me deu um abraço. Mais uma vez, me impressiono com a aparente fragilidade do seu corpo. Torço para ela comer muito no McDonald's nos próximos anos.

– Boa sorte.

– Se cuida – pede ela com uma voz rouca. – *Por favor*, se cuida. O Douglas vai vir atrás de mim e não vai deixar pedra sobre pedra.

– Eu dou conta dele. Juro.

Wendy não parece acreditar de todo em mim, mas pega as malas no bagageiro do carro. Eu a observo caminhar em direção ao quarto 207, localizado bem nos fundos do hotel. Fico olhando até ela sumir de vista, então volto para o carro e dirijo de volta para casa.

TRINTA

É quase meia-noite quando chego na cidade.

Em forte contraste com o tráfego congestionado de quando partimos, as ruas estão desertas, e, mesmo quando demoro para passar num sinal verde, ninguém buzina para mim. Não há uma pessoa sequer nas ruas numa noite de quarta-feira.

A locadora Bom Passeio vai me cobrar uma diária extra se eu devolver o carro depois de virar o dia, então preciso chegar lá a tempo. Entro no estacionamento faltando cinco para a meia-noite. É melhor eles não criarem caso.

Atrás do guichê, há um rapaz com um aspecto tão alerta e entusiasmado quanto o do hotel, três horas antes. Largo as chaves do Hyundai em cima do balcão e as empurro na direção dele.

– Ainda não deu meia-noite – informo a ele. – Então foi uma diária só.

Eu me preparo para uma discussão, mas o rapaz se limita a dar de ombros e aceitar as chaves.

– Tá bom – responde ele.

Deixo escapar um bocejo. Estou dirigindo há quase oito horas seguidas, e então me dou conta do quanto estou cansada. Mal posso esperar para poder me enfiar na cama. Felizmente, não tenho aula no dia seguinte e posso dormir até mais tarde. E meu emprego de faxineira obviamente não existe mais.

Só que, no segundo em que boto o pé na rua, questiono se foi mesmo uma

boa ideia devolver o carro à meia-noite. Agora preciso voltar para o sul do Bronx, e sem carro. Embora esteja confiante de que consigo me proteger, ainda não tenho certeza se o metrô é uma boa ideia a essa hora. Talvez no fim de semana, mas, numa noite de quarta-feira, vai ser só eu e os assaltantes e estupradores.

Só que não tenho como pagar um Uber no momento. Nem emprego tenho mais.

Quando estou parada na esquina, no final do quarteirão da locadora, avaliando minhas alternativas, um par de faróis ilumina a rua. Viro a cabeça bem a tempo de ver um carro se aproximando de mim. Um sedã preto com o logotipo da Mazda na grade dianteira.

E a lanterna direita dianteira rachada.

Antes mesmo de conseguir ver direito a placa, já sei que é o mesmo carro que vem me seguindo nos últimos meses. O mesmo que estava atrás de mim hoje à tarde quando estava dando carona para Wendy. E agora ele me pegou sozinha. Numa esquina deserta. De madrugada.

O Mazda encosta no meio-fio. Mal consigo distinguir a silhueta de um homem no banco do motorista. O motor é desligado, mas ele deixa o farol aceso apontado para mim, forte o suficiente para eu ter que me virar.

E então a porta do carro se abre.

TRINTA E UM

Não vou me entregar sem briga.

Vasculho a bolsa desesperada em busca do meu spray de pimenta. Ainda sobrou um pouco depois da vez em que borrifei na cara de Xavier. Se for Douglas, não vou deixar ele tirar de mim nenhuma informação. E, se for Xavier, já o enfrentei uma vez, posso fazer de novo. Não tenho medo.

Mesmo assim, meu coração está batendo com bastante força quando o homem desce do carro.

Meus dedos fazem contato com a lata de spray. Eu a tiro da bolsa, com o dedo no borrifador.

– Não chega perto de mim! – sibilo para a sombra escura.

Lentamente, a sombra ergue as mãos no ar. Uma voz conhecida diz:

– Não atira, Millie.

Levo uma fração de segundo para reconhecer a voz. Na mesma hora, sou invadida por uma sensação de ternura, e um sorriso involuntário se abre no meu rosto. Baixo a lata de spray de pimenta e me jogo em cima do homem ainda parado com as mãos para o alto.

– Enzo! – grito enquanto o abraço. – Ai, meu Deus!

Ele me abraça de volta, e por alguns segundos não sinto nada a não ser pura alegria, aninhada no aconchego quente do meu ex-namorado. Sempre me sentia segura quando ele me enlaçava assim, e nem sequer tinha certeza de que algum dia voltaria a estar nos seus braços. E agora aqui está ele. Os ombros largos, os

cabelos escuros e fartos, os olhos penetrantes. E a coisa de que mais gosto nele: o sorriso, que me dá a sensação de que ele me acha a pessoa mais incrível que já conheceu.

– Millie – sussurra ele junto aos meus cabelos. – Estou tão feliz por ter voltado.

– Quando você voltou?

Ele hesita por um breve instante.

– Tem um pouco mais de três meses.

Se houvesse um disco tocando uma linda música de reencontro, esse seria o momento em que o disco teria sido interrompido com um arranhão. Eu me afasto de Enzo, de queixo caído.

– Três *meses*?

Sua expressão constrangida me diz tudo que preciso saber, e infelizmente tudo faz um terrível e perfeito sentido. Nos últimos meses, eu tinha a sensação de que alguém estava me seguindo… me observando. Coloquei a culpa em Xavier ou em Douglas, mas nenhum dos dois teve nada a ver com a história. Foi *Enzo* desde o início. Era *Enzo* o dono do Mazda preto com a lanterna dianteira rachada. Fiquei tão animada em revê-lo que ignorei o que estava bem diante da minha cara.

– Você estava me seguindo! – Dou-lhe um tapa no braço. – Não dá pra acreditar! Por que fazer uma coisa dessas?

– Seguindo, não.

Seu maxilar se retesa… meu Deus, eu tinha esquecido o quanto ele é gostoso. Chega a ser uma distração, e não posso me deixar distrair, porque estou uma fera com ele, e com toda a razão.

– Não é bem seguindo… – insiste. – Eu sou seu guarda-costas.

– Guarda-costas? – repito, cruzando os braços. – Que desculpa mais esfarrapada. Por que você simplesmente não veio falar comigo e disse oi em vez de passar três meses me seguindo?

– Porque… – Ele baixa os olhos muito, muito escuros. – Porque achei que você estivesse brava comigo por não ter voltado quando você queria.

– Certo. Eu fiquei brava *mesmo*. Perguntei quando você ia voltar, e você nem ao menos quis me responder.

– Mas, Millie, não dava. A minha mãe… Eu era tudo o que ela tinha, e ela

estava muito doente. Como eu podia abandoná-la?

– Abandonou agora – assinalo.

– Sim. – Ele franze o cenho. – Porque ela morreu.

Bom, agora me sinto uma baita de uma babaca.

– Eu sinto muito, Enzo, mesmo.

– Pois é – diz ele, depois de passar alguns segundos calado.

– Eu teria… – Engulo um pequeno nó que se formou na minha garganta. – Se você tivesse me contado, eu poderia ter ficado ao seu lado. Mas você só… me dispensou. Você sabe que foi assim.

– Eu *não podia* voltar. – Ele cerra os dentes. – Foi só isso que eu te disse. Eu nunca falei que não te amava mais. – Ele me lança um olhar. – Foi *você* quem quis terminar. Foi você quem começou a sair com esse tal de Brócolis.

– O nome dele é *Brock* – digo, revirando os olhos.

– Estou só dizendo que foi você quem quis partir pra outra. Eu não. Eu ainda… nunca deixei de te amar.

Dou uma bufada.

– Tá, tá bom. Você espera que eu acredite que não ficou com mulher nenhuma depois de mim.

– Não. Nenhuma outra mulher.

Seu olhar encontra o meu: ele está falando sério. Uma coisa que Enzo não faz é mentir. Pelo menos, não para mim. Mas, enfim, posso estar enganada. Também nunca passou pela minha cabeça que ele fosse capaz de me seguir.

– Você não devia ter me seguido desse jeito – observo num tom severo. – Fiquei com medo. Devia ter me avisado que tinha voltado.

– Pra você me mandar pastar? – Ele ergue as sobrancelhas pretas. – Enfim, como já falei, sou seu guarda-costas. Você precisa de um.

– Na verdade, não preciso, não. Sei me cuidar sozinha.

É a vez de Enzo bufar.

– É *mesmo*? Você mora naquele bairro horrível no sul do Bronx. Acha que não precisa que eu te proteja? Uma coisa te juro: teve pelo menos um dia em que você não teria conseguido ir do metrô até seu prédio se eu não estivesse atrás de você, sendo seu guarda-costas.

Todos os pelos da minha nuca se arrepiam. Será que ele está dizendo a

verdade? Será que o perigo estava à espreita nas sombras bem atrás de mim, e ele o derrotou antes mesmo de eu ficar sabendo?

– Como você disse, tenho namorado – murmuro. – E, se eu precisar, ele pode me proteger, muito obrigada.

– Igual te protegeu daquele Xavier Marin?

Ouvir o nome daquele homem na boca de Enzo é como um soco na cara.

– Como assim?

Mesmo no escuro, posso ver os punhos de Enzo se fechando.

– Aquele homem… ele te atacou. Não tive como fazer nada pra impedir porque foi dentro do seu prédio. E eles simplesmente *liberaram o cara*. E aquele seu Brócolis…

– Brock – repito, sentindo o rosto queimar.

– Desculpa, *Brock*. – A fúria permeia sua voz. – Ele não faz nada. *Nada*. Ele nem liga se o homem que atacou a namorada dele continua *solto por aí*. Sem castigo! Fez o que fez e se safou! Mas eu… eu me importo. – Ele dá um soco no próprio peito. – Então me certifiquei de fazer ele ter o castigo que merece, de fazer com que ele nunca mais te incomode.

Minha cabeça começa a rodar de repente. Eu me lembro de Xavier sendo levado embora do meu prédio, algemado e aos gritos, afirmando que as drogas que a polícia tinha encontrado não eram dele. A Sra. Randall disse que todo mundo tinha ficado surpreso ao saber que ele estava traficando.

– Foi *você* quem…

Ele ergue um dos ombros.

– Eu conheço um cara.

É por causa de Enzo que Xavier está preso. Se não fosse por ele, aquele homem ainda estaria à solta pelas ruas. Enzo tem razão… Brock não fez nada.

De repente, não tenho mais certeza do que pensar.

– Vem. – Ele faz um gesto com a mão em direção ao seu Mazda. – Te dou uma carona até em casa. Você vai pensando no caminho se me odeia ou não.

Justo.

Entro no carro ao lado de Enzo, que se acomoda no banco do motorista. O carro está com o cheiro dele. Fecho os olhos, perdida no passado. Por que ele teve que ir embora? Agora está tudo tão complicado. Ele pisou muito na bola. Não posso simplesmente perdoá-lo.

Ou será que posso?

– Então – diz ele quando começamos o trajeto rumo ao norte da cidade. – Pra onde você foi de carro com tanta pressa hoje?

Puxo um fio solto na calça jeans.

– Como se você não soubesse.

– Eu não sei tudo, Millie. – Ele olha na minha direção; seu rosto está parcialmente oculto pelas sombras. – Me conta.

Então eu conto.

TRINTA E DOIS

Conto tudo a ele. Falo sobre as agressões de Douglas e a fuga de Wendy nos mínimos detalhes.

Prometi a Wendy não contar para ninguém, mas Enzo não é qualquer pessoa. Ele entende. Ele e eu trabalhamos lado a lado para ajudar mulheres como Wendy. Se existe algum ser humano em todo o mundo em quem posso confiar para contar essa história, é ele.

Estamos quase na porta do meu prédio quando chego ao fim da história. Enzo não disse muita coisa. Se bem que isso é típico dele. Nunca conheci um ouvinte tão intenso. Muitas vezes, aprecio o fato de ele fazer com que eu me sinta tão ouvida. Mas, ao mesmo tempo, fico louca quando não consigo entender o que ele está pensando.

– Então é isso – concluo, após descrever como deixei Wendy no hotel e voltei de carro para a cidade. – Ela tá segura agora.

Enzo segue calado.

– Pode ser – comenta ele por fim.

– Pode ser, não. *Ela está*.

– Esse homem, Douglas Garrick – diz ele. – É um sujeito poderoso e perigoso. Não acho que vá ser tão fácil assim.

– Você só tá dizendo isso porque fiz sem a sua ajuda. Não acredita que eu seja capaz de fazer uma coisa dessas sem você.

Ele encosta na rua em frente ao meu prédio. Ela está inteiramente silenciosa e

escura, com exceção de um homem solitário na esquina fumando algo que provavelmente não é um cigarro. Quando olho para essa rua, posso ver por que Enzo se sentiu compelido a me proteger, embora eu continue sem achar que precise.

Ele se vira para me encarar nos olhos.

– Eu acredito que você é capaz de qualquer coisa – diz Enzo, baixinho. – Mas, Millie, só estou dizendo… cuidado.

– A Wendy é muito cuidadosa.

– Não. – Ele crava os olhos escuros nos meus. – É pra *você* tomar cuidado. Ela foi embora, mas você continua aqui.

Entendo o que ele está dizendo. Se Douglas desconfiar que participei do sumiço da esposa, pode tornar as coisas muito difíceis para mim. Mas estou preparada para ele. Já lidei com homens piores e consegui me safar.

– Vou tomar cuidado – asseguro a ele. – Não é mais responsabilidade sua se preocupar comigo. Por isso, não precisa mais me proteger.

– Quem vai te proteger, então? O Brócolis?

– Na verdade, não preciso que *nenhum* de vocês me proteja – digo, sentindo o rosto queimar. – Quando aquele desgraçado me atacou no meu prédio, eu soube me defender muito bem. Então, não se preocupe comigo. Se estiver preocupado com alguém, deveria ser com a segurança de Douglas Garrick… em relação a *mim*.

– Bom, isso também – concorda ele.

Passamos um instante nos encarando. Queria que ele não tivesse me deixado e voltado para a Itália. Se isso não tivesse acontecido, ele poderia ter me ajudado com Wendy. Poderia ter feito suas ressalvas antes, e levaríamos isso em conta. Poderia tê-la ajudado a conseguir uma identidade nova que lhe permitisse ter mais alternativas.

E eu voltaria para casa com ele hoje, não com Brócolis. Digo, *Brock*.

– É melhor eu ir andando.

– Tá bom. – Ele aquiesce devagar.

Solto o cinto de segurança, mas na verdade reluto em sair do carro.

– Você tem que parar de me seguir.

– Tá.

– Tô falando sério. – Eu o fuzilo com o olhar. – Estou namorando outra

pessoa agora. E você tá me *perseguindo*. É bizarro, além de desnecessário. Precisa parar com isso. Senão… senão vou ter que chamar a polícia.

– Eu já falei que tá bom. – Ele encosta a mão no peito. Está de camiseta por baixo da jaqueta, e infelizmente ainda consigo distinguir todos os seus músculos. – Te dou minha palavra. Acabou essa de te vigiar.

– Ótimo.

Não vou ter mais aquela sensação sinistra de que tem alguém me observando. Solucionei de uma vez por todas o mistério do Mazda preto com a lanterna rachada, e esse carro nunca mais vai me incomodar. Eu deveria estar aliviada, mas não. Pelo contrário, me sinto ainda mais incomodada. Eu tinha um anjo da guarda e nem sabia.

– Então tá… – Abro a porta do carona. – Acho que é isso… Tchau.

Faço menção de sair do carro, mas nessa hora a mão de Enzo se fecha ao redor do meu antebraço. Eu me viro para olhar para ele, e suas sobrancelhas escuras estão franzidas e unidas.

– Meu celular continua o mesmo – diz ele. – Se precisar de mim, liga. Eu vou até você.

Tento forçar um sorriso que não chega de todo a se materializar.

– Não vou precisar de você. Você deveria… sei lá, arrumar outra namorada. Tô falando sério.

Ele solta meu braço, mas seus lábios continuam contraídos.

– Liga. Vou ficar esperando.

É enlouquecedor o quanto ele parece ter certeza de que vou ligar. Se tem uma coisa que ele deveria saber a meu respeito é que sou capaz de me cuidar sozinha. Às vezes, um pouco bem *demais*.

Porém, quando estou subindo a escada até o terceiro andar do meu prédio, uma sensação terrível começa a brotar no fundo do meu estômago. E se Enzo tiver razão? E se eu estiver subestimando Douglas Garrick? Afinal, com base em tudo que vi, ele é de fato um homem horroroso. E ainda por cima é incrivelmente rico.

Não pode ser tão fácil para Wendy escapar dele, pode? Quando Enzo e eu ajudávamos mulheres a fugirem dos parceiros abusivos, planejávamos tudo de maneira bem meticulosa, e mesmo assim às vezes éramos descobertos. Tenho a sensação de que Douglas é mais inteligente do que muitos dos outros homens

com quem lidamos. Mesmo sabendo que não era ele me seguindo no tal carro, ele talvez tenha outras formas de acompanhar os passos da esposa.

E se ele soubesse exatamente o que estávamos planejando hoje à noite?

Esse pensamento me atinge como uma tonelada de tijolos bem na hora em que chego ao terceiro andar. Assim como a rua, ele está totalmente silencioso. E, mesmo Enzo ainda estando lá fora – ainda que eu o tenha feito prometer não ficar –, ele não pode me ajudar aqui dentro.

Encaro a porta fechada do meu apartamento. Do lado de dentro tem um trinco, mas não posso passá-lo quando saio e fico o dia fora. A fechadura da porta é quase ridícula de tão fácil de arrombar. Até eu provavelmente conseguiria. Só que nunca me incomodei com isso porque não tenho nada que valha a pena roubar.

Se alguém quisesse entrar na minha casa, seria muito fácil.

A chave da minha porta está na minha mão direita, mas hesito antes de enfiá-la na fechadura. E se Douglas estiver de fato um passo à minha frente? E se ele estiver à espera dentro do meu apartamento, pronto para me convencer a revelar o paradeiro de Wendy usando quaisquer meios que forem necessários?

Onde quer que Enzo esteja, não deve ser muito longe. Tenho o número dele salvo no meu celular; nunca cheguei a apagá-lo. Poderia ligar e pedir para ele entrar no apartamento comigo, só para garantir.

É claro que, depois do discurso que fiz sobre não precisar dele, isso significaria engolir meu orgulho. Mas já fiz isso bastante na vida. O que é uma vezinha a mais?

Seguro as chaves com força na mão fechada. Preciso tomar uma decisão.

Afasto minhas dúvidas insistentes e enfio a chave na fechadura. Sinto o coração martelar dentro do peito ao girá-la, mas empurro a porta e abro.

Por um segundo, quase penso que algo vai pular em cima de mim. Amaldiçoo a mim mesma por não estar com meu spray de pimenta a postos. Porém, quando entro em casa, está tudo em silêncio. Não há ninguém à minha espera. Ninguém pula em cima de mim. Não tem absolutamente ninguém aqui dentro.

– Olá? – chamo, como se o intruso estivesse sentado, esperando ser adequadamente cumprimentado.

Ninguém responde. Estou sozinha no apartamento. Talvez Douglas consiga

ligar os pontos, mas isso ainda não aconteceu.

Então fecho a porta e passo o trinco.

TRINTA E TRÊS

– Sabia que abriu uma vaga de recepcionista de meio período no meu escritório? – pergunta Brock enquanto enfia na boca uma garfada de *pad thai.* – Interessa?

Estamos os dois jantando no apartamento dele, na sua minúscula sala de jantar. Os Garricks têm uma sala de jantar de verdade, mas a maioria dos apartamentos nova-iorquinos tem apenas uma área mínima anexa à sala de estar, mobiliada com uma mesa que pode ser estendida manualmente para acomodar mais de quatro pessoas. E o apartamento de Brock é considerado *grande* pelos padrões de Manhattan. Num apartamento *pequeno,* não haveria área de jantar nenhuma, e cozinha, sala, quarto e banheiro ficariam todos no mesmo cômodo, como onde eu moro.

Ele teria como bancar coisa melhor se quisesse. Os pais dele são ricos – não podres de ricos como Douglas Garrick, mas com certeza de classe alta –, porém, por mais que tentem lhe oferecer, ele não quer pegar nada do dinheiro deles. *Meus pais me ensinaram a pescar*, Brock gosta de dizer. Ele sente que já basta eles terem pagado seu curso básico universitário numa faculdade da Ivy League e seus estudos de direito, e acha que agora cabe a ele ganhar a própria vida, ou seja, pescar.

Respeito isso nele. Brock é mesmo um cara superbacana. Honesto, compreensivo e me ama de verdade. Nem me pressionou para marcar outra data específica para ter A Conversa, embora agora eu tenha a sensação de que poderia apenas adiá-la indefinidamente, mesmo sabendo que não deveria.

Misturo um pouco mais do meu curry com o arroz. Adoro a comida desse restaurante porque os curries são sempre superapimentados.

– Trabalho de secretária, é?

Brock assente.

– Você tá procurando, não?

Faz três dias que fui deixar Wendy em Albany. Disse a Brock alguma coisa sobre eles não precisarem mais dos meus serviços, e ele não teve motivo para desconfiar que nada mais estivesse acontecendo. Douglas Garrick deve voltar da viagem a trabalho amanhã, e quando penso nisso uma náusea me invade. Mas continuo acreditando que vai dar tudo certo.

Seja como for, preciso encontrar um jeito de sair do trabalho de faxineira. Talvez na semana que vem eu envie uma mensagem para Douglas dizendo que minha agenda lotou e que não posso mais trabalhar para ele. Isso vai me deixar desesperadamente desempregada, e a perspectiva de ter um trabalho com expediente regular e *ai, meu Deus, direitos trabalhistas* é incrível.

– Parece ótimo – respondo. – Mas será que um emprego de recepcionista daria certo com meus horários de aula?

– Como eu disse, é meio período – observa ele. – Na verdade, eles estão torcendo para achar alguém que tope trabalhar nos fins de semana, então seria perfeito pra você.

Seria mesmo. Absolutamente perfeito. E Brock me disse que todo mundo no escritório dele ganha bem. Aí eu não precisaria mais suportar ficar trabalhando para todos esses casais neuróticos de Manhattan.

É claro que, se o escritório de Brock for considerar a minha contratação, eles vão fazer uma verificação de antecedentes. E, quando descobrirem sobre o meu passado, ele também vai descobrir. Posso imaginar direitinho alguém do escritório gozando da cara dele por isso. *Aí, Brock, fiquei sabendo que a sua namorada tem ficha suja.*

Posso quase imaginar a reação dele. O sorriso de Brock, em geral tão fácil, desaparecendo de seu rosto. *Como é que é? Do que você tá falando?* E depois a conversa quando ele chegasse em casa do trabalho… ai, meu Deus…

Isso está ficando uma loucura. Já escondi tudo dele por tempo suficiente. E se falei para Enzo que esse cara é O Cara, isso significa que para mim nosso namoro é sério. Significa ser totalmente honesta.

– Além disso – lembra Brock –, meus pais estão vindo para um casamento no mês que vem. E eu… – Ele abre um sorriso torto. – Eu gostaria que a gente jantasse todo mundo junto.

– Com os seus pais? – pergunto e engulo em seco.

– Quero que eles conheçam você. – Ele estende a mão sobre a mesa de jantar diminuta e a coloca por cima da minha. – Quero que eles conheçam a mulher que eu amo.

Se existisse uma competição de "eu te amo", Brock estaria me dando uma surra de dez a um.

Isso está fugindo do controle. Não posso mais adiar A Conversa. Preciso contar tudo para ele. Agora.

– Brock. – Pouso meu garfo. – Preciso falar com você sobre uma coisa.

Ele ergue uma sobrancelha.

– Ah, é?

– É…

– Não parece coisa boa.

– Não, é que…

Tento engolir a saliva, mas minha garganta está seca demais. Estendo a mão para pegar o copo, mas tomei toda a minha água enquanto estava comendo meu curry apimentado.

– Deixa eu pegar um pouco mais de água.

Brock me encara enquanto pego meu copo e vou com pressa até a cozinha. Enfio o copo debaixo do filtro, desejando que a água saísse um pouco mais devagar. Enquanto encho o copo, meu celular vibra dentro do bolso. Alguém está me ligando.

O nome de Wendy aparece na minha tela. Anotei o número dela caso algo desse errado em nosso plano de fuga e ela precisasse que eu interviesse. Mas ela deixou o celular na cobertura quando foi embora. Então, por que está ligando agora?

Atendo, baixando a voz para Brock não escutar. Tenho certeza de que ele não aprovaria nada disso, e é especialmente importante não dizer nenhuma palavra a ele, já que pelo visto ele conhece Douglas Garrick e o considera um cara legal.

– Wendy – sussurro. – O que tá acontecendo?

Durante alguns segundos, há apenas silêncio do outro lado da linha. Então

escuto débeis soluços.

– Eu voltei. Ele me trouxe de volta.

– Ai, meu Deus…

– Millie. – A voz dela falha. – Você pode vir aqui, por favor?

O apartamento de Brock fica a apenas quinze minutos a pé da cobertura. Eu poderia chegar lá em vinte. Mas como fazer isso? Acabei de dar início a uma conversa séria com meu namorado que provavelmente vai durar o resto da noite.

Só que ele não precisa tanto de mim quanto Wendy.

– Chego daqui a pouco – prometo a ela.

Deixo meu copo d'água na cozinha e marcho de volta até a sala de jantar. Brock mal parece ter tocado no seu *pad thai* desde que saí para a cozinha.

– Então? – pergunta ele.

– Escuta, surgiu uma emergência. Eu… eu preciso ir embora.

– *Agora?*

– Sinto muito. Amanhã à noite a gente conversa… prometo.

O lábio inferior de Brock se projeta para a frente.

– Millie…

– *Prometo*. – Eu o encaro com um olhar de súplica. – E eu… adoraria conhecer seus pais. Acho que vai ser ótimo.

Essa última afirmação parece acalmá-lo.

– Sei que você tá nervosa por conhecer meus pais – diz ele. – Mas você vai adorar minha mãe. Ela também é do Brooklyn. Estudou no Brooklyn College e tem o mesmo sotaque que o seu.

– Eu não tenho sotaque!

– Tem, sim. – Ele sorri para mim. – Bem leve. É uma graça.

– Tá, tá bom…

Ele se levanta da mesa e estende a mão para mim. Mesmo que esteja me coçando para ir correndo até a cobertura, deixo que me abrace.

– Só quero que saiba que, seja qual for a coisa terrível que precisa me contar em relação a si mesma, tudo bem – assegura ele. – Não importa o que aconteça, eu te amo.

Encaro seus olhos azuis e posso ver que ele está sendo sincero.

– Em breve a gente conversa – prometo. – E eu… eu também te amo.

A cada vez que digo, vai ficando mais fácil.

Ele me dá um beijo demorado na boca, e por um instante realmente desejo não precisar sair. Só que não tenho escolha.

TRINTA E QUATRO

As engrenagens do elevador estão rangendo mais do que de costume.

Fico pensando qual será a idade desse elevador. Li em algum lugar que os elevadores foram usados pela primeira vez em residências no final dos anos 1920. Então, mesmo que este esteja entre os primeiros elevadores da história, ele ainda tem menos de um século de idade. O que é tranquilizador… ou não?

Mesmo assim, um dia desses tenho certeza de que todas essas velhas engrenagens vão simplesmente enferrujar no meio de um giro, e vou ficar presa dentro desse elevador pelo resto da vida.

Baixo os olhos para meu relógio de pulso. Vai fazer vinte minutos que Wendy me ligou. Tentei ligar de volta para avisar que estava a caminho, mas ela não atendeu. Tenho medo do que vou encontrar quando subir até o vigésimo andar.

Meu Deus, é o elevador mais lento do mundo.

Finalmente o elevador para com um rangido e as portas se abrem. O sol já desapareceu no horizonte, e o apartamento está às escuras. Por que ninguém acendeu as luzes? O que está acontecendo aqui?

– Olá? – chamo.

E então um pensamento terrível me ocorre.

E se Douglas estiver aqui? E se ele tiver forçado Wendy a ligar para mim e me pedir para vir até aqui de modo a me punir por tê-la ajudado? Parece bem o tipo de coisa da qual ele seria capaz.

Tateio o interior da bolsa à procura do meu spray de pimenta. Eu o localizo

ao lado do meu pó compacto e o tiro da bolsa, segurando-o com força na mão direita.

– Wendy? – pergunto com a voz aguda.

Levo a mão esquerda ao bolso da calça jeans onde guardei o celular. Não quero chamar a polícia, mas ao mesmo tempo tenho uma sensação horrível em relação ao que vou encontrar na cobertura.

Entro na sala. Meus passos batendo no piso soam altos como tiros dentro do apartamento silencioso e vazio. Meu coração para quando vejo a mancha vermelha no carpete. E, em seguida, o corpo estirado sobre o sofá de canto.

– Wendy! – exclamo.

É bem pior do que eu imaginava. Douglas não está à procura da esposa ou querendo se vingar. Ele já a encontrou, e agora ela jaz morta no sofá. Corro até ela, esperando encontrar uma ferida aberta a faca no peito e o vermelho manchando a frente do vestido azul-escuro. Só que não vejo nada disso.

E então ela abre os olhos.

– Wendy!

Sinto que estou prestes a cair dura por conta de um ataque cardíaco. Queria ter trazido comigo um dos comprimidos de Brock, porque meu coração começou a bater num ritmo doido e irregular.

– Meu Deus! – exclamo. – Achei que você estivesse…

– Morta?

Ela se senta no sofá, e é então que me dou conta de que o vermelho no chão é vinho tinto derramado de uma taça virada na mesa de centro; Douglas vai enlouquecer se eu não limpar isso. Ela dá uma risada amarga.

– Ah, quem me dera – diz ela.

De tão concentrada que estava examinando o corpo dela em busca de ferimentos ou sangue, eu não tinha reparado no hematoma recente que marca sua bochecha esquerda, no mesmo lugar em que o último já tinha quase sumido. A visão me provoca uma careta; mas consigo imaginar o que terá causado uma coisa assim.

– O seu rosto – falo, dando um suspiro.

– Não é o pior. – Wendy se senta no sofá, então se retrai e leva a mão à caixa torácica. – Ele com certeza quebrou minhas costelas.

– Você precisa ir para o hospital!

– Sem chance. – Ela me lança um olhar. – Mas uma bolsa de gelo cairia bem.

Vou correndo até a cozinha e encontro uma bolsa de gelo dentro do congelador. Eu a enrolo num pano de prato e a levo até Wendy. Ela pega o gelo, agradecida, passa alguns segundos pensando no melhor lugar para colocá-lo, então finalmente o encosta no próprio peito.

– Ele estava me esperando – conta ela com uma voz que mal passa de um sussurro. – Quando cheguei na fazenda da Fiona em Potsdam, ele já estava lá. Ele *sabia*.

Balanço a cabeça. Não entendo como isso aconteceu. Eu já esperava que ele fosse acabar encontrando Wendy, mas tão rápido assim?

– Não sei como ele me encontrou tão depressa. – Ela fecha os olhos como que para tentar afastar uma dor de cabeça. – Achei que houvesse uma chance de ele acabar me encontrando, mas não tão rápido. Pensei que eu tivesse mais tempo…

– Eu sei…

– Millie. – Ela muda de posição, fazendo a bolsa de gelo escorregar do lugar por um instante. – Você contou pra alguém pra onde a gente estava indo?

– De jeito nenhum!

Bom, não é totalmente verdade. Contei para uma pessoa, sim. Para Enzo.

Mas ter contado para Enzo e para ninguém é a mesma coisa. Enzo jamais diria uma palavra sobre algo assim. Inclusive, ele poderia até tentar protegê-la.

– Fui burra por pensar que algum dia fosse conseguir fugir dele. – Ela ajeita a bolsa de gelo. – A minha vida é isso. É mais fácil se eu só… aceitar.

– Você não deveria aceitar. – Estendo a mão e aperto a dela. – Wendy, eu vou te ajudar. Você não precisa passar o resto da vida aguentando o que ele faz.

– Eu sei que a sua intenção é boa…

– Não – respondo, e meu maxilar se retesa. – Escuta o que eu tô dizendo. Vou te ajudar. Juro.

Wendy não diz nada. Ela não acredita mais em mim. Mas vou dar um jeito de consertar as coisas.

Não vou deixar Douglas Garrick se safar depois de machucá-la desse jeito.

TRINTA E CINCO

Continuo trabalhando para a família Garrick.

Não pude revelar para Brock o verdadeiro motivo para continuar com eles e recusar a entrevista no seu escritório, só disse que eles concluíram no fim das contas que precisavam de mim. Ele não fez mais nenhuma pergunta, mas isso aconteceu principalmente porque eu o venho evitando.

Na próxima vez que o vir, vou ter que abrir o jogo sobre o meu passado. Está na hora. O que não quer dizer que eu não esteja apreensiva em relação a isso, de modo que tenho estado convenientemente "ocupada" nos últimos dias. Mesmo tendo lhe prometido explicar tudo "em breve", o momento certo mesmo nunca aparece. Talvez nunca vá aparecer.

Mas preciso contar. Pelo amor de Deus, ele precisa saber a verdade antes de me apresentar para os pais.

Na noite de hoje, estou preparando o jantar dos Garricks. Coloquei filés de frango para assar no forno, e no fogão estou cozinhando batatas, que depois vou passar no processador para fazer um purê perfeitamente liso, do jeito que Douglas gosta. Teria me sentido tentada a cuspir na comida se não soubesse que Wendy também vai comer.

Enquanto estou verificando o forno, Wendy espia para dentro da cozinha. Seu rosto está bem melhor, e ela não se retrai mais quando caminha, então imagino que esteja se recuperando.

– O jantar está quase pronto – aviso.

Ela se detém por alguns segundos na soleira da porta da cozinha. Por fim, diz:

– Millie, preciso conversar com você um instante. Pode vir aqui na sala?

Não deve ter problema deixar a comida por uns minutos, então na mesma hora sigo Wendy até a sala e depois na direção da escrivaninha no canto do cômodo. O rosto dela tem uma expressão esquisita, e sinto uma pontada de preocupação. Dias atrás, prometi que daria um jeito de tirá-la de sua situação, e ainda não cumpri essa promessa. Mas *vou cumprir*.

Só estou tentando pensar num jeito de fazer isso sem envolver Enzo.

– Descobri uma coisa outro dia na estante do Douglas – diz ela. – Algo que eu gostaria que você visse.

Vou atrás dela com um misto de curiosidade e apreensão enquanto ela sobe mancando a escada de uma estante no corredor. Ela tira da prateleira o que parece ser um dicionário e o coloca em outra prateleira vazia. Abre o livro, e é então que me dou conta de que o dicionário foi completamente esvaziado.

E lá dentro está um revólver.

Tapo a boca com uma das mãos.

– Ai, meu Deus. Isso é do Douglas?

Ela assente.

– Eu sabia que ele tinha uma arma em algum lugar da casa, mas nunca tinha descoberto onde a guardava.

– Nem trancar ele tranca?

– Acho que ele deve querer ter a arma sempre à mão se precisar.

Wendy retira o revólver de dentro do livro oco e o segura como alguém que nunca pegou numa arma de fogo antes.

– Isso aqui seria uma saída.

– Não. *Não*. – Sufoco uma onda de pânico dentro do peito. – Confia em mim: por mais desesperada que esteja, você *não* quer fazer isso.

Não tenho muita experiência com armas, mas tenho muita com atitudes drásticas por desespero. E eu nunca, *nunca mais* vou seguir esse caminho. E Wendy tampouco deveria.

Só que ela não está escutando. Segura o revólver com as duas mãos e o aponta para o outro lado da sala. Não está com o dedo no gatilho, mas sua intenção é evidente.

– Por favor, não faz isso – imploro.

– E está carregado – diz ela. – Eu pesquisei como verificar. Tem cinco balas aqui dentro.

Não consigo parar de balançar a cabeça.

– Wendy, você não vai querer fazer isso. Eu te garanto.

Ela se vira e olha para mim, a bochecha esquerda ainda com a mancha roxa por causa do soco do marido, mesmo que já meio amarelada.

– Que alternativa eu tenho?

– Você quer passar o resto da vida na cadeia?

– Eu já estou presa.

– Escuta aqui – digo, e com a maior delicadeza possível, pego o revólver da mão dela e torno a pousá-lo na escrivaninha. – Você não quer fazer isso. Tem outro jeito.

– Eu não acredito mais em você.

Imagino Wendy apontando o revólver para a cara do Douglas. Com o modo como ela estava segurando a arma agora há pouco e o tanto que estava tremendo, ela provavelmente erraria o tiro, mesmo à queima-roupa.

– Você tem alguma ideia de como disparar esse troço?

Ela dá de ombros.

– Você aponta para o que quiser matar, daí puxa o gatilho. Não é muito complicado.

– É um pouco mais complicado do que isso.

Seus olhos se arregalam.

– *Você* já disparou uma arma, Millie?

Hesito por um tempo um tanto longo demais. Sim, tenho um pouco de experiência com armas. Enzo estava convencido de que era uma habilidade boa de se ter, então fomos ao estande de tiro algumas vezes. Fizemos um curso de segurança com armas de fogo e tiramos certificados. Mas nunca atirei a não ser no estande. Não chego a ser nenhuma especialista.

– Mais ou menos.

Ela me lança um olhar cheio de significado.

– Millie…

– Não. – Pego o revólver e torno a guardá-lo dentro do dicionário falso. Fecho o livro com um estalo. – Isso não vai acontecer.

– Mas…

O que quer que Wendy estivesse prestes a dizer é interrompido pelo barulho das portas do elevador rangendo ao se abrirem. Pego depressa o dicionário e torno a enfiá-lo na estante onde o encontrei, enquanto Wendy volta para o quarto numa velocidade espantosa. Corro para descer a escada de modo que Douglas não perceba o que estou fazendo.

Ele entra na sala, e parece um pouco surpreso ao me ver descendo a escada. Suas grossas sobrancelhas pretas se erguem.

– Achei que você fosse estar preparando o jantar, não?

– E estou – garanto a ele. – Já está no forno.

– Entendi… – Seus olhos afundados nas órbitas estudam meu rosto com cuidado suficiente para me deixar inquieta. – O que tem para jantar, então?

– Peito de frango assado, purê de batata e cenoura caramelizada – respondo, embora o cardápio do dia tenha sido meticulosamente organizado pelo próprio Douglas.

Ele passa um instante refletindo.

– Não põe nenhum purê no prato da minha mulher. Ela não digere batatas muito bem.

– Tá bom…

– E coloca só meia porção do frango pra ela – acrescenta ele. – Ela não tem passado muito bem, e duvido que vá conseguir comer muito.

Enquanto escorro as batatas que Wendy não poderá comer, finalmente entendo por que ela é tão dolorosamente magra. É Douglas quem leva comida para ela todas as noites. E ele controla cada pedaço que entra na boca da esposa.

Além de todo o resto, ele a faz passar fome de forma sistemática. É mais uma forma de controlá-la, de mantê-la fraca e de minar sua energia.

Wendy tem razão. Isso precisa acabar.

Pelo lado bom, porém, agora posso cuspir tranquilamente no purê de batata.

TRINTA E SEIS

Quando me enfio na cama, ainda estou pensando naquele revólver escondido dentro do dicionário.

A expressão no rosto de Wendy quando ela me mostrou a arma foi inconfundível. Ela está falando sério. Chegou a tal ponto de desespero que está pensando consigo mesma: *Ou ele, ou eu*. E esse é um lugar ruim para se estar. É aí que você começa a cometer erros bestas.

Vou precisar ligar para Enzo antes do esperado. Ele vai poder ajudar Wendy melhor do que eu. Só que não posso fazer isso agora. É quase meia-noite, e se ele me vir telefonando a essa hora, com certeza vai achar que estou querendo ficar com ele. Não quero que ele entenda mal as coisas.

Embora haja também uma pequena parte de mim que não parou de pensar nele desde aquela noite em que fui a Albany.

Ainda estou brava com ele por ter sumido, mas não posso negar a alegria que senti quando ele saltou daquele carro. É então que me dou conta de que nunca senti isso por Brock, e não sei se algum dia vou sentir.

Mas isso não é justo com Brock. Meu namorado tem muitas qualidades. Acima de tudo, ele é um cara confiável, que jamais me abandonaria num momento de necessidade. Disso tenho certeza.

Por outro lado, não consegui lhe contar nada do que está acontecendo com Wendy. A reação dele seria chamar a polícia na hora e não se envolver. Um pensamento típico de advogado.

Como se as suas orelhas tivessem ficado quentes do outro lado da cidade, uma mensagem de texto dele aparece no meu celular:

Te amo.

Cerro os dentes. Ai, meu Deus, quantas vezes o cara precisa dizer que me ama? Ele está esperando eu responder dizendo o mesmo, mas neste momento simplesmente não consigo me forçar a fazer isso. Esses "eu te amo" estão me mantendo refém. Então, em vez disso, faço uma selfie jogando um beijo e respondo com a foto. É meio como dizer eu te amo, não? Ele escreve de volta na mesma hora.

Linda. Queria estar aí.

Meu Deus do céu, será que literalmente tudo que ele diz precisa fazer eu me sentir de alguma forma culpada por não ter ido morar com ele?

Frustrada, jogo o celular de lado. Estou indo escovar os dentes quando o aparelho toca. Deve ser Brock, levando em conta que não respondi à sua mensagem. Ele provavelmente vai pedir para vir para cá. E vou ter que lhe dizer com todo o jeitinho que não.

Só que, quando olho a tela do meu celular, não é Brock quem está ligando. É *Douglas.*

Por que *Douglas* está me ligando à meia-noite?

Passo um minuto encarando o celular, com o coração aos pulos. Não há nenhum bom motivo para meu patrão me ligar à meia-noite. Eu me sinto tentada a deixar cair na caixa postal, mas em vez disso passo o dedo na tela para atender.

– Millie. – A voz dele soa levemente tensa. – Eu não te acordei, acordei?

– Não…

– Que bom – responde ele. – Desculpa ligar tão tarde, mas achei melhor te avisar logo. Depois dessa semana, não vamos mais precisar dos seus serviços.

– Você… tá me demitindo?

– Bom, não demitindo, exatamente – diz ele. – Estou dispensando você, para

ser mais preciso. A Wendy parece estar se sentindo melhor e ela gostaria de voltar a ter um pouco de privacidade dentro da nossa casa.

– Ah…

– Não que você não tenha feito um serviço adequado.

Nossa, valeu, penso.

– É que um casal precisa de privacidade – continua ele. – Você entende o que estou dizendo?

Estou entendendo perfeitamente. Ele não quer que eu fale com Wendy nem tente ajudá-la.

– Você entende, não entende, Millie? – insiste ele.

– Claro – respondo entredentes. – Entendo sim, claro.

– Ótimo. – Seu tom fica mais leve. – E só pra agradecer por tudo que você fez pela gente, quero te dar dois convites para um jogo dos Mets. Você gostaria, não?

– Gostaria… – respondo devagar. – Eu adoro os Mets, sim…

– Ótimo! Então combinado.

– "Ahã".

– Boa noite, Millie. Durma bem.

Quando desligo o telefone, continuo com uma sensação esquisita. Alguma coisa estava me incomodando na conversa… algo que não consigo identificar por completo. Torno a me sentar na cama, e é então que baixo os olhos para a camiseta extragrande que estou usando para dormir.

É uma camiseta do Mets.

Ergo os olhos e encaro a janela na minha frente. As persianas estão abaixadas, como sempre. Corro até lá e uso os dedos para separar duas das lâminas e olhar para a rua do outro lado. Está tudo completamente escuro. Não vejo nenhum homem ameaçador parado lá fora. Ninguém está encarando minha janela com um binóculo.

Vai ver foi só coincidência. Quer dizer, eu sou de Nova York. Quem é que não gosta dos Mets?

Mas não acho que tenha sido. Havia algo no tom de voz dele ao dizer que ia me dar convites para ver os Mets. *Quero te dar dois convites para um jogo dos Mets. Você gostaria, não?*

Ai, meu Deus, e se ele estiver me vendo aqui dentro?

Mas o fato de eu usar uma camisa dos Mets para dormir não é nenhum

segredo. Talvez eu tenha aberto a porta com ela em algum momento. E todos os namorados que tive sabem disso, mesmo que essa lista inclua apenas Brock e Enzo.

Mesmo assim… tenho algumas outras camisetas de dormir. Douglas sabia o que eu estava usando *hoje à noite*.

Jurei para Wendy nunca desistir dela, mas preciso admitir que estou totalmente apavorada. A persiana está abaixada. Eu nunca a abro de noite, sobretudo na hora de me trocar para dormir.

Minhas mãos estão tremendo quando pego o telefone e mando uma mensagem para Brock:

Quer vir pra cá?

Como sempre, ele responde na hora:

Chego assim que puder.

TRINTA E SETE

Assim que terminar de dobrar esta roupa limpa, vou sair e encontrar Brock para jantar.

Douglas me mandou uma mensagem de texto e combinou um horário para minha última faxina. Depois disso, vou ter que procurar outro emprego, então estou torcendo para ele me dar uma enorme gorjeta. Mas não estou muito esperançosa.

Estou feliz por essa ser minha última vez trabalhando na casa dos Garricks. Não desisti de Wendy, mas não quero mais frequentar esta casa. Douglas Garrick me dá arrepios, e quanto mais longe dele eu puder ficar, melhor. Farei tudo que puder para ajudar Wendy do lado de fora.

Hoje à noite tem outra coisa em que não consigo parar de pensar: assim que terminar o que estou fazendo, Brock e eu vamos ter A Conversa. Nas últimas vezes que estive com ele, nós dois tomamos bastante cuidado para evitar qualquer conversa séria, mas isso já passou dos limites. Vou encontrá-lo no apartamento dele e contar tudo. Um Guia Completo sobre Millie. E talvez nosso namoro termine, mas pode ser que fique tudo bem. Só existe um jeito de descobrir.

A maioria das roupas dos Garricks vai para a lavagem a seco, então só preciso guardar uma pequena pilha de camisetas, roupas de baixo e meias, a maioria das quais mal parecia estar suja quando as enfiei na máquina. Enquanto separo tudo

e guardo nas gavetas certas, não consigo parar de pensar na arma escondida na estante.

Fiz Wendy jurar não tomar nenhuma atitude burra, mas, apesar de ela ter me prometido, não acredito nela cem por cento. Ela chegou ao limite. Pude ver o desespero em seu rosto machucado enquanto ela segurava aquele revólver. Da próxima vez que Douglas fizer algo errado, ela pode muito bem matá-lo.

Não que eu tenha alguma objeção ao fato de esse desgraçado sair de cena. Mas, se fizer isso, ela vai presa. Wendy nunca procurou nenhum médico nem hospital que tenha documentado a forma como ele a vem agredindo, e, embora eu possa testemunhar sobre o que sei num tribunal, isso talvez não seja suficiente.

Decidi de uma vez por todas que vou ligar para Enzo amanhã. O melhor talvez seja me afastar por completo dessa situação – especialmente já que não vou mais trabalhar aqui – e deixar ele cuidar de tudo. Afinal, é ele quem conhece todos "os caras". Fazia sentido ser uma equipe quando éramos namorados, mas a verdade é que agora é difícil estar perto dele.

Enzo vai ajudar Wendy. Eu sei que vai.

Estou quase terminando a roupa quando ouço um estrondo vindo do corredor. Já ouvi um ruído como esse antes. A diferença é que agora sei que é o barulho de Wendy sendo agredida.

Saio da suíte master para ver o que está acontecendo. Como sempre, a porta do quarto de hóspedes está fechada, mas posso ouvir a voz de Douglas vindo lá de dentro:

– Acabei de ver esse gasto no cartão de crédito! – A voz dele ressoa pelo corredor. – Que história é essa? Oitenta dólares por um almoço no La Cipolla?

Nunca o escutei falar com ela desse jeito. Ele não deve ter se dado conta de que estou no apartamento. Douglas me disse para sair mais cedo, então deve achar que já fui embora e que ele pode dizer tudo que quiser para a mulher sem eu escutar.

– Eu… me desculpa. – A voz de Wendy soa desesperada. – Encontrei minha amiga Gisele para almoçar, e como ela está sem emprego, me ofereci para pagar.

– Quem disse que você podia sair de casa?

– O quê?

– *Quem disse que você podia sair de casa, Wendy?*

– Eu… é que… Me desculpa, é que é tão difícil ficar em casa o tempo todo e…

– Alguém poderia ter te visto! – berra ele. – Poderia ter visto o seu rosto, e o que iam pensar de mim?

– Eu… eu sinto muito, é que…

– Aposto que sente muito, mesmo. Você não pensa em nada, né? Você *quer* que as pessoas me achem um monstro!

– Não. Isso não é verdade. Eu juro.

Um longo silêncio se faz dentro do quarto. Será que a briga acabou? Ou será que preciso entrar lá para interromper e chamar a polícia? Mas não, não posso chamar a polícia… Wendy me disse que isso estava fora de cogitação.

O que eu não daria para ter um amigo na polícia de Nova York…

Avanço de mansinho até chegar o mais perto que me atrevo da porta do quarto e apuro os ouvidos para escutá-los. Bem quando estou a ponto de bater na porta, Douglas recomeça a falar, e dessa vez sua voz soa mais irada ainda.

– Esse restaurante é bem romântico pra você e uma amiga, hein? – insinua ele.

– O quê? Não! Lá não é… não é nada romântico…

– Eu sempre sei quando você está mentindo, Wendy. Com quem você estava de verdade nesse almocinho chique?

– Eu já falei! Com a Gisele.

– Certo. Agora me diz a *verdade*. Foi o mesmo cara que levou você até o norte do estado?

Eu me esgueiro mais para perto do quarto. Wendy está aos soluços.

– Foi a Gisele – choraminga ela.

– Até parece – sibila ele. – Não vou permitir que a vadia da minha mulher fique pra lá e pra cá pela cidade com outro homem! Isso é uma humilhação.

É então que um barulho nauseante de algo sendo arremessado se faz ouvir dentro do quarto. E Wendy dá um grito.

Não posso deixar que ele a machuque. Preciso fazer alguma coisa. Só que, de uma hora para outra, o quarto ficou totalmente silencioso.

E então ouço um ruído gorgolejante vindo lá de dentro.

Como se uma mulher estivesse sendo esganada.

Não há mais como perder tempo. O que quer que esteja acontecendo dentro

desse quarto, tenho que impedir.

Então me lembro do revólver.

TRINTA E OITO

Eu me lembro muito bem de onde o revólver está.

Corro até a estante e pego o dicionário. A arma está aninhada dentro do mesmo espaço oco de dois dias antes, quando Wendy a mostrou para mim. Justo como eu sabia que estaria. Eu a seguro com as mãos tremendo um pouco.

Enquanto encaro o revólver na minha mão, me pergunto se estou cometendo um erro grave. Apesar de estar acontecendo algo terrível dentro daquele quarto, não sei se vai ajudar meter uma arma na história. Quando existe a chance de alguém levar um tiro, as coisas podem se deteriorar bem depressa.

Mas não vou atirar em Douglas. Isso está fora de cogitação. Minha única intenção é assustá-lo. Afinal, não existe nada mais assustador do que uma arma. Estou contando com o elemento surpresa para pôr um fim nisso.

Com o revólver na mão, torno a subir apressada o corredor escuro até o quarto de hóspedes. A luta cessou e tudo lá dentro está silencioso. E, por algum motivo, isso é a coisa mais assustadora de todas.

Cogito bater, mas então decido tentar a maçaneta. Ela gira com facilidade quando a aciono. Quando empurro a porta para abri-la, uma voz fala comigo bem lá no fundo da minha cabeça:

Larga essa arma, Millie. Resolve isso sem esse troço. Você está cometendo um erro terrível.

Só que agora é tarde.

Abro a porta do quarto de hóspedes com um empurrão. A visão com que me

deparo me deixa sem ar. Vejo Douglas e Wendy. Ele a imprensou na parede e está com as duas mãos em volta do pescoço dela, e o rosto de Wendy está começando a ficar azul. Ela está com a boca aberta para gritar, mas nenhum som sai lá de dentro.

Ai, meu Deus, ele está tentando matá-la.

Não sei se ele vai esganá-la ou quebrar seu pescoço com as mãos, mas preciso fazer alguma coisa agora mesmo; não posso só ficar parada aqui e deixar isso acontecer. Mas aprendi com meus erros do passado. Posso estar armada, mas não tenho a menor intenção de matá-lo. Só a ameaça deve bastar. E depois vou contar à polícia o que vi.

Você consegue, Millie. Não machuca ele. Só faz ele soltar a mulher.

– Douglas! – grito para ele. – Solta ela!

Imagino que ele vá se afastar de Wendy, cheio de desculpas falsas e explicações. Mas, por algum motivo, seus dedos não se movem. Ela consegue emitir outro ruído gorgolejante.

Então empunho a arma e miro no peito dele.

– Estou falando sério. – Minha voz treme. – Solta ela ou eu atiro.

Mas Douglas por algum motivo não está me ouvindo. Tem os olhos desvairados e parece decidido a terminar isso, aqui mesmo, neste instante. Wendy parou de tentar arranhá-lo e seu corpo ficou flácido. A hora de negociar já passou. Se eu não fizer alguma coisa nos próximos segundos, ele vai matá-la.

E terei deixado isso acontecer.

– Juro por Deus – digo com a voz esganiçada. – Se você não soltar ela, eu vou atirar!

Mas ele não solta. Simplesmente continua a apertar.

Não tenho escolha. Só existe uma coisa que eu possa fazer nessa situação.

Puxo o gatilho.

TRINTA E NOVE

Douglas fica inerte segundos depois de o tiro ecoar pelo apartamento. O barulho é mais alto do que eu esperava, o suficiente para os vizinhos com certeza terem escutado. Bom, talvez não. As paredes e tetos parecem à prova de som num prédio como aquele, e há o andar de baixo para servir de anteparo.

Mas o lado bom é que os dedos dele soltam o pescoço de Wendy.

Ela desaba de joelhos no chão, tossindo, chorando e segurando o pescoço, enquanto o marido cai deitado ao seu lado com o corpo imóvel. Um segundo depois, uma poça escarlate começa a se espalhar debaixo dele pelo carpete felpudo.

Ah, não.

De novo, não.

O revólver se solta dos meus dedos e cai no chão ao meu lado com um baque alto. Estou paralisada por completo. Douglas Garrick não está se movendo nem um milímetro sequer, e a poça debaixo dele não para de aumentar. Minha intenção era atirar no ombro, o suficiente para feri-lo e forçá-lo a soltar Wendy, mas não para matá-lo.

Pelo visto, eu errei.

Wendy esfrega os olhos úmidos. Por milagre, ela ainda está consciente. Ajoelha-se ao lado do marido e leva a mão ao seu pescoço, por cima da carótida. Mantém a mão ali por alguns segundos, então ergue os olhos para mim.

– Ele está sem pulso.

Ai, meu Deus.

– Está morto – sussurra ela com uma voz rouca. – Morto mesmo.

– Minha intenção não foi matar – disparo. – Eu só… só estava tentando fazer ele largar você. Nunca foi minha intenção…

– Obrigada – diz Wendy. – Obrigada por salvar minha vida. Eu sabia que você faria isso.

Ficamos apenas nos encarando por alguns segundos. Eu salvei mesmo a vida dela. Preciso me lembrar disso. Vou ter que explicar para a polícia quando eles chegarem.

– Você precisa sair daqui. – Embora suas pernas pareçam trêmulas, Wendy se levanta. – A gente… a gente pode limpar as digitais do revólver. Deve funcionar, não? É, é, tenho certeza de que sim. Vou demorar uma ou duas horas para chamar a polícia, e aí vou dizer… Ah! Posso dizer que achei que o Douglas fosse um intruso e atirei nele por acidente. Foi tudo um acidente, sabe? Eles vão acreditar. Com certeza vão.

Wendy está falando depressa; está em pânico. Por mais que eu adorasse não levar a culpa nessa história, a versão dela tem um furo enorme.

– Mas o porteiro viu quando Douglas entrou no prédio.

Ela faz que não com a cabeça.

– Não viu, não. Alguns moradores têm acesso à entrada dos fundos, e o Douglas sempre entra por lá.

– Lá tem câmera?

– Não. Não tem câmera.

– E as câmeras dos elevadores?

– Aquelas dali? – Ela bufa. – São só decorativas. Uma quebrou faz cinco anos, e a outra está sem funcionar há pelo menos dois.

Será que isso poderia mesmo dar certo? Acabo de matar Douglas Garrick com um tiro a sangue-frio. Será que existe alguma chance de eu escapar dessa sem consequências? Pensando bem, não seria a primeira vez.

– Vá embora daqui, agora. – Ela passa por cima do corpo de Douglas, tomando cuidado para evitar a poça de sangue. – Eu assumo a responsabilidade por isso. Essa vai pra minha conta. Fui eu que meti você nisso, e não vou te arrastar comigo. Vá embora enquanto ainda é tempo.

– Wendy…

– Vá! – O olhar dela está quase tão desvairado quando o de Douglas quando tinha as mãos em volta do seu pescoço. – Por favor, Millie. É o único jeito.

– Tá bom – respondo baixinho. – Mas… se você precisar de mim…

Ela estende a mão para apertar meu braço.

– Você já fez o suficiente, pode acreditar. – Ela hesita. – É melhor apagar todas as suas mensagens de texto. As minhas e as do Douglas também. Só por garantia.

É uma ideia muito boa. Wendy e eu conversamos sobre algumas coisas das quais eu não gostaria que a polícia tomasse conhecimento se começasse a investigar esse assassinato. E talvez seja melhor eles não verem as mensagens que troquei com Douglas, nem notarem que hoje deveria ter sido meu último dia de trabalho. Pego minha bolsa, e, apesar de minhas mãos estarem quase tremendo demais para conseguir fazer isso, dou um jeito de apagar do meu aparelho as conversas com ambos os Garricks.

– Não tente entrar em contato comigo – recomenda ela. – Eu cuido disso, Millie. Não se preocupe.

Faço menção de me opor, mas então calo a boca. De nada adianta. Wendy já decidiu que quer levar a culpa, e tenho total interesse em deixá-la fazer isso. Eu me despeço da cobertura, sabendo que nunca mais vou pôr os pés neste lugar. A última coisa que vejo ao sair do quarto é Wendy parada junto ao corpo morto de Douglas.

E ela está sorrindo.

QUARENTA

Passo a viagem inteira de metrô até em casa sem conseguir parar de tremer.

Todo mundo no metrô deve me achar uma louca, porque, embora o trem esteja lotado, ninguém se acomoda nem de um lado nem do outro onde estou sentada até eu chegar no Bronx. Passo basicamente o trajeto inteiro abraçando meu próprio corpo e me balançando para a frente e para trás.

Não consigo acreditar que o matei. Não foi minha intenção.

Não, isso não é justo. Dei um tiro no peito daquele homem. Seria mentira dizer que eu não queria vê-lo morto. Mas essa é a última forma como eu desejava que as coisas se desenrolassem desde que descobri aquela arma dentro do dicionário.

Mas vai ficar tudo bem. Já passei por isso antes. Wendy vai se agarrar à própria história, e a polícia não vai ter a menor ideia de que estive envolvida.

Agora só preciso lidar com o fato de ter matado um homem. *Outra vez*.

Assim que saio da estação do metrô, meu celular vibra. Uma chamada perdida. Tiro-o da bolsa, meio esperando que seja Wendy, mas, em vez disso, a tela está repleta de chamadas perdidas e mensagens de voz de Brock.

Ai, não. A gente tinha marcado de jantar hoje. Era para ser a noite em que teríamos a conversa séria. Bom, não vai mais acontecer.

Passo alguns segundos encarando o nome de Brock no meu aparelho, sabendo que preciso ligar para ele, mas sem querer fazer isso. Por fim, clico no nome dele. Ele atende quase na mesma hora.

– Millie? – Sua voz é um misto de raiva com preocupação. – Onde você tá?

– Eu… – começo, desejando ter parado um instante para pensar numa desculpa válida antes de ligar para ele. – Não estou me sentindo bem.

– Ah, é? – Ele soa cético. – Qual é o problema exatamente?

– Eu… eu peguei alguma infecção estomacal. – Como ele não diz nada, decido enfeitar a história com mais alguns detalhes. – Foi de uma hora pra outra. Tô me sentido péssima. Não paro de vomitar, sabe? E também… bom, está saindo pelos dois lados. Acho que preciso ficar em casa hoje.

Eu me preparo para ele desmascarar minha história fajuta, mas em vez disso seu tom de voz se suaviza.

– Sua voz não tá boa.

– Pois é…

– Eu poderia passar na sua casa – sugere ele. – Levar uma canja? Fazer uma massagem nas suas costas?

Tenho o namorado mais gentil de todos os tempos. Um cara muito legal mesmo. E, assim que isso tudo assentar, com certeza vou recompensá-lo. Eu o amo de verdade. Acho.

– Não, mas obrigada – sussurro no aparelho. – Só preciso ficar sozinha e me recuperar. Pode ser outro dia?

– Claro – responde ele. – Fica boa, só isso.

Ao desligar, me sinto culpada pela forma como estou tratando Brock, além de todo o resto. Mas não quero arrastá-lo para o meio dessa confusão. A única pessoa com quem poderia conversar sobre isso é Enzo, e essa é uma ideia ruim por vários motivos. Só preciso ir para casa e tentar não pensar em nada do que aconteceu. Muito em breve, tudo isso vai ter ficado para trás.

QUARENTA E UM

Acordo com a sensação de ter sido atropelada por um caminhão, e minha têmpora direita lateja.

Não consegui dormir na noite passada. Fiquei me revirando na cama, e toda vez que começava a pegar no sono, via o corpo morto de Douglas caído no chão da cobertura. Por fim, fui cambaleando até o banheiro e tomei um dos comprimidos para dormir que costumo guardar lá. Então mergulhei num sono repleto de sonhos, assombrada pelos olhos mortos do meu ex-patrão me encarando.

Rolo na cama e levo a mão ao ninho de rato que é meu cabelo. O latejar na minha testa fica mais forte, e demoro alguns segundos para perceber que são também batidas vindas da porta.

Tem alguém na porta do meu apartamento.

Dou um jeito de me arrastar para fora da cama e me enrolo num casaco de ficar em casa.

– Já vai! – grito, torcendo para as batidas cessarem. Mas quem quer que esteja na minha porta é uma pessoa persistente.

Espio pelo olho mágico. Tem um homem parado lá fora, vestido com uma camisa branca engomada e uma gravata preta por baixo de um casaco.

– Quem é? – pergunto.

– Sou o investigador Ramirez, do Departamento de Polícia de Nova York – responde o homem, a voz abafada.

Ai, não.

Mas tudo bem, não há motivo para entrar em pânico. Meu patrão morreu, então é óbvio que eles vão querer me fazer algumas perguntas. Não há nada com que me preocupar.

Destranco a porta e abro uma frestinha. Ele não pode entrar sem minha autorização explícita, e não tenho a menor intenção de permitir sua entrada. Não que eu tenha qualquer coisa a esconder dentro de casa, mas nunca se sabe.

– Srta. Calloway? – pergunta ele com uma voz surpreendentemente grave.

Eu chutaria que ele tem 50 e poucos anos, com base nas olheiras debaixo dos olhos e na proporção entre preto e grisalho nos cabelos cortados bem rente.

– Bom dia – respondo, hesitante.

– Queria saber se eu poderia lhe fazer algumas perguntas – diz ele.

Dou o melhor de mim para manter o rosto inexpressivo.

– Sobre o quê?

Ele hesita enquanto examina meu rosto.

– A senhorita conhece um homem chamado Douglas Garrick?

– Conheço… – Não há mal nenhum em admitir isso. Seria bem fácil provar que eu trabalhei para os Garricks.

– Ele foi assassinado ontem à noite.

– Caramba! – Levo a mão à boca e tento fingir surpresa. – Que horror.

– Estava pensando se a senhorita poderia ir até a delegacia responder a algumas perguntas para mim.

O semblante do investigador Ramirez é como uma máscara. Seus lábios formam uma linha reta e nada revelam. Mas ir à delegacia? Isso parece coisa séria. Mas, afinal, ele não está sacando um par de algemas nem lendo meus direitos. Tenho certeza de que a polícia está só levando o caso super a sério pelo fato de Douglas ter sido tão rico e importante.

– Quando vocês querem que eu vá?

– Agora – responde ele sem hesitação. – Posso lhe dar carona.

– Eu… eu sou obrigada?

Não tenho a menor obrigação de ir com ele se não estiver presa; conheço muito bem meus direitos. Mas gostaria de ouvir o que ele tem a dizer.

– A senhorita não é obrigada, mas eu recomendo muito que faça isso – responde ele por fim. – De uma forma ou de outra, nós vamos ter uma conversa.

Uma sensação de náusea me invade. Isso está parecendo algo mais do que algumas perguntas casuais sobre o meu patrão.

– Eu gostaria de ligar para o meu advogado.

Ramirez não desgruda os olhos dos meus.

– Não acho que seja preciso, mas é um direito seu fazer isso.

Não sei que tipo de pergunta eles vão me fazer, mas não gosto da ideia de estar na delegacia sem a presença de um advogado, não importa o que esse policial diga. Infelizmente, só existe um advogado que eu conheça bem o suficiente para contactar agora. E vai ser uma conversa difícil.

Ramirez fica esperando enquanto pego o celular e busco o número de Brock. Ele já deve estar no trabalho a essa hora, mas atende depois de apenas uns poucos toques. Brock passa a maior parte do dia em frente à sua mesa e raramente vai ao fórum.

– Oi, Millie – diz ele. – Você tá bem?

– Ahn – falo. – Não exatamente…

– A infecção piorou?

– O quê?

Brock passa um instante sem dizer nada do outro lado da linha.

– Você me disse ontem à noite que tinha pegado uma infecção estomacal.

Ah, é. Quase me esqueci da mentira que havia inventado para não ir à casa dele ontem à noite.

– É, isso está melhor, sim, mas estou precisando da sua ajuda com outra coisa. Uma coisa importante.

– Claro. Do que você precisa?

– Então, ahn… – Baixo a voz para Ramirez não poder me escutar. – Sabe o meu ex-patrão, o Douglas Garrick? Ele foi… ele foi assassinado ontem à noite.

– Meu Deus – exclama Brock com um arquejo. – Millie, que horror. Eles sabem quem foi?

– Não, mas… – Olho de relance para Ramirez, que está me observando. – Eles querem me interrogar na delegacia.

– Ah, caramba. Eles acham que você sabe alguma coisa importante?

– Imagino que sim… apesar de na verdade eu não saber. Enfim… eu me sentiria melhor se tivesse um advogado lá junto comigo. – Pigarreio. – Então, sabe, seria você.

– Claro, lógico. – Minha vontade é estender os braços pelo celular adentro e lhe dar um abraço. – Posso te encontrar lá assim que terminar de fazer umas coisas. Tenho certeza de que vai ficar tudo bem, mas fico feliz em poder te ajudar.

Enquanto anoto o endereço da delegacia onde o investigador Ramirez vai me interrogar, não consigo evitar pensar comigo mesma que Brock e eu no fim das contas vamos acabar tendo a conversa que eu pretendia ter com ele na noite passada.

QUARENTA E DOIS

Quando chego na delegacia, em Manhattan, estou completamente surtada. O investigador Ramirez tentou puxar papo durante o trajeto de carro, mas respondi em grande parte com monossílabos e grunhidos. Mesmo quando ele está falando sobre o tempo, minha sensação é de que está tentando pescar alguma informação, e não quero lhe revelar nada.

Na delegacia, Brock está à minha espera. Está usando seu terno cinza e aquela gravata que deixa seus olhos muito azuis. Ele sorri ao me ver entrar na delegacia com o investigador e não parece nem um pouco preocupado. O que provavelmente vai mudar muito em breve.

– Aquele ali é o meu advogado – digo a Ramirez. – Eu gostaria de falar com ele em particular antes de ser interrogada.

Ramirez dá um meneio de cabeça sucinto.

– Vamos pôr vocês numa sala para conversarem, e quando estiverem prontos, eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

Ele me conduz até uma salinha quadrada com uma mesa de plástico rodeada por umas poucas cadeiras também de plástico. Faz anos que não entro numa sala de interrogatório, e a visão faz meu peito se contrair. Principalmente quando ele me faz sentar numa das cadeiras e me deixa sozinha lá dentro com a porta fechada. Achei que Brock fosse entrar comigo, mas ele parece estar ocupado lá fora.

Fico imaginando o que estarão dizendo para ele.

Passo quase quarenta minutos sozinha na sala, e meu pânico só faz aumentar. Quando o rosto conhecido de Brock aparece na porta, quase começo a chorar.

– Por que demorou tanto? – pergunto, em meio às lágrimas.

Brock está com uma expressão abalada. Parece um pouco rígido ao se acomodar na cadeira à minha frente. Há uma cratera entre suas sobrancelhas.

– Millie – começa ele. – Eu estava conversando com o investigador lá fora. Eles estão relutando em me revelar muita coisa, mas isso não vai ser um interrogatório de rotina. Você é uma suspeita importante.

Fico encarando Brock. Como pode uma coisa dessas? Wendy disse à polícia que foi ela quem atirou em Douglas. Será que estão duvidando da história dela? Deveria ser um caso simples.

A menos que…

– Eles têm um mandado para revistar seu apartamento – diz ele. *Mandado?* – Uma equipe da polícia está lá agora mesmo.

A polícia está revistando meu apartamento? Não consigo imaginar o que podem estar procurando. Não tenho nada de tão suspeito assim. Por sorte, ontem à noite não sujei minha roupa de sangue. Eu verifiquei.

– Por que eles iriam pensar que você o matou? – Brock balança a cabeça. – Pra mim não faz o menor sentido.

É isso. Preciso contar a ele sobre o meu passado. Se ele vai atuar como meu advogado, precisa saber. Caso contrário, vai passar por otário.

– Escuta – começo. – Tem uma coisa que você precisa saber a meu respeito.

Ele arqueia as sobrancelhas para mim e aguarda.

Como é difícil. Estou amaldiçoando a mim mesma por não ter dito nada antes, mas agora que comecei lembro por que adiei tanto.

– Eu meio que tenho, sabe… tenho passagem pela prisão.

– Você tem *o quê*? – O maxilar dele parece que vai cair. – Passagem pela *prisão*? Tipo, você já foi *presa*?

– É. É meio isso que passagem pela prisão significa.

– *Por quê?*

E agora vem a parte difícil.

– Foi por homicídio.

Brock parece estar a dois segundos de cair da cadeira… espero que esteja tudo bem com seu coração.

– *Homicídio?*

– Foi legítima defesa – argumento, o que não é de todo verdade. – Um homem estava atacando uma amiga minha, e fiz ele parar. Eu era adolescente na época.

Ele olha para mim.

– Ninguém vai preso por legítima defesa.

– Algumas pessoas vão.

Ele não parece estar acreditando em mim, mas não vou entrar em muitos detalhes em relação ao cara que estava tentando estuprar minha amiga. Em relação a fazer o que tinha que ser feito para detê-lo, mesmo que a promotoria tenha tentado fazer parecer que fui longe demais.

– Não é de espantar que você nunca tenha se formado na faculdade – murmura ele para si mesmo. – Sempre pensei que você só fosse daquelas pessoas que desabrocham mais tarde.

– Desculpa. – Baixo os olhos. – Eu deveria ter te contado.

– Puxa, você acha mesmo?

– Desculpa – repito. – Mas fiquei com medo de que, se eu contasse, você me olhasse como… bom, do jeito que está olhando agora.

Brock passa a mão pelos cabelos.

– Meu Deus, Millie. É só que eu… eu sabia que tinha alguma coisa que você não queria me contar, mas jamais imaginei que…

– Pois é – sussurro.

– Então tá. – Ele afrouxa um pouco a gravata azul. – Tá, você já tem passagem. Deixando isso de lado por um instante, por que a polícia acha que você matou Douglas Garrick?

Não posso responder a essa pergunta porque não sei o que Wendy falou para a polícia. Embora em teoria tudo o que eu disser a Brock seja confidencial, não consigo me forçar a contar para ele o que aconteceu na noite passada.

– Não faço ideia.

Ele inclina a cabeça, pensativo.

– Ontem à noite você me disse que estava passando mal. Foi embora do apartamento deles mais cedo?

– Bom, eu terminei meu serviço – digo com cautela, ciente de que o porteiro poderá confirmar o horário em que saí do apartamento. – Mas como não estava

me sentindo bem fui direto para casa depois. Já estava quase em casa quando a gente se falou no telefone. O Douglas… ele não tinha nem chegado quando eu saí.

– Tá bom. – Brock esfrega o queixo. – Eles estão só dificultando as coisas pra você por causa do seu histórico. A gente vai resolver isso.

Quisera eu ter a mesma segurança.

QUARENTA E TRÊS

Acaba que Ramirez não consegue falar comigo logo de cara, o que desconfio ser alguma espécie de tática para me desesperar. Como Brock precisa atender a uma chamada de trabalho, ele me deixa sozinha na sala de interrogatório, onde passo a hora seguinte num pânico silencioso.

Já faz duas horas que cheguei na delegacia quando Ramirez finalmente entra para falar comigo, com Brock atrás dele. Meu namorado se senta ao meu lado e aperta rapidamente minha mão debaixo da mesa. É reconfortante saber que ele não me odeia por completo, apesar de ter acabado de descobrir sobre minha passagem pela prisão. Mas ainda é cedo.

– Obrigado pela sua paciência, Srta. Calloway – diz o investigador. – Tenho algumas perguntas a lhe fazer sobre o Sr. Garrick.

– Tá bom – respondo. Como estamos sendo gravados, mantenho o tom de voz calmo e ponderado.

– Onde a senhorita estava ontem à noite? – pergunta Ramirez.

– Fui à cobertura dos Garricks fazer uma faxina leve e lavar roupa, depois fui pra casa.

– A que horas saiu da cobertura?

– Por volta das seis e meia – respondo.

– E falou com o Sr. Garrick enquanto ele estava em casa?

Faço que não com a cabeça, lembrando o que Wendy me disse. Nós duas só precisamos combinar nossas versões, e tudo deve ficar bem.

– Não.

Ramirez parece espantado com a minha resposta.

– Quer dizer que o Sr. Garrick não lhe pediu para encontrá-lo no apartamento ontem à noite?

Pisco os olhos para ele, sem entender.

– Não…

– Srta. Calloway. – Os olhos do investigador parecem escurecer enquanto me encara. – Qual é o seu relacionamento com o Sr. Garrick?

– Meu relacionamento com ele? – Olho para Brock, que está com o cenho franzido. – Ele é meu patrão. Bom, ele e a esposa, Wendy.

– A senhorita tem um relacionamento sexual com ele?

Quase engasgo.

– Não!

– Não aconteceu nenhuma vez?

Minha vontade é estender a mão e sacudir o investigador, mas felizmente Brock intervém.

– A Srta. Calloway já respondeu à sua pergunta. Ela não está tendo nenhum relacionamento de qualquer natureza com o Sr. Garrick, exceto o puramente profissional.

O investigador pega a pasta que havia colocado ao seu lado em cima da mesa. Apanha algumas folhas de papel grampeadas e as desliza pela mesa na minha direção.

– Encontramos um celular descartável na gaveta da cômoda do Sr. Garrick. Estas foram as mensagens trocadas entre esse aparelho e o seu telefone.

Pego os papéis e começo a passar os olhos por eles enquanto Brock espia por cima do meu ombro. Reconheço as mensagens de texto. São as mesmas que Douglas vem me mandando nos últimos meses para confirmar meus dias de trabalho. Só que fora de contexto elas parecem adquirir outro significado.

Você vem hoje à noite?

Vejo você hoje mais tarde.

Venha hoje.

Além do mais, todas as minhas mensagens sobre compras e lavagem de roupas sumiram. Todas as mensagens, sem exceção, parecem ter a ver com o planejamento de encontros. Os olhos de Brock quase saltam das órbitas quando lê as mensagens.

– Sim, são as nossas mensagens – confirmo. – Mas elas só têm a ver com trabalho.

– O Sr. Garrick estava lhe mandando mensagens de trabalho de um celular descartável?

Cerro os dentes.

– Eu não sabia que o celular era descartável. Só achei que fosse o telefone normal dele.

– Entendi – diz Ramirez.

– Além do mais, tinha outras mensagens. A maioria sobre compras ou roupas pra lavar. Elas não estão aí… parece que foram apagadas.

– A senhorita tem essas mensagens no próprio aparelho?

– Não… – Porque Wendy me disse para apagá-las. – Eu me livrei de todas as mensagens.

– Por quê?

– Por que não? – Deixo escapar uma risada que soa aguda demais. – Quer dizer, o *senhor* por acaso salva toda mensagem de texto que recebe?

Provavelmente deve salvar. Ele deve ter mensagens no celular de dez anos atrás. Embora, a bem da verdade, eu nunca teria deletado essas mensagens se Wendy não tivesse me dito para fazer isso.

– E também havia ligações feitas para a senhorita em horários que iam até a meia-noite – diz ele. – Está dizendo que o seu *patrão* estava lhe telefonando à *meia-noite*?

– Só aconteceu uma vez. – É tudo que consigo dizer.

Reconheço o quanto tudo parece frágil. Não faz o menor sentido: por que Douglas estava me mandando mensagens de um celular *descartável*? Não é possível que estivesse armando para cima de mim de modo a me fazer ser acusada do próprio assassinato. Olho para Brock, que ficou estranhamente em silêncio no pior momento possível.

– E também… – Ramirez torna a abrir a pasta. Ai, meu Deus, tem mais coisa? Como é possível ter mais coisa? – A senhorita reconhece isso aqui?

É uma foto impressa granulada de uma pulseira. Reconheço a mesma joia que Douglas deu de presente para Wendy depois de deixá-la com aquele olho roxo.

– Sim – respondo. – É a pulseira da Wendy.

As sobrancelhas de Ramirez se erguem.

– Então por que a encontramos na sua caixa de joias, no seu apartamento?

– Ela… ela me deu.

As sobrancelhas chegam mais perto dos cabelos.

– Wendy Garrick lhe deu uma pulseira de diamantes de 10 mil dólares?

Pulseira de *10 mil dólares*? Foi isso que essa pulseira custou? Eu tinha uma coisa que valia 10 mil dólares dentro da minha caixinha de joias vagabunda?

– Ela me disse que tinha sido um presente do marido – comento.

– E a gravação? – Ele saca mais uma foto da pasta e me passa. – Isso aqui parece conhecido?

A gravação que eu tinha lido na pulseira de Wendy está agora ampliada na tela para Brock e eu podermos ler com clareza.

Para W., Minha para sempre, Com amor, D.

– Isso – confirmo. – Para W. Para Wendy.

Ramirez dá um tapinha na foto com a ponta do dedo.

– O seu nome não começa com W? Wilhelmina?

– Eu… – Minha boca fica seca de repente. Espero Brock intervir e reclamar da direção das perguntas, mas ele segue mudo, também esperando para ouvir minha resposta. – Todo mundo sempre me chama de Millie.

– Mas o seu nome é Wilhelmina.

– É…

– E também… – Ai, não, tem *mais?* Como é possível ter mais alguma coisa? Mas de novo ele está estendendo a mão para a tal pasta irritante e saca outra foto impressa. – Isso aqui foi presente do Sr. Garrick?

Pego a imagem das mãos dele. É o tal vestido que Douglas me pediu para devolver. Mas depois ele nunca me deu nenhuma nota fiscal nem me disse de onde era o vestido. Com tudo que estava acontecendo, esqueci por completo o

assunto. Então o vestido simplesmente ficou dentro da sacola de presente no closet do meu quarto.

– Não – respondo com a voz fraca, embora já consiga ver o rumo que isso vai tomar. – O Sr. Garrick me pediu para devolver o vestido.

– Então por que ele passou mais de um mês dentro do seu quarto?

– Ele… ele nunca chegou a me dar a nota fiscal.

Nem sequer consigo olhar para Brock. Só Deus sabe que pensamentos estão passando pela sua cabeça. Quero garantir a ele que tudo não passa de um terrível mal-entendido, mas não posso ter essa conversa com ele enquanto o investigador estiver presente.

– Olha aqui – explico. – Eu ia devolver. Perguntei a ele sobre a nota, e ele disse que ia me dar, só que nós dois esquecemos.

– Srta. Calloway – diz Ramirez. – A senhorita sabia que esse vestido foi comprado na Oscar de la Renta por 6 mil dólares? Acha mesmo que ele simplesmente iria se esquecer de devolver?

Caram…

Arrisco um olhar rápido na direção de Brock. Seu rosto exibe uma expressão vidrada, e ele está balançando muito de leve a cabeça. Eu o trouxe aqui para ser meu advogado, mas ele está se revelando um completo inútil.

– E também – acrescenta Ramirez. Ai, não. Não é possível que haja mais alguma coisa. Eu com certeza não aceitei mais nada dos Garricks. Não tem mais nada que ele possa sacar de dentro daquela pasta. – A senhorita passou a noite num hotel de beira de estrada com Douglas Garrick na semana passada?

– Não! – exclamo.

Ele limpa a garganta com um pigarro.

– Quer dizer que a senhorita não fez check-in num hotel de beira de estrada em Albany na quarta-feira passada enquanto o Sr. Garrick estava numa reunião de trabalho lá e pagou pelo pernoite em dinheiro vivo?

Abro a boca, mas nenhum som sai.

– Quarta-feira passada? – deixa escapar Brock. – Foi o dia em que a gente ia se encontrar para jantar e você me deu um bolo! Era *lá* que você estava?

Não tenho como mentir. Eu mostrei minha carteira de motorista para o funcionário do hotel.

– Sim, eu aluguei um quarto de hotel em Albany. Mas não é o que vocês estão

pensando.

Ramirez cruza os braços.

– Estou escutando.

Não sei o que dizer. Não quero revelar o segredo de Wendy. Se eles descobrirem sobre os problemas conjugais que os Garricks estavam tendo, a culpa pelo assassinato poderia ser posta nela. Apesar de não querer levar a culpa pelo que aconteceu, tampouco quero que ela leve.

– Eu só precisava de uma noite longe de tudo. – É só o que consigo dizer.

– Então foi passar a noite num hotel aleatório em Albany?

– Eu não estava tendo um caso com Douglas Garrick. – Olho alternadamente para Brock e Ramirez, e ambos estão com uma cara muito cética. – Eu juro. E, mesmo se estivesse, mas eu não estava… isso não significa que eu o matei, pelo amor de Deus!

– Ele terminou tudo com a senhorita ontem à noite. – Ramirez mantém os olhos cravados em mim enquanto faz essa revelação. – A senhorita ficou uma fera com ele e, de tanta raiva, lhe deu um tiro com a própria arma dele.

– Não… – Sinto a boca horrivelmente seca. – Isso não é verdade, de jeito nenhum. O senhor não faz ideia.

Ramirez meneia a cabeça para as fotografias em cima da mesa.

– A senhorita entende por que a história parece suspeita…

– Mas não é a verdade! – exclamo. – Eu não estava tendo um caso com Douglas Garrick. Isso tudo é uma maluquice completa.

Dessa vez, o investigador não diz nada. Fica apenas me encarando.

– Eu nunca sequer encostei nele – continuo. – Juro! É só perguntar para Wendy Garrick. Ela vai confirmar tudo o que estou dizendo. Perguntem pra ela!

– Srta. Calloway – diz o investigador Ramirez. – Foi Wendy Garrick quem nos contou sobre o seu caso com o marido dela.

O quê?

– Como é que é?

– Ela disse que o Sr. Garrick confessou tudo pra ela ontem e chamou a senhorita com a intenção de terminar o caso – revela ele. – Mas quando ela chegou em casa, encontrou o marido caído no chão, morto com um tiro.

Não… Ela não fez isso… Depois de tudo que eu fiz por ela…

– E além disso as suas digitais estão na arma – finaliza ele.

QUARENTA E QUATRO

A partir daí o interrogatório vai ladeira abaixo.

Tento juntar retalhos para chegar a alguma versão da verdade. Uma versão que não termine comigo dando um tiro em Douglas Garrick e o matando na própria casa. Conto que Douglas Garrick agredia Wendy e sobre minhas tentativas de ajudá-la. Digo que Wendy tinha me mostrado o revólver e dito que o estava usando para se proteger, e que foi assim que minhas digitais devem ter ido parar na arma, embora tenha dificuldade para explicar por que as digitais de *Wendy* não estão na arma também. Pela expressão do investigador Ramirez, posso ver que ele não está acreditando em nenhuma palavra que eu digo.

Ao final da minha história sem pé nem cabeça, tenho certeza de que Ramirez vai ler meus direitos e me levar para uma cela. Mas, em vez disso, ele balança a cabeça.

– Eu já volto – diz ele. – Não saiam daqui.

Ele se levanta e sai da sala; a porta bate atrás dele e produz um eco, e Brock e eu ficamos sozinhos na sala de interrogatório.

Brock está encarando a mesa de plástico com o olhar vidrado. A ideia era ele estar presente como meu advogado, mas ele não disse uma palavra sequer em vinte minutos. Se eu tivesse ideia de como isso iria se desenrolar, jamais teria lhe pedido para vir.

– Brock?

Ele ergue os olhos devagar.

– Tá tudo bem com você? – pergunto suavemente.

– *Não*. – Ele me lança um olhar fulminante. – Que porra foi essa, Millie? Sério?

– Brock – falo com a voz aguda –, você não pode estar acreditando que…

– Acreditando *em quê*? – dispara ele. – Até poucas horas atrás, eu nem ao menos sabia que você tinha sido presa por homicídio. E agora descubro que estava me *traindo* com aquele babaca ricaço para quem você trabalhava…

– Eu não estava te traindo! – exclamo. – Eu nunca seria capaz de te trair!

– Então que raio estava fazendo na noite da quarta passada? – indaga ele. – O que estava fazendo na noite de *ontem?* E em todas as outras noites em que a gente tinha marcado de jantar, mas você furou comigo? Você deve estar vendo como essa história toda parece bastante suspeita. Especialmente considerando que, bom, considerando que pelo visto você já matou um cara uma vez.

Bom, não foi só uma vez. Mas sinto que fornecer essa informação não vai me ajudar.

– Eu te disse, estava tentando ajudar a Wendy.

– Tentando ajudar a mulher que agora está te acusando de ter um caso com o marido dela e depois *matar* o sujeito?

Tá, falando dessa forma…

– Não sei por que ela está dizendo isso ao investigador. Vai ver ela entrou em pânico. Mas, confia em mim, ele agredia ela. Eu vi com meus próprios olhos.

– Millie. – Brock me olha com uma expressão de dor. – Eu te liguei ontem à noite, e pela sua voz você estava muito abalada com alguma coisa. É óbvio que não estava com infecção estomacal nenhuma. Isso era mentira.

– É – admito. – Era mentira mesmo.

– Millie. – Sua voz falha ao dizer meu nome. – Você matou Douglas Garrick?

Quase tudo de que o investigador Ramirez me acusou era falso. Mas uma coisa era absolutamente verdadeira. Eu dei um tiro em Douglas Garrick. Eu o *matei*. E mesmo que negue todo o resto, esse fato permanece.

– Meu Deus – murmura Brock. – Millie, não acredito que você seria capaz de…

– Mas não é o que você pensa.

A cadeira de plástico de Brock arranha o chão duro da sala de interrogatório quando ele se levanta.

– Eu não posso representar você, Millie. Não é adequado e… não consigo.

Apesar de o meu namorado ter se mostrado um verdadeiro inútil durante o interrogatório, a ideia de ele me abandonar me deixa mais assustada ainda.

– Você sabe que não tenho dinheiro pra pagar um advogado…

– Você pode usar a defensoria pública – diz ele. – Ou pedir dinheiro emprestado, ou então… sei lá. Mas não tem como ser eu. Sinto muito.

– Então é isso. – Meu queixo treme quando ergo os olhos para ele. – Você está terminando comigo.

– É, né? – Ele balança a cabeça. – Sinceramente, eu nem sei quem você *é*. – Ele passa a mão pelos cabelos, puxando os fios num gesto obsessivo. – Não consigo acreditar que isso está acontecendo. Eu queria que você conhecesse meus pais. Pensei mesmo que você e eu…

Brock não precisa completar o raciocínio. Ele imaginou um futuro em que nós dois iríamos nos casar. Ter filhos juntos. Envelhecer juntos. Não imaginou que tudo fosse terminar numa delegacia, comigo sendo interrogada por suspeita de assassinato.

Então, na verdade, não posso culpá-lo por ir embora. Mas mesmo assim começo a chorar no momento em que a porta se fecha atrás dele.

QUARENTA E CINCO

O verdadeiro milagre é que depois disso tudo o investigador Ramirez não me prende. Quando ele me dá a notícia de que estou livre para ir embora, chego a lhe perguntar: "Tem certeza?" Eu estava certa de que iriam me prender, mas ele me deixa ir embora com o alerta de que não posso sair da cidade. Como não tenho dinheiro nem carro, não vou mesmo a lugar nenhum no futuro próximo.

Depois de sair da delegacia, levo a mão ao celular por instinto. Então me dou conta de que não tenho ninguém para quem ligar. Normalmente, teria telefonado para Brock e avisado que acabara de ser liberada, mas tenho a sensação de que ele não está nem aí.

Tem uma pessoa que poderia se importar, claro.

Enzo.

Enzo me ajudaria. Se eu ligasse, ele acreditaria sem questionar em cada palavra que eu dissesse. Só que não sei se quero ir por esse caminho outra vez. E como fiz todo aquele discurso sobre não precisar da ajuda dele, não estou disposta a voltar rastejando para ele uma semana depois, implorando para ele me salvar.

Posso salvar a mim mesma. Não estou presa. Talvez essa história toda acabe se resolvendo.

Após passar um instante pesando minhas alternativas, seleciono o número de Wendy na minha lista de contatos. Não sei se é correto ligar para ela neste momento, mas preciso de respostas. Nós fizemos um acordo ontem à noite, e o

que o investigador está alegando contraria inteiramente o que decidimos. Mas, pensando bem, talvez ele tenha só inventado coisas para me assustar e me fazer confessar ou acusar Wendy. Acho que aquele investigador seria capaz de qualquer coisa.

É claro que a ligação cai direto na caixa postal.

O melhor é ir para casa. Afinal, amanhã pode ser que me prendam, e eu nunca mais vou poder ir para casa. Não tenho dinheiro para pagar a fiança.

Pego o trem de volta para casa. Depois de tudo o que aconteceu hoje, mal consigo colocar um pé na frente do outro. Preciso revirar a bolsa durante cinco bons minutos à procura das chaves até ter certeza de que as perdi. Quando estou a ponto de desistir, encontro o chaveiro preso no forro da bolsa.

– Millie!

Quase no mesmo segundo em que entro no prédio, minha senhoria, a Sra. Randall, já está saindo pela porta do seu apartamento no térreo, usando um daqueles seus vestidos extragrandes que não a apertam na cintura. Seu rosto enrugado está todo franzido, e o lábio inferior projetado para fora.

– A polícia veio aqui! – exclama ela. – Eles me obrigaram a abrir a porta do seu apartamento e fizeram uma busca! Tinham um papel dizendo que eu precisava deixar eles entrarem!

– Eu sei – respondo com um grunhido. – Sinto muito por isso.

A Sra. Randall estreita os olhos para mim.

– Está com drogas escondidas lá em cima?

– Não! Com certeza, não!

Eu acabei de assassinar uma pessoa, só isso. Puxa vida.

– Não quero mais nenhum problema no meu prédio – diz ela. – *Você* é puro problema. A polícia já veio aqui duas vezes por sua causa! Quero você *fora* daqui. Te dou uma semana.

– Uma semana! – exclamo. – Mas, Sra. Randall…

– Uma semana, e vou trocar as fechaduras – sibila ela para mim. – Não quero você por aqui, nem o que quer que esteja fazendo lá no seu apartamento.

Sinto um peso no peito. Como é que vou arrumar outro apartamento com todas as coisas que estão acontecendo? Talvez fosse melhor eu ser presa. Pelo menos assim teria onde ficar. E comida de graça.

Subo com dificuldade os dois lances de escada até meu apartamento. Imagino

que o lugar vá estar todo revirado e não me decepciono. Os agentes de polícia que fizeram a busca nem sequer tentaram recolocar tudo no lugar certo. Vou levar o resto da noite para arrumar tudo.

Desabo no sofá, exausta. Não consigo lidar com essa bagunça hoje. Quem sabe amanhã. Quem sabe nunca. De que adianta, se vou ser presa de toda forma?

Em vez de arrumar, o que faço é pegar o controle remoto e ligar minha televisão vagabunda. Acho que é isso que vou fazer na minha última noite de liberdade.

Infelizmente, a televisão está sintonizada num canal de notícias. A história do assassinato de Douglas Garrick domina todos os noticiários no momento. A apresentadora loura de cabelos brilhantes relata agora que a polícia está conversando com um "suspeito".

Ei, eu estou na TV. Sou uma "suspeita".

A matéria então corta para um vídeo de Wendy. Ela está conversando com um repórter, com os olhos vermelhos e inchados. Os hematomas em seu rosto parecem ter desaparecido por completo, o que suponho ser devido à maquiagem. Ela se vira para falar com a câmera.

– Meu marido Douglas era um homem incrível – diz ela, com uma voz surpreendentemente firme, nem um pouco típica dela. – Era gentil, inteligentíssimo, e nós tínhamos planos de começar uma família juntos em breve. Ele não merecia ter a vida interrompida dessa forma. Não é justo ele ter… – Ela para de falar, engasgada de emoção. – Eu… me desculpem…

O que foi *isso*?

Como Wendy pôde falar assim sobre Douglas depois do que ele fez com ela? Eu entendo não querer falar mal dos mortos, mas ela está fazendo o homem parecer uma espécie de santo. Ele estava a segundos de matá-la esganada quando pus fim à sua vida. Por que ela não diz *isso* ao repórter?

A imagem corta para a apresentadora loura. Seus olhos azul-claros se cravam na tela.

– Para quem ligou a TV agora, nossa principal notícia é o brutal assassinato do multimilionário Douglas Garrick, CEO da Coinstock. Ele foi encontrado morto em seu apartamento no Upper West Side ontem à noite, atingido por um tiro fatal no peito.

A tela mostra a foto de um homem de 40 e poucos anos com a legenda

“Douglas Garrick, CEO da Coinstock”. Fico encarando a imagem, os cabelos escuros e olhos castanho-claros do homem, sua papada e os vincos ao redor dos olhos enquanto ele sorri para a câmera. Ao encarar a foto de Douglas Garrick, me dou conta de uma coisa.

Eu nunca vi esse homem na minha vida.

O homem cuja foto está sendo mostrada na tela é inteiramente desconhecido para mim. Ele se parece *um pouco* com aquele com quem venho interagindo na cobertura, e de longe talvez não desse para ver a diferença. Só que não é ele. *Com certeza* não é. Esse homem é uma pessoa totalmente diferente.

Então, se esse homem na tela é Douglas Garrick…

Quem foi que eu matei ontem à noite?

PARTE II

QUARENTA E SEIS

WENDY

Você deve estar me achando uma pessoa horrorosa.

Será que ajudaria dizer que, embora nunca tenha encostado um dedo em mim, Douglas era um péssimo marido? Ele me humilhava e fazia da minha vida um martírio. E eu teria ficado feliz em me divorciar.

Não precisava ter acabado em assassinato. Isso foi tudo culpa dele.

Quanto a Millie? Bom, ela foi uma triste vítima. Só que ela não é tão encantadora quanto se poderia pensar. Se passar a vida atrás das grades, será para o bem maior.

Mas, mesmo depois de ouvir o meu lado da história, você talvez continue me achando uma pessoa horrorosa. Talvez acredite que Douglas não merecesse morrer. Talvez pense que quem merece passar o resto da vida atrás das grades sou eu.

E a verdade é que estou pouco me lixando.

• • •

Como assassinar seu marido e se safar – Um guia, por Wendy Garrick

Passo 1: Encontre um homem que seja solteiro, sem noção e podre de rico

Eu não entendo nada de arte contemporânea.

Minha amiga Alisa me mandou um convite para essa exposição numa galeria, mas é tudo estranho demais para mim. Estou acostumada a admirar quadros como lindas obras de habilidade artística. Mas isso? Eu nem *sei* o que é isso.

O título da mostra é simples: *Peças de roupa*. E é exatamente disso que se trata. Peças de roupa penduradas nas paredes, em frangalhos, reconstituídas para formar uma colcha de retalhos de veludo cotelê, cetim, seda e poliéster. É um total absurdo. Quando foi que a arte virou uma coisa que parece algo feito por uma criança durante a aula de educação artística na escola?

A obra que estou vendo agora tem o seguinte título: *Meias*. É um nome adequado. Trata-se de uma moldura gigantesca, com no mínimo a mesma altura que a minha, e cada centímetro está coberto por meias de formatos e tamanhos diversos.

Eu simplesmente… simplesmente não entendo.

– Uma das minhas meias está furada – diz uma voz masculina atrás de mim. – Acha que tudo bem se eu pegasse uma dessas daí emprestada?

Viro para identificar o dono da voz. Reconheço na mesma hora Douglas Garrick. Antes da exposição, estudei com todo o cuidado uma rara fotografia que Alisa encontrou para mim: decorei os cabelos castanhos despenteados, os vincos ao redor dos olhos num quase sorriso, um incisivo esquerdo torto. Ele está usando uma camisa social branca barata que parece ter sido comprada no Walmart, e errou uma casa de botão. Não, peraí, ele errou todas as casas. Todos os botões de alto a baixo estão nas casas erradas. E ele precisa fazer a barba… urgentemente.

Ninguém nunca adivinharia que esse homem é uma das pessoas mais ricas do país.

– Não vejo como eles poderiam dar falta – respondo, tentando soar casual, apesar de o meu coração estar fazendo polichinelos dentro do peito.

Ele sorri para mim e estende a mão. Mal dava para perceber na foto que eu vi, mas na vida real ele tem papada, embora nada que um pouco de dieta e exercício não possam resolver.

– Doug Garrick.

Aperto sua mão, que está quente e engole a minha como se as duas tivessem sido feitas para se encaixar.

– Wendy Palmer.

– Muito prazer em conhecê-la, Wendy Palmer – diz ele, quando seus olhos castanhos encontram os meus.

– Igualmente, Sr. Garrick.

– Então… – Ele se apoia nos calcanhares dos sapatos sociais gastos. – O que está achando de *Peças de roupa*?

Corro os olhos pelo recinto em direção a todas as obras baseadas em roupas. Sei um pouco sobre Douglas Garrick, e creio que ele seja um homem que valorize a verdade.

– Pra ser sincera, não entendi muito bem – respondo. – Eu mesma poderia criar uma dessas obras com um pouco de cola e uma caixa de roupas que foram doadas.

Douglas franze a testa.

– Mas não é esse o objetivo? O artista está tentando desafiar o *status quo* e fazer uma crítica à arte tradicional ao demonstrar que até mesmo os objetos mais corriqueiros podem ser transformados em algo que desperte emoções.

– Ah. – Puxa, agora preciso pensar em algo inteligente para dizer. – Bom, acho mesmo que a interação entre textura e cor…

Paro ao ver o sorriso irônico nos lábios de Douglas. Ele o mantém por uma fração de segundo, então começa a rir.

– Essa baboseira fez parecer que eu sabia do que estava falando?

– Um pouco – reconheço, envergonhada.

– Sabe o que eu adoro nesta galeria? – diz ele. – A comida. A comida é… – Ele beija a ponta dos dedos. – Um espetáculo. Eu topo olhar para algumas paredes de meias em troca daqueles tira-gostos.

– Pois é – murmuro.

Não comi nada desde que cheguei à galeria. O vestido Donna Karan me cai como uma luva, igualmente justo nos seios, na barriga e na bunda, mas se eu começar a me empanturrar de camarão ao molho rosé alguma protuberância feiosa pode se formar.

Ele baixa os olhos para minhas mãos vazias.

– Deixa eu pegar alguns dos meus preferidos pra você. Confia em mim.

Abro um sorriso para ele.

– Fiquei curiosa.

– Não saia daqui, Wendy Palmer.

Douglas me dá uma piscadela antes de seguir depressa até a mesa de tira-gostos. Pega um prato e começa a empilhar uma quantidade perturbadora de petiscos. Ai, meu Deus. Por que ele está pondo tanta comida assim no prato? Eu não tomo café nem almoço, e já comi uma salada antes de vir para cá. O que esse homem está fazendo comigo?

Estou a ponto de ter um ataque de pânico com toda a comida que ele está pegando, mas como o prato é minúsculo, não deve ter tanto problema assim. Basta eu jantar pouco amanhã à noite.

– Aqui está. – Ele volta depressa até onde me encontro, ansioso para me mostrar tudo que conseguiu coletar para mim. – Estes são meus preferidos. Experimente primeiro a torta de cogumelo.

Pego a torta e dou uma mordida. Está sensacional. Se eu tivesse de chutar, diria que essa única mordida deve ter umas quinhentas calorias. Não é de espantar que Douglas tenha papada. E ele não está nem aí, porque não é mulher e além do mais é extraordinariamente rico.

– Então, tem uma obra ali do outro lado chamada Calças – conta ele. – Quer tentar adivinhar o que vamos ver?

Ele sorri, sustentando meu olhar, apesar de o meu vestido ter um decote de profundidade espantosa. Quando vim aqui hoje com a intenção de seduzir Douglas Garrick, não esperava encontrar um homem desses.

Vai ser bem mais fácil do que eu imaginava.

QUARENTA E SETE

Passo 2: Case-se com o homem podre de rico

Três anos antes

Douglas pode ser absolutamente enlouquecedor.

Ele está me atormentando. Está fingindo ser um cara legal – e até pé no chão, levando em conta seu trabalho e sua fortuna pessoal –, mas, na verdade, ele é sádico. Não há outra explicação para se comportar dessa forma.

– O que você acha que está fazendo? – disparo num tom ríspido.

Ele pelo menos tem a decência de parecer envergonhado. E deveria mesmo! Já é ruim o suficiente o cara se sentar na sala da nossa casa só de samba-canção – samba-canção! –, mas precisamos chegar daqui a menos de uma hora numa festa na casa de Leland Jasper, e Douglas não está nem de longe pronto. Eu tinha programado tudo com perfeição para chegarmos atrasados com estilo, mas agora ele está em pé na cozinha, de calça de moletom e camiseta, comendo Nutella direto do pote.

Meu coração não aguenta uma loucura dessas.

– Me deu fome – justifica ele.

Então, pousa a espátula na bancada da cozinha, sujando a superfície de mármore com o creme marrom-escuro.

– Douglas – começo, com a paciência se esgotando depressa. – A gente

precisa sair em dez minutos. Você não está nem vestido.

– Sair pra onde?

Ele está me torturando. Está fazendo de propósito. Não posso imaginar que esse comportamento não seja intencional: ninguém consegue ser tão sem noção assim.

– Para a casa da Leland! A festa é hoje!

– Ah, é. – Ele geme e esfrega as têmporas. – Nossa, a gente precisa mesmo ir? A gente detesta a Leland e o marido dela. Não foi isso que comentamos outro dia? Além do mais, que nome é esse, Leland? Ela com certeza inventou.

Ele está coberto de razão, o que não significa que possamos faltar à festa. Todo mundo vai estar lá. E quero que as pessoas me vejam usando meu vestido novo da Prada, com meus cabelos ruivos perfeitamente penteados e realçados por luzes, de braços dados com meu noivo bonito e inacreditavelmente rico, que estará vestindo um terno Armani que disfarça as gordurinhas do seu abdome. Fui eu que escolhi o terno justamente por esse motivo. Antes de mim, ele costumava andar por aí usando ternos vagabundos que deixavam à mostra o contorno da sua barriga.

– A gente tem que ir – digo entredentes. – Não quero ouvir mais nenhuma palavra em relação a isso. Você precisa se vestir… agora.

– Mas, Wendy… – Douglas me segura pelo braço e me puxa para junto de si. Seu hálito está com cheiro de avelã. – Por favor, essa festa vai ser um saco. Vamos… sei lá, vamos ao cinema só nós dois, que tal? Como a gente fazia quando começamos a sair? Quem sabe ver o filme novo dos Vingadores?

Uma coisa que eu não tinha notado em relação a Douglas antes de conhecê-lo é que ele é um nerd irremediável. Nem sequer tenta esconder isso. Tudo que ele quer é assistir a filmes de super-heróis e ficar vegetando no sofá com o laptop no colo, comendo Nutella do pote. O único motivo de ter virado CEO da Coinstock é por ser um gênio maluco inventor de um software que acabou sendo usado por todos os bancos do país.

– A gente vai nessa festa – repito pelo que parece ser a centésima vez. Eu juro, esse homem nunca me ouve. – Agora, vai se vestir. Rápido.

– Tá, tá bom.

Ele aproxima o rosto para tentar me dar um beijo de Nutella, mas como estou de Prada, dou um passo para trás e levanto as mãos para mantê-lo afastado.

– Você pode me beijar depois que trocar de roupa.

Douglas enfia o pote de Nutella de volta no armário e sai da cozinha em direção à nossa sala inacreditavelmente pequena, arrastando os pés. Esse apartamento inteiro é uma lástima. Temos só três quartos, e como um deles é o escritório de Douglas, é como se só tivéssemos *dois*. Assim que nos casarmos, vamos fazer uma baita melhoria nessa situação, além de comprar a casa dos meus sonhos. Bom, na verdade, é a casa dos sonhos de Douglas, porque o meu sonho com certeza não é morar num bairro rico.

Abro um sorriso toda vez que penso na casa em que vamos morar um dia. Quando eu era pequena, meu pai fazia serviços de manutenção e minha mãe mal ganhava um salário mínimo trabalhando numa pré-escola. Nós morávamos numa casa minúscula, e eu dividia o quarto com minha irmã mais nova, que fazia xixi na cama à noite até os 8 anos de idade. Estudei o suficiente na escola para ganhar uma bolsa e ir para uma escola particular metida a besta, onde todos os outros alunos gozavam da minha cara por eu não me vestir tão bem quanto eles.

Tudo que eu queria era uma calça jeans de marca como a da minha linda e cruel colega de turma Madeleine Edmundson. E quem sabe um casaco de inverno que não fosse de segunda mão e todo furado.

Achei que fosse conseguir dar uma guinada na vida na faculdade, mas as coisas não correram como eu esperava. Teve aquele incidente horrível em que me acusaram de colar, e no penúltimo ano da graduação fui proibida de fazer a rematrícula. Todas as minhas perspectivas de carreira pareceram ir por água abaixo quando fui escoltada para fora do campus.

Queria que todos eles me vissem agora.

A campainha toca bem nessa hora, o que me enlouquece. Antes de eu poder dizer a Douglas que vou cuidar de quem quer que esteja tocando, ele diz:

– Deve ser o Joe. Ele veio deixar uns documentos de que estou precisando. Vai demorar só um instante.

Joe Bendeck é o advogado de Douglas. Embora provavelmente faça parte do motivo que explique a imensa riqueza de Douglas, ele não é a pessoa que eu mais gosto no mundo, e ele por sua vez também nutre uma antipatia mal disfarçada por mim. Fico feliz por Douglas se encarregar dele.

Mas é estranho ele estar passando aqui tão tarde da noite. Não é algo sem

precedentes, mas mesmo assim é incomum. Fico me perguntando o que ele quer…

Enquanto Douglas vai falar com Joe, fico por perto para escutar a conversa dos dois. Douglas em geral não me envolve no seu trabalho, mas é inteligente estar a par do que posso a respeito do que está acontecendo.

– Só isso? – pergunta Douglas.

– Só – responde Joe. – E eu também trouxe outra coisa pra você…

Ouço papéis farfalhando e Douglas abrindo um envelope.

– Ah, Joe. Já te disse, não posso pedir pra ela fazer isso…

– Doug, você tem que pedir. Seu casamento é daqui a poucas semanas, e você não pode se casar com essa mulher sem um acordo pré-nupcial.

– Por que não? Eu confio nela.

– Isso é um grande erro.

– Olha, eu não… é como começar um casamento com o pé esquerdo.

– Doug, vou te dar um conselho jurídico gratuito. Se o casamento der errado, ela vai ficar com metade de tudo que você trabalhou para conseguir. Esse documento aí é a *única* coisa que te protege. Você seria uma anta completa de se casar com ela sem fazê-la assinar.

– Mas…

– Não tem mas nem meio mas. Você só se casa com essa mulher se ela assinar. Se ela te amar de verdade e quiser ficar casada com você, então isso não deveria ser um problema, certo?

Prendo a respiração, aguardando para ouvir o que Douglas vai dizer. Espero ele mandar Joe para o inferno. Mas, além de ser seu advogado, Joe é também seu amigo mais antigo e mais próximo.

– Tá bom – concorda Douglas. – Vou providenciar isso.

QUARENTA E OITO

– É extremamente generoso – ressalta Joe Bendeck.

Ele está em pé junto a mim e Douglas na nossa sala de estar, me explicando as cláusulas do acordo pré-nupcial. Douglas não me entregou o documento naquela noite. Ele esperou mais alguns dias, amortecendo o golpe com umas flores e um colar de brilhantes da Tiffany's. O que não amorteceu o golpe tanto assim.

– Não me sinto à vontade com a ideia de um acordo pré-nupcial. – Olho na direção de Douglas, que está sentado ao meu lado, vestido como um completo desleixado, de jeans e camiseta. – Amor, a gente precisa fazer isso?

– É *muito* generoso – insiste Joe. – Dez milhões de dólares em caso de divórcio. Mas você não pode pleitear os outros bens dele.

– Eu não quero os bens dele. – Ponho a mão no joelho de Douglas e sinto a textura gasta do tecido da sua calça jeans. – Só quero me casar em paz.

– Então assine – conclui Joe. – E nunca mais te aborreço com isso.

– É que eu… – Saco do bolso um lenço bordado e seco os olhos. – Achei que você confiasse em mim, Douglas.

– Ah, pelo amor de Deus – resmunga Joe. – Doug, você vai mesmo cair nessa?

Douglas lança um olhar para o amigo e passa o braço em volta dos meus ombros. Ele não suporta ver mulher chorando.

– Não é nada disso, Wendy. Eu confio em você, sim. E te amo muito.

Ergo o rosto molhado de lágrimas para encará-lo.

– Eu também te amo.

– Mas não posso me casar com você sem um acordo – acrescenta ele. – Sinto muito.

Vejo nos olhos castanhos de Douglas que ele está falando sério. Joe o convenceu, e agora ele está fazendo o que ele manda.

Dou uma espiada nos documentos sobre a mesa de centro na minha frente. A pilha de papéis tem 5 centímetros de espessura. Mas Joe realçou os pontos principais para mim. Está escrito, preto no branco, que, se nos divorciarmos, receberei 10 milhões de dólares. O que não equivale nem de perto a metade da fortuna de Douglas, mas nem por isso é uma quantia desprezível. Esse dinheiro poderá me bancar de maneira confortável pelo resto da vida se as coisas aqui não derem certo.

Não que eu imagine que vamos nos separar. Espero que Douglas e eu fiquemos juntos até que a morte nos separe, blá-blá-blá. Mas nunca se sabe. Douglas precisa de uma baita reforma, e reconheço haver uma chance de eu não conseguir reformá-lo do jeito que eu gostaria.

– Tá bom – digo por fim. – Eu assino.

QUARENTA E NOVE

Passo 3: Curta a vida de casada… por um tempo

Dois anos antes

– Meu Deus do céu. Que loucura este lugar.

Douglas está relutante em comprar essa cobertura. Ele acha que devemos continuar morando pelo resto da vida naquele minúsculo apartamento de três quartos. Bom, é verdade que temos a casa que compramos lá na ilha, só que não sei quanto tempo vou passar lá. Mas Douglas gosta da casa. Lá tem cinco quartos, e ele não para de falar de um jeito irritante sobre todos os filhos com os quais vamos ocupá-los.

– Esta cobertura é menor do que a do Orson Dennings – assinalo.

Tammy, nossa corretora, assente com entusiasmo.

– Esta é apenas uma cobertura de nível *médio*.

Douglas pisca ao olhar para as claraboias.

– Eu nem entendo por que a gente precisa de uma cobertura! Já temos uma casa inteira!

Eu não tinha percebido o quanto meu marido é sovina antes de começarmos a procurar apartamento. Qualquer coisa com mais de quatro quartos é "um exagero de grande". E ele não para de falar sobre a casa na ilha, como se qualquer um fosse passar o tempo todo em *Long Island*. Por favor, né.

– Eu estava mantendo o apartamento para o caso de precisar ficar na cidade para alguma reunião – lembra ele. – Mas não é aqui que a gente vai *morar*. A gente vai morar é na casa.

– Por que a gente tem que morar num lugar só?

– Porque não somos *malucos?*

– Muita gente mantém residências tanto fora da cidade quanto dentro dela – entoa Tammy.

– A gente já tem uma residência na cidade! – argumenta Douglas.

Ele está ficando frustrado. Douglas foi criado pela mãe solo num apartamento em Staten Island. Estudou numa escola de ensino médio pública especial no centro para crianças supernerds e pagou ele próprio a formação no MIT com um misto de bolsas de estudos, estágios e financiamento. Ele não está acostumado a ter grana. Não sabe o que fazer com ela.

Ele deveria ter uma aula comigo. Meu pai nunca dirigiu nada a não ser carros usados, e minha mãe recortava cupons de desconto das revistas. Todas as peças de roupa compradas para a minha irmã mais velha, sem exceção, só eram jogadas fora depois que as outras três irmãs também tivessem tido oportunidade de usar. Cada peça era usada até ficar absolutamente gasta.

Eu odiava viver assim. Costumava ficar deitada na cama e fantasiar sobre como seria ser rica um dia. E, agora que somos ricos, por que não deveríamos comprar tudo com que sempre sonhamos?

Depois de passarmos a infância sendo pobres, nós dois temos dinheiro. E vamos, sim, nos comportar de modo condizente com isso.

– Douglas. – Corro um dedo pelo braço dele. – Sei que parece meio extravagante, mas este é o apartamento dos meus sonhos. Já estou apaixonada.

– E além do mais o preço caiu – salienta Tammy.

– Caiu porque ninguém tem dinheiro pra comprar este lugar ridículo – resmunga Douglas, embora eu possa ver que parte de sua determinação já arrefeceu.

– Por favor, amor. – Bato os cílios para ele. – Vai ser tão incrível ter um lugar pra passar a noite quando trouxermos as crianças para a cidade.

Isso sempre funciona com ele. Toda vez que eu quero que algo saia do meu jeito, tudo que preciso fazer é mencionar nossos filhos fictícios em potencial. Douglas quer ter quatro, mas não é ele quem tem que parir.

– Tá bom. – Seus olhos se suavizam. – Por que não? Acho que poderia ser tipo como uma isenção de impostos ou algo assim.

– Claro! – exclama Tammy, farta disso tudo, num tom bem agudo.

– Obrigada, meu bem.

Eu me inclino para beijar meu marido. Quando ele me toma nos braços, não consigo deixar de notar que ficou um pouco mais gordinho do que era quando nos conhecemos, que é a direção contrária à que deveria estar tomando. Isso é uma coisa em relação à qual ele vai precisar se esforçar mais, entre outras. Douglas ainda é em grande parte uma obra em andamento.

CINQUENTA

Adoro almoçar com minha amiga Audrey. Ela sempre sabe as *melhores* fofocas.

Sempre sonhei ter uma vida assim. Em que estou livre no meio do dia para almoçar com uma amiga num dos restaurantes mais caros da cidade. Às vezes, sinto vontade de me beliscar para me certificar de que não é um sonho.

E há também outros momentos em que estou com Douglas, e ele suga minhas forças até a última gota. Tem hora que sinto vontade de lhe dar um *beliscão*.

Audrey parece estar explodindo com uma fofoca das boas. Ela é casada com um homem bem rico (e bem mais velho do que ela), mas não com tanto dinheiro quanto Douglas. Ela nunca teria condições de comprar uma cobertura como a nossa.

– Adivinha – provoca Audrey enquanto leva os dedos aos lábios cor de framboesa.

Isso é sempre o começo de alguma fofoca fantástica. Não sei como ela fica sabendo de tanta coisa; eu *jamais* contaria a ela nenhum segredo meu.

– O divórcio da Ginger Howell finalizou.

– Aah – comento. – Esse foi brabo.

O marido de Ginger, Carter, é o contrário de Douglas. Ele é o cara superpossessivo que nunca tirava os olhos dela sempre que estávamos em alguma festa. Toda vez que ela saía conosco, tinha que avisar ao marido o horário exato em que estava saindo, o que ia fazer e quando estaria de volta. Tenho

certeza de que era exaustivo para ela, mas havia também algo na forma como seu marido a controlava que eu achava sexy. Além do quê, Carter é tão atraente que chega a ser arrasador e se mantém bem em forma, ao contrário do meu marido.

– Bom. – Audrey mordisca uma folha de alface. – Ela teve ajuda da Millie.

– Millie? Quem é essa?

Audrey me olha com espanto, e minhas bochechas ficam coradas. Será que Millie é alguém importante no nosso círculo social de quem eu esqueci por algum motivo? Mas Audrey então revela:

– É uma faxineira.

– Tá…

– Mas ela tem uma reputação… – Audrey abaixa um pouco a voz, o que significa que está prestes a contar uma fofoca *realmente* boa. – Para mulheres que estiverem tendo questões com os maridos, ela ajuda. Cuida de tudo pra elas.

– Questões?

No meu cérebro, começo a ticar a lista de maus hábitos de Douglas. Quando vai ao banheiro, ele sempre usa metade do rolo de papel higiênico. Ele come os alimentos direto do pote na geladeira, embora eu tenha lhe pedido várias vezes para não fazer isso. Quando vai a um restaurante chique, nem sequer se dá ao trabalho de aprender que garfo usar no momento certo, e mesmo quando lhe indico isso no começo da refeição, ele ainda assim erra na metade das vezes, o que me leva a pensar que está apenas chutando.

Eu antes achava que poderia mudar Douglas. Que, com a minha ajuda, ele poderia se tornar uma pessoa melhor, como me tornei. Mas pelo visto ele só está piorando.

– Questões graves – esclarece Audrey. – Tipo, o marido de Ginger abusava dela. Vivia batendo nela… chegou a quebrar seu braço.

– Nossa! – exclamo com um arquejo.

Não posso alegar que essa seja uma questão que eu tenha. Douglas jamais encostaria um dedo em mim. Ficaria horrorizado com a ideia.

– Que horror – comento.

Ela aquiesce com gravidade.

– Então essa tal de Millie ajuda. Ela fala o que dizer e o que fazer. Consegue a ajuda necessária. Ela encontrou um ótimo advogado para Ginger. E ouvi dizer

até que ajudou algumas mulheres a desaparecerem quando essa era a única alternativa.

– Uau.

– E não é só isso. – Audrey mastiga uma das suas folhas de alface, em seguida dá uma batidinha na boca com o guardanapo. – Ouvi dizer que em uma ou duas situações que não tinham saída, essa tal de Millie… você sabe, apagou o cara.

Cubro a boca.

– Não…

– Pois é! – Audrey parece encantada por estar compartilhando essa revelação. – Ela é barra-pesada, pode acreditar… é um perigo. Se ela achar que um cara está machucando uma mulher, é capaz de praticamente qualquer coisa para fazer ele parar. Ela foi *presa* por atacar sei lá que cara que estava tentando estuprar uma amiga. Matou o sujeito.

– Nossa…

Audrey come outra garfada de salada, em seguida afasta o prato.

– Estou cheia – anuncia, embora mal tenha comido metade do prato, que, para começo de conversa, era só uma saladinha verde. – Wendy, tem certeza de que não quer comer nada?

Tomo um gole da minha mimosa.

– Eu comi bastante no café da manhã.

Ela estreita os olhos para mim, possivelmente por eu não ter pedido comida alguma em nossos últimos três almoços juntas. Mas sempre peço uma bebida.

– Imagino que vocês não estejam tendo muita sorte no quesito gravidez – comenta ela.

Amaldiçoo o fato de, alguns meses antes, ter por acaso comentado que Douglas estava animado para engravidarmos logo. Simplesmente me escapou. Já faz um ano mais ou menos que estamos tentando ter um filho. Não tem corrido muito bem… ou seja, não estou grávida.

– Ainda não – respondo.

– Eu conheço um especialista em fertilidade sensacional – diz Audrey. – Laura foi paciente dele, e olha só o que aconteceu.

Nossa amiga Laura agora tem meninos gêmeos, que da última vez que esbarrei com ela na rua não paravam de chorar. Faço uma careta.

– Tudo bem. A gente prefere tentar do jeito antiquado.

– Tá, mas você não está ficando mais nova – lembra ela. – Olha o relógio, Wendy.

– Tá bom. Me passa o nome do médico de fertilidade.

Adiciono o número no meu celular, embora não tenha a menor intenção de ligar para ele. Mas, se Douglas me perguntar, pelo menos posso fingir que estou fazendo alguma coisa.

CINQUENTA E UM

Passo 4: Entenda que você e seu marido são totalmente errados um para o outro

Um ano antes

Douglas entra na sala de jantar da nossa casa em Long Island e empaca ao ver os dois lugares postos na mesa.

– Cadê o resto do nosso jantar? – pergunta ele. – Na cozinha?

– Não. – Já estou sentada diante da mesa com um guardanapo no colo. – Este é o nosso jantar. A Blanca fez uma salada pra gente.

Douglas encara a saladeira como se tivessem lhe servido uma tigela de veneno.

– Só isso? O jantar inteiro?

Dou um suspiro. Eu me lembro de ter reparado na papada de Douglas na primeira vez que o vi; naquela noite, jurei que o faria entrar em forma para aquilo desaparecer. Mas ele na verdade está ainda mais fora de forma do que naquela noite. E, para falar a verdade, parece não estar nem aí.

– Tem alface, tomate, pepino e cenoura ralada – ressalto. – Comer salada todo dia é o que me impede de ficar inchada. Você deveria experimentar.

– Wendy, você é magra demais – assinala ele. – Tem pavor de pensar em comer qualquer coisa que não seja uma folha de alface ou um palito de aipo.

Fico rígida.

– Só estou me mantendo saudável.

– Eu estou *preocupado* com você. – Ele franze o cenho enquanto se senta diante da salada ofensiva. – Você nunca come nada. E desmaiou ontem depois de correr.

– Não desmaiei, nada!

– Desmaiou, sim! Estava superpálida, aí sentou no sofá, e eu não consegui te acordar. Estava a ponto de chamar uma ambulância.

– Eu estava *cansada*. Tinha acabado de dar uma corrida longa. – Eu me animo um pouco. – Por que não vem correr comigo amanhã?

– Meu Deus, acho que não conseguiria te acompanhar.

Inclino a cabeça.

– Humm. Então qual de nós dois não é saudável, mesmo?

Douglas coça a cabeça.

– Além do mais, vai ver estar tão magra é o que está te impedindo de engravidar. Li que isso não é bom para a fertilidade.

– Ai, meu Deus. – Dou um gemido. – Tudo sempre acaba nisso, né? Será que a gente não pode mais ter nenhuma conversa em que você não me culpe por ainda não ter engravidado?

Douglas abre a boca para dizer alguma coisa, mas então parece mudar de ideia.

– Desculpa, você tem razão.

Ele baixa os olhos para a salada à sua frente. Franze o nariz.

– Tem algum molho nesta salada?

– Um vinagrete zero gordura.

– Não estou vendo.

– É transparente.

Ele mergulha o garfo na alface crocante e espeta alguns pedaços. Enfia a comida na boca e mastiga.

– Tem certeza de que está temperada? Porque a minha impressão é estar comendo a grama que tem na frente daqui de casa.

– Eu disse pra Blanca pôr só um pouquinho. É zero gordura, mas não zero caloria.

Douglas continua a mastigar. Seu pomo de adão sobe e desce quando ele

engole um bocado de salada. Ao terminar, ele arrasta a cadeira para trás pelo chão e se levanta.

– Aonde você vai? – pergunto a ele.

– Ao KFC.

– Como é que é? – Fico de pé. – Sério, Douglas. Você vai conseguir. A gente vai conseguir junto.

– Por que não vem comigo? – rebate ele.

– Você só pode estar de brincadeira.

– A gente às vezes comia fast food quando estava namorando – lembra ele. É verdade, embora eu tenha tentado esquecer essas terríveis lembranças. – Vamos. A gente passa no drive-thru. Vai ser divertido. Ouvi dizer que lá tem um sanduíche em que usam frango frito no lugar do pão. Não quer experimentar? Ou pelo menos ver que cara tem?

Meus dias de fast food supostamente deveriam ter acabado quando me casei com um milionário da tecnologia. Balanço a cabeça.

Douglas me lança um olhar triste, mas não se detém. Ele sai de casa, entra no carro e se vai, provavelmente para ir comprar um sanduíche em que usam frango frito no lugar do pão.

É nessa hora que entendo que não posso mais ser fiel ao meu marido, porque não o respeito mais.

CINQUENTA E DOIS

Diante do colapso do meu casamento, decido que preciso de um pouco de terapia do consumo. Ou seja: precisamos de móveis novos.

Espero até estar de volta a Manhattan, pois é absolutamente impossível encontrar qualquer coisa decente na ilha. Sem que eu soubesse, Douglas organizou a transferência da maior parte da mobília do antigo apartamento para a nossa cobertura, e as peças são todas horrorosas. Parecem o tipo de coisa que alguém compraria numa loja com a palavra "saldão" ou "atacado" no nome. Mal consigo suportar olhar para aquilo.

Tentei explicar para ele que os móveis de uma casa precisam combinar uns com os outros e que peças clássicas e antigas combinariam não só entre si, mas também com o décor do nosso edifício em estilo gótico. Douglas se limitou a olhar para mim com um ar de quem não estava entendendo porque eu não estava falando em JavaScript, Klingon ou sei lá qual linguagem ele compreende melhor. Por fim, assentiu e me disse para comprar o que quisesse.

Por isso, estou saindo à caça de lindas antiguidades para decorar nossa cobertura quando dou de cara com Marybeth Simonds na portaria do meu prédio.

Marybeth é recepcionista na empresa de Douglas. Já a encontrei algumas vezes, e ela é razoavelmente simpática. Tem seus 40 e poucos anos, cabelos loiros começando a ficar grisalhos e um rosto de aspecto inexpressivo. Ela usa aquelas saias cafonas que têm o comprimento absolutamente exato para fazer as

panturrilhas parecerem tão grossas quanto possível. Na primeira vez que a vi, determinei que ela não representava nenhuma ameaça à fidelidade do meu marido e nunca voltei a pensar nela outra vez.

– Wendy! – exclama Marybeth. – Ah, que bom que te encontrei.

Ela está segurando um envelope pardo, decerto algum documento incrivelmente desinteressante para entregar a Douglas. Marybeth precisa buscá-los para ele, pois Douglas raramente vai ao escritório. Ele prefere trabalhar em vários cafés aleatórios espalhados pela cidade ou então na nossa casa em Long Island.

– O Doug tá em casa? – pergunta ela.

– Infelizmente, não. – Baixo os olhos para o meu relógio de pulso. – E não estou com tempo para cuidar de nenhuma papelada aleatória pra ele. Você vai ter que deixar com o porteiro.

O sorriso de Marybeth vacila de leve, mas ela assente. Douglas gosta dela por causa de seu temperamento afável, o que desconfio significar que ela seja um capacho.

– Claro, Wendy, com certeza. Pra onde você tá indo?

Essa intimidade me surpreende um pouco, mas recordo a maneira como a vida cotidiana das pessoas incrivelmente ricas costumava me fascinar quando eu era pobre. Antes, eu vivia lendo reportagens sobre pessoas como eu.

– Estou só indo comprar uns móveis – respondo.

– Móveis? – Os olhos dela começam a brilhar. – Sabia que o meu marido, Russell, é gerente de uma loja de móveis? Uma loja pequena, mas os móveis são incríveis. E ele te faria um ótimo desconto. – Ela remexe na bolsa, quase deixando cair o envelope pardo, e por fim saca um cartão branco retangular com uma pequena mancha de batom. – É o cartão dele. É só dizer que fui eu que te mandei lá.

Pego o cartão entre a ponta do indicador e do polegar, relutando em tocá-lo depois de ele ter estado dentro da bolsa de Marybeth junto com sabe-se lá mais o quê.

– É. Pode ser.

– Bom… – Ela me abre um sorriso radiante. – Bom te ver, Wendy.

Ela começa a andar na direção do porteiro, mas, antes que possa se afastar, eu a chamo pelo nome.

– Marybeth?

Ela se vira com o mesmo sorriso agradável estampado no rosto.

– Pois não?

– Eu preferiria que você me chamasse de Sra. Garrick – digo a ela. – Afinal, nós duas não somos amigas. Eu sou a esposa do seu chefe.

Marybeth se esforça para manter o sorriso nos lábios.

– Claro. Sinto muito, Sra. Garrick.

Fico pensando se estou sendo cruel. Mas não me casei com um dos homens mais ricos da cidade só para a recepcionista dele me chamar de *Wendy*.

CINQUENTA E TRÊS

Só para provar que não sou a mulher mais horrível da face da Terra, decido comprar um ou dois móveis de Russell Simonds. É justo eles poderem aproveitar um pouco do nosso dinheiro. E, se as coisas forem realmente cafonas demais para se ter em casa – como desconfio que vão ser –, posso muito bem doar.

Não é nenhuma surpresa a loja de móveis ser compacta. Eu havia imaginado sofás quadrados e duros, mas ao entrar me deparo com uma bela cômoda em vez disso. Paro por um instante para admirar a esplêndida peça de carvalho que foi cuidadosamente lixada e envernizada e está combinando com um lindo espelho rebuscado acima. Corro o dedo pela frente de uma das três gavetas de encaixe, cada qual com uma pequena fechadura.

É exatamente isso que eu estava procurando. Preciso disso para o meu lar.

– Linda peça, não?

Viro para identificar o dono da voz grave e encorpada atrás de mim. Por uma fração de segundo, quase penso estar olhando para meu próprio marido. Mas, não: esse homem com toda a certeza *não é* Douglas Garrick. Tem mais ou menos a mesma altura de Douglas, uma constituição física parecida – ou a constituição que Douglas teria se frequentasse a academia de vez em quando – e os cabelos mais ou menos da mesma cor, embora bem cortados. Apesar de trabalhar numa loja de móveis, está usando uma camisa social branca impecável e uma gravata com o nó perfeito. Esse homem se parece com o homem no qual eu esperava transformar Douglas na primeira vez que o encontrei, naquela exposição de arte

moderna. Ele é o Douglas 2.0, ao passo que meu marido mal chega a ser a versão beta.

– É uma peça vintage – informa ele. – Mas eu mesmo restaurei.

– Seu trabalho ficou incrível – sussurro em resposta. – Eu amei.

Ele sorri para mim, e meus joelhos tremem de leve.

– Ah, isso não é jeito de pechinchar.

– Não tenho o menor interesse em pechinchar – rebato. – Quando quero alguma coisa, faço tudo que for preciso para conseguir.

Uma centelha de divertimento surge no olhar dele ao ouvir meu comentário.

– Meu nome é Russell. – Ele me estende a mão, e quando a seguro um arrepio delicioso sobe pelo meu braço. – Esta é a minha loja, e eu *adoraria* vender essa cômoda hoje para a senhora. Aposto que ficaria ótima na sua casa.

Russell Simonds. Deve ser esse o marido de Marybeth. Por algum motivo, eu esperava um homem com uma barriga de chope e uma imensa careca no topo dos cabelos grisalhos. Não *esse* homem.

– Wendy Garrick. Sua esposa Marybeth trabalha para o meu marido. Foi ela quem sugeriu que eu viesse aqui.

O sorriso brincalhão se demora nos lábios dele.

– Que bom que ela fez isso.

No fim das contas, acabo comprando metade da loja. Toda vez que Russell me fala sobre outro móvel vintage restaurado, eu simplesmente preciso adquirir a peça. Então, quando estou lhe passando meu cartão de crédito com um limite de gastos chocante de tão alto, ele saca seu cartão de visitas, dessa vez impecavelmente novinho e todo branco, e rabisca dez algarismos no verso.

– Qualquer problema com os móveis, é só me avisar – diz ele.

Guardo o cartão na bolsa.

– Com certeza vou fazer isso.

E, enquanto Russell calcula o total das minhas compras, não posso evitar pensar que tem mais uma coisa naquela loja que eu gostaria de levar para casa comigo. E, quando quero alguma coisa, faço tudo que for preciso para conseguir.

CINQUENTA E QUATRO

Passo 5: Tente encontrar a felicidade em outro lugar

Seis meses antes

Talvez eu esteja me apaixonando.

Eu tentei me apaixonar por Douglas. Tentei de verdade. Pensei que acabaria amando meu marido. Pensei que ele fosse mudar, do mesmo jeito que mudei quando me esforcei para melhorar de vida. Douglas não faz ideia de quão maravilhoso ele poderia ser caso se desse ao trabalho de se cuidar, fizesse uma cirurgia plástica ou consertasse aquele dente torto. (Pelo amor de Deus, que multimilionário anda por aí com uma arcada dentária imperfeita? Ele por acaso acha que está na *Inglaterra*?)

Mas Douglas não tem o menor interesse em nenhuma dessas coisas. Não tem o menor interesse em ser o homem que eu quero que ele seja. Douglas só quer ser *ele mesmo*.

Já Russell…

Embora faça seis meses desde que fomos para a cama pela primeira vez, não consigo parar de olhar para o homem do outro lado da mesa. Seus fartos cabelos escuros, cor de chocolate, cortados curtos nas laterais, mas compridos o bastante no alto da cabeça para formar levíssimos cachos, e suas grossas e poderosas sobrancelhas. Nunca descrevi um par de sobrancelhas como "poderosas" na vida,

mas esse homem seria capaz de dominar um recinto inteiro com as sobrancelhas que tem. É meu traço preferido nele. Mas, para ser sincera, eu amo tudo em Russell.

Menos a sua conta bancária.

A garçonete chega perto da nossa mesa com um sorriso de orelha a orelha fixo no rosto. Num restaurante caro como esse, o pessoal de salão é sempre gentil. Douglas detesta lugares assim. *Não gosto quando ficam me paparicando demais*.

– Gostariam de uma sobremesa? – pergunta a garçonete. – Temos um bolo de chocolate sem farinha incrível.

– Não, obrigado – responde Russell.

Concordo com um meneio de cabeça. Nós nunca pedimos sobremesa. Assim como eu, Russell se cuida. Vai à academia várias vezes por semana, e seu corpo é todo musculoso e esculpido, só com um tiquinho daquela pancinha inevitável da meia-idade. Pena que Marybeth não saiba valorizar isso. Ela nem se dá ao trabalho de tingir os cabelos loiros; daqui a alguns anos, vai estar toda grisalha.

Russell estende a mão por cima da mesa e segura as minhas. Como estamos em público e somos ambos casados, é um gesto totalmente inadequado. Porém, nas últimas semanas do nosso tórrido caso, nós meio que deixamos a cautela de lado. Parte de mim quase quer ser pega. Porque, pela primeira vez na vida, estou apaixonada.

Se Douglas quiser se divorciar de mim, eu pego meus 10 milhões e sigo meu caminho.

– Queria não ter que voltar pro trabalho – murmura ele.

– Talvez você possa chegar atrasado? – sugiro.

Um sorriso se insinua nos lábios de Russell. Adoro a disposição dele. Douglas já não é mais assim desde pouco depois de nos casarmos, e mesmo antes disso nunca teve a mesma perícia na cama quanto Russell. Ele simplesmente não tinha a mesma energia.

Durante algum tempo, nós reservávamos quartos de hotel para nossos encontros, mas ultimamente é raro Douglas aparecer na nossa cobertura, então apenas tenho levado Russell para lá. O prédio tem uma entrada dos fundos onde tenho certeza de que não existem câmeras, de modo que não precisamos lidar com o olhar de julgamento do porteiro.

– Eu não deveria fazer isso – diz ele. – A loja tem tido bastante movimento.

– Não é pra isso que servem os vendedores?

Russell em geral só tem um outro vendedor trabalhando na loja, embora talvez agora possa contratar um segundo, já que venho praticamente bancando a loja com minhas compras. A bem da verdade, amo todas as lindas peças de antiguidade que comprei lá. Russell tem um gosto impecável. Se ele tivesse dinheiro, realmente saberia como gastar.

– Que tal hoje à noite? – sugere ele.

– Mas e a Marybeth?

Seus lábios se contraem de repulsa, como sempre acontece quando o tema da sua esposa vem à tona. Isso é uma coisa que nos aproximou: nosso desagrado mútuo com nossos cônjuges.

– Falo pra ela que fiquei trabalhando até mais tarde outra vez.

A garçonete volta com a conta, e eu lhe passo meu cartão platinum. Sempre sou eu quem paga quando vamos a restaurantes caros, porque, embora não goste de admitir, Russell vive um pouco apertado de dinheiro. Mas isso não me incomoda. Não gosto dele por causa do dinheiro; no momento, tenho dinheiro de sobra.

– Vou contar os segundos até te encontrar hoje à noite – murmura Russell.

Debaixo da mesa, seus dedos sobem por baixo da minha saia até eu começar a me sentir um pouco ofegante.

– Russell – digo, rindo baixinho. – Aqui não. Tem gente em volta.

– Não consigo me segurar perto de você.

– Russell…

Meu prazer com o que meu amante está fazendo debaixo da mesa é interrompido quando a garçonete limpa a garganta com um pigarro. Ela está segurando meu cartão platinum.

– Sinto muito, mas seu cartão não passou. Foi recusado.

Reviro os olhos.

– Deve ser um problema com as máquinas de vocês. Passa de novo, por favor.

– Já tentei três vezes.

Dou um suspiro. Meu Deus, o pessoal que trabalha nesses restaurantes é simpático, mas às vezes é de uma incompetência atroz. Não é de espantar que

estejam vivendo de servir mesas em um restaurante. Enfio a mão na bolsa e pego meu Visa.

– Tenta esse aqui.

Só que dali a um minuto a garçonete volta com o segundo cartão.

– Esse também foi recusado – informa ela.

O tom dela não é mais tão gentil quanto quando estava nos servindo. E os clientes das mesas em volta começaram a nos encarar.

Não sei o que está acontecendo. Sou casada com a porcaria do Douglas Garrick. Meu limite de crédito é infinito. Obviamente, deve ser alguma questão com o restaurante, só que ninguém mais parece estar tendo problemas.

– Tente o meu cartão – diz Russell.

Ele tira o cartão da carteira e o entrega.

Enquanto a garçonete se afasta depressa para tentar o novo cartão, eu o encaro com uma expressão de desculpas.

– Sinto muito mesmo por isso. Não sei o que está acontecendo.

– Não tem problema – responde ele, embora não tenha mesmo como bancar um restaurante desses.

Não é o tipo de lugar ao qual teríamos ido se soubéssemos que seria ele quem pagaria a conta. Mas a essa altura não há muita coisa que possamos fazer.

O cartão de crédito de Russell passa sem problemas. Alguma coisa está acontecendo com meus cartões. Será que estamos tendo algum tipo de problema financeiro do qual não estou a par? Pessoas como nós não têm dívidas no cartão. Mas a verdade é que não estou por dentro das nossas finanças. Tenho meus cartões de crédito e uso todos eles sem pensar.

Vou ter que falar com Douglas sobre isso hoje à noite.

CINQUENTA E CINCO

Liguei várias vezes para Douglas, mas ele não está atendendo. Também mandei várias mensagens de texto às quais ele não respondeu.

Não sei o que está acontecendo. Testei meus cartões de crédito em outra loja, e eles foram recusados mais uma vez, de modo que a culpa não foi do restaurante.

Liguei para a operadora do cartão para tentar entender o mistério, e eles me disseram algo chocante: meus cartões foram cancelados. Todos.

Finalmente, decido ir de carro até nossa casa em Long Island para falar com Douglas. Apesar do nosso maravilhoso apartamento em Manhattan cheio de móveis antigos, ele prefere a casa. Diz que gosta da tranquilidade, que dorme melhor sem as buzinas e sirenes constantes da cidade e que aprecia o ar puro. Mas Long Island é insuportavelmente sem graça. Não tem nada para fazer lá, mesmo, e nenhum lugar decente para fazer compras.

Ao chegar, encontro a casa vazia. Então me dou conta de que faz mais de uma semana que não ponho os pés ali, apesar de Douglas dormir quase todas as noites na casa. Suponho que meu marido e eu tenhamos nos distanciado nos últimos tempos. Nós só transamos uma vez por mês, quando estamos tentando engravidar.

A casa pelo menos está limpa; quando entrei pela porta, quase imaginei que fosse encontrar caixas de pizza sujas e meias usadas penduradas no sofá, porque Douglas pode ser meio desleixado. A sala tem um ar…. aconchegante, acho que a

palavra seria essa. Douglas se livrou do sofá branco que escolhi e o substituiu por outro azul-escuro com almofadas de aspecto surrado. Eu me sento ali para esperar ele chegar e sou obrigada a admitir que o sofá é confortável, apesar de ser feio de doer.

Só às nove da noite ouço a porta da garagem se abrindo. Eu me endireito no sofá, então resolvo ficar em pé. Esse vai ser o tipo de conversa que se precisa ter em pé. Pressinto que vai.

Douglas entra pelos fundos um minuto depois. Tem os cabelos mais bagunçados do que de costume e olheiras debaixo dos olhos. A gravata pende frouxa ao redor do pescoço, e, ao me ver de pé na sala, ele se detém.

– Você cancelou meus cartões – digo por entre os dentes cerrados.

– Estava me perguntando o que seria preciso pra fazer você vir até aqui.

Por acaso ele acha que isso é algum tipo de brincadeira?

– Eu estava tentando almoçar, e meu cartão foi recusado. Não tive como pagar. Você entende isso?

Douglas entra na sala puxando o resto da gravata para tirá-la.

– Como assim? O Russell não estava com o cartão dele?

Minha boca se escancara.

– Eu…

Ele joga a gravata em cima do sofá.

– Não entendo por que esse espanto todo. Você acha que pode andar pela cidade inteira se pegando com outro cara sem eu descobrir? Acha que pode pagar um quarto de hotel com o meu cartão de crédito e eu não vou ficar sabendo? Você me acha tão burro assim?

– Eu… desculpa.

Meu coração está martelando no peito. Eu nunca ouvi Douglas falar nesse tom, mas parte de mim está contente com o fato de essa conversa estar acontecendo. Cansei de estar casada com Douglas Garrick. Que bom que estamos pondo tudo às claras.

– Não foi minha intenção isso acontecer.

– Ah, me poupe. Essa é a melhor desculpa que você consegue inventar? – Ele me olha com repulsa. – E com o marido da Marybeth? Como você foi capaz de fazer uma coisa dessas, Wendy? A Marybeth é como se fosse da família.

Da família dele, talvez. Eu nunca fui com a cara dela, mesmo antes de ir para

a cama com o seu marido. E agora que sei como ela foi a esposa errada para Russell tenho ainda mais antipatia por ela.

– Ela tá sabendo?

Douglas faz que não com a cabeça.

– Não consegui fazer isso com ela. Ela ficaria destruída. – Ele bufa. – Não que você fosse ligar pra isso.

– Douglas, a gente não tem exatamente um casamento perfeito – assinalo. – Você sabe disso tão bem quanto eu.

Meu comentário faz a raiva dele arrefecer. Seus olhos castanhos ficam mais suaves. No fundo, no fundo, meu marido é meio fácil de manipular. Aliás, foi por isso que me casei com ele. Sabia que ele me daria tudo que eu quisesse.

– Acho que a gente deve fazer uma terapia de casal – sugere ele. – Encontrei uma terapeuta muito recomendada. Sei que sou ocupado, mas vou abrir espaço pra isso. Pra gente.

Eu me imagino sentada com Douglas num consultório de uma terapeuta, onde discutiríamos nossos numerosos problemas que, somados, resultam no fato de querermos coisas inteiramente diferentes da vida.

– Não sei…

– Wendy. – Ele se aproxima de mim e segura minha mão. Deixo que faça isso por um instante, sabendo que vou puxar a mão de volta em questão de segundos. – Não quero desistir da gente. Você é minha esposa. E, apesar de a gente estar tendo alguma dificuldade nessa área, quero que seja a mãe dos meus filhos.

Percebo que chegou o momento de abrir o jogo com ele. Preciso arrancar o band-aid, senão talvez nunca me livre do sujeito. E, depois desse tempo todo, ele merece a verdade.

– Na verdade, eu não posso ter filhos.

No fim das contas, ele é o primeiro a retirar a mão.

– Como é que é? Que história é essa?

– Anos atrás, tive uma infecção que destruiu minhas trompas – respondo.

Aconteceu quando eu tinha 21 anos. Senti uma dor horrível no baixo-ventre, e os médicos depois explicaram que a infecção ficou assintomática até se espalhar pelas minhas tubas uterinas. A dor foi tão forte que tive que fazer uma laparoscopia para retirar parte do tecido cicatrizado, e foi então que me disseram que eu nunca conseguiria ter um filho por vias naturais. Existe uma pequena

chance de conseguir engravidar por meio da tecnologia reprodutiva, mas até isso é extremamente improvável, considerando a extensão das cicatrizes.

Foi devastador ouvir isso naquele momento. Na época, amaldiçoei minha sorte. Embora tivesse crescido pobre, ainda sonhava com um dia encher a casa de crianças, como meus pais tinham feito. Chorei por 24 horas seguidas quando recebi a notícia.

Porém, com o passar dos anos, descobri que aquilo era uma bênção. Vi muitas amigas ficarem presas depois de terem filhos e notei como isso suga a conta bancária da pessoa. Eu me dei conta de que tinha sorte por nunca poder ser mãe. Na verdade, a tal infecção foi a melhor coisa que já me aconteceu.

Douglas está balançando a cabeça.

– Não tô entendendo. Você tá me dizendo que sabia desde o começo que não podia engravidar?

– Exato.

Ele se deixa cair no sofá confortável com um olhar vidrado.

– A gente tá tentando há anos. Você nunca disse nada. Não acredito que tenha mentido pra mim desse jeito.

Eu o deixei chateado, mas é melhor assim. Como falei, o band-aid precisava ser arrancado.

– Eu sabia que não era o que você queria escutar.

Ele ergue o rosto para mim com os olhos marejados.

– Bom, e adotar? Ou então…

Ai, meu Deus, a última coisa que eu quero é ter que cuidar dos pirralhos de outra pessoa.

– Douglas, eu não quero ter filhos. Nunca quis. O que eu quero é sair desse casamento.

– Mas…

Seu lábio inferior treme. Ele continua com aquela papada. Durante todo o nosso casamento, não avancei nada em relação a ajudá-lo a se livrar dela. Pensava que ele fosse uma obra em andamento, mas nunca fiz nenhum progresso real.

– Wendy, eu te amo. Você não me ama?

– Não mais – respondo. É mais gentil do que dizer que nunca amei. – Não

quero mais ficar com você. Não te respeito, e nós dois queremos coisas diferentes. É melhor cada um seguir seu caminho.

Quando eu tiver meus 10 milhões de dólares, não vou ter mais que me preocupar se ele cancelou a porcaria do meu cartão. Vou ser independente. Russell vai poder largar a esposa dele, e nós dois poderemos fazer o que quisermos.

– Tá bom. – Douglas se levanta com esforço. – Você quer sair desse casamento? Então tá. Só que não vai levar nem um centavo do meu dinheiro.

Infelizmente, quem decide isso não é ele. Ele quer me punir, mas conheço meus direitos.

– O acordo pré-nupcial me dá 10 milhões de dólares. Não vou pedir mais do que isso.

– Certo. – O olhar perdido desapareceu de seus olhos castanhos, que agora se tornaram aguçados e concentrados no meu rosto feito um raio laser. – Você recebe 10 milhões em caso de divórcio. Mas o acordo diz que se eu tiver provas de que me traiu, você não recebe nada.

Recordo o documento que Joe me entregou antes do casamento. Cheguei a cogitar mostrá-lo para um advogado, mas podia ver escrito em preto no branco que eu levaria 10 milhões em caso de divórcio. Não quis gastar milhares de dólares contratando um advogado.

– Eu te mostro com prazer qual cláusula diz isso. – Um sorriso ameaça surgir nos seus lábios. –Tá bem na página 178. Não sei como você pôde ter deixado passar.

Meus punhos se cerram.

– O Joe me enganou. Ele sempre fez questão de fazer você desconfiar de mim.

– Não, o acordo pré-nupcial foi ideia minha. A cláusula sobre infidelidade também. – Douglas abre o botão de cima do colarinho. – Falei pra ele fingir que a ideia tinha sido dele, assim você não ficaria brava comigo. Queria que você confiasse em mim. Embora eu não confiasse em você.

Encaro meu marido enquanto sinto minha fúria aumentar.

– Você não pode simplesmente inserir uma cláusula sem me dizer nada. Isso… isso é me enganar.

As sobrancelhas dele se erguem.

– Ah, tipo como quando você não me falou que não podia engravidar?

Sinto uma pressão no peito. Ficou um pouco difícil respirar. Douglas sempre disse o quanto o ar aqui é mais puro, mas eu nem reparo.

– Tá. Mas boa sorte pra provar que eu fui infiel.

Embora isso vá ser uma tortura, vou ter que passar um tempo sem poder me encontrar com Russell. Não posso dar a Douglas nenhuma chance de provar minha infidelidade.

– Ah, não se preocupe. Eu já tenho fotos, vídeos… tudo que você quiser.

Dou um arquejo.

– Você contratou um detetive pra me espionar?

Ele me fulmina com olhos cheios de ódio.

– Tudo que precisei fazer foi instalar algumas câmeras escondidas no nosso próprio apartamento. Sutil, não?

Droga. Nós nunca deveríamos ter sido tão descuidados. Se eu ao menos soubesse…

– Talvez você consiga recuperar seu emprego antigo – diz Douglas com um ar pensativo. – O que você fazia, mesmo? Não trabalhava atrás de um balcão qualquer na Macy's? Parece bem divertido.

Eu odeio esse homem. Tive vários sentimentos por ele ao longo dos três últimos anos, mas nunca senti esse tipo de ódio por ninguém na vida. Pois é, não fui totalmente sincera com ele. Mas me deixar sem um tostão? Ele é mesmo uma pessoa sádica.

– Então eu não me divorcio de você – retruco. – Não assino os documentos. Você não vai me tirar da sua vida.

– Tudo bem – responde ele com uma calma enlouquecedora. – Mas você não vai recuperar seus cartões. E todas as contas bancárias estão no meu nome… vou cortar seu acesso ao dinheiro.

Eu não sabia que Douglas tinha esse lado. Mas imagino que ninguém vire CEO de uma empresa tão grande sem ter algum colhão.

– Pode ficar na cobertura – acrescenta ele. – Por enquanto. Mas daqui a alguns meses, vou pôr aquilo lá à venda. Aí você pode decidir o que vai querer fazer.

Com essas palavras, ele me dá as costas e sai da sala. Sua gravata continua

jogada no sofá, e parte de mim se sente tentada a pegá-la, passá-la em volta do seu pescoço e esganá-lo.

É claro que não faço isso, mas a ideia é extremamente sedutora.

Porque, se Douglas se divorciar de mim com provas do meu adultério, eu fico sem nada. Mas, se ele morrer, segundo o seu testamento, eu fico com tudo.

CINQUENTA E SEIS

Passo 6: Dê um jeito de transformar seu marido num homem que merece morrer

Quatro meses antes

– O Douglas está ameaçando pôr a cobertura à venda em breve – digo a Russell. – Não sei o que fazer.

Estamos deitados juntos na gigantesca cama king size da suíte master. Como eu estava apavorada por voltar à cobertura depois de ter descoberto sobre as câmeras instaladas por Douglas, contratei um especialista para encontrá-las e desativá-las. Sair dali não era uma alternativa; afinal, o apartamento é tão meu quanto de Douglas. Fui eu que escolhi essa cama, embora provavelmente possa contar nos dedos quantas vezes Douglas dormiu nela. Ele nunca gostou da cobertura. Russell, por outro lado, é completamente apaixonado pelo lugar. Gosta tanto daqui quanto eu.

Mas, mesmo se eu receber 10 milhões de dólares, não vou ter como ficar morando aqui. E, sem o dinheiro, isso aqui é um sonho delirante.

– Ele não vai fazer isso. – Russell corre os dedos pela minha barriga nua. – Se ele vender este apartamento, você vai ter que ir morar com ele. E isso ele não quer.

Minha vontade é jogar as mãos para o alto.

– Quem é que sabe o que ele quer? Ele só tá tentando me punir.

Aquela mentira toda sobre eu ter tentado engravidar obviamente foi a gota d'água para ele. Ele quer que eu sofra pelos meus pecados.

– Mas o que eu posso fazer? – insisto.

– Você poderia se divorciar dele mesmo assim – responde Russell. – E ficar comigo. Eu largo a Marybeth.

– Mas a gente vai ficar na miséria!

– Não vai, não. – Ele parece se ofender com essa sugestão. – Eu tenho a minha loja. E você também poderia achar alguma coisa. Não vamos ficar na miséria.

Às vezes sinto que Russell e eu somos feitos um para o outro, mas em outras ocasiões ele diz coisas assim.

Por enquanto, estou esperando para ver o que acontece. Depois que Douglas e eu nos separarmos, vai ser isso e pronto: não terei direito algum sobre o patrimônio dele. Então, todos os dias cruzo os dedos para quando ele estiver andando na rua ser atropelado por um ônibus. Isso acontece o tempo inteiro na cidade. Por que não pode acontecer com meu marido, só dessa vez?

– Quem dera ele morresse – comento. – Com a quantidade de comida gordurosa que come, seria de se esperar que fosse morrer de infarto.

– Ele tem só 42 anos.

– Homens morrem do coração o tempo inteiro nessa idade – assinalo. – O Douglas inclusive toma remédio para o coração. Poderia acontecer.

– Torcer para o Douglas infartar não é um bom plano para o futuro.

Russell pelo visto não gosta tanto quanto eu de fantasiar sobre a morte de Douglas. Mas é só porque não o conhece como eu.

– Deve ter um jeito de sair dessa situação do acordo – observo. – O Douglas está sendo sádico e babaca, e tem que pagar pela forma como vem me tratando. Deveria haver um jeito de punir os maridos que tratam suas mulheres assim. Cortar meu dinheiro e ameaçar tirar minha casa… Isso é praticamente, sei lá, abuso.

Quando digo essas palavras, alguma coisa se agita no fundo da minha mente. Uma história que minha amiga Audrey me contou séculos atrás. Sobre alguma espécie de faxineira que defendia mulheres maltratadas pelos maridos.

Ela é barra-pesada, pode acreditar… Se ela achar que um cara está

machucando uma mulher, é capaz de praticamente qualquer coisa para fazer ele parar.

Fecho os olhos e tento me lembrar do nome da mulher. Então o nome vem:

Millie.

Douglas não é horrível do mesmo jeito que o marido de Ginger; ele não me agride fisicamente. Mas, mesmo assim, é perverso e manipulador. O abuso não precisa ser necessariamente só físico: o fato de o meu marido me expulsar de casa e me deixar sem um tostão não é tão abusivo quanto quebrar um osso?

Será que essa tal faxineira iria concordar? Não sei. Ela talvez precise de um empurrãozinho.

Mas… mas e se ela visse um homem me tratando muito mal e acreditasse que ele fosse meu marido? É claro que não poderia ser Douglas, porque ele está me evitando a todo custo. E Douglas jamais encostaria um dedo em mim, mesmo que eu o provocasse. Mas essa tal de Millie não sabe quem é o meu marido. Douglas apagou meticulosamente da internet todas as fotos de si mesmo. Se Millie visse um homem batendo em mim, ficaria motivada a me ajudar. Se o que ele fizesse fosse ruim o bastante, eu nem sequer conseguiria impedi-la.

Aos poucos, um plano está se formando na minha mente.

CINQUENTA E SETE

Algumas semanas antes

Quando me olho no espelho, quase solto um grito.

Meu rosto parece um pesadelo de hematomas roxos surgindo misturados a outros já um pouco amarelados. Dói só de olhar. Russell me observa dar os retoques finais na maçã do rosto e parece impressionado.

– Wendy, você é uma verdadeira maga – elogia ele. – Parece de verdade.

Passei horas treinando. Assisti a vários vídeos no YouTube, e hoje sou uma das maiores especialistas do mundo na criação de hematomas de aspecto realista. Realmente parece que alguém me deu uma surra daquelas.

Tomara que Millie saiba valorizar o trabalho que esta obra-prima exigiu.

Ela parece estar em grande parte realmente acreditando na nossa pequena farsa. E, tirando isso, é uma excelente cozinheira e faxineira. Conseguiu até encontrar para mim cidra-mão-de-buda, que eu adoro. É uma pena o que vai acontecer com ela. Mas não tem outro jeito.

– Está quase perfeito – digo enquanto guardo meu estojo de maquiagem. – Só falta uma coisa.

Russell ergue uma sobrancelha. Ele vem desempenhando perfeitamente o papel de Douglas desde que Millie chegou. É incrível: quando se combina a aparência e a personalidade de Russell com a riqueza e o poder de Douglas, de fato o resultado é o homem ideal.

– Sério? Pra mim parece perfeito.

Inspeciono outra vez meu rosto no espelho. Perfeito não é bom o suficiente. É preciso que fique mais do que perfeito. Se Millie desconfiar por um segundo sequer que isso no meu rosto é maquiagem, está tudo acabado. Tem que ficar impecável.

– Você tem que me dar um soco.

Russell joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada.

– Tá. Muito engraçado.

– É sério. Preciso que você machuque a minha boca. Tem que ficar parecendo de verdade.

O sorriso no rosto de Russell desaparece aos poucos quando ele percebe que estou falando cem por cento sério.

– Como é que é?

– Ela não pode desconfiar que isso é maquiagem – insisto. – E não consigo forjar um lábio rasgado com o material que tenho aqui. Você tem que me dar um soco.

Russell me lança um olhar horrorizado enquanto recua para se afastar de mim.

– Eu não vou te dar um soco na cara.

– Não precisa se sentir mal. Sou eu que estou dizendo pra você fazer isso.

– Eu nunca bati em mulher na vida.

Ele parece levemente enojado. Isso me faz pensar se terá coragem de ir até o fim com o nosso plano. Ele vai ter que fazer coisas bem piores do que me dar um soco na cara antes de essa história acabar.

– Wendy, eu não vou te bater – repete ele.

– Você tem que fazer isso.

– Não vou. Não consigo.

Fico tão frustrada que seria capaz de gritar. Ele por acaso acha que isso é uma brincadeira? Tenho umas poucas economias que guardei para uma emergência na minha conta bancária pessoal, mais algum dinheiro que ganhei vendendo joias e roupas. Mas tenho usado esse dinheiro para viver e para pagar o salário de Millie – um salário extremamente generoso, por sinal. Agora gastei uma boa parte para comprar um vestido que a polícia vai acabar desconfiando ter sido um presente de Douglas para Millie, assim como uma pulseira gravada caríssima. E, claro, enchi o armário com materiais de limpeza que comprei alegando sofrer de

graves alergias, mas que na realidade adquiri para o porteiro não ver Millie carregando para lá e para cá frascos de produtos para limpar o chão e cera para móveis.

Em todo caso, o dinheiro não vai durar muito. Preciso acabar com isso… e logo.

Preciso que ele me dê um soco.

– Você é patético – falo com desprezo. – Não estou acreditando que seja incapaz de fazer essa coisinha de nada por mim. A gente tá diante da chance de ficarmos riquíssimos, e lá vem você pondo tudo a perder.

– Wendy…

Dou uma risadinha de sarcasmo para ele.

– Não é de espantar que esteja com 40 e poucos anos e não passe de um vendedor de móveis. Patético.

– Wendy, chega – diz Russell entredentes.

Seu punho direito se fecha. Ele é sensível em relação à carreira. Sei que é. Sempre sonhou em ser um empresário de sucesso, e ser gerente de uma loja de móveis antigos em dificuldades está muito distante desse sonho. Eu poderia ajudá-lo a fazer muito mais… poderia transformá-lo no homem que ele quer ser. No homem que ele merece ser.

Ele só precisa me bater.

– Você é um fracassado mesmo – continuo. – O que vai fazer quando a loja falir? Arrumar um emprego no McDonald's fritando batata?

– Chega! Para com isso!

– Você quer que eu pare? Então me bate!

Antes mesmo de eu me dar conta do que está acontecendo, uma explosão de dor toma conta do lado esquerdo do meu rosto. Dou um arquejo, cambaleio para trás e me seguro no porta-toalhas. Por alguns segundos, vejo estrelas.

– Wendy! – O grito angustiado de Russell me tira da névoa. – Meu Deus. Desculpa!

Ele parece prestes a chorar, mas não está tão mal quanto o meu rosto. Meu Deus, ele bateu com força mesmo. Eu não tinha certeza se seria capaz. Toco meu rosto e me dou conta de que está escorrendo sangue do meu nariz.

– Você está sangrando – diz ele com um arquejo.

Ele foi pegar algumas folhas de papel-toalha para mim, e faço o possível para

estancar o sangue que escorre do meu nariz. Alguns minutos depois, o sangramento parece parar. Bom, quase totalmente.

Quando ergo os olhos para Russell, suas grossas sobrancelhas estão franzidas perto uma da outra.

– Você tá bem? Me desculpa.

O banheiro está uma tragédia. Meu sangue pingou pelo chão inteiro. E na borda da pia tem a marca de uma mão desenhada em sangue, no ponto onde me segurei quando estava desesperada, tentando fazer meu nariz parar de sangrar.

Ai, meu Deus, ficou perfeito.

CINQUENTA E OITO

Passo 7: Mate o desgraçado

A noite em que Douglas foi assassinado

As engrenagens giram com dificuldade no elevador. Douglas está chegando em casa.

É agora. Foi para isso que passamos vários meses nos preparando. Millie saiu do apartamento uma hora atrás, tremendo e convencida de que tinha acabado de assassinar meu marido. A polícia vai interrogá-la. Ela não vai aguentar e vai confessar o que fez. E eu plantei com todo o cuidado indícios para convencê-los de que ela fez o que fez porque estava tendo um caso com Douglas. Não posso me dar ao luxo de me envolver.

Agora só falta uma peça do quebra-cabeça. Precisamos matar Douglas de verdade dessa vez.

Russell está esperando na cozinha, segurando a arma que Millie acabou de usar para alvejá-lo com uma bala de festim, só que dessa vez carregada com balas de verdade. Ele está pronto.

As portas do elevador se abrem, e sigo o corredor para ir cumprimentar meu marido uma última vez. Então me detenho, espantada com sua aparência. Ele emagreceu desde a última vez que o vi, e há círculos roxos inchados logo abaixo

dos olhos. O queixo está coberto por uma barba por fazer de no mínimo dois dias.

– Você está com uma cara horrível – deixo escapar.

Douglas ergue os olhos num movimento brusco.

– Que bom te ver também, Wendy.

– Quer dizer… – Afasto do rosto uma mecha. Retirei cuidadosamente toda a maquiagem dos hematomas do meu rosto depois de Millie sair. – Quer dizer… você parece cansado.

Ele deixa escapar um suspiro longo e torturado.

– Estou trabalhando dia e noite numa nova atualização do software. Aí você me liga e me implora pra vir aqui praticamente de madrugada.

– Você trouxe?

Douglas ergue a pasta de couro surrada que sempre carrega consigo.

– Estou com a documentação do divórcio bem aqui. Espero que esteja pronta pra assinar.

Não exatamente. Mas isso ele não precisa saber.

Conduzo Douglas até a sala. Meu corpo fica tenso enquanto espero Russell surgir da cozinha e dar um tiro à queima-roupa no peito do meu marido. O combinado era ele fazer isso assim que entrássemos na sala. O combinado era ser… agora.

Que droga.

Douglas consegue percorrer todo o caminho até nosso sofá de canto sem ser assassinado pelo meu amante. Fico bem decepcionada. Ele afunda no meio das almofadas e coloca a pasta em cima da mesa de centro.

– Vamos acabar logo com isso – resmunga ele.

Não, ainda não. Eu não o fiz vir aqui para assinar a documentação do divórcio. Isso é o oposto do motivo para chamá-lo até aqui. Só que Russell não está aparecendo. Eu não o vejo em lugar algum e não o ouço. O que está acontecendo?

– Posso pegar alguma coisa pra você beber? – pergunto. Como Douglas parece prestes a recusar, emendo depressa: – Vou buscar uma água.

Antes que ele consiga protestar, vou depressa até a cozinha, deixando-o no sofá da sala com a documentação do divórcio. Estou absolutamente uma fera

neste momento. Até agora, tudo correu exatamente como eu tinha planejado. Só tem mais uma coisa que precisa acontecer. Russell precisa matar Douglas.

Só que, quando chego na cozinha, Russell está encolhido num canto. A arma está em cima da bancada, e ele parece estar tendo um ataque de pânico. Está agarrado à bancada com suas luvas de couro, com a respiração acelerada e o rosto branco feito cera.

– Russell! – sibilo para ele. – Que diabos você está esperando?

Ele tem sido extremamente difícil hoje à noite. Antes mesmo de Millie chegar, já estava ameaçando pular fora, enumerando toda uma lista de empecilhos. Tem certeza de que é seguro levar um tiro de festim? Não foi disso que o Brandon Lee morreu? E se em vez disso ela me esfaquear?

Consegui afinal que ele fosse até o fim com a cena em que fingia me esganar. E, depois de Millie lhe dar um tiro de festim e ele não morrer, pensei que o obstáculo estivesse superado; a parte mais difícil já tinha passado. Só que ele agora parece estar tendo dificuldade para pôr o ar para dentro dos pulmões.

– Eu não consigo – diz ele, engolindo em seco. Sua testa está suada, e as grossas sobrancelhas se fundiram no centro da testa. – Wendy, eu não posso atirar nele. Por favor, não me obrigue a fazer isso.

Será que ele está brincando? Passamos meses organizando isso tudo. Tivemos todo o cuidado de sempre entrar pelos fundos e preparar a cena do jeito certo. Eu mal saio de casa porque não posso correr o risco de esbarrar com Millie, e tenho dedicado toda a minha energia para fazer parecer que Douglas continua morando aqui. Cheguei a comprar uma porção de roupas masculinas que ela pudesse lavar. (Embora, no primeiro dia, tenha sido bem burra e esquecido de desdobrar as peças. Tenho certeza de que ela nos achou um bando de psicopatas que dobram a roupa suja.) Gastei muito tempo e energia montando essa situação toda.

E agora ele está aqui, prestes a pôr tudo a perder.

– Você é absolutamente ridículo. – Cerro os dentes. – Qual é o seu problema? Era esse o plano desde o começo! É assim que a gente vai conseguir tudo que quer.

– Eu não quero isso! – A voz dele é um sussurro urgente. – Só quero ficar com você. E a gente ainda pode ficar junto. – Ele atravessa a cozinha e tenta me enlaçar pela cintura. – Escuta, a gente não precisa fazer isso. Podemos ir embora

agora. Você larga o Douglas, eu largo a Marybeth, e a gente fica junto. Não precisamos matar ele.

– Só que nesse caso a gente não vai ter nada.

Eu me desvencilho do seu abraço, furiosa com ele. Achei que Russell quisesse as mesmas coisas que eu, mas agora não tenho tanta certeza. Porque, se ele quisesse, o meu marido estaria com uma bala no peito neste exato momento.

– Russell, esse é o único jeito.

– Eu não quero fazer isso. – Ele está choramingando agora. – Wendy, não quero matar ele. Por favor, não me obrigue a fazer isso. Por favor.

Ai, meu Deus.

Já passei tempo demais na cozinha. Douglas vai começar a estranhar por que estou demorando tanto e vir investigar. Ou então talvez até ouça Russell entrando em pânico. Não tenho tempo para fazer um discurso motivacional para Russell. Preciso cuidar disso eu mesma.

Pego debaixo da pia um par de luvas de borracha descartáveis que Millie usa quando limpa a cozinha. Coloco as luvas, em seguida sirvo um último copo d'água para o meu marido. Pego a arma, mas, após hesitar um pouco, eu a enfio no bolso do cardigã. Os bolsos são grandes, e a arma cabe direitinho; é como se, quando o vesti, já soubesse que teria que fazer isso porque Russell iria amarelar e quase pôr tudo a perder.

Quando volto para a sala, Douglas está sentado no sofá, folheando a pilha de papéis que é o nosso acordo de divórcio. Ele vem me pedindo para assinar isso há muito tempo, e sigo recusando. Sabia que aceitar assinar o faria vir até aqui.

Com a mão livre, sinto a arma no bolso do cardigã. Ela é pesada e está esticando de leve o tecido. Não há motivo para esperar. Eu poderia sacá-la agora mesmo e lhe dar um tiro. Mas não. Preciso estar de frente para ele. Para ficar parecendo que Millie lhe deu um tiro de frente.

Além disso, parte de mim quer ver sua cara quando eu fizer isso. Para ele entender as consequências de se meter comigo. Ele tentou tirar tudo de mim e me deixar na miséria, e agora vai receber o que merece.

Ponho rapidamente o copo d'água em cima da mesa antes de ele conseguir reparar que estou usando luvas de borracha, em seguida torno a enfiar as mãos nos bolsos. Foi Millie quem guardou a louça pela última vez, então suas impressões digitais vão estar espalhadas por todo o vidro. É perfeito demais.

– Tenho uma caneta aqui em algum lugar – resmunga Douglas enquanto revira o interior da sua velha pasta de couro. Depois de um instante, ele puxa uma caneta esferográfica. – Aqui está.

– Então tá. – Meus dedos estão fechados ao redor do revólver no meu bolso. – Vamos acabar com isso, como você mesmo disse.

Douglas começa a me estender os papéis, mas então para. Seus ombros afundam.

– Wendy, eu não quero que seja desse jeito.

Franzo o cenho para ele.

– Como assim?

– Quer dizer… – Ele joga os papéis do divórcio em cima da mesa de centro. – Wendy, eu te amo. Não quero me separar… isso tem me angustiado muito. Não me importo com o que aconteceu no passado… Eu queria começar de novo. Só nós dois.

Há uma expressão esperançosa no seu rosto. Devo admitir que a ideia é sedutora. Por mais que tenhamos planejado os acontecimentos desta noite, não há garantia nenhuma de que Russell e eu vamos conseguir nos safar depois de cometer assassinato. Meu plano original era passar a vida inteira com Douglas, e embora não tenha conseguido moldá-lo para torná-lo o que eu queria, ele não é de todo horrível. E, acima de tudo, vamos ter uma quantidade de dinheiro inimaginável. É possível ser feliz com qualquer um quando se tem dinheiro suficiente.

– Pode ser… – digo.

Um sorriso surge nos lábios dele, e os círculos roxos sob seus olhos clareiam um pouco.

– Eu queria muito. Queria recomeçar tudo do zero.

– De que forma?

– Em primeiro lugar, quero me livrar disso tudo. – Ele corre os olhos por nosso espaçoso apartamento. – A gente não precisa desse lugar gigante nem daquela casa imensa em Long Island se vamos ser só nós dois. É coisa demais. – Ele sorri, constrangido. – Falei com Joe sobre criar uma instituição de caridade com a maior parte do meu dinheiro. Principalmente se não vamos ter filhos, tem muita coisa boa que podemos fazer com essa grana toda… Deus sabe muito bem

que a gente não precisa de tanto. Quem sabe você possa fazer parte da fundação? A gente poderia fazer isso juntos.

Por acaso ele enlouqueceu de vez? Como poderia por um segundo sequer pensar que é isso que eu quero?

– Douglas, eu não quero isso. Quero voltar para nossa vida do jeito que era antes.

– Mas você não estava feliz antes. – A expressão dele fica sombria. – Você me traiu. A gente estava desconectado por completo um do outro.

Trinco os dentes.

– Então você acha que ser pobre vai fazer a gente feliz?

– Não, mas… – Ele esfrega as mãos nos joelhos. – Olha, a gente não vai ser pobre. Só não vai ser mais trilhardário. E não vejo nada de errado nisso. Como eu disse, nem sei por que a gente precisa desse dinheiro todo. Eu nem quero tudo isso!

E é por esse motivo que Douglas e eu jamais vamos ser felizes juntos. Ele simplesmente não entende. Não sabe como é ouvir as outras garotas rirem da sua cara e perguntarem se você achou seu casaco no lixo. Não sabe o que é seu pai sofrer uma lesão nas costas e passar a viver de auxílio-doença, mas o dinheiro não ser nem suficiente para pagar a conta de luz, e de tanto em tanto tempo ser preciso fazer tudo no escuro com lanternas. E, apesar de suas irmãs se comportarem como se isso fosse uma aventura, não é. Não é uma aventura. Isso é ser miserável e não ter onde cair morto.

Douglas não entende isso. Ele nunca vai entender. Nós finalmente temos o dinheiro que eu sonhava ter enquanto fazia o dever de casa à luz de uma lanterna, e ele simplesmente quer doar tudo! Isso me deixa com tanta raiva que minha vontade é estender minhas próprias mãos e esganá-lo do mesmo jeito que Russell fingiu me esganar mais cedo, só que dessa vez de verdade.

Só que não preciso esganá-lo.

Tenho uma arma no bolso.

Saco o revólver, e com a mão surpreendentemente firme, aponto para o peito do meu marido. Seus olhos levemente avermelhados se arregalam. Ele sabia que as coisas estavam ruins, mas não tinha ideia do quanto.

– Wendy – diz ele com a voz aguda. – O que você tá fazendo?

– Eu acho que você sabe.

Douglas encara o cano do revólver, e seu corpo parece encolher. Ele balança a cabeça de modo quase imperceptível. Eu teria imaginado que talvez fosse implorar pela própria vida, mas ele não faz isso. Seus olhos exibem uma expressão resignada.

– Você algum dia me amou de verdade? – pergunta ele por fim.

A resposta a essa pergunta iria magoá-lo. Apesar de tudo, não quero destruí-lo em seus últimos instantes de vida. Por isso, respondo apenas:

– A questão não é essa.

Nunca disparei uma arma antes, mas o ato sempre me pareceu autoexplicativo. Pensava que quem fosse fazer isso seria Russell, mas, como ele continua encolhido na cozinha, agora cabe a mim.

O tiro soa bem mais alto do que pensei que seria, uma pancada forte que parece ficar reverberando pela sala muito depois de a arma ter disparado. A força do tiro percorre meus braços, chega até o ombro e faz meu pescoço e minha cabeça ricochetearem para trás. Mas mantenho as mãos firmes.

A bala acerta Douglas bem no meio do peito. É um tiro certeiro, principalmente para minha primeira vez. Por um ou dois segundos antes de morrer, ele baixa os olhos para o sangue que se espalha rapidamente pela sua camisa branca e registra o que está prestes a acontecer. Mas a cor então se esvai do seu rosto, e ele desaba no sofá. Os olhos continuam levemente entreabertos, revirados nas órbitas, e seu peito está imóvel.

– Eu sinto muito – sussurro. – De verdade. Queria que a gente tivesse conseguido fazer dar certo.

Meus ouvidos ainda estão apitando quando Russell entra correndo na sala. A primeira coisa que ele faz é tapar a boca com a mão, e tudo em que consigo pensar é: tomara que ele não vomite o chão todo. Isso realmente estragaria as coisas quando a polícia chegasse.

– Você atirou – diz ele com um arquejo. – Não acredito que você fez isso mesmo.

– É. – Eu me levanto do sofá e largo o revólver em cima da mesa de centro. Tiro as luvas de borracha. – E se você não quiser ir preso, sugiro sair daqui agora mesmo.

Russell ainda parece estar tentando controlar a própria respiração.

– Acha mesmo que vai conseguir pôr a culpa toda na Millie?

– Você vai ver só.

PARTE III

CINQUENTA E NOVE

MILLIE

Minha cabeça não para de rodar.

Desligo a televisão e fecho os olhos por um instante. Faz apenas um dia que matei um homem com um tiro numa cobertura no Upper West Side, mas o que acabo de ver mudou tudo.

Tento visualizar Douglas Garrick. Posso ver com clareza seus cabelos penteados para trás com gel, os olhos castanhos bem afundados nas órbitas, as maçãs do rosto saltadas. E, nos últimos meses, eu o vi inúmeras vezes. E aquele homem na reportagem da TV não era ele.

Pelo menos, não acho que fosse.

Tiro o celular do bolso e abro o navegador de internet. Já pesquisei Douglas Garrick antes, e sempre vinham matérias sobre o cargo dele de CEO na Coinstock, mas nunca nenhuma foto. Mas agora a tela é preenchida por dezenas de links, e posso clicar em cada um deles para abrir aquela mesma imagem do rosto de Douglas Garrick.

Fico estudando a fotografia na tela do meu celular. Esse homem tem uma vaga semelhança com aquele que conheço, mas não é ele. O homem da fotografia tem no mínimo dez ou quinze quilos a mais do que o que eu conheci, e aquele incisivo esquerdo torto também é diferente. Todos os traços são ligeiramente distintos: o nariz, a boca, a leve papada. Embora eu suponha que algumas pessoas

saiam diferentes nas fotos em comparação com a vida real. Talvez a foto tenha sido muito editada, sei lá.

Vai ver é a mesma pessoa, sim. Tem que ser, não? Porque, caso contrário, nada disso faz o menor sentido.

Ai, meu Deus, tenho a sensação de estar enlouquecendo.

Talvez esteja mesmo. Talvez eu venha tendo um caso com Douglas Garrick. Quer dizer, aquele investigador com certeza parecia ter muitas provas. E, pelo visto, Wendy Garrick disse que era verdade.

Só que não passei a noite naquele hotel com Douglas (ou quem quer que fosse o homem que eu conhecia como Douglas). E posso provar isso. Porque voltei para Manhattan depois de deixar Wendy lá. E tenho uma testemunha.

Enzo Accardi.

Venho relutando em recorrer a Enzo, mas não tenho outra escolha. Meu namorado me abandonou, o que não foi de todo uma surpresa, mas mesmo assim partiu meu coração. Nos últimos quatro anos, tenho sido péssima em me aproximar das pessoas porque morro de medo do que elas vão pensar quando descobrirem sobre o meu passado. E eu estava certa. No segundo em que ficou sabendo sobre minha passagem pela prisão, Brock foi embora. Então, aqui estou, sem ninguém para me defender. Ninguém que acredite em mim.

A não ser Enzo. Ele vai acreditar em mim.

E, se não acreditar, é aí que vou saber que estou mesmo em apuros.

Acho o nome de Enzo nos meus contatos, à minha espera, como sempre. Hesito por uma fração de segundo, então clico no nome dele.

O telefone praticamente nem toca antes de ele atender. Quase começo a chorar ao ouvir sua voz tão familiar.

– Millie?

– Enzo – consigo dizer. – Estou muito encrencada.

– É. Eu vi as notícias. Seu patrão morreu.

– Então, ahn… – Dou uma tossida dentro da mão fechada. – Será que teria como você vir aqui?

– Me dá cinco minutos.

SESSENTA

Quatro minutos depois, estou abrindo a porta para Enzo.

– Obrigada – digo quando ele entra no meu pequeno apartamento. – Eu… eu não sabia pra quem mais ligar.

– O Brócolis não tá aqui pra ajudar? – zomba ele.

Baixo os olhos.

– Não. A gente terminou.

A expressão dele se desfaz.

– Sinto muito. Sei que você gostava do Brócolis.

Gostava mesmo? É, gostava, mas a verdade era que toda vez que ele dizia que me amava, aquilo me dava arrepios. Não é isso que se deveria sentir por um parceiro. Brock era praticamente perfeito, mas eu jamais poderia me apaixonar totalmente por ele; a coisa parecia sempre temporária. Tenho certeza de que ele vai fazer alguma outra mulher muito feliz, mas essa mulher jamais seria eu.

– Tá tudo bem – digo por fim. – Estou com problemas maiores no momento.

Enzo me segue apartamento adentro, e nos sentamos juntos no futon surrado. Quando ele e eu morávamos juntos, nosso sofá era só um pouco melhor do que esse. Mas tive que largar o apartamento depois que ele não ficou mais disponível para pagar sua metade do aluguel e, como não consegui arrumar um jeito de transportar o sofá, eu o deixei lá. Mas tento não pensar nisso agora. De nada adianta ficar com raiva de Enzo quando ele está tentando me ajudar.

– A polícia está dizendo todo tipo de coisa maluca a meu respeito – conto

para ele. – A Wendy falou pra eles que eu estava tendo um caso com o Douglas. Não faz o menor sentido, mas eles deturparam um monte de coisa que aconteceu pra fazer parecer que eu estava indo lá dormir com ele.

Enzo aquiesce devagar.

– Eu disse que essa gente era perigosa.

– Você disse que o Douglas Garrick era perigoso.

– Dá no mesmo.

– Não dá, não – retruco. – Na verdade, quando eu estava vendo o jornal na televisão agorinha, me dei conta de uma coisa. O homem que me contratou, que dizia se chamar Douglas Garrick, não é o mesmo homem do noticiário. É uma pessoa totalmente diferente.

Enzo agora está me olhando como se eu tivesse perdido a razão.

– Sei que parece maluquice – reconheço. – Eu ouço as palavras saindo da minha boca e… De novo, sei que é esquisito. Mas era outro cara lá naquele apartamento. Tenho certeza.

Quanto mais penso no assunto, mais certeza tenho. Porém, se aquele não era Douglas, quem era? E onde estava o verdadeiro Douglas enquanto aquele cara estava na casa dele?

Quem é o homem que eu matei?

– Então vou te contar uma coisa interessante – diz Enzo devagar. – Quando você me falou sobre os Garricks, eu fui pesquisar sobre eles. E sabe de uma coisa? A cobertura de Manhattan não está listada como residência principal do casal.

– Como é que é?

– Pois é. Esse apartamento é só um extra. A residência principal deles é uma casa em Long Island. Bom, eles chamam de casa. Deve ser mais uma mansão.

Agora as coisas estão começando a fazer um pouco mais de sentido. Se o verdadeiro Douglas Garrick na verdade morava em Long Island, isso significa que seria fácil para duas outras pessoas fazerem parecer que estavam morando no apartamento de Manhattan. O verdadeiro Douglas Garrick jamais precisaria saber.

– Então você acredita em mim?

Enzo faz uma cara indignada.

– É claro que acredito em você!

– Mas tem uma coisa que você precisa saber. – Seco as mãos suadas na calça

jeans. – Na noite em que Douglas foi morto, eu vi… Bom, eu pensei que estivesse vendo ele tentar enforcar a Wendy. Eu vi alguém tentando esganar ela no apartamento. E o homem não queria parar. Então eu peguei o revólver deles e… atirei nele. Pra fazer ele parar.

Nunca fui de chorar muito, mas sinto as torneiras se abrindo pela segunda vez no mesmo dia. Enzo estende a mão para mim, e fico soluçando junto ao seu ombro. Ele passa um tempão me abraçando, me deixando botar tudo pra fora. Quando finalmente me afasto, fica uma mancha úmida na sua camiseta.

– Desculpa, estraguei sua camiseta.

Ele faz pouco-caso, agitando a mão.

– É só um pouco de catarro. Nada de mais.

Baixo os olhos.

– É que não sei o que vou fazer. A polícia acha que matei Douglas Garrick, e mesmo sabendo que não fiz isso, eu atirei em alguém naquela noite. Alguém morreu por minha causa.

– Não necessariamente.

– Mas é claro que morreu!

– Você acha que matou alguém – assinala ele. – Mas, depois de atirar nele, você foi pra casa. Verificou pra ter certeza de que ele estava morto? Sem respirar? Sem pulso?

– Eu… a Wendy disse que ele estava sem pulso.

– E a gente acredita na Wendy?

Eu o encaro, aturdida.

– Enzo, tinha sangue.

– Mas será que era sangue mesmo? Sangue é fácil de imitar.

Franzo o cenho, tentando recordar a noite anterior. Tudo aconteceu muito depressa. A arma disparou, Douglas caiu no chão, e depois apareceu todo aquele sangue se espalhando debaixo do corpo dele. Mas não cheguei a ir lá verificar. Não sou paramédica. Depois de dar um tiro nele, tudo que eu queria era sair de lá o mais depressa que conseguisse.

Será possível nada daquilo ter sido real? E, se não tiver sido…

– Ela me enganou – digo num arquejo. – Ela me enganou direitinho.

Passei o tempo inteiro com pena dela. Tentando protegê-la. Enquanto isso, ela estava dizendo para quem quisesse ouvir que eu estava tendo um caso com o

marido dela; com certeza, era por isso que Amber Degraw tinha sorrido para mim ao mencionar Douglas Garrick naquele dia em que topei com ela na rua. Não é de espantar que o porteiro ficasse piscando o olho para mim! E ninguém sabia que eu nunca ficava sozinha com Douglas, porque ele estava usando a entrada dos fundos, onde não tem porteiro nem câmera.

Não, Douglas não. Eu nunca sequer encontrei Douglas Garrick. Não faço ideia de quem seja aquele outro homem.

– Onde fica a casa da Wendy? – pergunto a Enzo. – Preciso falar com ela.

– Você acha que pode ir lá? – Ele balança a cabeça. – Tem um milhão de repórteres em volta da casa dela. E, de toda forma, ela não vai falar com você. Se você for lá, só vai causar mais problemas.

Apesar de saber que ele tem razão, fico muito frustrada. Depois do que ela fez comigo, tudo que eu quero é encará-la bem nos olhos e perguntar por quê. Mas ele tem razão. Nada de bom vai acontecer se eu for até lá.

– O tal sujeito que dizia ser Douglas Garrick… – Enzo coça o queixo. – Você faz alguma ideia de como a gente pode encontrar ele? Esse homem talvez seja mais fácil de acessar do que Wendy Garrick.

– Não. – Cerro os punhos de frustração. – Tudo que eu sei é que o nome dele não é Douglas Garrick. Não faço ideia de quem ele realmente seja.

– Tem alguma foto dele?

– Não, não tenho.

– Pensa, Millie. Deve ter alguma coisa. Talvez algum detalhe característico sobre ele?

– Não. Ele é só um cara branco de meia-idade, genérico.

– Deve ter alguma coisa…

Fecho os olhos e tento trazer de volta uma imagem do homem que dizia ser Douglas Garrick. Não havia absolutamente nada de especial em relação ao sujeito, e talvez por isso Wendy tenha escolhido justo ele. O cara se parece bem o suficiente com o verdadeiro Douglas Garrick.

Mas Enzo tem razão. Deve haver alguma coisa…

– Espera aí. Tem uma coisa sim!

Enzo ergue as sobrancelhas.

– Tem?

– Uma vez, eu vi ele entrar num prédio – recordo. – Ele estava com outra

mulher. Uma loira. Achei que fosse uma mulher com quem ele estivesse tendo um caso, e vai ver estava mesmo. Mas… era um prédio residencial. Ou ele mora lá, ou então a mulher mora lá, ou então…

– Isso é bom. – Enzo estala os dedos. – A gente vai até lá e encontra ou ele ou a mulher. Aí vamos descobrir a verdade.

Pela primeira vez desde que o investigador Ramirez estava me interrogando na delegacia, sinto uma centelha de esperança. Talvez haja uma chance de sair dessa situação com minha liberdade intacta.

SESSENTA E UM

Enzo me ajuda a arrumar meu apartamento, já que um furacão parece ter passado por aqui depois da busca da polícia. Felizmente, são só dois cômodos, então, apesar da bagunça, não demora tanto assim. Fico grata sobretudo pela companhia. Seria muito deprimente arrumar tudo isso sozinha.

– Obrigada por fazer isso – digo a Enzo pelo que parece ser a centésima vez enquanto tornamos a guardar nas gavetas da minha cômoda as roupas que agora parecem estar espalhadas por todo o aposento.

– De nada – responde ele.

Ao jogar uma camisa no cesto de roupa suja, reparo que não está tão cheio quanto parecia estar no dia anterior. Reviro as roupas; tem alguma coisa faltando.

Eles levaram as roupas que eu estava usando no dia anterior.

Roo a unha do polegar enquanto tento me lembrar da camiseta e da calça jeans que despi antes de cair na cama na noite anterior. Não havia sangue nenhum nas minhas roupas… tenho certeza.

Pelo menos, quase certeza. Mas e se houvesse alguma partícula microscópica que seria encontrada em algum teste? Parece uma possibilidade. Porém, se a teoria de Enzo estiver correta, nunca houve sangue nenhum enquanto eu estava naquele apartamento. Mas não tenho certeza absoluta.

Enzo está ocupado guardando roupas numa gaveta. Estou grata por ele ter

vindo, mas parte de mim quer que ele vá embora para eu poder ficar mais à vontade para entrar em pânico.

Limpo a garganta com um pigarro.

– Se você tiver que ir embora, tudo bem.

– Não, tá divertido. – Ele pega uma calcinha rosa rendada que está jogada no chão. – Que bonita. É nova?

Estendo a mão e arranco a peça das mãos dele. Pelo menos, ele é uma boa distração.

– Não lembro mais.

– Dá pra ver por que o Brócolis gostava tanto de você, com calcinhas bonitas feito essa.

Lanço um olhar para ele.

– Enzo…

– Desculpa. – Ele baixa a cabeça. – É que… não entendo esse cara.

Já estamos arrumando há mais de uma hora sem mencionar Brock. Acho que eu não deveria ficar surpresa por ele tocar no assunto.

– O que tem pra entender?

– Ele não parece alguém de quem você fosse gostar.

– É, bom… – Eu me deixo cair sentada na cama com um casaco de moletom embolado no colo. – Ele é um cara legal. Quer dizer, era. Um advogado de sucesso. Não tem nada nele pra não gostar.

Enzo se senta ao meu lado na cama.

– Se ele é um cara legal, cadê ele agora?

Não é um argumento injusto, mas Enzo não conhece a situação toda.

– Eu escondi algumas coisas dele sobre o meu passado. Ele ficou magoado. Disse que sentia não saber quem eu era. É compreensível ele ter tido essa reação.

– Você não pode ser rotulada pelo que fez quando era adolescente. – Seus olhos negros encaram com firmeza os meus. – Quem você é está evidente. Se ele não soube ver isso convivendo com você, então ele tem razão… não merece estar com você.

Não que Enzo e eu tivéssemos a relação perfeita, mas nunca duvidei que ele me entendesse. Às vezes, ele parecia me entender melhor do que eu entendia a mim mesma. E eu sabia que, se algum dia tivesse problemas, ele faria qualquer coisa para me ajudar.

– Às vezes eu acho que… – Mordo o lábio inferior. – Que a gente nunca se conectou por completo. E provavelmente a culpa é minha, porque escondi coisas dele. Enfim, acabou.

– Tem certeza?

Recordo o olhar que Brock me lançou ao sair da sala de interrogatório.

– Tenho. Tenho certeza, sim.

– Nesse caso, se eu te beijar, ele não me daria um soco na cara? – pergunta Enzo.

– Não, mas eu poderia dar.

Um sorriso ameaça surgir na boca dele.

– Vou me arriscar.

Ele se inclina para me beijar, e minha sensação é que eu estava esperando por isso há quase dois anos. Finalmente entendo por que estava hesitando tanto em ir morar com Brock e lhe contar meus segredos. É porque nunca me senti assim em relação a ele. Nem de longe.

E Enzo tem razão. Não dou um soco na cara dele.

SESSENTA E DOIS

Já estamos em frente ao prédio de tijolos desde as seis horas da manhã.

Foi difícil me arrastar para fora da cama tão cedo, ainda mais porque Enzo e eu fomos dormir bem tarde, se é que estou me fazendo entender. E, na noite anterior, meu sono não tinha sido exatamente maravilhoso. Mas Enzo fez questão de que chegássemos de manhã bem cedo, para garantir que não perdêssemos ninguém entrando nem saindo.

Estamos vestindo o que Enzo chama de "disfarces". Quando ele disse isso, imaginei óculos escuros grandões e bigodes falsos, mas na verdade são só dois bonés de beisebol e óculos de sol. Enzo está usando um boné do Yankees e me arrumou um que está escrito "I Love NY". Só que no lugar da palavra "love" tem um grande coração vermelho. Estou parecendo uma turista. O que é humilhante para alguém nascida e criada no Brooklyn.

– Turista é o melhor disfarce – comenta Enzo.

Talvez ele tenha razão, mas eu detesto. Apesar disso, estou disposta a qualquer coisa para descobrir que porcaria está acontecendo. Antes de acabar presa outra vez.

Como não podemos ficar num lugar só a manhã inteira, ficamos nos movimentando, mas o tempo todo sem tirar os olhos da entrada do prédio. Se houver uma entrada dos fundos como na cobertura dos Garricks, estamos ferrados. Mas como há muitos moradores entrando e saindo, estou esperançosa de que esse seja o único acesso.

Neste momento, são oito da manhã. Já estamos aqui há duas horas, e não houve nem sinal do homem misterioso – se eu de fato não o assassinei, como Enzo acha – nem da mulher loira. Uns dez minutos atrás, Enzo anunciou que estava com fome, então foi até a loja da Dunkin' Donuts do outro lado da rua. Ele sai de lá carregando dois copos de café e um saco de papel pardo.

– Toma – diz ele.

Pego o café, agradecida.

– O que tem no saco?

– Bagels.

– Eca. – Sinto o estômago embrulhar ao pensar em comer alguma coisa. Nem sei por que perguntei. – Dispenso.

– Você precisa comer alguma hora.

– Agora não. – Espio o prédio de tijolos através dos óculos escuros. – Só depois que a gente encontrar o cara.

Estou com receio de tirar os olhos do prédio. Eu poderia deixá-lo passar, e então nunca mais encontrar meu homem misterioso. Tenho medo de ser presa hoje, e, embora Enzo vá continuar tentando me ajudar, ele não sabe que cara o sujeito tem. A única pessoa que pode encontrá-lo sou eu.

– Então – diz Enzo. – Ontem à noite… foi bom, não foi?

Tomo um longo gole de café.

– Eu não consigo me concentrar em nada agora, Enzo.

– Ah. – Ele baixa os olhos para o próprio copo cheio de café. – É. Eu sei.

– Mas foi, foi bom sim.

Um dos cantos da sua boca se levanta.

– Senti tanta saudade de você quando estava fora, Millie… Me desculpa por ter ido embora. Não me arrependo de ter ficado na Itália por causa da minha mãe, mas não queria ter que escolher entre as duas pessoas mais importantes da minha vida. Queria que você tivesse esperado, mas não podia pedir isso.

Baixo a cabeça.

– Eu deveria ter esperado.

Enzo abre a boca para dizer mais alguma coisa, mas, antes de ele conseguir pronunciar qualquer outra palavra, agarro seu braço.

– É ela! É aquela mulher ali!

Enzo estreita os olhos para o outro lado da rua através dos óculos para

observar a mulher de cabelos loiros que vem saindo do prédio, usando uma saia na altura dos joelhos e um blazer.

– Tem certeza?

– Quase absoluta.

Reconheço o rosto e a cor dos cabelos, mas o penteado está diferente. É possível que não seja ela. Só que não vi mais ninguém que sequer chegue perto.

– E agora? – pergunto a Enzo.

A mulher ajeita a alça da bolsa, então atravessa a rua. Eu me preparo para começar a segui-la, mas então ela entra no mesmo Dunkin' Donuts do qual Enzo acabou de sair. A julgar pela fila, vai passar no mínimo dez minutos lá dentro.

Enzo estala os dedos.

– Vou lá falar com ela.

– Você? E vai dizer o quê?

– Vou pensar em alguma coisa.

– Quer dizer que você vai abordar a mulher dentro daquele Dunkin' Donuts e ela simplesmente vai te contar tudo?

Ele leva uma das mãos ao peito.

– Isso aí! Sou muito charmoso!

Reviro os olhos.

– Espera só, Millie. – Ele aperta de leve o meu braço, em seguida me passa o saco de papel pardo com os bagels. – Vou descobrir tudo pra você.

SESSENTA E TRÊS

Enzo está demorando uma eternidade no Dunkin' Donuts.

Ele me disse para ficar do outro lado da rua, mas, depois de dez minutos, começo a ficar ansiosa. O que está acontecendo lá dentro?

Queria ter ido com ele. Não acho que teria estragado muito a encenação dele. Bom, talvez sim, mas como é a minha vida que está em jogo, eu gostaria de saber o que está acontecendo.

Por fim, atravesso a rua e vou até o Dunkin' Donuts. Como a fachada é toda de vidro, é fácil olhar para dentro. Espio pelas janelas, e, no início, nem avisto os dois. Mas então vejo. Bem lá na outra ponta da loja, onde as pessoas pegam seus pedidos. Os dois estão muito entretidos numa conversa. Os olhos negros de Enzo parecem totalmente concentrados nos dela.

Por um instante, sinto uma pontada de dúvida. Sempre confiei em Enzo, mas há vezes em que não tenho total certeza se ele é confiável. Afinal, o motivo original pelo qual ele teve que sair da Itália foi por ter espancado um homem até quase matá-lo. Ele teve um motivo muito bom, pelo menos segundo ele próprio, mas o fato em si não muda. E depois ele partiu outra vez para o outro lado do Atlântico alegando que o escroto que queria seu couro tinha tido uma morte prematura, embora não tenha dado nenhum outro detalhe a esse respeito.

Ele me contou que a mãe estava doente. Que tinha sofrido um AVC. Mas, na verdade, tudo que eu tive foi a palavra dele. Não cheguei em momento algum a ver essa suposta mãe doente.

E então, ao voltar para os Estados Unidos, em vez de me ligar como qualquer pessoa normal faria, ele passou três meses me seguindo sob o pretexto de estar me protegendo. Eu lhe contei todos os detalhes sobre a família Garrick. Ele é sagaz o suficiente para ter adivinhado que Wendy estava me fazendo de boba, mesmo que eu não tivesse percebido. Por que não disse nada?

E ai, meu Deus, sobre que diabos eles estão falando lá dentro há tanto tempo?

Agora que estou vendo mais de perto, reparo que a mulher loira está com os olhos inchados, como se tivesse chorado. Mas ela então sorri de algo que Enzo lhe diz, e seu rosto se ilumina um pouquinho. Parece tudo de fato bem inocente, devo admitir. Ele é mesmo muito charmoso quando quer. Com o sotaque e a aparência que tem, é muito bom em falar com mulheres.

Depois do que parecem mais dez minutos, Enzo e a mulher saem do Dunkin' Donuts. Ele lhe dá um aceno e diz "*Ciao, bella!*", o que a faz enrubescer.

Ao me ver em pé em frente à loja, ele me lança um olhar de reprovação.

– Eu não te disse pra ficar do outro lado da rua?

Cruzo os braços.

– Você demorou muito lá dentro.

– É, e agora eu sei de tudo. – Ele inclina a cabeça. – Quer que eu te conte?

Encaro os olhos escuros de Enzo. Esse homem nem sempre faz tudo como reza a cartilha. Assim como eu, já fez algumas coisas ruins na vida, embora tenha sido sempre pelos motivos certos. Já o vi arriscar a própria vida para ajudar mulheres em perigo. Se existe alguém neste mundo em quem posso confiar, é nele. Eu nunca deveria ter duvidado dele nem por um segundo.

– Quero. Me conta.

Enzo lança um olhar para mais adiante na rua, onde a mulher está entrando numa estação de metrô.

– Aquela ali é assistente do Douglas Garrick. E é a esposa do homem que você tá procurando.

Fico encarando Enzo.

– Sério? Tem certeza?

– Vamos saber daqui a um segundo. – Ele enfia a mão no bolso para pegar o celular, digita alguma coisa, rola a tela por alguns segundos, então me passa o aparelho. – É ele?

Ele me mostra uma foto de rosto no LinkedIn, e eu o reconheço na hora. É o

homem que estava esganando Wendy naquela noite. O mesmo em quem dei um tiro no peito.

– É ele – respondo com um arquejo.

Leio o nome no perfil do LinkedIn: Russell Simonds.

– E até hoje de manhã… – Enzo retira o celular das minhas mãos. – Ele está vivo.

Ele está vivo. Eu não matei ninguém, no fim das contas. O alívio que sinto é em certa medida misturado ao fato de que, embora eu não tenha matado ninguém, a polícia com certeza acha que fiz isso.

– Mas hoje de manhã ele viajou a… bom, a esposa dele diz que foi uma viagem a trabalho. Segundo ela, ele é um cara muito ocupado. Vive trabalhando até mais tarde.

Talvez por isso eles estivessem discutindo naquele dia na rua. Ou talvez estivessem discutindo porque ela desconfiava que ele estivesse saindo com outra mulher.

Wendy.

– E agora, então? – pergunto. – A gente espera ele voltar dessa suposta viagem a trabalho?

– Não – responde Enzo. – Agora a gente descobre mais sobre esse tal de Russell Simonds.

– Como?

– Eu conheço um cara.

É claro que conhece.

SESSENTA E QUATRO

Acabamos voltando para o apartamento de Enzo.

O lugar fica só a uns dez quarteirões de onde eu moro, o que suponho que faça sentido se ele estava assumindo o papel de meu guarda-costas secreto. O apartamento é ainda menor do que o meu, só uma quitinete com um cômodo que faz as vezes de cozinha, quarto, sala e área de jantar. Felizmente, há um banheiro separado. É o oposto total da cobertura dos Garricks, ou mesmo do espaçoso apartamento de dois quartos de Brock.

Quando entramos, Enzo joga as chaves numa mesinha junto à porta, então vai até a cozinha americana, onde abre a torneira e joga água no rosto. Fico me perguntando se está tão cansado quanto eu. Sinto uma estranha combinação de cansaço e energia. Não dormi o suficiente na noite anterior, mas a ansiedade em relação à polícia vir me pegar deixa meu coração acelerado o tempo todo.

– Senta – diz ele. – Quer uma cerveja?

– Mal deu onze da manhã.

– A manhã foi longa.

Isso com certeza.

No entanto, decido não tomar a cerveja. Eu me deixo cair sentada num futon que Enzo parece ter catado na calçada; inclusive, está até um pouco mais gasto do que o meu. A maioria dos móveis da casa dele tem cara de que poderia ter sido lixo num passado recente.

– Está trabalhando com quê? – pergunto a ele.

Enzo tinha um emprego decente antes de ir embora, mas tenho certeza de que ninguém o guardou para ele.

– Arrumei emprego numa empresa de paisagismo. – Ele ergue um dos ombros. – É razoável. Paga as contas.

Olho para o celular dele, que Enzo colocou em cima de uma mesa de centro.

– O que o seu cara vai descobrir?

– Não sei bem. Quem sabe uma passagem de Russell pela prisão. Alguma coisa que possamos levar para a polícia, e eles poderiam verificar o apartamento para ver se encontram digitais. Tenho certeza de que devem ter encontrado digitais desconhecidas na cobertura, então ajudaria se elas pudessem ser identificadas… qualquer coisa para diminuir a pressão em cima de você.

– E se não for suficiente?

– Tenho certeza de que a gente vai encontrar alguma coisa.

– E se não encontrar?

– Confia em mim, vai ter algum jeito – assegura Enzo. – Você não vai ser presa por uma coisa que não fez.

Como se tivesse ouvido a deixa, o celular de Enzo começa a tocar. Ele pega o aparelho e se levanta do futon com um pulo para ir atender na cozinha. Espicho o pescoço para observar sua expressão, que pouco revela. Isso também vale para suas respostas, que consistem principalmente em "aham" e "tá". Em determinado momento, ele pega uma caneta e anota algo num pedaço de papel-toalha.

– *Grazie* – diz ele à pessoa do outro lado da linha antes de pousar o telefone sobre a bancada da cozinha.

Enzo passa alguns segundos simplesmente parado ali, olhando para o papel-toalha.

– E aí? – pergunto por fim.

– Ele não tem passagem – afirma Enzo. – A ficha tá limpa.

Sinto um peso no peito.

– Tá…

– Consegui o endereço de uma residência secundária – diz ele. – Fica num lago a umas duas ou três horas ao norte de Manhattan. Vai ver… vai ver é lá que ele está ficando.

Pulo do futon e pego minha bolsa.

– Então vamos até lá!

– Pra fazer o quê?

Ando até onde ele está na cozinha. Leio o endereço no papel-toalha. Sei vagamente onde fica. O Google Maps vai me guiar até lá.

– Arrancar a verdade dele.

– A gente sabe a verdade. – Ele puxa o papel-toalha para longe do meu alcance. – Agora só falta fazer a polícia saber.

– Então o que você sugere?

– Não sei bem. – Ele esfrega os olhos com a base da mão. – Não se preocupa. A gente vai dar um jeito nisso. Só preciso pensar.

Ótimo. E enquanto ele pensa, a polícia está ocupada construindo um caso contra mim.

– Eu acho que a gente deveria ir até lá.

– E eu acho que isso vai piorar as coisas.

Não sei o que pensar, mas estou me coçando para fazer alguma coisa agora mesmo. Porque a polícia não está sentada neste instante numa cozinha americana refletindo sobre a situação.

Antes que eu consiga tentar convencer Enzo, meu celular toca dentro da bolsa. Pego o aparelho, e minha respiração entala na garganta quando vejo o nome na tela.

– É o Brock.

SESSENTA E CINCO

Os olhos já escuros de Enzo escurecem mais ainda. Ele não fica nada feliz ao saber que é o meu ex-namorado ligando. Mas não é do tipo ciumento, e jamais me pediria para não atender. E, mesmo que fizesse isso, eu não lhe daria ouvidos.

– Só um minuto – peço a Enzo.

Ele assente.

– Faz o que precisar fazer.

Eu sabia que ele não criaria problemas. Bom, ele não parece muito entusiasmado, mas pelo menos não protesta.

– Alô? – digo no aparelho.

– Millie? – A voz de Brock soa distante, como se fôssemos duas pessoas que só se conheceram por pouco tempo e de passagem. Faz só dois dias que a gente terminou, e já parece estranho termos namorado em algum momento. – Oi…

– Oi – respondo, tensa.

Não consigo imaginar o que ele possa querer. Uma coisa é certa: voltar ele não quer. Provavelmente deve estar agradecendo ao seu anjo da guarda por não termos ido morar juntos. De nada, Brock.

– Olha – diz ele. – Eu… eu queria me desculpar por ter te deixado sozinha na delegacia.

– Ah, é?

Ele dá um suspiro.

– Eu fiquei abalado, mas fazer isso foi muito antiprofissional da minha parte.

Independentemente do que tiver feito de errado, você tinha me pedido para ir lá como seu advogado, e eu te devia isso.

– Obrigada. Agradeço pelas desculpas.

– E é por isso que estou ligando. – Ele faz uma pausa. – Falei com o investigador outra vez hoje de manhã, e sinto que te devo um alerta: eles mandaram testar umas roupas que pegaram no seu cesto de roupa suja.

Seguro o celular com mais força.

– Pra ver se tinha sangue?

– Não, pra ver se havia resíduos de pólvora. E deu positivo.

Fico de queixo caído. Simplesmente supus que eles estivessem procurando sangue na minha roupa. Nem ao menos me ocorreu que poderiam estar procurando outra coisa.

– Ah…

– Acho que eles estavam esperando esse resultado chegar pra fechar seu caso – conclui ele. – Imagino que devam estar solicitando um mandado de prisão neste exato momento.

Eu gelo, e meus joelhos começam a tremer.

– Ah…

– Sinto muito, Millie. Só queria te avisar antes. Eu te devo isso.

– É…

– E… – Ele dá uma tossida do outro lado. – Boa sorte, sabe, com tudo.

Viro as costas para Enzo para que ele não veja meus olhos marejados.

– Obrigada.

Obrigada por nada. Obrigada por me abandonar quando a minha vida está em frangalhos.

Brock desliga, e fico segurando o telefone junto ao ouvido, lutando para não deixar as lágrimas rolarem. Estou totalmente ferrada. Wendy armou de forma brilhante para me fazer levar a culpa pelo assassinato de um homem que nunca sequer encontrei.

– Millie. – A mão grande de Enzo pousa no meu ombro. – O que houve? O que ele falou?

Seco os olhos antes de me virar.

– Falou que a polícia achou resíduos de pólvora nas roupas que pegou no meu cesto de roupa suja.

Enzo aquiesce.

– Se você usar uma bala de festim, mesmo assim ficam resíduos de pólvora na sua roupa.

Enterro o rosto nas mãos.

– O Brock falou que eles já devem ter um mandado de prisão, ou vão ter muito em breve. O que é que eu vou fazer?

– Eu não vou desistir. – Ele me segura pelos ombros. – Tá me entendendo? Aconteça o que acontecer. Vou conseguir te liberar.

Acredito que ele esteja sendo sincero. Mas não acho que Enzo seja capaz de me tirar dessa confusão. Se a polícia me prender, já era. Eles vão parar de procurar o verdadeiro assassino. Tudo vai ser posto na minha conta, e ao que parece o caso deles é sólido. Resíduos de pólvora nas minhas roupas, minhas digitais na arma do crime e o testemunho do porteiro de que eu estava no prédio no horário aproximado da morte.

Estou muito ferrada.

– Eu quero ir até esse tal chalé no lago. – Olho de relance para o endereço anotado no papel-toalha. – Quero encontrar esse desgraçado. Preciso descobrir o que aconteceu.

– Não vai adiantar nada.

– Que se dane – rosno. – Quero ver a cara dele. Quero olhar nos olhos dele e perguntar por que ele fez isso comigo. E se a Wendy estiver lá também, quero…

Meu olhar cruza o de Enzo. Seus olhos se arregalam por um instante, então ele corre até a bancada da cozinha e pega o papel-toalha com o endereço antes de eu conseguir chegar lá. Amassa o papel e o segura debaixo da torneira da pia até a tinta borrar.

– Não – diz com firmeza. – Não vou deixar você fazer uma besteira.

– Tarde demais. Já decorei o endereço.

– Millie! – Seu tom é ríspido, e seus olhos estão arregalados. – Não vai nesse chalé. Você não tá raciocinando direito agora. Não fez nada de errado, e só vai presa se der a eles um motivo pra te prenderem!

– Você tá errado. – Ergo o queixo. – Vão me prender de qualquer maneira. Melhor fazer por merecer, então.

– Millie. – Ele segura meu pulso com a mão grande. – Não vou deixar você fazer nenhuma besteira. Promete pra mim que não vai nesse chalé.

Ergo os olhos para ele.

– Promete pra mim. Não vai sair daqui a não ser que prometa.

Ele não está me segurando com força para machucar, mas o bastante para eu não conseguir me soltar. Está tentando com muito afinco me salvar de mim mesma. Fofo. Brock não conseguia parar de dizer que me amava, mas Enzo me ama de verdade. E acredito que, mesmo se eu for presa, ele vai fazer tudo que puder para me tirar de lá. Ele vai fazer o possível para revelar a verdade.

– Tá bom. Eu não vou.

– Promete?

– Prometo.

Ele solta meu pulso. Dá um passo para trás; está com uma cara triste.

– E eu prometo que vou resolver isso.

Assinto. Deixei minha bolsa em cima do seu futon, e então estendo a mão para pegá-la.

– É melhor eu voltar para casa e encarar a realidade.

– Quer que eu vá com você?

– Não. – Ponho a bolsa no ombro. – Não quero que você veja quando eles me algemarem.

Enzo estende os braços para mim e me dá um último beijo, que sinceramente quase basta para me fazer atravessar alguns anos de prisão. Ninguém sabe beijar feito esse homem. Brock com certeza não sabia.

– Eu prometo – sussurra ele no meu ouvido. – Não vou deixar você voltar pra cadeia.

Eu me afasto dele, um pouco trêmula.

– Vou pra casa, então.

Ele aperta minha mão.

– Vou te arrumar um bom advogado. Vou dar um jeito de pagar.

Seu minúsculo apartamento está repleto de mobília tirada do lixo, e mordo a língua para não fazer nenhum comentário sarcástico.

– Vou ficar com saudade.

– Eu também – diz ele.

– E… eu te amo.

Essa frase não pareceu a coisa certa quando eu a disse para Brock, mas agora parece. Eu não poderia ir embora daqui sem dizer isso a ele.

– Eu também te amo, Millie – responde ele. – Muito.
Eu o amo mesmo. Sempre amei. E é por isso que detesto mentir para ele.
Mas não posso contar que guardei a chave do carro dele na bolsa.
Ele vai descobrir logo, logo, de qualquer jeito.

PARTE IV

SESSENTA E SEIS

WENDY

Russell e eu estamos comemorando com uma garrafa de champanhe.

Embora tenha sido um pouco arriscado, ele me levou de carro até seu chalé no lago para podermos fugir da quantidade colossal de repórteres acampados em frente à cobertura e à casa em Long Island. Tecnicamente, o chalé pertence a Marybeth, e quando ele se separar, voltará a ser dela. Tudo bem, porque agora sou mais rica do que nos meus mais loucos devaneios. Mais rica do que é possível conceber. Não preciso desse chalé de dois quartos fuleiro.

Se bem que a banheira extravagante do chalé tem uma função de hidromassagem bem agradável. É como estar numa jacuzzi.

Durante o trajeto de carro, ficamos de olho no retrovisor para garantir que nenhum jornalista estivesse nos seguindo. Como o último trecho da viagem estava razoavelmente deserto, qualquer pessoa que estivesse nos seguindo teria sido fácil de identificar. Russell disse a Marybeth que iria fazer algum tipo de viagem a trabalho para garimpar móveis antigos, ou sei lá o quê. Não me importa o que ele disse. Ela não tem mais importância.

– Estou tão feliz – murmuro. – Acho que há muito tempo eu não ficava tão feliz.

Russell sorri, mas sua expressão revela certa tensão. Ele não fez segredo algum em relação ao fato de não querer matar Douglas. Ainda não consigo acreditar que ele me obrigou a fazer o trabalho sujo enquanto ficava encolhido

na cozinha. Russell tem sorte de ser bonito, porque perdi bastante respeito por ele naquela noite. Ele deveria estar grato a mim em vez de me olhar como se eu fosse algum tipo de monstro, pelo amor de Deus.

Bom, se ele não estiver feliz, pode voltar para a megera da esposa dele, e eu vou encontrar alguém novo para curtir meus milhões de dólares.

Sirvo o resto do champanhe na taça de Russell.

– Tá uma delícia – digo. – Onde você comprou?

– A Marybeth gosta.

Tenho a sensação de que ele anda falando mais da esposa ultimamente, e num tom menos ressentido do que antes. Não é um bom sinal.

– Tem mais?

– Champanhe acho que não. Mas pode ser que tenha algum vinho na cozinha.

Fico irritada por Russell não se oferecer ele próprio para ir pegar. Os homens são todos iguais: no começo, eles se viram do avesso para lhe dar tudo que você quer, mas depois de um tempo começam a parar de prestar atenção em você. Que tipo de cavalheiro não se oferece para ir pegar uma garrafa de vinho para uma mulher?

Mas estou morrendo de vontade de beber, e o champanhe que estamos tomando já estava pela metade para começo de conversa, então pego uma toalha e a enrolo em volta do meu corpo nu, e depois saio do banheiro para a sala. Meus pés deixam pegadas molhadas no piso de madeira. A chuva bate com força na varanda e escorre pelo telhado, o que é bom, caso alguém estivesse tentando vir atrás da gente. Não vai haver marcas de pneu para seguir.

Entro na cozinha, e dito e feito: há uma garrafa em cima da bancada. É um pinot noir, três quartos da garrafa, com uma cara meio vagabunda, mas é melhor do que nada. Pego a garrafa e sigo para o banheiro, mas então me detenho.

Uma das janelas do chalé está escancarada.

SESSENTA E SETE

Essa janela estava aberta quando chegamos?

Não me lembro. Mas, enfim, nós estávamos mais concentrados em comemorar o fato de o investigador Ramirez ter me contado que planejava prender Millie Calloway. Nós conseguimos nos safar… realmente conseguimos.

Mas a janela estava aberta quando entramos? Não me lembro mesmo. Pode ser que sim.

E a janela se destaca muito mais agora que está chovendo. Gotas respingam do lado de dentro, deixando a madeira em volta molhada. Essa janela deveria estar fechada.

Pouso a garrafa de vinho sobre a mesa de canto ao lado do sofá, então marcho decidida até a janela. As gotas de chuva geladas me atingem no rosto e salpicam meus braços nus. Depois de um breve esforço, consigo fechar a janela.

Pronto.

Pego o vinho e levo de volta para o banheiro, onde Russell continua dentro da banheira, com os cabelos escuros grudados na cabeça. No início, acho que seu rosto está molhado por causa da água do banho, mas então me dou conta do que está acontecendo.

– Você tá chorando? – disparo.

Russell seca os olhos, envergonhado.

– É que… é que não consigo acreditar que a gente matou ele. Eu nunca fiz nada desse tipo.

Não entendo por que Russell está chorando. Quem matou Douglas fui eu. E não estou sentindo nem um pingo de arrependimento. No que me diz respeito, Douglas mereceu tudo que aconteceu com ele.

– Segura a sua onda – ordeno, ríspida. – O que está feito está feito. Ele era uma pessoa horrível de toda forma. Estava me atormentando.

– Porque você traiu ele.

E isso por acaso basta para me deixar sem um tostão? Embora Russell não saiba que menti para Douglas sobre não poder ter filhos. Provavelmente é melhor não contar isso para ele. Russell vai ficar se sentindo ainda pior.

– Olha… – Solto a toalha e a deixo cair no chão. Então torno a encher sua taça com o líquido bordô, e encho também a minha. – Por que não deixa eu te ajudar a esquecer isso tudo?

Volto para a água quente da banheira, e Russell bebe com sofreguidão o conteúdo da taça de vinho, o que deixa sua boca manchada de vermelho. Concluo que essa é uma boa ideia, e viro minha própria taça também. Como é um vinho vagabundo, não preciso saborear. Depois de mais uma ou duas taças, nós dois vamos estar nos sentindo bem melhor.

SESSENTA E OITO

Eu tinha toda a razão.

Duas taças de vinho depois, Russell não está mais chorando. E eu tenho a agradável sensação de estar meio altinha. Já fazia muito tempo que as coisas não corriam exatamente como eu queria. Depois dos seis últimos meses, eu precisava de uma vitória, e o dia de hoje foi uma das grandes. Douglas está morto, eu vou herdar uma fortuna colossal, e Millie vai levar a culpa por tudo. Ela cumpriu muito bem seu papel.

– Eu poderia ficar nesta banheira para sempre – comento com um suspiro enquanto me reclino, sentindo a pele deslizar contra a de Russell. – Tá gostoso, não tá?

– Humm – responde ele. – Só que tô meio com sono. Acho que tô um pouco bêbado.

Eu não estou bêbada, mas com certeza estou me sentindo levemente alta. É gostoso. Aqui na banheira está tudo muito tranquilo, a não ser por uma música tocando ao longe.

– Wendy – diz Russell. – Isso não é o seu celular?

Ele tem razão.

Deve ser Joe Bendeck. Eu lhe pedi que me ligasse para falar sobre o considerável patrimônio de Douglas. Sinto uma pontinha de prazer ao pensar que Joe nunca foi com a minha cara, e como agora sou dona do patrimônio

inteiro de Douglas e também da sua empresa, sou basicamente a chefe de Joe. Ele não tem outra escolha a não ser me obedecer. Vou adorar ser uma piranha má.

Dessa vez, estendo a mão para pegar um roupão, que visto antes de ir depressa até a sala, onde deixei meu celular em cima da mesa de centro. Dito e feito: na tela está aparecendo o nome Joseph Bendeck. Atendo logo, antes de a ligação cair na caixa postal.

– Oi, Joe.

– Oi, Wendy.

Saboreio o tom completamente arrasado da voz dele. É bom vencer.

– Era pra você ter me ligado hoje à tarde. São quase dez da noite.

– Desculpe. – Sua voz tem um quê de amargura. – Meu melhor amigo acabou de ser assassinado. No momento, não estou conseguindo funcionar exatamente cem por cento.

– Bom, isso é um problema – retruco, seca, enquanto entro na cozinha. Olho pela janela; de fato está caindo o maior pé-d'água. – Você é o executor dos bens que o Douglas deixou, e se não estiver conseguindo fazer seu trabalho, talvez outra pessoa devesse assumir seu lugar.

– Não. O Doug queria que fosse eu. É… é o mínimo que posso fazer pra cumprir as vontades dele.

– Certo.

Se ele tentar fazer qualquer gracinha, tomarei providências para que seja desligado da empresa. Na verdade, eu provavelmente deveria mandá-lo embora de toda forma. Não confio mais nele do que confiava em Douglas no fim.

– Então – continuo –, quando é que os bens dele vão ser transferidos para o meu nome? Preciso conseguir pagar minhas contas.

A morte de Douglas não quer dizer que as parcelas dos imóveis não precisem mais ser pagas. Eu nem sequer tenho um cartão de crédito ativo, já que ele cancelou todos. Só a cobertura tem uma parcela de centenas de milhares de dólares, então vou precisar de algum dinheiro… e rápido.

– Você quer que o dinheiro do Doug seja transferido para o seu nome? – indaga Joe.

– É. – Tamborilo na bancada. – É assim que funciona, não?

– Não exatamente… – Joe passa alguns segundos calado. – Wendy, você tá sabendo que o Doug mudou o testamento dele no mês passado?

Como é que é?

– Não. Que história é essa?

– Ele mudou o testamento. Deixou tudo para instituições de caridade.

Uma onda de tontura toma conta de mim. Alguns meses depois de nos casarmos, Douglas mandou fazer um testamento deixando tudo para mim. Fui com ele ao advogado para garantir que fizesse isso, já que Douglas era o rei da procrastinação. Nem ao menos havia me ocorrido que ele poderia ter mudado o testamento no curto período desde a nossa separação. Ele não teria feito isso.

A não ser que…

– Você tá mentindo – rebato com desprezo. – Tá inventando isso só pra me impedir de ficar com o dinheiro dele.

– Seria tentador. Mas não, não estou inventando. Estou com uma cópia autenticada do testamento dele bem aqui na minha frente.

– M-mas… – gaguejo. – Como ele pôde fazer isso?

– Bom, quando me explicou, o Doug comentou alguma coisa sobre você ser uma piranha mentirosa e manipuladora, e sobre não querer que você ficasse com nenhum centavo do dinheiro dele.

Sinto o coração bater descompassado dentro do peito, e por um instante vejo tudo borrado. Como isso pode estar acontecendo? Douglas comentou sobre deixar todo o seu dinheiro para a caridade, mas nunca imaginei que ele já tivesse iniciado os trâmites.

– Isso é um ultraje – protesto. – Ele não pode me tirar do testamento! Sou esposa dele! Vou contestar isso, e pode acreditar, vou ganhar.

– Tá bom. Como quiser, Wendy. Mas enquanto isso vou precisar que desocupe tanto a cobertura quanto a casa na ilha, porque vamos colocar os dois imóveis à venda.

– Vai pro inferno – sibilo no celular.

Clico no botão vermelho do aparelho para encerrar a ligação, mas minhas mãos estão tremendo. Preciso acreditar que Douglas não pôde simplesmente assinar um papel dizendo que vai me deixar sem nada e ponto. Posso contestar isso. E, como Douglas não está mais aqui, ele não pode se defender. De uma forma ou de outra, vou conseguir minha parte.

Embora não vá ter exatamente o patrimônio que havia imaginado. Mas tudo bem.

Enquanto estou encarando o celular, tentando entender qual vai ser meu próximo passo, o aparelho volta a tocar na minha mão. Respiro fundo ao ver de onde vem a chamada: Departamento de Polícia de Nova York.

SESSENTA E NOVE

Deve ser o investigador Ramirez. Ele me ligou horas atrás, quando eu ainda estava em Manhattan, para avisar que iriam prender Millie. Espero que essa chamada seja para me avisar que ela está atrás das grades.

Com sorte, essa ligação não vai ser tão desagradável quanto a anterior.

– Alô? – atendo, tentando soar como uma viúva enlutada.

As aulas de teatro que fiz na faculdade estão servindo. Mereço um Oscar pela minha atuação diante de Millie.

– Sra. Garrick? – É a voz de Ramirez. – Investigador Ramirez.

– Boa noite, investigador. Espero que estejam com aquela mulher que matou meu marido atrás das grades!

– Na verdade… – Ai, meu Deus, o que foi agora? – Nós não conseguimos localizar Wilhelmina Calloway. Fomos ao apartamento dela com o mandado de prisão, e ela não estava lá.

– Bom, e onde ela está?

– Se soubéssemos, nós a teríamos prendido, não?

Mais uma vez, sinto aquele descompasso no coração.

– O que vocês vão fazer pra encontrar essa mulher? Ela é muito perigosa, o senhor sabe.

– Não se preocupe. Nós vamos acabar a encontrando. Prometo.

– Ótimo. Fico feliz que estejam no controle da situação.

– Mas tem outra coisa sobre a qual eu gostaria de conversar, Sra. Garrick.

O que foi agora? Olho de relance na direção do banheiro. Não sei por que Russell continua lá dentro mesmo sabendo que eu já saí. Ele vai ficar todo enrugado.

– Claro, investigador.

– É o seguinte. – Ramirez limpa a garganta com um pigarro. – O síndico do prédio da cobertura passou os dois últimos dias fora. Ele estava na Europa, e não estávamos conseguindo contato. Enfim, hoje à tarde finalmente consegui falar com ele, e ele me contou uma coisa realmente interessante.

– Ah, é?

– Ele disse que tem uma câmera de segurança nos fundos do edifício.

Acho que meu coração para de bater por uns bons cinco segundos.

– Como disse?

– Por algum motivo, nós deixamos passar – afirma ele. – Ele falou que mandou instalar a câmera meio escondida, porque os moradores não gostam de sentir que estão sendo espionados. E a parte mais curiosa é a seguinte: quem forneceu o equipamento de segurança cerca de um ano atrás foi o seu marido, porque ele estava preocupado com aquela entrada dos fundos.

– Ele… foi mesmo? – pergunto, engasgada.

Ouço um barulho alto que parece vir do banheiro, seguido por água se derramando, mas ignoro. Se Russell tiver tentado sair da banheira e caído, simplesmente vai ter que levantar sozinho.

– É, e nós acabamos de assistir a todas as imagens. E é bem louco… segundo essas gravações, o seu marido não entra naquele apartamento há meses. Digo, durante todo o tempo em que a Srta. Calloway passou trabalhando lá. Então não sei como ela estava tendo um caso com ele na cobertura se ele nem sequer estava lá. A senhora entende?

Sinto a boca quase seca demais para dizer qualquer palavra, mas dou um jeito de perguntar:

– Vai ver eles estavam se encontrando em outro lugar?

– Pode ser. Só que não encontrei nenhum quarto de hotel nos extratos dos cartões de crédito nem nada do tipo.

– É claro que ele não pagaria com o cartão. Nesse caso, eu veria. Ele deve ter pagado em dinheiro vivo.

– Talvez a senhora tenha razão – admite Ramirez. – Mas a parte realmente

louca é a seguinte: na noite em que o seu marido foi assassinado, ele só apareceu na entrada dos fundos depois do horário em que o porteiro viu Millie sair do prédio.

– Que… que coisa estranha…

Se ele viu essas imagens, deve saber também que eu estava no prédio no mesmo horário em que Douglas foi assassinado. E se ele sabe disso, estou encrencada até o pescoço.

– Escuta só – diz ele. – Eu estava pensando se a senhora poderia vir à delegacia esclarecer algumas coisas que estão confusas para nós. Vamos mandar uma viatura até a sua casa.

– Eu… eu não estou em casa agora…

– Ah, é? Então onde a senhora está?

Afasto o celular do ouvido. A voz do investigador Ramirez soa subitamente distante.

– Alô? Sra. Garrick?

Pressiono o botão vermelho para encerrar a ligação e largo o aparelho em cima da bancada como se ele pudesse me queimar. Então me inclino sobre a bancada da cozinha, tentando resistir a uma onda de náusea e tontura.

Não consigo acreditar que havia uma câmera na entrada dos fundos. Perguntei especificamente sobre isso, e me responderam que não. Mas isso foi antes de Douglas gentilmente providenciar uma, porque é claro que ele faria uma coisa dessas; meu marido era justamente esse tipo de nerd preocupado, generoso e amante da tecnologia. Ou talvez tenha sido mais uma tentativa de documentar que eu estava transando com outra pessoa sem ele saber.

Se havia uma câmera, ela vai bastar para inocentar Millie. E para pregar um prego bem grande no meu caixão.

Esfrego as têmporas, que começaram a latejar. Preciso encontrar um jeito de mudar essa história, porque não vou passar o resto da vida na prisão. Mas tenho algumas ideias. Já representei muito bem para Millie o papel de esposa abusada. Só vou precisar contar a história do meu terrível marido abusivo. Talvez, naquela fatídica noite, ele estivesse me atacando, pronto para me espancar até eu perder os sentidos, e eu tenha feito o que precisava fazer. A lei permite legítima defesa: era ele ou eu.

Pode ser que funcione.

– Russell! – chamo. – A gente precisa conversar.

Russell é um imenso fator complicador. Se a polícia tiver assistido às imagens da entrada dos fundos, devem tê-lo visto entrar naquela noite também. Mas talvez não exista nada que o vincule diretamente a mim. Ele e eu vamos ter que combinar nossas versões. Tomara que ele não seja um bebê chorão em relação a isso tudo. Posso imaginá-lo perdendo o controle e contando à polícia toda a história sórdida.

Corro até o banheiro. Russell não vai ficar feliz ao escutar isso… Imaginar que tudo fosse correr às mil maravilhas era demais. De uma forma ou de outra, vamos passar por isso. Já estive em sinucas de bico antes, e consegui sair.

– Russell – torno a chamar. – O que é que…

Quando entro pela porta do banheiro, a primeira coisa que vejo é tudo vermelho. Uma quantidade imensa de vermelho, ondulando diante dos meus olhos. A água da banheira, antes transparente e quase opaca, tem agora um tom vivo de escarlate. Ergo os olhos e localizo a origem do sangue: uma ferida aberta na garganta de Russell.

Então olho para o seu rosto. Para seu maxilar frouxo. Para seus olhos fixos à frente, abertos sem piscar.

SETENTA

Russell está morto.

Foi assassinado.

E isso aconteceu entre o momento em que saí do banheiro e agora.

Torno a pensar naquela janela aberta. Alguém entrou no chalé. Alguém entrou no chalé e fez isso com Russell.

Infelizmente, eu sei quem é essa pessoa. Existe alguém que quer se vingar de mim neste momento e que também tem um histórico de comportamento violento. E a polícia não conseguiu encontrá-la.

– Millie? – chamo.

Ninguém responde.

Então as luzes se apagam.

Eu gostaria de dizer que é o temporal, mas não acho que o vento esteja tão forte assim para derrubar a energia. Alguém cortou a luz.

Abraço o peito com os dois braços enquanto sinto um arrepio. Depois que a luz caiu, o chalé ficou um breu. Estou com meu celular e o aparelho tinha algum sinal, mas eu o deixei lá na cozinha. Se ela for esperta, provavelmente a essa altura já o pegou. Ou seja, não tenho como chamar ajuda.

– Millie? – torno a chamar.

Ninguém responde. Ela está brincando comigo; deve me odiar agora. E tem todo o direito. Ela estava tentando me ajudar, e eu joguei toda a culpa em cima dela. Ela facilitou demais a minha vida.

Então as palavras da minha amiga Audrey ecoam na minha mente: Ela é barra-pesada, pode acreditar… é um perigo.

Millie é extremamente perigosa. Isso está bem claro.

E eu a transformei em uma inimiga.

– Millie – chamo com a voz aguda. – Por favor, me escuta. Eu… me desculpe. Não deveria ter feito o que fiz. Mas você precisa saber que o Douglas abusava mesmo de mim. Eu estava dizendo a verdade.

Um vidro se estilhaça em algum lugar do outro lado do recinto. Dou um tranco com a cabeça na direção do barulho. A menos que esteja usando óculos de visão noturna, Millie deve estar enxergando tanto quanto eu nessa escuridão. Talvez eu consiga dar um jeito de usar isso a meu favor.

– O Douglas fez todas aquelas coisas horríveis comigo. Ele era um marido horroroso. Eu precisava sair daquele casamento. Você precisa entender…

Millie continua sem responder. Mas posso sentir sua raiva fervilhando. Eu me meti com a mulher errada.

– Millie – continuo. – Você precisa saber, eu não estava fingindo. E a sua gentileza comigo… Isso significou tudo pra mim. Eu tive que fazer o que fiz.

Do lado de fora relampeja, e a claridade é suficiente para eu conseguir ter uma visão clara da cozinha. Da cozinha, repleta de facas e outras coisas que em teoria eu poderia usar como arma, mesmo que ela tenha pegado meu celular.

Chega de ficar argumentando com essa psicopata. Se ela quer briga, é briga que vai ter.

Corro na direção da cozinha. Ouço os passos de Millie atrás de mim, mas não paro. Mantenho os braços esticados na frente do corpo e torço para não dar de cara com uma parede. Pela graça divina, consigo chegar à cozinha. Passo pela pequena mesa, tentando não tropeçar nela. Consigo ultrapassar esse obstáculo, e meus pés então escorregam, e eu desabo no chão.

O piso está todo sujo de sangue.

Deve ser o sangue de Russell, levado até ali nas solas dos sapatos dela. Quando fecho os olhos, ainda posso vê-lo deitado lá no banheiro, com a garganta cortada e os olhos fitando o vazio. Foi Millie quem fez isso com ele, e ele nem é a pessoa que ela odeia de verdade. Não consigo nem imaginar o que ela deve ter reservado para mim.

Não vou lhe dar a chance de fazer nada. Vou cair lutando. Ela pode ser

durona, mas eu também sou.

Eu me levanto, desorientada, apesar de sentir o quadril direito latejar devido ao tombo. Sigo tateando até a bancada da cozinha, e, sem enxergar, agito os braços, tentando encontrar o suporte de facas. Com certeza vi um faqueiro em cima da bancada. Não foi minha imaginação.

Por favor, esteja aí. Por favor.

Mas minhas mãos retornam vazias. Não consigo sentir nada sobre a bancada que se pareça com uma arma. É claro, Millie é inteligente demais para isso. Só consegui enganá-la antes porque ela confiava em mim, mas agora que conhece meu jogo, ela já previu todos os meus movimentos. Já assassinou uma pessoa nesta noite, e tem toda a intenção de me transformar na sua próxima vítima.

Tateio em volta à procura do fogão. Tenho certeza de ter visto uma frigideira ali em cima. Se conseguir pegá-la e der um jeito de brandi-la com força suficiente, talvez consiga derrubá-la. É minha única chance.

Mas então ouço os passos atrás de mim, chegando mais perto. Perto demais.

Ai, meu Deus. Ela está na cozinha comigo.

SETENTA E UM

Agito as mãos no ar, sem conseguir enxergar. Millie está bem atrás de mim. Provavelmente, a menos de dois metros. Se pelo menos outro relâmpago estourasse no céu. Aí talvez eu conseguisse encontrar algo que pudesse usar contra ela. Mas está escuro demais. Nem consigo ver o que está bem na minha frente.

– Wendy – diz ela.

Eu me viro e recuo até encostar as costas no fogão. Meu coração parece que vai explodir para fora do peito, e por alguns segundos a cozinha começa a girar. Inspiro fundo para tentar me acalmar. Desmaiar não vai me adiantar de nada. Eu provavelmente acordaria com as mãos e os pés amarrados.

Meus olhos conseguiram se adaptar ao escuro. Posso distinguir com clareza a silhueta de Millie do outro lado do cômodo. E algo então cintila na mão direita dela.

É uma faca. Deve ser a mesma que ela usou para matar Russell, decerto ainda melada com o sangue dele.

Ai, meu Deus.

– Por favor – imploro a ela. – Eu posso te dar o que você quiser. Vou ser podre de rica.

Millie dá um passo para mais perto.

– Eu sei que você está com dificuldades financeiras – sigo falando. – Posso

pagar sua formação inteira. O seu aluguel. E mais um bônus além disso. Você nunca mais vai precisar se preocupar com dinheiro.

Mal consigo ver qualquer coisa na cozinha escura, mas a silhueta de Millie faz que não com a cabeça.

– Eu digo à polícia que me enganei. – Minha voz adquiriu um timbre histérico. – Digo pra eles que você nem sequer esteve lá. Que me enganei em relação a tudo.

Posso muito bem prometer isso, levando em conta que a polícia tem as imagens mostrando que Millie nem estava no apartamento ao mesmo tempo que o verdadeiro Douglas. Só que Millie não sabe disso. Quando eu sair daqui, existe uma boa probabilidade de a polícia me prender, mas aceito isso. Vou presa se tiver que ir, mas não quero morrer.

Millie não parece se comover com a minha proposta. Ela dá mais um passo à frente enquanto tento recuar, mas não tenho para onde ir.

– Por favor – imploro. – Por favor, não faz isso.

Um relâmpago ilumina a cozinha bem nessa hora, tarde demais para me ajudar a encontrar uma arma na bancada. Meus olhos se esforçam para deixar entrar a minúscula quantidade de luz, e por um instante posso ver com clareza o rosto da mulher que avança na minha direção segurando uma faca na mão direita.

Ai, meu Deus.

Não é Millie.

SETENTA E DOIS

– Marybeth? – sussurro.

A secretária do meu marido, que por acaso também é casada com Russell, está agora de pé a poucos metros de mim, me fulminando com os olhos. Nunca tive medo de Marybeth antes. Mesmo quando estava dormindo com o marido dela, nunca sequer pensei nessa mulher. Ela parecia razoavelmente simpática, e Russell nunca me contou nada diferente.

Eu a subestimei. A garganta cortada de Russell é prova disso.

Sou mais atraente do que Marybeth, objetivamente falando. Ela tem uns dez anos a mais do que eu e uma aparência condizente com a idade. Os cabelos loiros estão sem vida, há finas rugas ao redor dos olhos e da boca, e a pele debaixo do queixo está pendurada, flácida demais. Mas a cozinha então volta a mergulhar na escuridão, e ela se torna um contorno de novo.

– Senta – ordena Marybeth.

– Eu… eu não estou vendo nada – gaguejo.

Por um segundo, outro clarão de luz me impede de enxergar; ela acendeu a lanterna do celular. Vira a luz na direção da mesa da cozinha: um pequeno quadrado de madeira ladeado por duas cadeiras dobráveis. Cambaleio em direção à mesa e desabo sobre uma das duas cadeiras segundos antes de minhas pernas perderem as forças.

Marybeth se senta na outra cadeira. Agora que temos a luz do celular, posso distinguir novamente os traços de seu rosto. Seus lábios formam uma linha reta,

e os olhos azuis habitualmente suaves parecem adagas. Ela está usando um casaco sujo com o sangue de Russell. Seu aspecto é absolutamente assustador.

Mas busco algum consolo no fato de ela ainda não ter me matado. Por algum motivo ela me quer viva, e isso me dá algum tempo para entender como sair daqui.

– O que você quer? – pergunto a ela.

Ela me encara. O branco de seus olhos brilha, afundado em órbitas escuras e ocas.

– Há quanto tempo você estava dormindo com o meu marido?

Abro a boca, pensando se devo mentir. Mas então a encaro nos olhos e entendo que é melhor não brincar com essa mulher.

– Dez meses.

– Dez meses. – Ela cospe as palavras. – Bem debaixo do meu nariz. A gente era feliz antes de você aparecer, sabia? Fomos felizes por vinte anos. Ele não era perfeito, mas me amava. – Sua voz falha. – E aí, assim que conheceu você, ele…

– Eu sinto muito. Não é que a gente tenha planejado isso.

– Mas vocês tinham planos, sim. Grandes planos. Ele tinha a intenção de me largar pra ficar com você…

Como ela não formula a frase em tom de pergunta, fico de boca fechada. Russell alegava ter planos de largar Marybeth para ficar comigo, mas, no finalzinho, eu já não tinha tanta certeza assim. Ele acabou não sendo o homem que pensei que fosse.

– Ele te amava muito – digo por fim, na esperança de conseguir acalmá-la.

– Então por que estava dormindo com você? – dispara ela.

– Olha – começo, tentando manter a calma, embora meu coração continue disparado. – Ele queria voltar pra você. Estava tendo dúvidas. Se você não tivesse…

Ela me encara. Não posso esquecer que essa mulher acabou de assassinar o marido. Ela não está querendo voltar com ele. A única coisa em que está pensando é em se vingar.

– E o Doug… – Seus olhos parecem feitos de gelo quando me encara. – Você matou ele, não foi? Você e o Russell.

Abro a boca, pronta para negar. Mas então vejo seu olhar e me dou conta de que não foi uma pergunta.

– É, matei.

Por uma fração de segundo, seu olhar se abranda e seus olhos se enchem de lágrimas.

– Doug Garrick era um homem bom de verdade… o melhor. Ele era como um irmão pra mim.

– Eu sei. E eu… sinto muito.

– Sente muito! – dispara ela. – Você não passou na frente dele na fila do cinema. Você assassinou ele! Ele está morto por sua causa!

Pressiono os lábios um no outro com medo de dizer qualquer outra palavra, porque nada do que eu diga vai consertar as coisas. Marybeth está uma fera comigo; afinal, dormi com o marido dela e matei seu amado chefe. Mas isso não significa que eu deva morrer aqui, pelas mãos dela.

Preciso encontrar uma saída dessa situação.

Meu olhar recai na faca na sua mão direita. Ela está com a faca no colo, ainda suja com o sangue de Russell; o sangue dele está absolutamente por toda parte. Será que existe alguma chance de eu conseguir tirar a faca dela? Marybeth não está exatamente no auge da forma física.

– O que você quer de mim? – pergunto.

Ela leva a mão ao bolso do casaco e saca um pedaço de papel branco. Então vasculha em volta até encontrar uma caneta. Faz os dois objetos deslizarem pela mesa da cozinha até mim.

– Quero que escreva uma confissão – declara ela.

A bile sobe pela minha garganta e preciso empurrá-la para baixo outra vez.

– Como é que é?

– Você me ouviu. – Seus olhos chispam. – Quero que escreva tudo que fez. Como seduziu Russell. Como vocês dois conspiraram para matar seu marido. Quero uma confissão completa.

– Tá bom…

Não quero fazer isso, mas vi o que ela fez com Russell. Pensar nela cortando minha garganta como fez com ele…

– Escreve!

Minhas mãos não param de tremer enquanto escrevo minha confissão no pedaço de papel branco agora marcado por impressões digitais vermelhas. Como não sei exatamente o que ela quer que eu diga, tento manter a simplicidade. Não

estou muito preocupada com isso, pois nada do que eu escrever sob a ameaça de uma faca vai se sustentar num tribunal.

A quem interessar possa,

Venho tendo um caso extraconjugal com Russell Simonds nos últimos dez meses. Juntos, nós dois matamos meu marido, Douglas Garrick.

Estudo a expressão de Marybeth. Seu rosto nada revela.

– É isso que você quer? – pergunto.

– É, mas ainda não acabou.

– O que mais você quer que eu diga?

– Você tem que escrever o seguinte. – Ela bate no papel com a unha comprida. – Não consigo mais viver com a culpa.

Rabisco no papel a frase, que fica quase ilegível de tanto que minhas mãos tremem. Por um segundo, a página se borra e não consigo continuar escrevendo, mas então minha visão volta a entrar em foco.

– Então hoje à noite decidi tirar a vida de nós dois – continua ela.

Paro de escrever; a caneta escapa dos meus dedos dormentes.

– Marybeth…

– Escreve!

Ela ergue a faca e a aproxima do meu rosto. Fecho os olhos por um segundo, lembrando-me da ferida aberta na garganta de Russell. Ai, meu Deus. Essa mulher está falando sério. Escrevo a última frase da minha confissão.

– Agora assina o seu nome – ordena Marybeth.

Obedeço. Não estou numa situação em que possa recusar.

Ela pega minha confissão por escrito e a relê, embora continue a manter um olho pregado em mim.

– Ótimo.

Entendo o que deve acontecer agora. A confissão termina comigo dizendo que vou tirar minha própria vida. Ou seja, antes de essa noite terminar, ela vai me matar. Pensar nisso me deixa extremamente tonta, e, embora a mulher esteja me ameaçando com uma faca, vou correndo até a pia da cozinha para vomitar. Ela me deixa ir.

Fico debruçada na pia, ainda sentindo espasmos mesmo depois de ter esvaziado a barriga. Tingi a pia de vermelho com meu vômito por causa do

vinho. A cadeira da cozinha range atrás de mim, e um segundo depois Marybeth está de pé ao meu lado, diante da pia.

– Por favor, não faz isso – suplico.

Ela inclina a cabeça.

– Não foi o que você fez com o Doug? Não acha que merece?

Com Douglas foi diferente. Ele estava me tratando de um jeito tão horrível que não tive escolha. E até morto continua a me atormentar, com o testamento que fez. Meu Deus, como vou contestar essa porcaria de testamento? Mas vou me preocupar com isso quando sair daqui. Primeiro, preciso fazer essa mulher desistir.

– Todo mundo comete erros – declaro. – Estou me sentindo horrível por conta das coisas que fiz. E agora preciso seguir vivendo com elas.

– Não é suficiente – rebate ela.

Sinto o peito apertado, como se um espartilho estivesse me espremendo.

– Não é suficiente me mandar pra cadeia pelo resto da vida?

– Não. Você merece algo pior. É mesmo uma pessoa desprezível. E merece morrer de um jeito doloroso e horrível.

O espartilho aperta um pouco mais.

– Mas o que você acha que vai acontecer? Acha que a polícia vai acreditar que eu mesma me esfaqueei até morrer? As pessoas na verdade não fazem isso. Eles vão saber que alguém fez isso comigo.

Marybeth passa alguns segundos calada.

– Tem razão – diz ela num tom pensativo. – As pessoas veriam que não foi suicídio se você fosse esfaqueada.

Ah, graças a Deus. Finalmente consegui fazer a mulher ouvir a voz da razão.

– Exato.

– É por isso que você não vai morrer desse jeito.

Sinto uma nova onda de tontura que quase me derruba no chão.

– Como assim? Do que você tá falando?

Será que ela tem outra arma aqui? Uma pistola? Um nunchaku? O que essa mulher vai fazer comigo?

– Já ouviu falar de um remédio chamado digoxina? – pergunta ela.

Digoxina? Por que isso me soa conhecido?

Então a ficha cai. Douglas costumava tomar esse remédio. Para o coração. E

Marybeth tem uma cópia das chaves da casa em Long Island onde ele guardava a medicação.

– A toxicidade da digoxina é extremamente alta – continua ela. – Primeiro, a pessoa sente enjoo, tontura, cólicas intensas e visão borrada. É bem doloroso. Mas o modo como o remédio mata é provocando uma arritmia mortal.

– Quer dizer que você espera que eu engula um punhado de comprimidos de digoxina? – pergunto devagar.

Se ela me mandar engolir algum comprimido, vou ter que dar um jeito de não fazer isso. Posso deixá-los debaixo da língua e cuspir quando tiver oportunidade. Ela não tem como me forçar.

Mas seus lábios então se franzem num sorriso.

– Você já engoliu, Wendy.

Ai, meu Deus, o vinho.

Tento vomitar na pia outra vez, mas nada sai. Ao mesmo tempo, meu estômago é tomado por uma cólica tão forte que me faz lacrimejar. Apesar da tontura crescente, até que consegui me manter de pé, mas nessa hora afundo até o chão segurando a barriga.

Marybeth se agacha ao meu lado.

– Não tenho certeza de quanto tempo vai demorar. Mais uma hora? Duas? Não há pressa. Ninguém está procurando a gente aqui.

Ergo os olhos para ela. Seu rosto se borra e torna a entrar em foco.

– Me leva pro hospital, por favor.

– Acho que não.

– Por favor – imploro com um arquejo. – Tenha misericórdia…

– Como você teve pelo Doug?

Estendo a mão, e meus dedos mal roçam a perna da sua calça jeans. Tento me segurar nela, mas é como se minha mão não estivesse mais obedecendo aos meus comandos.

– Faço qualquer coisa que você quiser. Te dou qualquer coisa que quiser. Eu juro.

– E eu juro que a sua morte vai ser lenta e dolorosa – afirma Marybeth. – E, ao contrário de você, eu nunca deixo de cumprir o que prometo.

SETENTA E TRÊS

MILLIE

Está na hora de encarar a verdade.

Dormi a noite passada no carro de Enzo. Sabia que a polícia estava com um mandado de prisão expedido contra mim e simplesmente não estava preparada para ser presa outra vez. Então me escondi, estacionei o carro num beco escuro e dormi no banco de trás. Como já passei um tempo morando dentro do meu carro, dormir no banco de trás me fez ter um déjà-vu daqueles.

Esse fato me fez perceber também que não posso ficar para sempre dormindo no banco de trás do carro de Enzo. Preciso me entregar e torcer para a verdade vir à tona.

Quando paro o carro em frente ao meu prédio, minha expectativa é ver metade da força policial da cidade ali, acampada à minha espera. Mas, não: vejo uma única viatura. Mesmo assim, sei que ela está ali por minha causa.

Dito e feito: assim que salto do Mazda de Enzo, um jovem policial pula de dentro da viatura.

– Wilhelmina Calloway? – pergunta ele.

– Sou eu – confirmo.

Wilhelmina Calloway, a senhorita está presa. Eu me preparo para ouvir ele dizer essas palavras, mas não é o que ele diz.

– Poderia vir comigo até a delegacia?

– Estou sendo presa?

Ele faz que não com a cabeça.

– Não que eu saiba. O investigador Ramirez gostaria muito de conversar, mas a senhorita não tem obrigação nenhuma de vir.

Então tá. É um bom começo.

Eu me sento no banco de trás do carro de polícia. Mantive o celular desligado a noite inteira, e então o ligo. Há algumas chamadas perdidas da polícia de Nova York, e vinte de Enzo. Ele deve ter percebido que peguei o carro dele. Não ouço os recados de voz, mas rolo a tela por uma longa sequência de mensagens que ele me mandou.

Cadê você?

Você pegou meu carro?

Você pegou meu carro!

Por favor, volta com o meu carro. A gente vai conversar.

Não vai no chalé!

Cadê você? Superpreocupado.

Volta, por favor. Não vai no chalé. Eu te amo.

A gente vai dar um jeito. Volta.

E segue nessa toada.

As mensagens de texto continuam noite adentro. Ele passou metade da noite acordado preocupado comigo. Eu lhe devo uma explicação, ou pelo menos um aviso de que estou bem. Então lhe mando uma mensagem de texto:

Tá tudo bem. Estou no banco de trás de uma viatura da polícia agora. Não fui presa. Seu carro está na frente do meu prédio.

A resposta de Enzo chega quase na mesma hora, como se ele estivesse encarando o celular, esperando eu mandar uma mensagem:

Onde você estava??????

Escrevo de volta:

Eu dormi no carro. Tá tudo bem.

Três bolinhas aparecem na tela enquanto ele digita. Imagino que vá dizer que me ama, que ficou preocupado, ou algo do tipo, ou quem sabe me dar uma bronca por ter roubado seu carro. Mas, em vez disso, Enzo diz uma coisa totalmente inesperada:

Wendy Garrick morreu. Eu vi no jornal.

Como assim? Como???

Ela se matou.

SETENTA E QUATRO

A sala de interrogatório não parece tão assustadora dessa vez.

Enquanto estava dentro da viatura, devorei todas as notícias que consegui encontrar sobre o suicídio de Wendy Garrick. Ao que parece, ela cortou a garganta do namorado e depois engoliu um monte de comprimidos. Chegou até a deixar um bilhete.

Isso acrescenta uma dimensão inteiramente nova ao que aconteceu com Douglas Garrick.

Já estou na sala há uma meia hora quando o investigador Ramirez finalmente entra. Continua com a mesma expressão séria no rosto, mas ela já não parece mais tão ameaçadora quanto antes. Ele está com uma cara simplesmente… perplexa.

– Bom dia, Srta. Calloway – diz ele ao se sentar na cadeira à minha frente.

– Bom dia, investigador – respondo.

Suas sobrancelhas se aproximam.

– Já soube o que aconteceu com Wendy Garrick?

– Já. Deu no noticiário.

– Então deve saber que, no bilhete que escreveu, ela também confessou o assassinato do Sr. Garrick.

Eu me permito um minúsculo, diminuto sorriso.

– Quer dizer que não sou mais suspeita?

– Na verdade… – Ele se recosta na cadeira de plástico, que range sob seu

peso. – A senhorita já não era mais suspeita. Acontece que tinha uma câmera na entrada dos fundos sobre a qual ninguém sabia. Nós vimos as imagens, e pelo visto a senhorita nunca esteve no prédio ao mesmo tempo que o Sr. Garrick.

– Tá. A Wendy armou pra cima de mim.

Havia uma câmera desde o início. Todo o pânico e o estresse dos últimos dois dias… e o tempo inteiro, a prova da minha inocência estava bem ali.

Ele assente.

– Pelo visto, sim. De modo que quero me desculpar. A senhorita pode entender por que chegamos a pensar que fosse a responsável pelo assassinato.

– Claro. Eu tenho passagem pela prisão, então se algum crime tiver sido cometido, eu devo ser a responsável.

Ramirez tem a elegância de parecer constrangido.

– Eu de fato tirei algumas conclusões precipitadas, mas a senhorita precisa reconhecer que a situação não era favorável para o seu lado. E Wendy Garrick insistiu tanto que a senhorita só podia ser a responsável…

Ele tem razão. Ela deu conta direitinho de me incriminar. Mas, se tivesse sido apenas um pouquinho mais esperta, não teria precisado fazer nem isso. No fim das contas, Wendy Garrick tornou as coisas bem mais difíceis para si mesma do que o necessário. Ela poderia ter aprendido muito comigo.

Mas a experiência toda me deixou com um gosto amargo. Já ajudei muitas mulheres ao longo dos anos, e embora nem sempre tudo tenha corrido conforme o planejado, sempre senti estar lutando por uma boa causa. Quando mulheres vinham procurar minha ajuda, nunca senti qualquer hesitação em fazer a coisa certa.

Mas agora tenho minhas dúvidas. Wendy realmente parecia uma vítima. Depois dessa experiência, vai ser difícil confiar na próxima pessoa que vier me pedir ajuda. E isso é uma das maiores mágoas que guardo em relação a ela.

– Quer dizer que não sou mais suspeita? – pergunto a Ramirez.

– Isso mesmo. No que me diz respeito, o caso está encerrado.

Douglas está morto. Eles sabem que a responsável foi Wendy. E ela também está morta. Não há necessidade de mais nenhuma investigação, nem de mais prisões, nem de julgamento. Estou livre.

– Então não entendi. O que estou fazendo aqui?

– Bem… – Ramirez sorri, encabulado. – Descobrimos que a senhorita tem

uma certa reputação.

– Reputação? – Sinto um leve embrulho no estômago; isso não me soa bem. – Reputação de quê?

– De heroína.

– De he… Como é que é?

– Sei que pensou que estava tentando ajudar a Sra. Garrick, porque já ajudou outras mulheres antes – explica ele. – E quero que saiba que valorizamos muito isso. Nós aqui vemos algumas coisas bem ruins, e às vezes chegamos às vítimas tarde demais.

O comentário dele acerta o alvo. Fiz todo o meu possível para impedir que jamais fosse "tarde demais". E, aonde quer que o futuro me conduza – como empregada ou como assistente social –, vou continuar fazendo exatamente a mesma coisa.

– Eu… eu faço o melhor que posso com os recursos que tenho.

– Entendo. – Ele sorri para mim. – E só quero que saiba que pode me considerar mais um recurso. Quero que fique com o meu cartão, e se algum dia vir alguma situação na qual uma mulher esteja correndo perigo, quero que me ligue na mesma hora; anotei meu número de celular no verso. Dessa vez, juro que vou acreditar em você.

Ele faz seu cartão deslizar por cima da mesa. Eu o pego e encaro seu nome. Benito Ramirez. Enfim, um amigo na polícia. Mal consigo acreditar.

– Só pra que fique claro: você não tá dando em cima de mim, tá?

Ele joga a cabeça para trás e ri.

– Não… sou velho demais pra você. E imaginei que estivesse com aquele cara italiano que veio aqui na delegacia ontem e fez o maior escândalo por sua causa, dizendo que íamos prender a pessoa errada e que ele só ia embora depois de escutarmos o que ele tinha a dizer. Pensei que fôssemos ser obrigados a prender o sujeito.

Sorrio comigo mesma.

– Sério?

– Seríssimo. Na verdade, ele está lá fora agorinha. Não quer sair da sala de espera até ver você.

– Nesse caso… – falo, ainda sem conseguir tirar o sorriso do rosto (embora não esteja realmente tentando). – Acho que vou andando.

Quando me levanto, Ramirez também fica de pé. Ele estende a mão para mim, e eu a aperto. Então saio da sala para encontrar Enzo e finalmente voltar para casa.

EPÍLOGO

MILLIE

Três meses depois

Não entendo como Enzo podia ter tanta coisa naquela quitinete minúscula onde morava.

Ele entra no meu apartamento trazendo o que parece ser a milionésima caixa com seus pertences e a pousa em cima de outra caixa. Tá, não é uma tortura ficar vendo Enzo carregar caixas com os músculos dos braços contraídos por baixo da camiseta, mas, meu Deus, o que tem dentro de tanta caixa? Ele parece alternar entre umas sete ou oito camisetas e duas calças jeans. O que mais ele poderia ter?

– Acabou? – pergunto enquanto ele seca o suor da testa.

– Não. Tem mais duas.

– Mais duas?!

Estou meio que começando a me arrepender dessa história. Bom, na verdade, não. Depois que terminei com Brock, Enzo e eu continuamos exatamente de onde tínhamos parado antes de ele ir para a Itália. Só que dessa vez nós dois sabíamos que não podíamos viver um sem o outro. Então, depois de algum tempo, quando ele comentou que estava jogando fora todo mês o dinheiro do aluguel enquanto na realidade já estava dormindo direto na minha casa, eu logo sugeri que viesse morar comigo.

Engraçado. Quando é a coisa certa, a gente simplesmente sabe.

– Duas caixas pequenas – diz Enzo. – Uma coisinha de nada.

– Humm.

Não acredito nele. Sua definição de "caixa pequena" é algo que pese menos do que eu.

Ele sorri para mim.

– Desculpa ser tão chato.

Ele não é nem um pouco chato. Na verdade, ele é o único motivo pelo qual eu pude continuar morando neste apartamento. A Sra. Randall ainda estava disposta a me pôr para fora, mesmo depois de eu ser totalmente inocentada, mas Enzo foi falar com ela e de repente a mulher se mostrou bem satisfeita em me deixar ficar. Ele é mesmo muito charmoso.

Enzo atravessa a sala para me dar um abraço. Apesar de estar um pouco suado de tanto carregar caixas para lá e para cá entre uma casa e outra, não me importo. Ainda deixo que me beije. Sempre.

– Então tá – diz quando finalmente se afasta. – Vou pegar as outras caixas.

Solto um grunhido. Nós dois vamos ter que esvaziar essas caixas juntos e nos livrar de uma porção de coisas. Além disso, planejei liberar um pouco de espaço nas gavetas hoje.

Poucos minutos depois de Enzo sair, o interfone da porta da frente toca. Enzo comentou que ia pedir pizza para o jantar, mas não acho que ele já tenha feito o pedido. Sendo assim, só tem uma pessoa que poderia estar lá embaixo.

Aperto o botão para deixá-lo subir.

Um minuto depois, ouço batidas na minha porta. Pego a caixa que estava em cima da minha cama e a levo até a sala. Mantenho-a equilibrada num dos braços enquanto uso o outro para destrancar a porta.

Brock está parado à minha frente. Como sempre, está usando um de seus ternos caros, tem os cabelos penteados com perfeição e seus dentes cintilam de tão brancos. É a primeira vez que o vejo em três meses, e é como se eu tivesse esquecido o quão impecavelmente bonito ele é. Tenho certeza de que um dia vai ser um marido maravilhoso para alguma mulher. Só que essa mulher jamais teria sido eu.

– Oi – diz ele. – Separou minhas coisas?

– Tá tudo aqui.

Suspendo a caixa até seus braços estendidos. Quando estava tentando abrir

espaço para Enzo, reparei que ainda tinha uma gaveta inteira de roupas e pertences variados de Brock que ele havia deixado. Cogitei jogar tudo fora, mas então lembrei que ele me avisou quando a polícia expediu um mandado de prisão contra mim e decidi ligar para ele e perguntar se queria pegar as coisas de volta. Ele disse que passaria na minha casa no dia seguinte.

– Obrigado, Millie – diz ele.

– De nada.

Ele hesita diante da porta.

– Você tá bonita.

Ai, meu Deus, será que vamos jogar esse joguinho?

– Obrigada. Você também – respondo. E então, como não consigo me segurar, emendo outra pergunta. – Tá saindo com alguém?

Ele faz que não com a cabeça.

– Ninguém em especial.

Ele não me faz a mesma pergunta, o que me deixa grata. Depois de todas as vezes que eu disse não quando ele me chamou para morar com ele, contar que Enzo está se mudando para o meu apartamento o deixaria magoado. E, apesar do jeito como as coisas terminaram com Brock quando ele me largou na delegacia, sei que ele me amava. Muito mais do que eu o amei.

– Bom… – Ele transfere a caixa de um braço para o outro. – Boa sorte com… com tudo.

– Pra você também. A gente se vê, então.

Não sei por que acrescentei essa última parte. O mais provável é que eu nunca mais o veja.

Estou prestes a fechar a porta quando Brock estende a mão para me impedir.

– Ah, Millie.

– Eu?

Ele sacode a caixa, confere o conteúdo, então torna a erguer os olhos para mim.

– Meu frasco extra de remédio tá aqui?

Cravo as unhas na palma da mão.

– Seu o quê?

– Meu frasco extra de digoxina – esclarece ele. – Aquele que eu deixava

guardado no seu armário de remédios para quando dormisse aqui. Você ainda tá com ele? Eu levo esse frasco extra quando viajo.

– Ahn… – Cravo as unhas mais fundo na pele. – Não… não vi o frasco no armário de remédios. Devo ter jogado fora. Foi mal.

Ele agita a mão no ar.

– Não tem problema. Mas que bom que você não jogou fora meu moletom da Yale.

Brock me acena um último adeus e, em vez de fechar a porta, fico olhando enquanto ele desce a escadaria, o tempo inteiro prendendo a respiração. Só solto o ar depois de ele sumir de vista.

Não achei que ele fosse se lembrar daquele frasco de comprimidos que tinha deixado no armário de remédios. Mas eu com certeza me lembrei. Na primeira vez que vi aquilo no armário, quando ainda estávamos namorando, pesquisei sobre o medicamento só para saber mais sobre o meu namorado. Foi assim que descobri que a digoxina em altas doses pode causar arritmias fatais. Na ocasião, apenas arquivei esse fato no fundo da mente.

Apesar dos riscos, a digoxina é um medicamento muito usado para o coração. Tanto que até Douglas Garrick o tomava por causa da sua fibrilação atrial. Só que os comprimidos que causaram a overdose de Wendy Garrick não vieram do estoque de Douglas, como a polícia supôs.

Depois de pegar a chave do carro de Enzo, assim que fiquei sabendo que um mandado fora expedido para a minha prisão, acabei não indo até o tal chalé; cumpri o que havia prometido a Enzo. Em vez disso, o que fiz foi dirigir até Manhattan. Fui até o apartamento da esposa de Russell Simonds, Marybeth, que por acaso tinha sido funcionária do verdadeiro Douglas Garrick, e me apresentei.

Marybeth se revelou uma mulher encantadora. Estava bastante abalada com a morte do chefe, e foi horrível ter que explicar o que eu sabia sobre o marido dela. Mas ela se sentiu bem melhor depois de termos uma longa conversa. E, após se lembrar da apólice de seguro de vida substancial que Russell tinha feito alguns anos antes, Marybeth decidiu fazer uma viagenzinha terapêutica até o tal chalé na mata.

Já eu fui embora com um frasco de digoxina a menos.

A parte mais irônica disso tudo é que, se Wendy tivesse optado por fazer o marido ingerir uma dose um pouco excessiva do próprio remédio, isso

provavelmente o teria matado, e talvez tivesse sido difícil provar que a dose não fora acidental. Ela poderia ter se poupado um trabalhão.

Em vez disso, ela tomou uma decisão muito ruim. Subestimou uma pessoa extremamente perigosa.

Eu.

E acabou pagando muito caro.

UMA CARTA DE FREIDA

Caros leitores,

Queria dizer um imenso obrigada a vocês por terem decidido ler *O segredo da empregada*. Se tiverem gostado e quiserem se manter atualizados em relação a todos os meus lançamentos pela Bookouture, é só se inscrever no link a seguir. Seu endereço de e-mail nunca será compartilhado, e vocês poderão cancelar a assinatura a qualquer momento.

www.bookouture.com/freida-mcfadden

Espero que tenham gostado de *O segredo da empregada* e, nesse caso, eu ficaria muito agradecida se pudessem escrever uma resenha. Adoraria saber o que vocês acharam, e isso faz uma enorme diferença para ajudar novos leitores a descobrirem um dos meus livros.

Além do mais, adoro receber mensagens dos leitores! Podem entrar em contato comigo pelo meu grupo no Facebook, Freida McFans.

Visitem meu site:
www.freidamcfadden.com

Para mais informações sobre os meus livros, por favor me sigam na Amazon!

Vocês também podem me seguir no BookBub!

Obrigada!
Freida

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à Bookouture por ter me ajudado a fazer do primeiro livro desta série um sucesso tão espetacular e por ter me apoiado nesta continuação. Obrigada à minha editora, Ellen Gleeson, que tem uma compreensão incrível dos meus livros e um entusiasmo sem limites! Obrigada à minha mãe pelo seu feedback inicial, assim como à Kate. E, como sempre, obrigada aos meus leitores por seu incrível apoio; vocês fazem tudo valer a pena!

"Para os fãs de Stephen King e Agatha Christie, uma obra viciante, emocionante e real. O livro mais marcante e necessário da série." – Theago Neiva, tiktoker com mais de 800 mil seguidores

FREIDA McFADDEN



A EMPREGADA ESTÁ DE OLHO

Cuidado com os seus vizinhos.

ARQUEIRO

A EMPREGADA
ESTÁ DE OLHO

FREIDA McFADDEN



A EMPREGADA ESTÁ DE OLHO

Traduzido por Fernanda Abreu

ARQUEIRO

Título original: *The Housemaid is Watching*

Copyright © 2024 por Freida McFadden
Copyright da tradução © 2024 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Taís Monteiro

produção editorial: Ana Sarah Maciel

preparo de originais: Karen Alvares

revisão: Carolina Rodrigues e Mariana Bard

diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Lisa Horton

adaptação de capa: Natali Nabekura

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M126e

McFadden, Freida
A empregada está de olho [recurso eletrônico] / Freida McFadden ; tradução Fernanda Abreu. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2024.
recurso digital

Tradução de: The housemaid is watching
Sequência de: O segredo da empregada
Formato: epub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-5565-676-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

CDD: 823
24-91853 CDU: 82-3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1767 - conjunto 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para minha família

PRÓLOGO

Tem sangue por toda parte.

Nunca vi tanto sangue assim. Ele encharca o tapete creme, penetra nas tábuas do piso, salpica os pés da mesa de centro de carvalho. Gotículas de um formato oval perfeito alcançaram até o assento do sofá de couro claro, e largos filetes escorrem pela parede cor de alabastro.

É sangue que não tem fim. Se procurar bastante, será que vou encontrar respingos no carro estacionado na garagem? Nas folhas do gramado? No supermercado do outro lado da cidade?

E pior: minhas mãos também estão cobertas de sangue.

Quanta sujeira… Apesar de não ter muito tempo, fico me coçando para limpar tudo. Aprendi que sempre que houver alguma mancha, em especial no carpete, é preciso limpar depressa, antes que seque. Uma vez seca, a mancha se torna permanente.

Infelizmente, por mais forte que eu esfregue, de nada vai adiantar para o cadáver que jaz bem no meio da poça de sangue.

Avalio a situação. Tá, é ruim. Minhas digitais espalhadas pela casa já seriam de se esperar, mas o vermelho entranhado nas minhas unhas e nos vincos das palmas das minhas mãos são mais difíceis de explicar. A mancha cada vez mais escura na frente da minha camiseta não é o tipo de coisa que eu possa ignorar. Estou muito encrencada.

Se alguém me pegar.

Inspeciono minhas mãos, pesando os prós e os contras de lavar o sangue *ou* sair correndo imediatamente. Se lavar as mãos, vou desperdiçar segundos preciosos, que podem me levar a ser pega. Se for embora já, vou sair pela porta com as palmas das mãos todas ensanguentadas, sujando tudo em que tocar.

E é nessa hora que a campainha toca.

O som ecoa pela casa e eu fico totalmente paralisada, com medo até de respirar.

– Oi? – chama uma voz conhecida.

Por favor, vai embora. Por favor.

A casa está silenciosa. A pessoa do outro lado da porta vai perceber que não tem ninguém e decidir voltar outra hora. Ela tem que fazer isso. Se não fizer, vai ser meu fim.

A campainha toca de novo.

Vai embora. Por favor, vai.

Não sou muito de rezar, mas a essa altura estou disposta a cair de joelhos. Bom, eu faria isso se não fosse ficar com os joelhos todos sujos de sangue.

A pessoa deve estar supondo que não tem ninguém em casa. Ninguém toca uma campainha mais de duas vezes. No entanto, bem na hora em que penso que existe uma chance de sair dessa, a maçaneta chacoalha. E então começa a girar.

Ah, não. A porta está destrancada. Em cerca de cinco segundos, a pessoa que está batendo vai estar dentro da casa. Vai entrar na sala. E então vai ver…

Isto.

A decisão está tomada. Preciso sair correndo. Não dá tempo de lavar as mãos. Não dá tempo de me preocupar com as malditas digitais que possa estar deixando. Tenho que ir embora daqui agora.

Só espero que ninguém descubra o que fiz.

PARTE I

UM
MILLIE

Três meses antes

Eu amo esta casa.

Amo tudo nela. Amo o gigantesco gramado da frente e também o gramado dos fundos, mais gigantesco ainda (mesmo que ambos estejam agora meio marrons). Amo o fato de a sala ser tão grande que comporta *vários móveis*, em vez de apenas um sofá pequeno e uma televisão. Amo os janelões com vista para as redondezas da cidade – que, segundo li há pouco tempo numa revista, é uma das melhores para criar os filhos.

E, mais do que tudo, amo o fato de a casa ser minha. O número 14 da Locust Street é todinho meu. Bom, tá: trinta anos de prestações e vai ser todinho meu. Não consigo parar de pensar na sorte que tenho ao correr os dedos pela parede da nossa nova sala, aproximando o rosto para admirar o papel florido tinindo de novo.

– A mãe tá beijando a casa outra vez! – diz uma vozinha atrás de mim.

Eu me afasto depressa da parede, embora meu filho de 9 anos não tenha propriamente me flagrado com um amante secreto. Não sinto vergonha alguma do meu amor por esta casa. Quero gritar isso do terraço. (Nós temos um terraço incrível. *Eu amo esta casa.*)

– Não era para você estar desfazendo as malas? – pergunto.

As caixas e os móveis de Nico foram todos colocados no quarto dele, então ele deveria estar desfazendo as malas, sim, mas em vez disso está lançando repetidamente uma bola de beisebol na parede – na minha linda parede coberta

com papel florido. Moramos nesta casa há menos de cinco minutos e ele já está decidido a destruí-la. Posso ver essa intenção em seus olhos castanho-escuros.

Não que eu não ame meu filho mais que tudo no mundo. Se essa fosse uma daquelas situações hipotéticas em que precisasse escolher entre a vida de Nico e a casa, *é lógico* que eu escolheria Nico. Sem sombra de dúvida.

Só que, se ele danificar a casa, vai ficar de castigo até ter idade suficiente para fazer a barba.

– Amanhã eu desfaço – diz Nico.

A filosofia geral de vida do meu filho parece consistir em deixar tudo para o dia seguinte.

– Ou agora, que tal? – sugiro.

Nico lança a bola no ar, e ela encosta muito de leve no teto. Se tivéssemos qualquer coisa de valor dentro desta casa, eu enfartaria neste momento.

– Depois – insiste ele.

Ou seja: nunca.

Olho para cima e espio o vão da escada. Sim, nós temos uma *escada*! Uma escada mesmo, de verdade. Tudo bem que os degraus rangem a cada passo e pode ser que o corrimão caia se alguém segurá-lo com muita força, mas temos uma escada, e ela leva a *um andar totalmente diferente da casa*.

Nota-se que passei tempo demais morando em Nova York. Hesitei em voltar para Long Island depois do que aconteceu na última vez que morei aqui, mas isso já faz quase duas décadas… É um passado distante.

– Ada? – chamo em direção ao alto da escada. – Ada, pode vir aqui?

Segundos depois, minha filha de 11 anos espicha a cabeça para o vão da escada, deixando-me ver seus fartos cabelos pretos ondulados e os olhos muito escuros, que me espiam. Os olhos dela são da mesma cor dos de Nico, uma herança do pai dos dois. Ao contrário do irmão, Ada sem dúvida está desempacotando seus pertences desde que chegamos. Ela é uma aluna nota dez, do tipo que faz o dever de casa sem ninguém precisar mandar, uma semana antes do prazo final.

– Ada – digo. – Você já tá acabando de desempacotar tudo?

– Quase.

Nenhuma surpresa nisso.

– Acha que pode ajudar o Nico a arrumar as caixas dele?

Ada assente sem hesitar.

– Claro. Vem, Nico.

Nico reconhece na mesma hora uma oportunidade para a irmã fazer a maior parte do trabalho.

– Tá! – concorda, todo contente.

Ele finalmente para de me aterrorizar com a bola de beisebol e sobe os degraus pulando de dois em dois para encontrar Ada no quarto dele. Começo a dizer à minha filha que não faça todo o trabalho pelo irmão, mas é uma causa perdida. Neste momento, eu mesma tenho umas sessenta caixas para desempacotar. Contanto que o trabalho seja feito, vou ficar feliz.

Somos muito sortudos por termos conseguido esta casa. Perdemos meia dúzia de disputas de propostas em bairros que nem eram tão legais quanto este. Eu achava que não tínhamos a menor chance de conseguir esta antiga sede de fazenda pitoresca numa cidade com escolas públicas tão bem-conceituadas. Quase chorei de alegria quando nossa corretora ligou avisando que a casa seria nossa. E com um abatimento de dez por cento!

O universo deve ter decidido que merecíamos um pouco de sorte.

Olho pela janela para o caminhão de mudança estacionado na rua, em frente à casa. É uma ruazinha sem saída onde há outras duas casas, e na janela de uma delas vejo a silhueta de alguém. Um dos novos vizinhos, suponho. Tomara que sejam simpáticos.

Uma pancada soa dentro do caminhão, e abro a porta da frente depressa para ver o que está acontecendo. Saio bem a tempo de ver meu marido descendo do veículo com um dos amigos que toparam ajudar na mudança. Eu queria contratar uma empresa, mas ele insistiu que daria conta sozinho com a ajuda dos amigos. E tenho que admitir que precisamos mesmo economizar cada centavo se quisermos honrar as prestações do imóvel – mesmo com o abatimento que conseguimos negociar, nossa casa dos sonhos não foi barata.

Meu marido está todo suado, a camiseta grudada no tórax, e segura uma das metades do nosso sofá da sala. Torço o nariz, porque ele tem 40 e poucos anos e a última coisa de que precisa é dar um mau jeito nas costas. Enquanto planejávamos a mudança, falei que estava preocupada com ele, que agiu como se fosse a coisa mais boba que já tivesse escutado, embora eu mesma dê um mau jeito nas costas semana sim, semana não. E não por ter levantado algum sofá. Só

por ter *espirrado* mesmo.

– Enzo, você pode tomar cuidado, por favor?

Ele olha para mim e sorri, e eu me desmancho. Será que isso é normal? Será que outras mulheres casadas há mais de onze anos ainda ficam com as pernas bambas às vezes por causa da pessoa?

Não? Sou só eu mesmo?

Enfim, não é que isso aconteça *toda hora*. Mas, caramba, ele ainda mexe comigo. O fato de ficar inexplicavelmente mais sexy a cada ano que passa também não ajuda. (E eu só fico um ano mais velha.)

– Estou tomando – garante ele. – E esse sofá aqui é superleve! Não pesa quase nada.

O comentário suscita um revirar de olhos do cara que está segurando a outra ponta do sofá. Mas, verdade seja dita, o sofá não é exatamente pesado. Nós o compramos na IKEA, e é só um pouquinho melhor que o sofá anterior, que tínhamos achado largado na rua. Enzo já fora adepto da teoria de que todos os melhores móveis provinham do meio-fio em frente ao nosso prédio.

Nós dois amadurecemos um pouco desde então. Espero.

Enquanto Enzo e o amigo carregam o sofá para dentro da nossa linda casa nova, ergo o olhar mais uma vez para observar a casa do outro lado da rua. Locust Street, número 13. Ainda tem alguém me encarando da janela. Está escuro dentro da casa, de modo que não consigo ver grande coisa, mas a mesma silhueta continua lá.

Alguém está nos observando.

Só que isso não tem nada de ameaçador. As pessoas que moram naquela casa são nossas vizinhas, e tenho certeza de que estão curiosas para saber quem somos. Toda vez que eu via um caminhão de mudança em frente ao nosso prédio, ficava olhando pela janela para ver quem estava se mudando, e Enzo ria e me dizia que parasse de espiar e fosse lá me apresentar.

Essa é a diferença entre nós dois.

Bom, não é a *única* diferença.

Num esforço para mudar meu comportamento e ser mais simpática, como meu marido, ergo uma das mãos e aceno para a silhueta. Melhor conhecer logo meu novo vizinho ou vizinha do número 13.

Só que a pessoa não acena de volta. Em vez disso, as persianas se fecham com

um estalo e a silhueta desaparece.

Bem-vindos ao bairro.

DOIS

Enzo carrega as últimas caixas para dentro de casa enquanto estou parada no meio do nosso gramado ralo, evitando a tarefa de desempacotar e imaginando como a grama vai ficar depois que meu marido der um trato nela. Enzo é um verdadeiro mago dos gramados – foi mais ou menos assim que nos conhecemos, inclusive. O nosso parece quase uma causa perdida, cheio de buracos e com a terra ressecada, mas sei que daqui a um ano vamos ter a grama mais bonita da rua.

Estou perdida em minhas fantasias quando a porta da casa bem ao lado da nossa, o número 12 da Locust Street, se abre. Uma mulher de cabelo curto e em camadas, cor de caramelo, sai da casa usando uma camisa branca justa, uma saia vermelha e sapatos de salto agulha que poderiam ser usados para arrancar os olhos de alguém. (Por que sempre penso essas coisas?)

Ao contrário do vizinho ou vizinha da frente, ela parece simpática. Ergue a mão num cumprimento entusiasmado e atravessa o caminho curto de paralelepípedos que separa as duas casas.

– Oi! – entoa ela. – Que *bom* enfim conhecer nossos novos vizinhos! Meu nome é Suzette Lowell.

Quando estendo a mão e seguro a dela, de unhas feitas, sou recompensada com um aperto tão doloroso que é impressionante para uma mulher.

– Millie Accardi – digo, me apresentando.

– É um *prazer* te conhecer, Millie – responde ela. – Com toda a certeza vocês

vão adorar morar aí.

– Já estou adorando – digo, sincera. – Essa casa é incrível.

– Ah, é mesmo. – Suzette assente. – Ela passou um tempo vazia porque, você sabe, uma casa pequena assim é difícil de vender. Mas eu simplesmente sabia que a família certa iria aparecer.

Pequena? Ela por acaso está *ofendendo* a nossa casa amada?

– Bom, eu adoro.

– Ah, sim. É superaconchegante, né? E também…

O olhar dela abarca nossos degraus da frente, que estão desmoronando um pouquinho, embora Enzo jure que vá consertá-los. Eles fazem parte da longa lista de reparos que precisaremos fazer.

– Rústica. *Bem* rústica.

Sim, ela com certeza está ofendendo a casa.

Mas não estou nem aí. Continuo amando a casa. Não me importa o que uma vizinha esnobe ache.

– Você trabalha fora, Millie? – pergunta Suzette, cravando os olhos azul-esverdeados no meu rosto.

– Sou assistente social – respondo, com um quê de vaidade.

Embora já faça isso há muitos anos, ainda tenho orgulho da minha carreira. Sim, ela pode ser exaustiva e emocionalmente desgastante, e também o salário não é nenhuma fortuna. Mesmo assim, eu adoro.

– E você? – pergunto.

– Sou corretora de imóveis – responde ela com uma dose equivalente de orgulho. Ah, isso explica por que ofendeu nossa casa em "corretês". – O mercado tá pegando fogo no momento.

Bom, é verdade. Então me ocorre que Suzette não teve participação na venda da nossa casa. Se ela é corretora, por que os ex-proprietários não quiseram que a vizinha vendesse a casa deles?

Enzo emerge do caminhão carregando mais caixas, a camiseta ainda grudada no peito e os cabelos pretos molhados de suor. Eu me lembro de ter enchido uma daquelas caixas com livros e ter ficado receosa de que estivesse pesada demais. E agora ele está carregando não só essa, mas uma segunda caixa por cima. Minhas costas doem só de olhar.

Suzette também está olhando para ele. Ela acompanha o percurso do

caminhão até nossa porta ao mesmo tempo que um sorriso se espalha por seus lábios.

– Que *gato* esse cara que está fazendo a sua mudança – comenta ela.

– Na verdade, é o meu marido.

O queixo dela cai. Ela parece valorizar mais Enzo do que a casa.

– Sério?

– Aham.

Enzo colocou as caixas na sala e está saindo da casa para buscar mais. Como pode ter tanto pique? Antes de ele chegar ao caminhão, aceno para chamá-lo.

– Enzo, vem conhecer nossa nova vizinha, Suzette.

Suzette ajeita rapidamente a blusa e prende alguns fios de cabelo atrás da orelha. Se pudesse, tenho quase certeza de que ela teria dado uma conferida rápida num espelhinho de bolsa e retocado o batom. Só que não dá tempo.

– Oi! – entoa ela, com uma das mãos estendidas. – Prazer em te conhecer! Enzo, né?

Ele aperta a mão dela e abre um sorriso largo que faz as linhas ao redor dos olhos se vincarem.

– Isso. O prazer é meu, Suzette.

Ela dá uma risadinha e assente, animada. A reação é um tanto exagerada, mas, a bem da verdade, Enzo ligou seu botão de charme. Meu marido mora neste país há vinte anos, e quando conversamos em volta da mesa de jantar seu sotaque é relativamente brando. No entanto, é só ativar o modo *charmoso* que ele exagera no sotaque e parece ter acabado de desembarcar. Ou, como ele mesmo diria, "saltar do navio".

– Vocês com toda a certeza vão adorar morar aqui – garante Suzette. – É uma ruazinha muito tranquila.

– Já estamos adorando – afirmo.

– E essa casa é uma gracinha – diz ela, encontrando mais uma forma criativa de observar que a nossa casa é substancialmente menor que a dela. – Vai ser perfeita pra vocês e seus filhos, principalmente com um terceiro bebezinho a caminho.

Ao dizer isso, ela olha em cheio para minha barriga, que com toda a certeza *não* guarda nenhum bebezinho a caminho. Há nove anos não tem nenhum bebezinho aqui dentro.

A pior parte é que Enzo vira a cabeça e olha para mim, e por um segundo uma centelha de animação surge no seu rosto, embora ele *saiba muito bem* que as minhas trompas foram ligadas durante a cesariana de emergência no parto de Nico. Olho para minha barriga e reparo que a camiseta está mesmo formando uma protuberância pouco atraente. Morro um pouquinho por dentro.

– Eu não estou grávida – digo, tanto para Suzette quanto, pelo visto, para meu próprio marido.

Suzette bate com a mão espalmada na boca, por cima do batom vermelho.

– Ai, puxa, *desculpa*! É que pensei que…

– Tudo bem. – Interrompo-a antes que ela piore as coisas.

Para falar a verdade, amo meu corpo. Aos 20 e poucos anos, eu era um palito, mas agora enfim tenho algumas curvas para ostentar, e ouso dizer que meu marido também parece gostar delas.

Dito isso, vou jogar esta camiseta fora.

– Temos dois filhos. – Alheio à gafe de Suzette, Enzo passa um braço em volta dos meus ombros. – Nico e Ada.

Enzo não poderia ter mais orgulho dos nossos dois filhos. Ele é um ótimo pai, e bem que gostaria de ter mais uns cinco, se eu não tivesse quase morrido dando à luz nosso menino. Teríamos adorado adotar ou ser pais de acolhimento, mas, com o meu histórico, isso estava fora de cogitação.

– Você tem filhos, Suzette? – pergunto.

Ela balança a cabeça com uma expressão de horror.

– De jeito nenhum. Não tenho vocação pra ser mãe. Somos só eu e meu marido, Jonathan. Somos felizes e sem filhos.

Excelente… Ela tem o próprio marido. Assim, pode ficar longe do meu.

– Mas na casa em frente à de vocês mora um menininho – diz ela. – Ele está no terceiro ano.

– Nico também está no terceiro ano – comenta Enzo, animado. – Talvez a gente possa apresentar os dois.

Quando nos mudamos, tivemos que tirar as crianças da escola bem no meio do ano letivo. Acredite, a última coisa que você quer fazer na vida é arrancar duas crianças em idade escolar da turma em que estão em pleno mês de março. Fiquei atormentada de culpa, mas não tínhamos como pagar a prestação da casa e um aluguel até o final do ano letivo, então não tivemos escolha.

Nico, que é extrovertido como o pai, não pareceu se incomodar. Para ele, uma sala inteira cheia de alunos novos para impressionar com suas façanhas seria uma aventura divertida. Ada recebeu a notícia com tranquilidade, mas depois a peguei chorando no quarto diante da perspectiva de abandonar as duas melhores amigas. Torço para que no outono ambos já tenham se adaptado e o trauma de uma mudança no meio do ano seja apenas uma lembrança distante.

– Vocês podem tentar se apresentar. – Suzette dá de ombros. – Mas Janice, a mãe dele, não é lá muito simpática. Ela quase não sai de casa, a não ser para levar o filho até o ponto de ônibus. Eu praticamente só a vejo na janela, de olho no que acontece na rua. Ela é *muito* enxerida.

– Ah! – exclamo, pensando em como Janice pode aparentemente nunca sair de casa e ao mesmo tempo ser muito enxerida.

Olho para o outro lado da rua, em direção ao número 13. Apesar de estarmos no meio do dia e de parecer ter gente em casa, as janelas continuam às escuras.

– Espero que vocês arrumem umas persianas bem boas pras janelas – diz Suzette para mim. – Porque ela tem uma vista excelente.

Enzo e eu viramos a cabeça ao mesmo tempo na direção da nossa casa recém-adquirida, percebendo de repente que nenhuma das janelas tem persiana ou cortina. Como é que não reparamos nisso? Ninguém falou para a gente que precisávamos comprar cortinas! Todas as casas em que moramos até hoje já vieram com cortinas!

– Eu vou comprar as persianas – murmura Enzo no meu ouvido.

– Obrigada.

Suzette parece achar graça da nossa ingenuidade.

– O corretor de vocês não avisou que precisava comprar?

– Acho que não – resmungo.

O que está implícito, suponho, é que Suzette teria nos lembrado se tivesse sido ela a nossa corretora. Só que está um pouco tarde para isso. Por enquanto, estamos sem persianas.

– Posso recomendar uma empresa excelente pra instalar as persianas de vocês – diz ela. – Eles colocaram na nossa casa ano passado. Pusemos aquelas persianas lindas estilo colmeia no térreo e no primeiro andar, e no sótão umas persianas fixas muito fofas.

Nem consigo imaginar quanto custaria uma coisa dessas. Muito mais do que

temos para gastar, com certeza.

– Não, obrigado – diz Enzo. – Dou conta disso.

Ela lhe dá uma piscadela.

– Aposto que dá.

É sério isso? Estou ficando meio de saco cheio dessa mulher dando em cima do meu marido bem na minha frente. Não que outras não façam a mesma coisa, mas, pelo amor de Deus, somos vizinhos. Será que ela poderia ser um pouco mais sutil? Parte de mim se sente tentada a dizer alguma coisa, mas eu preferiria não arrumar uma inimiga apenas cinco minutos depois de ter me mudado para cá.

– Além disso, eu queria convidar a família de vocês para jantar – acrescenta ela. – Vocês dois, claro, e… as crianças podem vir também.

Suzette não parece muito animada com a ideia de nossos filhos entrarem na casa dela. E nem sabe sobre a propensão de Nico a quebrar alguma coisa cara cinco minutos depois de adentrar qualquer recinto.

– Claro, seria maravilhoso – diz Enzo.

– Fantástico! – Ela o encara, radiante. – Que tal amanhã à noite? Tenho certeza de que a sua cozinha ainda não vai estar em condições de uso, então vai ser um estresse a menos.

Enzo me olha com as sobrancelhas arqueadas. Ele tem uma energia infindável para eventos sociais, mas eu sou introvertida e valorizo o fato de ele me consultar antes de aceitar. Para dizer a verdade, detesto a ideia de passar uma noite na companhia dessa mulher. Ela parece meio *exagerada*. Mas, se vamos morar aqui, não temos que fazer amizade com os vizinhos? Não é isso que as famílias normais fazem? E talvez, quando eu a conhecer melhor, ela não seja tão ruim.

– Claro – respondo. – Vai ser ótimo. A gente não conhece quase ninguém em Long Island.

Suzette joga a cabeça para trás e ri, revelando uma fileira de dentes brancos feito pérolas.

– Ah, Millie, você é ótima…

Olho para Enzo, que dá de ombros. Nenhum de nós dois parece saber o que tem tanta graça.

– O que foi?

– Ah, você não estava brincando? – diz ela, rindo. – É que ninguém aqui diz "em Long Island".

– Ah… Não diz, é?

– Não! – Ela balança a cabeça como se eu fosse inacreditável. – É "*na* Long Island". Ninguém fala "em"… Parece ignorância. O certo é falar *na ilha*.

Enzo está coçando seu cabelo preto. Ele não tem nem um fio branco, aliás. Já eu, não fossem meus frascos de tinta, estaria praticamente grisalha, e sou assim desde que Nico nasceu. Tudo que Enzo tem são alguns fios grisalhos na barba quando a deixa crescer. Comentei sobre isso com ele uma vez, porém meu marido vasculhou o próprio couro cabeludo até encontrar um único cabelo branco para me mostrar, como se isso melhorasse as coisas.

– Então não estou entendendo – digo. – Nesse caso, as pessoas deveriam dizer que moram *na* Havaí? Ou *na* Staten Island?

O sorriso no rosto dela desaparece.

– Bom, Staten Island é outra coisa.

Tento cruzar olhares com Enzo, mas ele parece estar apenas achando graça de tudo.

– Bom, Suzette, a gente tá feliz por estar aqui *na* Long Island. E animado para ir jantar com vocês amanhã à noite.

– Mal posso esperar – diz ela.

Preciso forçar um sorriso.

– Quer que a gente leve alguma coisa?

– Hum… – Ela tamborila o queixo com o indicador. – Por que não levam uma sobremesa?

Ótimo. Agora vou ter que arrumar uma droga de sobremesa que esteja à altura dos padrões de Suzette. Estou achando que uma caixa de Oreo não vai ser suficiente.

– Ótimo, então!

Enquanto Suzette volta andando para a própria casa, bem maior, fazendo os saltos estalarem na calçada a cada passo, sinto uma fisgada estranha na barriga. Eu estava tão animada quando compramos essa casa… Passamos um tempão espremidos em apartamentos minúsculos, e eu enfim tenho a casa dos meus sonhos.

Mas nesse momento, pela primeira vez, fico pensando se cometi um erro

terrível ao me mudar para cá.

TRÊS

Esta noite, estamos os quatro jantando em volta da nossa mesa da cozinha. Sabe o que é uma mesa da cozinha? Uma mesa *que cabe dentro da nossa cozinha*. Sim, a cozinha agora tem espaço para uma mesa inteira. A última mal comportava uma pessoa.

Pedimos comida chinesa num restaurante que tinha nos mandado um cardápio pelo correio. Não sou muito exigente em matéria de comida, nem Enzo. A única coisa que não comemos é comida italiana. Segundo ele, nenhum restaurante sabe fazer direito, e toda vez é uma decepção. Mas ele come pizza de delivery. Porque, na avaliação dele, isso não chega a ser comida italiana.

Ada é igualmente tranquila em relação ao assunto, mas Nico é bem chato para comer. Por isso, enquanto nós três nos servimos de yakisoba e carne com brócolis, preparei para o meu filho um prato de arroz branco temperado com um pouco de manteiga e bastante sal. Tenho quase certeza de que no momento deve haver arroz com manteiga correndo pelas veias dele.

– Nosso primeiro jantar na casa nova – anuncio, orgulhosa. – Finalmente estamos estreando nossa mesa da cozinha.

– Por que você não para de dizer isso, mãe? – pergunta Nico. – Por que não para de dizer que estamos estreando tudo?

Para ser sincera, não sei se ele já tinha me ouvido usar a palavra "estrear", e só nas últimas horas já a usei no mínimo cinco vezes. Quando estávamos sentados no sofá mais cedo, disse que estávamos estreando a sala. Depois, quando ele saiu

para o quintal dos fundos com a bola de beisebol, falei que estava estreando nosso quintal. E em algum momento talvez eu tenha mencionado que iria estrear o banheiro.

– Sua mãe só tá animada com a casa. – Enzo estende a mão para segurar a minha por cima da mesa de jantar. – E ela tem razão. É uma casa muito linda.

– É *um pouco* legal – reconhece Nico. – Mas eu queria que ela fosse pintada de vermelho. E tivesse arcos amarelos.

Bom, tenho quase certeza de que meu filho está dizendo que queria morar no McDonald's.

Não me importo. Compramos esta casa para eles dois. Lá no Bronx, vivíamos espremidos num apartamento minúsculo, e havia uns homens começando a espichar os olhos para Ada quando ela voltava a pé para casa. Agora estamos num bairro residencial incrível, e as crianças vão ter espaço para brincar no quintal e passear pelas redondezas sem medo de serem assaltadas. Mesmo que não valorizem isso, é a melhor coisa que poderíamos ter feito por elas.

– Mãe? – Ada empurra um pouco de macarrão pelo prato, e percebo que ela não comeu quase nada. – A gente vai começar a escola amanhã?

Suas sobrancelhas escuras estão unidas. Ambos os meus filhos puxaram ao pai, a ponto de parecerem dois clones dele, e eu apenas a incubadora que deu à luz. Ada é linda: tem cabelo comprido preto e olhos castanhos enormes. Enzo diz que ela é a cara da irmã dele, Antonia. Nossa filha está crescendo, e algum dia vai se tornar uma mulher de parar o trânsito. Quando isso acontecer, tenho quase certeza de que Enzo vai andar para todo lado com um taco de beisebol – ele não admite, mas é muito protetor em relação a ela.

– Tá pronta pra começar a escola? – pergunto a Ada.

– Tô – responde ela ao mesmo tempo que faz que não com a cabeça.

– A gente tá no final do recesso de primavera – comento. – Então todo mundo vai ter ficado uma semana sem se ver. Provavelmente nem vão se lembrar uns dos outros.

Ada não parece achar nem um pouco de graça, mas Nico dá uma risadinha.

– Eu posso te levar amanhã – propõe Enzo. – Podemos ir na caminhonete.

Os olhos dela se iluminam; ela adora andar na caminhonete do pai.

– Posso ir na frente?

Enzo olha para mim com as sobrancelhas arqueadas. Ele adora fazer a

vontade dos filhos, mas gosto do fato de ele não concordar com nada sem antes verificar comigo.

– Na verdade, meu amor, você ainda é meio pequena para o banco da frente – digo. – Mas logo, logo vai poder.

– Eu quero ir de ônibus amanhã! – declara Nico.

Ano passado, nós morávamos tão perto da escola de ensino fundamental que não fazia sentido eles pegarem o ônibus. Então, agora Nico alçou a experiência "pegar o ônibus" ao mesmo nível de visitar uma fábrica de chocolate cheia de Oompa-Loompas. Não parece conseguir pensar em mais nada.

– Mãe, por favor? – insiste meu filho.

– Tudo bem – respondo. – E Ada, se você quiser ir com o seu pai…

– Não – diz ela com firmeza. – Eu vou de ônibus com o Nico.

O que quer que se diga da minha filha, ela é incrivelmente protetora em relação ao irmão mais novo. Eu tinha ouvido falar que crianças pequenas podem ser muito ciumentas quando chega um bebê novo, mas Ada se apaixonou por Nico na hora. Abandonou as bonecas e passou a cuidar dele. Tenho algumas fotos fofíssimas dela com Nico no colo, dando a mamadeira para ele.

– E também… – Nico enfia mais arroz na boca, e apenas cerca de oitenta por cento consegue passar por seus lábios. O resto está salpicando seu colo e o chão debaixo dele. – Mãe, posso ter um bichinho de estimação? Por favor?

– Hum – respondo.

– Você falou que quando eu fosse mais velho e mais *responsável* poderia ter um bichinho – lembra Nico.

Bom, ele *está* mais velho. Quanto à parte de ser responsável…

– Um cachorro? – pergunta Ada, esperançosa.

– Ainda precisamos cercar o quintal antes de pensar em ter um cachorro – digo a eles.

Além do mais, eu gostaria de estar mais estável financeiramente antes de acrescentarmos mais um membro à família.

– Então que tal uma tartaruga? – sugere Ada.

Estremeço.

– Não, uma tartaruga não, por favor. Eu *odeio* tartarugas.

– Eu não quero um cachorro *nem* uma tartaruga – diz Nico. – Quero um louva-a-deus.

Quase engasgo com um pedaço de brócolis.

– Um *o quê*?

– Na verdade, é um ótimo bichinho de estimação – intervém Enzo. – Muito fácil de cuidar.

Ai, meu Deus, Enzo *sabe* que Nico quer trazer esse troço horrível para dentro da nossa casa?

– Não. Nós não vamos ter um louva-a-deus.

– Mas por que não, mãe? – insiste Nico. – Eles são superlegais. Vai ficar no meu quarto, você nem precisa ver. A não ser que você queira.

Ele me lança aquele sorriso encantador que é só dele. Nico tem um rosto redondo adorável e um espaço entre os dentes, mas é evidente que daqui a uns seis ou sete anos vai estar partindo corações, como o pai dele costumava fazer antes de ficarmos juntos.

– Não importa se eu não vou ver. Vou saber que ele está lá.

– A gente deixa ele preso – sugere Enzo, exibindo a própria versão do mesmo sorriso.

Que desgraça esse meu marido tão lindo.

– O que ele come? – pergunto.

– Moscas – responde Nico.

– Não. – Balanço a cabeça. – Não vai dar, não.

– Não se preocupa – diz meu filho. – São moscas que *não voam.*

– Moscas *de chão* – brinca Enzo.

– Não vai nem custar nada pra você – acrescenta Nico. – Nós mesmos vamos criar as moscas.

– Não. Não, não, não.

Enzo aperta de leve o meu joelho por baixo da mesa.

– Millie, a gente tirou as crianças da escola e obrigou elas a se mudarem pra cá. Se o Nico quer um louva-a-deus…

Até parece. *Ele* também quer um louva-a-deus. Esse é exatamente o tipo de coisa que Enzo acharia legal.

Olho para Ada em busca de ajuda, mas ela está muito concentrada em fazer pequenas pilhas de macarrão no prato. Está escrevendo o nome dela com macarrão. Ela não é de brincar com a comida, então deve estar realmente ansiosa.

– Se eu topasse, onde é que a gente iria comprar um louva-a-deus?

Enzo e Nico fazem um "toca aqui", o que seria adorável se eu não estivesse tão apavorada com esse inseto que eles vão trazer para casa.

– A gente pode comprar um ovo de louva-a-deus – explica Nico. Meu Deus, há quanto tempo eles estão debatendo esse assunto? Parece que já têm um plano bem sólido em mente. – Aí o ovo estoura e nascem centenas.

– Centenas…

– Mas tudo bem – diz Enzo depressa. – Eles vão todos devorar uns aos outros, e em geral sobram só um ou dois.

– E aí a gente pode estrear eles – acrescenta Nico. – Tudo bem, mãe?

Imagino a cara de horror que Suzette Lowell faria se descobrisse que existe tanto um louva-a-deus quanto uma colônia de moscas que não voam na sua perfeita ruazinha sem saída, o que é a única coisa divertida em relação a essa situação. Tá, tudo bem, acho que vou deixar isso acontecer. Mas juro por Deus: se a minha linda casa nova ficar cheia de moscas, Nico vai ter que se mudar.

QUATRO

Se eu desempacotar mais uma caixa que seja, vou passar mal.

Já desempacotei cinco bilhões de caixas só hoje. No mínimo. E agora estou parada no banheiro da suíte principal, encarando uma caixa de papelão na qual escrevi BANHEIRO com uma caneta permanente, e simplesmente me faltam forças para abri-la. Mesmo que contenha artigos de banheiro cruciais. Talvez eu possa escovar os dentes com o dedo hoje à noite.

Ouço um barulho de passos do outro lado da porta, e o som fica mais alto, até que um segundo depois Enzo espicha a cabeça para dentro do banheiro. Ele sorri ao me ver ali parada com minha caixa.

– Tá fazendo o quê? – pergunta ele.

Meus ombros desabam.

– Desempacotando.

– Você passou a noite inteira desempacotando. Chega. A gente continua amanhã.

– Mas a gente *precisa* dessas coisas. São do banheiro.

Enzo parece prestes a tentar me convencer a parar, mas então muda de ideia. Ele leva a mão ao bolso do jeans gasto e pega o canivete que sempre carrega consigo. Ele ganhou do pai o canivete com as próprias iniciais gravadas quando ainda era menino: EA. Apesar de já ter quase 40 anos, ele o mantém afiado como uma navalha, de modo que o canivete corta com facilidade a fita adesiva.

Juntos, desembalamos todos os itens. Assim que conheci esse homem que me

deixou de pernas bambas, jamais imaginei um futuro em que estaríamos num banheiro organizando barras de sabonete e frascos pegajosos de xampu. Por mais estranho que pareça, porém, Enzo se adaptou de bom grado à vida doméstica.

Estávamos morando juntos fazia menos de um ano quando, apesar do meu uso criterioso de um método anticoncepcional, minha menstruação atrasou. Fiquei apavorada diante da perspectiva de contar para ele, mas Enzo se mostrou empolgadíssimo. "Agora vamos ser uma família!", falou. Os pais e a irmã dele já tinham todos morrido, e eu nunca me dera conta do quanto era importante para ele formar a própria família. Nós nos casamos um mês depois.

E agora, passada mais de uma década, estou levando o tipo de vida familiar que jamais sonhei ter. Nem com Enzo, nem com *ninguém*. Muitas pessoas achariam essa vida chata, mas eu adoro. Tudo que sempre quis foi uma existência comum, tranquila. Só levei mais tempo do que a maioria das pessoas para entender isso.

Enzo tira suas giletes da caixa, deixando-a finalmente vazia. Acabamos. Tá, ainda temos mais cinco bilhões de caixas pela casa, mas pelo menos mais uma foi esvaziada, então agora são cinco bilhões menos uma. Calculo que em algum momento nas próximas três ou quatro décadas vamos terminar de desembalar tudo.

– Tá – diz Enzo. – Agora chega por hoje.

– É – concordo.

Ele olha por cima do ombro para a cama queen size coberta por uma colcha limpa, então torna a me olhar com um sorriso no rosto.

– Que foi? – provoco. – Quer estrear a cama?

– Não – responde ele. – Quero *profanar* a cama.

Solto uma gargalhada, que é interrompida quando ele me agarra e me pega no colo, me carregando pela soleira da porta até a cama na nossa linda e nova suíte principal. Eu lhe diria para tomar cuidado com as costas, mas, considerando que ele carregou caixas com o dobro do meu peso (espero), suponho que saiba o que está fazendo. Enzo só para quando chega na cama e me coloca em cima dos lençóis.

Ele arranca a camiseta e sobe em cima de mim já beijando meu pescoço, mas, por mais que eu queira entrar no clima, meus olhos são atraídos pelos dois janelões retangulares bem ao lado da nossa cama. Por que não arrumamos

persianas? Que tipo de gente burra se muda para uma casa sem se certificar de que as janelas estejam cobertas?

Da minha posição na cama tenho uma ótima visão da casa do outro lado da rua. Apesar de as janelas dela estarem escuras, detecto um lampejo de movimento num dos cômodos do primeiro andar. Ou pelo menos penso detectar.

Enzo percebe que me retesei e se afasta.

– Que foi?

– As janelas – murmuro. – Dá pra ver tudo.

Ele ergue a cabeça e olha através da nossa própria janela para o número 13 da Locust Street.

– As luzes estão apagadas. Eles estão dormindo.

Ao olhar pela janela outra vez, não vejo mais nenhum sinal de movimento. Mas vi antes. Apenas um segundo atrás. Tenho certeza.

– Acho que não estão, não.

Ele dá uma piscadela para mim.

– Então a gente faz um showzinho pra eles.

Fico encarando Enzo.

– Tá – resmunga ele. – E se a gente apagar a luz?

– Tudo bem.

Enzo engatinha para longe de mim de modo a poder acionar o interruptor, fazendo o quarto mergulhar na escuridão. Eu me remexo sobre os lençóis, sem conseguir desgrudar os olhos da janela exposta.

– Já parou pra pensar por que a gente conseguiu esta casa tão barata?

– Barata?! – exclama Enzo. – A gente teve que usar todas as nossas economias pra dar a entrada! E as prestações são…

– Mas foi abaixo do preço de mercado – observo. – *Nada* estava sendo vendido abaixo do preço de mercado.

– Ela precisa de umas reformas.

– Todas as outras também precisavam. – Eu me apoio nos cotovelos sobre a cama. – E a gente não conseguiu ganhar o leilão de nenhuma delas.

Enzo me lança um olhar exasperado.

– A gente consegue a casa dos seus sonhos e você começa a implicar com ela? A gente teve sorte, ué! Por que é tão difícil acreditar nisso?

Porque, convenhamos, eu nunca tenho sorte.

– Millie… – diz Enzo com aquela voz rouca que sabe que eu acho irresistível. – Vamos curtir nossa primeira noite na casa dos nossos sonhos. Tá bom?

Ele sobe de novo na cama ao meu lado, e a esta altura não consigo resistir a seus encantos. Ainda assim, lanço um último olhar pela janela, e, mesmo que a casa esteja lá do outro lado da rua, tenho certeza de que distingo um par de olhos cravados no meu corpo.

Observando.

CINCO

Hoje é o primeiro dia das crianças na escola nova.

Ada põe a roupa que escolhi para seu primeiro dia. É um vestido sem mangas rosa-claro. Se fosse o meu filho usando algo assim, provavelmente ficaria todo manchado de sujeira e gordura antes mesmo de sair de casa, mas Ada ama esse vestido e é quase certo que vai conseguir mantê-lo limpo. Quanto a Nico, estou feliz com o simples fato de ele ter conseguido vestir roupas limpas que não tivessem nenhum buraco.

Como fui informada de que o ônibus escolar parava em frente ao número 13 da nossa rua, conduzo as crianças porta afora, passo pela casa de Suzette, no número 12, e sigo até a casa do vizinho ou vizinha que estou convencida de que ficou nos espionando ontem através das nossas janelas sem persianas. Dito e feito: tem uma mulher e uma criança esperando no ponto, mas eles não são como eu imaginava.

Primeiro de tudo, a mulher é mais velha do que eu esperava. Não sou a mais jovem entre as mães dos amigos dos meus filhos, mas essa mulher parece velha o bastante para ser *minha* mãe. É magérrima, tem cabelos grisalhos crespos e dedos ossudos que quase parecem garras. E, embora Suzette tenha dito que o filho dela tinha a mesma idade que Nico, o menino aparenta ser no mínimo dois anos mais novo. É tão magro quanto a mãe, e, embora seja um dia ameno de primavera, está usando um suéter grosso de lã de gola alta que parece extremamente áspero e desconfortável.

Talvez ela não seja a mãe dele, claro. Talvez seja a avó. Com certeza, parece velha o suficiente para ser avó. Mas eu nunca perguntaria algo assim. Não sou a Suzette. Essa é uma das coisas que não se diz para alguém que acabou de conhecer, algo como "Você está grávida?". (Maldita camiseta troncha.)

Quando me aproximo, a mulher semicerra os olhos por trás dos óculos de armação de tartaruga. Não consigo deixar de reparar na correntinha prateada presa aos óculos, acessório que sempre associei às pessoas idosas, mas que uma das amiguinhas de Ada no Bronx usava, então vai ver voltou à moda.

– Oi! – digo num tom alegre, decidida a fazer amizade com a mulher.

Afinal, eu adoraria fazer alguns amigos em Long Island. Ops, quer dizer: *na* Long Island.

A mulher abre a contragosto um sorriso que mais parece uma careta.

– Oi – responde ela no tom mais inexpressivo que já escutei.

– Meu nome é Millie.

Ela me encara com um olhar vazio. Esse é o momento em que a maioria das pessoas também diria como se chama, mas pelo visto ela não recebeu esse comunicado.

– E estes são Nico e Ada – acrescento.

Ela enfim leva uma das mãos ao ombro do menino.

– Este é Spencer. E eu sou Janice.

O menino muda de posição de repente e revela na parte inferior da mochila algo que parece um gancho, com alguma coisa presa, que a mulher está segurando. Ai, meu Deus… É uma coleira. O coitado do menino está preso numa coleira!

– Prazer em conhecer vocês – digo. Ou será que deveria dizer "Que fofo o seu cachorro"? – Soube que o Spencer está no… terceiro ano?

Isso parece impossível, porque esse menininho mal chega ao ombro de Nico, que tem uma estatura mediana para a idade. Ainda assim, o menino, Spencer, assente.

– É – confirma ele.

– Legal! – Os olhos de Nico se iluminam. – Minha professora é a Sra. Cleary. Qual é a sua?

– *Quem* é a sua – corrige Janice.

Nico ergue a cabeça e a encara, piscando os olhos castanho-escuros.

– Eu falei que é a Sra. Cleary – diz ele com uma voz lenta, como se pensasse que ela é burra.

Reprimo uma risada. Antes de Janice explicar que só estava tentando corrigir a gramática de Nico, Spencer deixa escapar:

– Eu também! A minha também é a Sra. Cleary!

Os meninos começam a conversar animadamente, o que me deixa feliz. Nico é tão extrovertido que consegue ficar amigo até das crianças mais tímidas. Invejo essa habilidade dele.

Lanço um sorriso cúmplice na direção de Janice.

– Bom, pelo visto o Nico já fez seu primeiro amigo aqui.

– É – diz Janice, com um entusiasmo consideravelmente menor.

– Quem sabe eles se encontram um dia pra brincar?

– Pode ser. – Ela franze o cenho, e as linhas de expressão do seu rosto ficam mais pronunciadas. – O seu filho já tomou todas as vacinas?

Todas as escolas públicas exigem um esquema de vacinação completo, e tenho certeza de que ela sabe disso. Mas tudo bem… Vou relevar.

– Já.

– Inclusive a da gripe?

Nem estamos na temporada da gripe, mas enfim…

– Já.

– Todo cuidado é pouco, entende? – diz ela. – Spencer é muito frágil.

De fato, o menino parece um pouco frágil, com a pele quase translúcida e o corpinho minúsculo sendo engolido pelo suéter de lã gigantesco. Mas as bochechas dele até estão meio coradas agora que está conversando com Nico.

– Seria bom se a gente se conhecesse melhor, já que eu sou nova por aqui – sugiro. – Meu marido e eu vamos jantar com a Suzette e o Jonathan hoje à noite.

– Ah. – O desagrado a faz franzir os lábios. – Se eu fosse você, tomaria cuidado com aquela mulher. – Ela me lança um olhar de quem sabe das coisas. – E tomaria cuidado especialmente com aquele seu marido bonitão.

Não me agrada o que ela está sugerindo. Sim, Suzette é muito atraente, e sim, ela é um pouco descarada no flerte. Mas eu confio no meu marido; ele não vai me trair com nossa vizinha de porta. Também não me agrada muito Janice ter se achado no direito de fazer esse comentário.

– Suzette parece… simpática – digo com educação, embora não tenha certeza

de que acredito nas minhas palavras.

– Bom, mas não é.

Não sei o que responder a isso, mas felizmente nesse instante o ônibus escolar chega, e Janice solta o filho da coleira. (Embora eu tenha certeza de que ele tem um microchip com GPS implantado no cérebro ou coisa assim.) De tão entretido que está com o novo amigo, Nico mal presta atenção na minha despedida chorosa, mas ele deixa que eu lhe dê um beijo na testa e tem a elegância de só limpar quando já está subindo os degraus do ônibus. Ada, por sua vez, me dá um abraço apertado e fica agarrada comigo por tempo suficiente para me fazer querer levá-la pessoalmente até a escola.

– Você vai fazer um milhão de amigos – murmuro no ouvido dela. – É só ser você mesma.

Ada me lança um olhar cético. Ai, não acredito que falei isso. Dizer para uma pessoa ser ela mesma é o pior conselho possível. Eu *detestava* quando me diziam isso. Mas não tenho nenhum ensinamento melhor para lhe passar. Se tivesse, eu teria mais amigos.

Queria que Enzo estivesse aqui, porque ele saberia exatamente o que dizer para fazê-la sorrir. Mas ele tinha um trabalho de paisagismo esta manhã, então estou sozinha.

– Vou ficar esperando vocês em casa hoje à tarde! – grito para eles.

Tirei metade do dia de hoje de folga para garantir que estarei em casa quando eles chegarem, embora nos dias normais eles provavelmente cheguem em casa meia hora, talvez até uma hora antes de mim.

As portas do ônibus se fecham e o veículo se afasta, levando meus dois filhos. Fico com aquela pontada de ansiedade que sempre sinto ao me separar deles. Será que isso vai desaparecer algum dia? Era muito mais fácil quando eles estavam crescendo dentro de mim. Bom, tirando a pré-eclâmpsia com risco de morte que sofri no terceiro trimestre da gravidez de Nico, que foi o que me fez decidir ligar as trompas.

É só depois que o ônibus desaparece da ruazinha sem saída que reparo em Janice me encarando com uma expressão horrorizada no rosto.

– Algum problema? – pergunto, com a maior educação possível.

– Millie – diz ela. – Você não espera mesmo que eles voltem pra casa a pé sozinhos, né?

– Bom, sim. – Aponto para minha casa, a poucos metros dali. – A gente mora *bem ali*.

– E daí? – rebate ela. – Nós moramos bem ali. – Ela aponta para a própria casa, que fica literalmente atrás de nós. – E você nunca vai ver o Spencer sozinho, nem por um segundo, porque eu não deixo ele sozinho. Se alguém mal-intencionado estiver atrás do seu filho ou da sua filha, poderia levá-los embora num piscar de olhos.

Ela então estala os dedos bem na frente do meu rosto, para demonstrar a imediatez do risco.

– Mas este bairro é bem seguro – comento com hesitação, sem querer dizer na cara da mulher que é ridículo ela pôr uma coleira no filho que já cursa o ensino fundamental.

– Falsa segurança – zomba ela. – Sabia que um menino de 8 anos desapareceu na rua três anos atrás?

– *Aqui?*

– Não, em outra cidade.

– Onde?

– Eu já disse *em outra cidade*. – Ela me encara. – A mãe soltou a mão dele por *um segundo*, e ele foi levado embora. Sumiu sem deixar vestígio.

– É mesmo?

– É. Fizeram de tudo para encontrar o menino. Chamaram a polícia, o FBI, a CIA, a Guarda Nacional e um médium. Nem o *médium* conseguiu encontrar o garoto, Millie.

Não conheço os detalhes desse suposto sequestro, mas com certeza nunca ouvi falar em nada disso no noticiário. E sequer aconteceu aqui por perto. Pelo visto, essa outra cidade poderia muito bem ser do outro lado do país. Não tenho certeza se ajudaria compartilhar com ela a estatística de que quase todos os sequestros de crianças são cometidos por familiares. Ela já parece ter formado a própria opinião. Spencer provavelmente vai continuar na coleira até os 30 anos.

– Bom, eles vão ter que voltar pra casa sozinhos alguma hora – digo. – Tanto meu marido quanto eu trabalhamos, e não podemos ir buscar os dois todos os dias.

Ela me olha, espantada.

– Vocês trabalham?

– Ah… Sim.

Ela estala a língua.

– Quando meu marido faleceu, ele me deixou dinheiro suficiente para eu não precisar mais trabalhar.

– Ah, que bom.

– É muito triste que seus filhos não possam ter a mãe em casa – continua ela. – Eles nunca vão conhecer o amor que merecem de uma mãe que nunca sai de perto deles.

Meu queixo cai.

– Meus filhos sabem que são muito amados.

– Mas pense no quanto você está perdendo! – exclama ela. – Isso não te deixa triste?

As palavras "pelo menos meu filho não usa coleira" estão na ponta da língua, mas por algum verdadeiro milagre consigo manter a boca fechada. Meus filhos sabem que eu os amo. Além do mais, eu amo meu trabalho e faço coisas boas pelos outros no hospital. E mesmo que não fizesse, nós vamos precisar de cada centavo da nossa renda enquanto Enzo estiver reconstruindo seu negócio aqui.

– A gente dá um jeito – respondo, simplesmente.

– Bom, tenho certeza de que você faz o melhor que pode no pouco tempo que tem com eles.

Por algum motivo, não acho que Janice e eu vamos ser boas amigas. Estava muito animada de me mudar para cá, mas está começando a parecer que escolhi a ruazinha sem saída menos amistosa da cidade. Uma das vizinhas dá em cima do meu marido e a outra julga minha dedicação como mãe.

Mais uma vez, fico pensando se mudar para cá foi um grande erro.

SEIS

Deu tudo certo na escola hoje.

As crianças saltam do ônibus cheias de histórias sobre o primeiro dia de aula. Nico já fez amizade com todas as crianças da turma do terceiro ano e conseguiu esguichar leite pelo nariz na hora do almoço. (Ele vem treinando essa habilidade há meses.) Ada está menos entusiasmada do que o irmão, mas me garante ter feito alguns amigos novos. Trocar de escola no meio do ano letivo é uma coisa difícil, e fico muito orgulhosa de ambos.

– E os testes para a liga infantil de beisebol são no final da semana – diz Nico. – Que horas o pai vai chegar? Ele prometeu treinar comigo.

Olho para o meu relógio de pulso. Suzette falou para chegarmos à casa dela às seis, daqui a menos de uma hora. Conhecendo Enzo como conheço, ele vai chegar bem em cima.

– Daqui a pouco. Espero.

– Mas que horas? – insiste ele.

– *Daqui a pouco*. – Como ele não parece satisfeito com a resposta, volto a falar. – Tive uma ótima ideia. Por que você não fica arremessando a bola sozinho no quintal?

Os olhos dele se iluminam.

– Eu adoro ter um quintal, mãe.

Eu também.

Nico vai treinar sozinho no quintal dos fundos, um luxo que não tínhamos

na cidade grande. Subo até o quarto e aplico mais uma camada de corretivo para disfarçar as olheiras que parecem estar sempre presentes nos últimos tempos. Começo a passar rímel, mas acabo deixando cair um pouco no olho, então sou obrigada a tirar tudo porque não paro de lacrimejar. Passo uma camada de batom nude, pelo visto um que faz parecer que não se está usando batom nenhum. Não consigo imaginar por que alguém fabricaria um produto desses, mas a pergunta mais pertinente seria: por que comprei isso?

Como ainda não compramos um espelho de pé, faço uma acrobacia para conferir meu visual no pequeno espelho acima da pia. Isso exige algum contorcionismo, mas finalmente decido que estou com uma aparência boa o bastante. Além do mais, ainda preciso resolver a situação da sobremesa, porque essa vai ser minha contribuição para o jantar.

No caminho do trabalho para casa, parei no supermercado e comprei uma torta de maçã. Veja bem, não me entenda mal: eu adoro torta de maçã, qualquer que seja. No entanto, quando desço para a cozinha e a tiro da sacola de compras, ela parece exatamente o que é: uma torta barata de um supermercado de bairro.

Fico imaginando o tipo de comentário que vou escutar de Suzette sobre essa torta. Ela provavelmente compra todas as sobremesas dela em alguma confeitaria francesa chique.

Tiro a torta da embalagem plástica, mas a deixo no suporte de metal. Então pego um garfo na gaveta de talheres e, com a precisão digna de um artista, bagunço as bordas da torta e espeto o centro algumas vezes. Decididamente, agora ela está com uma aparência menos perfeita do que algo saído de uma linha de produção. Será que eu conseguiria fazê-la passar por uma torta caseira? Talvez.

Enquanto estou examinando a torta, as dobradiças da porta da frente chiam quando ela se abre. Enzo chegou. Graças a Deus, porque não temos mais muito tempo. Corro até lá para recebê-lo, mas na mesma hora minha expressão se desfaz. Meu marido está literalmente coberto de terra dos pés à cabeça, e precisamos estar na casa dos Lowells daqui a…

Quinze minutos. Que ótimo.

– Millie! – O rosto dele se ilumina quando me vê, mas então reparo que ele está olhando para a torta. – Torta de maçã… Minha sobremesa preferida neste país!

– Eu que fiz – digo, para ver se vai colar.

– Sério? Tem cara de torta de supermercado.

Droga. Acho que não deixei a torta rústica o suficiente.

Ele se aproxima para me dar um beijo, mas recuo e levanto uma das mãos para mantê-lo à distância.

– Você tá imundo!

– Estava cavando um buraco – diz ele, como se fosse uma bobagem eu pensar que estivesse fazendo alguma outra coisa. – Vou tomar banho depois de jogar beisebol com o Nico. Ele quer treinar.

– *Enzo*. – Eu o fuzilo com o olhar. – Suzette convidou a gente pra jantar! Precisamos estar lá daqui a quinze minutos. Lembra?

Ele me olha sem entender. Fico pasma com sua capacidade de esquecer qualquer tipo de compromisso social, embora pareça ser muito bom em manter o controle das próprias obrigações profissionais.

– Ah – diz ele. – Isso tava no calendário da família?

Enzo vive me dizendo para pôr as coisas no calendário da família em nossos celulares, mas, até onde sei, não o consulta… nunca.

– Estava, *sim*.

– Ah. – Ele coça o pescoço com a mão encardida. – Acho… que vou pro banho agora, então.

Sinceramente, às vezes é como ter um terceiro filho. Na verdade, mais parece um segundo filho, porque Ada é bem mais parecida com uma adulta.

Eu me viro de volta para a torta. Tenho um estalo e a levo ao forno. Talvez se estiver quente eu consiga fazê-la passar por feita em casa. Por algum motivo, sinto uma necessidade desesperada de impressionar Suzette Lowell. Trabalhei para muitas mulheres como ela na época em que era empregada, mas nunca estive em condições de ser nada além da empregada de uma mulher dessas.

Não gosto de Suzette, mas, se conseguirmos ficar amigos dos Lowells, teremos galgado um degrau. Isso significa que finalmente terei conquistado a vida normal com a qual sempre sonhei. A vida que eu faria qualquer coisa para conseguir.

SETE

Vinte minutos mais tarde, estamos parados diante da porta da frente do número 12 da Locust Street.

Levou um pouco mais de tempo do que o esperado. Embora tenha tomado uma chuveirada rápida, Enzo desceu usando um jeans e uma camiseta amarrotados, porque é claro que ele faria isso, então mandei que subisse e vestisse algo um pouco mais decente. Agora está vestindo a camisa social preta que comprei para ele seis meses atrás ao perceber que não tinha absolutamente nenhuma camisa social. Conforme o esperado, ela combina perfeitamente com os olhos e o cabelo escuro, e ele fica lindo de morrer. Também conforme o esperado, Enzo parece muito pouco à vontade com a camisa, e sempre existe a chance de ele arrancá-la em algum momento durante o jantar. (Suzette teria um *troço.*)

A torta de maçã agora está morna, o que ajuda a fazê-la parecer caseira. A travessa está quente o suficiente para quase queimar minhas mãos, e mal posso esperar para largá-la.

Nico está puxando a própria camisa social de manga curta, que tem uma chance ainda maior de ser arrancada durante a noite devido ao desconforto dele, maior do que o do pai.

– A gente precisa mesmo ir nesse jantar chato?

– Precisa – respondo.

– Mas eu queria jogar beisebol com o pai.

– A gente não vai ficar muito tempo.

– O que vai ser a comida?

– Não sei.

– Posso ver televisão enquanto estiver lá?

Eu me viro para meu filho com um olhar enfezado.

– *Não*, não pode.

Olho para Enzo em busca de apoio, mas, pela cara que ele faz, está tentando não rir. Provavelmente também gostaria de poder assistir à televisão.

Depois de um minuto com as mãos sendo queimadas pela torta de supermercado, uma mulher desconhecida abre a porta. Tem mais ou menos 60 anos e o físico de um jogador de futebol americano, com cabelos grisalhos presos num coque apertado. A postura é a mais perfeita que já vi: se alguém colocasse um livro em cima da cabeça dela, dois dias depois o livro continuaria intacto ali. Está usando um vestido florido com um avental por cima e me encara com olhos cinzentos e opacos, que se cravam fundo em mim.

– Ah, oi – digo, hesitante. Verifico o número na porta, como se pudesse por algum motivo ter errado a casa ao lado da minha. – Sou a Millie. Nós viemos…

– Millie!

Por trás da mulher que nos recebeu, uma voz chega flutuando das profundezas da casa. Um segundo depois, Suzette desce a escada parecendo ao mesmo tempo ligeiramente ofegante e sem um único fio de cabelo fora do lugar. Está usando um vestido verde que me faz perceber que, na verdade, tem os olhos mais verdes do que azuis, e, seja lá qual for o sutiã milagroso que escolheu, ele empurra os peitos dela para cima, quase até o queixo. Os cabelos cor de caramelo brilham como se tivesse acabado de sair do salão e a pele parece quase reluzir. Ela está lindíssima.

Olho para Enzo a fim de ver se ele está reparando no visual dela, mas meu marido está ocupado mexendo num dos botões da camisa. Ele odeia *mesmo* essa camisa. Tomara que consiga mantê-la no corpo até voltarmos para casa.

– Millie, Enzo! – exclama ela, unindo as mãos com mais deleite do que qualquer pessoa poderia sentir com a visita de vizinhos. – Que *bom* que vocês vieram. E elegantemente atrasados.

Puxa, atrasamos só cinco minutos.

– Oi, Suzette – digo.

– Vi que já conheceram a Martha. – Os olhos de Suzette cintilam ao mesmo tempo que ela leva uma das mãos ao ombro da mulher mais velha. – Martha ajuda aqui em casa dois dias por semana. Jonathan e eu somos *muito* ocupados, e Martha é a nossa salvação.

– Sim – murmuro.

Já fui a Martha de muitas famílias na vida. No entanto, nunca consegui interpretar o papel tão bem quanto essa mulher claramente consegue. Ela parece uma empregada saída direto dos anos 1950, só falta segurar um espanadorzinho de penas e um daqueles aspiradores de pó com motores engraçados de tão grandes.

Mas ela tem algo de perturbador. Talvez seja porque está me encarando como se não conseguisse desgrudar os olhos de mim. Estou acostumada com mulheres encarando Enzo, mas ela não está interessada nem nele, nem nos meus filhos. O olhar dela está cravado no meu rosto feito um facho de laser.

O que eu tenho de tão interessante? Estou com espinafre nos dentes? Sou parecida com alguém famoso e ela quer um autógrafo?

– Martha pode servir alguma coisa pra vocês beberem? – pergunta Suzette a mim e a Enzo, apesar de estar olhando para ele. – Uma água? Uma taça de vinho? Acho que temos um suco de romã delicioso.

Nós dois fazemos que não com a cabeça.

– Não, obrigada.

– Têm certeza? – insiste ela. – Não é incômodo nenhum pra Martha.

Olho para a mulher mais velha, ainda parada, rígida, à espera da ordem para voltar à cozinha e nos trazer uma bebida.

– Não é incômodo nenhum – diz ela com uma voz grave e rascante, como se não estivesse acostumada a usá-la.

– Nós estamos bem – garanto a ela, torcendo para que vá embora, mas ela não vai.

Suzette enfim repara em Nico e Ada, pacientemente encolhidos junto à porta.

– E estes devem ser seus filhos lindos. São uma graça.

– Obrigada.

Sempre me pareceu estranho que, quando uma pessoa elogia o filho de alguém, o pai ou a mãe agradeçam como se fossem os donos da criança. Apesar disso, aqui estou eu, agradecendo.

Suzette volta a focar sua atenção em Enzo.

– Os dois são a *sua cara*.

– Não é bem assim – diz Enzo, o que é uma mentira deslavada. – Ada tem o formato da boca e os lábios da Millie.

– Humm, não estou conseguindo ver a semelhança – diz Suzette.

Ela não está conseguindo ver porque não é verdade. Nenhum dos dois se parece em nada comigo. E, aliás, nenhum dos dois tem a mesma personalidade que eu. Nico é muito parecido com Enzo, e não sei de onde pode ter saído essa minha filha inteligente e reservada.

– Aliás, acabei de receber uma notícia *fantástica*! – exclama Suzette. – Outra família pra quem a Martha trabalha acabou de se mudar. Aposto que ela ficaria feliz em fazer faxina lá na casa de vocês também.

– Ah. – Enzo e eu nos entreolhamos. *É claro* que eu adoro a ideia de alguém me ajudar com a faxina lá em casa, mas não temos como pagar. – É muita gentileza sua, mesmo, mas não acho que…

– Estou livre nas quintas de manhã – diz Martha para mim.

– Na quinta de manhã seria bom pra vocês? – pergunta Suzette, também para mim.

Como explicar para essa mulher cuja casa tem o dobro do tamanho da nossa que não podemos pagar uma faxineira? E, mesmo que pudéssemos, algo em Martha me deixa muito desconfortável.

– Ah, o horário é bom, mas…

Antes de eu conseguir inventar uma desculpa que não envolva admitir que não queremos os serviços de Martha, o olhar de Suzette recai na torta nas minhas mãos. Ela deixa escapar uma gargalhada tilintante.

– Ah, Millie, que chato! Você deixou a torta *cair* no caminho?

Droga, acho que deixei a torta rústica *demais*.

Felizmente, consigo pelo menos largá-la na mesa de centro da sala enquanto Martha desaparece na cozinha. A sala é muito maior que a nossa. Todos os cômodos da casa têm o dobro, ou quem sabe o triplo, do tamanho dos nossos. O lado de fora é tão antigo quanto o da nossa casa – a construção é do final do século XIX e pouco foi alterada –, mas, ao contrário da nossa, a parte interna foi inteiramente reformada. Enzo prometeu reformar nossa casa assim também, mas desconfio que isso vá levar quase uma década.

– Que casa linda – comento. – E quanto espaço…

Suzette apoia a mão num móvel grande que imagino que se deva chamar de armário de pé. Penso se poderíamos comprar um desses para nossa casa. (Quem estou enganando? Temos sorte de conseguir comprar mesas e cadeiras.)

– Todas essas três casas eram originalmente sedes de fazenda – explica ela. – Esta era a casa principal, onde moravam os proprietários. E o número 13 era o pavilhão dos criados.

– E a nossa casa? – pergunto.

– Acho que lá era o curral dos animais.

Como é que é?

– Maneiro! – exclama Nico. – Aposto que o meu quarto era o chiqueiro!

Tá, *só pode* ser brincadeira. Quer dizer, se fosse uma construção para animais, lá não teria escada, certo? Ou talvez a escada tenha sido instalada depois. Reparei *mesmo* numa espécie de cheiro que…

– Jonathan! – chama Suzette.

Os olhos azul-esverdeados dela estão pregados na escadaria sinuosa que conduz ao primeiro andar da casa, de onde um homem está descendo para o térreo. Ele veste uma camisa social branca e uma gravata azul-marinho e, ao contrário do meu marido, parece muito à vontade nessa roupa formal. Também ao contrário do meu marido, sua aparência física é completamente banal. Os traços do rosto são neutros e agradáveis, o cabelo castanho-escuro está bem cortado e ele está recém-barbeado. É só uns centímetros mais alto do que eu e franzino. Parece o tipo de homem que desapareceria em qualquer multidão.

– Olá – diz ele, com um sorriso simpático. – Vocês devem ser Millie e Enzo. – Ele se vira para se dirigir às crianças. – E a trupe.

Depois do comportamento pretensioso de Suzette, o de Jonathan é como uma lufada de ar puro.

– É, sou a Millie. Você deve ser o Jonathan.

– Isso. – Ele estende a mão para apertar a minha, e, diferentemente do aperto mortal de Suzette, sua palma é lisinha, e ele não faz qualquer tentativa de quebrar sequer um osso da minha mão. – Que bom enfim te conhecer.

Jonathan aperta em seguida a mão de Enzo, e, se por acaso estiver se sentindo ameaçado pelo meu marido, como acontece com alguns homens inseguros, com certeza não demonstra.

Simpatizo com Jonathan por instinto. Não sei dizer por quê, mas é só uma sensação que tenho. Já trabalhei para muitas casas na vida e me tornei boa à beça em decifrar pessoas.

Especialmente casais.

É possível deduzir várias coisas a partir da linguagem corporal. Certos gestos que já vi maridos fazerem sugerem que são eles que detêm o poder na relação. Por exemplo: um beijo na testa e não na boca. A mão na base das costas quando o casal caminha. É sutil, mas passei a reparar nesse tipo de coisa. Só que Jonathan não está fazendo nada disso com Suzette. Nada me leva a pensar que eles sejam qualquer outra coisa além do que aparentam ser: um casal feliz.

– Então, estão gostando da casa nova? – pergunta ele.

– Eu tô adorando – deixo escapar, já tendo esquecido a vergonha que senti com o fato de a minha casa talvez ter sido um curral para animais de fazenda. – Sei que é pequena, mas…

– Pequena? – Jonathan ri. – Acho que ela tem um tamanho perfeito. Eu teria pegado aquela casa se estivesse disponível. Esta daqui é muita ostentação, principalmente só pra nós dois.

Pode marcar mais um ponto para Jonathan.

– Então vocês não têm filhos? – pergunta Enzo.

Antes de Jonathan conseguir responder, Suzette diz depressa:

– Ah, *não*. Nós não somos o tipo de pessoas que curtem crianças. Elas fazem muito barulho, muita bagunça, e precisam de atenção o tempo inteiro… Sem querer ofender. As pessoas que se dispõem a fazer esse sacrifício são umas verdadeiras santas. – Ela ri ao dizer as palavras, como se fosse hilário qualquer um querer abrir mão da própria vida para ser pai ou mãe. – Mas isso simplesmente não é para a gente. Nós concordamos cem por cento em relação a esse tema. Não é, Jonathan?

– É, sim – responde ele, afável. – Suzette e eu sempre concordamos em relação a isso.

– Não é pra todo mundo – comento.

Mas não pude evitar notar que, enquanto Suzette falava com entusiasmo sobre a maravilha que é não ter filhos, Jonathan exibiu uma expressão tristonha. Isso me leva a pensar se eles de fato "concordam cem por cento" em relação ao tema de serem ou não pais. Eu não julgaria ninguém por não querer ter filhos,

mas é triste quando um dos integrantes de um casal precisa desistir de seu sonho para se adequar ao outro.

– Eu estava dizendo pra Millie que adoro como a casa deles é aconchegante e pitoresca – diz Suzette. – Concordo que essa aqui é muito ampla e extravagante. Pra falar a verdade, a gente não sabe mesmo o que fazer com todo este espaço. Especialmente com o quintal imenso.

Ao ouvir a palavra "quintal", Enzo se empertiga.

– Eu tenho uma empresa de paisagismo, se estiverem procurando alguém pra ajudar com o quintal.

Suzette arqueia uma das sobrancelhas.

– É mesmo?

Ele assente, todo animado.

– Tenho clientes no Bronx, mas estou tentando estabelecer uma clientela aqui. Demora muito pra ir de carro até a cidade.

– A Long Island Expressway é um horror mesmo – concorda Suzette.

Sim, sobretudo para quem dirige como Enzo. Toda vez que ele entra na 495, eu tenho certeza de que vamos morrer carbonizados. A empresa estava indo muito bem lá no Bronx, mas ele está se esforçando para conseguir mais clientes na ilha, assim não vai precisar mais continuar fazendo esse longo trajeto todos os dias. O objetivo é nos próximos anos transferir os serviços dele para os bairros da redondeza. E há famílias ricas o bastante por aqui para proporcionar à empresa um bom potencial de crescimento e expansão.

– Sou um excelente paisagista – acrescenta Enzo. – O que quer que vocês queiram que eu faça com o quintal, eu faço.

– Qualquer coisa? – pergunta Suzette com uma voz profundamente sugestiva.

– Qualquer serviço de paisagismo, sim.

Ela coloca uma das mãos no bíceps dele.

– Pode ser que eu me interesse.

E depois? *Depois ela simplesmente deixa a mão ali.* No bíceps do meu marido. Durante um tempo muito, muito longo. Quer dizer, deve haver um limite para o tempo que é aceitável deixar a mão nos músculos de um homem que não seja seu marido, certo?

Mas isso é inofensivo. Afinal de contas, o marido dela está *bem aqui*. E

Jonathan não parece nem um pouco incomodado com o fato. Ele deve saber que Suzette é sedutora e aprendeu a ignorar isso.

Digo a mim mesma que não tenho nada com o que me preocupar.

E quase consigo me convencer disso.

OITO

Nunca tive a experiência de um jantar tão elaborado.

Tá, para começo de conversa, os lugares à mesa têm cartões com nossos nomes. Cartões com nossos nomes! E não consigo não reparar que os cartões indicam que Suzette vai se sentar ao lado de Enzo e eu ao lado de Jonathan. Além disso, nossos filhos sequer estão na mesma mesa! A mesa de mogno maciço comportaria facilmente mais duas pessoas, mas em vez disso outra mesa menor foi arrumada do outro lado do recinto. A gente quase precisa de um binóculo para ver Ada e Nico.

– Imaginei que as crianças fossem querer um pouco de privacidade – diz Suzette.

Na minha experiência, crianças nunca querem privacidade. *Nunca.* Só recentemente ir ao banheiro deixou de ser um evento em família. Além disso, a mesa é pequena demais. Pelo tamanho, ficaria melhor na sala de estar de uma casa de bonecas. Posso ver pela expressão no rosto dos meus filhos que não estão nada contentes.

– Essa mesa é de bebê – resmunga Nico. – Não quero sentar ali!

– *Fai silenzio* – sibila Enzo.

Naturalmente, nossos dois filhos falam um italiano perfeito, porque o pai falou nesse idioma com eles desde que eram pequenos, portanto eles são bilíngues. Enzo diz que os dois têm sotaque norte-americano, horroroso, mas para mim o italiano deles é muito bom.

Enfim, o alerta faz os dois se calarem, e com relutância eles vão ocupar os respectivos lugares na mesa risivelmente pequena. Meio que sinto vontade de tirar uma foto dos dois em volta daquela mesinha com expressões consternadas idênticas, mas desconfio que isso os deixaria furiosos.

Enzo parece igualmente perplexo com a disposição dos lugares na mesa dos adultos. Ele se deixa cair na cadeira que lhe foi designada e pega um dos garfos que foram postos na mesa.

– Por que tem três garfos? – indaga.

– Bom – explica Suzette com paciência –, um é o garfo de mesa, claro, aí tem o garfo de salada e depois o garfo de espaguete.

– Qual a diferença entre um garfo de espaguete e um garfo de mesa? – pergunto.

– Ai, Millie – diz ela, rindo.

E não responde, embora, na minha opinião, tenha sido uma pergunta muito pertinente.

– Então, o que estão achando do bairro até agora? – pergunta Jonathan enquanto se acomoda na própria cadeira de madeira de espaldar alto e estende com todo o cuidado um guardanapo no colo.

Eu me remexo no assento. Apesar de terem um aspecto incrivelmente caro e serem de madeira maciça, as cadeiras são surpreendentemente desconfortáveis.

– Estamos adorando.

Suzette apoia o queixo no punho fechado.

– Já conheceram a *Janice*?

– Eu já.

– Doidinha ela, não é? – retruca Suzette, com uma gargalhada estridente. – Aquela mulher tem medo da própria sombra. E como é enxerida! Não é, Jonathan?

Jonathan dá um gole em seu copo d'água e lança um sorriso vago para a esposa, mas não diz nada. Gosto do fato de ele não começar na mesma hora a falar mal da vizinha, ainda que fosse merecido. Já Suzette, por sua vez…

– O filho dela estava preso a uma *coleira* – recordo. – Estava presa na mochila dele.

Suzette dá uma risadinha.

– Ela é muito superprotetora, chega a ser engraçado. Acha que tem duendes

querendo levar o filho dela em cada esquina.

– Ela estava paranoica com um menino que, segundo contou, foi sequestrado em outra cidade.

– Pois é. – Ela meneia a cabeça. – Foi uma disputa de guarda entre os pais, e o pai atravessou a fronteira do Canadá com o garoto. Conseguiram trazer ele de volta. Saiu no noticiário na época, mas ela se comporta como se o bicho-papão vivesse rondando! E isso nem é a pior coisa de morar ao lado dela. Vocês deveriam ouvir algumas das bobagens que ela aprontou.

Faço uma careta.

– O que mais ela fez?

– Então, uma vez a gente estava com a churrasqueira ligada no quintal – conta Suzette –, e nem estava grelhando quase nada. Só uns camarões e um bife. Tinha só uns poucos convidados aqui, não é, Jonathan?

– Não me lembro direito, meu bem – responde ele.

– Enfim – continua ela –, bem no meio do nosso churrasco, a polícia apareceu! Janice tinha chamado a polícia e dito que a gente havia acendido uma fogueira no quintal! Dá pra acreditar?

– Vocês têm uma churrasqueira no quintal? – pergunta Enzo, interessado.

– Vocês deveriam comprar uma – diz Jonathan.

– Ou experimentar a nossa – oferece Suzette. – Pode ficar à vontade pra vir usar a nossa se quiser.

– Sério? – indaga Enzo, animado.

Engraçado… Quando o conheci, quase duas décadas atrás, ele parecia muito mais empolgante do que qualquer outro homem que eu já tivesse encontrado. Era praticamente *arrebatador*. Hoje percebo a verdade nua e crua: a maior fantasia desse homem na vida é fazer carne na brasa no quintal de casa. Ou é isso que se pensaria ao ouvi-lo interrogar Suzette sobre os prós e contras de fazer um churrasco. Eu poderia contribuir mais para a conversa se, enquanto fala com ele, Suzette não sentisse vontade de tocar o braço de Enzo *o tempo todo*.

Tipo, é possível conversar com uma pessoa sem tocar o braço dela. É possível, juro.

Felizmente, a conversa sobre churrasqueiras é interrompida quando Martha surge da cozinha com pratos de salada para nós quatro. Não sei de que é a salada, mas tem cheiro de framboesa e uns pedacinhos de queijo dentro.

– Obrigada, Martha – digo ao notar que Suzette não se dá ao trabalho de lhe agradecer.

Espero que ela diga "de nada", mas em vez disso ela me encara até que eu desvie o olhar.

Não consigo comer com o olhar de Martha fixo em mim, mas, assim que ela se retira, ataco a salada. Não sou muito chegada em salada, mas uau! Sério, *uau*. Se toda salada tivesse aquele sabor, talvez eu *fosse* chegada em salada. Não fazia ideia de que era possível uma salada ser tão deliciosa assim.

– Millie – diz Suzette, dando uma risadinha. – Você está usando seu garfo de espaguete para comer a salada!

Estou? Olho em volta da mesa e todo mundo pelo visto está comendo com um garfo diferente do meu, embora na verdade todos me pareçam idênticos. E Enzo, que com toda a certeza não entende mais sobre talheres do que eu, aponta para o garfo mais afastado do meu prato. Como ele sabia disso?

Caramba, que constrangimento. Troco de garfo o mais depressa possível.

– E você, Jonathan, faz o quê? – pergunto para desviar a atenção do vexame do garfo.

– Trabalho no mercado financeiro.

Abro um sorriso.

– Parece interessante.

Ele dá de ombros.

– Paga as contas. Com certeza, não é tão empolgante quanto o trabalho da Suzette.

Ao dizer isso, ele estende a mão por cima da mesa para segurar a da esposa. Ela lhe permite fazer isso por uma fração de segundo antes de puxar a mão de volta.

– Eu adoro estar perto das pessoas – comenta ela. – Graças ao meu trabalho, conheço todo mundo na cidade. Na verdade… – Os olhos dela se arregalam quando um pensamento parece lhe ocorrer. – Eu poderia te ajudar, Enzo.

Enzo franze o cenho.

– Me ajudar?

– É!

Ela limpa os lábios com o guardanapo, com delicadeza, e não posso deixar de notar que seu batom fica completamente intacto. Tenho quase certeza de que o

meu já foi embora várias folhas de alface atrás, mas acho que tudo bem, já que ele era da mesmíssima cor da minha boca.

– Você está procurando clientes pra sua empresa de paisagismo, não está? Bom, eu conheço todo mundo das redondezas que está comprando casa nova. Posso incluir seu nome no pacote de boas-vindas.

Ele fica boquiaberto.

– Você faria isso?

– É claro, seu bobo! – E ela então volta a tocar o braço dele. Outra vez! Será que está tentando quebrar algum tipo de recorde? – Nós somos vizinhos, não somos?

– Mas você não sabe se eu sou bom.

Enzo é *realmente* bom no que faz. É lógico que uma porcentagem das mulheres que o contratam só faz isso porque ele é gato, mas ele *mantém* clientes porque seu trabalho é incrível, e Enzo sabe disso. Mas também faz questão de provar o próprio valor.

– Nesse caso, talvez você devesse me fazer uma demonstração particular – sugere ela. Não estou gostando do rumo dessa conversa. – Estamos precisando desesperadamente dar um jeito no nosso quintal – explica Suzette. – Eu adoraria me dedicar ao terreno lá atrás, mas infelizmente não tenho uma mão boa para isso. Se você pudesse me mostrar o que sabe fazer e de quebra me desse algumas instruções, eu ficaria feliz em recomendar seu trabalho pra todo mundo que conheço.

Enzo olha para mim. Ele abre a boca, quase com certeza prestes a perguntar se por mim tudo bem aquele arranjo, mas então Suzette diz:

– Sabe o que eu adoro em vocês dois? Vocês confiam um no outro, ao contrário de muitos outros casais. Enzo não precisa pedir sua permissão por qualquer bobagenzinha, Millie.

E então ele fecha a boca.

– E aí, o que me diz? – pergunta ela a Enzo. – Tá combinado assim?

Lanço um olhar desesperado para Jonathan na esperança de que ele intervenha e diga que não se sente à vontade com aquilo, mas ele está simplesmente sentado ali, enfiando na boca garfadas daquela salada estranhamente deliciosa, sem parecer nem um pouco incomodado. Claro, por que *deveria*? Tudo que Enzo faria seria trabalhar um pouco no jardim dos

vizinhos. Não há motivo algum para ciúme.

E convenhamos: Suzette não é a primeira mulher a dar em cima do meu marido. Não é a primeira nem vai ser a última.

Só que alguma coisa no flerte de Suzette me enfurece mais do que as donas de casa entediadas que consideram meu marido um colírio para os olhos. Não consigo identificar muito bem o que é.

– Claro – responde Enzo. – Com prazer.

Martha volta da cozinha trazendo mais travessas de comida. Olho para a mesa das crianças a fim de ver se alguma das duas avançou na salada – em geral, algo consumido apenas sob ameaça de algum castigo – e fico chocada ao constatar que até Nico quase raspou o prato. Fico também com um pouco de inveja do fato de meus filhos, pelo visto, só terem recebido um único garfo.

Martha tira nossos pratos de salada e coloca na minha frente um prato que me parece da culinária italiana. Infelizmente, Suzette não fazia ideia de que Enzo é superexigente em relação à comida italiana. Bom, ela está prestes a descobrir.

Enzo olha para o prato e inspira bem fundo.

– Isso é *pasta alla Norma*?

Suzette faz que sim com a cabeça, toda animada.

– É! Nosso chef é italiano, e, como imaginei pelo seu sotaque que você fosse da Sicília, ele pensou que você pudesse gostar desse prato.

Prendo a respiração, à espera do momento em que Enzo vai empurrar o prato para longe, ou quem sabe comer algumas garfadas só por educação. Mas, quando ele leva à boca uma garfada de espaguete, seus olhos quase começam a lacrimejar.

– *Oddio*… Está igualzinha à que a minha *nonna* fazia.

– Que bom que gostou! – exclama ela, extasiada. – A sensação na boca é mesmo maravilhosa, não? É claro que não deve ser tão bom quanto a comida que a Millie cozinha.

– Millie não faz este prato – diz Enzo.

Os longos cílios de Suzette se agitam.

– Ah, não?

Todo mundo em volta da mesa está me encarando agora, como se eu fosse a pior pessoa do universo por não preparar para meu marido *pasta à la Nova*, ou seja lá qual for o nome desse negócio. Em minha defesa, posso dizer que toda vez

que tento preparar algum prato italiano, ele age como se eu tivesse acabado de tentar fazê-lo comer veneno. Quem diria que Enzo gostaria tanto desse prato a ponto de *chorar?*

Empunho meu garfo e espeto o que parece ser um pedaço de berinjela. Ponho na boca e…

Uau, está bem bom. Não estou prestes a começar a chorar por causa disso, mas esse macarrão está bom mesmo.

– Ai, Millie – diz Suzette, dando outra risadinha. – Você tá usando o garfo de *sobremesa!*

Quando esse jantar terminar, se eu não tiver apunhalado Suzette com um destes garfos, vai ser pelo simples motivo de não saber qual deles usar.

NOVE

– Você tá brava – observa Enzo.

Não sei qual das pistas o levou a essa conclusão. Talvez o fato de eu ter vindo em silêncio para casa, carregando a travessa de torta de maçã intacta – porque, mesmo tendo me dito para levar a sobremesa, Suzette pedira ao chef que fizesse um suflê de chocolate incrível. Talvez a forma como bati a porta da geladeira após enfiar a torta intacta lá dentro. Ou a forma como subi a escada pisando firme até nosso quarto e bati a porta depois de entrar, saindo apenas para dar boa-noite às crianças.

– Eu como a torta de maçã – diz ele ao se enfiar na cama ao meu lado. – Eu amo torta de maçã. Não ligo se você deixou cair no chão.

– Eu não deixei cair no chão.

– Não?

Dou um grunhido. O fato de Enzo não fazer a menor ideia do que me deixou com raiva está tornando difícil continuar com raiva. Além do mais, ele está sem camisa, o que torna ainda mais difícil ficar com raiva.

– Você precisa mesmo ir trabalhar no quintal da Suzette? – pergunto.

Ele se recosta nos travesseiros e dá um suspiro.

– Ah. É isso.

– Então? É realmente necessário?

– Por que isso incomoda você?

– Porque sim.

– Porque sim não é resposta – rebate ele, o que é irritante, pois é algo que vivo dizendo às crianças.

– Só tenho a sensação de que a Suzette está querendo alguma outra coisa.

– Outra coisa?

Cruzo os braços.

– Você sabe.

– Não sei, não.

– Ai, meu Deus. – Caio deitada na cama. – Enzo, a mulher passou a noite inteira dando em cima de você descaradamente! Não parou de fazer isso nem um segundo sequer!

Ele leva as mãos ao peito, fingindo-se horrorizado.

– Uma mulher dando em cima *de mim*? *Ma va!* Como eu poderia resistir a uma coisa dessas?

Reviro os olhos.

– Tá, tá bom…

– A gente provavelmente vai fugir junto.

– *Tá bom*.

Ele sorri para mim.

– Fico lisonjeado com a sua preocupação. Mas, Millie, você sabe que eu nunca sequer olharia para nenhuma outra mulher.

– Ah, é?

– É, sim. Te trair seria burrice.

– Seria?

– Ah, sim. – Ele se deita de lado e apoia a cabeça na mão. – Você é minha mulher. A mãe dos meus filhos. Eu te amo muito.

– Tá bom…

– Além do mais – acrescenta ele –, sei que seria burrice te trair. Eu prefiro continuar vivo.

Bufo.

– É, tá bom.

– Como você pode dizer que tá preocupada com a Suzette? – retruca ele. – Quem precisa se preocupar *é ela*.

– Ha, ha, muito engraçado.

– Não tô brincando – insiste ele, embora seus lábios estejam tremendo. – Eu

tenho medo de você, Millie Accardi.

Faço uma careta para ele.

– Tá. Até parece que *você* é o cara mais certinho do mundo.

Verdade seja dita, nós dois já fizemos coisas bem ruins. Coisas inconfessáveis, embora eu prefira pensar que foram todas feitas em nome da justiça. Seja como for, se fizéssemos as contas, eu ganharia do meu marido. Já fiz coisas bem piores do que ele. Afinal, ele nunca fez nada tão ruim a ponto de lhe tirarem a liberdade.

Mas é claro que essas são só as coisas que eu sei. Tenho a sensação de que Enzo teve uma vida inteira na Itália da qual eu sequer tenho conhecimento. Uma vez, tomei coragem para perguntar se ele já tinha matado alguém, e ele riu como se eu estivesse fazendo uma piada, mas não negou. E depois arrumou bem depressa um jeito de mudar de assunto.

Só perguntei essa única vez. Porque, depois disso, não tive certeza se queria saber.

Enzo contorna a linha do meu maxilar com um dedo, bem devagar.

– Millie… – sussurra ele.

Olho por cima do ombro para a janela por onde o luar banha nosso quarto.

– Quando é que você vai instalar as tais persianas?

– Amanhã. *Prometo*.

Fecho os olhos e tento curtir a sensação do toque do meu marido e dos lábios dele no meu pescoço. Mesmo com os olhos fechados, porém, tomo consciência de outra coisa. Um barulho em algum lugar da casa.

Abro os olhos de repente.

– Ouviu isso? – pergunto a ele.

Ele afasta a cabeça do meu pescoço.

– Isso o quê?

– Esse barulho. Parecia alguma coisa… alguma coisa arranhando.

É um barulho muito perturbador. Quase como se fossem unhas num quadro-negro. E não para de se repetir.

E está vindo de algum lugar dentro da casa.

Ele sorri para mim.

– Vai ver é um homem no telhado com um gancho no lugar da mão?

Dou um tapa de leve no seu cocuruto.

– Tô falando sério! Que barulho é esse?

Ficamos os dois deitados por alguns instantes, à escuta. E é claro que nessa hora o barulho para.

– Não tô ouvindo nada – diz Enzo.

– Bom, agora parou.

– Ah.

– Mas era *o quê*?

– Devia ser a casa se acomodando.

– A casa *se acomodando*. – Faço uma cara feia para ele. – Isso não existe. Você acabou de inventar isso agorinha.

– Existe, sim. Além do mais, você por acaso é uma grande especialista em casas? Casas fazem barulhos. É um barulho da casa. Nada de mais.

Não tenho certeza se concordo, mas ao mesmo tempo não tenho como discutir, agora que o barulho parou.

Ele arqueia as sobrancelhas.

– Então… Posso *continuar*?

Não estou me sentindo muito no clima depois de ouvir esse barulho de arranhão vindo de dentro da casa, e a janela inteiramente exposta piora tudo. Mas Enzo já voltou a beijar meu pescoço, e devo dizer que é muito difícil interrompê-lo.

DEZ

Quinta-feira é minha manhã de folga.

As crianças vão andando sozinhas até o ponto do ônibus, como fizeram ontem. Tenho certeza de que Janice fica chocada quando os dois aparecem lá sozinhos, mas não estou muito preocupada com isso. Fico olhando de uma das janelas da frente da casa (que agora têm persianas – obrigada, Enzo!) e vejo Ada e Nico pegarem o ônibus e irem para a escola.

Eles estão bem. A maternidade é um estado constante de ligeira preocupação, mas me recuso a ser o tipo de mulher que usa uma coleira nos filhos. Em determinado momento, é preciso deixá-los ir, mesmo que isso deixe você maluca.

Depois que eles saem, a casa fica muito silenciosa. Ada em geral é tranquila, mas Nico é sempre um furacão. Quando ele não está em casa, o lugar parece cair num silêncio mortal. Já ficava silencioso quando morávamos num apartamento pequeno, mas agora que estamos numa casa maior (ainda que *aconchegante*), o silêncio é bem maior. Acho que nossa casa tem ecos. *Ecos.*

Não sei o que fazer aqui sozinha. Talvez eu prepare um café da manhã e leia um livro.

Vou até a cozinha e pego uma caixa de ovos. Conforme fico mais velha, venho tentando comer comidas mais saudáveis, e ouvi dizer que ovos são bem saudáveis contanto que não sejam fritos em óleo ou manteiga. (O que parece muito injusto, porque é assim que ficam mais gostosos.) Então já botei a água

para ferver e estou prestes a preparar meu ovo sem óleo nem manteiga quando a campainha toca.

Vou depressa até a porta da frente e a abro de uma vez, sem checar quem está lá fora, porque é nesse tipo de bairro que moro agora. Quando morávamos no Bronx, eu nunca abria a porta da frente sem ver quem era do outro lado. Se fosse alguém que eu não reconhecesse, pedia que a pessoa mostrasse a identidade pelo olho mágico. Só que este bairro aqui é bem seguro, e eu não preciso mais me preocupar com nada.

No entanto, fico bastante surpresa ao ver Martha, a empregada de Suzette, do outro lado da porta, usando um de seus vestidos de estampa florida junto com um avental branco imaculado, com um par de luvas de borracha numa das mãos e algum tipo de mop moderno na outra.

– Oi – digo, por não saber ao certo o que mais dizer.

Martha me encara com o mesmo olhar penetrante; seu rosto parece uma máscara.

– Hoje é quinta. Vim fazer a faxina.

O quê? Eu me lembro de ela ter dito que estava livre às quintas-feiras, mas não de ter concordado que ela viesse. Na verdade, eu me lembro bem de ter tentado arrumar um jeito educado de lhe dizer que não estávamos interessados antes de ser distraída por Suzette ofendendo minha torta. Será que ela iria simplesmente *aparecer* aqui sem ter confirmado a combinação?

Será que Suzette a convenceu a fazer isso?

– Ah. Eu… Obrigada mesmo por ter vindo, mas, como eu disse na outra noite, nós realmente não temos…

Martha não se move. Não está entendendo o recado.

– Olha… – insisto. – A gente não… Quer dizer, eu mesma posso fazer a faxina da casa. Você não precisa…

– Seu marido me disse para vir – diz Martha, me interrompendo.

Como é que é?

– Ele… ele disse, mesmo?

Ela assente de maneira quase imperceptível.

– Ele me ligou.

– Ah – repito. – Com licença, um instantinho.

Como Enzo nesse dia começa mais tarde, está dormindo mais um pouco de

manhã. Mas subo correndo a escada e, quando o vejo deitado no lado dele da cama, eu o sacudo pelo ombro. Seus cílios estremecem, porém ele não abre os olhos. Sacudo com mais violência dessa vez, e ele finalmente ergue os olhos sonolentos para mim.

– Millie? – murmura.

– Enzo, você chamou aquela faxineira que a Suzette recomendou?

Ele se senta na cama devagar, esfregando os olhos. Houve manhãs em que o vi ficar alerta num instante e pular da cama, imediatamente desperto. Mas há tempos não o vejo fazer isso. Talvez desde que as crianças nasceram. Hoje em dia, fazê-lo ficar coerente o bastante para poder ter uma conversa é um processo que dura cinco minutos.

– Sim – diz ele por fim. – Eu liguei pra ela.

– Por que fez isso? A gente não tem como ter uma faxineira! Eu mesma posso limpar a casa.

Ele boceja.

– Tudo bem. Não é tão caro assim.

– Enzo…

Ele leva mais alguns segundos para acordar por completo. Põe as pernas para fora da cama.

– Millie, você vive fazendo faxina pros outros. Desde que eu te conheço. Então dessa vez alguém vai fazer a faxina pra você.

Torço as mãos uma contra a outra.

– Mas…

– Sem "mas" – insiste ele. – Ela só vai vir duas vezes no mês. Não é tanto dinheiro assim. Além do mais, o Nico agora vai pôr o lixo pra fora e a Ada vai lavar a louça. Eu conversei com eles.

Começo a protestar outra vez, mas na verdade seria *mesmo* agradável não precisar fazer a faxina, para variar um pouco. Ele tem razão: é algo que eu sempre fiz. Passei direto de limpar a casa dos outros para limpar o que meus filhos sujavam. Não que Enzo nunca ajude, mas limpar uma casa onde moram quatro pessoas dá muito trabalho.

– Não é tanto dinheiro assim – repete ele. – Você merece.

Talvez seja verdade. Talvez eu mereça mesmo. E, além do mais, ele parece bem decidido, então não vou discutir.

Mas por que é que precisava ser *Martha*?

Volto para a sala, onde ela já localizou com eficiência o material de limpeza e começou a trabalhar. Tá, ela tem mesmo um problema em relação a ficar me encarando, mas muita gente é antissocial, e pelo menos ela parece ser uma faxineira incrivelmente competente. A maioria das famílias para as quais trabalhei tinha instruções intermináveis sobre como queriam que tudo fosse feito, mas eu jurei que se um dia tivesse como pagar esse tipo de serviço não seria tão chata.

– Enzo falou que tudo bem – informo a ela.

Ela me responde com um meneio de cabeça curto. A mulher quase nunca diz nada. Ela me remete um pouco àqueles guardas do palácio real da Inglaterra, que não podem falar nada nem sorrir.

Tento preparar meu ovo na cozinha, mas é difícil cozinhar com Martha bem ao meu lado, esfregando com eficiência nossa bancada e olhando para mim a cada poucos segundos. Embora nossa cozinha seja bem maior do que a que tínhamos na cidade, é estranho estar aqui enquanto ela faz a faxina. Eu me sinto esquisita, como se fosse uma daquelas pessoas chiques e ricas que têm criados, o que é engraçado, levando em conta que… bom, mal temos condições de pagar esta casa, mesmo que dez por cento abaixo do valor. Esta casa, que talvez um dia tenha sido ocupada por animais de fazenda. (Embora, na verdade, eu não acredite nisso. Quer dizer, tenho quase certeza.)

Afasto-me sem jeito para Martha poder fazer seu trabalho.

– Desculpe – balbucio.

A maioria das pessoas para quem trabalhei tinha o costume de sair de casa quando eu estava trabalhando, e eu achava isso bom. Mesmo se o patrão não estivesse me dizendo efetivamente como eu devia faxinar, o que alguns faziam, eu sempre sentia que me julgavam em silêncio quando estavam em casa. Ou me vigiavam, para terem certeza de que eu não fosse roubar nada. E, mesmo que não fizessem nenhuma dessas coisas, eles simplesmente *atrapalhavam*.

No fim das contas, desisto do ovo. Pego uma banana em vez disso, porque é o único café da manhã em que consigo pensar que não exige cozinhar nada. Levo minha banana meio marrom até a sala e me deixo cair no sofá com o celular na outra mão.

Talvez eu possa folgar na quarta em vez de na quinta.

Consulto meus e-mails e resolvo o que consigo. As crianças estão na escola nova há menos de uma semana e já recebi dezenas de e-mails de lá. A diretora parece decidida a escrever diariamente para todos os pais. É uma diferença gritante entre a escola atual e a antiga escola pública de ensino fundamental no Bronx. Nós podemos até não pagar mensalidade nessa escola, mas os pais têm uma expectativa bem alta. Que pelo visto inclui e-mails diários.

Acabo deletando quase todos os e-mails da escola. Quer dizer, quantas mensagens a pessoa pode ler sobre a futura feira de livros ou algo chamado Almoço com Lego?

A banana não mata muito a minha fome, mas dá para o gasto. Acho que posso sair para resolver algumas coisas na rua enquanto Martha trabalha. Então, quando me levanto do sofá e me viro, quase dou um pulo e bato no teto.

Martha está parada no vão da porta da cozinha, rígida. Está totalmente imóvel. Parece quase um robô ali parada… Ou seria "ciborgue" o termo correto? Enfim, levei um susto. Achei que ela estivesse ocupada com a faxina da cozinha, mas pelo visto está parada ali me encarando há só Deus sabe quanto tempo. E, quando a pego fazendo isso, ela não desvia o olhar. Continua me olhando descaradamente.

– Pois não?

– Não queria incomodar você – diz ela.

– Ah, não faz mal. Do que você precisa?

Ela hesita por alguns segundos, como quem mede com cuidado as palavras. Por fim, dispara:

– Onde está seu limpa forno?

Era por *isso* que ela estava me encarando tanto? Estava apenas confusa em relação ao paradeiro do limpa forno? Seria só isso mesmo?

– Fica no armário bem ao lado do fogão.

E onde mais ficaria?

Martha aquiesce ao ouvir minha resposta e volta para a cozinha, mas continuo meio incomodada. Mesmo que Enzo queira que tenhamos uma faxineira, isso não quer dizer que precise ser Martha. Por um lado, eu preferiria ter uma faxineira que não ficasse me encarando sem parar. Por outro lado, porém, ela já está trabalhando na nossa casa. Se acharmos outra pessoa, vou ter que mandar Martha embora. Nunca mandei ninguém embora na vida e não

estou com muita vontade de fazer isso.

Talvez fique tudo bem. Afinal, ela agora sabe onde fica o limpa forno, e, segundo Enzo, as diárias dela são bem razoáveis. A casa de Suzette é um brinco, e está na cara que Martha é boa no que faz.

Além do mais, como disse Enzo, eu mereço.

ONZE

Hoje Nico foi convidado para brincar na casa de Spencer, o menino que mora no número 13 da nossa rua.

Foi um encontro quase impossível de combinar. Já estamos morando aqui há quinze dias, e essa foi a primeira oportunidade que tive de mostrar a Janice uma cópia da caderneta de vacinação de Nico – não estou brincando. Fico espantada por ela não ter pedido amostras de sangue nem de urina.

Mas vale a pena, porque Nico vive quicando dentro de casa nos fins de semana e não tem um monte de amigos por perto como no nosso antigo bairro. O convite foi para as três da tarde de domingo na casa de Spencer, mas a partir da uma Nico fica me perguntando quase de quinze em quinze minutos se já está na hora de ir. Chega ao ponto de, toda vez que ele diz a palavra "mãe", eu ter vontade de gritar.

– Mãe – diz ele às quinze para as três. – Posso levar o Kiwizinho pra casa do Spencer?

Enzo e Nico decidiram não esperar um ovo eclodir e todos os bebês louva-a-deus se devorarem, então em vez disso compraram um filhote, que chegou segunda-feira passada. Nico batizou o louva-a-deus de Kiwizinho, numa estranha homenagem a uma de suas frutas preferidas.

– Não se algum dia quiser ser convidado outra vez – respondo.

Nico pensa a respeito.

– Posso levar minha bola e meu taco de beisebol?

Os testes para a liga infantil foram uma semana atrás, na sexta, e Nico entrou para o time, o que é ótimo porque vai ser mais uma forma de ele fazer amizades e gastar um pouco da energia represada. O resultado, porém, foi que ele ficou mais obcecado ainda por beisebol do que já era. Enzo tem jogado com ele todas as noites. É muito fofo de ver, porque Enzo narra cada jogada como se fosse uma partida de verdade. *Ele se aproxima da placa, lança a bola para o rebatedor… e acerta! Corre até a primeira base, corre até a segunda…*

– Tudo bem – concordo, embora fique ligeiramente preocupada que Nico deixe a bola sair do controle e quebre uma janela, o que faria Janice ter um piripaque. Ele é um bom lançador, mas não é tão bom assim em controle.

Finalmente, *finalmente* o relógio dá três horas, e podemos sair para o encontro. Ada está esparramada no sofá lendo um livro, com o cabelo preto brilhoso espalhado atrás de si. Mais uma vez, fico impressionada com a beleza da minha filha. Acho que ela nem se dá conta disso. Que Deus nos ajude quando isso acontecer.

– Ada, quer vir com a gente? – pergunto.

Ela me olha como se eu tivesse perdido a cabeça de vez.

– Não, obrigada.

– Tem alguma amiga ou algum amigo com quem você queira combinar de se encontrar? – pergunto a ela. – Eu te levo com prazer.

Ela faz que não com a cabeça. Espero que esteja fazendo amigos na escola. Não é tão extrovertida quanto o irmão, mas sempre teve um grupinho mais chegado de amigas no colégio. Deve ser difícil começar tudo outra vez no quinto ano, e Ada não é do tipo que reclama. Talvez eu sugira uma noite só das meninas para nós duas, assim posso dar uma sondada e ver como as coisas estão caminhando.

Cogito convidar Enzo para ir conosco, mas então me dou conta de que passei a tarde inteira sem vê-lo. Deve estar trabalhando. Enzo tinha muitos clientes em Nova York, mas vem tentando transferir sua atividade para a ilha, de modo que tem trabalhado muito. Ele anda muito preocupado em conseguirmos honrar as prestações da casa. Fico grata pelo que está fazendo, mas ao mesmo tempo gostaria que passasse mais tempo em casa.

Enfim, parece que seremos só eu e Nico na ida até a casa vizinha. Sendo assim, pego minha bolsa e atravessamos a rua sem saída até o número 13, a casa

que supostamente costumava abrigar a criadagem. Quando passamos pela casa de Suzette no caminho, não posso evitar reparar no barulhão que vem do quintal dos fundos. O que será que estão fazendo lá atrás?

Quando Janice abre a porta e nos vê, a expressão dela desmorona, como se, apesar do convite, estivesse torcendo para não aparecermos.

– Ah – diz ela. – Acho que podem entrar.

– Obrigada.

Assim que pisamos na casa, ela aponta para nossos pés.

– Nada de sapatos.

Tiro minhas sandálias e Nico chuta para longe os tênis, que para meu horror saem voando pelo corredor. Corro para recuperá-los e os coloco com cuidado na sapateira. Como praticamente não saímos de casa hoje, não faço ideia de por que os tênis dele estão cobertos de lama. E, quando olho para suas meias, vejo que estão igualmente sujas. Como foi que isso aconteceu?

– Por que suas meias estão tão sujas? – pergunto a ele.

– Eu tava brincando no quintal, mãe.

– De *meia*?

Nico dá de ombros.

Ele acaba tirando as meias, e por baixo delas os pés *também* estão sujos, mas acho que menos do que os sapatos ou as meias. Vou ter que limpar esse menino com água sanitária hoje à noite.

Spencer e Nico parecem radiantes com o encontro, como amigos que não se veem há tempos, embora tenham estado juntos na escola dois dias atrás. Eles saem correndo para o quintal dos fundos enquanto Janice grita para Spencer:

– Toma cuidado!

Janice está torcendo as mãos, os olhos fixos no quintal. Não sei se deveria me oferecer para ficar, ou se ela sequer me quer aqui. O que parece mesmo é que ela precisa de um drinque bem forte. Ela enfim se vira para mim, e tenho certeza de que vai me oferecer uma limonada ou biscoitos salgados e queijo, mas em vez disso pergunta:

– Com que frequência você olha a cabeça do Nico pra ver se tem piolho?

Meu queixo cai. Quero ficar ofendida, mas na verdade Nico já teve piolho três vezes. Ada também, o que foi bem mais difícil de resolver, porque não dá para simplesmente raspar a cabeça de uma menina de 8 anos. Esse é o tipo de

coisa sobre o qual ela falaria na terapia anos depois.

Mas na cabeça do meu filho passei mesmo a gilete. No começo, ele não gostou muito, mas quando Enzo sugeriu raspar a própria cabeça também, a coisa ficou divertida.

– Ele não está com piolho – afirmo.

Ela semicerra os olhos.

– Mas como você *sabe*?

Não sei como responder a isso.

– Não está se coçando, então…

– Você tem um bom pente-fino?

– Ah, tenho…

– De qual marca?

Não sei se consigo aguentar isso. Quer dizer, tenho tanto horror de piolho quanto qualquer um, ou seja, muito. Mas esse não é um dos meus assuntos preferidos.

– Escuta, é melhor eu ir andando…

– Ah. – A expressão de Janice murcha. – Achei que talvez você pudesse ficar um pouquinho. Espremi um suco agorinha.

A expressão dela se enche de uma decepção genuína. Mesmo ela tendo sido tão grosseira em relação à minha decisão de ser uma mãe que trabalha fora, talvez se sinta muito sozinha, já que passa o dia inteiro em casa. E eu também nunca fui muito boa em fazer amigos. Talvez Janice e eu tenhamos começado com o pé esquerdo e ela vá ser minha primeira amiga em Long Island. Digo, *na* Long Island.

– Eu adoraria provar seu suco.

Janice se anima um pouco, e eu a sigo até a cozinha. A cozinha é impecável, o que não é nenhuma surpresa. O chão parece mais limpo do que as minhas bancadas. Ela tem uma mesa de cozinha como eu, e em cima dela há jogos americanos e descansos de copo. Janice abre a geladeira e pega uma gigantesca jarra de algo espesso, granuloso e verde. Serve dois copões da bebida e desliza um deles pela bancada até mim.

– Não esquece de usar o descanso de copo – diz ela enquanto levo meu copo até a mesa.

Enquanto Janice se acomoda diante da mesa na minha frente, examino o

líquido. Bom, é quase um líquido. Tem algumas propriedades dos líquidos.

– O que é isso?

– É *suco* – responde ela, como se a pergunta fosse muito burra.

Minha vontade é perguntar o que ela colocou no suco para obter aquele tom de verde tão vivo. Não consigo pensar em nenhuma fruta verde que eu goste de comer. Bom, tem um tipo de melão que é verde, mas não sei se eu iria querer ingerir melão em forma de bebida.

Mas ela está olhando para mim, e percebo que preciso tomar um gole daquele suposto suco. Bom, talvez o gosto seja melhor do que a aparência… Tem que ser. Envolvo o copo com os dedos, levo-o à boca e então o viro. Tomo um gole e…

Ai, meu Deus.

O suco não é melhor do que parece. De alguma forma, é ainda pior. Talvez seja a coisa mais nojenta que já coloquei na boca. Preciso de todo o meu autocontrole para não cuspir tudo de volta no copo. O gosto é de mato, como se ela tivesse pegado a grama do quintal dos fundos, com terra e tudo, e transformado em bebida.

– Uma delícia, né? – Janice toma um bom gole. – E, acredite ou não, também é muito saudável.

Só consigo assentir, porque ainda estou ocupada tentando engolir o suco que está na minha boca.

– Então, o que está achando da sua casa nova? – pergunta ela.

– Estou adorando – respondo, sincera. – A casa precisa de uns reparos, mas estamos muito felizes com ela.

– A maioria das casas precisa de reparos quando é comprada. E tenho certeza de que vocês conseguiram um ótimo preço por ela.

Lambo os lábios e me arrependo na mesma hora, porque eles estão com o gosto da gororoba verde.

– Como assim?

– Porque ninguém mais quis a casa.

As palavras de Janice me fazem esquecer o sabor amargo do suco.

– O que você quer dizer com isso?

Ela dá de ombros.

– Só uma pessoa além de vocês fez proposta. E depois desistiu.

Não foi o que a corretora nos disse. Ela deu a entender que havia outras propostas, mas que eram um pouco baixas. Será que mentiu para nós? Será que fomos mesmo os únicos interessados nessa casa linda e aconchegante num bairro com escolas excelentes?

Como pode?

– Por que ninguém mais fez uma proposta? – pergunto a Janice, tentando não deixar transparecer o quanto estou curiosa.

– Não faço a menor ideia – responde. – É uma boa casa, vista de fora. Bem construída. Telhado bom. – Bem, é um alívio ouvir isso. Mas então ela acrescenta: – Deve ser alguma coisa *por dentro*.

Alguma coisa *por dentro?* O que tem dentro da minha casa capaz de assustar as dezenas de outros casais que devem ter visitado o imóvel?

Não consigo deixar de pensar naquele barulho terrível de alguma coisa sendo arranhada que me manteve acordada durante a noite. Fiquei muito feliz ao receber a ligação avisando que a casa era nossa, mas não houve um só dia desde que nos mudamos em que não tenha pensado se cometi um erro terrível…

– Então – diz Janice, mudando de assunto de repente. – Como foi o jantar com a Suzette e o Jonathan no outro dia?

Levanto a cabeça com um tranco, sentindo uma pontada de irritação. Tá, agora faz sentido ela ter querido que eu ficasse. Ela quer me arrancar alguma fofoca sobre os vizinhos. É *por isso* que estou aqui, não para provar aquela gororoba de suco.

– Foi legal – respondo.

A última coisa que eu quero é falar mal de Suzette e ela ficar sabendo.

– Legal? Difícil de acreditar.

– Eles parecem simpáticos.

Ela franze os lábios.

– Eles *não são* pessoas simpáticas. Acredite, faz cinco anos que eu moro na casa ao lado da deles.

Preciso morder a língua para não contar que Suzette disse a mesmíssima coisa a respeito de Janice. Está na cara que existe muita mágoa entre essas duas. E, bem, a verdade é que Suzette não parece ser uma pessoa muito legal. Por mais que eu tenha tentado conhecê-la melhor durante o jantar, saí do encontro antipatizando *ainda mais* com ela.

– Jonathan pelo menos parece simpático.

– Ela é horrível com ele – comenta Janice.

Suzette não pareceu a esposa mais atenciosa do mundo, mas eu não chegaria ao ponto de dizer que ela foi horrível com ele.

– Sério?

– Toda vez que ele tenta tocar nela, ela se afasta – diz Janice. – Sempre que pode, ela critica o Jonathan. Só imagino como deve ser a vida sexual deles.

Na verdade, estou tentando não imaginar isso.

O olhar de Janice se fixa na janela da cozinha, da qual se tem uma visão perfeita da porta de entrada do número 12. Da cozinha, ela pode ver qualquer um que estiver entrando ou saindo da casa.

– Suzette Lowell é a pior pessoa que já conheci.

Uau. Eu também não gostei de Suzette, mas essa é uma afirmação um tanto extrema.

– Ela parece… – Faço o líquido verde girar dentro do meu copo em vez de beber. – Pelo menos, ela é amistosa.

– Sabia que o seu marido está na casa dela agorinha mesmo?

Eu *não* sabia. E Janice consegue ver isso na minha cara, o que parece lhe causar imenso prazer.

– Ela abriu a porta para ele tem mais ou menos uma hora – conta. Faz sentido que saiba disso, considerando a esplêndida vista que tem da frente da casa de Suzette. – Ele está lá até agora.

– Tudo bem. – Forço um sorriso, porque não quero dar a Janice a satisfação de saber que essa informação me incomoda. – Ele me disse que iria trabalhar no quintal dela em breve, então imagino que tenha decidido ir hoje.

– Num domingo? Não me parece um dia de trabalho.

– Enzo trabalha o tempo todo. Ele é muito ocupado.

Janice toma um gole de seu copo, em seguida lambe o bigode verde que a bebida deixou.

– Então tá. Bom, contanto que você confie nele.

– Eu confio.

Ela abre um sorriso irônico.

– Então não tem nada com que se preocupar.

Janice está tentando causar problemas, mas faço o possível para ignorá-la.

Confio mesmo em Enzo. Quer dizer, sim, por algum motivo não lhe passou pela cabeça me dizer que estava indo trabalhar no quintal da nossa vizinha bonitona, mas não vou me deixar abalar por isso. Pode ser que existam coisas em relação ao meu marido que eu não saiba, mas de uma coisa tenho certeza: ele é um homem bom. Já me provou isso diversas vezes. E, mesmo que não fosse, ainda assim não acho que fosse me trair.

Ele não se atreveria.

Eu tenho medo de você, Millie Accardi.

E é melhor que tenha mesmo.

DOZE

– Você esteve na casa da Suzette hoje?

Faço a pergunta a Enzo do modo mais casual possível enquanto ele está escovando os dentes. Como meu intuito é não parecer uma esposa ciumenta, esse me parece um bom momento para abordar o assunto. Não existe nada mais casual do que escovar os dentes, certo?

Ele me olha e interrompe o movimento no meio de uma passada de escova. Faz uma pausa, então retoma a escovação.

– Estive. Fui ajudar com o jardim. Mostrar umas dicas de jardinagem. Como falei que iria fazer.

– Você não me contou que estava indo lá.

– É importante eu sempre te dizer aonde estou indo?

Ele cospe a pasta dentro da pia. Penso em todas as vezes que ele me viu cuspir pasta dentro da pia, tantas que é impossível contar. Então penso em todas as vezes que ele viu Suzette fazer isso: nenhuma.

– Seria legal se você me dissesse aonde vai no fim de semana. Não era pra ser um momento em família? Não é isso que você vive dizendo?

Ele me encara com um olhar de exasperação.

– Millie, foi um trabalho. A gente precisa de dinheiro… e muito. O que você quer?

– Ela tá te pagando?

Ele não responde. Ou seja: a resposta é não.

– Então você foi lá num domingo. E ela não te pagou. Como é que isso pode ser trabalho?

Enzo enxagua a boca, então torna a cuspir na pia, dessa vez com mais agressividade. Quando ergue o olhar, não parece nada contente.

– Millie, ela já me arrumou dois clientes novos. Ela tá me ajudando. Ajudando *a gente*. – Ele acena com os braços indicando o espaço em volta. – Como você acha que vamos conseguir pagar esta casa?

É um argumento justíssimo. Construir um negócio depende muito do boca a boca. E Suzette pode ajudar com isso.

Os ombros dele desabam.

– Olha, desculpa por não ter te contado aonde eu ia. Mas você estava levando o Nico pra brincar. E a Ada só quer ficar lendo o tempo todo. Então achei que fosse uma boa hora pra ir lá, porque ninguém precisava de mim.

Mais uma vez, ele tem razão. Tudo que Enzo diz está totalmente certo. E, por mais que trabalhe, ele sempre esteve presente para a nossa família. Quando Ada era pequena, participava de festinhas do chá com ela e os bichos de pelúcia. Nem eu conseguia aguentar aqueles chatíssimos chás de ursinhos, mas ele participou de um milhão deles. Fazia vozes bobas diferentes para cada ursinho, ainda que todas tivessem sotaque italiano.

– Desculpa. Sei que você só tá tentando fazer sua empresa crescer. Eu não queria te chatear com isso.

Ele sorri para mim.

– É meio fofo quando você fica com ciúme. Você nunca fica com ciúme.

Isso é engraçado, porque é verdade. As mulheres vivem dando em cima de Enzo, mas eu sempre confiei nele. Não sei por que Suzette consegue pisar no meu calo desse jeito. Principalmente sendo casada, então não é que eu imagine que os dois vão fugir juntos.

– Desculpa – diz ele. – Você me perdoa?

Como não respondo imediatamente, ele chega mais perto e me dá um beijo com seu hálito fresco de hortelã. Como era de se esperar, os últimos resíduos da minha raiva derretem. É difícil ficar com raiva dele por muito tempo.

– Mãe! Pai! – grita uma voz através da porta. – Kiwizinho tá trocando de casca! Vocês têm que ver! Vem, mãe! Vem, pai!

Não existe nada que acabe com o clima mais depressa do que ser informada

de que o louva-a-deus está trocando de casca dentro da sua casa. Enzo e eu nos entreolhamos.

– Daqui a pouco, Nico! – grita ele. – Eu tô… conversando com a sua mãe. A gente tá tendo… uma conversa importante. Depois eu vejo, tá?

Mas Nico não se deixa convencer.

– Quando? – pergunta ele através da porta.

Enzo dá um suspiro, admitindo que o potencial de um momento a dois acabou.

– Só um minuto. – Ele pisca para mim. – Você quer ver a troca da casca?

– Vou passar, obrigada.

– Mas… – Ele olha para a porta do quarto, em seguida para mim de novo. – Tá tudo bem entre a gente?

Hesito apenas por um instante.

– Tá.

– De agora em diante vou te avisar quando for na casa da Suzette. Prometo.

– Não precisa – digo depressa. – Eu confio em você.

E confio mesmo. Confio nele de olhos fechados.

Mas em Suzette, não.

TREZE

Meus olhos se abrem de repente no meio da noite.

É outra vez aquele barulho de algo arranhando.

Faz algumas noites que não o escuto. Estava torcendo para que a casa já tivesse acabado de "se acomodar", ou o que quer que estivesse produzindo um barulho tão horroroso, mas ali está ele, alto como da primeira vez.

Viro a cabeça para olhar o relógio na mesinha de cabeceira ao lado da cama. São duas horas da manhã. Por que tem um barulho de alguma coisa sendo arranhada dentro da nossa casa às duas horas da manhã?

Prendo a respiração e apuro ao máximo os ouvidos.

Não acho que seja um bicho, que haja ratos correndo por trás das paredes. Quer dizer, *tomara* que não. Parece quase…

Parece alguém que está preso e tentando sair.

As palavras de Janice continuam a me assombrar. *Deve ser alguma coisa por dentro*. Tem alguma coisa errada com esta casa. *Dentro* dela. Alguma coisa que assustou todas as outras pessoas que vieram visitá-la.

Não consigo parar de pensar no barulho. Isso está me enlouquecendo.

Enzo dorme pesado ao meu lado. O barulho não foi suficiente para acordá-lo. Mas, a bem da verdade, eu poderia estar tocando tuba bem ao lado dele e, mesmo assim, ele continuaria dormindo.

Se eu o acordar, ele não vai ficar nem um pouco contente. Já me falou que tem um serviço de manhã bem cedo a quarenta minutos de carro daqui. Em

contrapartida, ele age como se esse barulho fosse coisa da minha cabeça. Sou a única que parece escutá-lo.

Por fim, saio da cama. Com certeza, não vou conseguir dormir com essa arranhação toda. Sendo assim, melhor investigar o que é.

O corredor do lado de fora do quarto está às escuras. Com os dedos sobre o interruptor, debato comigo mesma se devo acender ou não a luz. Não quero acordar todo mundo, mas tampouco quero cair na escada. Por mais que ame todo o espaço dentro desta casa, sinto uma pontada de saudade do pequeno apartamento no Bronx onde podia praticamente ver tudo que estava acontecendo dando um giro de 360 graus. Esta casa tem um excesso de nichos e cantinhos.

Muitos lugares para alguém se esconder.

Como meus olhos se ajustaram ao escuro, resolvo deixar a luz apagada. Com todo o cuidado, sigo tateando pelo corredor até a escada. O barulho está vindo do térreo, tenho certeza.

– Oi? – digo lá para baixo.

Ninguém responde. Lógico.

Volto a olhar na direção da suíte principal. Beleza, tem um barulho de alguma coisa sendo arranhada no térreo da nossa casa às duas da madrugada que parece produzido por um ser humano, talvez. Vou mesmo investigar isso sozinha? Embora acordar Enzo vá deixá-lo de mau humor, não seria mais inteligente fazer isso e ter a companhia dele?

No entanto, já comentei com ele sobre o barulho de arranhões. Ele falou várias vezes que não escuta nada e me disse que eu estava sendo boba. Vai só falar que a casa está se acomodando outra vez, depois virar para o lado e voltar a dormir. Além do mais, não preciso de um *homem* só para investigar o piso térreo da minha casa. Sei me virar sozinha.

E, bem, Enzo está ao alcance de qualquer grito.

Seguro o corrimão da escada. Por um segundo, os arranhões ficam subitamente mais altos, o bastante para fazer um calafrio subir pelas minhas costas. É como se o que quer que esteja produzindo o barulho se mova na minha direção.

Não, é isso. Vou dar meia-volta. Enzo tem que acordar. Se ele não escutar esse barulho, é porque precisa de um teste de audição.

Só que antes de eu conseguir dar meia-volta e voltar para o quarto…

O barulho para.

Fico parada, esperando recomeçar. Mas não acontece nada. A casa agora está em um silêncio absoluto.

Não tenho certeza se estou aliviada ou decepcionada. Fico feliz que o barulho horroroso tenha parado, mas agora que ele desapareceu vai ser impossível identificá-lo.

Vou lá embaixo mesmo assim. Desço os degraus devagar até chegar ao térreo. O andar parece incrivelmente tranquilo. Semicerro os olhos para enxergar melhor o contorno dos móveis envoltos em sombras. Meu olhar vai depressa de um canto até o outro à procura da origem do barulho.

Por fim, estendo a mão e aciono o interruptor de luz.

Não tem ninguém ali. O térreo está completamente vazio. Acho que eu não deveria estar surpresa. Mesmo assim…

Tinha um barulho. Tinha um barulho vindo do térreo desta casa. Não foi minha *imaginação.* E, assim que comecei a descer a escada, o barulho parou. Será possível que quem quer que estivesse fazendo o barulho tenha me ouvido descendo e parado?

Não, estou sendo ridícula. Como Enzo falou, deve ser só a casa se acomodando. O que quer que isso signifique.

CATORZE

– Mãe.

Estou mexendo uma panela de molho de tomate e coloquei berinjelas para dourar numa frigideira. Adivinhe o que estou fazendo? *Pasta alla Norma*. Pesquisei meia dúzia de receitas na internet e escolhi a que tinha as melhores críticas. Então dei uma saidinha para comprar todos os ingredientes. E fui ao supermercado *bom*, aquele que fica do outro lado da cidade. Estou me esforçando para preparar esse prato. Se ele não fizer Enzo derramar pelo menos uma lágrima que seja, vou ficar seriamente decepcionada.

– Mãe, mãe, mãe, mãe, mãe. Mãe.

Largo a colher que estou usando para mexer o molho e me viro para Nico, que não domina muito bem o conceito de *paciência*.

Ele ainda está usando a calça jeans e a camiseta do treino da liga infantil de beisebol que teve hoje, embora eu tenha lhe pedido que trocasse de roupa ao chegar em casa, porque ela estava bem suja. Mas às vezes é preciso escolher nossas batalhas. Faz duas semanas que Nico entrou no time, e o treinador me disse que até agora ele é uma das estrelas. E gostei especialmente do modo como as outras crianças torceram por ele quando chegou sua vez de rebater.

– Mãe. – O cabelo preto bagunçado de Nico cai na frente dos olhos. – Cadê o pai? Ele disse que ia treinar comigo hoje à noite.

– Vai ver ele quis dizer depois do jantar?

Ele projeta o lábio inferior para a frente.

– Mas eu quero treinar *agora*. O pai disse que ia me mostrar como lançar uma bola com efeito!

Arqueio as sobrancelhas.

– Ele sabe fazer isso?

– Sabe! É incrível. Você acha que a bola vai pra direita, mas aí ela vai pra esquerda, depois pra cima, depois pra baixo, e depois pra direita outra vez!

Não sei se essa bola com efeito que desafia a gravidade é de verdade ou não. Nico tem adoração pelo pai como se ele fosse um herói, a ponto de eu ter certeza de que imagina que a bola com efeito poderia voltar no tempo se fosse o que Enzo quisesse. Ada é igualzinha: ambos acham que Enzo é capaz de caminhar sobre a água. E eu sou só uma mãe normal, que cozinha pratos italianos de segunda categoria. Mas tudo bem. Ser normal sempre foi um sonho impossível para mim, então fico feliz por ter conquistado isso. No que me diz respeito, se meus filhos me acharem um tédio, isso é ótimo.

– Tenho certeza de que ele vai chegar logo. E a gente vai jantar daqui a uma meia hora.

Nico franze o nariz.

– O que você tá fazendo?

– O prato preferido do seu pai: *pasta alla Norma*.

– Posso comer macarrão com queijo derretido em vez disso?

Se pudesse escolher, Nico comeria macarrão com queijo derretido em todas as refeições, inclusive no café da manhã. Ada também.

– Vou separar um pouco de espaguete com manteiga e queijo pra você.

Nico parece feliz com esse meio-termo.

– Posso ir treinar sozinho no quintal até a hora do jantar?

Assinto, achando ótimo ele se contentar em treinar no quintal sem que nem eu nem Enzo precisemos participar. Nico sai correndo lá para fora, todo contente por poder ficar tão sujo quanto humanamente possível antes da hora do jantar.

E agora vamos voltar à *pasta alla Norma*.

A receita diz para refogar a berinjela até dourar, mas as berinjelas não estão dourando. Parecem apenas estar ficando aguadas e desmilinguidas. Não sei o que estou fazendo de errado, porque cozinho muito bem. É como se não conseguisse dominar esse único prato que preciso acertar para Enzo. Quer dizer, precisar, não preciso, mas…

Ele sempre parece gostar da comida que faço para ele. Quando nos sentamos diante da mesa da cozinha e ele vê o prato na frente dele, toda vez se inclina imediatamente e me dá um beijo no rosto. É como uma pequena forma de me agradecer por ter preparado o jantar, mesmo que seja uma coisa simples como frango com arroz. Mas nunca o vi reagir a um prato como àquele que comeu na casa de Suzette quando jantamos lá.

O que estou fazendo de errado? Por que essas porcarias de berinjelas não douram logo?

Vrááá!

Minha cabeça se ergue de repente do fogão ao ouvir o barulho de vidro estilhaçando. Meu filho é especialista mundial em quebrar coisas, então conheço bem esse barulho. E conheço bem a expressão de pânico no rosto dele quando volta correndo para dentro de casa agarrado com seu taco de beisebol.

– Mãe – diz ele. – Aconteceu um acidente.

Mas que surpresa.

Sigo Nico até o quintal, já esperando olhar para cima e ver uma das janelas do nosso quarto estilhaçadas, mas a realidade é bem pior. Tem uma janela quebrada, só que não é da nossa casa. É da casa ao lado.

Ele quebrou uma das janelas de Suzette. Que ótimo.

Nico abaixa a cabeça.

– Desculpa, mãe.

– Não diz isso pra mim – falo pra ele. – Você vai dizer é pra Sra. Lowell.

E eu provavelmente também vou ter que dizer, porque tenho a sensação de que Suzette não é o tipo de pessoa que deixa passar uma janela quebrada.

Isso é ruim. Muito, muito ruim. Não sei como vamos conseguir pagar essa janela.

Enquanto faço Nico marchar até a casa ao lado, ele age como se eu o estivesse levando para a cadeira elétrica. Também não estou muito feliz com isso, mas ele está sendo *realmente* dramático. Pela quantidade de vezes que já quebrou alguma coisa, seria de se pensar que fosse estar acostumado a se desculpar.

No entanto, conforme nos aproximamos da casa ao lado, ouço vozes vindas dos fundos. E não são Suzette e Jonathan. Eu reconheceria aquele sotaque em qualquer lugar: meu marido está no quintal dos fundos de Suzette. *De novo*.

O que Enzo está fazendo na casa de Suzette a esta hora da noite? Sobretudo

depois de ter me dito *especificamente* que não iria lá sem me avisar.

Fico tão brava que atravesso o gramado da frente de Suzette pisando firme até a porta. Como Enzo trabalha com jardins, sou bem cuidadosa em relação a nunca pisar no gramado das pessoas e estragar a grama, mas nesse momento não estou nem aí. Estou fula da vida. Cravo o polegar na campainha e, sem esperar alguém responder, toco de novo. Depois ainda toco uma terceira vez, só para garantir.

– Posso tocar também? – pergunta Nico, querendo participar da diversão.

– Vai fundo.

Quando Suzette atende, parecendo um pouco atarantada, já conseguimos tocar a campainha no mínimo sete vezes. Mas, quando a vejo vestida com um short micro e uma camiseta sem mangas amarrada na cintura, com a barriga à mostra, não sinto absolutamente nenhum remorso por tê-la incomodado.

Nem mesmo pela janela quebrada.

– Millie. – Ela me encara com um olhar exasperado, que fica mais irritado ainda quando vê Nico. – Eu ouvi a campainha. Uma vez só já basta.

– Enzo tá aqui?

A irritação desaparece e um sorriso se insinua em seus lábios.

– Está. Ele tá só me ajudando lá no quintal.

Bem nessa hora, Enzo surge dos fundos vestido com uma calça jeans e uma camiseta branca toda encardida, com as mãos cobertas por uma boa camada de terra.

– Posso usar a pia da cozinha? – começa a perguntar, então me vê e congela. – Millie?

Suzette está saboreando o drama, mas, por mais que eu deteste decepcioná-la, não estou aqui para dar um flagra no meu marido. Temos um assunto mais urgente. Ponho a mão no ombro de Nico e dou um leve apertão.

– Eu quebrei sua janela – diz ele. – Desculpa, desculpa mesmo.

– Meu Deus. – Suzette leva uma das mãos ao peito. – Bem que eu *achei* ter escutado um vidro quebrando!

– Nico. – Enzo franze o cenho. – Eu te disse pra tomar cuidado quando estivesse rebatendo a bola no quintal, não foi?

Ergo uma das sobrancelhas para ele.

– Bom, ele *achou* que você fosse jogar com ele.

É a vez de Enzo adotar um ar culpado. Mas ele deveria ter pensado melhor. Quando alguém diz ao filho de 9 anos que vai jogar beisebol com ele, é uma boa ideia cumprir o combinado. Caso contrário, coisas ruins acontecem. Janelas são quebradas.

– Que janela foi? – pergunta Suzette.

– Fica no primeiro andar. – digo. – A do meio, na lateral.

– Ah. – Ela tamborila o queixo com uma unha feita. – A janela de vitral.

Vitral? Ai, meu Deus, isso tem cara de ser extremamente caro. Os olhos de Enzo se arregalam; está na cara que ele está pensando a mesma coisa. Não existe nenhuma chance de termos como pagar uma janela de vitral nova.

– E se… – digo, hesitante. – E se o Nico fizer uns serviços na sua casa até ter pagado a janela?

Suzette claramente não gosta da ideia. Seu corpo inteiro fica rígido.

– Não sei, não.

Eu preciso convencê-la dessa ideia, porque *não temos* como pagar essa janela.

– É o único jeito de ele aprender a assumir responsabilidade pelos próprios atos.

Olho para Enzo em busca de apoio. Ele assente devagar.

– É. Concordo. Suzette, acho que seria muito bom para o meu filho poder fazer uns serviços pra você.

– Eu *tenho* alguém pra fazer os serviços. – Suzette cruza os braços. – Martha vem duas vezes por semana!

– Então sobram cinco dias por semana para o Nico vir – observo.

Tenho quase certeza de que Suzette teria recusado, mas Enzo une as sobrancelhas e semicerra os olhos escuros.

– Tem algum *motivo* pra você não querer meu filho na sua casa?

Por fim, ela ergue as mãos, rendida.

– Tá bom! Ele pode fazer alguns serviços pra mim.

Pela primeira vez desde que Suzette sugeriu que Enzo lhe desse dicas de jardinagem, a tensão se esvai do meu corpo. Suzette não mencionou nada sobre dinheiro. Não vamos precisar pagar pela janela de vitral, e Nico vai aprender a assumir um pouco de responsabilidade por seus atos. Também me ocorre que, com Nico por perto, Suzette talvez evite dar em cima do meu marido.

Resolvi todos os meus problemas. E a expressão azeda no rosto de Suzette é

só um bônus.

QUINZE

Fui incumbida da tarefa de levar a Sra. Green em casa.

Foi isso que me disseram. A Sra. Green teve um enfarte brando e passa bem. Ou seja, tão bem quanto antes. Mas eu questiono se ela de fato estava bem antes, porque parecia muito confusa durante a internação, e a família me disse que ela tem caído muito. Uma das coisas que aprendi desde que comecei a trabalhar no hospital é que uma grande quantidade de pessoas idosas que moram sozinhas provavelmente *não* deveria estar morando sozinha. E mais chocante ainda é o dado de quantas dessas mesmas pessoas continuam dirigindo automóveis.

Desde que me formei em serviço social, já trabalhei em vários lugares. Comecei com crianças, mas, quando tive minha filha, passei a ter dificuldade de lidar com algumas das coisas que aconteciam a crianças nas mãos de pessoas em quem elas deveriam confiar. Todas as noites, eu segurava Ada no colo e soluçava pensando nas atrocidades que tinha visto naquele dia. Isso estava acabando comigo.

Foi Enzo quem reconheceu o que o trabalho estava me causando e ouviu falar de uma vaga de assistente social num hospital. Eu me candidatei ao emprego, e foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. Trabalho principalmente com uma população de terceira idade, e essas pessoas precisam tanto da minha ajuda quanto as crianças, só que não passo mais o trajeto inteiro até em casa chorando.

A Sra. Green está deitada em sua cama de hospital. É uma senhorinha

minúscula, de 91 anos, com cabelo branco bufante e macio feito pluma. As cobertas estão suspensas até as axilas para cobrir a camisola que a família trouxe de casa para ela.

– Olá, Sra. Green. Está lembrada de mim? Sou a Millie, sua assistente social.

Ela sorri.

– Você veio tirar o lixo? Porque está bem cheio.

– Não, sou sua assistente social.

Chego mais perto dela e aponto para o crachá no meu peito. Então ergo a voz, porque desconfio que possa ser esse o problema. No prontuário dela estava escrito DA, ou seja, deficiência auditiva.

– ASSISTENTE SOCIAL – repito.

Ela assente para dizer que entendeu.

– Pode passar pano no chão também?

– Não. – Balanço a cabeça e aponto com mais ênfase para meu crachá. – EU SOU SUA ASSISTENTE SOCIAL. VIM AJUDAR A ENTENDER COMO A SENHORA VAI VOLTAR PRA CASA!

Ela aponta para uma pilha de roupas sobre a pequena cômoda do hospital.

– E pode dobrar minhas roupas para mim?

Não vim limpar o quarto da Sra. Green nem dobrar as roupas limpas dela, mas ela está claramente muito ansiosa em relação à limpeza do quarto. Talvez, se eu dobrar as roupas, ela passe a confiar em mim. E a verdade é que uma pilha de roupas bagunçadas também me incomoda. Consigo me imaginar um dia com 91 anos, deitada numa cama de hospital e me sentindo incomodada com o chão sujo e as roupas sem dobrar. (Enzo ainda vai estar carregando sofás a essa altura.)

Como não trouxe um esfregão comigo, começo a dobrar as roupas dela. Infelizmente, tudo que ela trouxe foi uma grande pilha de camisolas. A Sra. Green parece uma daquelas mulheres que usa camisola em todas as ocasiões. De novo, consigo me ver assim algum dia. Almejo a época em que vou poder usar pijama 24 horas por dia, sete dias por semana, e não ter que enfrentar nenhum julgamento por causa disso.

– Ei! – exclama ela. – O que está fazendo?

– Estou dobrando as roupas pra senhora! – digo o mais alto que consigo.

– Você está roubando minhas coisas! – acusa ela com um arquejo e crava o polegar no botão vermelho para chamar a enfermagem. – Ladra! Ladra! Chamem

a polícia!

Embora eu reconheça que a Sra. Green é uma mulher idosa e confusa, meu coração dá um pinote dentro do peito. Como ela pode me acusar de estar roubando algo dela? Só estou tentando ajudar a dobrar as roupas, como ela me pediu!

Um segundo depois, a supervisora de enfermagem do andar, uma mulher parruda chamada Donna, entra com estardalhaço no quarto. A essa altura, a Sra. Green já está gritando a plenos pulmões que eu sou uma ladra e que precisam chamar a polícia. Larguei as roupas e estou com as mãos erguidas, só para deixar bem claro que não estou roubando nada dela.

– O que está acontecendo aqui, Millie? – pergunta Donna com seu forte sotaque de Long Island (ou seria com seu forte sotaque *da* Long Island?).

– Eu… – Engulo com dificuldade a saliva. – Eu não roubei nada. Só estava ajudando ela com as roupas. Juro.

– MENTIROSA! – grita a Sra. Green. – Ela estava roubando as minhas coisas! Vocês precisam chamar a polícia agora mesmo!

Fico parada no canto do quarto, torcendo as mãos, enquanto Donna se esforça ao máximo para acalmar a Sra. Green. São necessários vários minutos, mas depois de Donna sintonizar a televisão em algum programa sobre canções natalinas (ainda que estejamos longe do Natal), a Sra. Green parece enfim se acalmar.

Já eu estou um caco.

Sigo Donna para fora do quarto, mas minhas pernas continuam bambas. Donna está absolutamente inabalada pela interação. Não há sequer um fio de cabelo fora do lugar no coque alto dela. Já eu, quando chego de novo ao posto da enfermagem, estou com a cabeça latejando.

– Você tá bem, Millie? – pergunta Donna.

– Eu… eu não roubei nada.

– É claro que não. – Ela tira o estetoscópio pendurado no pescoço. – Você sabe que ela tem demência, não sabe? Estava escrito de cabo a rabo no prontuário dela.

Estava *mesmo* escrito de cabo a rabo no prontuário. E qualquer outra pessoa não teria se abalado com o incidente, mas eu não consigo. Não com meu histórico. Passar dez anos na cadeia por assassinato muda o seu jeito de ver as

coisas.

O mais provável é que Donna não saiba nada a respeito disso, e não estou com nenhuma vontade de lhe contar a história. A versão curta é que, quando eu era adolescente, um garoto tentou estuprar minha melhor amiga. Eu o peguei no flagra e o acertei na cabeça com um peso de papel. Infelizmente, isso não o deteve. Então bati outra vez. E outra. Depois de algum tempo, ele parou… de respirar.

Os pais dele eram muito ricos e não estavam dispostos a me deixar sair incólume depois de ter matado o menino dos olhos deles, apesar de esse mesmo menino ser um estuprador. Um bom advogado talvez tivesse conseguido me inocentar, mas só pude contar com a defensoria pública, cujo advogado não era muito bom. Fui condenada por homicídio e cumpri dez anos numa penitenciária feminina.

Não é algo que eu saia contando por aí para todo mundo. Embora não me arrependa de ter ajudado minha amiga, meu tempo atrás das grades não é algo de que me orgulhe. Quando este hospital me contratou, porém, uns dois meses antes de eu me mudar para a ilha, revelei meu histórico para eles, porque fui obrigada. Não sabia se iriam me contratar depois disso, mas foi o que fizeram. Assistentes sociais são profissionais escassos.

Mesmo assim, isso me deixa paranoica. No meu último emprego, alguns objetos do hospital sumiram, e eu fui a única a ser chamada pela polícia para ser interrogada. Não que tenham me levado até a delegacia nem nada sério assim, mas ficou muito claro que, por causa do meu histórico, estavam me averiguando mais atentamente do que as outras pessoas.

Será que Donna está me olhando desse jeito? Será que ela acha que eu de fato roubei alguma coisa daquele quarto? Será que ela *sabe*?

– Millie – diz ela.

Um suor frio brota na minha testa.

– Oi?

– Você tá *muito* pálida. É melhor se sentar.

Donna consegue pegar uma cadeira para mim logo antes de minhas pernas perderem as forças. Ela me instrui a pôr a cabeça entre os joelhos, em seguida assume seu lado enfermeira comigo e vai buscar um dos medidores de pressão automáticos.

– Você almoçou? – pergunta ela.

– Aham – consigo dizer.

– Você parece tonta. Deixa eu medir sua pressão.

Donna insiste em colocar o medidor em volta do meu braço, apesar de eu ter certeza de que está tudo bem com a minha pressão. Não se trata disso. Só estou com medo de que ela saiba que sou uma assassina condenada. Só isso, nada de mais.

Fico sentada enquanto Donna me observa. O medidor se infla ao redor do meu bíceps esquerdo, e então a pressão alivia e torna a aumentar, e o ciclo se repete mais duas vezes. Donna pragueja entre os dentes, mas finalmente conseguimos uma leitura da minha pressão arterial.

– Caramba! – exclama ela.

Não é a reação que se quer ouvir de alguém após qualquer tipo de exame médico.

– Que foi?

– Sua pressão está alta. Alta *mesmo*.

– Ah, é?

– É. Quanto estava sua pressão na sua última consulta médica?

Para dizer a verdade, não vou muito ao médico. Costumava ir ao ginecologista com mais frequência antes de ter as trompas ligadas, mas, como meus anos de ter filhos acabaram, não me parece haver muito sentido nisso. A última vez que fui a qualquer tipo de médico tem uns três anos, uma ironia, visto que trabalho num hospital e convivo com médicos o tempo todo.

– Bom, eu ando meio ansiosa – respondo, circunstância que não está nem um pouco melhor agora que sei que a minha pressão está alta. – Deve ser por isso.

– Está bem alta, Millie. Seria melhor você ligar pro seu médico.

Que ótimo. Mais uma coisa para eu administrar.

– É tão grave assim?

– Não – diz ela. Mas, antes de eu ter chance de relaxar, acrescenta: – Quer dizer, a menos que você não esteja nem aí pra ter um enfarte ou um AVC.

Que coisa ridícula. Ela está tendo uma reação completamente exagerada. Eu não tenho idade suficiente para ter um enfarte ou um AVC. E estou em boa forma. Não preciso lidar com essa questão de pressão arterial agora. Obviamente

estou só estressada por causa da mudança. E, ontem à noite, fui acordada *outra vez* por aquele barulho de arranhões vindo de algum lugar dentro da casa, embora felizmente tenha parado antes de eu ter a chance de cogitar investigá-lo.

Tenho certeza de que, quando tudo se assentar, minha pressão também vai melhorar.

DEZESSEIS

Depois do jantar de hoje à noite, Enzo me ajuda a tirar a mesa. Ele é muito bom em fazer coisas desse tipo, ou pelo menos ficou após vários comentários sarcásticos ao longo dos anos. Mas agora ele é ótimo. Leva todos os pratos e copos para a cozinha sem precisar sequer que lhe peçam.

– Mais um jantar delicioso – declara ele, pondo alguns pratos no lava-louças.

Olho para o prato em minhas mãos. É o de Nico, e está praticamente intocado. Como eu não estava com disposição para receber nenhuma reclamação hoje, apelei para o infalível macarrão com queijo. O prato tem as três coisas preferidas de Nico: massa, manteiga e bastante queijo. E ele em geral come muito bem. Junto com Enzo, tenho sorte de um deles não comer até as paredes da casa.

– Nico tá bem? – pergunto. – Ele não comeu o macarrão com queijo.

– Vai ver ele comeu muito no almoço.

– Pode ser…

– Ou cansou de macarrão com queijo.

– Impossível.

Enzo sorri para mim.

– Vai ver ele está comendo as moscas do Kiwizinho.

Aquele louva-a-deus horrível trocou de casca outra vez. Descobri que, toda vez que isso acontece, fica um pouco maior. E, na minha opinião, já está grande demais. Mas Nico ama aquele inseto. Ontem à noite, depois de chegar da casa dos Lowells, pediu para trazê-lo à mesa do jantar. Eu disse que nem pensar.

Olho de novo para o prato e resisto ao impulso de comer eu mesma o macarrão que sobrou, porque não preciso dessas calorias, especialmente agora que estou tendo problemas de *saúde* – embora ainda não ache que precise consultar um médico. Eu pesquisei, e os medidores de pressão automáticos são famosos pela imprecisão.

– Hoje no trabalho uma enfermeira mediu minha pressão quando eu estava toda estressada por causa de uma coisa que aconteceu – digo –, e pelo visto estava bem alta. Ela fez o maior auê por causa disso.

Enzo em geral demonstra empatia quando lhe conto histórias sobre o meu dia no trabalho. Ao me ouvir, ele franze a testa.

– Por que sua pressão tá alta?

– Não sei. – Raspo o macarrão com queijo para dentro da lixeira e ponho o prato no lava-louças. – Ei, vamos ligar a máquina.

– Mas não está cheia.

– Sim, mas a Martha vem amanhã, então quero lavar essa louça e guardar tudo antes de ela chegar.

Ele coça o queixo.

– Não tô entendendo. Por que a gente precisa lavar a louça como preparação para a vinda da pessoa da limpeza? E antes do jantar você estava passando o aspirador.

– Só quero me certificar de que tudo esteja limpo para ela.

– Mas ela *está vindo limpar*! – Ele balança a cabeça. – Vai ver é por isso que sua pressão tá alta, não?

– Pode ser – resmungo. – Não tava tão alta assim.

– Você disse "superalta".

– Não, eu disse *bem* alta. – Tento passar por ele para chegar ao lava-louças. – Será que a gente poderia por favor lavar essa louça pra amanhã?

Enzo estica a mão para dentro do armário onde fica o detergente do lava-louças. Enche o dosador, então bate a porta com força e pressiona o botão para dar início ao ciclo de lavagem. Ao terminar, ele se vira e olha para mim, com os braços musculosos cruzados.

– Tá, agora a gente não tem mais a desculpa do lava-louça. Vamos poder falar sobre a sua pressão.

– Ai, meu Deus. – Reviro os olhos. – Olha, eu nem teria dito nada se soubesse

que você ia dar tanta importância a isso.

– E *por que* eu não daria importância? – retruca ele. – Você é minha esposa, e eu quero que fique saudável e viva pra sempre.

– Que… que fofo você dizer isso – reconheço. – Mas você tá fazendo tempestade num copo d'água. Eu só tava estressada, foi por isso que minha pressão subiu.

– Ótimo. Então vai ao médico dar uma olhada.

– Mas…

– Millie, você *nunca* vai ao médico – observa ele.

– Nem você. E você é ainda mais velho do que eu.

Ele parece prestes a protestar, mas então seus ombros desabam.

– Tá. Vamos os dois ao médico. Tá bom assim?

Tá. *Tá bom assim*. É lógico que Enzo vai ficar me infernizando com isso até eu concordar, então vou ao médico e vou deixar que olhem minha pressão, mas tenho certeza de que vai estar tudo bem.

– Além do mais – diz ele –, a gente deveria fazer um seguro de vida com o outro como beneficiário.

Não gosto do rumo que esta conversa está tomando. Já é ruim o suficiente eu ter que arrumar um novo médico e marcar uma consulta.

– Seguro de vida? Não sei, não. Por que a gente faria isso?

– Por que não? – Ele olha pela janela, de onde temos uma vista espetacular da casa bem maior dos Lowells. – E se acontecesse alguma coisa comigo? Você ficaria sozinha com as crianças. Precisaria de dinheiro.

Fecho os olhos, sem querer imaginar a morte do meu marido. Isso é quase impensável.

– Tá, então faz você um seguro de vida.

– E você também deveria fazer um.

– Pra você receber uma bolada se eu morrer?

Ele pressiona os lábios um no outro.

– Millie, você sabe que não é pra mim. É pros nossos filhos. Para eles terem um teto. Você sabe que a gente já mal consegue pagar as prestações da casa hoje.

Ele não está errado. Muita gente com filhos faz seguro de vida. Vários anos atrás, chegamos a falar nisso, mas ficamos os dois tão perturbados ao pensar na nossa morte que acabamos nunca fazendo.

Não tenho certeza se minha pressão arterial está alta ou baixa neste momento, mas minha *sensação* é de que está alta.

– Eu sei que é uma coisa triste. – Enzo envolve minha mão com as dele. – Eu não quero te perder nunca. Mas é um ato responsável.

– É, isso é verdade.

– Além do mais – acrescenta ele –, Suzette recomendou um corretor de seguros muito bom. Eu poderia ligar pra ele amanhã.

Ah. Quem estava por trás disso era a Suzette. Agora tudo faz sentido.

– Quer dizer que você passa onze anos sem achar que a gente precisa de seguro de vida, mas basta a Suzette dizer uma palavra sobre o assunto pra gente ter que ligar pra esse cara *amanhã*?

– Millie. – O rosto de Enzo enrubesce de leve, embora seja difícil notar por causa do tom escuro da pele. – Estou *tentando* cuidar da minha família, não importa o que me aconteça.

– Ótimo. Então tá!

Meu Deus, por que ele está me fazendo sentir como se fosse *eu* quem estivesse dificultando as coisas? Um seguro de vida é uma coisa importante, sei que é, mas não quero me precipitar na hora de comprar alguma coisa, ainda mais agora que já não temos muito dinheiro sobrando.

Afinal de contas, não é que eu vá morrer *amanhã*.

DEZESSETE

– Mãe, você vai morrer?

Ada me faz a pergunta quando estou lhe dando boa-noite. Está deitada na sua cama de solteiro, com a coberta estampada com desenhos de cachorrinhos puxada até o queixo e o rostinho franzido de preocupação. Ada sempre se preocupou demais. Essa menina carrega o peso do mundo nos ombros. Mesmo quando era pequenininha, costumava ficar aflita com tudo, em especial com Nico. Bastava o irmão fungar para ela ficar toda chorosa.

– Eu não vou morrer! – Afasto alguns fios de cabelos pretos do rosto dela. – Por que você está perguntando isso?

– Ouvi você e o pai conversando.

Ah, que ótimo. No nosso antigo apartamento, nós tínhamos plena consciência de que as crianças podiam nos escutar através das paredes finas feito papel. Por algum motivo, andamos nos enganando ao pensar que nesta casa grande a coisa seria diferente. Pelo visto, eles continuam conseguindo escutar tudo.

– Eu não vou morrer – garanto a ela.

– Então por que vai fazer um seguro de vida?

Sinto que "para caso a gente morra" não é a resposta certa. Embora tecnicamente seja.

– Só para o caso de acontecer algum acidente inesperado. Mas não vai acontecer.

– Mas poderia.

Ada tem o mesmo vinco entre as sobrancelhas que Enzo tem quando está preocupado. Ela se parece muito com ele: mesmos olhos, mesmo nariz, mesmo tom de pele, mesmo cabelo preto farto; só não tem a mesma personalidade. E, para falar a verdade, para o bem ou para o mal, tampouco se parece muito comigo. É uma daquelas crianças que não sabemos muito bem de onde veio. Talvez seja parecida com um dos avós. Minha mãe e eu não nos falamos, mas ela sempre parecia muito ansiosa.

E a inteligência de Ada também é um mistério.

– Ada. – Eu me deito na cama pequena e me aninho junto ao corpinho quente dela. Daqui a alguns anos, ela não vai me deixar fazer isso, então vou aproveitar enquanto posso. – Eu vou viver muito tempo, provavelmente até depois de você ter filhos, e talvez até depois de os seus filhos terem filhos. E o seu pai… Bom, ele provavelmente vai viver pra sempre.

Se existe alguém imortal neste mundo, essa pessoa é Enzo, e isso poderia muito bem ser verdade.

– Então por que você precisa de um seguro de vida?

Essa conversa tem o potencial de durar o resto da noite.

– Ada, você precisa parar de se preocupar e dormir um pouco.

Ela se remexe debaixo das cobertas.

– O pai vai vir aqui no quarto?

Nossos filhos exigem que *os dois* pais venham dar boa-noite antes de pegarem no sono. É uma rotina ao mesmo tempo bonitinha e exaustiva. Depois de me despedir de Ada, minha próxima parada será o quarto de Nico. Provavelmente é lá que Enzo está agora. Vamos poder trocar de lugar.

– Vou falar pra ele vir – digo.

Isso a faz abrir um sorriso. Por mais que eu deteste admitir, Ada é completamente apaixonada pelo pai, e isso desde o instante em que nasceu. Lembro que, quando ela era bebezinha, teve um dia em que passou duas horas seguidas se esgoelando, e, no segundo em que Enzo chegou em casa do trabalho e a pegou no colo, ela se acalmou. Então, se alguém é capaz de fazê-la se sentir melhor, é ele.

Enquanto me encaminho para o quarto de Nico, imagino encontrar Enzo lá, ambos alimentando o louva-a-deus com algumas moscas ou algo horrível do

tipo. Só que Enzo não está. Nico está sozinho, com as luzes já apagadas, embora seus olhos ainda estejam abertos.

– Cansado? – pergunto a ele.

– Um pouco.

Semicerro os olhos, analisando o rosto dele na penumbra. Ele também tem traços parecidos com os de Enzo, embora eu suponha que, dos meus dois filhos, Nico seja o mais parecido comigo, o que não quer dizer muita coisa. Nós o batizamos de Nicolas em homenagem ao pai de Enzo.

– Tá tudo bem?

– Aham.

O louva-a-deus está bem ao lado da cabeceira da cama. É meio difícil enxergar dentro do viveiro de tela, mas, quando finalmente consigo distinguir o inseto magro e comprido, posso vê-lo esfregando as duas patas dianteiras. Esse bicho com certeza parece estar tramando alguma coisa. Sei que meninos curtem insetos, mas por que *alguém* iria querer uma coisa dessas dentro do quarto? Será que tem alguma coisa errada com meu filho?

Não. Não tem nada errado com Nico. Ele é o menino mais feliz e mais bem-ajustado que existe. Todo mundo o ama.

Faço uma careta ao me inclinar na frente do viveiro para dar um beijo na testa do meu filho. Amanhã vou ter que conversar com ele sobre mudar o viveiro de lugar. Quem sabe para o outro canto do quarto, ou quem sabe inteiramente para fora da casa.

– Boa noite.

– Boa noite, mãe – diz ele, sonolento.

Quando estou me afastando dele, olho de relance para a janela. É quase lua cheia hoje, e ela ilumina nosso quintal dos fundos perfeitamente aparado. Quando o verão chegar, aposto que vamos ter o melhor quintal da cidade. Enzo vai garantir que seja assim.

Mas meus olhos são atraídos por algo fora do nosso próprio quintal: o quintal dos Lowells.

Achei que Enzo estivesse dentro de casa dando boa-noite para as crianças como eu, mas não. Por algum motivo, ele está no quintal dos vizinhos. Só que não trabalhando: está em pé ao lado de Suzette, os dois conversando.

Passo alguns instantes observando-os de dentro da escuridão do quarto do

meu filho. Aquilo poderia ser totalmente inocente, afinal os dois são vizinhos e têm trabalhado juntos no quintal. Mas alguma coisa na cena me incomoda. São dez horas da noite. Por que meu marido estaria num quintal com outra mulher?

Ele não está tocando nela. Com certeza, não a está beijando nem nada do tipo. Os dois parecem estar apenas conversando. Ainda assim, algo na cena me deixa ressabiada.

Não consigo me livrar da sensação de que Enzo está escondendo alguma coisa de mim.

DEZOITO

São seis da manhã, e alguém está arrombando a casa.

Dessa vez, não é o barulho de arranhões, que já escutei mais um tanto de vezes desde que tentei investigar. Acabei me convencendo de que os arranhões devem ser apenas um galho em algum lugar que fica raspando numa das janelas do térreo. Esse som de agora, porém, é bem diferente. São barulhos altos. Passos. Uma porta batendo. É alto o suficiente para fazer eu me sentar na cama, embora meu marido siga roncando de leve ao meu lado. Este é um bairro supostamente seguro. Coisas como essa não deveriam acontecer aqui.

Uma pancada ressonante vinda lá de baixo me faz me erguer na cama de supetão. Será que alguém está invadindo nossa casa? Se for, o que devemos fazer? Nós não temos arma. Enzo tinha uma lá no apartamento, mas depois de Ada nascer nós nos livramos dela. Ele tinha pânico de que ela a encontrasse e se machucasse.

Simplesmente vou ter que ligar para a emergência e torcer para eles virem depressa.

Enzo dorme profundamente ao meu lado, alheio à invasão em curso da nossa casa. Ele foi se deitar tão tarde ontem à noite que nem tive oportunidade de lhe perguntar o que estava fazendo com Suzette no quintal dela. E agora essa é a menor das minhas preocupações.

Sacudo meu marido para acordá-lo, um pouco mais forte do que o necessário.

– Enzo – sibilo. – Alguém arrombou a casa. Vou chamar a polícia.

– *Che?* – Ele esfrega os olhos. Seu sotaque fica mais forte assim que acorda. – Arrombou?

– Você não tá *ouvindo*?

Ele passa alguns segundos escutando, enquanto eu praticamente tenho vontade de gritar.

– É a Martha, não?

– Martha? Como é que a Martha veio parar na nossa casa às seis da manhã? Como é que ela entrou?

– Eu dei a chave pra ela.

Eu o encaro com uma expressão de horror.

– Você deu a *chave* pra ela? Por quê?

– Por quê? Pra ela não te acordar quando vier fazer a faxina! – Ele grunhe e joga a cabeça para trás no travesseiro. – Vai dormir, Millie!

E então escuto o ruído distante de um aspirador no andar de baixo. Tá, tudo bem, acho que ele tem razão. A maioria dos ladrões não se dá ao trabalho de passar aspirador na sala, de modo que deve ser mesmo Martha.

Mas nem agora que sei que minha casa não está sendo invadida eu consigo voltar a dormir. Meu coração continua disparado. Em vez disso, me levanto e vou tomar um banho de chuveiro. Melhor começar meu dia, especialmente já que Nico em geral precisa de um pouco de convencimento para sair da cama.

Desço a escada uma meia hora depois, de banho tomado e vestida. Vou pegar outra banana, para não ficar atrapalhando Martha, que faz uma faxina extremamente completa na cozinha.

Só que Martha não está na cozinha. Está ao lado da escrivaninha que temos no canto da sala. E não está limpando a escrivaninha, mas mexendo em uma das gavetas. Fico observando-a por alguns instantes, e tudo em que consigo pensar é: *O quê que ela está fazendo?* Nunca remexi desse jeito em gaveta nenhuma na época em que fazia faxina para os outros.

– Martha? – digo por fim.

Ela ergue a cabeça. Posso não conhecer Martha muito bem – é raro que me dirija a palavra, a não ser que seja estritamente necessário –, porém conheço uma expressão culpada quando vejo. Mas preciso admitir uma coisa em relação a ela: Martha se recupera bem depressa.

– Eu precisava deixar um recado pra você, então estava procurando caneta e papel – explica ela. – O limpador em spray está quase acabando.

Está mesmo? Poderia ser verdade. Acho.

Mas estou propensa a apostar que ela não estava procurando caneta e papel.

Martha desaparece de novo na cozinha. Não consigo acreditar que a flagrei mexendo nas gavetas da minha escrivaninha. É uma ofensa digna de demissão. É verdade que Suzette a recomendou muito, mas Suzette não está bem no topo da minha lista de pessoas de confiança, afinal. Há algo em Martha que não me agrada. Queria que pudéssemos nos livrar dela.

Não sei o que fazer. Como é que se demite uma pessoa, aliás? Quer dizer, já fizeram isso comigo, então compreendo o conceito geral, mas meu coração fica acelerado só de pensar nisso. Minha pressão arterial sem dúvida deve estar nas alturas.

Começo a me sentar no sofá para pensar no que farei em seguida, mas que bom que estou de pantufas, porque descubro que o chão em frente ao sofá está coberto de cacos de vidro. Levo um segundo para me dar conta de que o vaso que em geral deixo em cima da mesa de centro foi derrubado. Vários lírios e uma quantidade interminável de cacos de vidro estão espalhados por todo o chão.

Tá, agora fiquei brava. E tenho mais um motivo para mandar Martha embora.

Vou marchando até a cozinha, tentando evitar os cacos que parecem estar praticamente por toda parte. Fico surpresa por não ter escutado o vidro se partindo lá de cima, apenas as pancadas habituais associadas a uma faxina. Na cozinha, Martha está borrifando a bancada com um frasco de limpador em spray que me parece bem cheio.

– Martha, você poderia ter me avisado sobre os cacos de vidro na sala.

Ela nem sequer se dá ao trabalho de erguer o olhar.

– Que cacos de vidro?

– Você derrubou um vaso que estava na mesa de centro – digo, tensa. – E o vaso quebrou. E tem vidro *por toda parte*.

Martha enfim larga a esponja que está segurando. Ela me encara com os olhos cinzentos e sem brilho.

– Eu não quebrei vaso nenhum. Nem comecei a limpar a sala ainda.

Sério? Primeiro ela estava fuçando as minhas gavetas. Agora está fingindo

não ter quebrado um vaso quando é óbvio que quebrou, sim. Não acredito que Suzette tenha recomendado essa mulher.

– Martha – insisto, ríspida. – Se você quebrar alguma coisa, no mínimo deveria ter a cortesia de reconhecer. Eu não vou cobrar o vaso de você.

Mas vou mandar você embora.

Ela fica me olhando.

– Eu não quebro as coisas – argumenta ela, rígida. – Mas, se quebrasse, reconheceria.

– Então quem foi que quebrou? – disparo de volta. – Por acaso o vaso andou até a borda da mesa e quebrou sozinho?

Inacreditável. Não que eu já não tenha quebrado meu quinhão de copos, vasos ou o que seja quando fazia faxina, mas eu sempre admitia. Era evidente que tinha sido eu, então de que adiantaria mentir em relação a isso? Já Martha está teimando em negar.

– O que está acontecendo aqui, senhoras? Que gritaria é essa?

Enzo está parado na porta da cozinha. Pelo visto, eu estava gritando. Não achei que estivesse, mas sinto uma veiazinha latejando na têmpora como às vezes acontece quando elevo demais a voz.

Martha leva as mãos aos quadris avantajados, dos dois lados de seu avental branco imaculado.

– Sr. Accardi, poderia por favor dizer à sua esposa que eu não quebrei o vaso da sala?

Uau. Agora ela está virando meu marido contra mim? Isso está ficando cada vez melhor.

– Eu achei o vaso quebrado quando entrei na sala hoje de manhã. Quem mais teria sido?

Enzo solta o ar pelo nariz.

– Isso está com muita cara de ser coisa do Nico.

De fato, Nico quebra muitas coisas. Mas quando isso acontece ele sempre me avisa na hora. Não é do feitio dele quebrar um vaso e simplesmente deixar todos os cacos espalhados pela sala. Eu o conheço bem o suficiente para saber que ele não faria isso.

– Não foi o Nico – insisto. – Além do mais, ele ainda está dormindo.

Enzo olha para seu relógio de pulso.

– Bom, acho que está na hora de ele acordar.

Antes de eu conseguir detê-lo, ele vai até o pé da escada e começa a gritar o nome de Nico. É preciso um minuto inteiro de gritos para Nico descer até o térreo, com os olhos sonolentos e o cabelo bagunçado.

– Que foi? – resmunga Nico, ainda esfregando os olhos. – Por que vocês tão me enchendo?

– Nico – repreende Enzo, severo. – Você quebrou o vaso da sala?

Faz-se um longo intervalo enquanto nós três o encaramos.

– Ah – diz ele. – Quebrei.

Eu o encaro, estupefata.

– Sério? E por que não falou nada? Eu poderia ter cortado o pé no vidro.

Ele dá de ombros.

– Você tava dormindo. Fiquei com fome no meio da noite e desci pra pegar uma comida, aí esbarrei na mesa e o vaso caiu.

Que ótimo. Eu sabia que ele iria ficar com fome depois de não terminar o jantar. Além do mais, fico perturbada com o fato de o barulho do vidro quebrando não ter me despertado. O que mais estou deixando passar durante o sono?

– Você poderia ter tentado limpar – comento.

– Você me disse pra não tocar em vidro quebrado.

É verdade. Ainda assim, eu teria imaginado que Nico fosse ter uma noção maior de responsabilidade, especialmente agora que está fazendo serviços na casa dos Lowells.

– Martha – diz Enzo. – Desculpe termos pensado que você tivesse quebrado o vaso. Nós obviamente estávamos enganados.

Ele está sendo generoso. Quem a acusou de ter quebrado o vaso fui *eu*. Verdade seja dita, parecia mesmo ter sido ela. Mas conheço a sensação de ser falsamente acusada, e me sinto péssima por ter feito isso com Martha. Além do mais, já fui acusada várias vezes sem receber depois qualquer tipo de pedido de desculpa. Uma mulher para quem eu fazia faxina certa vez me acusou de ter roubado um anel que havia deixado no banheiro, e quando descobriu, mais tarde, que estava atrás da privada sequer me disse que sentia muito. Não quero ser *essa* mulher.

– Eu sinto muito, mesmo – digo a ela. – É que… tirei conclusões precipitadas

e me enganei redondamente. Espero que você consiga aceitar minhas desculpas.

Martha não diz nada.

– E nós vamos limpar o vaso quebrado – acrescenta Enzo. – É claro.

Ela crava os olhos bem no meu rosto.

– Não gostei de ter sido levada a me sentir uma *criminosa*.

Engulo em seco com força. Por que ela olhou para mim desse jeito ao dizer a palavra "criminosa"? *Não foi* só minha imaginação.

Será possível Martha saber sobre o meu passado? Será que ela sabe que já estive presa? Ai, meu Deus, será que ela contou para *Suzette*? Isso é impensável. Suzette teria feito uma farra com essa informação.

Mas ela não teria como saber. Meu sobrenome agora é outro, e ela não tem meu número de inscrição na previdência social para poder fazer uma busca de antecedentes, afinal. Estou só sendo paranoica.

– Desculpe termos feito você se sentir uma criminosa – diz Enzo, alheio ao tom de voz dela. – Por favor, você aceitaria nossas desculpas?

Por fim, ela aquiesce. E, sem dizer mais nada, se vira, volta marchando para a cozinha e recomeça a limpeza.

– Vem – diz Enzo para mim. – A gente precisa limpar isso antes de as crianças descerem. Tem vidro por toda parte.

Não consigo deixar de me irritar ao pensar que, apesar de ter uma faxineira, vou passar o início da manhã limpando cacos de vidro. Não que já não tenha limpado minha boa dose de cacos ao longo dos anos. A ironia é que, se eu não a tivesse acusado, Martha provavelmente teria limpado aquilo para mim.

Então tá, não foi ela quem quebrou o vaso. Mas não imaginei a expressão no rosto dela ao pronunciar a palavra "criminosa". Ela *com certeza* estava remexendo na gaveta daquela escrivaninha; isso eu vi com meus próprios olhos. E não tenho certeza se acredito nas suas desculpas.

Por que Martha estava fuçando as minhas gavetas? O que ela estava procurando? Será que tem revirado meu passado?

Não consigo me livrar da sensação de que não confio nessa mulher que Suzette mandou aqui para casa.

DEZENOVE

Marcar uma consulta com um novo clínico geral não é tão fácil quanto parece.

Liguei para meia dúzia de consultórios nas redondezas, e nenhum deles disse estar aceitando pacientes novos. Sinceramente, eu teria desistido, mas Enzo não parava de me perguntar toda noite antes de irmos nos deitar se eu já tinha marcado a consulta. Por fim, na sétima tentativa, marquei uma consulta com a Dra. Sudermann, mas tive que esperar três semanas para conseguir um horário.

No entanto, aqui estou, usando uma daquelas camisolas que abrem nas costas e sentada na maca enquanto espero a Dra. Sudermann entrar. Já mediram minha pressão, e a enfermeira fez um ruído de surpresa ao ver o número, o que não fez eu me sentir muito bem em relação à coisa toda. Então agora estou sentada esperando, nervosa, e uma brisa da ventilação está me acertando bem no ponto das costas em que a camisola se abre.

Depois do que parece uma hora de espera, a Dra. Sudermann bate uma vez e em seguida entra no consultório. Vi uma foto de Amanda Sudermann na internet ao marcar a consulta, mas não estava inteiramente preparada para o quanto ela iria parecer *jovem*. Se alguém me dissesse que ela ainda estava na faculdade, eu acreditaria. Felizmente, ela pelo menos aparenta ser mais velha do que Ada. Só que não muito.

Apesar disso, ela tem um ar seguro de si. E é de se presumir que tenha concluído a faculdade de medicina e a residência, então deve ter no mínimo… uns 30 anos? A menos que seja uma daquelas crianças-prodígio das quais se ouve

falar. Mas ela tem uma expressão doce, o que por si só já é reconfortante. Não consigo imaginar essa mulher me dando alguma notícia realmente ruim.

– Sra. Accardi? – diz ela.

Assinto.

– Sou a Dra. Sudermann. Prazer em conhecê-la.

Torno a aquiescer. Talvez consiga passar por essa consulta sem dizer nada.

– Soube que a senhora está preocupada com sua pressão arterial – continua ela.

– Verificaram minha pressão no hospital onde eu trabalho. Me disseram que estava um pouco alta.

– Está *muito* alta. – Ela se senta no banquinho ao lado do computador do consultório e entra no sistema para acessar minha ficha. – Eu gostaria de fazer um exame clínico e pedir alguns exames laboratoriais para ver se tem alguma causa subjacente, mas, mesmo assim, gostaria que a senhora começasse a tomar uma medicação para a pressão hoje mesmo.

– Eu tenho andado bastante estressada – digo, na esperança de ela mudar de ideia. – Mudei de casa há pouco tempo, tenho dois filhos pequenos e meu trabalho pode ser muito estressante. Se eu não estivesse passando por tudo isso, minha pressão estaria ótima.

– Isso com certeza contribui para a pressão alta – reconhece ela. – Fazer um esforço para administrar o estresse seria uma ótima ideia. Muitos dos meus pacientes me dizem que meditação ajuda.

Tentei meditar uma vez e achei impossível. Como alguém pode ficar simplesmente sentada sem pensar por cinco minutos inteiros? É como não *respirar* por cinco minutos. Mas não digo isso.

– Mesmo assim, a senhora precisa começar a tomar um remédio – diz ela. – Sua pressão está alta *demais*.

Que ótimo.

A Dra. Sudermann inicia o exame, e passo o tempo inteiro fumegando de raiva. Não sou *tão* velha assim. Não deveria estar tomando remédio para a pressão. Isso é algo que meu pai fazia quando eu era adolescente, e nessa época ele já era *velho*. Eu sou… Bom, tenho pelo menos cinco anos a menos do que ele tinha. Acho.

Saio do consultório prometendo pegar os remédios na farmácia a caminho de

casa, e ela também me entrega pedidos de exames de sangue, mamografia e algo chamado ultrassom renal. *Tudo isso* porque minha pressão arterial está um pouco alta. Ok, muito alta. Mas Enzo vai ficar chateado se eu não fizer tudo que ela me mandou fazer. (A propósito, ele foi ao médico alguns dias atrás e não está com absolutamente nenhum problema. Ele é um perfeito modelo de boa saúde.)

Ao voltar para casa, reparo em Jonathan Lowell sentado na varanda da frente do número 12 da rua. Eles têm um balanço na varanda, e ele está se balançando devagar enquanto olha o telefone. Ao me ver saltar do carro, ergue uma das mãos para me cumprimentar.

– Millie! – chama ele. – Você teria um minuto?

Na verdade, não. Não estou com vontade de ter uma conversa com meu vizinho, mas tampouco quero ser grosseira, ainda mais porque Jonathan sempre se mostra muito agradável. Torço para o assunto ser breve, seja lá qual for. Já estou me sentindo bastante estressada, pois foi preciso quase uma hora para a farmácia aprontar meu remédio quando passei lá no caminho até em casa.

Jonathan salta da varanda em frente à casa e atravessa correndo nossos respectivos gramados para vir falar comigo. Enzo detestaria se o visse pisando na grama, mas não estou disposta a chateá-lo com isso.

– Como vai, Millie? – pergunta ele.

– Ah, tudo bem – minto.

Ele abre um sorriso para mim de quem se desculpa.

– Escuta, a gente tem gostado de ter o Nico ajudando em casa nestas últimas semanas, mas…

Ah, não, o que foi agora?

– Ontem ele estava guardando a louça pra gente – diz Jonathan – e deixou um dos pratos cair no chão. Não foi nada de mais, mas ele simplesmente deixou ali. Não contou pra ninguém.

– Ai, meu Deus. – Cubro a boca. Estou ao mesmo tempo surpresa e nem um pouco surpresa. – Sinto muito.

– Enfim. – Jonathan corre uma das mãos pelo cabelo castanho-claro ralo. – Para nós, os serviços dele já foram suficientes para pagar a janela. Acho que é melhor ele parar de ir.

– Certo. Me desculpe. Se estivermos devendo alguma coisa…

Rezo a Deus para ele não me dizer que estou lhes devendo algo. Embora

Enzo esteja conseguindo serviços extras graças a Suzette, nosso orçamento continua bem apertado.

– Tá tudo bem – assegura Jonathan. – Mesmo.

Olho por cima do ombro dele para a casa mais atrás. Vejo um movimento numa das janelas da frente e capto um vislumbre de cabelo cor de caramelo. É Suzette. E ela por algum motivo está observando nossa interação.

Será que não confia em mim no que diz respeito ao marido?

Então me ocorre que essa é minha oportunidade de fazê-la provar do próprio remédio. Ela tem dado em cima de Enzo desde que chegamos aqui. O que acharia se eu fizesse o mesmo com o marido dela? Embora eu não sinta atração por Jonathan, não há nada de errado com um pouco de flerte inocente, certo?

Dou um passo para mais perto de Jonathan. Ajeito uma mecha do meu cabelo louro-escuro atrás da orelha e abro um sorriso que torço para ser convidativo. Já faz algum tempo que não dou em cima de ninguém, estou meio destreinada.

– Fico muito agradecida por isso. – Levo a mão até o ombro magro de Jonathan. Não aperto nem faço nada de sugestivo, mas torço para que assim pareça da janela de onde Suzette está observando. – Vocês têm sido *maravilhosos*.

– Ah, obrigado. – Jonathan me lança um sorriso pouco à vontade e então dá um passo para longe, saindo do meu raio de alcance. Dá uma olhada rápida por cima do ombro, em seguida volta a olhar para mim. – Enfim, um bom dia pra você, Millie.

E então volta correndo para casa o mais depressa possível, batendo a porta.

Uau. Que rejeição relâmpago. Um pouco humilhante, para ser bem sincera.

Jonathan sequer entrou no jogo, nem por uma fração de segundo. Assim que o toquei, ele não poderia ter se afastado mais depressa. E a primeira coisa que fez foi olhar para trás e se certificar de que Suzette não tivesse visto nada.

Ele sabia que ela estava olhando.

O que está acontecendo naquela casa? O que Suzette Lowell quer de nós? Parece que, até quando estamos com as persianas abaixadas, ela mesmo assim continua de olho.

VINTE

Estou chegando tarde em casa do trabalho.

Geralmente chego do hospital lá pelas cinco, ou, dependendo do trânsito, às cinco e meia estou entrando pela porta. Mas hoje foi um daqueles dias em que nada deu certo. Tivemos uma paciente que deveria ter voltado para casa hoje, mas a filha de repente decidiu que não conseguia cuidar da mãe, de modo que passei a tarde me virando para mudar os planos.

Tentei convencer a filha de que ela conseguiria dar conta da mãe, mas a mulher não mudou de opinião. Então liguei para outros três parentes na esperança de que algum deles pudesse oferecer uma pequena parte da ajuda de que minha paciente necessitava depois do enfarte. Liguei para um hospital de reabilitação, mas eles recusaram o seguro-saúde dela. A essa altura, já não sei mais o que vai ser dessa pobre mulher.

E ela é uma mulher tão simpática. Eu a levaria para casa se pudesse. É claro que sempre digo isso. Se dependesse de mim, minha casa todinha estaria lotada de pacientes cujas famílias não quiseram levá-los para casa.

Enfim, são quase seis da tarde quando entro com o carro na garagem. A caminhonete de Enzo está estacionada em frente à casa, então pelo menos ele está lá dentro com as crianças. Embora não seja superprotetora como Janice, detesto que meus filhos fiquem sozinhos em casa por mais de uma ou duas horas.

Destranco a porta da frente, tentando me desvencilhar da tensão do dia no

trabalho. Entro no hall e na mesma hora reparo no silêncio. Quando as crianças estão em casa, sobretudo Nico, o lugar nunca fica silencioso assim.

– Oi? – chamo.

Ninguém responde.

Dou a volta pelo térreo. Nossa casa não é nem de perto tão grande quanto a vizinha, mas mesmo assim levo um minuto para percorrer todo o espaço. Vou até a cozinha, que parece a mesma de quando preparei tigelas de cereal para as crianças pela manhã antes de sair. (Janice expressou recentemente seu horror e choque com a ideia de eu preparar um café da manhã para meus filhos que não inclua algum tipo de proteína animal.)

Não há ninguém no térreo. Tenho certeza.

Saio em seguida para o quintal dos fundos, imaginando que Nico deva estar fazendo lançamentos com a bola de beisebol na tentativa de quebrar uma segunda janela. Ao chegar lá, porém, tudo que vejo é a grama perfeitamente cortada e de um verde vívido.

Tá, as crianças também não estão no quintal dos fundos.

Subo a escada até o primeiro andar. As crianças passaram a deixar as portas dos quartos fechadas ao sair para a escola, mas a porta da nossa suíte principal está aberta, e o cômodo, vazio. Bato então na porta do quarto de Ada.

Sem resposta. Nenhum som vem lá de dentro.

Giro a maçaneta e empurro a porta para abri-la. Como sempre, a cama está arrumada com perfeição. Nunca preciso dizer que ela faça isso. Para falar a verdade, acho que Ada ficaria incomodada se saísse para a escola com a cama desfeita. A estante está repleta de livros de capa mole e dura e uma das prateleiras contém alguns troféus que ela ganhou numa feira de ciências e também numa coisa chamada feira de matemática, seja lá o que isso for. Mas nem sinal de Ada.

Talvez estejam brincando no quarto de Nico.

O quarto do meu filho é a última parada. Bato na porta, e minha barriga se contrai enquanto espero para ouvir a vozinha de criança dele falando para entrar. (Ou para não entrar.) Mais uma vez, contudo, não há resposta.

Abro a porta de modo tão abrupto que quase caio dentro do cômodo. Ao contrário do quarto da minha filha, está uma bagunça. Os cobertores formam um grande bolo bagunçado no centro da cama e há roupas sujas espalhadas por toda parte. E aquele louva-a-deus horroroso continua no viveiro ao lado da

cama. Kiwizinho está ali, mas Nico, não.

Onde estão meus filhos?

VINTE E UM

Tá, não há motivo para entrar em pânico.

A caminhonete de Enzo está parada em frente à casa, então ele passou aqui. Deve ter levado as crianças para algum lugar, embora a nossa cidade não seja bem um local que dê para percorrer a pé. Para onde ele poderia ter ido sem a caminhonete?

Estendo a mão para pegar meu celular no bolso da calça e digito uma mensagem para Enzo:

Cadê você?

Fico encarando a tela à espera de uma resposta. Nada. O aplicativo informa que a mensagem foi entregue, mas não lida.

Como não estou com disposição para aguardar ele responder à minha mensagem ao seu bel-prazer, clico no nome de Enzo na minha lista de favoritos para fazer uma chamada. A ligação toca uma, duas… meia dúzia de vezes. Então cai na caixa postal.

Mais uma vez, isso por si só não deveria ser preocupante. Quando está num serviço, Enzo nunca atende ao celular. O equipamento que ele usa é muito barulhento, e quase sempre está usando luvas grossas que não lhe permitem mexer num telefone. Mas, pensando bem, ele não pode estar no meio de um serviço, uma vez que a caminhonete está no quintal.

Tenho uma sensação desconfortável bem no fundo da barriga. Como se alguma coisa tivesse acontecido.

Desço de novo a escada correndo e quase tropeço. Verifico a sala e a cozinha mais uma vez, à procura de alguma espécie de recado de Enzo avisando que levou as crianças para tomar um sorvete ou algo assim.

Mas não há recado nenhum. Não há *nada*.

Pego meu celular outra vez, pensando se devo chamar a polícia. Só que isso parece uma reação exagerada. Uma coisa seria se só as crianças tivessem sumido, mas, como meu marido também sumiu, o que se pressupõe é que estejam todos juntos. Enzo vai achar que fiquei maluca se ligar para a polícia sem falar com ele. Além do mais, não confio na polícia: depois de passar uma década presa por motivos que ainda considero um pouco injustos, não tenho como evitar me sentir assim. Só existe um único agente de polícia em quem confio, mas eu só telefonaria para ele em caso de emergência absoluta. E isto aqui não é uma emergência… ainda.

Tá, preciso raciocinar com lógica. Enzo e as crianças não estão em casa, mas a caminhonete dele está. Isso significa que foram a pé para onde quer que seja. O mais provável é ele ainda estar na nossa rua.

Saio pela porta da frente ao mesmo tempo que tento acalmar meu coração acelerado. Isso *não tem como* ser bom para a minha pressão. Tomei um comprimido hoje de manhã, como venho fazendo todos os dias há uma semana, e Enzo comprou para mim um medidor de pressão para monitorá-la diariamente, mas ela continua alta. Não baixou nem um pouquinho.

Minha primeira parada é o número 12 da Locust Street. Quando chego à porta da frente, dá para ouvir um barulho vindo do quintal dos fundos. Parece o equipamento de Enzo, o que é um bom sinal. Ele foi trabalhar no quintal de Suzette e levou as crianças junto.

Aperto a campainha, e depois do que parece uma eternidade Suzette vem atender. Ela sorri ao me ver, mas algo no seu sorriso faz minha pele se arrepiar. Tudo que eu quero é pegar minha família e sair correndo daqui.

– Millie! – exclama ela. – Você está com uma cara absolutamente atarantada! Tá tudo bem?

– Tudo – balbucio. – Ah, o Enzo e as crianças estão aqui? Preciso levar todo mundo pra casa e começar a fazer o jantar.

– Enzo está aqui no quintal dos fundos – confirma ela. – Ele tem tantas dicas úteis de jardinagem… Sinceramente, Millie, ele é um gênio.

– As crianças estão aqui também?

Ela faz que não com a cabeça, sem entender.

– Não, só o Enzo. As crianças eu não vi. Acho que o Nicolas já quebrou coisas suficientes na minha casa, não?

O alívio que senti um minuto atrás se evapora por completo.

– As crianças não estão aqui?

– Não…

Quando cheguei em casa, fiquei tranquila ao imaginar que as crianças estariam bem com Enzo. Mas, se ele não está com Nico e Ada, onde os dois estão?

Vasculho o rosto de Suzette, pensando se ela está tirando onda com a minha cara. Não acho que dar um susto numa mãe fazendo-a pensar que os filhos sumiram seja uma brincadeira engraçada, mas tratando-se dessa mulher, vá saber. Só que não acho que ela esteja de brincadeira. Ela odeia as crianças, então não iria querê-las na sua casa.

– Pode, por favor, chamar meu marido pra mim? – pergunto num grasnado.

O tom dela fica mais suave.

– Claro. Só um instante.

Um segundo depois, Enzo surge dos fundos da casa, andando depressa. Está com o mesmo vinco entre as sobrancelhas que Ada costuma ter.

Ada… Tomara que ela esteja bem. Onde poderia estar? Essa menina *nunca* iria a lugar algum sem me contar.

– Millie? – Ele franze a testa ao me ver. – O que tá acontecendo?

Junto as mãos e as torço.

– Acabei de chegar em casa, e as crianças não estão lá. Eu… eu pensei que elas pudessem estar com você.

Enzo olha para o relógio de pulso e arregala os olhos.

– Você só chegou em casa *agora*?

Não aprecio a expressão de julgamento no rosto dele.

– Bom, você *também* não estava em casa.

– Porque achei que *você* estaria – dispara ele de volta.

Não estou entendendo Enzo. Ele chegou em casa antes de mim, então deveria

saber que eu não estava lá, já que meu carro não estava na garagem. Apesar disso, saiu mesmo assim.

– Você olhou no quintal dos fundos? – indaga Suzette, o que não ajuda em nada.

– Olhei. – Sinto o rosto queimar. – Olhei *em todos os lugares*.

Enzo olha por cima do meu ombro para nossa casa.

– Tenho certeza de que eles estão escondidos lá dentro em algum lugar. Vamos lá olhar. Ada não teria fugido.

Mal consigo acompanhar Enzo enquanto ele cruza o quintal correndo até nossa porta da frente. Atravessa o gramado pisando firme, esmagando as folhas de grama com as botas – deve estar preocupado *mesmo*. O que, por sua vez, me deixa mais preocupada ainda. De nós dois, em geral ele é o mais tranquilo em relação às crianças.

Vou atrás dele, e logo atrás vem Suzette. Por que ela está nos seguindo? Isso não é assunto dela! Fico tentada a virar a cabeça e mandá-la dar o fora dali, mas estou com problemas maiores no momento.

Onde meus filhos foram parar? Se eles tiverem sumido…

A porta da frente continua destrancada, e Enzo a abre com um empurrão. Igualzinho a antes, o térreo está totalmente silencioso, com exceção do barulho do meu coração batendo forte.

– A porta estava destrancada quando você chegou? – pergunta ele.

– Não. – Tenho a nítida lembrança de ter tirado as chaves da bolsa. – Quem destrancou fui eu.

– Este bairro é muito seguro – insiste Suzette. – Sempre digo para meus clientes que os índices de criminalidade daqui estão entre os mais baixos do país.

Cala essa boca, Suzette. Isso não é hora para entrar no modo corretora!

– Ada! – chama Enzo. – Nico!

Não há resposta. Meu coração está batendo tão depressa que me sinto tonta.

– Millie, pode ligar para a escola? – pergunta ele. – A gente pode descobrir se eles pegaram o ônibus pra voltar pra casa.

– A escola vai estar fechada – lembro a ele. – Mas posso ligar pra… pra polícia…

– Pra polícia?! – exclama Suzette, arregalando os olhos azuis-esverdeados. – Isso parece meio radical. Vocês querem mesmo trazer a *polícia* aqui? As crianças

só devem ter saído pra andar de bicicleta por aí.

Enzo lhe lança um olhar incisivo.

– Ada não tem bicicleta. E eles *não teriam* saído sem avisar a gente. Eles nunca fariam isso.

– Nico faria – murmura ela entre os dentes.

– Ada! – chama Enzo de novo. – Nico!

Levo a mão ao bolso outra vez para pegar o celular. Precisamos chamar a polícia. Parte de mim não quer fazer isso, porque esse ato vai tornar tudo real. Eles não vão ser mais só duas crianças que apenas se afastaram de casa por alguns instantes e foram rapidamente encontrados no quintal de algum vizinho. Vão estar de fato *desaparecidos*. Mas, pensando bem, as primeiras horas após o desaparecimento são cruciais. Não queremos perder esse tempo.

Suzette agarra meu braço e suas unhas se cravam na minha pele nua.

– Você está sendo ridícula. Não chama a polícia.

Ergo o olhar para seu rosto perfeitamente maquiado e por um instante vejo uma centelha de medo genuíno. Por que Suzette não quer que eu chame a polícia?

Enzo está parado perto da escada, petrificado, encarando o papel de parede com os olhos semicerrados. Está olhando debaixo da escada, embora eu não consiga ver o que chamou sua atenção. Eu me desvencilho de Suzette e vou me juntar a ele. É então que vejo.

Tem uma rachadura no papel de parede.

Não, é mais do que uma rachadura. O papel de parede foi completamente arrancado numa linha reta. E o padrão do rasgo no papel tem o formato exato de uma portinha, cujo topo bate na altura do ombro de Enzo. Em geral, deixamos um vaso de planta grande naquele lugar, mas o vaso foi deslocado e revela o contorno da porta.

– *Che diavolo?* – resmunga ele.

Ele estende a mão e faz pressão bem em cima do defeito na parede. Para nossa surpresa, a parede se move e começa a se abrir. Ele precisa fazer algum esforço, e um barulho terrível de arranhão preenche o recinto.

E é então que me dou conta.

– Ai, meu Deus! – exclamo. – É isso! É esse o barulho de arranhão que eu venho escutando!

Então aquele barulho de arranhão que me assombrava durante a noite não era mesmo minha imaginação. Era *real*. Estava vindo da minha própria casa. Dessa porta escondida abrindo e fechando.

Mas quem estava dentro da minha casa abrindo e fechando essa porta enquanto todos nós dormíamos?

VINTE E DOIS

Seguro o braço de Enzo antes de ele abrir a porta. Por mais que eu queira achar as crianças, sinto um pavor repentino do que está atrás dessa porta.

– Por favor, toma cuidado – imploro.

Ele me olha de relance por um segundo, acatando meu alerta. Então empurra o restante da porta e a abre.

É um recinto pequeno, só um pouquinho maior do que um armário. Não há janelas, o que dá ao espaço uma sensação sufocante de claustrofobia. Encaro aquele pequeno cubículo, fracamente iluminado por uma única lâmpada que pisca.

E no canto do recinto estão Ada e Nico, agachados no chão, encarando a gente.

– Ada! Nico! – Lágrimas de alívio inundam meus olhos. – O que vocês estão fazendo aí? Como acharam este lugar? Seu pai e eu quase morremos de preocupação!

As crianças se levantam, atabalhoadas, com expressões idênticas de culpa no rosto. Nem sei bem qual delas abraçar primeiro, mas, como Enzo abraça Ada, escolho Nico. No início, ele se retesa, mas em seguida enterra o rosto no meu peito. Enquanto o abraço, dou uma boa olhada no pequeno cômodo. Tem mais ou menos metade do tamanho dos quartos dos dois e está cheio de poeira, como se ninguém entrasse ali há anos. Fico espantada que a luz ainda esteja acendendo. Num dos cantos há uma pequena pilha de pregos enferrujados. Em outro, uma

pequena pilha das revistas em quadrinhos de Nico.

– Desculpa, mãe – diz Nico. – Eu achei esta sede de clubinho pra brincar. Não sabia que não podia.

Só meu filho mesmo para arrancar o papel de parede novinho de casa para encontrar um quartinho sujo e nojento, cheio de pregos com risco de causar tétano, e transformá-lo na sede do seu clubinho. E pelo visto ele tem ido ali várias noites por semana fazer isso, a tirar pela frequência com que venho escutando aquele barulho de arranhão que em várias ocasiões quase me fez enfartar.

– A gente estava chamando vocês! – exclamo. – Vocês não ouviram?

Ada se afasta de Enzo e enxuga os olhos. Está chorando muito agora. Quando toco meu próprio rosto, percebo que também estou chorando.

– A gente não ouviu nada! – responde ela, soluçando.

Suzette também entrou no quartinho e está examinando a porta.

– Isso aqui parece ter uma camada bem grossa de isolamento. Teria sido difícil eles escutarem alguma coisa.

– A gente não escutou nada – confirma Nico.

Suzette está examinando todo o lugar, como se o avaliasse para quando a casa voltar ao mercado no momento inevitável em que nós não tivermos mais como pagar as prestações.

– Eu nem fazia ideia de que este quartinho existia. Devem ter posto papel de parede por cima durante a reforma. – Ela olha para o teto. – Talvez tenham achado que não fosse estável.

Lanço um olhar severo para as crianças.

– Não *acredito* que vocês estavam se escondendo num quartinho misterioso que sequer tem um teto estável.

– Desculpa – diz Ada, fungando.

Nico não se desculpa de novo, mas abaixa a cabeça.

– Tudo bem – respondo.

Meu coração parece ter desacelerado e voltado a algo semelhante ao normal. E a minha pressão… Bom, tenho certeza de que está alta, porque sempre é assim. Mas pelo menos não estou mais me sentindo a ponto de ter um piripaque.

– Vamos todos sair deste quartinho perigoso debaixo da escada, por favor – digo.

Tiro as crianças do cômodo primeiro, em seguida Enzo sai, abaixando-se

para evitar bater com a cabeça no batente, e vou logo atrás. Suzette ainda fica um tempo, correndo os olhos pelo espaço diminuto. Juro por Deus, se ela sugerir transformarmos isso numa espécie de quarto de brincar ou algo do tipo, sou capaz de bater nela. *Não gosto* de espaços fechados assim. Tive uma experiência ruim uma vez que não sei ao certo se algum dia vou superar por completo.

– Desculpa – repete Ada enquanto enxuga os olhos. – A gente nunca mais vai entrar lá. Juro.

Ela parece realmente abalada. Ada leva tudo muito a sério.

– Eu sei que não, meu amor.

Ada ainda está chorando e soluçando, tentando se controlar. Mas a parte estranha é a seguinte: quando entramos no quartinho, os olhos dela estavam vermelhos e inchados, como se já estivesse chorando quando irrompemos lá dentro.

Por que Ada teria chorado?

VINTE E TRÊS

Depois do susto de hoje à noite, Enzo não quer deixar as crianças sozinhas nem por um milésimo de segundo. Passa duas horas jogando beisebol com Nico no quintal dos fundos e até convence Ada a ficar de receptora. Quando chega a hora de dormir, os dois estão exauridos, mas Enzo parece ainda ter muita energia quando tira a camiseta e a calça de trabalho.

– Checou sua pressão hoje? – pergunta ele.

Sabe de uma coisa? Estou ficando de saco bem cheio de ele não largar do meu pé por causa disso.

– Chequei – minto.

Fiz isso hoje de manhã. Depois de toda a animação da noite, não quero nem saber quanto está agora. Fiz todos os exames que a médica recomendou, e deu tudo negativo. Sou apenas azarada/defeituosa.

– Você já tentou meditar? – pergunta ele.

Ele pesquisou diversas técnicas de relaxamento que supostamente fazem baixar a pressão e depois imprimiu vários artigos. Como a meditação era a primeira da lista, comprou para mim um livro sobre o assunto, que agora está juntando pó em uma das nossas estantes.

– *Você* já tentou meditar? – disparo de volta. – É muito chato.

Ele ri.

– Tá, então vamos tentar juntos?

– Quem sabe outra hora.

– Beleza. Que tal uma massagem?

Eu rio ao mesmo tempo que ele agita as sobrancelhas. Enzo faz ótimas massagens. Se ele estiver disposto, é uma oferta tentadora, mas estou muito cansada. E uma massagem nunca é só uma massagem. Não com ele.

– Quem sabe mais tarde – digo.

Ele se deita na cama ao meu lado e se enfia debaixo das cobertas.

– Não acredito que a gente tem um cômodo a mais e nem sabia – reflete ele.

– Aquilo não é um cômodo a mais. É um perigo.

– Talvez não seja mesmo seguro agora. Mas aposto que com um pouco de trabalho eu conseguiria adequar às normas.

– Enzo, a gente *não vai* fazer isso.

– Por quê?

Levo as mãos ao alto.

– Você precisa mesmo me fazer essa pergunta? É sério? Sabe como me sinto em relação a espaços pequenos e fechados.

Ele sabe mesmo. Sabe tudo por que já passei e como fiquei trancada num lugar igual àquele, do qual não conseguia sair. Uma coisa dessas deixa a pessoa permanentemente claustrofóbica.

Esse seria um bom momento para mudar de assunto, em especial se ele estiver preocupado com a minha pressão. Apesar disso, por motivos que desconheço, ele não cala a boca.

– A gente poderia arrumar – insiste ele. – Suzette falou que…

– Ah, é? O que foi que a *Suzette* falou? Por favor, me conta tudo que a *Suzette* acha.

Ele comprime os lábios.

– Você sabe que ela é corretora de imóveis. É isso que ela faz. Ela está oferecendo a experiência que tem.

– Sabe do que mais? Talvez você ganhasse mais dinheiro se passasse mais tempo *trabalhando* e menos no quintal dela.

– Eu só fico no quintal dela um pouquinho.

– Você vive lá! – explodo. – E no meio da noite, ainda por cima!

Eu ainda não o tinha confrontado em relação a vê-lo no quintal de Suzette às dez da noite, e não há melhor momento do que este, em especial quando já estou com raiva.

Ele fica me olhando.

– Não sei do que você está falando.

– Umas semanas atrás, eu vi você no gramado da Suzette conversando com ela enquanto eu botava as crianças pra dormir. O que você tava fazendo lá?

– Eu não lembro. – Ele parece mesmo estar dizendo a verdade. É muito tentador acreditar nele. – Ela queria me fazer alguma pergunta. Acho que… acho que ela queria uma roseira.

– Às *dez da noite*?

Ele dá de ombros.

– Não é tão tarde assim.

Talvez não para ele, que fica acordado até altas horas da noite.

– Olha aqui – diz ele. – Isso não tem nada a ver com a Suzette. A ideia de reformar o quartinho foi *minha*. Achei que o espaço extra seria bacana.

– Espaço extra? – disparo. – Enzo, o último lugar em que a gente morou foi um apartamento de dois quartos no Bronx. Esta casa ainda parece um palácio pra mim.

– É só que… ela é bem menor do que a casa da Suzette e do Jonathan. – Ele franze o cenho. – Você não quer o cômodo a mais?

– Eu nunca mais quero entrar naquele quartinho. – Estremeço só de pensar nisso. – E achei que você, de todas as pessoas do mundo, me conhecesse bem o suficiente para sequer me perguntar isso. Se quiser fazer alguma coisa com aquele quartinho, pode comprar um papel de parede novo e lacrar para eu nunca mais ter que olhar para aquilo. Tá bom?

Ele abre a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas em seguida torna a fechá-la. Enzo me conhece bem o suficiente para saber que não vou mudar de ideia em relação a isso. Mas, ao mesmo tempo, posso sentir que ele ainda quer reformar o quartinho. Quer transformar aquele lugarzinho horroroso em algum tipo de quarto de brincar ou escritório.

– Tá – diz ele. – Depois a gente conversa.

Ou nunca.

VINTE E QUATRO

No dia seguinte, quando chego em casa do trabalho, a casa inteira está cheirando a cola. Não é um cheiro agradável.

– Enzo? – chamo.

Tenho quase certeza de que ele está em casa. Mais uma vez, vi a caminhonete estacionada em frente à casa. Mas talvez ele esteja de novo na casa de Suzette. Talvez esteja escondido em alguma passagem atrás da parede onde nunca irei encontrá-lo. Depois de ontem, não faço ideia do que esperar.

– Tô aqui! – grita ele de volta.

Que milagre.

Sigo o som da voz dele e dou a volta na quina da escada. E ali está ele, passando cola na parede debaixo da escada. Há uma lona plástica estendida sob suas botas e também um rolo de algo que parece papel de parede no chão.

– Eu liguei pra corretora – diz ele. – Perguntei onde os antigos moradores tinham comprado o papel de parede e consegui outro rolo.

– Por quê?

Ele abaixa o pincel ao mesmo tempo que se vira para me olhar.

– Você disse que queria o quartinho lacrado. Então é isso que vou fazer.

Fico estupefata. Achei que com certeza precisaríamos de mais cinco ou seis bate-bocas sobre esse quartinho antes de ele concordar em lacrá-lo. E, por algum motivo, ali está ele, fazendo isso por livre e espontânea vontade. Não precisei insistir sequer uma vez.

– Desculpa ter discutido com você ontem – diz ele suavemente. – Entendo como se sente. E a verdade é que… – Ele olha para a rachadura na parede, o único resquício do fato de que existe uma porta escondida lá atrás; até mesmo a dobradiça fica por dentro. – Esse lugar também me deixa nervoso.

Ao ouvir isso, sinto um arrepio me percorrer. Aquele quartinho é tão pequeno, tão abafado. Não consigo imaginar como seria ficar presa lá dentro. Bom, na verdade *consigo* imaginar, sim. O problema é justamente esse.

Ele estende para mim a mão que não está segurando a cola.

– Tá melhor agora?

Seguro a mão dele e começo a dizer que sim, mas sou dominada por um medo terrível. Não olhamos dentro do quartinho desde ontem. E se uma das crianças tiver entrado lá de novo? E se nós lacrarmos o quartinho com elas presas lá dentro? Afinal, o quartinho é à prova de som.

– Você pode abrir a porta? – peço a ele.

Ele enruga a testa.

– Mas… está cheia de cola.

Ele tem razão. A parede está inteiramente coberta de cola, o que tornaria a porta excepcionalmente difícil de abrir. Mesmo assim, não consigo parar de pensar na ideia de que alguém pode ficar preso lá dentro. E de que, da próxima vez que eu escutar os arranhões, vai ser essa pessoa tentando sair.

– Millie?

Engulo um bolo na garganta.

– É só que… estou com medo de…

– As crianças estão lá em cima – diz ele com gentileza. – Perguntei se elas queriam ajudar antes de começar. Elas não quiseram.

Tá, eu estou sendo ridícula. Não há motivo para abrir essa porta e fazer uma sujeirada imensa só porque estou paranoica.

– Eu posso te ajudar.

Ele me encara, radiante.

– Eu adoraria a sua ajuda.

Começamos então a trabalhar, estendendo os pedaços de papel de parede por cima da porta escondida. Não consigo relaxar por completo até a porta ficar totalmente coberta. E, mesmo depois, não consigo me livrar da sensação de que aquele cômodo escondido vai voltar para me assombrar.

VINTE E CINCO

Estou na minha sala no trabalho quando recebo a ligação da escola das crianças. Não há nada mais assustador do que receber um telefonema da escola dos seus filhos. Não existe absolutamente nada que possam querer me dizer à uma da tarde que seja uma notícia *boa*. A diretora não está interrompendo meu dia de trabalho para me dizer que um dos meus filhos ganhou um concurso de ortografia.

A escola só liga pra dar más notícias. Como dois anos atrás, quando Nico caiu do trepa-trepa e quebrou o braço. Essa foi uma ligação à uma da tarde.

Estou no meio de uma chamada com uma família ansiosa da qual não pareço conseguir me desvencilhar, então fico apenas encarando a tela do celular enquanto meu pânico aumenta. Quando consigo me livrar do telefonema, a ligação da escola já caiu na caixa postal. Escuto o recado:

"Sra. Accardi, aqui quem fala é Margaret Corkum, diretora da Escola de Ensino Fundamental Frost. Será que a senhora poderia me ligar de volta agora mesmo no seguinte telefone…"

A voz da diretora é monótona e pouco amistosa. Essa *não é* uma ligação sobre ganhar um concurso de ortografia. Digito rapidamente com a mão trêmula o número que ela me deu.

– Margaret Corkum – atende a voz do outro lado da linha.

– Alô? – digo no aparelho. – Aqui é Millie Accardi… Recebi uma ligação…

– Obrigada por me retornar, Sra. Accardi – diz ela com o mesmo tom rígido

da mensagem de voz. – Eu sou a diretora da escola. Creio que nos encontramos rapidamente quando a senhora veio conhecer a escola antes de seus filhos começarem a estudar aqui.

– Ah, sim. – Eu me lembro vagamente da diretora Corkum como uma mulher simpática de meia-idade, com cabelo grisalho curto. – Está tudo… Qual é o problema?

– Estou ligando por causa do seu filho Nicolas. – Ela pigarreia. – Ele está bem, mas vou precisar que a senhora venha aqui agora mesmo.

Aperto o celular com mais força, meus dedos começam a formigar.

– O que aconteceu?

Ela hesita.

– O melhor seria, de fato, a senhora vir até aqui para podermos conversar pessoalmente. Seu marido já está a caminho.

Enzo também foi chamado? Ai, meu Deus, isso não é bom.

Olho as horas. Tenho que estar numa reunião com a família de um paciente daqui a vinte minutos, mas minha própria família precisa ter prioridade. Posso conseguir alguém para me substituir.

– Eu chego já – digo à diretora.

VINTE E SEIS

Dirijo acima da velocidade permitida durante todo o caminho até a escola. Não estou conseguindo pensar direito, e por pouco não avanço um sinal vermelho. Ao longo dos anos, já recebi uma quantidade razoável de telefonemas das escolas das crianças, mas essa é a primeira vez que me pedem para ir até lá sem qualquer explicação do que aconteceu de errado. Pelo menos a diretora disse que Nico está bem. Ele não morreu nem está no hospital. Ela disse que ele está bem.

Mas e se alguma outra pessoa não estiver? Esse pensamento me assombra.

Quando chego na escola, sou reconfortada pelo fato de não haver nem ambulâncias nem carros de bombeiro enfileirados do lado de fora. Eles me fazem assinar meu nome no balcão da recepção e levam uma eternidade para fabricar uma identidadezinha temporária em forma de adesivo para eu colar no peito. Sigo as instruções para chegar à sala da diretora, onde encontro Enzo já sentado do lado de fora numa daquelas cadeiras de plástico desconfortáveis. Ele se levanta quando me vê.

– Me disseram que esperasse você chegar – diz ele.

– Você sabe o que está acontecendo? – pergunto.

Ele faz que não com a cabeça. Embora saiba tão pouco quanto eu, estou muito grata pela sua presença. Enzo pode ter um charme incrível, e se Nico estiver encrencado de algum jeito isso pode vir a calhar. Mas eu preferiria que não estivesse com tanta terra nos sapatos. Ele deixou um rastro ao entrar no recinto.

Ambos nos recostamos nas cadeiras de plástico. Enzo não para de batucar com o pé no chão, e dali a um minuto estende a mão para segurar a minha. Trocamos olhares nervosos.

– Tenho certeza de que não é nada sério – digo, embora não tenha a menor certeza disso.

– Não vi nenhuma ambulância – afirma Enzo. A mesmíssima coisa que eu reparei. – Não vai ser nada.

– Que escola mais esnobe – comento. – Ele só deve ter tipo rasgos demais na calça jeans.

– Ele tem mesmo vários rasgos na calça jeans – concorda Enzo.

Ele aperta minha mão. Nenhum de nós dois pensa isso de verdade.

Por fim, a diretora abre a porta da sala, e sua aparência é bem parecida com a da minha lembrança. Ela está inclusive usando uma camisa de botão branca e uma calça bege, do mesmo jeito que quando me mostrou a escola. Ao contrário desse dia, porém, não está sorrindo.

– Entrem, por favor.

Enzo dá um último apertão na minha mão, e nós dois a seguimos para dentro da sala. Nico já está sentado lá dentro, e quando vejo seu rosto, dou um arquejo. Ele está com o que certamente vai se transformar num olho roxo e a gola da camiseta está rasgada. Também parece ter andado rolando pelo chão.

– Como podem ver, Nicolas brigou hoje no recreio – diz ela.

Nico nem sequer olha para nós. Está com a cabeça baixa, como deveria estar mesmo.

Não consigo acreditar que ele foi pego brigando. Como pode ter feito uma coisa dessas? Ele já se encrencou por várias coisas diferentes, mas nunca por nada violento.

– Quem começou a briga? – pergunta Enzo.

Os lábios da diretora Corkum se contraem.

– Foi o Nicolas.

– Nico! – exclamo. – Como pôde fazer isso?

– Desculpa – balbucia ele junto à camiseta rasgada.

– Por quê? – Enzo dirige a pergunta à diretora. – Qual foi o motivo da briga?

– O outro garoto estava caçoando de uma menina no parquinho – responde Corkum. – Obviamente, isso não foi um bom comportamento por parte do

outro menino. Mas a reação do Nicolas foi totalmente inadequada. Ele poderia ter falado com algum professor, ou, se não quisesse envolver os professores, poderia ter usado as palavras. Em vez disso, deu um soco no nariz do menino.

– Quer dizer que o meu filho defendeu uma menina e agora está encrencado? – pergunta Enzo, seco.

– Sr. Accardi – diz a diretora, tensa. – Seu filho está encrencado por ter brigado dentro da escola. O outro menino foi parar no pronto-socorro e pode ser que tenha quebrado o nariz.

– Eu já quebrei o nariz. – Enzo acena com a mão como se isso não fosse nada de mais, e faço uma careta. – Ainda funciona.

Achei que Enzo fosse usar seu charme para nos tirar dessa, porém ele só está piorando as coisas. Não sei o que pensa estar fazendo, mas, no momento, deveríamos estar nos desculpando.

– Nós sentimos muito mesmo por isso ter acontecido – digo para a diretora. – Com certeza, ele vai ser repreendido.

– Infelizmente, considerando as circunstâncias, isso não vai ser suficiente – replica Corkum. – Vamos ter que suspender o Nicolas pelo resto da semana.

Tive medo disso assim que vi o rosto de Nico, mas agora que ela está dizendo as palavras minha vontade é cair em prantos. Suspensão? Como foi possível isso acontecer? Como isso vai afetar o futuro do meu filho? Será que as faculdades se informam sobre suspensões no terceiro ano do fundamental?

Não, a questão não é essa. A questão é que, por algum motivo, Nico se achou no direito de socar o nariz de outro menino quando já tem idade para saber que isso não se faz.

– Muito bem – diz Enzo. – Então vamos embora pra casa.

Nico nem nos encara enquanto vamos embora sob os olhares reprovadores da escola inteira. Ele não tem o melhor autocontrole do mundo, mas nunca fez nada parecido com isso antes. Nunca sequer puxou meu cabelo quando era bebê. Não é um menino violento.

Pelo menos, nunca foi até agora.

Assim que saímos da escola e entramos no estacionamento, Enzo leva uma das mãos ao ombro de Nico.

– Quem era esse outro menino com quem você brigou?

Os ombros de Nico desabam.

– Caden Ruda. Ele é um babaca.

– Não importa se ele é babaca – rebato. – Você não pode começar uma briga desse jeito.

– Eu *sei* – resmunga Nico.

– Sua mãe tem razão – diz Enzo. Ele faz uma pausa. – Mas também não quero que você pense que não é certo defender alguém que está sofrendo bullying.

Os olhos escuros de Nico se arregalam quando ouve as palavras do pai.

– Enzo! – disparo. – Nico está muito encrencado. Ele socou a cara de outra criança!

– Uma criança que mereceu.

– Isso a gente não sabe!

Ele me encara com os olhos semicerrados.

– Achei que você, de todas as pessoas do mundo, pudesse se mostrar compreensiva em relação a quanto é importante defender alguém em apuros.

Ele tem razão. Sempre defendi pessoas em apuros. E o que isso me rendeu? Fui presa por ter defendido uma amiga em apuros: eu a impedi de ser estuprada, mas depois fui longe demais e tive que abrir mão de dez anos da minha vida. Enzo também defende pessoas em apuros, mas sempre se mostrou mais inteligente em relação a isso. Afinal, ele nunca foi preso como eu.

Eu torcia para Nico ter puxado a ele. Não quero que meu filho puxe a mim.

– Foi a coisa errada a fazer – insisto, teimosa. – Nicolas, você está de castigo.

– Tudo bem – resmunga ele.

– E vai voltar pra casa no meu carro – acrescento.

Não quero correr o risco de Enzo lhe dizer outra vez que ele é um herói por ter quebrado o nariz de outra criança.

Detesto a forma como Nico se recusa a olhar para mim e a pedir desculpas sinceras. Isso não é do feitio dele. Nico não é perfeito, mas, quando se mete em encrenca, ele sempre pede desculpa logo em seguida. Em que momento isso mudou?

Meu filho parece estar crescendo, e não tenho certeza se gosto de quem está se tornando.

VINTE E SETE

Vou dar uma olhada em Nico depois do jantar para me certificar de que esteja bem. Ele passou o jantar calado, empurrando a comida de um lado para outro no prato em vez de comer de verdade. Enquanto isso, Enzo agiu como se não houvesse absolutamente nada de errado. Ele realmente não acha que nosso filho mereça ser punido.

Quando chego ao quarto de Nico, ele está lendo um gibi. Como parte do castigo, tiramos todos os seus eletrônicos, mas ele adora quadrinhos. Está sentado na cama, com o cabelo preto bagunçado e os olhos cravados na página à frente. O olho esquerdo já está ficando roxo, mas quando me sento na borda da cama noto que seus dois olhos estão vermelhos.

– Oi, meu amor. Como você tá?

Ele continua olhando para o gibi.

– Tudo bem.

– Está chateado por causa do que aconteceu hoje na escola? Tudo bem se estiver.

– Não.

– Nico. – Dou um suspiro. – Você poderia olhar pra mim?

Ele leva alguns segundos para desgrudar os olhos da página.

– Não tem nada de errado. Eu tô bem. Quero ler, só isso.

Semicerro os olhos, sem ter certeza se acredito.

– Seu olho está doendo?

– Não.

Olho para o viveiro onde Kiwizinho vem residindo desde que Enzo o impôs à nossa família. Tento encontrar o louva-a-deus, mas não o vejo. Procuro entre os gravetos e folhas dentro do viveiro, mas ele não parece estar em lugar algum. Tem só uma porção de moscas.

Ai, meu Deus. Será que aquela coisa horrorosa *fugiu*? O dia de hoje não tem mesmo como piorar.

– Ele morreu – diz Nico.

– O quê?

– Kiwizinho morreu – repete ele. – Ele estava trocando de casca… e acho que ficou preso na casca antiga e morreu.

– Ah! – Não sei ao certo como me sentir em relação à morte de um inseto que detestava com cada fibra do meu ser. Mas Nico parecia de fato gostar dele. – Onde você botou ele?

– Joguei na privada e dei a descarga.

Meu queixo cai. Esse não parece um enterro adequado para um bicho de estimação amado, mesmo que esse bicho seja um louva-a-deus horroroso. Eu imaginava que quando Kiwizinho morresse fôssemos ter algum tipo de cerimônia soturna no quintal dos fundos, com direito a uma pedra comemorativa.

– Jogou na privada e *deu a descarga*?

– Mãe, ele é um inseto – diz Nico num tom exasperado.

Não sei bem o que responder, mas algo em relação a essa história está me deixando muito perturbada.

– O que você acha que vai fazer a semana inteira enquanto estiver suspenso?

Eu mesma não faço ideia. Ele vai ter que ir comigo para o trabalho, ou então acompanhar Enzo nos serviços dele.

– Não sei.

– Quem sabe posso marcar de você ir brincar com o Spencer uma tarde dessas depois que ele voltar da escola? – sugiro. Os dois se encontraram algumas vezes para brincar desde aquela primeira, e ambos pareceram gostar muito. – Pelo menos assim você vai ter um pouco de interação social. Tudo bem assim? – acrescento.

Nico dá de ombros de novo.

– Tá bom.

Então pega o gibi e recomeça a leitura. Acho que a nossa conversa acabou.

Volto para o quarto, mas uma sensação desagradável bem no fundo do estômago me acompanha. Não sei o que está acontecendo com Nico. Ele sempre foi impulsivo, mas recentemente isso alcançou um nível inédito. Mudar de casa é difícil para as crianças. Tomara que seja só uma fase e que ele logo se recupere e volte a ser o mesmo menino feliz de antes. E pare de socar a cara de outras crianças.

Quando entro no nosso quarto, Enzo está vasculhando a gaveta da nossa mesa de cabeceira com os lábios contraídos.

– Millie – diz ele quando entro. – Você pegou algum dinheiro aqui dessa gaveta?

– Não, por quê?

– Eu tinha deixado 50 dólares aqui. Pelo menos, achava que tinha. Mas agora… sumiu.

– Vai ver a Martha pegou – deixo escapar.

Ele levanta a cabeça.

– Martha?

Ainda me lembro de como a flagrei vasculhando a gaveta da escrivaninha da sala. Se ela estava fuçando aquela gaveta, por que não a do nosso quarto? Eu sabia que deveria ter mandado a mulher embora.

– Ela veio limpar aqui, então…

– Então talvez você deva acusar a Martha. Deu bem certo da última vez, né?

Mais uma falsa acusação contra Martha vai selar o fim da temporada dela aqui. E ela é *mesmo* uma boa faxineira. É muito… eficiente. Trabalha pesado sem nunca reclamar, inclusive daquela vez que deixei louça na pia.

Mas também não a quero aqui se ela estiver roubando nossas coisas. Existem outras pessoas boas de faxina e que *não* roubam seu dinheiro. Além do mais, nunca me sinto totalmente à vontade perto dela.

– Vai ver eu mesmo peguei o dinheiro – diz Enzo, pensativo. – Acho que peguei. É que não tenho certeza.

– Enzo, a gente pode falar sobre o Nicolas?

Ele fecha a gaveta. Espicha o queixo numa expressão defensiva, e já posso ver o rumo que a conversa vai tomar.

– O que tem pra conversar? É uma injustiça.

– Injustiça, nada. Ele socou a cara de um garoto.

Fico incomodada com o fato de isso fazer Enzo sorrir.

– Um garoto que estava sendo cruel com uma menina, que o Nico defendeu. Ele fez bem!

– Ele não deveria andar por aí quebrando o nariz das outras crianças.

– A diretora disse que o nariz não quebrou – lembra ele. De fato, recebemos um e-mail da diretora nos dando essa informação. Graças a Deus, porque não temos como bancar um processo. – Só machucou, certo? Não foi nada.

Também me incomoda que Enzo pareça um pouco decepcionado com o fato de o nariz do menino não ter quebrado.

– A questão não é essa.

– Ele é um menino. É isso que meninos fazem. Eles brigam. Eu fazia isso o tempo todo quando era criança.

– Você socava outras crianças na cara?

– Às vezes.

Certo, bem, é interessante ouvir isso. Não sei se ele está exagerando ou se está mesmo falando sério. Como eu disse, Enzo evitou cuidadosamente falar sobre a vida que levava antes de chegar neste país. Mas de uma coisa eu sei: ele teve que fugir da Itália por quase matar um homem de tanto bater nele. Embora, na opinião de Enzo, o homem merecesse muito.

Apesar disso, sempre considerei meu marido o mais equilibrado de nós dois. Posso ser esquentada, mas ele pensa antes de agir. Quando agrediu o tal homem, não foi num acesso de arrebatamento. O homem era cunhado dele e costumava espancar a irmã de Enzo, até que a matou. Ele encontrou o sujeito, lhe deu uma surra daquelas, em seguida embarcou num avião para LaGuardia na mesma noite. Enzo sabia exatamente o que estava fazendo.

Ele estava se vingando.

– Enzo, ele foi suspenso – lembro. – Isso é grave.

– Uma suspensão no terceiro ano não é nada de mais.

É frustrante Enzo estar se recusando a admitir que foi algo grave. Isso me leva a pensar ainda mais sobre sua juventude e como ele era. Será que de fato costumava se meter em brigas como essa o tempo todo? Talvez sim. Afinal, ele conseguiu agredir o cunhado sem sofrer qualquer lesão. Não se faz isso da

primeira vez que se desfere um soco.

Enzo Accardi é um homem bom. Acredito nisso do fundo do coração. Ele tem cuidado bem da nossa família. Mas me pego pensando cada vez mais no passado dele. Naquilo que fez e naquilo que é capaz de fazer.

VINTE E OITO

Não quero Nico zanzando pela casa. Ele pode estar de castigo, mas também quero que tenha alguma socialização além de acompanhar Enzo em alguns dos seus serviços ou ficar sentado na minha sala no trabalho. Assim, na manhã seguinte, enquanto Nico fica no quarto dele, levo Ada até o ponto de ônibus para poder combinar que ele vá brincar com Spencer.

Conforme esperado, Janice aparece no ponto com Spencer, que está com a coleira firmemente presa à mochila. Ela me dá um aceno de cabeça cordial, embora eu admita que não sou a pessoa preferida dela. Mas pelo menos os meninos são bons amigos.

Depois que as crianças embarcam e o ônibus parte com elas em direção à escola, dou um pigarro e abro meu melhor sorriso para Janice.

– Ei, o que acha de os meninos se encontrarem depois da escola hoje?

Ela bufa.

– Se encontrarem? Millie, você deve estar de brincadeira comigo.

Com base na veemência da resposta, eu provavelmente deveria desistir e pronto. Mas não consigo me conter.

– Por quê?

– Nico foi *suspenso*. – Ela está usando um roupão por cima de uma camisola comprida e o aperta mais em volta do corpo ossudo. – Por ter *brigado*.

– Ele estava defendendo uma menina que estava sofrendo bullying.

Pareço Enzo falando, mas ele de fato tinha um argumento válido.

– Tenho certeza de que sim. – Janice sorri com sarcasmo para mim. – Sinceramente, Millie, mesmo que isso não tivesse acontecido, eu não estava planejando deixar seu filho entrar na minha casa de novo.

– Por que não? Spencer adora ele.

– Spencer é uma *criança*. – Ela empurra os óculos de armação de tartaruga mais para cima do osso do nariz. – Eu não gostei de como o Nico se comportou na minha casa. Ele é muito mal-educado. E achei ele extremamente agressivo. Não me espanta nem um pouco ter socado outro menino.

Por mais que eu deteste ouvi-la falar assim do meu filho, parte de mim quer tirar mais informações de Janice. O que Nico andou fazendo na casa dela que Janice considerou tão inaceitável assim? Será que tem mais alguma coisa com a qual eu deva me preocupar? Apesar de meio estranha, ela é muito observadora, isso eu reconheço.

– Detesto dizer, mas é isso que acontece com quem sai pra trabalhar e deixa os filhos sozinhos o dia inteiro – acrescenta ela. – Existe um preço a se pagar por ter uma carreira quando também se está tentando ser mãe.

– Nico é um bom menino – digo entredentes. – É que a mudança foi difícil pra ele, só isso.

– Não tenho tanta certeza em relação a isso – retruca ela. – O comportamento dele tem sido repreensível. E, sendo muito franca, tampouco aprovo o comportamento do seu marido.

– Do Enzo? O que ele fez de errado?

– Você não acha *perturbadora* a frequência com que seu marido visita a Suzette? – Os olhos dela encontram os meus por cima do aro dos óculos. – E eu desconfio que isso seja mais frequente do que você pensa.

Meu rosto fica quente. Como ela se atreve a sugerir que meu marido está tendo um caso?

– Ele está ajudando a Suzette com o quintal, assim ela recomenda o nome dele para pessoas que acabaram de comprar casas. Não tem nada de mais.

– Ajudando com o quintal *dentro da casa dela*? Quando o marido dela não está?

Detesto o modo como um sorriso se espalha pelos lábios de Janice quando ela se dá conta de que suas palavras enfim atingiram o alvo.

– Você está enganada.

– Não estou, não – insiste ela. – Eu vejo pelas janelas, Millie.

Olho na direção do número 12. Nesse exato instante, Suzette sai de casa usando um robe curto e decotado. A julgar por ela e Janice, eu fui a única que decidi me vestir hoje de manhã. Suzette pega sua correspondência na caixa de correio ao lado da porta de casa e acena para nós. Janice acena de volta, e não sei como me forço a fazer o mesmo. Fico prendendo a respiração até Suzette entrar em casa outra vez.

Quando volto a olhar para Janice, ela está com um sorrisinho de sarcasmo estampado no rosto. Minha vontade é arrancá-lo dali com um tapa.

– Então você… o quê? Passa o dia inteiro de olho na rua, é isso? – pergunto. – Espionando as outras duas casas?

– Alguém precisa fazer isso – dispara ela de volta para mim. – Talvez fosse melhor que você fizesse o mesmo.

Acompanho o olhar de Janice, que está direcionado para a frente da minha casa. A porta da frente se abre, e meu marido sai para pegar a correspondência. Ainda está com a calça do pijama, mas sem camisa. Ele nos lança um largo sorriso e acena, e tudo em que consigo pensar é: *Por acaso ele iria morrer se colocasse uma camisa?*

– Afinal de contas – diz Janice para mim –, *ela* também está de olho.

VINTE E NOVE

Não acredito que esqueci o celular em casa. Isso é uma prova do quanto ando esgotada. Meu celular vive praticamente grudado na minha mão, mas mesmo assim percorri o caminho quase inteiro até o trabalho antes de me dar conta que o tinha esquecido. Fico pasma por ter feito isso. É mais ou menos como vir trabalhar sem blusa.

Gasto alguns minutos pensando se vale a pena voltar para pegá-lo. Nico voltou a ir à escola esta semana, e se eu ficar sem celular vou passar o dia inteiro preocupada com a possibilidade de que esteja acontecendo alguma coisa sem eu saber. Então, dou meia-volta com o carro e volto para pegá-lo em casa. Felizmente, minhas reuniões só começam às dez e o trânsito está tranquilo.

Consigo chegar em casa em vinte minutos, um tempo recorde, e entro pela garagem. Como Martha está fazendo faxina hoje, isso quer dizer que a casa está tomada pelo cheiro do produto de limpeza cítrico que ela usa. Martha começou a trazer os próprios produtos, e eu adoro o cheiro que eles têm. Deveria perguntar onde ela os compra para futura referência.

Preciso admitir que Martha é incrível. Ainda não estou convencida de que não é um ciborgue, mas fico grata por Enzo ter insistido que a contratássemos. Fico grata também por ele ter me convencido a não a mandar embora.

Verifico a cozinha e a sala, mas não vejo nem sinal do meu celular. Se Enzo estivesse em casa, eu pediria para ele me ligar, mas pelo visto não há ninguém exceto Martha. Dá para ouvi-la no andar de cima, passando o aspirador. De

repente, me lembro de ter reparado que meu telefone estava com pouca bateria e de tê-lo deixado plugado no carregador da mesinha de cabeceira enquanto me vestia. Ainda deve estar lá.

Subo a escada, e assim que chego no alto o aspirador para. Sigo o corredor até meu quarto, os sapatos sem salto quase silenciosos no carpete, e mal consigo distinguir o ruído de uma gaveta se abrindo. Fico parada, pensando por que Martha está abrindo uma gaveta. Como eu mesma lavo as roupas, não é algo que seja da alçada dela. O que ela poderia estar precisando pegar dentro de uma gaveta?

Apresso o passo, mas tento evitar os pontos em que aprendi que as tábuas do piso tendem a ranger. Chego na suíte principal e, fazendo o menor ruído possível, olho lá dentro.

Martha está no quarto, conforme esperado. Uma das gavetas da minha cômoda está aberta, e ela está espiando lá dentro. Prendo a respiração ao vê-la pegar a caixa de joias que guardo na gaveta. Ela abre a tampa e, diante dos meus olhos, pega um colar e o enfia no bolso da calça.

Uau. Não sei se acreditaria se não tivesse visto com meus próprios olhos.

– Com licença! – digo, alto.

Martha dá um pulo para longe da cômoda, largando a caixa de joias lá dentro outra vez ao mesmo tempo que fecha a gaveta com força.

– Ah! Oi, Millie. Eu… não sabia que você ainda estava em casa!

Ela vai mesmo tentar fingir que não acabou de roubar um colar da minha gaveta?

– Eu vi o que você fez. Vi o que você pegou.

Martha sempre parece inteiramente calma e controlada, mas não agora. Seus olhos cinza-claros se movem de um lado para outro do quarto.

– Não sei do que você está falando. Estou só dobrando as roupas pra você. Achei que seria bom organizar suas gavetas.

Ah, tá.

– Esvazia os bolsos.

– Millie, você lembra como estava enganada em relação ao vaso? – diz ela. – Eu jamais…

– *Esvazia os bolsos*.

Martha endireita os ombros.

– Eu não preciso tolerar que falem comigo assim. Pode considerar que estou pedindo as contas.

Ela começa a passar por mim de cabeça erguida. *Peraí um instantinho*. Antes que consiga sair do quarto, entro na sua frente para impedi-la de passar.

– Martha, juro por Deus. Eu te vi enfiar meu colar no bolso, e você não vai sair desta casa antes de eu pegar ele de volta.

Martha é uns 5 centímetros mais alta do que eu e pesa pelo menos 15 quilos a mais. No entanto, sou mais jovem e ágil, e mais importante: estou disposta a brigar feio se for preciso. Meu filho não é o único que sabe desferir um soco. Vou pegar meu colar de volta de qualquer jeito.

O olhar dela me percorre de alto a baixo, e Martha leva um minuto para entender que estou falando muito sério. Sem dizer nada, leva a mão ao bolso e retira o colar cravejado de minúsculos diamantes, que Enzo me deu de aniversário dois anos atrás. Na verdade, são zircônias, e o colar não vale grande coisa exceto do ponto de vista sentimental… o que já é muito.

– Desculpa – balbucia ela. – Estava só pegando emprestado pra…

– Sai daqui.

Ela limpa as mãos trêmulas na calça engomada. Assim de perto, os vincos do rosto dela são mais marcados do que eu pensava, e pela primeira vez percebo fios grisalhos escapulindo do coque recatado.

– Você vai… vai contar pra Suzette o que aconteceu?

– Pode ser que sim.

Dizer a Suzette que a faxineira dela foi pega roubando me daria algum grau de satisfação. Só Deus sabe por que Martha decidiu roubar de mim, quando tudo que Suzette possui é melhor do que qualquer coisa que eu tenha.

Ela leva alguns instantes para recuperar a compostura e, quando fala de novo, sua voz não vacila.

– Se você contar pra ela de mim, eu conto de *você*.

Sinto uma veia latejar na têmpora.

– De *mim*?

– Suzette ficaria muito interessada em saber que a nova vizinha é uma ex-presidiária.

Dou um passo para trás, com o coração aos pulos. Minha pressão arterial deve estar um bilhão por um milhão. Então na verdade não foi minha

imaginação outro dia, quando achei que ela tivesse enfatizado a palavra "criminosa". Seja lá como for, Martha sabe tudo sobre meu passado sombrio.

– Como você descobriu? – consigo perguntar.

– Não precisa se preocupar – diz Martha com uma voz tão calma que é de enlouquecer qualquer um. – Ninguém mais vai saber seu segredo. A não ser que você fale com a Suzette a meu respeito.

Detesto o fato de ela estar me chantageando assim, mas preciso dançar conforme a música. Que escolha eu tenho? Se ficar sabendo sobre o meu passado, Suzette vai contar para *todo mundo*. Nem sequer consigo imaginar o constrangimento nas reuniões de pais e professores.

E se as crianças ficarem sabendo? Seria um horror. Não quero que saibam do meu passado. Não antes de terem idade suficiente para entender, e talvez nem assim.

– Tá bom – sibilo para ela. – Não vou contar pra Suzette.

– Que bom que a gente se entendeu – diz Martha num tom categórico.

Minha faxineira passa roçando por mim, esbarrando no meu ombro ao seguir na direção da escada. Eu a sigo escada abaixo e até a porta da frente, só para me certificar de que vai sair sem roubar nem destruir nada. É só quando ela gira a maçaneta que reparo: as mãos dela estão tremendo.

TRINTA

– Você mandou ela embora?

Enzo parece surpreso quando lhe conto o ocorrido com Martha mais cedo, enquanto estou fazendo o jantar. Como minha *pasta alla Norma* de semanas atrás não foi nenhum sucesso retumbante, estou fazendo macarrão com queijo pela enésima vez, porque as crianças com certeza vão comer. É mais fácil assim.

– Ela estava *roubando* da gente – argumento. – Eu deveria ter feito o quê? Dado um aumento pra ela?

Ele pega alguns pratos no armário ao lado da pia. Enzo não é grande coisa como cozinheiro, mas está sempre disposto a pôr a mesa e colocar a louça na máquina depois.

– Estou só dizendo que ela tinha um bom emprego aqui. E com a Suzette e o Jonathan. Por que iria roubar?

– Sei lá – respondo, irritada. – Você acha que eu sei como funciona a psicologia de uma ladra? Vai ver ela é cleptomaníaca.

Ele sorri para mim.

– Ela nunca tentou me encurralar no quarto.

– Eu não disse *ninfomaníaca*. Meu Deus do céu. – Reviro os olhos. – Falei *clepto*maníaca. Aquelas pessoas que têm compulsão por roubar.

– Isso existe?

– Li sobre isso na minha aula de psicologia.

– Tá…

Ele pega um punhado de talheres na gaveta, embora jamais, em tempo algum, pareça pegar os talheres certos. Alguém sempre acaba com dois garfos em vez de um garfo e uma faca. Não sei direito como ele consegue. Mesmo que erre ao tirar os talheres da gaveta, como não repara quando põe a mesa?

– E aí, você pagou a última diária dela?

– Enzo. – Eu me viro de costas para meu macarrão com queijo que borbulha na panela e o encaro. – Ela *roubou* da gente. Pegou o colar que você me deu, e provavelmente pegou aquele dinheiro que você tinha deixado na gaveta ao lado da cama.

– Eram só 50 dólares.

Não contei para Enzo o que Martha me disse antes de ir embora. Como ela me ameaçou. Não consigo me forçar a revelar todos os detalhes, e não sei direito por quê. As crianças podem não saber sobre o tempo que passei na prisão, mas Enzo sabe de tudo. Apesar disso, ele não entende por completo a vergonha que sinto desse fato. Não entende por que não quero que as crianças saibam, e é a favor de contar "antes que elas descubram por conta própria".

Enfim, não vou pagar diária nenhuma para uma mulher que roubou de mim e que me ameaçou.

Enzo sempre teve um fraco por mulheres. Talvez por causa da irmã, Antonia, e de como sente que poderia ter evitado a morte dela se a tivesse protegido melhor. Por isso, ele defendeu Nico por ter tomado as dores da tal menina. Enzo não parece achar que mulheres sejam capazes de fazer qualquer coisa ruim, mas em relação a isso ele está redondamente enganado.

Para ser franca, depois de tudo por que nós passamos juntos, ele deveria saber que não é assim.

– Olha aqui. – Inspiro bem fundo. – Eu não sei por que a Martha roubou da gente. Mas isso não importa. A gente já tem problemas financeiros suficientes sem ter alguém nos roubando. Sejam quais forem as questões dela, não consigo lidar com esse assunto agora.

Ele inclina a cabeça de lado.

– Como estava sua pressão hoje de manhã?

– Enzo! A questão não é essa.

Ele deixa a cabeça pender.

– Eu sei. Preciso dar conta de trazer mais dinheiro pra nossa família. Por isso

estou me esforçando tanto em desenvolver meu negócio, aí não vamos mais nos preocupar com isso.

Fico péssima com o quanto ele se recrimina por causa dos nossos problemas financeiros. Não estamos nos virando tão mal assim. Queria que ele não ficasse tão angustiado com isso. E fico preocupada que as crianças acabem escutando e ficando nervosas também… em especial Ada.

– A gente tá se virando bem. – Diminuo o fogo para poder lhe dar um abraço. Ele logo me enlaça, e descanso a cabeça no seu ombro firme. – Você tá fazendo um ótimo trabalho. E aposto que daqui a um ano ou dois vai ficar tudo bem.

– É – murmura ele. – Ou… quem sabe antes.

Não sei do que ele está falando. Embora o negócio de Enzo esteja em expansão, não é algo *tão* rápido assim. Um ou dois anos é uma previsão otimista. Ainda vamos passar no mínimo vários anos contando cada centavo.

Às vezes fico pensando se tudo valeu mesmo a pena.

TRINTA E UM

A família inteira veio assistir à partida de Nico pela liga infantil de beisebol.

Ada em geral não quer vir, mas hoje topou nos acompanhar. Fico feliz que esteja aqui, porque, desde a suspensão de poucas semanas atrás, Nico não tem sido o mesmo de sempre. Só que está bem na cara que Ada não está interessada no jogo, a tirar pelo fato de que está sentada no estádio conosco segurando um livro em edição de bolso no colo. Ada não vai a lugar algum sem um livro na mão.

– Tá lendo o quê? – pergunto a ela.

Os longos cílios escuros dela se agitam. Ada tem a pele escura como a de Enzo, o que não permite ver quando fica encabulada, ao contrário da minha. Mas sempre consigo perceber quando a deixo pouco à vontade.

– Desculpa – diz ela. – Vou guardar.

– Não tem problema. Eu também acho beisebol bem chato. – Meneio a cabeça na direção de Enzo, que está literalmente sentado na pontinha da cadeira acompanhando a partida. Ele adora esportes, mas adora mais ainda ver Nico praticar esportes. – Mas *ele* gosta.

– Estou lendo *Uma estranha com o meu rosto*, da Lois Duncan – diz ela.

– Ah, eu adorei esse livro quando era criança. Na verdade, todos dela.

Sinto uma pontada de tristeza ao pensar na minha infância e em como tudo deu errado. O que poderia ter acontecido se eu não tivesse atacado aquele garoto e acabado matando-o? Mas, pensando bem, agora tenho uma vida boa. Amo

meu marido e tenho dois filhos incríveis. Se precisei suportar algumas (ou *muitas*) dificuldades no caminho até aqui, era assim que tinha que ser e pronto.

Tomo um gole da garrafa d'água que comprei. Estamos só em meados de maio, mas o fim de semana está dando sinais de que vai ser de extremo calor. Meu celular informa que hoje vai passar dos trinta graus. As crianças parecem desconfortáveis e inquietas.

Nico entra para rebater, então cutuco Ada para fazê-la largar o livro. Ele passou o dia inteiro sem conseguir rebater e está com aquela expressão frustrada que assume às vezes. Sabe rebater muito bem, então deve estar se preparando mentalmente ou algo assim. Torço para ele acertar a tacada dessa vez.

O lançador atira a bola bem acima do *home plate*, e ouço um estalo quando o taco acerta. Enzo grita, todo animado. *É isso aí, Nico!* A bola quica uma vez e rola para dentro do campo. Nico joga o taco para o lado e sai correndo em direção à primeira base.

O receptor consegue pegar a bola. Como um relâmpago, ele a lança em direção à primeira base. Nico derrapa na base na mesma hora que o jogador adversário posicionado ali agarra a bola. Cruzo os dedos das mãos e dos pés para ele não ter que ir para o banco, mas o árbitro então balança a cabeça.

– Não. Não! – De repente Enzo está de pé, aos gritos. – O banco, não! Não!

Pelo visto, Enzo acha que a jogada não foi justa, o que não significa necessariamente que tenha sido *injusta*.

Nico também não está nada feliz com a decisão. O outro menino está lhe dizendo alguma coisa, e ele arranca o boné e o joga no chão. Nico está gritando alguma coisa; consigo distinguir a palavra "palhaçada". Prendo a respiração, torcendo para meu filho recuar e voltar até o banco.

E é nessa hora que Nico dá o soco.

Eu já havia percebido que ele tinha uma tendência a se zangar, não é a primeira vez que Nico se irrita em partidas da liga infantil. Mas nunca o tinha visto ficar violento antes. Ele dá um soco em cheio na barriga do menino da primeira base, e o pobre garoto cai no chão com força. Sinto um aperto no coração ao ver isso acontecer e me levanto às pressas.

Enzo também vê tudo. Ele congela e fica subitamente calado. Defendeu Nico em relação ao que aconteceu no recreio, mas é difícil fazer o mesmo agora. Aquele menino não fez nada de errado, e Nico lhe deu um soco.

Não entendo grande coisa de italiano, mas posso ver que Enzo está praguejando entre os dentes.

– Millie. – Ele se vira para mim, com o cenho franzido. – Nicolas acabou de socar aquele menino.

– Eu vi.

– *Cazzo* – resmunga ele. – Onde ele está com a cabeça? A gente precisa tirar ele daqui.

Ambos descemos até o campo. O outro menino está caído no chão, aos soluços. Nico está de pé ao lado dele, ofegante. O técnico, um homem chamado Ted, que também é pai de um dos outros meninos, não parece nada contente. Ele está com duas rodelas de suor nas axilas e não parece gostar muito de ficar ali no calor e agora ter que lidar com o fato de meu filho ter socado outro menino.

– Vocês precisam tirar ele daqui – diz Ted para Enzo com seu sotaque de Long Island carregado. – Nós temos uma política de tolerância zero em relação a violência entre os garotos.

– Eu sinto muito mesmo – diz Enzo. – Isso nunca mais vai acontecer.

– Não vai mesmo. – Ted ergue as mãos. – Foi mal, Enzo, mas ele tá fora do time.

Enzo abre a boca para protestar, mas então torna a fechá-la. Defendeu Nico na sala da diretora, mas agora é diferente. Ele viu o que aconteceu. Nico socou o outro menino *sem motivo*.

Em vez disso, o que Enzo faz é se virar para nosso filho, que está parado na borda do campo chutando o chão com o tênis.

– Vem – diz ele. – Vamos pra casa agora.

TRINTA E DOIS

Não conversamos muito no carro, em parte por Ada estar presente. Quem está dirigindo é Enzo, e as articulações de seus dedos no volante estão brancas. Toda vez que olho por cima do ombro, Nico está olhando pela janela. Ele nem sequer parece chateado por ter sido expulso do time poucas semanas antes do fim da temporada. É como se nem tivesse importância.

O que há de errado com meu filho?

Quando entramos em casa, Enzo manda Nico ficar na sala. Nico afunda no sofá e estende a mão para o controle remoto, mas Enzo faz que não com a cabeça.

– Nada de tevê – diz ele. – Você fica aqui sentado quieto. Eu vou ali conversar com a sua mãe.

Sigo meu marido até a cozinha, e ao entrar ele se vira e fica de frente para mim. Inspira, trêmulo.

– Tá, aquilo não foi muito legal.

– Você acha? – esbravejo.

– Ele é um bom menino – insiste Enzo. – Está só…

– Ele acabou de socar a barriga de outro menino sem motivo.

– Não foi sem motivo. A jogada valeu! Não era pra ele ir pro banco!

Cerro os dentes.

– Isso não importa, e você sabe. Não se soca outro menino só porque não gostou do que o árbitro disse.

– Ele tava chateado…

– Ele tem 9 anos, não 3. Isso é inaceitável.

– Meninos são agressivos. – Ele corre uma das mãos pelo farto cabelo preto. – Isso é um comportamento normal de garoto. Brigar é bom pra ele.

Encaro meu marido, estupefata. Considerando a reação que ele teve no jogo, estava torcendo para estarmos enfim sintonizados em relação ao fato de Nico ter brigado, mas obviamente não é o caso. O fato de o comportamento de nosso filho ter lhe valido tanto uma suspensão quanto uma expulsão do time da liga infantil é um sinal de que as coisas estão fora de controle. Mesmo assim, Enzo segue defendendo o que ele fez.

– Isso não é um comportamento normal pra um menino – afirmo, com firmeza.

Enzo passa um minuto calado. Quero que ele concorde comigo que socar outras crianças não é um comportamento razoável para um menino e me incomoda que não esteja ao meu lado nisso. Enzo sempre parece ter um comportamento muito controlado, especialmente em comparação comigo. Eu nunca o vi desferir um soco, mesmo quando a pessoa mereceu.

Mas ele já fez isso, é fato. Seus punhos são o motivo pelo qual ele está neste país, para começo de conversa.

– Me diz uma coisa, era assim que *você* se comportava quando tinha 9 anos? – pergunto.

Mais uma vez, ele hesita. Então responde:

– Sim, eu trocava uns socos quando era menino. Às vezes, sim. Não era uma coisa ruim. É assim que se fica forte.

Essa *não é* a resposta correta.

– Tá, tá bom. – Ele balança a cabeça. – Aqui nos Estados Unidos é diferente. Agora entendo isso.

Apesar de não estar cem por cento certa de formarmos uma frente unida, saímos da cozinha e voltamos para a sala, onde Nico está sentado no sofá. Ele está recostado nas almofadas encarando uma rachadura no teto. Vira a cabeça para o lado quando entramos.

– Estou de castigo outra vez? – pergunta.

Ele já ficou de castigo. Estava de castigo até literalmente cinco minutos atrás. Isso não pareceu fazer a menor diferença. Eu me sento ao lado dele no sofá e

Enzo ocupa a cadeira logo ao lado.

– Nico, você precisa aprender a se controlar – digo. – O que fez hoje foi muito errado. Você sabe que foi, não sabe?

– Desculpa – diz ele, embora na realidade não soe muito arrependido. – Grayson estava sendo babaca.

– Não importa se ele for o maior babaca do mundo. Você não pode bater nele.

– Tá.

Fico perturbada por Nico não parecer mais abalado com tudo que aconteceu. Por que ele não está chorando? Por que não está implorando por perdão? Não seria o normal para um menino de 9 anos que fez uma coisa errada?

Olho para Enzo para tentar avaliar se ele acha que isso parece normal e tenho certeza de que, se eu lhe perguntasse, ele diria algo como "meninos não choram".

Mas tem alguma coisa errada. Nos últimos tempos, Nico simplesmente se tornou muito…

Frio.

– Qual vai ser o meu castigo? – pergunta ele, como se estivesse impaciente para acabar logo com aquilo.

– Bom, você está fora do time – diz Enzo. – Então acabou o beisebol.

Nico dá de ombros.

– Tá bom.

Enzo parece espantado com essa reação casual à proibição de jogar beisebol. Os dois costumavam treinar todos os dias. Nico costumava implorar por isso. *Quando é que o pai vai chegar? A gente precisa treinar!*

– E nada de tela por um mês – acrescenta Enzo.

Nico assente. Está na cara que já esperava por isso.

– Pronto? Posso ir?

– Pode – diz Enzo.

Nico não perde um segundo sequer. Dá um pulo do sofá e sobe correndo a escada para o quarto. Entra e bate a porta, um gesto que exprime grande angústia para um menino de 9 anos.

Enzo está encarando a escada que Nico acabou de subir. Sua expressão é inescrutável. Mas ele não parece feliz.

– Acho que a gente talvez devesse pensar em colocar ele na terapia.

Enzo me encara, sem entender.

– Terapia?

– Psicoterapia – esclareço.

Ele arregala os olhos como se eu tivesse acabado de sugerir jogarmos nosso filho do telhado para ver se ele consegue voar.

– Não. *Não*. Que coisa mais ridícula. Ele não precisa disso.

– Pode ser que ajude.

– Ajudar com o quê? – Enzo joga os braços para o alto. – Ele tá só se comportando como um menino normal. O problema é esse monte de regras americanas rígidas. O Nico tá bem. Ele está *bem*.

Não consigo argumentar com Enzo quando ele está agindo assim, mas ele está errado. Infelizmente, acho que tem algo errado com Nico que não vai melhorar sem ajuda profissional. E receio que, somando eu e meu marido, Nico tenha herdado uma combinação de genes que lhe deu uma propensão à violência muito mais forte do que em outras crianças da idade dele.

Assim, depois de terminar o jantar, quando as crianças já subiram para dormir e eu consigo alguns instantes sozinha, a primeira coisa que pesquiso no Google é: "Meu filho é um psicopata?"

Por incrível que pareça, há vários posts sobre o assunto. Pelo visto, não sou a única mulher cujo filho está tendo problemas. Um site apresenta uma lista de características comuns encontradas em crianças com tendência à psicopatia. Corro os olhos pela lista e vou ficando cada vez mais preocupada.

Falta de culpa após um mau comportamento. Nico mal se desculpou depois de socar os dois meninos. Não pareceu nem um pouco abalado com o que fez.

Mentiras constantes. Ele antes nos avisava quando quebrava alguma coisa em casa, mas não disse nada sobre ter quebrado o vaso antes de o confrontarmos. E tenho a sensação de que há mais coisas que não está nos contando.

Crueldade com animais. O que aconteceu com o tal louva-a-deus? Depois de alegar que amava o bicho, ele de repente o jogou na privada.

Comportamento egoísta e agressivo. Bom, o que é mais agressivo do que dar um soco na barriga de um menino por não ter sido validado na primeira base?

Pode ser que Enzo não esteja preocupado, mas eu estou. E fico me sentindo pior ainda ao imaginar que existe uma chance de ele ter herdado algumas dessas tendências de mim. Quer dizer, não me considero uma psicopata, mas não fui

presa por ter colhido margaridas.

Vou esperar a poeira baixar, mas me recuso a não tomar nenhuma atitude. Se meu filho precisar ser salvo de si mesmo, eu vou salvá-lo.

TRINTA E TRÊS

Estou voltando para casa do ponto de ônibus quando Suzette sai pela porta da frente para pegar a correspondência. Ela deve estar de saída em breve para ir mostrar algum apartamento, pois está muito bem-vestida: usa um terninho de saia e paletó e sapatos de salto vermelhos tão altos que eu cairia de cara no chão se tentasse usá-los. O cabelo está tão perfeitamente penteado que quase parece de plástico. Ela me dá um aceno, e é difícil sorrir ao acenar de volta, mas me forço. Não estou com disposição para Suzette, então quando ela desce os degraus da frente para vir falar comigo quase saio correndo. Só que ela é bem rápida e, antes de eu conseguir chegar à minha porta, Suzette já me ultrapassou.

– Millie! – exclama ela. – Como vai?

– Tudo bem. E você?

Quando Suzette alisa o cabelo, reparo numa pulseira cravejada de brilhantes que cintila ao sol no pulso dela. A peça se parece com o colar que Martha tentou roubar de mim, só que o *dela* deve ser de diamantes de verdade, suponho. Espero que Suzette esteja guardando essa pulseira num lugar seguro.

– Bela pulseira – comento.

– Obrigada. – Ela olha para a joia. – Foi presente de uma pessoa muito especial. E eu adorei o seu… – Ela me percorre com o olhar, obviamente se esforçando para achar algo em mim que possa elogiar. – Você emagreceu? Seu rosto não parece mais tão inchado.

Pelo visto isso é o melhor que ela consegue fazer. Além do mais, não acho

que tenha emagrecido. Estou tão inchada quanto sempre fui.

– Pode ser. – É tudo que digo.

– Enfim, eu estava mesmo querendo falar com você – diz Suzette.

– Ah, claro. O que foi?

Ela me abre um sorriso branco ofuscante. Fico pensando se fez clareamento dental.

– Então, é o seguinte: na véspera de o caminhão de lixo passar, você se importaria de pôr seu lixo pra fora um pouquinho mais tarde à noite?

Fico encarando Suzette.

– Como assim? Nico só tira o lixo depois do jantar.

– Certo – diz ela. – E vocês devem jantar bem cedo. Mas quando *nós* estamos jantando dá pra ver o lixo na frente da sua casa. E ele fica lá a noite inteira, de sete da noite até o dia seguinte. – Ela dá uma fungada. – Sério, Millie, é *desagradável*.

– Você comentou sobre isso com o Enzo? – pergunto.

Ela parece falar com ele o tempo todo, então não entendo por que está falando *comigo* sobre isso.

– É que o Enzo parece muito ocupado. Eu não queria incomodar ele com algo assim tão trivial.

– Tá…

– Além do mais, quem cuida do lixo é o Nico, não? Imaginei que as crianças fossem mais o seu departamento.

Por algum motivo, Suzette supõe que eu seja uma dona de casa dos anos 1950. Mas não estou com disposição para entrar nesse mérito com ela.

– Certo – resmungo. – A que horas você gostaria que ele tirasse o lixo?

– Bom, não antes das onze, com certeza.

– Ele vai dormir às dez – digo entredentes. – Ele tem *9 anos*.

– Ah. – Ela batuca o queixo. – Então quem sabe *você* devesse tirar o lixo?

Ela *com certeza* está de brincadeira. Fico tentada a dizer para a mulher onde ela pode enfiar a tal lata de lixo, mas nesse exato instante uma caminhonete para em frente à minha casa. Um homem com um bigodão desgrenhado e uma barriga de chope salta do veículo com uma expressão azeda no rosto. Levo um segundo para reconhecê-lo: é o encanador que veio à nossa casa alguns dias atrás. Eu o chamei para consertar a privada de baixo, cuja descarga estava levando

cerca de uma hora para descer. Enzo ficou insistindo que conseguiria consertar aquilo e que não precisávamos de ajuda profissional, mas parecia que toda vez que ele tentava mexer a descarga passava a levar dez minutos a mais. Eu nem disse para ele que tinha chamado o encanador. Ele acha que a descarga ficou boa sozinha, como num passe de mágica.

– Ei! – O encanador, cujo nome agora me escapa completamente, vem vindo pela calçada até onde estou parada com Suzette. – Eu vim aqui fazer um trabalho, e vocês me deram um cheque sem fundo!

Como é que é?

– Eu… Foi mesmo? – gaguejo.

Não sei como é possível uma coisa dessas. Eu controlo cada centavo que entra e sai da nossa conta. Não temos muito dinheiro sobrando, mas tenho certeza de que tínhamos o suficiente para cobrir o cheque de 300 dólares que eu fiz para o encanador.

O encanador não é um homem pequeno. Tem bem mais de 1,80 metro, muito mais do que eu, e sou obrigada a dar um passo para trás quando ele chega mais perto.

– Com certeza, dona! – rosna ele.

Suzette parece estar achando graça na cena. Por que ela não volta para a própria casa? Que *constrangimento*.

– Sinto muito. Achei que tivesse dinheiro suficiente na conta pra cobrir. Eu posso… O senhor aceita cartão?

– Não – retruca ele. – Eu disse isso quando consertei sua privada: só dinheiro ou cheque. E agora pra senhora é só dinheiro.

Bom, isso é um problema. Eu não tenho 300 dólares em dinheiro vivo assim dando sopa. Com sorte, devo ter 40 dólares na carteira. Enzo já saiu para trabalhar, mas ele tampouco anda com muito dinheiro.

– Hum. Se o senhor puder esperar, eu vou até um caixa eletrônico.

O encanador arregaça as barras da calça e se posta com firmeza na calçada em frente à minha casa.

– Dona, eu não vou arredar um passo daqui até receber.

– Sabe de uma coisa? – entoa Suzette. – Talvez eu tenha algum dinheiro em casa. Me deem um minuto.

Ela volta a entrar correndo na casa, caminhando com admirável facilidade

naqueles saltos de 10 centímetros. Um minuto depois, irrompe pela porta da frente trazendo um maço de notas. Ela as estende para o encanador, que na mesma hora começa a contá-las.

– Está tudo aí – assegura Suzette.

O encanador termina de contar o dinheiro e assente para ela.

– Está, sim, moça bonita. – Ele inclina o boné encardido na direção dela. – Muito agradecido.

Ele ainda me lança um último olhar zangado antes de subir de novo na caminhonete. Tenho quase certeza de que não vou mais poder chamar esse encanador. Tomara que Enzo consiga ficar melhor em consertos hidráulicos.

Suzette fica observando o encanador ir embora, então se vira para mim com uma expressão de expectativa. Sei o que ela quer e vou ter que atender sua vontade.

– Muito obrigada, Suzette. Eu… prometo pagar cada centavo.

– Ah, sem pressa. – Ela brinca com a pulseira de brilhantes no pulso, que cintila ao sol. – Para ser sincera, Jonathan e eu temos mais dinheiro do que conseguimos usar. Você nem imagina o quanto pagamos de imposto!

Isso, esfrega na minha cara. Não quero que Suzette me considere uma pé-rapada qualquer que vive acumulando dívidas pela cidade. E a ideia de dever qualquer coisa para ela me desagrada em especial. Tecnicamente, nunca pagamos a janela quebrada, mas isso foi diferente, porque Nico concordou em fazer pequenos serviços. Vou pagá-la hoje mesmo, se puder.

Só que… será que eu posso? Achei que tivéssemos dinheiro mais do que suficiente na conta para cobrir o cheque do encanador, mas pelo visto, não. Aonde foi parar o dinheiro? Enzo e eu sempre conversamos sobre compras grandes. Ele não teria simplesmente pegado o dinheiro sem me dizer.

Ou teria?

TRINTA E QUATRO

Depois que o encanador vai embora, acesso o computador para verificar minha conta no banco.

Alguns dias atrás, estávamos com mais de mil dólares na conta. Fico olhando para a tela enquanto espero para confirmar que o dinheiro está todo ali, mas sinto um peso no coração quando o saldo aparece na tela: 213 dólares.

Que diabos está acontecendo? Estão faltando uns mil dólares na nossa conta. E não somos tão ricos quanto nossos vizinhos, ou seja, essa não é uma quantia que possamos simplesmente desconsiderar.

Acesso o histórico de transações. De fato, vejo um saque de mil dólares de alguns dias atrás. É de se presumir que seja esse o culpado. Mas quem sacou esse dinheiro da nossa conta? Com certeza não fui eu. E não consigo imaginar Enzo fazendo uma coisa dessas sem comentar nada comigo.

Estou me atrasando para o trabalho, mas isso é bem mais importante. Se alguém tiver roubado dinheiro da nossa conta bancária, preciso tomar alguma providência o quanto antes. Assim, ligo para a gerente do banco e acabo aguardando quinze minutos, sem parar de consultar o relógio. Mando uma mensagem de texto para um de meus colegas, pedindo que me substitua numa reunião que com certeza vou perder.

– Alô, aqui é Serena, do serviço de atendimento ao cliente – entoa uma voz feminina animada.

– Olá. – Pigarreio. – Preciso da sua ajuda com relação a uma quantia que

sumiu da minha conta.

– Ai, puxa – diz Serena. Concordo veementemente com o tom de pesar dela. – Deixa eu ver aqui o que consigo descobrir para a senhora.

Preciso lhe passar todos os meus dados, então fico esperando enquanto ouço o ruído de teclas ao fundo. Depois, *mais* teclas. E depois espero um pouco mais.

– Desculpe, o sistema está lento hoje – fala Serena, jovial. – É que hoje está sendo um dia daqueles, sabe como é?

Não estou com disposição para jogar conversa fora enquanto tento entender por que está faltando dinheiro na minha conta bancária.

– Aham.

– Ah, aqui está! – diz ela, triunfante. – A retirada foi feita dois dias atrás por Enzo Accardi, que também é titular da conta. É o seu marido?

– É, mas… – Franzo o cenho. – O meu marido não…

Será?

– Ele está dizendo que não retirou o dinheiro? – pergunta ela.

– Não. Quer dizer, eu só… pensei que ele fosse me contar. Mas…

Serena parece ficar sem saber o que dizer. Imagino que dramas familiares não façam parte do seu trabalho.

– Ah.

– Obrigada pela ajuda – balbucio. – Acho que… é melhor eu ter uma conversa com meu marido. Ele deve… Vai ver esqueceu de me falar.

– Tenho certeza de que deve ser isso – diz ela com uma voz bem condescendente. – Ajudo com mais alguma coisa?

Sim: pode me dizer por que meu marido sacou um monte de dinheiro da nossa conta sem me avisar.

Desligo o telefone e passo quase um minuto encarando a tela do computador. Estou extremamente atrasada para o trabalho agora, mas não vou conseguir me concentrar em mais nada antes de ligar para Enzo e perguntar a ele o que aconteceu com o dinheiro. E não tenho certeza de por que pensar em fazer isso me incomoda tanto. Eu *confio* nele. Se ele tirou o dinheiro da conta, foi por um bom motivo.

Por fim, seleciono o nome dele nos meus favoritos. Quando está trabalhando, ele costuma não atender ao celular, mas desde o incidente com a suspensão de Nico tem atendido na hora.

– Millie? – diz ele. – O que houve?

Como é raro eu telefonar durante o dia, ele entende que esse não é um telefonema casual.

– Sumiu um dinheiro da nossa conta no banco.

Eu esperava escutar um monte de palavrões em italiano, mas o modo como ele fica em silêncio confirma que a notícia não é novidade. E tampouco deveria ser para mim, já que Serena tinha me confirmado essa informação.

– Passei um cheque de 300 dólares – continuo depois que ele não emite nenhum comentário. – E o cheque *foi devolvido*.

– Ah. – Ele respira fundo. – E o que aconteceu?

– Suzette me emprestou o dinheiro.

– Ah, que bom.

– Então liguei pro banco pra entender onde o dinheiro foi parar – continuo. – E eles me disseram que você sacou mil dólares.

Mais silêncio. Ele não pretende facilitar as coisas para mim.

– Então… você sacou mesmo?

Faz-se outro silêncio prolongado.

– Saquei – admite ele por fim.

– Tá. Me parece muito dinheiro pra sacar da nossa conta conjunta sem me avisar.

– É… – Ele passa mais alguns segundos calado, e não consigo deixar de pensar que parece estar enrolando enquanto inventa uma desculpa. – Foi mal – diz enfim. – A gente estava apertado este mês, e precisei do dinheiro pra substituir um equipamento que quebrou. Achei que fosse colocar o dinheiro de volta na conta antes de você perceber. Vou fazer isso amanhã.

– Um equipamento que quebrou? – repito.

– É. Precisei de um aerador de gramado e de um tratorito novos. São equipamentos caros.

Juro, às vezes acho que ele simplesmente está inventando essas palavras. Mas acho que parece uma desculpa razoável, então resolvo acreditar nele. Faz sentido que, se o equipamento quebrou, ele tenha precisado substituí-lo na hora.

É melhor do que a alternativa, ou seja: que meu marido está mentindo para mim.

TRINTA E CINCO

Nico está saindo de casa de fininho.

Ou pelo menos é o que parece quando ouço a porta dos fundos se abrindo numa tarde ensolarada de sábado. Graças a Deus nunca nos demos o trabalho de lubrificar as dobradiças, porque ouço aquela porta abrindo e fechando até do outro lado da cidade. Largo meu livro de lado e chego à porta dos fundos bem a tempo de surpreender Nico antes de ele sair.

– Com licença, mocinho. – Pigarreio. – Aonde você pensa que vai?

Ele ergue o rosto para mim sem nenhum pingo de culpa.

– Pra casa do Spencer. Você disse que eu podia ir sempre que quisesse.

Eu disse mesmo. Mas achava que ele tivesse sido banido da casa de Janice.

– E a mãe do Spencer disse que tudo bem? – pergunto.

– Ela disse que sim, contanto que a gente fique no quintal dos fundos.

Fico aliviada. Detestei quando Janice disse que Nico não podia brincar com o filho dela, então fico satisfeita que ele tenha caído nas graças dela de novo. Pelo visto, está proibido de entrar na casa imaculada de Janice, mas essa parte é compreensível.

– Então tá. Mas volta a tempo de jantar.

Nico assente e sai apressado em direção à casa do amigo. De tão focada que estava na fuga iminente do meu filho, eu não tinha reparado no meu marido no canto do quintal dos fundos. Não que seja anormal ver Enzo no quintal, uma vez que é seu lugar preferido, mas é que ele não está trabalhando. Em vez disso, está

no celular, falando baixinho, com um esboço de sorriso nos lábios.

Com quem será que ele está falando?

Aceno para chamar sua atenção. Ele pisca algumas vezes ao reparar em mim e o sorriso desaparece por um instante do rosto, mas ele se recupera depressa e retribui meu aceno. Ainda murmura mais algumas palavras ininteligíveis no celular e então guarda o aparelho no bolso da calça jeans gasta.

– Millie. – Ele atravessa correndo o gramado para vir falar comigo. – Tenho ótimas notícias.

– Ah, é?

– É, sim! Um cliente em potencial com duas propriedades grandes que precisam de jardinagem. Um serviço bem grande. É muito bom.

Olho para o celular que desponta do bolso dele.

– Estava falando com o cliente?

– Estava. – Ele hesita. – Bom, não. Não exatamente. Eu tava falando com a Suzette. Os clientes… são amigos dela. Ela quer que eu encontre com eles amanhã.

– Ah… – Eu estava torcendo para o dia seguinte ser em família. – Onde vai ser a reunião?

Ele hesita mais alguns instantes.

– É uma reunião informal. Numa praia particular.

Alarmes começam a tocar no fundo da minha mente.

– Uma reunião na *praia*? Suzette vai estar lá?

– Bom… vai. São amigos dela.

Nenhuma parte dessa história me agrada. Em primeiro lugar, Enzo está se esquivando de um dia em família. Em segundo, uma reunião de trabalho *na praia*? E, em terceiro, não quero ele sozinho na companhia de Suzette de biquíni. Especialmente depois daquele sorriso no rosto dele enquanto estava falando com ela.

Um pensamento passageiro me vem à mente. No outro dia, quando o encanador apareceu para cobrar o pagamento, Suzette estava usando uma pulseira nova com cara de ter custado bem caro e me disse ter sido um "presente". Ao mesmo tempo, mil dólares sumiram de repente da nossa conta bancária. Seria possível Enzo ter usado esse dinheiro para comprar um presente para Suzette?

Não, não acredito nisso. Ele não seria capaz.

Ainda assim…

– Se você vai à praia amanhã, tem que levar as crianças. A família toda.

– O quê? Não.

– Enzo, não é um pedido.

Ele balança a cabeça.

– Millie, é uma reunião de trabalho importante.

– A *nossa família* também é importante – observo. – Você vem trabalhando sem parar desde que a gente se mudou…

– Por *nossa causa.*

– E a gente mal te vê – continuo. – Você não leva as crianças à praia desde que a gente se mudou pra cá. Os dois vão adorar. Principalmente o Nico, vai ser bom pra ele passar um dia na praia… Ele anda muito jururu desde que foi expulso da liga de beisebol. E eu posso ficar de olho neles. Não vou te atrapalhar até você ter acabado a reunião.

Ele passa alguns instantes calado, refletindo.

– Tá, é. Entendo o que você quer dizer. Vou falar com a Suzette. Mas… ela não vai ficar nada feliz.

É, aposto que ele tem razão.

TRINTA E SEIS

Estamos a caminho da praia.

Suzette permitiu com relutância que a família acompanhasse Enzo. Não escutei a conversa, mas imagino que ela tenha feito todo o possível para nos impedir de ir. Mesmo assim, aqui estamos.

E estou animada com o passeio. É uma praia particular à qual só Suzette e seu grupo de amigos de elite têm acesso. É preciso um cartão para entrar. Já estive em várias praias na vida, mas essa deve ser a mais esnobe. Aposto que deve ser bem bacana.

Enzo está dirigindo, e como sempre está indo rápido demais. Achei que ele fosse parar com isso depois de termos filhos, mas não mudou. E o fato de as crianças adorarem não ajuda.

– Será que daria pra você ir mais devagar? – murmuro ao passarmos por uma placa de 90 quilômetros por hora na rodovia.

Estamos no mínimo 30 quilômetros por hora acima do limite.

– Millie – diz ele. – Tá *todo mundo* nessa velocidade. Se a gente for mais devagar, os carros vão ter que desviar.

– Eu não dirijo depressa desse jeito – observo.

Ele dá uma piscadela para mim.

– É, mas você dirige feito uma velhinha.

– Dirijo, nada.

– Corrigindo: qualquer velhinha dirige mais depressa do que você.

Reviro os olhos.

– Muito engraçado.

– É verdade, mãe – intervém Nico. – As pessoas vivem buzinando pra você ir mais depressa.

Pelo visto, em (ou seria *na*?) Long Island não se pode andar a menos de 30 quilômetros acima do limite de velocidade.

Só que, quando estamos pegando a rampa para sair da rodovia, o barulho de uma sirene de polícia começa a soar atrás de nós. Enzo olha pelo retrovisor e murmura um palavrão em italiano.

– Tá de brincadeira – resmunga.

Ele para no acostamento, e resisto ao impulso de falar "Eu avisei". O policial sai do carro sem a menor pressa enquanto Enzo revira suas coisas em busca da carteira de motorista.

– O pai vai ser preso? – pergunta Ada com uma voz preocupada.

– Não – respondo.

– Seria bem legal – comenta Nico.

– É, mas não vai – insisto.

O policial tem 30 e poucos anos e não parece muito animado de estar trabalhando em um calor de 32 graus. Enzo abaixa o vidro e abre um sorriso encantador.

– Bom dia, seu guarda – diz ele, com um sotaque tão carregado que é difícil entender. – Algum problema?

– Habilitação e registro do veículo – ordena o policial com uma voz entediada.

Enzo lhe passa os documentos e fica aguardando o que o policial tem a dizer. Ele examina a habilitação de Enzo e por fim diz:

– Sabe a que velocidade o senhor estava, Sr. Accardi?

– Desculpa – diz Enzo. – Mas… está vendo o mostrador do combustível? O tanque tá quase vazio! Preciso ir rápido pra encontrar um posto antes de ficarmos sem gasolina!

O policial o encara durante um segundo enquanto coça a cabeça.

– Não é assim que funciona, o senhor sabe.

– Não? – Enzo lhe lança um olhar espantado que parece mesmo bem verdadeiro. – Eu não sabia!

– Não. Não é assim que funciona. – O policial torna a olhar para a habilitação, em seguida olha de novo para meu marido e para todos nós dentro do carro. – Tá, não quero estragar sua tarde em família. Vá colocar gasolina no seu carro. Não precisa correr tanto.

– *Grazie*. – Enzo sorri para o policial. – Um bom dia para o senhor.

É só depois de o agente ter voltado para a viatura e Enzo ter subido o vidro que ele me dá uma piscadela.

– É fácil demais.

Enzo nunca é multado. Sempre consegue se safar na base da lábia. Ou na base da *mentira*, conforme o caso. É espantoso o quanto ele é bom em dizer coisas que são cem por cento inverdades com uma expressão totalmente impassível.

Eu sempre soube que meu marido era um excelente mentiroso. Só que isso nunca me incomodou até eu começar a desconfiar que ele estivesse me escondendo alguma coisa.

TRINTA E SETE

Jonathan e Suzette chegaram antes de nós na praia. Embora provavelmente estivéssemos indo mais depressa, eles não foram parados pela polícia no caminho.

Deixamos o carro no estacionamento chique especial da praia particular, e quando salto do carro Jonathan e Suzette já estão se encaminhando para a entrada, protegida por um sujeito com pinta de fortão, de camiseta "mamãe sou forte" e sunga. Deve ser o equivalente de um segurança da praia.

Jonathan está carregando duas cadeiras de praia e um guarda-sol, enquanto Suzette tem uma bolsa de praia pequena pendurada no ombro. Jonathan parece o típico banhista em começo da temporada: um pouco branco demais, com uma certa pancinha pendendo para fora do calção, os pés brancos enfiados num par de chinelos e um boné cobrindo o cabelo ralo. Suzette, por sua vez, parece ter passado o inverno inteiro indo à praia. Exibe um bronzeado perfeito, usa óculos de sol Cartier equilibrados no nariz e está com um biquíni pequenininho que exibe um corpo espetacular.

Depois de dois filhos e do preço cobrado por mais de quarenta anos de força da gravidade, meu corpo não se parece nem um pouco com o dela. Mas, mesmo aos 25 anos, nunca me senti à vontade para me exibir pela praia vestida com um biquíni do tamanho de um lenço, então hoje estou usando um recatado maiô com uma saída de praia por cima. E, assim como Jonathan, estou bem branca. Provavelmente não vou tirar a saída em momento algum, já que não sou muito

chegada em nadar.

O segurança da praia está olhando para Suzette, metida naquele biquíni minúsculo. Na verdade, muita gente está olhando para ela. Até *eu* estou achando difícil não encarar um pouco. Quando é que ela arruma tempo para conseguir aquela barriga chapada? E imagino que não tenha nenhuma cicatriz de cesariana ou estrias que precise disfarçar.

Enzo está de camiseta e calção e carrega nosso equipamento de praia que tirou do porta-malas. Para ser sincera, eu não o culparia se ele também estivesse olhando para Suzette naquele biquíni minúsculo – ele é humano, afinal –, mas não flagro seu olhar descendo abaixo do pescoço dela.

– Millie! – exclama Suzette. – Que… que saída de praia interessante essa sua. Adoro como você acha que não precisa gastar uma tonelada de dinheiro numa roupa de praia. É a *sua* cara.

Se algum dia houve um elogio às avessas, foi esse. Mas a verdade é que não tenho como discordar. Arrumei a peça numa liquidação.

Embora Enzo não tenha ficado olhando para Suzette, não posso dizer o mesmo em relação a ela. Seus olhos azul-esverdeados e indiferentes percorrem o corpo dele, os lábios se franzem. E ele ainda nem tirou a camiseta.

Ainda nem chegamos na praia, e de repente minha vontade é voltar para casa. Mas imagino que seja melhor eu estar aqui do que deixá-lo sozinho com Suzette no seu microbiquíni.

– Acharam fácil a praia? – pergunta Suzette. – A gente ficou pensando se vocês teriam se perdido no caminho.

Nico não demora a abrir o bico.

– Meu pai foi parado pela polícia.

Enzo ri.

– Falaram que eu estava dirigindo muito depressa.

– Com certeza não estava. – Suzette balança a cabeça. – A polícia por aqui tem excesso de zelo.

– Bem, que bom que conseguiram chegar – diz Jonathan. Ao contrário da esposa, a frase dele não soa nada afetada. Ele parece feliz de verdade em nos ver. – Tudo bem com você, Nico? Estamos com saudade das suas idas lá em casa.

É gentileza de Jonathan dizer isso, embora na verdade eu saiba que eles estavam fartos de ter Nico em casa quebrando metade da sala deles.

Nico dá de ombros.

Quero dizer que ele está sendo mal-educado, mas quase não parece haver motivo para fazer isso. O mau humor de Nico piorou mais ainda ultimamente. Enfim resolvi ligar para a pediatra dele e o levei para uma consulta, mas, depois de auscultar o coração e os pulmões de Nico, a médica não teve muita coisa a acrescentar. Não recomendou terapia. Na verdade, disse a mesmíssima coisa que Enzo: "Meninos podem ser agressivos às vezes. Ele provavelmente ainda está se adaptando à mudança. É só dar tempo ao tempo."

– Onde estão os clientes que vamos encontrar? – pergunto a Suzette.

– Ah. – Ela dá de ombros. – Eles desmarcaram.

Enzo não parece nem um pouco surpreso, o que me faz pensar se havia mesmo algum cliente, para começo de conversa. Quer dizer, uma reunião *na praia*? Parecia muito uma invenção.

Mas não, estou sendo paranoica. Tenho certeza de que havia um cliente. As pessoas de fato desmarcam compromissos.

Suzette nos leva até a praia para encontrarmos o melhor lugar onde nos acomodar. Só que ela não consegue decidir qual é o lugar perfeito. Percorremos metade da praia, passando por vários lugares que parecem bastante adequados. Como o coitado do Jonathan está se esforçando para carregar as duas cadeiras e o guarda-sol, eu me ofereço para carregar o guarda-sol dele além do nosso. Suzette poderia se oferecer para carregar pelo menos uma coisa, mas não parece nem um pouco propensa a fazer isso. Mesmo assim, Jonathan leva a coisa toda com bom humor.

– Então tá – diz ela por fim, quando meus braços parecem prestes a cair. – Aqui parece bom.

Jonathan deixa as duas cadeiras caírem no chão, mas bem na hora em que está flexionando os braços ela diz:

– Peraí, talvez seja melhor a gente ir por ali. O sol é melhor daquele lado.

Jonathan está prestes a pegar as cadeiras de novo, mas para mim chega.

– Suzette, aqui tá perfeito. E eu não vou dar nem mais um passo!

Ela revira os olhos.

– Tá, tá bom. Mas, Millie, andar faz bem. Emagrece.

E um soco na cara dela, será que emagreceria? Porque pode ser que isso aconteça hoje.

Após arrumarmos nossas cadeiras e toalhas, pego o spray de filtro solar na minha bolsa de praia. Enzo sempre recusa, mas gosto de passar nas crianças, e com certeza em mim mesma também. Sou a única que se queima no sol, mas o filtro supostamente não previne câncer ou coisa parecida? Enfim, as crianças não têm escolha.

– Ai, Millie. – Suzette dá um arquejo ao me ver borrifando o spray em Ada. – Você não tá passando *filtro solar em spray* nos seus filhos, né?

É óbvio que sim.

– Tô…

– Bom, você sabe que o spray tem todo tipo de substância química nociva? – explica ela. – E agora o ar ficou tomado. Estamos basicamente *inalando filtro solar*.

Será que eu deveria ficar mais incomodada com o fato de estar inalando filtro solar? Por algum motivo, não estou.

– Hum…

– Além do mais, isso é inflamável – acrescenta ela.

Nico arregala os olhos.

– Tipo, a gente poderia *pegar fogo*?

– Você não vai pegar fogo por causa do filtro solar – afirmo.

Ele parece decepcionado.

Suzette leva à mão à própria bolsa e saca um tubo branco.

– Este é o melhor filtro solar do mercado. Só tem ingredientes naturais, *e* é FPS 200! Não dá para encontrar FPS 200 em nenhum lugar.

Por que cargas-d'água iríamos precisar de um filtro solar com FPS 200? Ela por acaso acha que vamos ter que atravessar um círculo de fogo para chegar na água?

Enzo tirou a camiseta, e não posso deixar de reparar no modo como Suzette esbugalha os olhos ao ver seu peito escuro e sarado. Adoro o fato de ter um marido bonitão e musculoso, mas às vezes também gostaria que ele se permitisse ficar gordo e fora de forma.

– Enzo, quer experimentar meu filtro solar? – pergunta ela.

Ele ri.

– Não preciso. Nunca fico queimado.

– É, mas passar filtro faz bem mesmo que você não fique queimado – retruca

ela. – Previne câncer de pele, sabe?

– Ah, é? – diz Enzo, interessado, embora eu venha lhe dizendo a mesmíssima coisa na última década.

– Sim, é claro que faz bem – insiste ela, animada. – Pelo menos nos ombros você deveria passar. Vem, deixa eu te ajudar.

Minha boca se escancara enquanto vejo Suzette espremer um pouco do produto na palma da mão e em seguida começar a espalhar nos ombros do meu marido. Ela está mesmo fazendo isso? Está mesmo esfregando filtro solar no meu marido? Isso me parece altamente inadequado.

Olho para Jonathan, imaginando que vá parecer tão horrorizado quanto eu, mas ele está segurando o próprio tubo de filtro obscenamente caro, pelo visto feito para pessoas que vão passar as férias inteiras no sol, e espalhando a loção pelos braços. Então tenta passar um pouco nas costas, mas não consegue alcançar direito, e é claro que a esposa está ocupada esfregando as mãos de alto a baixo no meu marido.

– Já tá bom – diz Enzo quando a coisa já se estendeu por tempo demais. – Chega. Vai sair no mar, de todo modo.

– Ah, não – retruca Suzette. – Esse filtro é à prova d'água. Você poderia passar o dia inteiro nadando, e mesmo assim teria uma proteção de FPS 200.

Os olhos de Enzo se arregalam.

– Ah, é?

Estou farta de ouvir falar nessa porcaria de filtro solar.

– Ada – diz Suzette. – Quer experimentar o filtro?

Ada olha para o tubo, mas em seguida faz que não com a cabeça. Não a culpo. Ela é como Enzo, nunca se queima, e tenho certeza de que não quer espalhar o creme branco pelo corpo inteiro.

– Nico? – indaga Suzette.

Nico só faz encará-la. Não responde nada, mas lança um olhar muito frio para ela. Não sei se algum dia já o vi olhar assim para alguém, e a verdade é que isso faz um calafrio me percorrer a espinha. Então ele desvia o rosto para o outro lado e fico sem saber se imaginei a coisa toda.

As crianças querem entrar no mar, e Enzo fica feliz em levá-las. Eu teria achado que Suzette fosse o tipo de pessoa que quisesse ficar pegando sol na praia a tarde toda, principalmente depois da dificuldade que criou para decidirmos

onde iríamos ficar, mas, assim que Enzo fala que quer entrar no mar, ela logo concorda em ir junto.

– Quer vir também, Millie? – pergunta Enzo para mim.

Faço que não com a cabeça.

– Vou ficar descansando aqui.

Jonathan esfrega um pouco de filtro solar ainda não espalhado sobre o osso do nariz. Começa a seguir Suzette, mas, antes de dar mais de dois passos, ela se vira e olha para ele.

– Não. Você fica aqui. Eu vou dar uma nadada.

Ele assente e, sem questionar, dá meia-volta e retorna para a cadeira de praia. Jonathan se acomoda e pega um livro em edição de bolso. Estico o pescoço para ver o título: *Madame Bovary*.

– Você não quer ir nadar? – pergunto a ele.

Ele acena com uma das mãos.

– Na verdade, não.

– Porque pareceu que estava indo para o mar antes de a Suzette te dizer pra não ir.

– Não faz mal.

Pode ser que não faça, mas eu acho esse comportamento mandão de Suzette enfurecedor, e, antes de conseguir me conter, disparo:

– É que não me parece que a decisão sobre você nadar ou não devesse ser dela.

Jonathan dá de ombros e sorri.

– Ela às vezes gosta de ter o próprio espaço. Como eu falei, não faz mal.

Andei me informando e descobri que Suzette não é tão bem-sucedida como corretora de imóveis. Mesmo assim, tem de longe a maior casa da nossa rua sem saída, numa cidade onde o preço dos imóveis é muito alto. É evidente que quem ganha todo o dinheiro para sustentar seu estilo de vida é Jonathan. Apesar disso, é ela quem fica mandando nele. Quer dizer, nem entrar no mar o homem pode? Que loucura.

– Tem muita água no mar – observo. – É o oceano Atlântico. Pra mim parece que vocês dois poderiam nadar sem incomodar um ao outro.

Ele coloca o livro no colo.

– *Você* quer ir nadar, Millie?

– Não, não é isso que estou dizendo.

Jonathan me encara com cara de quem não está entendendo. Será que não liga mesmo para o quanto Suzette manda nele? Eu gostaria de pensar que Enzo e eu somos participantes equivalentes em todas as decisões que tomamos, mas, pelo que percebi, na casa dos Lowells é Suzette quem parece tomar todas as decisões importantes.

Pensando bem, Enzo de fato sacou mil dólares da nossa conta conjunta sem me contar. Só que já devolveu o dinheiro. Tenho certeza de que estava falando a verdade quando disse que era para comprar equipamentos de trabalho. Tipo, 99 por cento de certeza.

A água azul transparente cintila ao sol. Meus dois filhos nadam bem, assim como Enzo: ele costumava levá-los ao centro esportivo quando eram pequenos e ensinou os dois a nadar antes de aprenderem a andar. Fico olhando suas duas cabecinhas escuras se balançando na superfície. Ada está perto de Enzo, e então Nico se afasta um pouco deles dois e…

Hum. Por que ele parece estar conversando com Suzette?

O que Nico poderia ter a dizer para Suzette? Parece estranho, especialmente depois daquele olhar fulminante que ele lhe lançou mais cedo. Queria saber sobre o que os dois estão falando, mas não estou nem de longe no raio de alcance da voz deles.

– Enfim, a gente não tá nem perto de ir embora – diz Jonathan. – Eu posso nadar mais tarde. Esse filtro solar vai durar horas. Na verdade, dias se eu precisar.

Consigo desgrudar os olhos do mar.

– Sério mesmo?

– Ah, sim, ele é excelente. – Ele põe a mão dentro da bolsa de Suzette e pega o tubo. – Quer um pouco?

– Claro – respondo.

Jonathan me passa o tubo. Não tenta passar o filtro nas minhas costas e ombros, o que é muito apropriado, visto que não é meu namorado nem meu marido. O tubo parece uma embalagem de filtro solar bem comum, embora eu deva admitir que tenha um cheiro bom.

Estou prestes a espremer um pouco do tal filtro solar mágico na palma da mão quando sou interrompida por um som vindo da direção do mar.

Alguém está gritando.

TRINTA E OITO

Tudo acontece muito depressa. Afogamento é coisa rápida.

Há uma grande comoção dentro do mar, mas não consigo ver grande coisa. Fico de pé num pulo e Jonathan faz o mesmo ao meu lado. O que quer que esteja acontecendo, é bem onde vi meus filhos nadando pouco antes. O salva-vidas desceu da sua cadeira alta e está correndo em direção à margem, mas ele acaba chegando tarde.

Enzo já está saindo da água com ela no colo.

No fim das contas, era Suzette quem estava quase se afogando. Ela está agarrada ao pescoço de Enzo enquanto ele a carrega heroicamente para fora do mar. Embora ela ainda esteja consciente, tem o rosto avermelhado e está tossindo. Por mais que eu fosse gostar de acusá-la de ter fingido se afogar, ela parece mesmo em apuros.

Enzo a coloca na areia e se ajoelha ao lado dela. O salva-vidas também se acocora ao lado, mas a atenção de Suzette está concentrada apenas no meu marido.

– Você tá bem? – pergunta Enzo a ela.

– Sim – responde ela num arquejo, então volta a tossir. – É que foi… foi muito assustador. Mas eu tô bem. – Ela estende a mão para a do meu marido. – Obrigada. Obrigada por ter me salvado. Você é o meu herói.

Ah, fala sério.

Olho para Jonathan, que não parece nem um pouco incomodado com o fato

de um italiano incrivelmente sexy estar abaixado junto à sua esposa e de ela estar praticamente babando por ele. Ou vai ver está babando por quase ter se afogado.

– Tem certeza de que você tá bem, moça? – pergunta o salva-vidas.

– Tenho. – Ela consegue se levantar apoiada no cotovelo. – É que foi como se a minha perna tivesse se enroscado em alguma coisa, e comecei a ser puxada para baixo. Foi… foi aterrorizante.

– Vai ver foi alguma alga – sugere o salva-vidas.

– É – diz Suzette, embora não pareça convencida.

Concordo que não está claro como uma alga poderia puxar alguém para debaixo d'água, mas não tenho certeza de qual outra explicação poderia haver.

Ada e Nico saíram da água, e ambos parecem decididamente abalados com o incidente. Ada está abraçando o próprio corpo, e Nico está postado na areia a uns três metros de nós, com uma expressão inescrutável no rosto.

– Suzette, meu bem, acho que seria melhor se você fosse pra casa – diz Jonathan.

– Pode ser – responde ela. – Mas não quero estragar a diversão de todo mundo.

– Não se preocupe – diz Enzo.

É nessa hora que me dou conta de que ela ainda está segurando a mão dele. Ou melhor, ele está segurando a mão *dela*. Seja como for, as mãos dos dois estão muito entrelaçadas.

– Você precisa se cuidar – insiste ele.

– Você salvou mesmo a minha vida – diz ela. – Sério mesmo, fiquei com muito medo, e você… você me salvou.

– Não foi nada.

Enzo acena com a mão, mas está gostando de ouvir aquilo. Ele adora ser o herói. E dá para culpá-lo?

Ele ajuda Suzette a se levantar, e Jonathan estende a mão para ajudá-la também, mas ela não faz qualquer movimento na direção do marido. Acabamos arrumando todas as nossas coisas, pois todo mundo está muito abalado e a essa altura ficou difícil demais aproveitar um dia na praia. Enfim, *eu* ainda poderia ter me divertido, mas até as crianças parecem querer ir embora.

Infelizmente, como Enzo está ajudando Suzette, que dá a impressão de ter sofrido alguma espécie de torção na perna que a impede de andar, acabamos

tendo que carregar a maior parte das coisas sozinhos. As crianças pegam uma cadeira cada uma, eu pego duas e consigo encaixar o guarda-sol debaixo do braço também. Não é fácil carregar tudo, mas damos um jeito de chegar nos carros.

– Obrigada mais uma vez. – Suzette ergue o olhar para Enzo enquanto ele a ajuda a mancar até o Mercedes de Jonathan e a coloca direto no banco do carona. – Você salvou minha vida.

E, ao dizer isso, ela encosta o braço no bíceps dele. O que sinceramente me parece um pouco desnecessário.

Do jeito que ela está encarando Enzo, sinto que, se o marido dela não estivesse a poucos metros dali, e se eu não estivesse parada fulminando-a com o olhar, os dois estariam se agarrando neste exato instante. Não que eu ache que Enzo fosse fazer isso comigo. Mas, se eu não existisse, quem sabe? Suzette é uma mulher muito atraente, e, embora eu não goste dela, Enzo não parece ter a mesma antipatia que eu.

– Cuidado na volta – diz ele para Suzette.

– Pode deixar! – retruca Jonathan num tom alegre. – E, mais uma vez, obrigado, Enzo! Obrigado por cuidar da minha mulher!

Ele está mesmo *agradecendo* ao meu marido por ter passado a mão na esposa dele?

Queria poder dizer que fico aliviada quando eles vão embora. No entanto, é difícil se livrar de alguém quando a pessoa mora bem ao lado da sua casa.

TRINTA E NOVE

– Como é que é? Você acha que eu deveria ter deixado ela se afogar, Millie? É isso que você queria?

Passei todo o final da tarde emburrada, desde que chegamos em casa da praia. Apesar de só termos passado menos de uma hora lá, tem areia por toda parte. Cada fresta do meu corpo parece conter alguns grãos. Mesmo depois de um banho de chuveiro, continuo me sentindo meio áspera.

Então, sim, estou mal-humorada. E, quando nos deitamos para nos recolher, não tive como não comentar sobre o resgate heroico de Enzo no mar.

– Eu não queria que você deixasse ela se afogar – resmungo. – Mas precisava salvar ela *daquele jeito*?

– Que jeito?

– De um jeito… – Eu me sento na cama e coço os dedos dos pés, onde ainda parece haver areia. – De um jeito tão… heroico?

Os lábios dele estremecem.

– *Heroico*?

– Quer dizer, ela poderia ter voltado sozinha pro carro. Ou o Jonathan poderia ter levado ela.

Ele dá de ombros.

– Ela queria que fosse eu.

– Aposto que sim. – Cerro os dentes. – E que *conveniente* o cliente ter desmarcado.

– Conveniente, nada. – Ele franze o cenho. – Eu queria conhecer o cliente. Quero esse trabalho.

– Você não pareceu surpreso quando eles não apareceram.

– Porque ela me contou hoje de manhã. Mas mesmo assim eu quis passar o dia na praia com você e as crianças.

– Tá certo.

Ele grunhe.

– Millie, isso está ridículo. Não entendo por que você tá tão chateada.

– Tá, então se algum bonitão me tirasse do mar e ficasse todo se babando por mim, você não ficaria nem um pouco incomodado?

– Não, não ficaria.

Se é verdade, isso me deixa ainda mais incomodada. Por que ele *não* sentiria ciúme se algum cara atraente estivesse dando em cima de mim?

– Porque eu *confio* em você – acrescenta ele antes de eu poder ficar mais irritada ainda. – E você pode confiar em mim. Sabe disso, não?

Sei mesmo? Antes de nos mudarmos para o número 14 da Locust Street, a resposta teria sido um sim retumbante. A quantidade de tempo que ele tem passado com Suzette Lowell, porém, me deixou desconfiada. Quer dizer, uma conversa sobre *roseiras* no meio da noite? *Sério mesmo?*

Mas Enzo é um homem bom. Nisso eu acredito, do fundo do coração.

Ele está me encarando à espera da resposta, e só há uma resposta certa.

– Sim, eu confio em você.

– Que bom. Agora se acalma. Se a Suzette aparecer assassinada, você vai ser a suspeita número um.

– Há, há.

Enzo estende a mão para apagar a luz. Ele chega mais perto e seu braço enlaça meu corpo. Ele está a fim, dá para notar, mas não consigo entrar no clima. Embora ele tenha tranquilizado algumas das minhas preocupações em relação ao que aconteceu na praia, uma delas ainda perdura, e não consigo me livrar dela por completo.

– Enzo.

– Xiu – murmura ele enquanto sobe a mão pela minha coxa. – Chega de falar da Suzette.

– Mas… como você acha que ela ficou presa debaixo d'água?

A mão dele para de repente.

– Como é que é?

– Quer dizer, ela disse que se enroscou em alguma coisa e que foi isso que a fez submergir – argumento. – No que você acha que ela se enroscou?

– Numa alga?

– Quer dizer que uma alga agarrou ela pela perna e puxou para debaixo d'água?

Ele tira a mão da minha coxa por completo.

– Sei lá. Vai ver foram umas crianças de brincadeira.

– Que crianças? Você viu alguma criança nadando onde ela estava?

Ele passa alguns instantes calado.

– Não tô entendendo. Com o que você tá preocupada?

– É que… – Seguro o cobertor com as mãos. – Você reparou que o Nico ficou conversando com ela? Tipo, logo antes dessa história toda de afogamento?

Ele semicerra os olhos.

– Não.

– Eu vi.

Dessa vez, ele se senta totalmente na cama. Eu não estava no clima antes, mas agora é seguro afirmar que ele também não está.

– O que você tá dizendo, Millie?

– Não tô dizendo nada. Só tô tentando entender o que aconteceu.

– Tá dizendo que o nosso filho tentou afogar a Suzette? É isso que você acha?

– Não – respondo, embora seja mais ou menos o que eu estivesse pensando.

Enzo não viu o jeito como Nico estava fuzilando Suzette com os olhos antes de eles entrarem no mar.

– Ah, que bom. Porque ele não fez isso.

– Você tem certeza?

– Tenho! – Ele me lança um olhar exasperado. – Eu vi o Nico. Ele não estava perto dela. Como já falei, foi uma alga ou alguma outra criança.

Só que ele está mentindo para mim. Tenho certeza. Porque eu mesma vi Nico ao lado de Suzette pouco tempo antes de ela afundar. Ele só está me dizendo o que acha que preciso ouvir. Mas o que eu quero é a verdade.

– Nico é um bom menino – afirma Enzo, obstinado. – Você não deveria se preocupar tanto. Faz mal pra sua pressão.

Só que não consigo deixar de pensar que, nesse momento, tenho problemas bem piores do que a minha pressão.

QUARENTA

Acordo às três da manhã, encharcada de suor.

Tive algum tipo de pesadelo. No sonho, estava flutuando no mar quando, de repente, a mão de alguém se fechava em volta do meu tornozelo e começava a me puxar para baixo d'água. Eu gritava, tentando me soltar, mas a mão continuava a puxar e a puxar, e eu de fato acabava afundando na água.

Foi nessa hora que acordei.

Já faz uma semana desde nossa tentativa de dia na praia que deu errado, e sinto que as coisas não têm sido as mesmas desde então, embora não consiga identificar muito bem por quê. Enzo tem se mostrado distante a semana inteira, mas não é algo que eu possa cobrar porque ele na verdade não está fazendo nada de errado. Parece apenas estranhamente distraído.

O céu está claro nessa noite e o luar entra pela janela do quarto. Rolo a cabeça para o lado, esperando ver meu marido dormindo profundamente ao meu lado. Só que não é o que eu vejo.

Enzo não está dormindo profundamente. Na verdade, ele nem sequer está na cama.

Que história é essa?

Eu me sento ereta na cama, totalmente desperta. Sou eu quem vive acordando no meio da noite, enquanto Enzo tem o sono pesado. Não sei nem se algum dia já acordei e não o vi ao meu lado na cama. Onde ele poderia estar? No banheiro?

Consigo ver perfeitamente o banheiro da suíte principal: ele não está lá.

O ruído de um motor de carro chama minha atenção. Corro até a janela, e minha boca se escancara ao ver a caminhonete do meu marido encostando na frente de casa. O que ele estava fazendo dirigindo pelo bairro no meio da noite?

Enquanto ele estaciona, a cabine da caminhonete está fora do meu campo de visão, então não consigo vê-lo saltando. E o que é ainda mais importante: não consigo ver se estava sozinho lá dentro. Não sei o que seria pior: ele ter saído de carro sozinho no meio da noite ou ter saído com alguém.

Quem estou tentando enganar? *Com alguém* com certeza é pior.

Os passos do meu marido vão ficando mais altos conforme ele sobe a escada que leva ao primeiro andar. Ele está andando devagar, tentando não fazer muito barulho. Está torcendo para não me acordar. Torcendo para que, ao entrar no quarto de novo, eu esteja apagada e não tenha percebido nada.

Ele que se prepare para ter uma surpresa.

A porta do quarto se entreabre. Enzo espicha a cabeça para dentro e seus olhos se arregalam quando me vê sentada na cama.

– Millie – diz ele. – Ah, oi.

– Onde você estava? – pergunto, ríspida.

– Eu fui… – Ele olha por cima do ombro na direção do corredor. – Estava com sede. Só desci pra beber um pouco d'água.

– De calça jeans?

Ele baixa os olhos para o jeans e a camiseta. Também está de meias, que nunca usaria para dormir. Está na cara que, entre a hora em que foi para a cama e este momento, ele vestiu uma roupa.

Antes de ele conseguir inventar outra desculpa, digo:

– Eu vi sua caminhonete encostar na frente da casa. Então me diz de novo: onde você estava?

– Desculpa. – Ele esfrega a nuca. – Não estava conseguindo dormir, então fui dar uma volta. Não queria te incomodar nem te deixar preocupada.

– Foi dar uma volta?

– É.

– Aonde você foi?

Ele dá de ombros.

– Só dar uma volta pelo bairro.

– Sozinho?

Ele faz que sim.

– Sozinho.

Eu me lembro do jeito como ele sorriu para o policial que o pegou acima do limite de velocidade e mentiu na cara dura. Conheço Enzo faz tempo, mas, se já não soubesse a verdade naquele dia, jamais teria percebido que ele estava mentindo. E, ao olhar para ele agora, realmente não sei dizer. Será que ele foi só dar uma volta de carro porque não estava conseguindo dormir?

Ou será que estava fazendo algo mais sinistro?

– Você não deveria se preocupar – diz ele para mim. – Não foi nada. Só uma voltinha de carro. E eu já voltei. – Ele deixa escapar um bocejo alto. – E deu certo. Agora estou cansado.

Ele tira a calça jeans, em seguida despe a camiseta. Tira as meias uma por uma e as joga no cesto de roupa suja. Então sobe na cama ao meu lado e me envolve nos braços.

– Vai dormir, Millie – murmura ele. – Tá tarde.

Eu quero dormir. Estou cansada e tenho muito trabalho no dia seguinte. Queria poder fechar os olhos e me deixar levar pelo sono como ele parece estar fazendo. Queria mais do que tudo fazer isso.

Só que é muito difícil dormir com o perfume de outra mulher fazendo cócegas nas suas narinas.

QUARENTA E UM

Enzo está me traindo.

Não consigo pensar em mais nada durante o trajeto de carro de volta do trabalho, embora o trânsito esteja fluindo maravilhosamente bem na Long Island Expressway, para variar. Faz duas noites desde que Enzo se esgueirou para fora de casa no meio da noite. Dois dias desde que chegou em casa fedendo ao que tenho quase certeza ser o perfume de Suzette. E não consigo tirar isso da cabeça.

Enzo está se comportando como se estivesse tudo bem. Mantém sua história sobre a volta aleatória de carro no meio da noite. Não fez nenhuma confissão chorosa sobre uma noite de paixão com Suzette. E não voltei a sentir nele o cheiro do perfume dela.

Não paro de tentar pensar numa explicação inocente, mas não consigo. Quando Enzo e eu fomos nos deitar naquele dia, ele não estava cheirando a perfume. É lógico que se levantou durante a noite, foi a algum lugar com ela no carro e ficou sumido até as três da manhã, depois voltou e fingiu que nada tinha acontecido.

Quando chego em casa, a caminhonete de Enzo está estacionada na frente. Bom, pelo menos ele está em casa agora. Talvez eu devesse conversar com ele sobre o assunto. Mesmo não havendo uma explicação inocente, talvez seja melhor pôr tudo às claras e pronto. Nunca quis ser o tipo de esposa que precisa fingir não perceber que o marido está pulando a cerca.

Quando entro, os sapatos das crianças estão espalhados por todo lado perto

da porta da frente, é óbvio que os dois estão lá em cima. No entanto, não vejo as botas de Enzo. Então o carro dele está parado em frente à casa, mas ele não está aqui.

Deve estar com Suzette.

Cerro os dentes. Estou *muito* de saco cheio dessa mulher. Muito de saco cheio de Enzo viver correndo para a casa dela para trabalhar no quintal. Tive que assistir ao meu marido resgatá-la do mar quando ela provavelmente nem estava se afogando, para começo de conversa. Aposto que ela inventou essa história toda. Afinal, quem é que é puxado para o fundo do mar por *algas*?

Chega de ser a boa vizinha. Vou dizer a essa mulher o que acho dela de uma vez por todas. E depois vou trazer meu marido para casa.

Não me dou ao trabalho de tirar os sapatos. Bato a porta da frente, torno a sair e pisoteio nossos dois gramados recém-aparados até chegar ao número 12. Cravo o polegar na campainha e deixo tocar bem mais tempo do que o necessário.

Ninguém atende.

Toco uma segunda vez, e obtenho o mesmo resultado. O interior da casa está em silêncio. Nenhum passo vindo atender… Nada. E não ouço o barulho dos equipamentos de Enzo no quintal dos fundos.

E se eles não ouvirem a campainha porque estão ocupados? E se estiverem lá em cima no quarto de Suzette fazendo…

Ai, meu Deus. Não quero pensar nisso.

Por impulso, levo a mão à maçaneta. Não esperava que ela fosse girar, mas é o que acontece. Giro a maçaneta para a direita até o fim e me apoio na porta para abri-la.

Entro no hall do casarão dos Lowells. Tudo parece… silencioso. Não ouço nenhuma cama rangendo no andar de cima, com certeza.

– Suzette? – chamo. – Enzo? – emendo em seguida, com um rosnado baixo.

Mais uma vez, ninguém responde.

Atravesso o hall. Tudo continua em silêncio. Realmente não parece haver ninguém em casa. Mas, ao entrar na sala, reparo em outra coisa. É um cheiro peculiar. Um cheiro que passei a conhecer muito bem.

É um fedor de sangue.

Por que essa casa está com cheiro de sangue? E não é pouco. O cheiro

domina o ambiente. Da última vez que estive aqui, a casa tinha aroma de lilases ou coisa parecida.

– Suzette? – chamo, e dessa vez minha voz sai um pouco trêmula.

Baixo o olhar, e é então que vejo, do outro lado da quina da escada. Um pé esticado, um corpo sem vida no chão. Um par de olhos vazios encaram o teto e uma poça de sangue se espalha lentamente pelo chão da sala. Reconheço na hora o que estou vendo, e é preciso reunir toda a minha força para não desabar no chão.

Aquele é Jonathan Lowell.

E alguém cortou a garganta dele.

PARTE II

QUARENTA E DOIS

Preciso ligar para a emergência. *Agora.*

É claro que não há como salvar Jonathan Lowell. Ele está mortinho da silva. Mas o que me assusta ainda mais é o fato de ainda estar saindo sangue do pescoço dele. Isso significa que quem o matou, seja lá quem foi, fez isso há pouquíssimo tempo.

Será que o responsável ainda está aqui?

Uma porta bate em algum lugar dentro da casa. Parece a porta dos fundos. Será alguém saindo da casa? Ou voltando para se livrar das testemunhas?

Tateio meus bolsos em busca do celular. Tudo que consigo encontrar são minhas chaves de casa. Então me lembro: fiz uma ligação ainda no carro, depois larguei o telefone na bolsa. Que no momento está lá na minha casa. Não sei se Jonathan tem um celular no bolso que eu pudesse usar, mas não há chance alguma de eu tocar nele. Preciso voltar para minha casa e chamar a polícia.

Tento não pensar na possibilidade de o assassino ter fugido para a casa ao lado, a casa onde moram meus filhos, mas me pego dando meia-volta e saindo correndo em direção à porta da frente, sem nem olhar para trás. Traço uma reta saindo da casa e indo até a minha. Só paro de correr quando chego à minha porta, então entro e a bato atrás de mim.

Quando entro, a primeira coisa que ouço é o barulho de água correndo na cozinha. Então ouço os xingamentos em italiano: meu marido chegou. Pelo menos ele vai saber o que fazer nessa situação.

Já estive em situações como essa antes, e ele é uma das poucas pessoas em quem posso confiar.

Quando chego na cozinha, Enzo está curvado por cima da pia lavando as mãos. Mais uma vez, ele murmura um palavrão. Quando me aproximo, vejo de relance o líquido vermelho-escuro rodopiando em volta do ralo.

O que ele está lavando das mãos?

– Enzo?

Ele olha por cima do ombro.

– Millie, me dá só um segundo. Eu escorreguei e cortei a mão com o podão. *Stupido.*

Só que não vejo corte nenhum na mão dele. Tudo que vejo é uma porção de sangue descendo pelo ralo.

– Algum problema? – pergunta ele para mim.

Abro a boca para lhe contar a coisa horrível que acabo de ver, Jonathan Lowell morto na casa ao lado da nossa. Mas, quando ele se vira e revela o sangue cobrindo toda a sua camiseta branca, tenho uma sensação horrorosa de que Enzo já sabe.

– Millie?

Ao longe, o barulho das sirenes vai ficando mais alto. Só que não cheguei a chamar a polícia. Por algum motivo, estão vindo mesmo assim. Por algum motivo, a polícia sabe o que aconteceu.

Enzo franze as sobrancelhas escuras.

– Millie? O que tá acontecendo?

– Jonathan Lowell está morto – consigo dizer. – Alguém esfaqueou ele.

– *O quê?*

Não tive certeza se ele estava mentindo dois dias atrás, quando desapareceu do nosso quarto no meio da noite. Mas, nesse momento, Enzo parece de fato estarrecido. Eu quase poderia jurar pela minha própria vida que ele está chocado com o que estou lhe contando.

Quase.

Enzo olha para a própria camiseta, toda salpicada de sangue ainda úmido. Ao erguer o olhar de novo e ver minha expressão, ele dá um passo para trás.

– Eu te disse que me cortei. Esse sangue é meu. O *meu* sangue.

As sirenes agora estão bem mais altas. A viatura da polícia vai chegar a

qualquer momento.

– Troca de camiseta – digo para ele.

Enzo passa alguns instantes parado, mas por fim assente. Sobe correndo para se livrar da camiseta suja de sangue. E de qualquer outra coisa de que precise se livrar.

QUARENTA E TRÊS

Ao longo dos vinte minutos seguintes, cada vez mais policiais chegam na casa dos Lowells.

Instruímos as crianças a ficarem nos respectivos quartos, no andar de cima, pois não queremos que elas vejam o que está acontecendo lá fora. Em algum momento, vão descobrir que nosso vizinho foi assassinado, mas quero adiar isso o máximo possível. Acabo preparando umas pizzas de bagel no micro-ondas e deixo os dois comerem, cada um em seu quarto.

Fico assistindo ao espetáculo pela janela. Suzette chega em casa cerca de meia hora depois da polícia, e vejo quando um homem que parece ser um investigador lhe dá a notícia. Ela cobre os olhos e começa a soluçar, embora na minha opinião pareça fingimento. Ela não está nem um pouco abalada com o fato de o marido estar morto.

Em algum momento, a polícia vai chegar na nossa casa para fazer perguntas. Mas isso ainda não aconteceu. E, quando essa hora chegar, não sei ao certo o que dizer.

Enzo e eu ficamos sentados diante da mesa da cozinha, encarando as pizzas de bagel que preparei para nós. Na melhor das situações, elas já não seriam nada apetitosas. O queijo não está derretido de um dos lados e do outro está derretido demais. Mesmo se fosse uma refeição gourmet, porém, eu não teria sido capaz de comer nenhum pedaço.

– Não estou entendendo – digo para Enzo. – O que aconteceu lá? Você estava

na casa deles?

– Não! – exclama ele. – Não cheguei a entrar na casa. Estava do lado de fora. Trabalhando.

– E não escutou nada?

– Não, mas você sabe como o meu equipamento é barulhento. Não escutei nada vindo de dentro da casa.

Olho para as mãos de Enzo, unidas sobre a mesa da cozinha.

– Cadê o corte?

– Quê?

– Você me disse que tinha cortado a mão – lembro a ele. – Por isso estava sangrando por toda parte, *lembra*? Então, cadê?

Ele estende a mão esquerda. Nem consigo ver de cara, mas ao olhar mais de perto reparo no corte na palma.

Vou dizer logo de uma vez: não há hipótese alguma de esse corte ter produzido tanto sangue.

– Cortes na mão sangram muito – diz ele num tom defensivo. – Tem muitos vasos sanguíneos.

– Não está mais sangrando.

– Bom, agora *parou*.

Não sei o que dizer. Quero acreditar nele. Quero muito, mesmo. Porque, quando penso em Jonathan Lowell caído no chão da sala com a garganta cortada de um lado a outro, não quero pensar no fato de o meu marido poder ser o responsável por fazer uma coisa daquelas.

Se fez, ele é uma pessoa muito diferente de quem eu pensava que fosse.

Antes de eu conseguir formular mais alguma pergunta, a campainha da porta toca. Mesmo que já estivéssemos esperando, nós dois nos sobressaltamos. Enzo parece apavorado quando agarra meu braço.

– Millie – diz ele num grasnado. – Não fala pra eles sobre o sangue na minha camiseta. Tá bom?

Eu me desvencilho da sua mão e me levanto da cadeira pra atender à porta. Não tenho intenção alguma de contar à polícia sobre a camiseta dele. Não fui eu quem lhe disse para trocar de roupa?

O mesmo investigador que deu a notícia a Suzette está parado em frente à porta. Tem cerca de 40 anos, cabelo bem cortado já meio grisalho e está usando

um sobretudo bege por cima de uma camisa branca e de uma gravata vermelho-escura. Já conheci vários investigadores ao longo dos anos, mas algo no fundo da minha mente me diz para não confiar naquele. Mas, pensando bem, eu me sinto assim na presença de muitos policiais.

– Sra. Accardi? – O sotaque do investigador parece mais do Queens do que de Long Island. – Investigador Willard. A senhora tem um minuto?

Assinto sem dizer nada.

– Tenho.

– Posso entrar? – pergunta Willard.

Essa não é minha primeira experiência com a polícia, por isso sei que é um erro convidar um agente para entrar em casa. Se eu lhe disser que tudo bem, ele vai poder vasculhar o local. E, quando penso na camiseta toda ensanguentada que meu marido tirou pouco tempo antes, preferiria que não fizesse isso.

– Na verdade, meus filhos estão em casa. Então eu preferiria ficar aqui na varanda.

– Como a senhora quiser – diz Willard.

Acendo a luz da varanda e vamos os dois para lá. Os mosquitos estão rondando, e fico com vontade de ter passado um repelente, mas mesmo assim não vou convidar aquele homem a entrar na minha casa. Prefiro ser devorada viva.

– Então, não sei se a senhora ficou sabendo o que aconteceu.

Ele está observando cuidadosamente a minha expressão. Não importa o que eu diga sobre esse investigador, inteligente ele é. Decido ser honesta em relação ao que aconteceu.

– Eu, hã… faço uma boa ideia… – Dou um pigarro. – Fui lá falar com a Suzette e vi o Jonathan caído no chão, e ele estava… – Preciso fechar os olhos para tentar afastar a lembrança. – Voltei pra casa pra pegar meu celular e ligar para a emergência, mas aí escutei as sirenes da polícia.

Willard aquiesce.

– Foi sua vizinha Janice Archer quem chamou. Ela disse que ouviu uma gritaria dentro da casa.

Janice… é claro. Sempre de olho. E ela tem uma visão perfeita da frente do número 12.

– Ela disse que viu a senhora entrar na casa depois de ela chamar a polícia –

diz ele. – E que a senhora saiu logo em seguida.

Graças a Deus decidi dizer a verdade. Como Janice viu tudo, pelo menos agora ela confirmou minha versão. Vai ser bom, só dessa vez, não ser uma suspeita de assassinato.

– Ela também me contou que o seu marido entrou pela porta da frente umas duas horas antes da confusão – continua Willard. – E ela nunca o viu ir embora, ou seja, ele saiu pela porta dos fundos, que ela não consegue ver da casa dela.

– Meu marido é paisagista. Ele trabalha bastante no quintal deles. É só um trabalho.

– A Sra. Archer disse que ele frequenta muito a casa dos Lowells – diz Willard. – Em especial quando o Sr. Lowell não está.

Tá. Uau.

– Isso não é… – Eu me controlo e lembro a mim mesma que o investigador está procurando uma reação minha. E isso não vou lhe dar. Ele não me fez sequer uma pergunta direta, de modo que não lhe devo uma resposta. – A Sra. Archer é uma enxerida. Não está acontecendo nada entre os dois.

– Ah, é? A senhora tem certeza?

– Tenho – respondo, tensa.

Willard ajeita a gravata vermelha.

– Conhece alguém que pudesse querer machucar Jonathan Lowell?

– Eu não conhecia ele muito bem.

– E o seu marido?

– Meu marido jamais faria uma coisa dessas! – disparo. – Isso é a coisa mais ridícula que eu já escutei!

Um sorriso soturno faz estremecer os lábios finos do investigador.

– Eu só ia perguntar se o seu marido conhecia bem o Sr. Lowell.

– Ah. – Sinto as faces quentes. – Não. Eu… acho que não.

– E a Sra. Lowell? – A pergunta subliminar é evidente. – Ele conhecia bem *ela*?

– Não tão bem.

– Apesar de estar na casa o tempo todo?

– *Trabalhando*.

Fico furiosa comigo mesma por permitir que o investigador me perturbe dessa forma. Dez anos atrás, eu nunca teria deixado isso acontecer. Ter virado

esposa e mãe me fez amolecer.

– Bom – diz Willard. – Talvez então seja melhor eu conversar com seu marido. A senhora se importa em chamá-lo?

Respiro fundo para me acalmar.

– Chamo, sim. Só um instante.

Volto a entrar em casa e fecho a porta depois de entrar, deixando o investigador na varanda da frente. Eu me apoio na porta e me demoro um instante ali, inspirando e expirando. O investigador Willard me desestabilizou. Quando olho para minhas mãos, vejo que estão tremendo.

Por fim, consigo me controlar o suficiente para entrar na cozinha. Enzo continua sentado ali, com as pizzas de bagel frias formando uma pilha intocada na frente dele. Ergue o olhar para mim quando adentro o recinto.

– E aí? – pergunta.

– O investigador quer falar com você.

O medo toma conta de seus belos traços. Ele me olha como se eu tivesse dito que vai ser conduzido para a frente de um pelotão de fuzilamento. Mesmo assim, se levanta da cadeira e caminha até a porta da frente para falar com o investigador.

QUARENTA E QUATRO

Enzo não quer me dizer muita coisa depois da conversa com o investigador.

Não sei sobre o que os dois conversaram. Encostei a orelha na porta da frente para tentar escutar, mas a porta deve ser tão isolada acusticamente quanto aquele quartinho escondido, pois não consegui escutar uma única palavra. Pelo menos o investigador não levou meu marido embora algemado.

Depois de Willard sair, subi para procurar a camiseta suja de sangue. Só que não a vi no cesto de roupa suja. Não a vi em lugar nenhum.

Fico imaginando o que Enzo fez com ela.

Como praticamente deixamos as crianças presas nos quartos, depois que elas acabam de comer decidimos fazê-las descer até a sala para falar sobre o que aconteceu. Afinal, não vamos ter como esconder o fato de que o nosso vizinho de porta foi assassinado. Elas sabem que tem alguma coisa acontecendo.

Ambas se sentam no sofá. Ada me encara intensamente com os grandes olhos escuros e Nico se remexe tentando achar uma posição confortável. Esse menino nunca parece conseguir ficar sentado quieto. Também não consigo deixar de reparar que ele está evitando contato visual.

Eu me sento ao lado dele no sofá e Enzo se acomoda na poltrona. Não sei ao certo qual de nós dois deveria iniciar a conversa, mas, como Enzo tem uma expressão petrificada, como se ainda estivesse abalado com qualquer que tenha sido a conversa com o investigador, tenho a sensação de que isso cabe a mim.

– A gente quer falar com vocês sobre o que está acontecendo na casa ao lado

– começo. – Imagino que tenham visto os carros da polícia.

Ada assente com seriedade enquanto Nico se remexe.

– Lamento contar isso, mas o Sr. Lowell foi… Alguém matou ele.

Eles não precisam saber os detalhes. Não precisam saber como o encontrei em meio a uma poça de sangue, degolado. Essa versão higienizada já é ruim o suficiente.

Como era de se esperar, Ada cai em prantos. Nico abaixa a cabeça e não diz nada.

– Não quero que fiquem com medo – digo. – A pessoa que fez isso com ele… Essa pessoa não vai querer machucar nossa família. Isso não tem nada a ver com a gente.

Não temos nenhuma prova disso, claro. Não fazemos ideia de quem matou Jonathan Lowell. Mas não acho que haja nada de errado em tranquilizar duas crianças de que a vida delas não corre perigo.

– Vocês estão bem? – pergunto aos dois com delicadeza.

Ada enxuga os olhos.

– Eles sabem quem foi que matou ele?

Não posso dizer as palavras que estão na minha cabeça: *a polícia acha que pode ter sido o pai de vocês*. Passo o braço em volta dos ombros dela.

– Logo vão saber. Não precisa se preocupar.

Nico está reclinado para trás no sofá, com o rosto tomado por uma expressão que não consigo interpretar bem. Eu me lembro da frieza dele quando seu amado louva-a-deus bateu as botas. Foi… perturbador. Mas essa situação é diferente. Dessa vez, foi um *ser humano*. Além do mais, Nico passou um tempo indo lá fazer pequenos serviços na casa. Ele conhecia os Lowells. Seu cérebro deve estar um caos no momento.

Mas a verdade é que ele não parece nem um pouco abalado.

Mandamos as crianças voltarem para os respectivos quartos. Ada extrai de nós dois garantias de que vamos subir para dar boa-noite, mas Nico não fala muito.

Espero ouvir a porta dos dois quartos se fechar antes de me virar para meu marido.

– Você acha que eles estão bem?

Enzo mal me disse uma palavra desde que o investigador foi embora.

Continua com a mesma expressão vidrada nos olhos.

– Enzo?

Ele vira a cabeça e olha para mim.

– Millie, não fui eu quem matou ele. Você sabe disso, não sabe?

Estou na outra ponta do sofá e poderia me deslocar para ficar mais perto da poltrona, mas não faço isso.

– Sei.

– Eu cortei a mão – insiste ele. – Estava saindo sangue.

– Certo. Foi o que você falou.

– E eu não estava te traindo com a Suzette – acrescenta ele.

– Tá bom.

A polícia já desconfia dele com base no que Janice falou. E eles nem sabem as coisas que eu sei. O sangue nas mãos dele. O modo como saiu de fininho de casa na outra noite e voltou cheirando ao perfume de Suzette.

Ele me deu explicações para todas essas coisas, nenhuma das quais eu engoli. Não vou repetir nada disso para a polícia. O que não quer dizer que possa esquecer o que aconteceu.

– Millie, por favor. – A voz dele falha. – Preciso que acredite em mim. É importante. Eu não fiz isso.

– Tá bom. Acredito em você.

– Jura?

– Juro – digo baixinho.

Está vendo? Sei mentir tão bem quanto ele.

QUARENTA E CINCO

Somos acordados no dia seguinte de manhã pelo barulho do telefone de Enzo tocando.

Esfrego os olhos enquanto ele tateia em volta para encontrar o celular em cima da mesinha de cabeceira. Ouço seu "alô" sonolento. Então o corpo dele se enrijece.

– Sim – diz ele no aparelho. – Posso passar na delegacia. Só preciso… preciso reagendar umas coisas e… Sim, ela pode ir também. Só precisamos despachar as crianças para a escola, mas… Sim, está bem. Estarei lá. – Enzo desliga o telefone, e nunca o vi tão desperto a essa hora do dia. – Era o investigador Willard. Ele quer que a gente passe na delegacia. Pra conversar.

E agora estou igualmente desperta.

– Ele disse mais alguma coisa?

– Não. Só isso.

Mais uma vez, sei por experiência própria que nos pedir para comparecer à delegacia não é boa coisa. Ele quer garantir que tudo que dissermos fique registrado.

Fico pensando se terão descoberto mais alguma coisa.

– Acho que a gente deveria ligar pro Ramirez – digo.

Enzo dá um suspiro.

– Não quero incomodar o Ramirez. E ele não se aposentou?

– Disse que ia se aposentar da última vez que a gente se falou, mas aposto que

não fez isso.

Ele hesita apenas por um segundo.

– Tá. Liga pra ele.

Enzo e eu não temos muitos amigos próximos, mas um dos mais chegados é Benito Ramirez, um investigador da polícia de Nova York. Eu o conheci durante um período sombrio da minha vida, no qual fui acusada de algo terrível que não tinha feito, e ele se desdobrou para garantir que todas as acusações fossem totalmente retiradas. Desde então nos tornamos bons amigos e ajudamos um ao outro sempre que podemos. Quando Ada nasceu, nós o convidamos para ser padrinho dela. Ele é o maior workaholic que conheço, mais ainda do que Enzo, mas já convivemos bastante ao longo dos anos, e ele sempre deu presentes para os afilhados no Natal e nos aniversários dos dois.

Além do mais, ele é a única pessoa que talvez fique feliz em ter notícias minhas a essa hora da manhã.

Seleciono o nome de Ramirez na minha lista de contatos. Enzo mantém os olhos escuros cravados em mim enquanto faço a ligação. Dois toques, e então a conhecida voz rascante do investigador enche meus ouvidos.

– Millie? – diz ele, soando tão desperto quanto eu. – É você, Millie Calloway?

Ele é a única pessoa a ainda me chamar pelo meu sobrenome de solteira, embora eu já use Accardi há uma década.

– Sim, sou eu.

– Então imagino que esteja com algum tipo de problema – diz ele.

Mas não fala num tom zangado. Parece mais estar achando graça.

– Estamos numa certa situação – admito, e, apesar de a única pessoa presente no recinto ser Enzo, baixo a voz. – A gente se mudou pra Long Island, como te contei na nossa última conversa.

– Certo! Você agora é uma garota de Long Island! Anda escutando muito Billy Joel? Jantando fora toda noite?

– Benny, o meu vizinho acaba de ser encontrado assassinado.

Isso o faz parar de falar.

– Meu Deus do céu, Millie. Sinto muito por ouvir isso, mesmo. Qual é a situação?

Conto toda a história sobre como encontrei Jonathan morto ontem na própria casa. Conto também sobre o investigador Willard e sobre termos sido

convocados para ir à delegacia nesta manhã. Começo a contar sobre o sangue nas mãos de Enzo, mas meu marido me lança um olhar e então fecho a boca. Não é que ele não confie em Ramirez, mas… bom, ele é policial.

Quando termino de contar o que aconteceu, ele deixa escapar um assobio baixo.

– Uau. É uma história e tanto. Mas eles não têm nenhum motivo real pra desconfiar de você ou do Enzo, têm?

– Não…

– Então vão à delegacia e conversem com a polícia. Se alguma coisa começar a soar esquisita, não falem nem mais nenhuma palavra. Aí arrumam um bom advogado.

Um bom advogado. Fico pensando em quanto isso iria custar.

– Benny, não sei se a gente tem como pagar um advogado neste momento.

– Tá, mas eles precisam dar um pra vocês. Não podem interrogar vocês se disserem que querem um advogado.

Vai ser algum defensor público que talvez não faça ideia do que está fazendo. Da última vez que tive um defensor público, acabei presa por dez anos. Mas é melhor do que nada. Acho.

– Enquanto isso, vou assuntar por aí e ver o que consigo descobrir – diz ele.

– Você continua trabalhando pra polícia de Nova York? – pergunto. – Estava falando em se aposentar.

Ele bufa.

– É, bom, ainda estou aqui. Se eu fosse casado, minha mulher estaria uma fera.

Faço um joinha para Enzo. Ele assente e sai andando na direção do banheiro. O chuveiro é ligado, e é só nessa hora que digo depressa:

– Benny, Enzo estava com as mãos todas sujas de sangue quando chegou em casa ontem à noite.

Faz-se um longo silêncio do outro lado da linha.

– Com as mãos sujas de sangue?

– Ele disse que se cortou.

– Pode ser que tenha se cortado mesmo.

Balanço a cabeça.

– Sei lá…

– Millie, se tem uma coisa que eu sei sobre Enzo Accardi é que ele é um homem bom. Não acho que fosse matar ninguém. Mas, se matasse, seria por um motivo muito bom.

Isso não é falso.

– Sem reações exageradas – aconselha ele. – Seu vizinho acaba de ser assassinado. É claro que a polícia vai querer interrogar vocês. O quanto antes encontrarem a pessoa que fez isso, mais rápido tudo vai acabar. – Ele faz uma pausa. – Mas não diz nada sobre o sangue nas mãos dele.

Se eu tivesse ganhado uma moeda de dez centavos toda vez que menti para a polícia, não precisaria me preocupar com as prestações da casa própria.

QUARENTA E SEIS

Eu vinha pensando em deixar as crianças em casa hoje, sem ir para a escola, mas, se tanto Enzo quanto eu vamos à delegacia, isso não vai ser possível. Não vou levar meus filhos para uma delegacia de polícia. Meu desejo é que nenhum dos dois jamais precise pôr os pés numa delegacia na vida. (A não ser, quem sabe, numa excursão escolar. Acho que nesse caso tudo bem.)

Até mesmo Nico consegue se aprontar para a escola sem grandes protestos ou dificuldade. Os dois estão calados enquanto engolem algumas colheradas de cereal, algo pouco característico, mas parece apropriado, considerando a gravidade do ocorrido. Não ando acompanhando os dois até o ponto de ônibus de manhã, mas faço isso hoje, só para me certificar de que tudo corra bem.

Infelizmente, Janice e Spencer estão esperando no ponto quando chegamos. Janice está usando a camisola e as pantufas de sempre, e é preciso todo o meu autocontrole para não fechar os dedos em volta do pescocinho magrelo dela. Essa mulher basicamente disse à polícia que acha que meu marido matou um homem. Não é bem um comportamento bacana entre vizinhos.

Não trocamos sequer uma palavra enquanto esperamos o ônibus chegar. E por mim tudo bem.

– Mamãe – diz Nico. Ouvir isso me deixa emocionada, porque há anos ele não me chama assim. – Preciso mesmo ir pra escola hoje?

Queria poder mantê-lo comigo, bem pertinho de mim. Só que é impossível.

– Desculpa, meu bem. Tem uma… uma coisa que eu preciso fazer.

– Posso ir com você?

– Hã… Infelizmente, não.

Seu lábio inferior estremece de leve. Faz muito tempo que Nico não chora em público, mas fico com medo de isso estar prestes a acontecer.

– Sinto muito – digo depressa. – Mas vou estar em casa quando você chegar da escola. Prometo.

– Posso brincar com o Spencer? – pergunta ele, esperançoso.

Os olhos de Spencer se iluminam com essa sugestão.

– A gente pode, mamãe?

Janice parece prestes a ter um piripaque. A ideia tampouco me anima muito depois do que ela disse à polícia sobre meu marido, embora eu fosse deixar só para fazer Nico se sentir melhor. Mas essa não parece ser uma possibilidade.

– Spencer – diz Janice num tom incisivo. – Eu te disse depois que o Nicolas foi suspenso da escola por brigar que você não poderia nunca mais brincar com ele.

Peraí, *como é que é*?

Mal tenho tempo de ficar furiosa com Janice por falar assim na frente de Nico, porque o que ela acaba de dizer não tem como ser verdade. Nico foi à casa de Spencer na véspera da ida à praia. E algumas vezes desde então também. Pelo menos foi isso que ele me disse…

– Nico – digo num tom brusco. – Achei que a Sra. Archer tivesse dito que você podia brincar com o Spencer no quintal dos fundos.

– Eu não falei nada disso! – vocifera ela. – Falei, Spencer?

Spencer confirma que não com a cabeça, ansioso para agradar, e é então que uma expressão de culpa toma conta do rosto do meu filho. Janice nunca lhe disse que ele podia brincar no quintal dela. E, considerando o nível de vigilância dessa mulher, não há hipótese alguma de ele ter ido lá brincar com Spencer sem ela saber. O que significa…

– Nico, vem cá. – Eu o puxo pelo braço até nos afastarmos vários metros, e ele me segue, obediente. Abaixo a voz o suficiente para Janice não me escutar. – Aonde você tem ido quando sai de casa?

– A lugar nenhum – responde ele depressa. – Só brincar na rua. Sozinho.

Só que, se foi só isso que ele andou fazendo, por que mentir?

– Eu só queria ficar sozinho – acrescenta ele. – Não queria que você se

preocupasse.

Não acredito nele. Tem mais coisa nessa história que ele não está me contando. Só que bem nessa hora o ônibus chega, e agora Nico está muito ansioso para embarcar. Fico olhando o ônibus levar meus dois filhos embora, pensando se algum dia terei respostas para as perguntas que estão rodopiando pela minha cabeça.

QUARENTA E SETE

Embora eu soubesse que isso iria acontecer, é desestabilizante quando a primeira coisa que acontece ao chegarmos na delegacia é Enzo e eu sermos postos em salas separadas.

É claro que querem nos separar. Não querem que possamos combinar nossas histórias. Isso faz sentido, mas ao mesmo tempo me causa pânico. O fato de sentirem necessidade de nos separar me faz pensar que não estão apenas nos interrogando como vizinhos de porta da vítima. Estão nos considerando suspeitos de verdade.

Fico sentada na sala de interrogatório pouco iluminada, me remexendo numa das cadeiras de plástico desconfortáveis. Imagino meu marido sentado numa sala parecida em algum outro lugar da delegacia e fico pensando o que estará passando pela cabeça dele. Ele mal falou comigo desde o telefonema que dei hoje de manhã. Não lhe contei que confessei a Ramirez que ele chegou em casa com as mãos sujas de sangue.

Meu outro indício de que talvez estejamos encrencados é o fato de o próprio investigador Willard entrar na sala para me interrogar. Ele não mandou um de seus asseclas. Quer ele próprio falar comigo. Pessoalmente.

Isso não é bom.

– Sra. Accardi. – Ele se deixa cair na cadeira em frente a mim. Está com olheiras, e a iluminação da sala quase as faz parecerem hematomas. – Obrigado por ter vindo.

– Sem problemas. – Tento soar o mais tranquila possível, como uma mulher que não tem medo de ela e o marido estarem sendo acusados de assassinato. – Só queremos descobrir quem fez isso com o Jonathan. Ele parecia um cara realmente simpático.

– Não se preocupe – diz Willard. – Vamos descobrir quem foi.

Por que isso soa como uma ameaça?

– Eu sou uma suspeita? – pergunto.

– Não – responde ele sem hesitação. Apesar de tudo, sinto uma onda de alívio. – A senhora estava no trabalho até meia hora antes de o corpo ser encontrado. A Sra. Archer viu seu carro chegar em frente à casa e afirmou que a senhora só passou uns dois minutos dentro da propriedade dos Lowells. E isso depois de ela já ter ligado para a emergência preocupada com uma confusão lá dentro. Então não, a senhora não é uma suspeita. – Só que ele ainda acrescenta: – Mas posso entender o porquê da sua preocupação, levando em conta o seu… histórico.

Eu não deveria ficar nem um pouco surpresa com o fato de ele estar ciente da minha ficha criminal. Teria perdido o respeito por qualquer agente da polícia nessa situação que não estivesse a par disso. Mas sempre que alguém menciona o fato é como se me dessem um tapa na cara.

– Sim – respondo, tensa.

– Sra. Accardi – diz ele. – O que a senhora sabe sobre a relação do seu marido com a Sra. Lowell?

– Os Lowells são nossos vizinhos. – Ergo um dos ombros, tentando não deixar transparecer meu nervosismo. – Ele estava ajudando a Sra. Lowell no quintal dos fundos em troca de indicações de trabalho. Eles tinham uma relação amigável.

– A senhora alguma vez desconfiou de algo mais?

– Não. Nunca.

Ele abre um sorriso conspiratório.

– Nunca? Nem um pouquinho? Especialmente ele indo lá o tempo todo? Quer dizer, Suzette Lowell é uma mulher muito atraente.

Meu maxilar se retesa.

– Eu disse *nunca*.

– Entendo.

Esse investigador não vai me fazer cair em nenhuma armadilha. Sou esperta demais para isso. Ele não está lidando com nenhuma novata.

– Sra. Accardi, a senhora sabia que o seu marido comprou uma arma recentemente?

Minha boca se escancara.

– Uma… arma?

– Exato. – Ele está observando a minha expressão. – Ele sacou mil dólares da sua conta conjunta no banco e usou parte desse dinheiro para comprar uma arma de fogo. Uma arma *ilegal*. Mas nós temos contatos.

– Eu…

Meu coração está martelando dentro do peito. É difícil imaginar que isso possa ser verdade, mas não tenho como negar que o dinheiro foi tirado da nossa conta. Enzo alegou que era para substituir equipamentos quebrados, mas, se fosse só isso, por que ele não teria me contado logo de cara?

Pensando bem, e daí se ele comprou uma arma? Quer dizer, isso não me deixa muito empolgada, e com certeza estou pensando onde ela está agora e o que ele pretendia fazer com ela. Só que Jonathan Lowell não morreu baleado. Ele foi esfaqueado. Então, quer Enzo tenha comprado uma arma ou não, ela não é a arma do crime.

– Além disso – acrescenta Willard –, a senhora sabia que ele fez check-in num hotel de beira de estrada com Suzette Lowell quatro noites atrás?

Agora sinto que vou sufocar. Quando Enzo me disse ter ido apenas dar uma volta de carro, desconfiei que ele não estivesse sendo honesto. Essa informação, no entanto, me deixa sem chão. Quero desesperadamente acreditar que o investigador está inventando aquilo só para me desestabilizar, mas tudo que ele está dizendo se encaixa. O dinheiro desaparecido, o sumiço de Enzo…

Willard nem espera que eu responda à pergunta. A expressão do meu rosto já lhe dá toda a informação de que precisava.

– Sra. Accardi – continua ele. – A senhora e o seu marido… a situação financeira de vocês não é das melhores, é?

– Está tudo bem conosco – digo, na defensiva.

– Quer dizer que um cheque seu não foi devolvido há pouco tempo?

Ai, meu Deus, esse investigador sabe *tudo*. Eu me remexo na cadeira de plástico, pensando se ele sabe qual é a cor da calcinha que estou usando neste

exato momento. Não me espantaria.

– Foi um erro de cálculo.

– A senhora sabia – diz ele – que Jonathan Lowell tinha um seguro de vida de valor significativo e que Suzette Lowell é a única beneficiária?

Mais uma vez, estou tentando não reagir.

– Não, não sabia. Mas não entendo muito bem o que isso tem a ver comigo ou com meu marido.

Ele arqueia uma das sobrancelhas.

– Não?

Inspiro fundo e me lembro do que Ramirez me instruiu a falar caso as perguntas começassem a tomar o rumo errado. Posso não ser uma suspeita, mas tenho quase certeza de que meu marido é.

– Investigador Willard, não vou responder a mais nenhuma pergunta sem a presença de um advogado.

QUARENTA E OITO

O investigador decide que não tem mais nenhuma pergunta a me fazer.

Só que o mesmo não vale para Enzo. Fico esperando por ele na delegacia, e eles o mantém lá por *horas*. Duvido que passem o tempo inteiro interrogando-o. Estão só tentando desgastá-lo e fazê-lo dizer a verdade. Tenho certeza de que ele também pediu um advogado, e isso deve ter levado tempo.

Por fim, três horas depois, ele surge, parecendo exausto. Seus olhos ligeiramente vermelhos estão com olheiras. Os lábios estão virados para baixo, e ele está com uma cara de quem quer vomitar.

– O que aconteceu? – pergunto.

– Vamos embora – diz ele. – Agora. *Por favor*.

Fomos no meu carro até a delegacia, o que acaba sendo uma coisa boa, porque Enzo não parece estar em condições de dirigir (e eu fico um pouco apavorada ao dirigir a caminhonete dele com câmbio manual). Ele se senta no banco do carona ao meu lado e fica olhando fixamente pela janela.

Fico imaginando o que terão dito para ele lá dentro.

Ele passa os primeiros cinco minutos do trajeto sem dizer nada, vendo as ruas passarem depressa. Por fim, diz:

– Millie, você sabe que eu não traí você com a Suzette, né?

Faço uma careta. Não quero ter essa conversa agora, porque, somando minhas desconfianças anteriores com tudo que escutei do investigador Willard hoje, não consigo imaginar como Enzo *não estava* me traindo. E, se ele disser

outra coisa, vão ser só um monte de mentiras.

– Nunca faria isso. – Ele se vira da janela para me encarar. – Juro.

Eu me lembro das palavras de Ramirez hoje de manhã: "Se tem uma coisa que eu sei sobre Enzo Accardi é que ele é um homem bom. Não acho que ele fosse matar ninguém. Mas, se matasse, seria por um motivo muito bom."

Quero muito acreditar nisso, mas Enzo está dificultando muito as coisas para mim.

– Então por que foi a um hotel de beira de estrada com ela? – pergunto.

– Não fui!

– O investigador me disse…

– Não é verdade – insiste ele.

– Enzo, eu senti o cheiro do perfume dela em você.

Ele volta a se calar enquanto absorve essa informação. Olho de relance para ele ao parar no acostamento, sem querer bater com o carro enquanto temos essa conversa. Ele parece estar remoendo as coisas na cabeça. Será que vai confessar tudo?

Será que eu *quero* que ele confesse tudo?

– Tá bom – diz ele por fim. – Fiz check-in num hotel naquela noite. É verdade.

Eu não tinha me dado conta até esse instante do quanto queria que ele negasse tudo.

– Sei…

– Só que não foi com a Suzette. Juro. Eles só sabem que foi uma mulher e tiraram essa conclusão.

Como é que é?

– Então com quem você tá me traindo? – disparo.

– Traindo, não – diz ele com firmeza. – Foi… foi com a Martha. Acho que a Suzette dá os restos de perfume para ela. Ou vai ver… vai ver ela rouba.

– Martha, nossa *faxineira*?

Ele assente devagar.

Então, tá…

Dentre todas as pessoas com quem eu poderia ter achado que meu marido fosse me trair, minha faxineira sessentona estava no final da lista. Ele está alegando que não traiu, claro. Mas, se não fez isso, o que estava fazendo num

hotel com ela?

– Eu fui até a casa dela pra entregar o último pagamento – começa ele.

Cerro os dentes ao lembrar como lhe *pedi* que não fizesse isso, mas ele fez mesmo assim.

– Tá…

– E ela estava… – Ele leva a mão ao rosto. – Estava cheia de hematomas. Eu já tinha pressentido quando conversei com ela antes, mas nesse dia foi quando tive certeza. O marido dela… Ele pegava o pagamento dela inteiro, e era por isso que ela estava roubando… para economizar o suficiente e poder sair de casa. Millie, ele teria matado a Martha. Além do mais, ficou com raiva por ela ter sido demitida de mais um emprego. Eu precisava ajudar ela a sair de casa.

Enzo jamais iria mentir sobre isso. *Jamais*. Se ele está dizendo que Martha apanhava do marido, é verdade. Ou pelo menos a verdade na qual ele acredita.

– Vai ver ela estava manipulando você pra conseguir dinheiro – sugiro.

– Não – diz ele. – É real. Na verdade…

Ele para de falar, como se não tivesse certeza se deveria me contar mais alguma coisa. Mas esse não é o momento para guardar segredos.

– O quê?

– Ela queria falar com *você* – diz ele, dando um suspiro. – Ela sabia sobre você.

– Ela… sabia?

Fico pensando em como ela poderia saber. Quem teria lhe contado.

O fato é que eu tenho certo… histórico em relação a mulheres como Martha. Mulheres que se encontram em situações terríveis, sem ter como sair. Eu me transformei na saída para algumas dessas mulheres. Enzo também. Preciso dizer que não tenho como deixar de sentir orgulho ao olhar para tudo isso. Nós fizemos algumas boas coisas na vida.

E quem sabe também algumas coisas ruins pelo caminho.

– Sabia. E estava tentando reunir coragem porque queria a sua ajuda. Mas aí você acusou ela de estar quebrando coisas e depois disse que ela estava roubando…

– Ela *estava* roubando!

– Eu te falei por quê! – Ele balança a cabeça. – Ela não tirou grande coisa da gente. Suzette também achou que ela estivesse roubando, e era sobre isso que

estava falando comigo naquela noite no quintal dos fundos. Tive que convencer ela que não estava acontecendo roubo nenhum, assim a Martha não perdia o emprego.

Consigo ver nos olhos escuros de Enzo que cada palavra que está dizendo é verdade e sinto uma pontada de culpa. Martha não estava me encarando por querer me fazer mal. Era porque achava que eu fosse sua única esperança de fugir e estava reunindo coragem para pedir minha ajuda. Em que eu me transformei para não ter sido capaz de enxergar isso?

– Então você tá me dizendo que a arma era pra ela? – pergunto baixinho.

– Martha precisava da arma até eu conseguir tirar ela de perto dele, e quando fosse embora iria precisar mais ainda. Ele estava indo atrás dela, Millie. Eu precisava ajudar. Martha agora está a centenas de quilômetros daqui, mas ainda assim ele poderia encontrar ela.

– Tá, tá bom. – Seguro o volante com mais força. – Eu entendo o que você fez. Não posso dizer que não teria feito o mesmo, mas… por que você não me contou nada? Sabe que pode conversar comigo sobre esse tipo de coisa. Quer dizer, antes a gente formava um *time*… não é?

Nós ajudávamos mulheres em apuros o tempo todo. Foi assim que nos aproximamos. Foi o motivo que levou a gente a se apaixonar, para começo de conversa. Eu poderia ter ajudado… Teria *querido* ajudar. Por que ele me deixou de fora dessa vez?

Ele fica em silêncio, medindo as próximas palavras.

– Eu tava preocupado com você.

– Preocupado?

– Você anda tão estressada. A sua pressão…

– Ai, meu *Deus* do céu. – Bato no volante com a palma da mão. – Quer dizer que você prefere que eu acorde no meio da noite sem saber onde diabos você se enfiou? Acha que *isso* foi bom pra minha pressão?

Ele deixa escapar um longo suspiro e recosta de novo a cabeça no encosto do banco.

– Eu mandei mal. Foi burrice minha.

– É. Foi mesmo.

– Mas… você acredita em mim?

– Acredito – respondo. – Acredito, sim.

Pela primeira vez desde que saiu da delegacia, ele consegue abrir o mais tênue dos sorrisos. Tá, a coisa não está nada boa para o lado dele. O testemunho de Janice coloca Enzo bem na cena do crime. Mas Ramirez tem razão: meu marido não mataria um homem a troco de nada. Se ele está dizendo que não foi ele, então eu acredito.

Só que, no fundo, no fundo, continuo com a sensação de que ele ainda está me escondendo alguma coisa.

QUARENTA E NOVE

Quando chego na nossa rua, tem um Dodge Charger preto estacionado em frente à nossa casa. Antes mesmo de olhar para o motorista através do para-brisa, reconheço o carro de Benito Ramirez. Dito e feito: no mesmo segundo que nos vê encostar, ele sai do carro com uma xícara de café na mão.

Ramirez acena para mim quando estou descendo do carro. Apesar do calor que está fazendo, ele usa um paletó de terno preto e uma gravata presa ao pescoço por um nó frouxo. Na primeira vez que o encontrei, quase dez anos atrás, seu cabelo curto era grisalho, mas agora está quase branco.

– Millie. – Ele se aproxima para me dar o beijo e o abraço de praxe. – Que bom te ver. Sua cara tá boa.

– Obrigada – digo, embora tenha certeza de que estou com uma cara exausta.

Quando Enzo sai do carro, Ramirez lhe diz:

– E a sua, meu amigo, tá uma merda.

– Obrigado – diz Enzo. – É como tô me sentindo.

Ramirez faz um movimento com a mão na direção da nossa casa.

– Venham. Vamos entrar. Tenho mais alguns motivos pra você se sentir uma merda. Vocês precisam ouvir o que eu tenho a dizer.

Ai, meu Deus. O que foi agora?

Conduzimos Ramirez até entrarmos em casa. Em outras circunstâncias, eu teria me sentido compelida a lhe mostrar a casa inteira, mas nenhum de nós dois está com disposição para isso. Mesmo assim, ele olha em volta e assente com um

ar de aprovação.

– Que lugar legal, este. Melhor do que o Bronx.

– Sinto muito por termos ido embora – digo.

– Como vão as crianças?

– Muito bem – responde Enzo, o que suponho não ser uma mentira completa.

Nós nos acomodamos na sala, e não consigo parar de tremer ao pensar no que diabos Ramirez vai nos dizer. Ofereço um café, embora ele já esteja com um na mão, e ele me abre um sorriso de empatia.

– Tá, vamos direto ao ponto. – Ele larga o copo de café em cima da minha mesa de centro e se inclina para a frente, apoiado nos cotovelos. – Por sorte, tenho um contato aqui na ilha, e ele se informou por aí. Vocês tinham razão em ficar preocupados. Willard é um policial duro na queda e, Enzo, ele acha que você matou o Jonathan. Está ocupado neste exato momento montando o caso contra você.

– Com base no *quê*? – pergunto.

– Bom – diz Ramirez. – Sem querer ser grosseiro, Enzo, mas ele acha que você estava pegando Suzette Lowell. Acha que vocês dois conspiraram pra matar o marido dela e levar o dinheiro do seguro dele. Ela aumentou recentemente a indenização, e agora estamos falando de muito dinheiro.

– Que coisa mais ridícula – resmunga Enzo.

– Aquela dona que mora aqui na frente está cantando feito um passarinho pra polícia – acrescenta Ramirez. – E tem mais: ela tirou fotos.

– Fotos? – pergunto, num arquejo.

– Aham. Nada que seja diretamente incriminador, mas muitas fotos em momentos distintos de vocês dois um pouco perto demais um do outro, se é que me entendem.

Suzette tinha toda a razão. Janice é *mesmo* uma enxerida.

Enzo grunhe.

– A gente tava só conversando.

Ramirez arqueia uma sobrancelha.

– Sobre o quê?

– Sobre nada de mais. Assuntos de jardinagem. Problemas com a faxineira dela. O clima. Não importava… Ela sempre tinha uma desculpa pra me fazer

ficar. Tenho a sensação de que… Sei lá… Ela não parecia feliz no casamento.

– Você acha que o marido estava batendo nela?

– Não. Não tive essa impressão.

– Ela estava dando em cima de você?

Enzo lança um olhar preocupado na minha direção, então joga os braços para o alto.

– Estava. Estava, sim. É claro que estava. Mas não era nada sério. Não tinha mal nenhum nisso.

– Então, o negócio é o seguinte – diz Ramirez. – Sua vizinha tem fotos de você com Suzette Lowell que são muito sugestivas. Um hotel de beira de estrada a cerca de uma hora daqui tem registro de você fazendo check-in com uma mulher poucos dias atrás. Você compra uma arma com dinheiro vivo. Suzette Lowell aumenta o valor do seguro de vida do marido. Aí a vizinha vê você entrando na casa dos Lowells, e logo em seguida Jonathan Lowell aparece morto.

Enzo cerra os dentes.

– Eu estava no quintal dos fundos o tempo inteiro. Suzette queria plantar uma horta, então eu estava preparando a terra.

– Quer dizer que você espera que eu acredite que não só não escutou o que aconteceu dentro da casa, como também que o verdadeiro assassino entrou e saiu pela porta dos fundos sem você ver nada?

– Eu estava com uns equipamentos ligados… Fica muito difícil escutar… E estava indo e vindo entre o quintal dela e o meu.

– Vamos lá, Enzo. – Ramirez encara meu marido com firmeza. – Pode ser sincero comigo. Você matou o cara?

Enzo abaixa a cabeça e leva as mãos ao rosto.

– Não. Juro. Benny, eu nunca faria uma coisa dessas.

– Então vai precisar de um advogado muito, muito bom.

Enzo dá um soco no sofá de tanta frustração, e nem posso culpá-lo. Um bom advogado? Nós não temos dinheiro nenhum. Não temos como contratar *nenhum* advogado, que dirá um bom. Vamos ter que aceitar quem quer que a gente consiga arrumar de graça. O defensor público nomeado pelo tribunal vai ter que servir.

– A gente não tem muito dinheiro – digo para Ramirez. – Então arrumar um advogado muito, muito bom está fora de questão.

– Achei que você fosse dizer isso – retruca ele. – Então tomei a liberdade de entrar em contato com uma defensora pública que é uma das melhores que já vi. A base dela é no Bronx, então esta não é a jurisdição dela, mas podemos contornar isso com jeitinho. Ela é jovem, tem dois anos de formada… mas é bem sagaz. Tem uma taxa de vitórias excelente. Já foi a julgamento por assassinato duas vezes e levou a melhor nas duas. Quando falei de vocês, ela ficou ansiosa pra ajudar.

– Que ótimo – digo.

– Ela tá vindo pra cá. – Ramirez olha para o próprio relógio. – Se não tiver pegado trânsito, deve chegar daqui a pouco. Aí vocês podem dar todos os detalhes pra ela. – Ele lança um olhar de alerta para Enzo. – Conta tudo pra essa mulher. Sem mentiras.

– Claro – concorda Enzo.

Balanço a cabeça.

– Que gentileza a dela vir até aqui assim tão em cima da hora.

– Ela disse que remanejou alguns compromissos.

Semicerro os olhos diante de Ramirez. Algo nisso tudo parece meio suspeito. A mulher pelo visto é uma defensora pública incrível, mas mesmo assim está disposta a largar tudo e atravessar a cidade inteira até *Long Island* para ajudar um casal que nunca viu na vida? Quem é que faz uma coisa dessas? Olho para Enzo, cuja expressão está igualmente cética.

Tem alguma coisa acontecendo aqui de que não estou sabendo.

Ramirez leva a mão ao bolso para pegar o celular. Lê a mensagem na tela, em seguida gira a cabeça para olhar pela janela da frente. Um sedã azul acaba de parar em frente à casa.

– É ela – diz.

Eu me inclino para a frente no sofá a fim de ver melhor a mulher que está saltando do carro. Ela tem cabelo louro-platinado preso num coque frouxo e um corpo esguio. Parece delicada, não o tipo de pessoa que se fosse considerar uma fera num tribunal, mas as aparências enganam. Se Ramirez diz que ela é boa, eu confio nele.

Ramirez pula do sofá para abrir a porta para ela. Fico de pé ao mesmo tempo que nossa nova advogada entra na sala segurando uma pasta. Enzo também se levanta e ouço o forte ruído quando ele dá um arquejo.

– *Oddio!* – exclama ele.

Nossa advogada não é uma defensora pública qualquer. Enzo sabe exatamente quem é essa mulher.

E, um segundo depois, eu também.

CINQUENTA

– Cecelia! – exclama Enzo.

No mesmo segundo em que ele diz o nome, sei exatamente quem é a moça: Cecelia Winchester. Meio que fui babá dela um tempo atrás. E Enzo também cuidou de Cecelia enquanto umas outras coisas estavam acontecendo na vida dela. Não a vejo pessoalmente desde que ela era uma menina de 10 anos. E agora ela tem…

Ai, meu Deus, ela tem *27 anos*. Estou tão velha!

Apesar de tudo, Enzo vai correndo até ela. Envolve-a nos braços, e ela retribui o abraço. Ele sussurra algo em seu ouvido, e ela sorri e assente. Não consegui entender o que ele falou, mas ouvi as palavras "sua mãe".

Atravesso a sala para dar uma olhada melhor na moça. Ela pode ter 27 anos, mas mesmo assim parece muito jovem. Eu acreditaria que tem 20 se alguém tentasse me convencer. Apesar disso, há algo de muito arguto e duro em seus olhos azuis. Ela tem os olhos de uma mulher vinte anos mais velha. Algo nesses olhos me leva a acreditar que tê-la do nosso lado talvez seja a melhor arma que possamos ter.

– Oi, Millie – diz ela.

Da última vez que escutei sua voz, ela soava aguda e infantil. Agora é precisa e profissional. Ela parece o tipo de mulher que está trabalhando até na mesa do jantar.

Consigo abrir um sorriso.

– Oi, Cece. É mesmo muito bom ver você.

– Igualmente. – Ela ajeita a lapela do paletó do terninho. – Queria que não precisasse ser nessas circunstâncias.

– Cecelia é uma defensora pública, então oficialmente nós dois somos inimigos mortais – diz Ramirez. – Mas admirei a paixão dela quando a vi em ação. Esbarrei com ela mais ou menos um ano atrás, num supermercado, quando estava comprando aquele bolo que você me pediu pra levar na festa de aniversário da Ada, e aí a gente começou a conversar. Quando eu disse pra quem estava comprando o bolo, acabou que ela conhecia vocês tão bem quanto eu. Então, quando vocês me ligaram hoje de manhã, telefonei pra ela na hora.

"Tão bem quanto eu" é um exagero. Somos amigos de Benny há anos, e, da última vez que vi Cecelia, ela era uma criança. Será que andou acompanhando a nossa vida?

Bem, se tiver feito isso, eu deveria me sentir grata. Ela é nossa única esperança nesse momento.

– Benny me passou todos os detalhes enquanto eu tentava atravessar a Long Island Expressway – diz ela quando estamos voltando para a sala. – A polícia está montando um caso e tanto contra você, Enzo.

Ele faz uma careta.

– Eu sei. Um horror. Cecelia, você precisa saber, eu não…

Cecelia se acomoda no sofá e cruza uma das pernas magras por cima da outra. Põe a pasta de trabalho no colo e a abre com um estalo. Pega um bloco amarelo pautado e tira a tampa de uma caneta esferográfica com um clique. Ela obviamente não quer perder tempo jogando conversa fora, algo que eu valorizo nesse momento.

– Pode ser que você não tenha matado, mas eles vão cair *com força* em cima de você – diz ela. – Isso eu posso garantir. Não ficaria surpresa se estivessem preparando um mandado de busca.

Enzo abre um sorriso de sarcasmo.

– Eles que procurem. Não vão encontrar nada.

Já eu não sinto o mesmo. Já tive a casa revistada pela polícia, e isso é a pior violação que sou capaz de imaginar. Eles reviram *tudo*. Viram sua vida inteira do avesso e não a colocam de volta no lugar.

– O que eles vão procurar? – pergunto a Cecelia.

– Uma arma do crime – diz ela sem hesitação. – Qualquer vestígio do sangue de Lowell.

Penso na camiseta ensanguentada que Enzo estava usando na noite anterior. Acabei nunca encontrando. Ele deve ter se livrado dela.

Mas, se fosse mesmo o sangue de Enzo, por que ele iria se livrar da própria camiseta? Não seria nada incriminador.

– Eles não vão encontrar isso – retruca ele com firmeza.

– Seria útil se vocês pudessem me contar tudo desde o início – pede ela.

E então ele faz o que ela pediu. Conta tudo enquanto ela toma notas em seu bloco sem dizer nada. Fala sobre a relação com Suzette, sobre as coisas que fez para ajudar Martha e por fim sobre como estava trabalhando no quintal dos Lowells enquanto Jonathan estava sendo assassinado.

– Eu não fiz nada – insiste ele. – *Nada*. Por que eles acham que eu teria matado o Jonathan?

É uma pergunta retórica, mas Cecelia parece de fato refletir a respeito. É óbvio que se tornou uma jovem muito racional. Fico pensando se Ada vai acabar ficando igual a ela.

É claro que, se o pai for trancafiado na prisão, isso vai traumatizá-la para sempre.

– Vou ser sincera com você, Enzo – diz Cecelia por fim. – Acredito que possa ter alguma coisa a ver com Dario Fontana.

Ao ouvir esse nome, toda a cor se esvai do rosto de Enzo.

– Como é que é? – diz ele.

– Pelo que entendi… – Cecelia olha para Ramirez, que assente – o investigador Willard vasculhou seu passado, antes de você vir para o país. E esse foi um nome que surgiu.

Nunca escutei esse nome na vida, de modo que é perturbador o homem com quem sou casada há mais de uma década ter uma reação tão visceral a ele.

– Quem é Dario Fontana? – pergunto para Enzo.

– Isso já faz muito tempo. – É tudo que ele consegue dizer.

A voz de Cecelia é firme e não deixa espaço para nenhuma mentira.

– Nem tanto assim.

– Enzo? – pressiono.

Ele está apertando tanto os próprios joelhos que os nós de seus dedos estão

brancos.

– Dario era o marido da minha irmã.

O marido da irmã dele. Tá, agora faz sentido o nome ter deixado Enzo tão abalado. Antonia foi espancada pelo marido durante muitos anos, até por fim ele matá-la. Ele era também um homem com vínculos perigosos com a máfia, e, depois de se vingar, Enzo precisou sair imediatamente da Itália. Consigo entender por que ele nunca quis mencionar o nome do sujeito. Mas o que não entendo é por que Cecelia o trouxe à baila.

– Ele não era só isso – diz Cecelia. – Precisamos ser honestos em relação à situação com a qual estamos lidando.

Enzo me lança um olhar atormentado.

– Millie, você poderia nos deixar um instante?

Ele está de brincadeira comigo? Acha mesmo que vou *me retirar* agora?

– De jeito nenhum – retruco, incisiva. – O que é que você não quer que eu saiba?

– Enzo – diz Ramirez. – Conta a verdade pra sua esposa e pronto.

Enzo resmunga alguma coisa baixinho. Não existe a menor chance de eu sair da sala sem ter descoberto o que ele não quer que eu saiba.

– Enzo? – repito.

– Tá. *Tá bom*. – Ele cerra os dois punhos. – Eu trabalhava pra ele. Eu trabalhava para Dario Fontana. Tá bom?

Meu queixo cai. Esse é um pedaço do quebra-cabeça que nunca escutei antes. Enzo *trabalhava* para o cara que espancava a irmã dele? E não é só isso, porque pelo que eu tinha entendido o cara era um mafioso. Então, se Enzo trabalhava para ele…

– Eu era um *garoto* – argumenta ele. – Tinha 16 anos quando comecei a trabalhar pro Dario. Não sabia quem ele era de verdade. Quando percebi…

– Por quantos anos você trabalhou pra ele? – insiste Cecelia.

Enzo parece totalmente consternado por ser obrigado a ter essa conversa.

– Oito.

– E, quando trabalhava pra ele, o que você fazia?

Enzo fecha os olhos por um instante, em seguida torna a abri-los.

– Por favor, para. Eu… eu já entendi. A coisa tá séria. Já entendi.

O que Enzo fazia para esse tal mafioso?

– Tá bom – concorda Cecelia. – A gente não precisa falar sobre isso agora. Mas eu preciso que você entenda com o que estamos lidando. Se essa informação surgir num tribunal…

– Sim. Eu entendo.

– Eu vou brigar por você – afirma ela. – Mas, Enzo, não quero ouvir mentiras. Não posso fazer nada por você se mentir na minha cara. Você precisa me contar tudo. Precisa ser totalmente sincero para eu poder te proteger.

Ele a encara nos olhos com firmeza.

– Eu não matei Jonathan Lowell. Te dou minha palavra.

– Certo – diz ela. – Mas, se não foi você, quem foi?

– Suzette Lowell – deixo escapar.

Foi esse o pensamento que me veio à cabeça assim que vi o corpo morto estendido no chão. Suzette nunca pareceu respeitar ou mesmo gostar do marido. Meu primeiro instinto foi que ela finalmente o tinha matado.

– Mas como? – indaga Ramirez. – A tal vizinha, ela jura que a Suzette passou o dia fora.

– Ela tem um álibi?

– Não, um álibi, não. Mas não dá muito bem pra percorrer esta rua a pé. Ela precisaria ter voltado para casa de carro. Alguém teria notado.

– Tem outro jeito – diz Enzo.

Cecelia arqueia as sobrancelhas.

– Sou toda ouvidos.

– Tem um jeito de estacionar nos fundos da casa sem passar pela rua sem saída – diz Enzo. – Suzette me contou. Ela poderia ter parado lá atrás e entrado pela porta dos fundos, e Janice Archer nunca teria visto.

– E você não teria notado?

– Eu estava pra lá e pra cá entre o nosso quintal e o deles. Não teria necessariamente visto ela entrar.

– Tá, já é um começo. Deixa eu estudar o assunto. – Cecelia consulta o relógio de pulso. – Certo, minha tarde está cheia, então tenho que ir. Não vai ser nada fácil, mas prometo fazer tudo que estiver ao meu alcance para impedir que ponham isso na sua conta. Vou brigar por você.

Enzo franze o cenho enquanto ela se levanta. Quando foi que a pequena Cecelia Winchester aprendeu a andar com saltos tão altos?

– Você já defendeu casos como esse e ganhou? – pergunta ele.
Cecelia se esquiva com elegância da pergunta. Ponto para ela.
– Esse nós vamos ganhar.
Tomara que ela esteja certa.

CINQUENTA E UM

Quando Cecelia e Ramirez vão embora, falta meia hora para as crianças saltarem do ônibus escolar. Meia hora para extrair a verdade do meu marido.

– Enzo, a gente precisa conversar.

Ele abaixa a cabeça.

– Eu tô muito cansado, Millie. Tem que ser agora, neste minuto?

– Tem, sim. – Cruzo os braços em frente ao peito; dessa vez não estou disposta a deixá-lo escapar. – Faz onze anos que a gente é casado, e de uma hora pra outra parece ter muita coisa sobre você que eu não sei.

– Eu te contei tudo que era importante.

– E quem decide o que é importante é você?

Ele cambaleia de volta até a sala e se deixa cair no sofá.

– O que foi? Você precisa saber cada detalhe? Tudo que eu fiz desde o dia em que nasci?

Eu o sigo de volta até o sofá e me sento ao seu lado.

– Não, mas se você foi capanga de algum mafioso, sim, isso é algo que vale a pena contar.

– Eu não fui capanga dele.

– Então que tipo de trabalho você fazia pra esse cara?

– Nada. Pequenos serviços.

Lanço um olhar desconfiado a ele.

– *Pequenos serviços?* Tipo dar comida pro gato quando ele viajava e pegar a

roupa dele na lavanderia? Era a isso que a Cecelia estava se referindo?

– O que você quer que eu diga? – Ele se senta ereto, mas não olha para mim. – Eu era só um garoto e cometi um erro terrível ao trabalhar para uma pessoa horrorosa. Quis parar, mas aí ele já estava namorando a minha irmã e não era mais tão fácil sair. Aí ele se casou com ela, e o que eu podia fazer?

– Então, o que você fazia? – pergunto. – Perseguia gente que devia dinheiro pra ele e quebrava os joelhos dessas pessoas?

Ele dá um muxoxo.

– Você vê filmes demais. Ninguém sai por aí quebrando o joelho dos outros. Que coisa mais ridícula.

– Nossa, não sabia que você tinha essa *experiência* toda – retruco.

– Millie…

– Tá, então ninguém quebra joelhos por aí. O que é melhor, então? O que você quebra quando quer que algum pé-rapado pague um dinheiro que deve, hein?

Ele passa um tempão calado, olhando para o próprio colo. Por fim, em voz baixa, diz:

– Dedos.

Ai. Meu. Deus.

– Millie. – Ele ergue a cabeça. – Eu não me orgulho disso. Acredita em mim. Foi culpa minha a Antonia ter morrido. Se eu não tivesse começado a trabalhar pro Dario quando era um garoto burro, ela nunca teria se casado com ele. Ainda estaria viva. – Ele engole em seco. – Tenho que viver com esse peso na consciência. E isso me corrói todos os dias. É por isso que… quando alguma outra pessoa precisa de ajuda… eu sou obrigado a…

Preciso morder a língua para me segurar e não dizer em voz alta o pensamento terrível que passa pela minha cabeça: que se ele extorquia dinheiro das pessoas e quebrava os dedos delas (ou coisa pior), talvez seu carma tenha voltado para assombrá-lo.

– Me diz uma coisa – digo. – Você alguma vez já matou alguém pra ele?

– Não. Nunca! Já te falei isso.

– Bom, você falou uma porção de coisas que no fim das contas não eram verdade.

Ele me encara com uma expressão magoada.

– Estava só tentando te proteger.

Até parece. Ele escondeu uma parte imensa do próprio passado, e não consigo acreditar que eu só esteja descobrindo tudo agora. Enzo teve várias oportunidades de me dizer a verdade. E ele sabe tudo sobre meu passado, que não é exatamente o de uma santa. Tenho vários esqueletos no meu próprio armário.

Ele poderia ter sido honesto. Poderia ter me contado tudo. Só que decidiu não contar.

– Eu nunca matei ninguém. – Sua voz falha. – Nunca faria isso. Não fui eu quem matou o Jonathan.

Eu o encaro nos olhos. Quando o conheci, não conseguia acreditar no quanto seus olhos eram escuros; isso me dava um calafrio na espinha. Mas aí, anos depois, quando ficamos lado a lado no cartório jurando nos amar até que a morte nos separasse, encarei esses mesmos olhos e não senti nada a não ser amor por esse homem. Eu confiei nele. Ele seria o pai da criança que eu estava esperando, e eu sabia, no fundo do meu coração, que ele cuidaria de nós. Que faria tudo que estivesse ao alcance dele para nos proteger.

Não sei como tudo deu errado.

Porque estou cada vez mais certa de que Enzo estava mentindo desde o começo.

CINQUENTA E DOIS

Depois de todo mundo ir para a cama dormir, decido ir até o quintal dos fundos dos Lowells com uma lanterna.

Espero as crianças pegarem no sono. Enzo também parece estar dormindo. Não faço ideia de como ele conseguiu pegar no sono depois de tudo que aconteceu hoje, mas, quando olhei para o lado na cama, seus olhos estavam fechados e ele roncava baixinho.

Não me dou ao trabalho de me vestir, porque vou só até o quintal dos vizinhos. Ponho uma calça de pijama e enfio os pés num par de pantufas. Deve bastar.

A fachada inteira do número 12 da rua está isolada pela fita da polícia e o interior da casa está às escuras – Suzette pelo visto encontrou outro lugar para ficar que não esteja todo sujo com o sangue do marido. Havia alguns poucos jornalistas zanzando pela rua, mas Enzo e eu ficamos dentro de casa, e eles acabaram se entediando e indo embora. Liguei para o trabalho para avisar que precisava tirar um ou dois dias de folga, e eles se mostraram muito compreensivos.

Enzo alega haver um jeito de entrar no quintal dos fundos sem parar o carro em frente à casa. Quero acreditar que ele tem razão, porque, caso contrário, ele é o único que poderia ter matado Jonathan Lowell. E quero muito acreditar que não foi ele.

O quintal dos fundos dos Lowells é imenso em comparação com o nosso.

Seria de se pensar que, se a nossa casa costumava mesmo abrigar os animais, pelo menos o quintal fosse gigantesco, mas ele é ofuscado quando comparado ao de nossos vizinhos. A grama foi cortada com esmero, cortesia do meu marido, e ele também plantou e moldou arbustos ao longo do perímetro. Além disso, isolou uma área que Suzette pelo visto queria reservar para começar uma horta.

É tudo igualzinho ao que ele disse.

Aponto a lanterna para as extremidades do quintal. Olhei um mapa antes de vir, mas não foi muito revelador. Há várias coisas que existem na vida real e podem não aparecer num mapa, mesmo um virtual. Por isso estou conferindo pessoalmente.

Mantenho a lanterna apontada para os arbustos. Enzo fez um ótimo trabalho com eles. Estão todos perfeitamente podados, sem nenhuma folha ou galho fora do lugar. Ele é muito habilidoso. Mesmo sem Suzette, ele teria conseguido ampliar o negócio em Long Island. Não precisava dela.

E se o que o investigador falou for verdade? E se Enzo e Suzette tiverem conspirado para matar Jonathan e feito um acordo para dividir a indenização do seguro de vida?

Não. Não consigo imaginar meu marido aceitando uma coisa dessas. Enzo às vezes se dispõe a burlar a lei, mas jamais mataria alguém por dinheiro. Só que tampouco consigo imaginá-lo quebrando os dedos de uma pessoa.

Enzo tem andado estressado com as prestações da casa. Elas realmente são sufocantes de tão altas. Quisemos muito essa propriedade, então é difícil reconhecer que ela estava um pouco acima das nossas possibilidades. Ele estava desesperado para proporcionar à família uma bela casa num ótimo bairro.

Mas não. Ele não teria matado para nos proporcionar isso. Não acredito nessa possibilidade.

Não consigo acreditar.

Quando chego ao extremo mais distante do quintal, ouço um barulho. Um farfalhar de folhas. Miro a lanterna na direção do som e vejo alguns dos galhos se moverem sozinhos. As sombras mudam de forma e se dobram.

Então me ocorre que, se alguém de fato tiver entrado pelo quintal dos fundos para matar Jonathan Lowell, essa pessoa continua tendo acesso à casa. E aqui estou eu, de pijama e pantufa de pelúcia, perambulando pelo quintal sem nenhuma arma para me defender exceto minhas mãos.

Por um segundo, imagino Enzo vindo da casa ao lado pela manhã e me encontrando degolada, caída numa poça de sangue no quintal.

– Oi? – sussurro, mirando o facho da lanterna direto nas folhas farfalhantes.

Cogito sair correndo. Nosso próprio quintal está a poucos metros de distância. Afinal, Nico conseguiu rebater a bola de beisebol do nosso quintal até aqui e quebrar uma janela. Se eu desligar a lanterna, quem quer que seja não vai mais conseguir me ver.

A menos que essa pessoa também tenha uma lanterna.

Meu coração dispara enquanto tento decidir o que fazer. E enquanto fico parada, petrificada, percebo que esperei demais.

O intruso já está aqui.

CINQUENTA E TRÊS

Dou um passo para trás, tentando decidir se deveria desligar a lanterna. Será melhor ter o elemento surpresa ou ver com quem estou lidando?

Antes de conseguir me decidir, uma silhueta entra no quintal. E meus ombros relaxam.

– Suzette?

Suzette Lowell está vestida do modo mais casual que já vi, com uma calça jeans e um cardigã fininho. Ela me olha de cima a baixo, meu pijama e meu cabelo preso num rabo de cavalo bagunçado, agarrada à lanterna como se minha vida dependesse disso. Ela dá uma risada, mas não é um som feliz.

– O que está fazendo no meu quintal, Millie? – pergunta ela em tom inquisidor.

– Eu, hã… – Arregaço a calça do pijama. – Ouvi um barulho.

Ela arqueia uma das sobrancelhas. É uma desculpa esfarrapada, e ela sabe.

– Não acha que sua família já me fez o suficiente?

Aperto a lanterna com mais força até meus dedos doerem.

– A gente não fez nada.

– Sério? – As sombras pintam olheiras sob os olhos dela. – O seu marido assassinou o meu ontem à noite.

– Isso não é verdade – rebato, embora no íntimo tenha lá minhas dúvidas.

– Tá de brincadeira comigo? – diz ela. – Janice o viu entrar na casa. Ele estava *lá dentro* quando o Jonathan foi morto. Está me dizendo mesmo que não foi ele?

– Por que ele faria uma coisa dessas?

Estou curiosa para ouvir a resposta de Suzette, porque tudo que escutei até agora envolve algum tipo de conluio entre ela e Enzo. Mas é óbvio que Suzette negaria uma coisa dessas, pois não iria admitir envolvimento.

– Millie, detesto ser eu a te dizer isso, mas o Enzo estava obcecado por mim.

– Obcecado por você? – repito, incrédula.

– Você acha que era eu quem chamava ele pra vir aqui a todo minuto? – Ela balança a cabeça. – Ele sempre tinha uma desculpa pra estar aqui. Vivia dando em cima de mim. E tinha um ciúme *fortíssimo* do Jonathan.

Chega a ser risível. Enzo não estava dando em cima dela. Eu podia ver com meus próprios olhos que a instigadora era ela. A essa altura da vida, consigo perceber quando uma mulher está se jogando em cima do meu marido.

– Você viu como ele não conseguiu me largar lá na praia. Acha que eu queria que ele praticamente me carregasse no colo até o carro? Eu não conseguia afastar ele de mim.

– Você não parecia estar se importando – comento.

– Bom, mas estava. – Ela funga. – E ele me disse que não estava feliz. Disse que tinha se sentido encurralado e obrigado a se casar. Porque você engravidou.

Como é que é?

As palavras dela finalmente acertam o alvo. Porque isso é inteiramente verdade. Enzo se casou comigo porque fiquei grávida de Ada. Sim, nós estávamos morando juntos, mas falávamos pouco em nos casar. Tá, não falávamos *nunca* em nos casar.

Com certeza nunca comentei com Suzette que Enzo e eu nos casamos porque engravidei. Ou seja, ele deve ter lhe contado. Por que Enzo contaria isso a ela? A menos que…

– Sinto muito que você precise ouvir isso de mim, mas o seu marido é um homem perigoso. – Ela inclina a cabeça para o lado. – Mas talvez você já saiba isso.

Uma súbita brisa fresca me causa um calafrio.

– Não tem nada pra saber. Enzo não faria mal a uma mosca.

Ela ri.

– Ah, Millie. Tenho certeza de que você não acredita nisso de verdade.

Acredito, sim. Meu marido nunca cometeu nenhuma violência com outra

pessoa durante todo o tempo em que o conheço. Pode ter ameaçado, mas nunca o vi desferir um soco sequer.

Embora haja uma pequena chance de ele talvez ter quebrado alguns dedos. Ah, sim, e ele uma vez espancou um homem até quase matá-lo.

– Enfim. – Suzette sai do facho de luz da lanterna. – Preciso pegar umas coisas dentro de casa sem que os paparazzi saibam que estou aqui. Imaginei que fosse melhor entrar pelos fundos.

– Os jornalistas já foram todos embora.

– Sério?

Ela franze o cenho, claramente decepcionada com a falta de interesse da imprensa. Quer tenha matado Jonathan ou não, Suzette não parece tão abalada com a morte dele. É como se não estivesse nem aí. E conversar com ela não ajudou em nada. Mas descobri uma coisa muito importante.

Com certeza existe, *sim*, um jeito de alguém entrar pelos fundos da casa sem que Janice Archer consiga ver a pessoa do outro lado da rua.

CINQUENTA E QUATRO

Na manhã seguinte, somos acordados pelo barulho da campainha tocando lá embaixo e por luzes piscantes vermelhas e azuis em frente à casa. Sacudo Enzo para acordá-lo e na mesma hora ele fica alerta e vai se juntar a mim na janela.

– O que foi desta vez? – resmunga ele.

Será que existe uma chance de o investigador ter vindo prender meu marido? Não consigo sequer conceber essa possibilidade.

Visto depressa um jeans e uma camiseta e desço as escadas correndo descalça, quase tropeçando nos degraus. Nem tomei banho ou escovei os dentes, e meu cabelo está seboso, mas não se pode exatamente pedir à polícia que espere em frente à sua porta alguns minutinhos enquanto você toma uma ducha rápida.

Ao entreabrir a porta, dou de cara com Willard parado na varanda com um ar grave, usando uma camisa branca engomada e uma gravata apertada bem rente ao pescoço.

– Sra. Accardi – diz ele.

– Como… como posso ajudar?

– Tenho um mandado de busca.

Cecelia comentou que essa era uma forte possibilidade, mas mesmo assim fico chocada com a presença da polícia. Jonathan Lowell foi assassinado faz dois dias, e fico pensando que a essa altura já deveria haver alguns suspeitos mais plausíveis. O fato de continuarem interessados em Enzo me assusta.

– Posso acordar as crianças primeiro, por favor? – pergunto.

– Nós podemos começar aqui por baixo – sugere ele.

É o melhor que vou conseguir.

Quando subo, Enzo deu um jeito de vestir às pressas um jeans e uma camiseta. Ele ouve os agentes entrando na nossa casa e seu rosto é tomado pela preocupação.

– Eles vão revistar? Agora?

Assinto.

– Vai demorar um tempo. Fica aqui, eu levo as crianças de carro pra escola.

As crianças ficam um pouco assustadas e confusas em relação ao que está acontecendo, o que é compreensível. Digo aos dois que se vistam e corro para tomar uma chuveirada rápida e escovar os dentes. Como está cedo demais para a escola, talvez eu os leve para tomar café em alguma lanchonete. Não quero mesmo ficar em casa enquanto a revista estiver acontecendo.

Quando saio do banheiro, tanto Nico quanto Ada estão vestidos e prontos para sair. Estão ambos no quarto de Nico, e os rostos exibem a mesma expressão preocupada. Enzo está lá com eles, sentado na cama de Nico e falando com os dois baixinho. Fico parada alguns instantes ouvindo a conversa.

– Papai – choraminga Ada. – Por que estão revistando a nossa casa? O que eles estão procurando?

– Não sei – responde Enzo. – Mas não vão achar nada de interessante. Então a gente vai deixar terminarem, e aí tudo vai ter acabado.

– Você tá encrencado? – insiste ela.

– Não. – A voz dele é firme. – De jeito nenhum.

Ele então se dirige a eles em italiano, que os dois entendem, mas eu não. Não sei o que diz, mas, seja o que for, consegue arrancar de Ada um pequeno sorriso. Nico, por sua vez, continua apenas com uma cara preocupada.

– Certo, então! – Bato uma palma. – Quem quer sair pra comer panquecas com gotas de chocolate?

Houve um tempo em que Nico teria vendido seu Nintendo em troca de panquecas com gotas de chocolate. Agora, porém, os dois ficam apenas me encarando, sem entusiasmo algum diante da possibilidade de comer chocolate no café da manhã.

Antes de eu conseguir tirá-los de casa, Enzo me segura. Chega pertinho de mim e sussurra no meu ouvido:

– Não se preocupa. Tudo isso vai passar logo, logo.

Queria conseguir acreditar nele.

As crianças quase não falam nada no caminho até a lanchonete, e, mesmo que eu tenha pedido as obrigatórias panquecas com gotas de chocolate, os dois ficam apenas encarando os pequenos círculos marrons e empurrando a comida pelo prato de um lado para outro, aflitos. Ada tem olheiras sob os olhos, e Nico um pouco de saliva ressecada no canto dos lábios.

– Querem mais xarope? – pergunto a eles.

Ergo o vidro de *maple syrup*, pronta para inundar os pratos deles se for o necessário para fazê-los comer.

– Mãe – diz Ada. – A polícia acha que meu pai matou o Sr. Lowell?

– Não – respondo depressa.

– Então por que estão revistando a nossa casa? – pergunta Nico.

– Bom, eles estão revistando a nossa casa pra provar que ele *não* matou o Sr. Lowell.

– Não faz o menor sentido – rebate Ada.

Nico assente.

– Tá, tudo bem. – Era muito mais fácil quando os dois eram pequenos e aceitavam tudo que eu dizia. Ah, esqueci: isso nunca acontecia. – A questão é a seguinte: todos nós sabemos que o pai de vocês nunca machucaria ninguém. Só se precisasse proteger a gente, certo?

Sinto orgulho da rapidez com que ambos meneiam a cabeça para concordar.

– Então não importa que estejam revistando a nossa casa – concluo. – Porque o pai de vocês não fez nada de errado, então não tem como eles acharem nada.

Ao mesmo tempo que pronuncio as palavras, dou o melhor de mim para acreditar nelas. Se eu deixar minhas dúvidas transparecerem na voz, as crianças vão perceber. E nesse momento preciso que elas acreditem na inocência do pai.

– Vai ficar tudo bem – asseguro.

Na hora em que as palavras saem da minha boca, porém, sei que não são verdadeiras. E que as coisas estão prestes a piorar bastante.

CINQUENTA E CINCO

Depois de deixar as crianças na escola, faço uma parada no caminho de volta. Em parte por não querer chegar com a revista ainda em curso, em parte porque tem algo que preciso saber. Algo que está me assombrando e em que só vou conseguir parar de pensar depois de fazer isso.

Encontro o endereço que estou procurando na caixa de entrada do meu e-mail. Fica a umas duas cidades de distância, num bairro onde Enzo e eu visitamos algumas casas. Encontramos uma linda, que se encaixava mais no nosso poder aquisitivo do que a que acabamos comprando, mas o bairro era um horror. Pelo menos durante o dia é seguro. Na maior parte do tempo.

Estaciono em frente a uma casa branca castigada pelo tempo que parece implorar por uma pintura nova. Saio do carro tentando decidir se é seguro deixá-lo na rua. Tudo bem, não vou demorar.

Ando em direção aos degraus da frente, olhando em volta para checar se há um cão de guarda correndo na minha direção. Por algum motivo, esse parece o tipo de casa que teria como vigia um cachorro bravo – e, quem sabe, um homem armado com uma escopeta.

Bom, ainda assim prefiro estar aqui do que lá na minha casa com a polícia.

Subo decidida os degraus até chegar diante da porta. Pressiono o dedo na campainha, mas tenho quase certeza de que está quebrada. Então, em vez disso, bato na porta com o punho fechado. Quando ninguém atende, bato com mais força. Tem um Ford Pinto parado em frente à casa, então suponho que haja

alguém lá dentro.

Por fim, ouço passos do outro lado da porta ficando cada vez mais altos. Uma voz áspera diz:

– Já vai, já vai, calma.

Um segundo depois, a porta é aberta com um puxão por um homem de 60 e poucos anos. Ele tem cabelo branco ralo e veias aparentes ao redor do nariz bulboso que lembram teias de aranha. Mesmo sendo de manhãzinha, fede a uísque.

– Ah, olá. – Abro um sorriso. – Estou procurando… Martha está?

O homem semicerra os olhos injetados.

– De onde a senhora conhece a minha mulher?

Por um segundo, me permito imaginar a mulher certinha e eficiente que passei a conhecer na minha casa casada com aquele homem. Não parece uma boa combinação, mas aprendi que as pessoas mudam muito depois de dizer o "sim". Como ela devia se sentir ao voltar para casa toda noite e encontrar aquele homem?

Não posso evitar sentir uma onda de empatia pela mulher que acusei de ter me roubado. Embora, para ser sincera, ela tenha *mesmo* me roubado.

– Ela, hã, ela fazia faxina na minha casa. – Amaldiçoo a mim mesma em silêncio por não ter uma história pronta. – E deixou um casaco lá, então queria devolver.

Pouco importa que eu não esteja carregando casaco algum. Estou contando com o fato de o cara estar bebum demais para reparar. Tudo que eu quero é falar com Martha para poder confirmar a história de Enzo. Preciso saber se ele estava dizendo a verdade.

– Pode ficar com o casaco – retruca o homem. – Porque aquela vagabunda me largou no começo da semana. Depois de tudo que eu fiz por ela…

Ele dá uma tossida carregada, e eu, um passo para trás.

– Ela se mudou, o senhor quer dizer?

– Bom, está vendo ela aqui em algum lugar? – grunhe ele. – Se vir, diz pra ela que vai ter que se explicar quando voltar se arrastando pra cá.

Pelo bem de Martha, para onde quer que Enzo a tenha levado, torço para que ela nunca se arraste de volta para cá. Espero que tenha sumido de vez.

O homem bate a porta na minha cara, e ando de volta até o carro, que por

milagre não foi roubado nos dois minutos que passei longe dele. Só que agora meu passo está um pouco mais leve. Eu não tinha ficado de todo convencida com a história de Enzo sobre Martha, mas tudo parece ter se confirmado. Se ele foi até ali, devia estar preocupado. E, se ela atendeu à porta com o rosto cheio de hematomas, ele não teria conseguido ir embora sem tentar ajudá-la, porque não conseguiu ajudar a irmã a tempo e passou as duas últimas décadas sendo atormentado por essa culpa. Seu desejo de ajudar mulheres em perigo é algo que sempre amei nele e uma paixão que compartilho.

Quero confiar nele. Quero muito confiar no meu marido.

CINQUENTA E SEIS

A polícia passa horas revistando a nossa casa. Quando eles terminam, o lugar está de pernas para o ar. Como era de se esperar. Como nenhum de nós dois foi trabalhar hoje – eu pedi folga por motivos pessoais e Enzo encarregou seus funcionários de dar conta dos serviços –, começamos a rearrumar tudo. Só torço para conseguirmos terminar antes que o ônibus escolar traga as crianças de volta para casa. Se elas chegarem e estiver essa bagunça, vão entrar em pânico.

Enzo e eu ficamos limpando em silêncio. Estamos na cozinha agora, guardando as panelas e frigideiras que foram jogadas no chão. É quase como desempacotar nossa mudança outra vez.

Embora eu não devesse dizer nada, uma pergunta não para de martelar na minha cabeça, e, antes de conseguir me conter, disparo:

– Enzo, você falou pra Suzette que só se casou comigo porque eu engravidei?

O corpo dele se enrijece.

– Como é que é?

– Falou pra ela que me engravidou sem querer?

– Não, eu não falei. – Ele esfrega o maxilar. – Por que você acha que eu contaria isso pra ela?

– Porque ela sabia. E eu com certeza não contei. Então, como ela sabia?

– Ada tem 11 anos. A gente está casado há menos de doze. – Ele ergue um dos ombros. – Ela fez as contas?

Pode ser. É totalmente possível eu ter comentado que somos casados há onze

anos. Deveria ter tomado mais cuidado com o que dizia na frente de alguém como Suzette. Ela com certeza estava analisando cada palavra.

Enzo olha para mim com os olhos semicerrados.

– Quando você falou sobre isso com a Suzette?

Não posso contar que saí de fininho na noite anterior e fui até o quintal da casa ao lado. Ele ficaria uma fera.

– Já faz um tempo. Me lembrei disso agora.

– Millie, pode acreditar: eu não saio falando com ninguém sobre nossos assuntos pessoais. – Ele franze o cenho diante da bancada da cozinha. – Eles quebraram três pratos. Sabia?

– Eu te avisei que eles não iam ser delicados.

– Pode isso? Eles quebram coisas e fica por isso mesmo?

Não sei o que dizer. O que podemos fazer? Chamar a polícia e reclamar?

– Sabe se eles acharam alguma coisa? – pergunto a ele.

– Não. Não acharam nada porque não tem nada pra achar. – Ele cerra os punhos de tanta frustração. – Quebraram uma caneca também! Que coisa mais ridícula!

– Enzo, por que não deixa que eu termino aqui na cozinha? Pode arrumar os quartos, que tal?

– Tudo bem – resmunga ele.

E sai pisando firme, me deixando sozinha para limpar a cozinha. O que é bom, porque tenho quase certeza de que eles quebraram muito mais coisa por aqui. Nos quartos tem menos coisas para quebrar.

Enquanto estou jogando fora os restos da louça quebrada, meu celular toca. O número tem prefixo 718, ou seja, não é de Long Island. Atendo.

– Millie?

É a voz de Cecelia; reconheço-a da noite anterior. Ainda não consigo me acostumar com o quão diferente é essa voz em comparação com a da menininha que ela era antigamente.

– Oi, Cecelia. Você… você deve estar sabendo o que aconteceu.

– Sim, falei com o Enzo hoje de manhã. Ele não estava nem um pouco feliz.

– É que a gente ficou surpreso. Estávamos torcendo pra não chegar a esse ponto, pra eles encontrarem outro suspeito.

– Ah, não – diz Cecelia. – Eles agora estão com uma mira a laser no Enzo.

– Você checou o quintal dos fundos da casa dos Lowells? – pergunto. – Dei uma olhada lá, e com certeza tem um lugar por onde dá para entrar sem passar pela frente da casa.

– Sim, consegui confirmar isso. Mas pode ser que não seja relevante.

– Como assim?

– Quando a polícia revistou a casa de vocês, eles encontraram uma coisa.

O quê? Enzo afirmou com muita ênfase que nada capaz de incriminá-lo seria encontrado.

Sinto um peso no estômago.

– Encontraram o quê?

– Não sei. – Ela dá um suspiro. – Estão criando muita dificuldade em relação a compartilhar qualquer informação no momento, mas consegui confirmar pelo menos isso com meus contatos. Eles estão fazendo uns testes agora, mas segundo meus contatos acham que é um "gol de placa".

Um gol de placa?

Ah, meu Deus, e se eles tiverem encontrado aquela camiseta ensanguentada? Enzo jurou que o sangue era dele, mas se a polícia está falando em gol de placa…

– Enzo tá sabendo? – pergunto.

– Está, acabei de falar com ele, mas queria avisar a você também, porque ele não parecia disposto a te contar. – Ela hesita. – Estou te contando em sigilo, claro. Supostamente eu não deveria ter essa informação, e com certeza não deveria contar pra nenhum de vocês. Posso confiar em você pra manter isso entre nós, Millie?

– Pode, sim – confirmo.

– Tanto Benito quanto eu estamos atentos a qualquer outra informação. – Apesar de o meu mundo estar desmoronando à minha volta, Cecelia não parece nem um pouco abalada. E a segurança dela me acalma. – Se ficarmos sabendo de alguma coisa sobre um mandado de prisão, eu te ligo na hora.

A ideia de meu marido ser preso é quase horrível demais para ser articulada. De repente, fico com a voz embargada e nem sequer consigo responder.

– Millie. – A voz de Cecelia é firme. – A gente vai resolver essa história. Eu prometo pra você. Acredita em mim?

– Mas… – consigo dizer. – Mas e se…

Não consigo sequer completar a frase. Além do mais, nem sei o que ia dizer

em seguida.

E se o meu marido estivesse mesmo tendo um caso com Suzette Lowell?

E se o Enzo tiver mesmo matado Jonathan Lowell?

E se prenderem o Enzo? O que eu vou fazer da vida? O que vou dizer aos nossos filhos?

– Millie – diz Cecelia com sua voz segura e firme. – Você precisa confiar em mim em relação a isso. Porque eu confio em você. Confio no *Enzo*. A gente vai sair dessa.

– Tá bom – concordo. – Eu confio em você.

Mas como exatamente vamos sair dessa? Se tiverem encontrado aquela camiseta coberta com o sangue de Jonathan, Enzo está em sérios apuros. Preciso torcer para ele ter se livrado da camiseta. Para ter posto num lugar onde nunca vão encontrar.

Nem sequer me passa pela cabeça que encontraram algo muito pior.

CINQUENTA E SETE

Não comento com Enzo sobre minha conversa com Cecelia.

A verdade é que estou com medo de tocar nesse assunto. Quando ele entra na cozinha para me ajudar a pôr a mesa, abro a boca uma dúzia de vezes, mas as palavras não saem. Algo terrível está prestes a acontecer, e é quase como se falar a respeito disso fosse tornar a coisa toda real.

Quando as crianças chegam, agimos como se tudo estivesse normal. Agimos como se nossa casa não tivesse sido virada de pernas para o ar por policiais em busca de indícios de assassinato. Se houver uma chance de Enzo ser preso em breve, é mais uma razão para nos agarrarmos à normalidade enquanto ainda for possível. Ele consegue até convencer Nico a ir no quintal jogar um pouco de beisebol, a primeira vez desde o incidente na liga infantil.

No entanto, Enzo gasta muito mais tempo do que de costume na rotina de dormir das crianças. Eu ia deixá-lo ir primeiro, mas, depois de já ter passado meia hora com Ada, decido dar logo boa-noite a Nico. Está tarde o suficiente para que ele talvez pegue no sono antes de eu ir lá.

Só que, quando entro no quarto, Nico não está com cara de que vai pegar no sono tão cedo. Está sentado na cama lendo uma revista em quadrinhos. O viveiro de Kiwizinho continua ao lado da cama, só que vazio, lógico.

– Cama. – Pego a revistinha da mão dele e a coloco sobre a escrivaninha. – Hora de dormir.

– Não tô cansado.

– Aposto que está mais cansado do que pensa.

– E eu aposto que não.

Mas ele deita a cabeça no travesseiro, obediente. Mesmo após eu apagar a luz, o luar continua entrando pela janela ao lado da cama, porque as persianas estão levantadas, como Nico em geral as mantém. O branco de seus olhos quase parece cintilar à luz da lua.

– Mãe? – diz ele.

Eu me inclino na beirada da cama.

– Oi?

– Você acha que, se uma pessoa fizer uma coisa ruim, isso quer dizer que ela é uma pessoa má?

– Bom, que tipo de coisa ruim?

Os olhos dele se arregalam.

– Uma coisa *muito* ruim.

Ele deve estar pensando no pai. Deve ter sido muito perturbador para ele acordar de manhã com a polícia na nossa casa. O que vai pensar se prenderem Enzo?

Meu filho me observa, à espera da minha resposta. Depois de tudo por que passei na minha própria vida, tenho um ponto de vista especial em relação a isso. Já fiz algumas coisas ruins. Algumas coisas *muito* ruins. Já matei uma pessoa. Na verdade, mais de uma.

Só que Nico não sabe disso. Nunca contamos isso para nossos filhos. Um dia desses, é quase certo que eles vão descobrir. E fico apavorada com o pensamento de que, quando isso acontecer, eles passem a me odiar.

– Acho que alguém pode fazer coisas ruins e mesmo assim ser uma boa pessoa – afirmo. – Contanto que tenha feito a coisa ruim por um bom motivo.

– Dá para fazer coisas ruins por um bom motivo?

– Claro. Por exemplo, a gente sabe que mentir é errado, né?

Ele assente.

– Bom, e se a Ada cortasse o cabelo e ficasse feio, aí ela perguntasse pra você como ficou e você dissesse que ficou bonito para não magoar ela? Seria uma mentira, mas por um bom motivo. Faz sentido o que estou dizendo?

– Faz…

– Isso responde à sua pergunta?

– Na verdade, não – diz ele. – Porque mentir em relação a um corte de cabelo não é uma coisa ruim *de verdade*.

Um calafrio me percorre a espinha.

– Bom, em que tipo de coisa você tá pensando?

Onde você estava todas aquelas vezes que jurou estar com o Spencer?

Fico observando o rosto do meu filho, esperando para ver o que ele vai dizer. Mas ele apenas dá de ombros. O que quer que tenha feito, Nico não vai me contar.

Antes que eu consiga insistir, alguém bate na porta. É Enzo, pronto para sua vez de dar boa-noite ao filho. Ainda não sei muito bem sobre o que era a pergunta de Nico. É como se ele tivesse algo muito específico em mente, mas que pelo visto não vai me contar o que é. Talvez Enzo saiba responder melhor do que eu à pergunta dele.

CINQUENTA E OITO

É raro estarmos todos os quatro reunidos em volta da mesa do café da manhã.

Como as crianças não comeram as panquecas ontem, hoje estou preparando panquecas com gotas de chocolate outra vez. Não fica nada incrível. Estou usando a massa pronta de supermercado, e só o que preciso fazer é adicionar água e misturar. Então despejo pequenos círculos na frigideira com bastante óleo. Uso bastante óleo quando faço panqueca. Estou basicamente fazendo uma fritura de imersão, mas as crianças amam. Enzo também, para dizer a verdade.

Meu toque final são as gotas de chocolate. Ponho cerca de oito ou nove gotas em cada panqueca. Tento formar carinhas sorridentes com elas. Obtenho apenas um sucesso parcial.

– Que cheiro bom, Millie – diz Enzo.

A voz dele soa alegre, mas deve estar pelo menos um pouco apavorado por dentro depois do que Cecelia lhe disse ontem.

Por fim, levo à mesa quatro pratos generosos de panquecas. As crianças comem com mais gosto do que no dia anterior. Até onde sabem, aquela confusão com a polícia acabou.

– Está chovendo agora, mas à tarde vai parar – comenta Enzo. – Nico, a gente deveria jogar beisebol outra vez depois que eu voltar do trabalho.

– Você acha que eles me deixariam entrar de novo num time da liga infantil ano que vem? – pergunta Nico, com a boca cheia de panqueca.

Não tenho certeza em relação às regras, mas, depois de ter socado a barriga

de outro garoto, pode ser que Nico esteja banido para sempre.

– Não sei… – diz Enzo. – Mas quem sabe no verão a gente possa treinar futebol americano? E fazer você ficar tão bom quanto no beisebol, que tal?

Nico assente.

– Tá!

É com esse momento em família calmo e perfeito que sonhei na primeira vez que vi essa casa. Nós quatro sentados em volta da mesa da cozinha tomando café, comendo panquecas. Se eu pudesse tirar uma foto em família, seria nesse exato instante.

E então a campainha toca e estraga tudo.

– Eu atendo. – Enzo pula da cadeira tão depressa que tenho medo de ele já saber quem está tocando. – Já volto.

Vou atrás dele, lógico. O que quer que esteja acontecendo, eu quero saber. A essa altura, tenho quase certeza de que nada de bom nos aguarda do outro lado da porta.

Quando chego no hall, Enzo já abriu a porta da frente. Cecelia está ali parada, com a calça do terninho encharcada e o cabelo louro grudado na cabeça por causa da chuva. Se estivesse com alguma maquiagem, estaria tudo escorrendo pelo rosto.

– Entra – diz Enzo. – Você tá parecendo um pinto molhado!

Embora esteja encharcada, Cecelia mal parece reparar nisso ao passar por nós e entrar no hall.

– Que bom que cheguei a tempo. A gente precisa conversar.

Olho para a cozinha a fim de me certificar de que as crianças não estejam paradas na entrada, escutando. Tenho a sensação de que não quero que elas escutem o que quer que Cecelia tenha a dizer.

– Você quer se sentar? – pergunto a ela. – Posso pegar uma toalha pra você ou…

– Enzo, a polícia está vindo pra cá te prender – diz Cecelia, me interrompendo.

Embora ela tenha me avisado ontem que as coisas estavam complicadas, essa revelação me deixa sem ar. Enzo parece igualmente abalado.

– A polícia me avisou hoje de manhã, por cortesia. – Ela afasta alguns fios do cabelo molhado do rosto. – Estão solicitando um mandado de prisão contra

você, e imagino que cheguem aqui em breve. Vim o mais rápido possível para a gente poder conversar antes de isso acontecer.

– Por quê?! – exclama ele. – O que eles têm? Eles não têm nada.

– Benito conseguiu umas informações – revela ela. – A gente conversou enquanto eu dirigia até aqui. Como falei pra vocês ontem, a polícia encontrou uma coisa quando esteve aqui. Eles acreditam que seja a arma do crime.

– Que coisa mais ridícula! – protesta Enzo. – Arma do crime? O que foi? Uma das nossas facas de cozinha?

– Não, um canivete – diz ela. – Com as suas iniciais gravadas, E. A. Encontraram enfiado numa gaveta.

Viro a cabeça para encarar meu marido. Eu conheço esse canivete: é o que o pai de Enzo lhe deu. Ele sempre o carrega consigo.

– E o canivete parecia ter sido limpo, só que ainda tinha vestígios de sangue – acrescenta ela. – A polícia fez uma análise de DNA expressa que saiu hoje de manhã, com um resultado que bate com o DNA de Jonathan Lowell.

A boca de Enzo se escancara. Ele se encosta na parede, e suas pernas parecem prestes a ceder. De todos os indícios que a polícia tinha contra ele, esse é de longe o mais incriminador. Mas ele deve ter algum motivo. Deve haver um motivo para o canivete estar com o sangue de Jonathan Lowell. Preciso ouvir a explicação de Enzo.

Preciso ouvir agora.

– Enzo? – sussurro.

– Eu… – Ele pisca algumas vezes. – Eu pensei que tivesse limpado tudo.

Como é que é?

Ele se endireita e inspira fundo, trêmulo.

– Sinto muito, Millie. Não fui honesto com você. Fui eu que matei o Jonathan.

CINQUENTA E NOVE

Fui eu que matei o Jonathan.

Na minha cabeça, vou ouvir meu marido dizer essas palavras até o dia da minha morte.

Até então, Cecelia parecia totalmente segura e no controle da situação, mas essa confissão a deixou abalada.

– Enzo, está dizendo que…

– Sinto muito – diz ele baixinho. – Fiz uma coisa horrível. Sinto muito por ter mentido sobre isso. Mas… mas agora vou fazer a coisa certa. Vou confessar.

– Que história é essa? – Estou quase guinchando e falo alto a ponto de as crianças ouvirem, mas não consigo me segurar. – Por que você faria uma coisa dessas?

Ele abaixa a cabeça.

– Sinto muito. Fiz isso pela gente… Por causa do dinheiro do seguro. A gente estava tão duro e…

Cecelia está sem palavras. Eu também, aliás. Tenho tantas perguntas… Se ele fez isso por causa do dinheiro do seguro, Suzette estava envolvida? Ela também vai ser presa? Não consigo sequer pensar em por onde começar, mas então a campainha toca, e percebo que não tenho tempo de fazer nem uma única pergunta.

Cecelia fica alerta de novo.

– É a polícia – anuncia.

O semblante de Enzo se enche de pânico.

– Millie, pode por favor levar as crianças lá pra cima? Não quero que elas vejam.

A campainha volta a tocar, seguida por murros na porta. Eu também não quero que as crianças vejam. Mas não pareço ter muito tempo.

Ah, Enzo, onde você estava com a cabeça?

Quase tropeço nos meus próprios pés no caminho até a cozinha, onde as crianças ainda estão comendo as panquecas. Meu Deus, como eu gostaria de poder deixá-las terminar. Só que não dá tempo.

– Pessoal, preciso que vocês dois subam pro quarto de vocês e fechem a porta. Agora.

Houve um tempo em que um pedido desses teria sido recebido com choramingos e objeções. Mas nessa hora eles entendem. Abandonam os pratos e sobem correndo. Duas portas batem em sequência.

Quando volto, Enzo e Cecelia ainda não abriram a porta, estão esperando o meu sinal verde. Enzo parece prestes a passar mal, mas se endireita e abre a porta da frente. Não é surpresa alguma ver o investigador Willard parado do outro lado, com aquela mesma expressão soturna no rosto que passei a desprezar.

– Enzo Accardi – diz ele. – O senhor está preso pelo assassinato de Jonathan Lowell.

Quando o investigador fecha as algemas ao redor dos pulsos do meu marido, fico muito aliviada com o fato de as crianças estarem lá em cima e não testemunharem a cena. Conheço a sensação de estar algemada. Eu me lembro do modo como o metal se crava na pele, e do desequilíbrio que se sente ao caminhar. Conheço a sensação de ser levada embora algemada pela polícia. Vejo essa mesma dor nos olhos de Enzo.

E ele tem muito mais algemas pela frente. Uma vida inteira.

– Eu te amo, Millie – diz Enzo para mim enquanto é levado embora.

Ele não inventa nenhuma desculpa. Não finge mais inocência. Tudo que ele tem a dizer em sua defesa são essas quatro palavras.

– Enzo! – grita Cecelia, pondo a cabeça porta afora debaixo da chuva. – Não fala nada pra eles antes de eu chegar! Ouviu bem? Nenhuma palavra! Te encontro lá!

Fico olhando o investigador conduzir meu marido até a viatura da polícia.

Eles o empurram para o banco de trás, e algo dentro de mim simplesmente se rompe. Eu nunca mais vou chegar em casa e encontrar meu marido. Na próxima vez que o vir, ele vai estar preso.

Quase com certeza vai passar o resto da vida atrás das grades.

Cecelia fecha nossa porta da frente, apoia-se nela e balança a cabeça. Afasta dos olhos uma mecha molhada.

– Não acredito no que acabou de acontecer. Estou perplexa.

– É – consigo dizer.

– A gente está deixando passar alguma coisa. – Ela fica encarando atentamente pela janela o carro de polícia que leva meu marido para longe de nós, como se ele pudesse de alguma forma conter uma pista. – Ele não está contando tudo pra gente. Não iria matar alguém por dinheiro. Não acredito nisso nem por um segundo. Ele teve outro motivo.

– Pode ser…

Só que ela não sabe o quanto Enzo queria essa casa. Mesmo dez por cento abaixo do preço do mercado, ela não estava dentro do nosso poder aquisitivo, mas ainda assim nós a compramos. Comemoramos quando nosso financiamento foi aprovado… Agora eu queria que o banco tivesse nos rejeitado. Poderíamos ter continuado a procurar outra casa. Poderíamos ter encontrado algo tão bom quanto sem ter que viver numa luta constante para pagar as contas.

– Millie, não entra em pânico – diz ela para mim. – Eu vou cuidar disso.

Lanço um olhar para ela.

– Cecelia, meu marido acabou de confessar um assassinato.

É difícil avaliar qual a pior parte disso tudo. É uma situação terrível de todas as maneiras imagináveis. A parte mais difícil, porém, é imaginar Enzo fazendo aquilo com Jonathan. Afinal, Jonathan não levou um tiro dado por alguém do outro lado do cômodo. Enzo chegou bem perto dele com o canivete e cortou o pescoço de Jonathan de orelha a orelha. Que tipo de pessoa faz isso?

Só que tem muita coisa que Enzo fez na vida em que eu não teria acreditado. Nunca teria imaginado meu marido quebrando dedos a mando de um mafioso, mas na verdade isso também faz parte da história dele. Pelo visto, ele é, sim, o tipo de homem capaz de cortar a garganta de outro.

Afinal, de fato fez isso. Ele confessou.

Uma porta bate com força lá em cima. Uma das crianças deve ter saído do

quarto para ver o pai sendo levado embora pela polícia. Agora vou ter que lidar com isso. Vou ter que contar aos dois o que aconteceu.

– É melhor eu ir para a delegacia – diz Cecelia. – Você vai ficar bem, Millie?

Com certeza não. Mas não há nada que ela possa fazer por mim agora.

– Vai lá.

Ela assente.

– Lembra: isso não acabou ainda. Eu vou ajudar o Enzo.

– Obrigada.

Mas o que ela pode fazer de verdade por nós a essa altura? Não foi legítima defesa. Foi homicídio, talvez até homicídio qualificado. Seja como for, Enzo perdeu a liberdade em definitivo.

Cecelia se despede de mim com um abraço e promete manter contato para me atualizar. Depois que ela sai, quando a casa fica em silêncio de novo, é que absorvo a realidade da minha situação.

Enzo foi embora.

E agora preciso contar isso para as crianças.

Quando estou subindo para o primeiro andar da nossa casa, fazendo os degraus rangerem, me dou conta de que não vamos mais ter como honrar as prestações do financiamento. A primeira coisa que vamos precisar fazer é colocar essa casa no mercado outra vez. Não sei onde vamos ter condições de morar só com o meu salário.

Sigo primeiro na direção do quarto de Nico, porque ele tem sido o mais problemático dos meus dois filhos, mas então ouço os soluços vindos do quarto de Ada. Ela é sempre muito sensível às coisas. E, na atual situação, não posso culpá-la. Bato na porta e, quando ela não responde, entro mesmo assim.

Ada está deitada na cama aos soluços, com a cara enterrada no travesseiro e os ombros magros sacudindo com violência. Na verdade, seu corpo inteiro está sacudindo. Ano passado, vi uma pessoa ter uma convulsão no hospital, e isso não me parece muito diferente. Ada sempre foi a queridinha do papai, e descobrir o que Enzo fez vai destruir seu mundo. O simples fato de vê-la chorar traz aos meus olhos as lágrimas que eu estava segurando.

Enzo, como você pôde fazer isso com a gente? Como pôde?

– Ada. – Eu me sento na beirada da cama e afago seu cabelo preto sedoso. – Ada, meu amor… Eu te disse pra não descer.

Ela diz alguma coisa contra o travesseiro que não consigo entender direito.

– Tá tudo bem. – Volto a afagar seu cabelo. – Vai ficar tudo bem.

Não sei quem estou tentando convencer. Se é ela, não está funcionando. E tampouco estou conseguindo me convencer disso. Eu deveria calar a boca e pronto.

Ada muda de posição na cama e se vira para me encarar com os olhos inchados e vermelhos.

– Eles acham que o meu pai matou o Sr. Lowell.

Meu instinto é mentir, mas de que adiantaria?

– É. Acham, sim.

Lágrimas escorrem pelas bochechas dela.

– Mas não foi ele!

Essa próxima parte vai ser difícil, mas ela vai ficar sabendo mais cedo ou mais tarde. Melhor ouvir de mim do que ler na internet ou escutar de alguma amiga.

– Ada, meu amor, ele confessou. Ele admitiu pra polícia que matou o Sr. Lowell.

– Mas ele não matou! – insiste ela. – Eu sei que não!

Tento pôr a mão no seu ombro, mas ela me afasta com um tranco.

– Como é que você sabe?

– Eu sei – diz minha filha – porque quem matou ele fui eu.

PARTE III

SESSENTA
ADA

Meu nome é Ada Accardi e tenho 11 anos.

Meu cabelo é preto e meus olhos na verdade são castanho-escuros, mas tem gente que diz que parecem pretos também. Tenho um irmão chamado Nicolas, de 9 anos. Sou fluente em duas línguas: inglês e italiano. Minha comida preferida é macarrão com queijo derretido, principalmente do jeito que minha mãe faz. Meu livro preferido é *Filhas de Eva*, da Lois Duncan. Meu sabor de sorvete preferido é cookies and cream.

Além disso, eu matei nosso vizinho da casa ao lado, Jonathan Lowell.

E mais uma coisa:

Não estou arrependida.

Como matar seu vizinho sinistro da casa ao lado – Um guia de Ada Accardi, quinto ano

Passo 1: Deixe para trás sua casa e tudo que você ama

Amanhã a gente vai se mudar.

Minha mãe e meu pai estão muito animados com a mudança. Principalmente meu pai. Ele não para de falar sobre como a gente vai morar numa casa nova incrível e que a gente vai adorar. Eles ficam agindo como se estivessem fazendo uma coisa maravilhosa pela gente, só que não quero me mudar. Eu gosto aqui do

Bronx. Todas as minhas amigas moram aqui. Gosto até deste apartamento, que, segundo eles, é "pequeno demais". Mas, quando a gente tem 11 anos, não tem escolha. Se a mãe e o pai dizem que temos que nos mudar, temos que nos mudar.

Enfim, é por isso que não estou conseguindo dormir.

Passei a última hora acordada na cama, encarando o teto. Eu gosto do meu teto. A pintura está rachada em vários lugares, mas as rachaduras são conhecidas. Tipo, tem uma bem no meio que é igualzinha a um rosto. Eu chamei essa rachadura de Constance.

Vou sentir saudade da Constance quando a gente se mudar.

– Nico? – sussurro na escuridão.

Uma das coisas ruins da nossa casa, segundo nossos pais, é que Nico e eu temos que dividir o quarto. Como ele é menino e eu sou menina, não era pra gente dividir. Mas meu pai pendurou uma cortina no meio do quarto, então tudo bem. Eu não me importo de dividir o quarto com Nico. Gosto de saber que, quando vou dormir, ele está comigo, do outro lado da cortina.

– Quê? – sussurra Nico de volta.

Ele está acordado. Que bom.

– Não tô conseguindo dormir.

– Nem eu.

– Queria que a gente não tivesse que se mudar.

O colchão de Nico faz aquele barulho alto de chiado que sempre faz quando ele rola de lado.

– Eu sei. Não é justo.

Por algum motivo, o fato de Nico também não querer ir embora faz com que eu me sinta melhor. Porque nossos pais estão muito animados. Quem olha até pensa que a gente vai se mudar pra Disney.

Mas não é tão ruim para ele quanto para mim. Nico sempre fez amigos com mais facilidade do que eu. Todo mundo gosta dele de cara. Já eu sempre tive as duas mesmas melhores amigas desde o jardim de infância: Inara e Trinity. Além do mais, faltam só três meses para eu terminar o primeiro ciclo do fundamental, e vou perder a formatura. Em vez disso, vou me formar com um bando de crianças que eu nem *conheço.*

– Talvez seja horrível e mamãe e papai queiram se mudar de volta – diz Nico.

– Duvido. Acho que essa casa nova custou supercaro.

– É. Eles disseram que mal têm dinheiro pra pagar o faturamento.

– O financiamento, você quer dizer?

– Não é a mesma coisa?

Não entendo o que é um financiamento, mas sei que não é a mesma coisa que um faturamento. Tipo, tenho quase certeza.

– A gente vai ser obrigado a morar nessa casa nova até ir pra faculdade.

Ele fica calado do outro lado da cortina.

– Bom, talvez não seja tão ruim. Talvez a gente acabe gostando.

Não consigo imaginar isso. Não consigo me imaginar fazendo amigos inteiramente novos e me acostumando com uma casa grande e assustadora.

– Nico?

– Hum?

– Posso puxar a cortina?

A cortina que separa os dois lados do quarto, na verdade, é pra mim. Quando meu pai colocou, minha mãe me disse que estava fazendo isso porque "você agora é uma mocinha e precisa de privacidade". Mas de noite eu meio que sempre quero abrir a cortina.

– Tá – diz Nico, topando.

Desço da cama e afasto a cortina. Nico está com sua colcha do Super Mario Bros. puxada até o pescoço, o cabelo preto está bagunçado. Ele acena para mim, e eu aceno de volta.

Eu me lembro do dia em que minha mãe e meu pai trouxeram Nico pra casa do hospital. Minha mãe disse que eu não tenho como me lembrar porque tinha só 2 anos e meu cérebro ainda não era capaz de criar memórias, mas juro que me lembro. Ela trouxe Nico pra casa dentro de um carregadorzinho de bebê, e ele era bem pequeno. Nem acreditei no quanto ele era pequenininho! Menor até do que as minhas bonecas.

Perguntei se podia pegar ele no colo, e minha mãe falou que sim se eu tomasse muito cuidado. Então me sentei no sofá, e ela colocou ele no meu colo. Ela me disse que eu tinha que segurar a cabecinha dele, então fiz isso. Ele pareceu muito feliz por estar no meu colo, por mais que parecesse um velhinho. E então pus o dedo na boquinha minúscula dele, e ele chupou. Aí falei pra ele:

– Nico, eu te amo.

Vou sentir saudade de quando o meu irmão era meu companheiro de quarto.

SESSENTA E UM

Hoje é o dia da mudança.

Meu pai arrumou um caminhão grande, e praticamente vai fazer a mudança inteira com dois amigos que trabalham com ele. Minha mãe não para de gritar dizendo que ele vai machucar as costas e pedindo que ele tome cuidado, e ele só diz tá, só que ele nunca se machuca, então não sei por que ela fica tão preocupada. Dá pra perceber que ele também acha que é uma preocupação boba, mas ele em geral obedece quando ela fica tão chateada assim.

Minha mãe é uma mãe muito boa. É mais ou menos o tipo de mãe que, se você esquecer que era pra levar uma bandeja de quadradinhos de flocos de arroz com marshmallow pra escola no dia seguinte e estiver quase na hora de dormir, ela sai para comprar, prepara tudo pra você e garante que esteja tudo embalado e prontinho pra escola no dia seguinte. (Isso aconteceu com o Nico há pouco tempo, então eu sei que é verdade.) Ela é meio que nem qualquer boa mãe, que ama e toma conta da gente.

Já meu pai é diferente.

Ele basicamente é capaz de fazer qualquer coisa. Tipo, minha mãe saiu e comprou as coisas pra fazer quadradinhos de flocos de arroz com marshmallow e aprontou tudo pra levar pra escola no dia seguinte. Mas, se eu dissesse pra ele que preciso de quadradinhos de flocos de arroz, sei lá, da *China*, ele conseguiria pra mim. Não sei como, mas conseguiria a tempo de eu levar pra escola no dia seguinte.

Além do mais, ele tem uma caminhonete grandona e antes deixava eu andar na frente com ele, mas aí minha mãe descobriu e ficou brava. Então agora ele não deixa mais, porque diz que ela é superinteligente e, se ela fala que não é seguro que eu vá na frente, então não posso ir.

Meu quarto na casa nova é grande. Tem mais ou menos o dobro do tamanho do quarto que eu e Nico dividíamos antes. Meu pai me disse que posso escolher meu quarto primeiro porque sou a mais velha, então escolhi o do canto. Ele tem muitas janelas pelas quais posso ficar olhando enquanto leio.

Só que, quando estou no meio do processo de desempacotar os livros no meu quarto novo, começo a chorar.

Eu choro demais. Todo mundo diz isso sobre mim. Mas não posso fazer nada! Quando estou triste, eu choro. O que não entendo é por que as pessoas não choram com mais frequência. Até o Nico quase não chora mais.

Meu pai passa pelo quarto quando estou sentada na cama, chorando. Na mesma hora, ele larga a caixa que está segurando e vem se sentar do meu lado.

– O que houve, *piccolina*? Tá triste por quê?

Ergo a cabeça e olho pra ele. Já sou quase tão alta quanto minha mãe, mas ele é mais alto do que nós duas. Quando ele vai me buscar na escola, as outras meninas ficam dizendo que ele é muito gato. A mãe da Inara, inclusive, é a fim dele. Mas não penso nele assim.

– Quero voltar pra casa.

Ele franze a testa.

– Mas a sua casa agora é aqui. E é uma casa bem melhor.

– Eu detestei.

– Ada, você não tá falando sério.

Ele parece tão decepcionado que não repito que detestei. Não digo que, se eu pudesse estalar os dedos e voltar pro nosso apartamentozinho minúsculo, faria isso sem pensar duas vezes.

– Vamos fazer assim – diz ele. – Você dá uma chance pra nossa casa nova. Se daqui a um ano ainda estiver detestando viver aqui, aí a gente volta.

– Volta, nada.

– Volta, sim! Eu prometo pra você.

– Minha mãe não vai deixar.

Ele me dá uma piscadela e diz, em italiano:

– Aí a gente faz assim mesmo.

Não acredito nele, mas isso faz com que eu me sinta melhor. Além do mais, pensando bem, ele deve ter razão. Tudo vai estar diferente daqui a um ano. Talvez a essa altura eu já esteja adorando este lugar.

SESSENTA E DOIS

Passo 2: Tente *muito* se enturmar

Eu nunca fui a aluna nova da escola.

Sempre me senti mal pelos alunos novos, que tinham que ficar em pé na frente da turma e contar tudo sobre si mesmos. E agora é a minha vez. Estou de pé na frente de uma sala cheia de alunos do quinto ano, usando o vestido rosa desconfortável e piniquento que minha mãe separou pra mim. Na loja de departamentos tinha um vestido branco lindo e esvoaçante que eu queria comprar pro meu primeiro dia de aula, mas por algum motivo minha mãe nunca, jamais me deixa usar branco, então foi assim que acabei com este daqui. E agora não sei o que dizer.

– Vamos lá, Ada – diz a professora Ratner. – Conte um pouco sobre você para a turma.

Eu não gosto da professora Ratner. Minha professora antiga, a professora Marcus, era jovem e usava sempre uns óculos roxos fofos, e toda quinta-feira levava balas pra turma. A professora Ratner deve ter um milhão de anos, e acho que os músculos do sorriso dela talvez tenham passado da idade de funcionar.

– Meu nome é Ada e eu sou de Nova York – digo.

Olho para a professora Ratner com o objetivo de ver se isso é suficiente. Não é.

– Gosto de ler – acrescento. – E antes fazia aula de balé.

Não faço aula de balé desde os 9 anos, mas estou torcendo para isso ser suficiente.

Só que não é.

– Minha matéria preferida é inglês – continuo. – E o meu pai é italiano, então eu falo essa língua.

– Alguém tem alguma pergunta para a Ada? – indaga a professora Ratner para a turma.

Um aluno levanta a mão.

– Se o seu pai é marciano, por que você não é verde?

– Marciano, não. Ele é *italiano*.

– Você disse marciano.

Não sei como responder. Aí vem a segunda pergunta:

– Se você é da Itália, como é que a sua matéria preferida é inglês?

– O meu *pai* é da Itália – explico. – Eu sou daqui.

– Não é, não – diz outro aluno. – Você acabou de se mudar pra cá. Então como é que pode ser *daqui*?

– Eu quis dizer que sou de Nova York, que é aqui – respondo.

– Aqui não é Nova York – diz o primeiro garoto.

– O estado é.

– E daí?

A professora Ratner deixa os outros alunos passarem mais alguns minutos me fazendo perguntas. Algumas das coisas que eles perguntam são normais, tipo qual é o meu filme preferido ou o meu programa de televisão preferido. Mas eles fazem várias outras perguntas estranhas. Tipo: por que estou usando meias com um vestido? E o mesmo garoto que perguntou se o meu pai era marciano quer saber se eu acredito em extraterrestres e se algum dia já vi um.

Quando volto para o meu lugar, o menino ao meu lado está me encarando. Isso é bem chato, e eu acabo perguntando pra ele:

– Que foi?

– Se você é marciana, então é a marciana mais bonita que eu já vi.

Nem sei o que responder a *isso*. Mas aí a professora Ratner pede silêncio, então não preciso pensar no que dizer de volta.

Quando chega a hora do lanche, o menino que estava sentado ao meu lado me segue até o refeitório. Bom, eu meio que estou seguindo todo mundo, já que

não sei para onde ir, mas sinto que ele está atrás de mim o tempo todo. E aí, quando entro na fila, ele aparece bem atrás de mim.

– Oi, Ada – diz ele. – Meu nome é Gabe.

– Oi – respondo.

Quando eu estava no jardim de infância ou no primeiro ano, todas as crianças da nossa turma tinham mais ou menos a mesma altura. Mas no quinto ano tem umas que são bem maiores que outras. Tipo, algumas batem no meu ombro, mas outras, como Gabe, são superaltas e meio que fazem com que eu me sinta pequena.

– E aí, o que tá achando da escola até agora? – pergunta ele.

Não estou gostando nem um pouco. Mas não posso dizer isso, então só dou de ombros.

– Legal.

– Por que você se mudou pra cá?

– Meus pais acham que é um bom lugar pra criar filhos, ou algo assim.

– Ah, não é, não. – Os olhos de Gabe ficam esbugalhados, e por um instante ele me faz pensar um pouco no louva-a-deus que o Nico quer ter. – Sabia que um menino desapareceu uns anos atrás? Tipo, um dia ele estava lá, e no outro, não.

Não sei do que ele está falando. Se esta cidade não fosse segura, meus pais não teriam feito a gente se mudar pra cá.

– Da sua escola?

– Não, ele morava a umas cidades daqui, mas todo mundo ia pra mesma colônia de férias. – Gabe parece animado além da conta ao falar sobre o tal menino desaparecido. – Ele era muito bom em arco e flecha, mas eu nadava melhor. O nome dele era Braden Lundie. E, como falei, um dia ele simplesmente não voltou da escola, e ninguém nunca entendeu o que tinha acontecido com ele.

– Dizem que costuma ser alguém da família.

Ouvi minha mãe dizer isso uma vez para o meu pai quando eles estavam assistindo ao noticiário e achavam que eu não estava escutando.

– Não foi, não – insiste Gabe. – Os pais do Braden estavam trabalhando com a polícia e tentando muito encontrar ele. Só que nunca encontraram. – Ele me lança um olhar sinistro. – A essa altura, ele já deve ter morrido.

– Vai ver ele fugiu.

– Ele tinha só 8 anos! Pra onde poderia ter ido?

Pensar num menino de 8 anos sumindo me deixa toda arrepiada. Preciso me certificar de ficar esperando o ônibus junto com o Nico. Se a gente estiver junto, não vai acontecer nada.

– Se você quiser, eu te acompanho até em casa – diz Gabe. – Assim nada vai acontecer com você.

– Eu volto de ônibus.

E, mesmo se não voltasse, *não quero* ficar perto de Gabe. Por mais que eu queira fazer alguns amigos, ele é esquisito. É alguma coisa no cabelo encaracolado, sei lá. Além do mais, ele cheira mal. Precisa tomar banho. Eu tomo banho toda noite, porque minha mãe diz que ser cheirosa é importante.

– Bom – diz ele. – Talvez você possa ir pra minha casa hoje depois da escola.

– Não posso. Preciso ir direto pra casa depois da escola.

– Quem sabe outro dia, então? – pergunta ele, esperançoso.

– Quem sabe.

Eu não quero a companhia de Gabe em dia nenhum, mas estou torcendo para ele simplesmente me deixar em paz se eu disser isso. Só que ele não deixa. Fica conversando comigo o tempo inteiro que passamos na fila, depois me segue até a mesa. Na verdade, não quero me sentar com ele, mas acho que é melhor do que ficar sozinha.

SESSENTA E TRÊS

Nico e eu voltamos juntos de ônibus da escola. Não é de se espantar que ele tenha feito uma penca de amigos novos hoje, mas mesmo assim ele se senta do meu lado.

– Como foi a escola? – pergunto.

– Bem legal – responde ele. – Tem vários meninos que gostam de jogar beisebol.

Eu queria ser boa em esportes igual ao Nico. Nado bem, porque meu pai me ensinou, mas natação não é uma atividade coletiva. Acho que nem existe um time de natação pra crianças da minha idade. A outra coisa que eu gosto de fazer é ler, que também não é uma atividade em grupo.

– Tem umas crianças que vão no parque no fim de semana jogar basquete – diz ele. – Quem sabe minha mãe deixa eu ir…

– Só toma cuidado. Sabia que um menino chamado Braden Lundie sumiu alguns anos atrás? E ele tinha mais ou menos a sua idade. Ninguém nunca soube o que aconteceu com ele.

– E daí?

– E daí?! *Alguma* coisa aconteceu com ele. Vai ver alguém matou ele.

– Nossa, Ada. – Nico revira os olhos. – Você se preocupa mais do que minha mãe.

Talvez ele tenha razão. Não sei por que me preocupo tanto com as coisas. Queria poder desligar minha preocupação.

– Se você tá preocupada, pode ir e ficar olhando – diz Nico.

Talvez eu faça isso, mas na verdade preferiria fazer coisas com gente da minha idade. Não fiz nenhum amigo hoje. Bom, fora o Gabe, e não quero fazer nada com ele fora da escola, não mesmo. Já é ruim o suficiente eu precisar vê-lo *na* escola.

– Você dormiu melhor no seu quarto sozinho ontem à noite? – pergunto a Nico.

Ele pensa por um minuto, então faz que não com a cabeça.

– Não, fiquei com medo. Senti sua falta.

Que bom que ele disse isso. Tive muita dificuldade para dormir na noite anterior, sozinha no meu quarto.

– Eu também senti a sua.

– Quem sabe a gente dorme no quarto um do outro um dia desses? – sugere ele. – Eu posso levar um saco de dormir e ficar no chão do seu quarto.

– Ou eu posso dormir no seu.

– A gente pode revezar – diz ele, alegre.

O ônibus chega na Locust Street, que é a rua sem saída onde a gente mora. Nico e eu saltamos, junto com aquele menino Spencer que mora do outro lado da rua. A mãe do Spencer está esperando e leva ele embora na mesma hora pra casa, mas nossa mãe espera a gente dentro de casa. Estou com as chaves na mochila, e ela falou que, se ainda não tiver chegado do trabalho quando a gente voltar, a responsável até ela chegar sou eu.

Quando passamos em frente à casa ao lado da nossa, reparo em alguém na janela. Deve ser nosso vizinho. É um homem mais ou menos da mesma idade do nosso pai, e, quando ele vê a gente, dá um aceno. Não sei por que esse homem está parado na janela olhando o ônibus escolar encostar.

Que coisa mais estranha de se fazer.

SESSENTA E QUATRO

Passo 3: Aprender a morar na nossa casa nova

Nico está se comportando de um jeito estranho.

Ele tem ido à casa dos Lowells depois da escola porque quebrou a janela deles jogando beisebol no quintal dos fundos e precisa pagar o vidro fazendo pequenos serviços lá. Enfim, ele parece ir lá todo dia, e só chega em casa logo antes da nossa mãe voltar. Perguntei que tipo de serviços mandam ele fazer, e ele falou que é só limpeza. Quando perguntei o que ele estava limpando, Nico não disse nada.

O que quer que estejam mandando ele fazer, é algo que deixa ele mal-humorado. Eles não têm nem um animal de estimação para sujar a casa. Será que estão mandando Nico tirar o lixo? Lavar a louça? Será que estão fazendo meu irmão subir uma montanha com uma pedra, e, assim que ele chega lá em cima, precisa descer tudo de novo, rolando a pedra até o chão?

Se fosse antigamente, quando a gente dividia o quarto, bastaria eu ter esperado a hora de dormir e perguntado pra ele. Só que agora Nico se fecha no quarto à noite e não conversa muito comigo.

Hoje à noite, durante o jantar, ele mal comeu. Mamãe fez purê de batata com bastante manteiga e sal, do jeito que ele gosta, mas ele só ficou fazendo uma grande pilha de purê e depois esculpindo a massa em diferentes formatos. Então, depois do jantar, vou até o quarto dele. Bato na porta, o que ainda parece

esquisito depois de ter passado tanto tempo dividindo o mesmo quarto.

– Tô ocupado! – grita ele.

– Sou eu, Ada! – grito através da porta.

– Continuo ocupado!

Então tento girar a maçaneta, mas a porta está trancada. Por que um menino de 9 anos tem fechadura na porta? Não me parece uma coisa segura.

Ah, não, eu pareço mesmo a nossa mãe falando. Que ótimo, puxei ao mais chato dos pais. Não tenho sorte, mesmo.

Concluo que o melhor a fazer é perguntar pra ele na manhã seguinte, quando a gente estiver andando até o ponto do ônibus. Os poucos minutos em que vamos pro ponto e voltamos pra casa são os únicos momentos do dia em que ficamos sozinhos juntos. Mas, quando chegamos no ponto, a malvada Sra. Archer está lá parada, encarando nós dois com um olhar de raiva, especialmente meu irmão. Só que nos últimos tempos Nico não tem nem me esperado para andar até o ponto. Simplesmente sai correndo pela porta de manhã e mal me olha enquanto a gente espera o ônibus chegar.

Então hoje de manhã acordo ainda mais cedo para ter certeza de que ele não vai sair antes de mim. Quando desço, nem sinal de Nico. Imagino que eu só tenha tempo para comer rapidinho uma tigela de cereal no café da manhã, mas, ao entrar na cozinha, vejo Martha fazendo a faxina e não quero ficar atrapalhando. É muito esquisito ter uma mulher que vem na nossa casa limpar. Lá no Bronx, só os nossos amigos ricos tinham pessoas para fazer a faxina, e tenho quase certeza de que a gente não é rico.

– Quer tomar café? – pergunta Martha.

Faço que sim com a cabeça.

– Pode me passar a caixa de cereal?

Martha arregala os olhos.

– Cereal no café da manhã?

Não entendo por que ela parece tão horrorizada com isso. O que tem de tão errado em comer cereal no café da manhã? Quer dizer, não é para isso que cereal *serve*?

Mas, pensando bem, a Martha é estranha. Ela mal abre a boca e prende o cabelo num coque tão apertado que parece bem dolorido, e além do mais vive encarando a minha mãe. Tipo *sempre*. Não faço ideia do porquê.

– Posso preparar uma omelete com salsicha para você – diz ela pra mim. – Isso, sim, é café da manhã de verdade.

Antes de eu poder dizer pra ela que não, que não dá tempo, ela abre a geladeira e pega a embalagem de ovos. Quando está com o braço esticado, a manga da blusa sobe, e reparo que ela tem vários hematomas roxos ao redor do pulso. Como se tivesse usado uma pulseira apertada demais.

– Você se machucou? – pergunto pra ela.

Ela fica paralisada com a embalagem de ovos nas mãos. Olha para o próprio pulso e puxa a manga para cobrir o hematoma.

– Eu… Não.

– Então que hematomas são esses? – pergunto, apesar de saber que isso não é da minha conta.

Ela pisca algumas vezes.

– É que… É que eu…

De repente ela parece muito abalada. Fico pensando se a Martha está encrencada de algum jeito e se talvez eu devesse tentar ajudar. Mas o que posso fazer? Tenho só 11 anos. Não consigo nem resolver meus próprios problemas.

Falando nos meus próprios problemas, enquanto estou tentando pensar no que dizer para Martha escuto a porta da frente bater. É Nico! Que droga, sabia que não deveria ter tentado comer a porcaria do café da manhã! Agora ele vai chegar no ponto de ônibus antes de a gente ter sequer um segundo pra conversar.

– Preciso ir – digo a Martha.

E ela parece tão aliviada que fico feliz por não ter falado mais nada. Além do mais, ela não iria querer contar seus problemas para uma criança.

SESSENTA E CINCO

Hoje meu pai vem me pegar na escola e me levar pra tomar sorvete.

Ele costumava fazer isso no nosso apartamento antigo. Como Nico precisa de muita atenção, meu pai disse que a gente deveria sair só os dois. Fiquei com medo de ele não querer fazer mais isso depois que a gente se mudasse, especialmente por estar focado em expandir a empresa na nova cidade, mas aí ontem ele me falou que vinha me buscar hoje na caminhonete. E agora estou esperando por ele em frente à escola.

Como ninguém nunca veio me buscar antes e eu só peguei o ônibus escolar, não sei muito bem onde ficar esperando. Acabo indo para trás da escola, porque lá tem um lugar para os carros encostarem. Mas aí todo mundo vai embora e o lugar fica muito tranquilo, e não consigo evitar de começar a pensar no tal menino Braden Lundie. Aquele que sumiu.

Pensar nisso me deixa realmente assustada. Porque, quando alguém some, o que acontece com a pessoa? Quer dizer, não é como se o menino tivesse simplesmente desaparecido da face da Terra. Ele não se desintegrou e pronto. Alguém *levou* ele embora.

– Ada?

No começo, fico feliz por ouvir uma voz de criança atrás de mim, até me virar e perceber que é Gabe. Basicamente a última pessoa que quero ver.

Desde meu primeiro dia na escola, algumas semanas atrás, Gabe não me deixa em paz. Encontrei umas meninas com quem me sentar durante o almoço, e

ele sabe que não adianta vir tentar se sentar com a gente, mas sempre entra na fila atrás de mim no refeitório e depois me segue até o intervalo. Quase nunca falo com ele, então não entendo por que não para de me encher.

– O que você tá fazendo aqui? – pergunta ele. – Achei que voltasse de ônibus.

– Hoje vão me buscar. Só que não sei onde o meu pai está.

E agora, olhando em volta, percebo que não tem como chegar nessa ruazinha vindo da rua principal. Está tudo bloqueado. Ou seja, meu pai não tem como me encontrar neste lugar. Preciso dar a volta na escola e ver se consigo encontrar ele. E então dizer pra ele que preciso de um celular, porque preciso mesmo.

– Escuta, Ada – diz Gabe. – Queria te perguntar uma coisa.

Não quero que ele me pergunte nada.

– Foi mal, preciso encontrar meu pai.

– Tá, mas eu só preciso te perguntar uma coisa. – Gabe não sabe mesmo ouvir um não. É irritante. – Você acha que poderia querer sair comigo um dia desses?

– Eu não posso sair com meninos.

Essa não é uma regra oficial, mas tenho a sensação de que seria se eu perguntasse. Só que não vou perguntar, porque não quero sair nem com o Gabe, nem com ninguém.

– Bom, tudo bem se eu segurasse a sua mão?

Dessa vez, nem tenho chance de dizer não antes de Gabe estender a mão e agarrar a minha. A mão dele está suada e quente. É bem nojento tocar nela. Puxo a minha de volta, mas em vez de recuar ele agarra o meu pulso.

– Eu não quero ficar de mãos dadas – digo, apesar de ele não estar mais segurando a minha mão, e sim agarrando meu pulso.

Nem assim Gabe entende. Seus dedos compridos envolvem meu pulso e ele aperta com mais força.

– Só por um ou dois minutos, Ada. Por favor?

– Você está me *machucando* – digo entredentes.

– Estou, nada – insiste ele.

Tento puxar a mão de volta, mas ele está segurando com força demais. Começo a pensar em algo que minha mãe me disse, sobre como os meninos são muito sensíveis entre as pernas e que, se a gente chutar ali, eles deixam a gente em paz. Só que, antes de eu ter chance de testar isso na prática, somos

interrompidos por um monte de palavras raivosas em italiano. A voz do meu pai então troveja:

– O QUE VOCÊ ACHA QUE ESTÁ FAZENDO COM A MINHA FILHA?

Gabe solta meu pulso na hora. Meu pai está correndo na nossa direção, e eu nunca vi ele tão bravo na vida. Tem uma veia grande e assustadora estufada no pescoço dele e a mão direita está com o punho cerrado. Dá a impressão de que ele quer pegar Gabe e partir ao meio. E tenho quase certeza de que seria capaz se quisesse. Quer dizer, meu pai é *superforte*.

– Eu… Desculpa – gagueja Gabe.

– Não! – Meu pai aponta para mim. – Pede desculpa pra *ela*!

Gabe está quase fazendo xixi na calça.

– Desculpa, Ada! Desculpa mesmo!

Meu pai mal parece estar conseguindo se conter para não moer Gabe de pancada. Ele chega bem perto do garoto, uma expressão aterrorizante nos olhos escuros. Os meus são da mesma cor, mas nunca ficam assim assustadores como os do meu pai às vezes podem ficar.

– Se você alguma vez encostar de novo na minha filha, vai entender o que significa se arrepender – sibila meu pai para ele. – Entendeu bem?

– Entendi! – exclama Gabe. – Quer dizer, não! Quer dizer…

Ele olha para mim e para o meu pai, e então, sem dizer mais nada, sai correndo o mais depressa que pode.

Meu pai parece muito abalado. Não sei se algum dia já vi ele assim tão bravo. No começo, fica respirando depressa, mas então se acalma e seu rosto assume uma expressão meio triste.

– Vem, Ada – diz ele pra mim. – A gente precisa conversar. Na caminhonete.

Será que ele está bravo comigo? Não fiz nada de errado. Ou fiz? Eu não queria dar a mão para Gabe. Mas vai ver papai não conseguiu ver que eu estava tentando me desvencilhar. Só que ele, na verdade, não parece bravo comigo. Parece só… chateado. Tipo, no geral.

A gente precisa voltar a pé até a caminhonete, que ele deixou no estacionamento da escola. Deve ter estacionado e depois saído pra me procurar. Ele fala para eu entrar, e, quando começo a subir no banco de trás, ele fala para eu me sentar na frente.

Quando estamos os dois no carro, ele não liga o motor. Fica só sentado no

banco do motorista, sem dizer nada. Está olhando para o meu pulso, no ponto em que Gabe me segurou. O lugar onde os dedos dele estavam ficou bem vermelho. Fico pensando se vou ficar com um hematoma.

– Que susto, Ada – diz ele.

Faço que sim com a cabeça.

– Mas ficou tudo bem. Porque você apareceu.

– É isso que mais me assusta – diz ele. – Eu apareci. Mas da próxima vez pode ser que não apareça. Não vou estar sempre do seu lado.

Acho que ele tem razão, mas ao mesmo tempo é como se ele estivesse sempre do meu lado, *sim*. Toda vez que precisei dele, ele estava lá. Parece impossível chegar um dia em que eu precise do meu pai e ele não vá estar por perto para me ajudar. Tipo, Gabe estava me incomodando, e lá estava meu pai, surgido do nada para assustar o menino e me salvar.

– Eu disse pra minha irmã que estaria sempre do lado dela – murmura ele quase para si mesmo. – Mas aí…

Meu nome é uma homenagem à irmã do meu pai. Ela se chamava Antonia e morreu antes de eu nascer. Meu pai às vezes fala dela e diz como a amava, mas nunca contou como ela morreu. Deve ter sido de alguma coisa trágica, porque ela era muito jovem.

– Se algum menino estiver incomodando você, pede pra ele parar – diz. – Com firmeza. Pra garantir que ele entenda.

Faço que sim com a cabeça, séria.

– Só que tem uma chance de ele não parar. – As sobrancelhas escuras do meu pai ficam unidas e um vinco fundo surge entre elas. – E, se isso acontecer…

Ele passa alguns segundos calado, pensando em alguma coisa. Por fim, põe a mão no bolso e pega aquele canivete que carrega sempre pra todo lado. O que meu avô deu de presente pra ele, com as suas iniciais gravadas.

– Meu pai me deu isso aqui quando eu tinha a sua idade – diz ele. – Agora estou dando pra você.

– Pai! – exclamo. – Não posso andar por aí com um canivete! Vou ficar encrencada!

– Só se alguém souber – diz ele.

Olho para o canivete nas mãos dele. Embora não deva, estou me coçando pra pegar. Sempre gostei daquele canivete, porque ele me lembra do meu pai.

Imaginei que ele um dia fosse dar de presente pro Nico, mas em vez disso está dando pra mim.

– É pra eu fazer o que com isso? – pergunto a ele.

– Nada. Carregar com você, mas nunca usar. Só se for preciso.

– Mas… – Abaixo a cabeça e olho para o canivete ainda na mão dele. A lâmina está fechada, mas aposto que é afiada. – Você acha mesmo que eu poderia…

– Só se for preciso, Ada – repete. Ele toca um ponto à direita do umbigo. – Você coloca a ponta bem aqui. E aí… – Ele dá um tranco com o punho. – Aí você *gira*.

Ergo os olhos para ele.

– Você já fez isso?

– Eu? – As sobrancelhas dele se erguem depressa. – Ah, não. É só… só uma precaução.

Ele me estende o canivete de novo. Dessa vez, eu pego.

SESSENTA E SEIS

Passo 4: Comece a suspeitar da verdade terrível

É sábado à tarde, e estou na cozinha tentando decidir se faço um lanche antes do jantar, quando Nico entra de fininho pela porta dos fundos.

Não vejo ele desde a manhã. Só que ultimamente isso não é nada incomum. Eu costumava passar quase o tempo todo do fim de semana com meu irmão, mas agora ou ele está treinando beisebol na liga infantil, ou está trancado no quarto. Consegui ir junto com ele algumas vezes até o ponto, mas não adiantou. Nico não quis conversar.

Então não é estranho ter passado o dia inteiro sem encontrar com ele. O estranho é que esteja entrando de fininho pelos fundos. E mais estranho ainda é a calça dele estar toda suja na frente com o que parece ser uma mancha de xixi.

Será que ele fez xixi na calça?

– Nico.

Ele tenta esconder a calça atrás da mesa da cozinha, mas eu já vi.

– Que foi?

– Tá tudo bem?

– Tá – diz ele. – Eu estava na casa dos Lowells e derrubei um pouco da água que estava bebendo na roupa.

Só que não acho que isso tenha acontecido. Porque, agora que ele está mais perto, também está cheirando a xixi. Ele percebe que não estou acreditando,

então fica com um ar preocupado.

– Ada, não conta pra ninguém, tá?

– Pode deixar – prometo. – Mas… Quer dizer… Como…

Como é que um menino de 9 anos faz xixi na calça? Teve uma época, quando Nico tinha uns 4 anos, que ele costumava fazer xixi na cama, eu lembro, mas já faz muito tempo.

– Segurei por tempo demais, só isso – diz ele.

Continuo sem entender. Mas ele parece tão envergonhado que não vou ficar insistindo.

– Tá bom…

– Você jura que não vai contar pra ninguém?

– Juro.

– Porque, se contar, você é uma dedo-duro.

– Já falei que não vou contar!

Ele parece se dar por satisfeito, então sobe depressa até o quarto para se trocar. Mas não consigo parar de pensar no que aconteceu. Nico já anda se comportando de um jeito esquisito, e essa foi a coisa mais esquisita de todas. Queria que ele conversasse comigo. Queria que voltasse a ser como antes.

Queria que a gente nunca tivesse se mudado pra cá.

SESSENTA E SETE

Pelo menos, estou indo bem nas aulas.

Sempre fui boa aluna. Na minha escola antiga, sempre tirava *E* em tudo. *E* é basicamente a mesma coisa que um 10, mas esse era o sistema esquisito de notação que a minha escola usava pras pessoas não se sentirem mal por não tirarem 10. *E* quer dizer Excelente, e é o melhor conceito que se pode tirar. Eu tirava *E* em tudo, menos em educação física, em que ficava com *M* (na média).

A professora Ratner passa muito mais dever de casa do que a professora Marcus costumava passar, mas não me importo em fazer dever de casa. Quero ser pediatra quando crescer, então ainda tenho *muito* mais estudo pela frente. Que bom que gosto de fazer dever de casa.

Estou no meio do dever de matemática quando fico com sede e desço pra pegar um copo d'água. Só que, por mais estranho que pareça, quando estou no meio da escada vejo Nico desaparecer dentro da parede.

É isso mesmo, sério.

Eu não sabia, mas pelo visto a nossa parede tem uma porta secreta. Nico abriu essa porta e parece prestes a entrar por ela. Antes de ele conseguir fechar a porta, eu chamo:

– Ei!

Ele ergue o rosto com um movimento brusco e me vê. Não parece nada feliz com isso.

– Ah. É você.

Desço depressa o resto da escada para ver mais de perto.

– O que é *isso*?

Como a porta está parcialmente aberta, consigo ver lá dentro. É um quartinho minúsculo, mais ou menos do tamanho de um dos nossos banheiros, ou quem sabe um pouco maior. Não tem grande coisa lá dentro, só algumas revistas em quadrinhos. E está escuro também. Tem só uma lâmpada pendurada no teto.

– Ada, você não pode contar pra ninguém – diz Nico. – Esse aqui é o meu clubinho secreto.

Clubinho secreto? Sério?

– Não parece seguro.

– Ai! – exclama ele. – Você tá parecendo nossa mãe!

Ele fala como se fosse uma ofensa, se bem que talvez não seja tão ofensivo assim ser comparada à única pessoa totalmente normal e racional desta família. Mas detesto o fato de ele estar chateado comigo.

– Posso entrar? – pergunto.

Ele faz uma careta.

– O clubinho é meu, Ada. Não pode entrar menina.

Tenho certeza absoluta de que sou a única amiga dele por aqui, porque nos últimos tempos sempre vejo meu irmão sozinho no pátio durante o intervalo, então, se ele não quiser a companhia de meninas, não vai ter a companhia de ninguém. Não pode mais brincar com Spencer, embora nossos pais não saibam disso.

– Por favor?

Ele acaba assentindo. Entro atrás dele no pequeno cômodo quadrado, e ele fecha a porta depois de entrarmos. A porta faz um barulho de arranhão horroroso quando se fecha, e preciso tapar os ouvidos.

Uma vez que estamos os dois do lado de dentro, o quartinho parece *muito* pequeno. Já dava para ver que era pequeno olhando de fora, mas por dentro a sensação é ainda pior. É como estar num caixão. Ou como ser enterrada viva. Uma dessas duas coisas.

Além do mais, é sujo. O chão está coberto por uma camada de sujeira, então dá pra ver as pegadas deixadas por ele todas as vezes que entrou e saiu. E tem teias de aranha nos cantos, ou seja, tem aranhas também. Tem gente que diz que

aranhas são tipo insetos do bem, mas não gosto de nenhum inseto. Já Nico gosta de insetos, então isso não incomoda tanto ele.

Não consigo deixar de pensar naquele menininho, Braden Lundie. Aquele que sumiu. Imagino ele trancado dentro de um quartinho igual ao que estamos, sem nada a não ser uma pequena pilha de revistas em quadrinhos.

– Você gosta mesmo de brincar aqui dentro? – pergunto. – É tão pequeno…

– Gosto, sim – responde ele, teimoso. – Se estiver odiando, pode sair.

Estou odiando mesmo. E quero sair. Mas faz tempo que não tenho uma conversa com meu irmão, e não quero que ele ache que sou uma medrosa com quem não possa brincar.

– Não. Quero ficar.

Olho pra porta e torço para que abra quando a gente quiser. E se não abrir? Como a gente vai sair? Será que nossos pais vão descobrir que estamos aqui dentro? De repente, sinto o pescoço frio e suado, mas mesmo assim me sento no chão ao lado de Nico. A gente não vai ficar preso nesse quartinho. Nosso pai vai dar um jeito, seja qual for, de tirar a gente desse lugar.

– Lembra que você falou que queria combinar de a gente dormir junto? – digo para Nico.

– Aham…

– Quem sabe nesse fim de semana agora?

Ele balança a cabeça.

– Não.

– Por que não?

– Porque eu não *quero*.

Sinto os olhos subitamente marejados. Não entendo o que aconteceu. Por que Nico está sendo tão cruel comigo? A pior parte é que ele percebe e franze o rosto.

– Você vive chorando – reclama ele. – Tem alguma coisa que *não* faça você chorar?

Enxugo os olhos com as costas da mão.

– Desculpa.

– Se vai chorar, então tem que sair.

Tento me conter, só que não é tão fácil. Queria poder simplesmente dizer pra mim mesma: *Ada, para de chorar*, e aí parar. Mas o Nico me passa uns

quadrinhos, e aí me sinto um pouco melhor. Tento ficar só lendo a revista, sem pensar em mais nada. Apesar de ter muito dever de casa pra fazer.

Até que nosso pai descobre a gente escondido, e ele e a nossa mãe ficam bravos com a gente, então não podemos mais entrar no clubinho no fim das contas. Fico feliz, porque não gosto nem um pouco desse tal clubinho.

SESSENTA E OITO

Desde que meu pai gritou com Gabe, ele não me incomodou mais. Não me chamou mais pra sair. Ele nem respirou perto de mim.

Infelizmente, surgiu Hunter.

Três vezes por semana, temos um período dedicado à biblioteca. É uma das minhas aulas preferidas, porque a gente pode ir pra biblioteca da escola, escolher um livro e passar o tempo de aula inteiro lendo. Nem entendo por que isso é uma aula, porque pra mim parece só diversão. Mas vários alunos da minha turma reclamam.

Hoje escolhi um livro do Louis Sachar. Além da Lois Duncan, ele é meu autor preferido. Já li todos os livros que ele escreveu e agora estou relendo tudo, porque às vezes é mais divertido da segunda vez. Tipo, dá pra reparar em coisas que a gente não repara de primeira. Especialmente na série dele chamada *Wayside School*. Talvez essa seja a minha série favorita de todos os tempos, mais até do que *Harry Potter*. O primeiro e o segundo livro são muito bons. O terceiro é bom também, mas não é meu preferido. O terceiro de uma série em geral não é tão bom, então não é culpa dele.

Hoje estou lendo *Algum dia, Angeline*, que adoro, mesmo que me faça chorar. Estou só na metade quando Hunter se senta diante da mesa à minha frente.

– Oi, Ada – diz ele.

Respondo "oi" sem deixar de olhar para o livro.

– Adaaaa – diz ele. – Quer sair comigo?

Alguns amigos dele estão na mesa ao lado escutando e dando risadinhas da nossa conversa. Não sei o que ela tem de tão engraçada.

– Não, obrigada.

– Por que não?

– Não quero sair com nenhum menino.

– Se nunca sair com nenhum menino, o que você vai fazer? – pergunta ele. – Casar com um dos seus livros?

Os meninos da mesa ao lado parecem achar isso hilário.

Desse dia em diante, toda vez que tem biblioteca, Hunter vem na minha mesa e me chama pra sair. Não acho que ele realmente queira sair comigo, está só tirando uma com a minha cara. Ou vai ver é um pouco de cada coisa. Ninguém na minha escola antiga falava sobre sair junto, mas aqui isso parece ser *superimportante*.

– Pode, por favor, me deixar ler meu livro? – imploro.

– É só isso que você gosta de fazer – observa Hunter. – Ler livros. Se continuar lendo o tempo todo, não vai mais conseguir enxergar, sabia?

– Isso não é verdade.

– É, sim. Se você ler muitos livros, seus olhos vão cair.

Isso não é verdade *mesmo*. Minha mãe gosta de ler, e os olhos dela não caíram. Embora, verdade seja dita, ela não leia tanto quanto eu – a maioria das pessoas não lê. Às vezes, penso que é só assim que quero passar meu tempo. E queria que Hunter me deixasse em paz para fazer isso.

Penso no canivete que meu pai me deu. Está dentro da minha mochila neste exato momento. Enfiado bem no fundo, pra ninguém encontrar. Se algum dos professores descobrisse que estou com ele, eu ficaria muito encrencada. O mais inteligente seria deixar na minha escrivaninha de casa e pronto. Mas meu pai me disse que eu levasse aonde fosse, e a verdade é que gosto de andar com o canivete.

Só que nunca vou usar. Não consigo nem imaginar uma coisa dessas.

Embora, nesse momento, eu meio que esteja a fim de usar. Aposto que, se eu sacasse o canivete, Hunter iria embora bem depressa.

– Ada – diz ele. – Casa comigo?

Os outros meninos estão rindo outra vez. Estou cheia disso. Então pego

minha mochila e vou ao banheiro, onde passo o resto do tempo escondida lendo meu livro sentada na privada.

SESSENTA E NOVE

Hoje a gente vai à praia.

Eu gosto de nadar, mas não gosto tanto assim da praia. Não gosto da sensação da areia na pele. Além do mais, depois de ir à praia, parece que fica areia em todo lugar. Entre meus dedos dos pés, nas dobras dos meus cotovelos e joelhos, e mesmo depois de tomar banho meio que ainda sinto ter areia lá.

– Eu sinto a mesma coisa! – responde minha mãe quando digo isso a ela antes de a gente sair. – Mas desde a mudança a gente não fez nenhum passeio em família, e acho que vai ser divertido. Enfim, você adora nadar, né?

– Acho que sim.

Ela sorri para mim.

– E pode levar um livro.

Estou com *Algum dia, Angeline* na mochila. A bibliotecária deixou que eu trouxesse o livro pra casa, porque não consigo muito tempo pra ler na escola e queria muito terminar. Hunter não me deixa em paz, e obviamente meu pai não está por perto para meter medo nele e fazer ele parar de me encher.

Fico pensando o que a minha mãe faria numa situação dessas. Ao contrário do meu pai, ela tem um jeito calmo e racional de lidar com tudo. Talvez tenha uma solução que me ajude a lidar com Hunter sem precisar sacar o canivete do meu pai, o que seria ridículo.

– Mãe – digo.

Ela está nesse momento revirando minha gaveta em busca de uma roupa de

banho que ainda caiba em mim. Cresci muito no último ano, e em breve vou precisar de roupas de banho inteiramente novas.

– Hum?

– O que você faz quando um menino não está sendo legal com você?

Ela larga a roupa de banho que está segurando e vira a cabeça depressa.

– Tem algum menino que não está sendo legal com você?

O rosto dela ficou muito rosa. Não quero deixar ela chateada. Ouvi meu pai falando com ela sobre algum problema de pressão que ela tem. Não quero que aconteça nada com a minha mãe.

– Comigo, não – digo depressa. – Com uma amiga minha. Estou tentando ajudar.

– Ah. – Isso parece acalmar ela. – Várias pessoas que fazem bullying estão só atrás de atenção, então, se forem ignoradas, elas vão embora.

– E se ignorar não der certo?

– Bom, o importante é deixar bem claro que você não vai tolerar ser tratada assim. – Ela hesita. – Usando as *palavras*, claro.

É claro que ela vai dizer pra usar as palavras, enquanto meu pai vai me dar um canivete bem grande.

Vou pra praia e levo mesmo um livro, apesar de o dia estar muito bonito e a água, com uma cara ótima, então talvez eu acabe nem lendo tanto assim. Vai ser divertido brincar no mar com Nico, como a gente fazia quando era pequeno.

Só que quando a gente chega não é tão divertido quanto achei que seria. Minha mãe parece meio brava ou coisa assim. E Nico também está se comportando de um jeito esquisito.

– Oi, Nico. Oi, Ada – diz o Sr. Lowell.

Ele está de calção de banho e boné. É muito branco por baixo da camisa, igual à minha mãe.

– Oi – digo, mas meu irmão não responde.

Ele não parece chateado por Nico não ter respondido.

– Que dia ótimo para uma praia, hein?

– É – concordo, educada.

Nico continua sem responder, e não entendo direito por quê. Ele passou um tempo indo à casa dos Lowells para fazer pequenos serviços, até que eles disseram que não precisava mais, então imagino que conheça os dois melhor do

que eu. E não acho que os serviços fossem tão ruins assim, já que Nico em geral detesta fazer coisas em casa, mas não reclamou nenhuma vez.

– Tá tudo bem? – pergunto para ele.

Nico e eu estamos andando em direção ao mar. A areia farfalha sob meus pés, e posso sentir os grãos entrando entre os dedos. Areia chata e nojenta.

– Tudo, sim – responde meu irmão.

– Por que você parece tão bravo com o Sr. e a Sra. Lowell?

– Por que você não vai cuidar da sua vida, Ada? – dispara ele.

Nico nunca falou assim comigo antes. Fico paralisada onde estou, chocada. Ele continua correndo rumo ao mar, e eu deveria ir também, mas se ele estiver bravo comigo não quero ir. Tem alguma coisa acontecendo e não entendo o que é.

Olho para trás, na direção onde colocamos nossas cadeiras na areia. Minha mãe está sentada em uma e o Sr. Lowell está do lado dela. Ela acena para mim. Aceno de volta.

Tá, não posso deixar isso me abalar. Não vou deixar meu irmão estragar o dia.

Sigo minha família até a água. Meu pai nada superbem e eu também, mas ele não gosta que eu vá tão longe a ponto de não poder me alcançar, só por garantia. Nado até onde me sinto segura, depois nado de volta. Quando estou voltando, reparo em Nico boiando na água. E é então que reparo também que a Sra. Lowell está do lado dele e os dois estão conversando. Nado até o mais perto que me atrevo para tentar ouvir o que estão dizendo, só que meus ouvidos estão cobertos pela água e é difícil escutar.

– Nem pensa… em contar pra ninguém – está dizendo a Sra. Lowell para Nico. – Você não se atreva… Sabe a encrenca em que vai se meter?

E Nico então diz, com uma voz miúda:

– Eu não vou contar. Prometo.

Ela estava… ameaçando ele?

Não sei sobre o que os dois estavam falando, mas não gostei do tom de voz dela. Ela estava ameaçando meu irmão. Tenho certeza.

Não paro de pensar nisso enquanto estou nadando, e vou ficando cada vez mais brava. Como ela pôde falar assim com meu irmão? E sobre o que eles estavam falando? Fico tão zangada que não consigo nem pensar direito. E então,

quando estou nadando debaixo d'água, passo perto das pernas dela.

Nem sei por que faço o que faço a seguir. É que estou com muita raiva. Então, quando dou por mim, já agarrei uma das pernas magrelas da Sra. Lowell e estou puxando com a maior força de que sou capaz, puxando ela para o fundo. Ela é pega totalmente de surpresa.

Na mesma hora, me arrependo de ter feito isso. Ela não estava preparada para afundar, e fica claro que não consegue voltar à superfície. Fico sem saber o que fazer. Não sei como salvar ela.

E se ela se afogar por minha causa? Vou me meter numa baita encrenca!

Mas é claro que o meu pai aparece para fazer o salvamento. Ele agarra e puxa ela pra fora d'água, e no fim das contas ela está bem. Acabou que não fiz com que se afogasse.

SETENTA

Passo 5: Descubra a verdade

Estou detestando Long Island.

Não tenho nenhum amigo. Quer dizer, nenhum amigo de verdade. Tem as meninas com quem almoço, e elas são legais comigo, mas nada como minhas antigas amigas lá do Bronx. Hunter me chateia quase todo dia que a gente tem biblioteca. Nico mal me dirige a palavra e não para de se meter em encrenca na escola.

Eu não preciso de um ano inteiro pra decidir. Já estou detestando Long Island e vou detestar pra sempre. Fico pensando se vou ter que esperar o ano todo antes de pedir pra voltar.

Ah, quem é que eu estou enganando? A gente nunca vai voltar. Vamos morar aqui pra sempre.

Fico deitada no escuro do meu quarto, tentando pegar no sono. Teve uma época da minha vida, quando eu era pequena, em que era fácil dormir. Não me lembro de ficar acordada quando estava no jardim de infância. Mas agora parece que tenho problemas pra dormir toda noite. Toda noite fico só encarando o teto. E as rachaduras nem são interessantes; que saudade da Constance.

Por fim, saio da cama e vou até a janela. Uma coisa boa de morar aqui é que o céu é claro e bonito. Dá sempre pra ver a lua e várias estrelas. Mas nem assim vale a pena.

Quando olho pela janela, meu olhar recai sobre a casa ao lado da nossa. O número 12 da Locust Street. A casa está com as luzes apagadas, mas por algum motivo vejo movimento nas janelas. Não sei direito em que quarto é… No de dormir, será?

Não consigo parar de pensar no que aconteceu na praia. Tem alguma coisa esquisita acontecendo com a família da casa ao lado. Por que Nico odeia tanto os Lowells? Que coisa estranha.

Ouço um barulho atrás de mim. É uma batida na porta. Volto correndo pra cama, porque não quero que meus pais me peguem perambulando pelo quarto no meio da noite. Não sei direito se eu deveria fingir estar dormindo, mas eles provavelmente estão ouvindo eu me mexer, então digo:

– Entra.

A porta se entreabre devagar. Pisco no escuro, sem saber se estou vendo direito.

É Nico. E ele está com um saco de dormir na mão.

– Ada, posso dormir aqui hoje?

– Claro – respondo. – É claro que pode.

Deixo as luzes apagadas, mas tanto os olhos dele quanto os meus já se adaptaram ao escuro. Nico estende o saco de dormir no chão ao lado da minha cama e se deita lá dentro. Eu me deito na minha própria cama.

– Boa noite, Nico.

– Boa noite, Ada.

Só que não fecho os olhos. Olho para Nico no saco de dormir, e ele também está me olhando.

E é então que reparo que os olhos dele estão cheios de lágrimas.

– Nico?

Ele não responde na hora, porque não consegue parar de chorar. Mas, depois de alguns minutos, me conta tudo.

SETENTA E UM

– Você não pode contar pra ninguém – diz Nico pra mim antes de me contar a história toda. – Jura que não vai contar?

– Sim.

– Ada, diz que jura.

– Juro.

Ele me encara, inspira fundo, então começa a falar.

Começou logo depois de a gente se mudar pra cá, quando Nico quebrou a tal janela e foi fazer pequenos serviços para os Lowells. Na primeira vez que foi lá, foram coisas normais como lavar a louça ou passar pano no chão. Mas aí, da segunda vez, ele fez uma descoberta bizarra.

Os Lowells têm um quartinho minúsculo idêntico ao nosso, também escondido debaixo da escada.

Quando estava passando o aspirador, Nico reparou na bordinha da porta na parede, quase toda escondida atrás de uma estante, e – sendo meu irmão o encrenqueiro de sempre – decidiu afastar o móvel, abrir a porta e entrar. Só que, ao contrário do quartinho debaixo da nossa escada, aquele ali não estava vazio.

– Estava cheio de brinquedos – conta Nico. – Brinquedos legais. Coisas que a gente nunca teria como comprar. Então… Bom, não tinha ninguém por perto, aí pensei que eu podia brincar só um pouquinho com os brinquedos. Mas aí o Sr. Lowell me pegou no flagra quando eu estava brincando com um caminhão Transformer bem legal, e eu deixei cair e o caminhão quebrou.

O Sr. Lowell disse pro Nico que os brinquedos eram peças de colecionador e que o caminhão que ele tinha quebrado custava supercaro. E que agora ele estava devendo milhares de dólares pra eles, além da janela de vitral que também tinha quebrado, já que estava brincando em vez de fazer os serviços na casa. Nossos pais vivem falando sobre como dinheiro é uma preocupação… Quer dizer, eles falam baixinho pra gente não escutar, mas a gente sempre escuta. Então o Nico ficou com medo de eles terem que pagar todo aquele dinheirão.

Só que o Sr. Lowell teve uma ideia. Ele disse ao Nico que estava pensando em construir ele mesmo uns brinquedos e que, se o Nico ajudasse brincando com vários deles e dizendo qual era o seu preferido, ele não faria nossos pais pagarem pelas coisas que o Nico tinha quebrado.

– Então era isso que eu fazia quando ia lá – explica Nico para mim. – Eu não fazia serviços na casa. Ficava brincando no quartinho. E o Sr. Lowell ficava olhando pela câmera.

O Sr. Lowell explicou que a porta tinha que ser mantida fechada quando ele estivesse lá dentro, porque a Sra. Lowell ficaria brava por ele estar deixando Nico brincar com os brinquedos, então ela nunca poderia saber. Ele gravava o que estava acontecendo lá dentro com uma câmera presa no teto e ficava assistindo. Mas aí, um dia, Nico ficou superapertado pra ir ao banheiro e não conseguiu sair do quartinho. Ele bateu na porta, e ninguém deixava ele sair. Então começou a entrar em pânico. Quando o Sr. Lowell finalmente abriu a porta, Nico tinha feito xixi na calça.

O Sr. Lowell tirou sarro da cara dele por ter molhado a roupa. Disse que iria contar pra todos os amigos do Nico, e meu irmão teve que implorar para que não fizesse isso.

Depois as visitas continuaram. Mesmo quando a Sra. Lowell descobriu e fez o Sr. Lowell dizer pra nossa mãe que não queriam mais que ele fosse lá, pro Nico, quando ninguém estava por perto, o Sr. Lowell falou que era para continuar indo, sim.

– E aí eu falei que não – sussurra Nico na escuridão do meu quarto. – Disse que não ia mais lá. Que não estava gostando e que estava cansado de brincar no quartinho. E além do mais, eu… eu estava com medo. Só que ele me disse que eu não tinha escolha.

O Sr. Lowell disse pro Nico que, se ele não continuasse indo lá, processaria

nossa família não só por causa do brinquedo quebrado e da janela, mas por conta de todo o estrago que Nico tinha causado nos outros brinquedos enquanto brincava no quartinho. Disse que a gente ficaria sem ter onde morar e que os nossos pais iriam odiar o Nico. Isso funcionou por um tempo, mas aí, quando Nico disse que iria contar assim mesmo, o Sr. Lowell usou outra abordagem.

– Ele disse que, se eu contasse pra alguém sobre o quartinho, ia matar minha família inteira – diz Nico. – Primeiro nosso pai, depois nossa mãe, depois você.

E ele agora está aos prantos. Desço da cama e vou me deitar ao lado do meu irmão no saco de dormir. Passo os braços em volta dele. O mais estranho é que não estou chorando. Praticamente tudo me faz chorar, mas não estou chorando neste momento.

Estou com raiva.

– Nico, o Sr. Lowell nunca poderia machucar nosso pai – digo. – O pai é muito maior do que ele.

– Ele me disse que conseguiria, sim. Disse que já fez isso antes.

Não acho que seja verdade. O Sr. Lowell não é páreo pro nosso pai. Ninguém é. O Sr. Lowell não passa de um adulto que faz bullying.

– A gente precisa contar pra mamãe e pro papai – digo.

– Não! – soluça Nico. – Ada. Você prometeu que não ia contar pra ninguém! Você jurou!

– Mas isso é muito sério.

– Se você contar pra alguém, eu nunca, nunca mais vou confiar em você pelo resto da minha vida.

Os olhos escuros de Nico brilham à luz do luar. Ele parece estar falando sério. Mas ele tem só 9 anos. Mesmo se eu contar, um dia vai entender que eu fiz a coisa certa.

Não vai?

– Você prometeu que não ia contar! – lembra ele. – É melhor não quebrar a promessa, Ada.

– Tá bom – digo por fim. – Não vou contar. Não vou contar pra ninguém.

Nico me deixa ficar abraçada com ele, e depois de um tempo para de chorar e sua respiração normaliza. Ele dormiu. Mas eu continuo totalmente acordada.

Vou cumprir a promessa que fiz ao meu irmão. Não vou contar pra ninguém o segredo que ele me revelou.

Mas o Sr. Lowell precisa saber que Nico nunca mais vai pôr os pés na casa dele.

SETENTA E DOIS

Passo 6: Defenda seu irmão mais novo

Não entro na casa dos Lowells desde aquele jantar, assim que a gente se mudou pra cá. A casa é bem maior e bem mais legal que a nossa, mesmo eu achando de verdade que a nossa é grande demais. Espero para ir lá quando o Mercedes do Sr. Lowell chega e some dentro da garagem, assim sei que ele está em casa.

Não sei o que vou dizer. Mas ele precisa saber que estou a par do que está fazendo com meu irmão e que, se isso acontecer outra vez, vou contar pros nossos pais. E que não tenho medo dele.

Quando ele ouvir o que tenho a dizer, nunca mais vai incomodar Nico, e eu nunca vou precisar contar pros nossos pais. Só que, bem na hora em que estou saindo da casa, resolvo no último minuto pegar o canivete que meu pai me deu. Não que vá usar, mas me sinto mais segura estando com ele. Ponho o canivete no bolso da calça jeans, depois cubro com a camiseta para não ficar visível.

Agora me sinto melhor.

Pego o atalho e atravesso nosso quintal dos fundos para chegar no deles. Meu pai está lá, fazendo algum trabalho nos arbustos. Está com alguns dos equipamentos ligados, e o barulho é superalto. E, quando digo alto, quero dizer que sou obrigada a tapar os ouvidos. É igualzinho ao barulho de uma serra cortando metal, embora não seja isso que esteja acontecendo. Tão alto que ele nem me ouve andando até a porta dos fundos. Quase chamo ele, mas aí me dou

conta de que, se me vir, vai perguntar o que estou fazendo, então na verdade é melhor não saber que estou aqui.

Bato na porta dos fundos, mas está tão barulhento que ninguém consegue me ouvir. Penso em dar a volta até a frente, mas aí tento abrir a porta e nem trancada ela está. Então entro.

Com certeza, escutei o carro do Sr. Lowell entrar na garagem, mas a casa está estranhamente silenciosa. Não ouço nenhum passo nem ruído vindos de cima. Parece não ter ninguém.

– Oi? – chamo.

Ninguém responde.

Não sei para onde ele foi, mas não parece ter ninguém ali. Talvez ele tenha saído de novo enquanto eu estava calçando os tênis. Ou vai ver está no chuveiro ou coisa assim. Acho que vou embora e volto mais tarde.

Mas então, quando estou atravessando a casa, passo pela escada. Tem uma estante apoiada na parede, no mesmo lugar onde fica a porta do quartinho na nossa casa. É igualzinho ao que Nico descreveu. Se eu afastar a estante, será que vou encontrar o quartinho secreto?

Agora que a ideia surgiu na minha cabeça, eu preciso ver o tal quartinho.

Como não tem muitos livros, a estante não está muito pesada. Apoio todo o meu peso nela e empurro com a maior força possível. Uma vez que ela começa a se mexer, consigo empurrar facilmente até o fim. E dito e feito: atrás dela está o contorno de uma porta estreita.

Essa porta aqui estava escondida pela estante em vez de ter sido coberta com papel de parede. Assim como a da nossa casa, ela parece abrir para dentro, mas tem um buraco de fechadura. A fechadura me deixa nervosa. Lembro que Nico contou da vez que tentou sair do quartinho, mas não conseguiu porque a porta não abria.

Então me ocorre que, se o Sr. Lowell tivesse trancado meu irmão no quartinho e posto a estante no lugar, ninguém iria saber que ele estava lá. Afinal, nossos pais acham que ele parou de ir na casa dos Lowells fazer pequenos serviços. Só Nico e o Sr. Lowell sabem a verdade.

Fico encarando o contorno da porta. Não sou uma pessoa curiosa. Não preciso saber o que existe por trás de cada porta. Esse é mais o estilo de Nico. O quartinho existe, é tudo que eu preciso saber. Né?

Mas, pensando bem, que mal faz dar só uma olhadinha?
Devagar, empurro a porta do quartinho e abro.

SETENTA E TRÊS

Não é o que eu esperava.

O quartinho debaixo da nossa escada era só um espaço vazio, já este está cheio de… *coisas.*

Consigo perceber por que Nico ficou atraído. É como se todos os brinquedos com que ele já tivesse brincado ou desejado ter na vida estivessem nesse lugar. Robôs Transformer, caminhões, carrinhos, bonecos. Pela aparência da maioria, alguém brincou com eles faz pouco tempo. E o quartinho é mais claro do que o que fica debaixo da nossa escada, iluminado por luzes de verdade, com um interruptor. Nico comentou que o Sr. Lowell tinha uma câmera presa no teto, porém examino os cantos lá em cima e não encontro nada. Vai ver ele tirou. Mas a parte mais estranha do quartinho é o que tem no canto mais afastado.

É uma cama.

Uma cama pequena, feita para uma criança talvez até um pouco menor do que Nico, só que mais ou menos da mesma idade. A armação é branca e o colchão bem fino, sem box. Mais parece uma cama de armar. Está coberta por uma colcha de retalhos, e cada um dos quadrados que formam a colcha tem um inseto diferente bordado no tecido.

Mesmo sabendo que não deveria, vou até a cama. Deslizo os dedos pela colcha, que me parece áspera, como se não fosse usada há muito tempo. Imagino que quando Nico viesse nesse lugar, ele brincasse no chão. Afasto a colcha e…

Ai, meu Deus.

Os lençóis brancos estão inteiramente cobertos por uma mancha marrom-escura. É mais escura no centro, mas tem respingos espalhados por todo o lençol. Não sei se o Nico alguma vez puxou a colcha e viu o que estou vendo. Se viu, talvez por isso tenha levado tão a sério a ameaça do Sr. Lowell.

– Ada?

Viro a cabeça de repente na direção da voz, atrás de mim. Como estava tudo em silêncio, pensei que não tivesse ninguém em casa. Fui muito burra mesmo. Vi o carro entrar na garagem. Deveria ter me dado conta de que o Sr. Lowell estava em casa. Ele devia estar no andar de cima, sei lá. Ou vai ver estava escondido. Esperando. De olho.

E agora ele está *aqui*. Dentro do quartinho… comigo.

Está usando uma calça cáqui e uma camisa social desabotoada no colarinho, além de uma gravata pendurada no pescoço. Tem a testa coberta por uma camada de suor que cintila à luz do teto. O cabelo no cocuruto é ralo, e cada um dos fios parece molhado.

Abro a boca para guinchar uma resposta, mas não sai nada. Minha intenção era dizer pro Sr. Lowell que ele tem que deixar meu irmão em paz. Dizer com toda a clareza que Nico nunca mais vai voltar nesse lugar. Minha intenção era impedir meu irmão de se meter em encrenca.

Só que agora talvez quem tenha se metido numa encrenca seja eu.

– O que está fazendo aqui, Ada? – O Sr. Lowell não parece exatamente zangado. Parece quase achar interessante a minha presença. – Você tirou a estante do lugar?

– É que… – Minha voz é só um chiado. – Desculpa. Achei que…

Por que estou me desculpando? Nossa, eu pareço a minha mãe. Ela vive se desculpando por coisas que nem fez errado, e agora *eu* estou fazendo igual. Quer dizer, acho que estou na casa dele sem autorização. Mas é *ele* quem vem trancando meu irmão nesse quartinho. E que manchas são essas nos lençóis, com uma aparência muito suspeita de sangue seco?

– Você estava bisbilhotando – observa ele.

Não respondo nada.

– Contou pros seus pais que estava vindo aqui? – pergunta.

– Contei – respondo.

Os lábios dele estremecem.

– Você está mentindo, Ada.

– Estou, nada!

– Eu sempre percebo quando as crianças estão mentindo. Vocês todas são muito óbvias.

Minha vontade é sair correndo, mas o Sr. Lowell está bloqueando a saída. Só que não tem como ele ter trancado a porta já que está aqui dentro comigo.

Né?

– Eu acho… – diz ele, dando um passo e chegando mais perto de mim. Ou seja, perto demais, porque o quartinho é super, superpequeno. – Acho que você não contou pra ninguém que vinha aqui.

Recuo um passo e esbarro na parede mais atrás. O olhar do Sr. Lowell se move depressa na direção do colchão. Das manchas de sangue nos lençóis.

– Ah, Ada – diz ele. – Queria mesmo que você não tivesse puxado essa colcha.

Minha respiração entala na garganta.

– Eu quero sair daqui agora – consigo dizer.

Ele inclina a cabeça para um dos lados.

– Quer, é?

– Quero.

– O problema é que não sei se posso confiar em você. Seu irmão sabe guardar segredos muito bem, mas tenho a sensação de que você, não.

Lembro como Nico chegou em casa com a calça toda molhada de xixi. E agora estou com medo de a mesma coisa acontecer comigo. Não sei se já senti um medo tão grande em toda a minha vida.

– Eu sei guardar segredo – respondo num guincho.

Ao contrário de mim, do meu irmão e do meu pai, o Sr. Lowell tem os olhos claros. Então posso ver quando a parte preta no meio fica maior.

– Acho que você não sabe – diz ele. – Ou seja…

Ele agora está perto o suficiente para eu sentir seu hálito rançoso. Eu me remexo, pensando se conseguiria passar por ele. Preciso sair desse lugar. O quartinho todo é muito pequeno, e a porta está muito perto. Se eu só…

– Não posso deixar você sair, Ada.

Eu me lembro de quando Gabe me contou sobre o tal menino desaparecido, Braden Lundie. Tinha imaginado ele preso num quartinho igual a esse. A ideia

me deixou apavorada, mas, mesmo assim, aqui estou eu. E, igualzinho ao que aconteceu com Braden, pode ser que ninguém nunca mais volte a me ver.

Só que eu tenho uma coisa que Braden não tinha.

Levo a mão ao bolso e meus dedos se fecham em volta do canivete do meu pai. Depois que ele me deu, fiquei treinando no meu quarto. Treinei abrir e fechar a lâmina depressa, do jeito que tinha visto ele fazer. Como o Sr. Lowell está encarando meu rosto, não vê quando tiro o canivete do bolso e abro a lâmina. Ele só vê o metal cintilar com as luzes do teto quando já cravei o canivete na sua barriga, no ponto exato onde o meu pai disse pra cravar.

E aí eu giro.

O Sr. Lowell uiva. Eu o acertei bem onde dói. Bom, como diz minha mãe, entre as pernas dói mais, mas eu não queria mesmo mirar nessa região. Enfim, desse jeito deu certo. O Sr. Lowell cai de joelhos, segurando a própria barriga.

– Sua vagabunda – diz ele, arfando.

Não tenho tempo pra pensar. Passo correndo por ele, abro a porta e aí, antes de ele conseguir se levantar outra vez, volto a fechar com um empurrão.

A fechadura está chamando minha atenção, mas não tenho uma chave. Não consigo trancar a porta. Então faço a única coisa que consigo fazer, que é sair correndo da casa o mais depressa que consigo.

Quando entrei, meu pai estava trabalhando no quintal. Só que ele sumiu. Não sei para onde foi. Talvez tenha voltado pra nossa garagem pra pegar algum outro equipamento? Não sei. Quero procurar por ele, mas também quero muito ir pra minha casa.

Ao entrar em casa, subo correndo a escada. Corro até o quarto dos meus pais à procura de um ou de outro, mas o quarto está vazio. Então, enquanto estou parada na soleira da porta, ouço passos atrás de mim. Passos cada vez mais altos.

Ah, não.

É o Sr. Lowell. Eu deveria ter dado um jeito de travar aquela porta. Ou enfiado o canivete nele outra vez, só pra ter certeza de ter terminado o serviço. Mas não: deixei ele lá feito uma burra. E agora ele me seguiu de volta até minha própria casa.

Ele vai acabar comigo.

Mas então me viro e meus ombros relaxam. Não é o Sr. Lowell. É Nico, em pé no corredor, de queixo caído.

– Ada? – Ele está com uma expressão horrorizada. – O que houve com você?

Pela primeira vez, olho para minhas roupas. Tenho algumas pequenas manchas de sangue na camiseta, mas minha mão direita está toda ensanguentada. O canivete também está todo sujo. Eu nem percebi.

– Ada? – repete Nico.

– Cadê… cadê nosso pai? – gaguejo.

– Na garagem, pegando algum equipamento, acho. – Nico franze a testa diante da minha mão ensanguentada, ainda segurando o canivete. – Ada, o que houve?

– Eu…

Não posso contar pra ele. Como posso contar pra alguém o que eu fiz?

– Ada?

– Eu… eu acho que pode ser que eu tenha matado o Sr. Lowell. – As palavras saem num jorro bagunçado. – Acho que pode ser que ele esteja morto.

– *Como é que é?*

Enxugo as lágrimas, sujando meu rosto de sangue. Estou só piorando a situação.

– Eu não falei pra ninguém o que você me contou… juro. Mas queria falar com ele. Dizer pra ele te deixar em paz.

– Ada…

– Ele não quis me deixar sair do quartinho. – Minha voz falha. – Então eu tive que…

Ambos olhamos para o canivete, que cintila com o sangue do Sr. Lowell. Ele com certeza morreu. Enfiei o canivete nele bem onde meu pai falou e girei. Vi seu rosto ficar pálido e ele desabar no chão.

Ai, meu Deus.

– Preciso falar com o papai – deixo escapar.

Nico arregala os olhos, em pânico.

– Você não pode contar pra ele. Não pode contar pra nenhum adulto. Você vai se encrencar muito.

– Papai não vai deixar nada de ruim me acontecer…

– Não depende dele. Você sabe o que acontece com crianças que fazem coisas ruins, não sabe? – Ele morde o lábio inferior. – Eles tiram você dos seus pais. Você tem que ir pra uma prisão de crianças chamada casa de coração. Meu

amigo falou que o irmão dele teve que ir pra lá por ter roubado uma coisa. E isso foi só por roubar. Você *matou* uma pessoa.

Começo a chorar. Ele tem razão. Não posso simplesmente dizer pras pessoas que matei o Sr. Lowell e achar que não vou ser punida, mesmo que quem estivesse fazendo uma coisa errada fosse ele.

– Então o que eu faço? – pergunto.

– Alguém te viu lá?

Faço que não com a cabeça.

– Então ninguém vai saber que foi você, né?

Olho para o canivete na minha mão e percebo que ele tem razão. Posso lavar o sangue do canivete e enfiar no fundo de uma gaveta. Posso lavar o sangue da camiseta e esconder no meu armário. Ninguém vai saber.

Nada de ruim vai acontecer.

PARTE IV

SETENTA E QUATRO
MILLIE

Minha filha matou um homem.

Minha filha de 11 anos esfaqueou um homem, e agora ele está morto. E depois de ouvir a história toda me pego querendo que ela não o tivesse matado, para que eu pudesse fazer isso com minhas próprias mãos.

Porque eu o teria feito sofrer de verdade.

– Desculpa, mãe. – Ela está chorando tanto que mal consegue falar. – Eu não queria fazer isso. Só precisava sair daquele quartinho.

Não estou brava com ela. Ela não me deve desculpa por nada. Sinto *náuseas* ao pensar no que estava acontecendo bem debaixo do meu nariz. Fui eu quem mandou Nico fazer pequenos serviços na casa dos vizinhos. Verdade seja dita, isso na época pareceu inocente e um bom jeito de ele assumir a responsabilidade por ter quebrado a janela. Jamais poderia ter imaginado que…

– Ada, nada disso é culpa sua. – Envolvo seu corpo magro num abraço. – Você fez o que precisava. Eu… eu teria feito o mesmo.

Para não dizer outra coisa.

– Cadê a camiseta que você estava usando? – pergunto a ela. – A suja de sangue?

Ela enxuga os olhos e atravessa o quarto para ir até sua cômoda cor-de-rosa. Passa alguns instantes remexendo lá dentro até pegar a camiseta azul-marinho que estava usando naquele dia e me entrega. Forçando a vista, enxergo com dificuldade a mancha, mas entendo como a polícia teria deixado passar. Eles não

esperavam encontrar nada incriminador na gaveta de camisetas de uma menina.

– Eu lavei muito bem na pia – diz ela, embora, se a polícia a tivesse encontrado, com certeza teria identificado o sangue de Jonathan.

Aperto a camiseta na mão, sem saber muito bem o que fazer com ela. Serei mesmo capaz de denunciar minha própria filha por assassinato?

– Não quero ir presa – diz ela, fungando. – Mas também não quero que meu pai fique encrencado quando quem matou fui eu.

Enzo sabia. Ele entendeu que Ada devia ter sido a responsável por esfaquear Jonathan ao descobrir que o canivete que tinha dado a ela era a arma do crime. Por isso assumiu tão depressa a culpa. Eu o odeio por ter feito isso. Mas também o amo mais do que já amei na vida.

– Você não vai ser presa – garanto a ela. – Eu prometo. A gente vai ligar pra advogada do seu pai, e ela vai resolver tudo. Juro.

Preciso ligar para a Cecelia. Preciso lhe contar tudo antes que Enzo faça alguma outra coisa burra, como confessar um assassinato para proteger a filha.

Não quero que Ada ouça esse telefonema, mas também não quero deixá-la sozinha num momento em que está tão frágil. Por mais que a tenha tranquilizado dizendo que ela não fez nada de errado, ela continua inconsolável. Preciso ficar de olho nela, então saio do quarto e fico bem perto da porta, mantendo-a entreaberta para poder vê-la enquanto clico no número de Cecelia.

Felizmente, ela atende na hora.

– Millie? Tudo certo? Acabei de chegar na delegacia.

– Pois é – digo, numa expiração. – Mas eu fiquei sabendo de algumas informações extremamente interessantes.

Conto tudo o mais depressa que consigo. Ela fica calada durante quase a história inteira, embora em alguns momentos eu escute um arquejo rápido. É difícil repetir os detalhes que Ada me contou. Sinceramente, chego a ficar enjoada. Fico aliviada quando acabo de lhe contar o que preciso e posso parar de falar.

– Meu Deus do céu – sussurra Cecelia. – Mas que…

– Eu sei.

– Que droga, Enzo – resmunga ela consigo mesma. – É melhor ele não ter falado nada pra polícia na minha ausência. Preciso chegar lá o mais rápido possível e esclarecer as coisas.

– Ele precisa ouvir tudo – insisto. – Se achar que existe uma chance de a Ada ser punida pelo que aconteceu, vai querer assumir a culpa. Ele precisa saber que foi legítima defesa. Ela não fez nada de errado.

– E ela tem *11 anos* – lembra Cecelia. – Nenhum tribunal condenaria uma menina dessa idade como se fosse adulta. Enzo está se incriminando sem motivo.

– Por favor, Cecelia, não deixa ele fazer nenhuma besteira.

– Não se preocupa, Millie. Sou muito convincente.

Encerro a ligação para ela poder tomar suas providências, então fico sozinha com meus filhos. E tenho um trabalho bem grande pela frente para deixar tudo certo outra vez.

Não sei exatamente o que estava acontecendo naquele quartinho na casa dos Lowells. Se Jonathan tiver encostado um dedo no meu filho, eu vou… Bom, acho que matá-lo não posso mais, mas vou tacar fogo no túmulo dele, ou… vou até o mundo dos mortos para me vingar. Não consigo *acreditar* que Nico tenha passado meses indo àquela casa por medo de nós precisarmos pagar por uns brinquedos quebrados. Isso me parte o coração.

Quando essa história toda acabar, a família inteira vai precisar de terapia. Aquele homem fez uma coisa horrível conosco, e estou decidida a tirar meu marido da cadeia para podermos ajudar as crianças a começarem seu processo de cura.

SETENTA E CINCO

Enzo está nesse momento numa cela na delegacia. Segundo Cecelia, ele foi fichado, e colheram suas digitais e tiraram fotos. Amanhã vai haver uma audiência de custódia, mas não temos condições de bancar qualquer valor de fiança.

Estou desesperada para saber como ele está, mas tudo que consigo obter são as atualizações de Cecelia. Deixo as crianças em casa, sem ir à escola – a essa altura, já tirei tantas folgas por motivos pessoais que meus colegas devem estar furiosos –, e passo muito tempo conversando com elas sobre tudo que aconteceu. Sabia que estava acontecendo alguma coisa com Nico, mas por algum motivo a situação toda passou despercebida pelo meu radar. Achei que ele estivesse com alguma coisa errada no cérebro e que tudo se devesse à minha genética ruim, mas na verdade era tudo culpa de Jonathan Lowell.

– Meu pai vai voltar pra casa logo? – pergunta Nico num tom esperançoso quando estamos jantando os três.

Fiz macarrão com manteiga por cima. Nem tive cabeça para acrescentar queijo.

– Espero que sim. – É a minha resposta sincera.

– Mas ele não fez nada de errado – diz Ada com uma voz miúda. – Por que ele tem que ficar preso?

– Porque não dá simplesmente para dizer à polícia que não foi uma pessoa e eles vão lá e soltam – explico. – Mas não precisam se preocupar, porque ele está

com uma advogada incrível. Já, já vai estar em casa.

Se eu repetir isso para mim mesma várias vezes até ser suficiente, talvez vire realidade.

Depois do jantar, ponho um saco de pipoca no micro-ondas. Por milagre, dou um jeito de não queimar tudo como da última vez e acomodo as crianças no sofá, assistindo a um desenho animado e comendo pipoca de micro-ondas. Logo depois que coloco um filme, o celular toca.

É o número da delegacia de polícia perto da nossa casa.

Pulo do sofá e cravo o polegar no botão verde para atender. Consigo chegar na cozinha quando o conhecido sotaque italiano se faz ouvir do outro lado:

– Millie?

Quase começo a chorar.

– Enzo! Ai, meu Deus… Não acredito que deixaram você telefonar…

– Tenho cinco minutos. E só.

Cinco minutos não bastam nem de longe para dizer tudo que eu preciso, mas é um começo.

– Sua besta. Por que você confessou?

– Pela Ada – diz ele baixinho, como se estivesse com medo de alguém estar escutando. – Eu faria qualquer coisa por ela e pelo Nico. Você não?

– Faria – admito. – Também faria.

– E por você também, Millie.

Isso basta. Meus olhos ficam marejados.

– Mas a gente precisa fazer você voltar pra cá. Por favor. Ela não vai se encrencar por causa do que aconteceu. Ela tem só 11 anos.

– Millie, ela degolou o cara com um canivete. Isso é encrenca certa.

É essa a parte que não me sai da cabeça. Jonathan Lowell foi esfaqueado duas vezes. Ada o golpeou na barriga para fazê-lo sair do caminho, mas de jeito nenhum tem altura suficiente para conseguir cortar a garganta de um homem que estivesse em pé na frente dela. Ela não me contou todos os detalhes, só disse que o esfaqueou para fazê-lo sair do caminho, e eu não quis pressioná-la porque ela já estava muito abalada.

De modo que posso apenas imaginar o que deve ter de fato acontecido. Encontrei Jonathan na sala, não no quartinho escondido, então o canivete na barriga não deve ter matado o homem na hora. Ele deve ter tentado ir atrás dela,

aí desabado em seguida. E então ela voltou e cortou a garganta dele enquanto ele estava caído no chão. Só para ter certeza absoluta de que estivesse morto.

Que frieza. Até para mim isso é frio. No entanto, se ela acreditava mesmo que Jonathan tivesse machucado Nico e ele a estivesse perseguindo, então ela fez o que precisava fazer.

Ainda assim, é difícil argumentar que algo desse tipo possa ter sido legítima defesa.

– Não importa. Enzo, nós três precisamos de você aqui. A gente está perdido sem você. Por favor, diz a verdade e deixa a Cecelia cuidar de tudo.

– Eu não vou denunciar minha filha. Não. Nunca.

Detesto a teimosia dele. Mas, se fosse eu, faria a mesma coisa.

– Você confessou pra polícia? – pergunto.

– Ainda não – diz ele. – Cecelia não deixou. Mas amanhã…

– Por favor, não faz isso – imploro. – Sei que você acha que está ajudando a Ada, mas ela não vai ficar melhor com o pai na prisão. Isso vai destruir a vida dela. Você não entende? Precisa voltar pra casa, e depois a gente dá um jeito de lidar com o que aconteceu.

Uma voz está gritando com ele ao fundo. Ele já esgotou os cinco minutos.

– Millie – diz ele com urgência. – Por favor, fala pras crianças que eu amo elas. Aconteça o que acontecer.

– A gente também te ama – começo a dizer, mas tenho quase certeza de que sou cortada depois da primeira palavra.

A ligação fica muda.

Nesta noite, Enzo vai dormir numa cela fria e desconfortável. Na verdade, estamos no verão, então vai dormir numa cela quente e desconfortável. Talvez, depois de uma noite assim, ele se dê conta de que não quer passar o resto da vida desse jeito.

Pelo menos, é por isso que eu posso torcer.

SETENTA E SEIS

Mal consigo dormir. Pode até ser Enzo quem precisa passar a noite numa cela, mas quem fica se revirando na cama sou eu. Não consigo parar de pensar em quando estive presa. Apesar de cercada de gente, eu me sentia sozinha o tempo todo. Estava sempre com a sensação de que aquele não era o meu lugar. Acho que ninguém acha que aquele é o seu lugar.

Queria que Enzo entendesse o quanto é ruim estar preso. Talvez ele não se dispusesse a abrir mão da própria vida tão rápido.

Decido mandar as crianças para a escola na manhã seguinte, apenas para manter alguma aparência de normalidade. Levo os dois no ponto e não fico surpresa ao me deparar com Janice e Spencer na habitual coleira dele.

Janice bufa.

– Que surpresa ver *você* por aqui.

– Eu moro bem ali – observo. – Por que não estaria aqui?

Janice não acha nem um pouco de graça no meu comentário.

– Quer dizer, depois da coisa horrível que o seu marido fez. Você não tem vergonha de mostrar a cara?

Não consigo acreditar que ela disse isso bem na frente dos meus filhos. Tenho engolido muita coisa dela desde que me mudei para cá, só para manter a paz, mas estou farta. Afinal, tenho quase certeza de que, aconteça o que acontecer, nós não vamos mais morar aqui por muito tempo.

– Janice, o meu marido não fez nada. Você entendeu tudo errado.

Ela bufa mais uma vez.

– Acho que não. Um homem com uma aparência como a dele vai sempre se meter em encrenca.

Ela acha que o meu marido é um assassino por ser muito bonito?

– Enzo é um homem bom – digo com firmeza. – E eu não preciso de nenhuma vizinha fofoqueira pra me dizer o contrário. Então por que de agora em diante você não cuida da própria vida, hein, Janice?

A boca dela se escancara, como se ela não estivesse exatamente acostumada a ser tratada assim. Olho para as crianças, e pela primeira vez desde que o pai delas foi preso detecto um leve esboço de sorriso no rosto deles.

Uma vez que meus filhos embarcaram com segurança, volto para dentro de casa. Chego ao gramado da frente bem na hora em que um Dodge Charger preto que conheço muito bem encosta no meio-fio. A janela do motorista se abaixa, e o investigador Benito Ramirez espicha a cabeça para fora.

– Millie – diz ele. – Entra no carro.

Confio em Ramirez mais do que em qualquer outro policial no mundo, mas nem isso me anima a entrar no carro de um policial sem explicação.

– Preciso estar na audiência de custódia do Enzo daqui a duas horas.

– A gente precisa conversar – diz ele com uma voz grave.

– Sobre o quê?

– Millie, você pode entrar no carro? Por favorzinho? Vem. Quer voltar a tempo da audiência, não quer?

Ah, que se dane.

SETENTA E SETE

– Imagino que você esteja sabendo sobre a Ada – digo para Ramirez quando estamos sentados juntos no banco dianteiro do seu Dodge.

– Estou – diz ele. – Cecelia me contou tudo.

– Ela matou Jonathan Lowell – falo, embora parte de mim continue sem conseguir acreditar nisso.

Como a minha menininha pode ter degolado um homem?

– Pelo visto, aquele pervertido mereceu.

– Mesmo assim.

Ele dá de ombros.

– Tal mãe, tal filha.

Eu me retraio. Ada não sabe nada sobre meu histórico. Talvez se sentisse melhor se eu lhe contasse…

Não, não posso contar para ela. Não quero que ela perca o respeito por mim.

– Mas sobre o que você queria conversar comigo?

Ramirez me encara com um olhar firme. Seus olhos são tão escuros e sérios quanto os do meu marido podem ficar.

– É sobre Suzette Lowell. Tem uma coisa que preciso te contar sobre ela, e você não pode contar pra mais ninguém.

– Tá…

– Millie, tô falando sério. Ou perco o emprego.

Isso desperta o meu interesse.

– Não vou contar pra ninguém. Te dou minha palavra.

– Aquele quartinho debaixo da escada foi examinado – diz ele. – E adivinha o que encontraram?

Se ele disser que tinha uma ossada de criança lá dentro…

– Não sei se eu quero saber.

– Millie, eles encontraram as impressões digitais da Suzette.

Levo vários instantes para processar o que ele está me dizendo. Se as digitais de Suzette estavam lá…

Ela sabia da existência do quartinho. Sabia de tudo em relação a ele. *Por isso* não queria Nico na casa dela. Não por estar preocupada que ele fosse quebrar alguma coisa ou fazer bagunça. Ela não o queria lá porque sabia que o marido era um pervertido.

E o deixou ir lá mesmo assim. Como ela ousou fazer isso? E se Jonathan tivesse machucado Nico ou Ada? E se…

– Eu vou matar essa mulher – digo num arquejo.

– O que vai acontecer com ela vai ser bem pior do que isso – retruca ele. – A polícia encontrou mais uma coisa dentro daquele quartinho.

E ele então me conta uma coisa tão horripilante que minha vontade é vomitar bem em cima do estofado do carro.

– Ela está hospedada num hotel – conta ele. – A polícia pretende convocar a Suzette pra depor. Quis te contar primeiro.

Minha cabeça está girando com as revelações que Ramirez acaba de me fazer. Suzette sabia. Ela *sabia.* E agora vai ser indiciada como cúmplice das coisas terríveis que o marido fez. Se isso não é justiça, não sei o que essa palavra significa.

Só que isso não vai mudar o fato de que quem matou Jonathan foi Ada. Não vai mudar o fato de Enzo estar se recusando a incriminar nossa filha e de que ele vai passar o resto da vida preso para protegê-la.

E é então que me dá um estalo. Talvez haja um jeito de consertar essa situação.

– Benny – digo, com urgência. – Dá tempo de a gente falar com a Suzette antes de a polícia ir buscar ela?

As sobrancelhas grossas dele se erguem.

– Você tá de brincadeira, né?

– Eu preciso falar com ela.

– Não posso levar você comigo pra tratar de um assunto da polícia. Vou ser *demitido*.

– Tá. – Tamborilo os dedos no tecido da calça jeans que cobre meu joelho. – Então me leva até o hotel e deixa que eu mesma falo com ela.

– Nem pensar. Não vou deixar você sozinha com aquela mulher. As crianças não precisam que a mãe também seja presa por assassinato.

– Por favor – peço. – Você me deve uma, Benny.

– Na verdade, eu te devo no mínimo umas dez. – Ele coça a barba por fazer que lhe cobre o queixo. – Sobre o que você quer falar com ela, afinal?

Meneio a cabeça na direção do volante.

– Te explico tudo no caminho.

SETENTA E OITO

Ramirez dirige até um hotel chique nos arredores da cidade. Parece o tipo de hotel com um spa em cada quarto e nos quais as roupas de cama e banho são trocadas de hora em hora. Em outras palavras, um hotel que nem nos meus sonhos mais desvairados eu conseguiria pagar.

Um manobrista pega as chaves e vai estacionar o carro, e nós entramos juntos no hotel e nos aproximamos do balcão do concierge. Ramirez leva a mão ao bolso e saca o distintivo, deslizando-o por cima do balcão.

– Sou o investigador Ramirez, da polícia de Nova York. Estou procurando uma hóspede chamada Suzette Lowell.

O concierge pega o telefone e liga para o quarto de Suzette. Quando ele avisa que um investigador da polícia de Nova York quer falar com ela, somos autorizados a subir na mesma hora.

– Décimo andar, no final do corredor – informa o concierge.

Ando decidida em direção ao elevador, e Ramirez aperta o passo para me acompanhar. O elevador tem as paredes todas espelhadas, o que me dá um pouco de enjoo. Ou vai ver estou enjoada por estar indo visitar a esposa de um homem que ameaçou meus dois filhos com a conivência dela. Só Deus sabe o que Jonathan teria feito com Nico se Ada não tivesse intervindo.

– Não sei, não, Millie – diz Ramirez. – Prefiro fazer tudo como manda o figurino, quando ela estiver na delegacia.

– Por favor, me dá uma oportunidade de falar com ela – peço. – É a melhor

chance que a gente tem de inocentar minha família. A gente precisa tentar.

Ele apenas assente.

O elevador emite um plim quando chegamos ao décimo andar. Saio da cabine e caminho a passos largos na direção do quarto de Suzette; Ramirez é obrigado a dar uma corridinha para conseguir me acompanhar. Só paro ao chegar em frente à porta. Ergo o punho para bater enquanto Ramirez suspira e balança a cabeça.

– Só um instante! – diz uma voz do outro lado da porta.

Um segundo depois, a porta do quarto de hotel se abre. Suzette está parada ali, usando um roupão com o nome do hotel bordado na lapela. Tinha conseguido abrir um sorriso agradável com os lábios pintados de batom, que desaparece ao me ver em pé no vão da porta aberta.

– O que *você* tá fazendo aqui? – sibila Suzette.

– A Sra. Accardi veio comigo, Sra. Lowell – diz Ramirez.

Ela olha alternadamente para nós dois, e por alguns instantes tenho certeza de que vai bater a porta na nossa cara. E seria direito dela.

– O senhor trabalha mesmo para a polícia de Nova York?

– Garanto à senhora que sim – responde ele. – E, se a senhora autorizar que eu e a Sra. Accardi entremos, gostaria de lhe fazer uma proposta que talvez no futuro venha a poupar todos nós de muitos problemas.

Ela leva a mão ao quadril.

– Me mostra a sua identificação.

Ramirez obedece e torna a levar a mão ao bolso para pegar o distintivo. Mostra-o para Suzette, e ela se demora alguns instantes inspecionando o documento, como se realmente soubesse a diferença entre uma identificação legítima e uma falsificada. Mas, se isso a faz se sentir melhor, ela que fique à vontade.

– Tudo bem – diz ela, tensa. – Podem entrar por um instante, mas eu estava prestes a ir tomar banho.

– Aposto que os chuveiros aqui devem ser ótimos – comenta Ramirez enquanto adentra o quarto de hotel. Suzette tem a oportunidade de bater a porta na minha cara, mas não a aproveita, e eu consigo entrar junto com ele. – Mas não tanto quanto os da sua casa.

– Obrigada – diz Suzette, rígida. – Não posso entrar lá agora, por motivos

óbvios.

– Ah, eu sei. – Ele se detém ao chegar à gigantesca cama king-size. – Quer se sentar, Sra. Lowell?

– Não acho que seja preciso ficarmos muito à vontade.

Um dos cantos dos lábios dele se curva para cima.

– Justo.

– Então, investigador, sobre o que o senhor queria falar comigo?

– Bem – diz ele. – Na verdade, é sobre a sua casa. A polícia esteve lá, sabe.

Ela revira os olhos.

– Acho que é assim que funciona no caso de uma cena de crime.

– E viram cada pedacinho da casa.

Os olhos dela se semicerram, e detecto um tênue lampejo de medo.

– O que está querendo dizer com isso?

– Estou querendo dizer que eles viram o quartinho debaixo da sua escada – declara Ramirez.

Se eu não estivesse encarando o rosto de Suzette, não teria visto o modo como ela empalideceu. Juro por Deus: se Ramirez não estivesse de pé bem do meu lado agora, eu arrancaria os olhos dessa mulher com a unha. Arrancaria o coração dela do peito.

– Eu… eu não sei do que o senhor está falando – gagueja ela.

– Não? – Ramirez arqueia uma das sobrancelhas escuras. – Então não sabia que tem um quartinho debaixo da escada no térreo da sua casa, escondido atrás de uma estante?

Ela balança a cabeça devagar.

– Acho que vi algum tipo de depósito assim que nos mudamos, mas acabamos nunca chegando a usar.

– Que coisa mais estranha – pondera ele.

– Na verdade, não – diz ela. – Jonathan já tinha a casa quando nos mudamos pra lá, então nunca olhei a planta.

– Mesmo sendo corretora de imóveis, a senhora nunca olhou a planta da própria casa?

Ela dá de ombros.

– A casa já era nossa, e não estávamos pensando em vender. Por que eu deveria ter olhado? Isso por acaso é *crime*, investigador?

– Só que tem o seguinte. – Ramirez a encara com firmeza. – O quartinho estava repleto das suas impressões digitais. Então, se a senhora não sabia que ele existia, o que aconteceu exatamente?

Assim que entramos, ela declinou a sugestão de se sentar. Agora, porém, afunda no colchão com o semblante lívido. É gratificante ver o quanto está apavorada. Ela merece.

– Sabe o que mais a polícia encontrou naquele quartinho? – pergunta Ramirez.

Tudo que ela consegue fazer é balançar a cabeça.

– Encontramos sangue e DNA de um menino chamado Braden Lundie – diz ele. – Um menino que sumiu três anos atrás. A polícia está escavando seu quintal neste exato momento. Alguma ideia do que vão encontrar?

Suzette parece estar com dificuldade de respirar. Parece estar inteiramente sem palavras, bem parecido com o jeito como fiquei quando Ramirez me contou essa informação dentro do carro dele. Infelizmente para ela, não estou mais sem palavras.

– Suzette, você é cúmplice do assassinato de um menino – sibilo para ela. – Vai passar o resto da vida na cadeia. E você merece. – Um bolo se forma na minha garganta. – Você sabia que o seu marido tinha assassinado uma criança e não contou pra ninguém. Deixou seu marido continuar solto. Deixou meu filho entrar na sua casa! Como foi capaz de fazer isso? Qual é o problema com você?

Suzette enterra o rosto nas mãos por alguns instantes. Ainda não disse nenhuma palavra sequer.

– Sra. Lowell? – insiste Ramirez.

Quando Suzette ergue o rosto das mãos, suas bochechas estão riscadas de lágrimas.

– Eu só soube do Braden depois. Juro. Se eu tivesse descoberto…

– Mas a senhora *sabia* – diz Ramirez num rosnado baixo. – Sabia o que ele tinha feito e não chamou a polícia. Não contou pra ninguém.

– De que teria adiantado? Era tarde demais!

Sinto náuseas. Janice comentou sobre o menino que sumiu anos atrás, mas achei que ela estivesse sendo dramática, em especial depois de Suzette ter alegado que o menino fora encontrado. Na verdade, quem tinha razão era Janice. O fato de Suzette ter dito que era tarde demais significa que não vai haver um final feliz

para essa família.

– Eu também detestava ele, sabe? – Ela enxuga as lágrimas dos olhos com as costas da mão. – Não conseguia nem suportar ficar na mesma casa que aquele homem. Mas continuei lá para poder ficar de olho nele e garantir que ele não fizesse nada… Sabe, que nunca mais fizesse nada *igual àquilo*. Eu impedi outras crianças de serem machucadas.

Eu a fulmino com o olhar.

– Uau, você é mesmo uma santa.

– Millie, se eu tivesse ligado pra polícia, você *sabe* o que teria acontecido com a minha vida? Eu teria sido a esposa de um assassino de crianças. Sabe como teria sido isso?

Balanço a cabeça.

– Suzette, você é desprezível.

Pelo menos, ela tem a decência de abaixar a cabeça.

– O investigador Ramirez veio aqui levar você pra delegacia – digo. – Mas eu convenci ele a não levar. Em vez disso, a gente vai te dar uma alternativa.

Suzette ergue o olhar para mim com um ar de surpresa. Olho para Ramirez, que assente para mim, então continuo.

– Você precisa confessar o assassinato do seu marido. Diz que matou ele porque descobriu o que ele estava fazendo naquele quarto e que por isso suas digitais estão por toda parte lá dentro. Pode alegar legítima defesa.

– Vocês querem que eu minta? – pergunta ela com um arquejo.

– A senhora tem outra opção – intervém Ramirez –, que é deixar Enzo Accardi ser condenado por um crime que ele não cometeu e então ser processada por ter conspirado para matar o menino. E, pode acreditar, vamos cair *com força* em cima da senhora.

Suzette fica nos encarando e balançando a cabeça.

– Mas eu não matei o Jonathan.

– Mas se tivesse matado ninguém iria te culpar, né? Você arruma um bom advogado, coisa que tem como bancar, e talvez nem chegue a ir presa. Mas, se te pegarem por causa do menino… Ou mesmo se as pessoas *acharem* que você teve algum envolvimento nisso, o que nós duas sabemos que vai acontecer…

Ela inspira fundo. Nós lhe demos duas alternativas terríveis. Por uma fração de segundo, quase sinto pena dela. Então me lembro do que ela fez.

– E o sangue no canivete do Enzo? – indaga ela. – A polícia me contou.

– Enzo deixou o canivete dele na sua casa. – Ramirez dá de ombros. – A senhora o usou para matar seu marido, depois tentou se livrar da prova devolvendo o canivete para ele.

Suzette olha para baixo e encara as palmas das próprias mãos. Seja qual for a decisão, a vida inteira dela está prestes a mudar para sempre.

– Posso pensar um pouco? – pede ela com uma vozinha.

Ramirez olha para o relógio.

– Pode, sim, mas vou logo avisando que o investigador Willard está a caminho daqui. Ele vai chegar a qualquer momento.

Ela puxa uma inspiração trêmula.

– Vocês se importariam em sair do meu quarto para eu poder me vestir?

Ramirez concorda em sair. Precisamos dar o fora daqui antes de o investigador Willard nos flagrar e descobrir o que estamos fazendo. Quando a porta bate atrás de nós, eu a encaro com fúria. Nunca gostei de Suzette Lowell, mas não fazia ideia do tamanho de sua depravação. Não fazia ideia de que ela era capaz de encobrir crimes tão horrorosos apenas para proteger a própria reputação. Quando olho para Ramirez, dá para ver que ele está pensando a mesma coisa.

– Só por você e pelo Enzo, Millie – diz ele. – Vou fazer tudo que eu puder para garantir que isso dê certo e liberte ele.

– Então estamos quites.

– Não, acho que ainda te devo algumas.

Aproximo o ouvido da porta para escutar os barulhos vindos do quarto.

– E se ela tentar se matar aí dentro?

– Ela não vai fazer isso. É uma lutadora. Dá pra ver que é.

– O que você acha que ela vai decidir?

Ele abre um sorriso triste.

– Ela vai confessar que matou o marido, tenho certeza. Não vai querer aquela outra acusação. E sabe que a polícia a pegou de jeito.

Torço para ele estar certo. Preciso do meu marido de volta. E preciso que esse pesadelo acabe.

Embora tenha a sensação de que ainda vai demorar muito tempo para acabar.

SETENTA E NOVE

Faz quase duas semanas desde que Suzette Lowell confessou o assassinato do marido, Jonathan Lowell.

Estamos os quatro tomando café na nossa cozinha, algo que duas semanas atrás parecia que nunca mais seria possível. Mas agora Enzo está em casa outra vez. Depois de Suzette confessar, todas as acusações contra ele foram retiradas.

Só nós sabemos da participação de Ada no assassinato.

– Eu adoro panqueca com gotas de chocolate – diz Nico enquanto ataca com alegria o prato de panquecas que eu preparei.

Enzo abre um sorriso do outro lado da mesa. Ainda parece cansado devido aos acontecimentos das últimas poucas semanas, mas está em casa, e é isso que importa. E a nossa família está se curando. Nico, em especial, vai precisar de muita terapia depois de tudo que aconteceu, mas tudo bem. Nós vamos dar a volta por cima.

Não vamos deixar que o que os Lowells fizeram nos destrua.

– Só mais uma semana de escola e vão começar as férias de verão – lembra Enzo às crianças. – Vamos viajar pra algum lugar, que tal?

– Pra onde? – pergunta Ada.

– É, para onde? – pergunto, porque é a primeira vez que estou ouvindo falar nessa suposta viagem.

– A gente decide – diz ele. – Acho que a gente precisa sair daqui.

Ele tem razão. Precisamos sair daqui. No verão, vamos vender a casa. Depois

de tudo que aconteceu, não consigo mais nos imaginar morando neste lugar. Precisamos encontrar algo mais barato, assim vamos parar de nos estressar por causa de cada conta. Talvez seja preciso mudar para um lugar totalmente diferente. Um novo começo seria bom.

– Eu quero ir pra Disneylândia – diz Nico.

– Eu também! – exclama Ada.

– Na Flórida faz muito calor no verão – lembro a eles.

– Lá é a Disney*world*, mãe – corrige Ada. – Na Califórnia é onde fica a Disney*lândia*.

Califórnia? Ela está falando sério? Estava pensando mais em algo como uma ida ao litoral de Nova Jersey. Olho para Enzo, que dá de ombros. Não acho que iremos à Califórnia neste verão: quatro passagens de ida e volta para o outro lado do país não cabem exatamente no nosso orçamento. No entanto, nesse momento, me falta coragem para destruir os sonhos da Disneylândia das crianças.

Como o ônibus escolar vai chegar em breve, acompanhamos os dois até a porta para eles chegarem ao ponto com alguns segundos de antecedência. Bem na hora em que o ônibus está se afastando, o conhecido Dodge Charger preto encosta na nossa rua sem saída. Embora ver nosso amigo sempre me deixe feliz, não posso dizer que não sinto uma onda de ansiedade ao ver um policial estacionando em frente ao meu gramado.

Enzo, porém, não parece nem um pouco preocupado. Ele acena para Ramirez ao vê-lo descer do carro.

– *Buongiorno*, Benny!

Ramirez acena de volta, então vê minha expressão e diz depressa:

– É só uma visita social, Millie. Tá tudo bem.

Graças a Deus.

– Quer entrar? – pergunto.

– Não dá. Estou com a manhã cheia. Mas como estava por perto só queria dar uma passada pra ver como vocês estavam. Tudo caminhando direitinho?

– A gente tá bem – diz Enzo. – Obrigado por tudo.

– E as crianças? – pergunta Ramirez. – Estão lidando bem com tudo que aconteceu?

– Estão – respondo, mas com hesitação.

– Millie tá preocupada com a Ada – intervém Enzo.

Ele tem razão. Detesto reconhecer isso, mas desenvolvi uma obsessão pelo que a nossa filha fez. Reconheço que Jonathan Lowell era uma pessoa horrorosa e que merecia morrer, mas não consigo parar de lembrar dele caído no chão com o pescoço cortado.

Foi minha filha quem fez isso.

– Ada vai ficar bem – assegura Ramirez. – Olha aqui, Millie, ela fez o que foi preciso. Você entende isso, não?

– Acho que sim.

– Foi culpa minha – diz Enzo. – Eu dei o canivete pra ela. Meu pai me deu quando eu tinha a mesma idade, e achei que estivesse tudo bem. Só quero que ela fique segura. Só que a gente agora vive num mundo diferente.

Mas não posso culpar Enzo. Foi o canivete que salvou a vida de Ada. Se ela não estivesse com aquele canivete, só Deus sabe o que teria lhe acontecido.

Só estou atormentada pelo que ela fez com o canivete. Ainda não falamos sobre como ela degolou Jonathan.

– Enfim – diz Enzo. – Se você tá ocupado agora pra entrar e tomar um café, vem jantar hoje à noite, que tal?

– Na verdade… – Ramirez puxa a gravata. – Hoje tenho um encontro.

Por um instante, sou afastada das minhas preocupações com Ada e um sorriso se espalha pelo meu rosto.

– Um encontro? *Sério?*

Ramirez retribui com um sorriso que é uma combinação comovente de empolgação e nervosismo.

– Acreditem ou não, a Cecelia me apresentou à mãe dela. É só nosso segundo encontro, mas a gente tem se falado bastante por telefone e… sei que ainda é cedo, mas gosto muito dela. Ela é mesmo especial.

Quase caio na gargalhada ao escutar o que com toda a certeza é o eufemismo do século.

– Ela é mesmo – concordo.

– Quem sabe agora você se aposenta? – provoca Enzo, na brincadeira.

– Nunca – retruca Ramirez.

Mas, se existe alguém capaz de convencer esse homem a finalmente se aposentar, essa pessoa seria Nina Winchester.

– Enfim, preciso ir andando – diz ele. – Mas, qualquer coisa que precisarem, é só chamar.

Ramirez torna a entrar no carro e ficamos olhando enquanto se afasta. Também preciso sair para o trabalho, mas ultimamente tem sido difícil me concentrar. Fico feliz que meu marido tenha sido solto, mas me sinto consumida pela preocupação com meus filhos. Especialmente Ada.

– Millie – diz Enzo. – Você precisa deixar essas preocupações pra lá. Isso faz mal pra sua pressão.

– Minha pressão agora vai bem, obrigada.

E vai mesmo. Tenho medido todos os dias, e na última semana estava ótima.

– Então vamos manter assim. – Ele me dá um beijo na bochecha. – Ada vai ficar bem. A mãe dela ficou bem, e ela também vai ficar.

Ele tem razão. Basta eu ficar repetindo isso para mim mesma. Ada não fez nada de errado. Na minha opinião, ela é uma heroína.

Mas eu sou mãe dela, e é minha obrigação me preocupar. Então vou continuar a observá-la e a me preocupar.

OITENTA
ADA

O período de biblioteca está quase no fim. Estou sentada diante de uma das mesas perto das janelas, lendo um livro incrível chamado *Rebecca*, escrito por Daphne du Maurier. É um livro antigo, mas muito assustador. Sinto arrepios durante a leitura. Só falta uma semana de aula, e torço para conseguir terminar a tempo.

Mas, se eu não conseguir, vai ser por causa do tal do Hunter.

Ele me deixou em paz por um tempo, mas hoje voltou com força total. Senta na minha frente no começo da aula e a primeira coisa que me diz é:

– Ada, quer sair comigo na sexta à noite?

– Não, obrigada – respondo, rígida.

– E no sábado à noite?

– Não.

– E no domingo? E na segunda?

Enfio o nariz de novo no meu livro. Vou ignorá-lo e pronto. É o que se deve fazer com meninos iguais a ele. Se eu não der atenção, eles vão embora. Pelo menos, é o que a minha mãe diz.

– Ada – diz ele com uma voz melodiosa. – Alguém já fez uma música sobre você?

Não olho para ele. Não respondo nada.

– Eu vou fazer uma música sobre você agorinha – diz. Então começa a cantar. – Adaaa. Deixa eu ser seu amigooo. E depois sai comigooo.

A bibliotecária ouve Hunter cantando e nos lança um olhar incisivo.

– Ada, Hunter, silêncio, por favor!

Se ela achar que a gente está fazendo bagunça, vai tirar nossos livros e fazer que nos sentemos no canto. E eu quero mesmo acabar o livro que estou lendo.

– Para com isso, por favor. Você vai meter a gente em encrenca. Só quero ler meu livro.

– Quer nada! – diz ele, alto demais. – Está só fingindo gostar do livro e se fazendo de difícil. Foi o que o meu pai disse.

– Seu pai tá errado.

– Meu pai nunca tá errado. E pelo menos ele não foi preso por ter matado ninguém.

Fico brava por ele dizer isso. Meu pai não matou o Sr. Lowell. Mas, depois de voltar para casa, ele me disse que, se tivesse descoberto o que o Sr. Lowell estava fazendo com o Nico, teria feito exatamente a mesma coisa que eu.

A polícia continua com o canivete do meu pai, aquele que usei para esfaquear o Sr. Lowell. Queria ainda ter ele comigo. Provavelmente nunca vou conseguir recuperar, o que é triste, porque eu adorava aquele canivete.

Mas, pensando bem, não preciso de um canivete.

Largo meu exemplar de *Rebecca*. Saio do meu lugar e vou me sentar ao lado de Hunter. Por essa ele não esperava, e suas sobrancelhas se erguem depressa.

– Hunter, preciso que você saiba de uma coisa.

Ele sorri para mim.

– O quê? Você finalmente vai mudar de ideia?

– Não. – Encaro ele bem nos olhos e sustento o olhar. – Se você não me deixar em paz agora mesmo, hoje à noite eu vou entrar de fininho no seu quarto enquanto você estiver dormindo. – Aguardo um instante, observando sua reação. – E aí, quando você acordar de manhã, vai abrir as cobertas e encontrar seu saco todo ensanguentado jogado no lençol ao seu lado.

Ele ri.

– Como é que é?

– Você ouviu bem. Se alguma vez você voltar a encher o meu saco, ou a encher o saco de qualquer outra menina, eu vou te castrar enquanto você estiver dormindo.

"Castrar" é uma palavra que aprendi num livro que estava lendo. Acho que

estou usando do jeito certo. Significa cortar fora os testículos de alguém.

Gosto da maneira como toda a cor se esvai do rosto dele. Fico observando enquanto ele tenta se recompor.

– Você… você não conseguiria fazer isso – gagueja.

– Humm, talvez não – digo. – Mas, na verdade, acho que eu conseguiria, sim. Quer pagar pra ver?

Pela expressão do seu rosto, acho que ele não gostaria de pagar pra ver, não. Ele se levanta com um pulo e se afasta de mim.

– Você é uma psicopata.

Só faço dar de ombros e sorrir para ele.

Ele se afasta da mesa cambaleando e quase tropeça nos próprios pés de tanto que quer se afastar de mim. Não acho que vá voltar a me incomodar. Gostaria de pensar que nunca mais vai incomodar *nenhuma* menina.

Pego meu livro para retomar a leitura, mas antes de fazer isso olho pela janela ao meu lado. Está nublado o suficiente do lado de fora para eu praticamente conseguir ver meu reflexo no vidro. Engraçado, porque sempre me achei quase idêntica ao meu pai, com meu cabelo e olhos escuros. Agora, ao me ver refletida nessa janela embaçada, me dou conta de que, conforme fui ficando mais velha, os traços do meu rosto se tornaram bem mais parecidos com os da minha mãe. Só reparei nisso neste exato instante.

Estou a cara dela. Que coisa mais engraçada.

EPÍLOGO
MARTHA

Estou hospedada num hotel de beira de estrada longe de Long Island.

Jed não veio atrás de mim desde que saí de casa, então estou, enfim, começando a me sentir segura. Ele me disse que, se algum dia eu tentasse deixá-lo, iria me caçar e arrancar meu couro, mas ainda não me encontrou. Caso apareça, estou com aquela arma que Enzo me deu. Ela me dá segurança.

Estou preocupada com dinheiro, porém. Como Jed ficou com todos os meus salários, tudo que me restou foi o que consegui guardar, mais uma pequena quantia que Enzo conseguiu me dar. Posso tentar trabalhar por fora, embora seja difícil encontrar empregos informais num lugar novo sem recomendações boca a boca. Vai levar tempo, mas sou trabalhadora e estou disposta a provar meu valor. Esperei muito tempo para conseguir me libertar daquele monstro.

E, quando os Accardis se mudaram para a casa ao lado, eu soube que aquela seria a minha chance de sair daquela situação.

Muitos anos atrás, quando ainda era jovem e cheia de esperança em relação à vida, eu trabalhava para uma família rica. Eles tinham um filho adolescente, aquele tipo de rapaz que acha que tudo que quer tem que ser seu. Eu antipatizava muito com ele, especialmente depois de ver uma menina sair correndo aos prantos do quarto dele. Depois disso, ele riu quando eu estava trocando os lençóis de cama manchados com o sangue dela.

Três meses depois, ele estava morto.

A primeira vez que ouvi falar em Wilhelmina Calloway, a menina que viria a

se tornar Millie Accardi, foi quando ela estava sendo acusada pelo assassinato do filho dos meus patrões. Eu não tinha a menor dúvida de que ele merecia a justiça feita por Millie, mas não foi essa a decisão do júri. Ela foi presa pelo assassinato.

Reconheci Millie quando ela foi visitar a casa no número 14 da Locust Street com o marido bonitão. Ela estava bem mais velha, claro, mas eu a reconheci na hora. Havia algo nela que era difícil esquecer. Algo em seus olhos. Uma busca rápida na internet confirmou que ela era mesmo quem eu pensava que fosse.

Nessa hora, tive certeza de que Millie seria a única capaz de me ajudar a fugir de Jed. Só precisava que ela se mudasse para aquela casa.

Só que as casas do bairro eram sempre vendidas por valores exorbitantes. Estava claro que os Accardis não poderiam bancar uma disputa de propostas. Então eu os ajudei. Puxei papo com compradores interessados e comentei sobre o telhado cheio de goteiras ou o mofo no sótão. Um a um, eles foram desistindo, e os Accardis compraram a casa por uma pechincha, exatamente como eu esperava que acontecesse.

Quis muito contar tudo a Millie assim que ela se mudou. Vivia olhando pela janela, de olho na casa dela, à espera de um momento em que conseguiria encontrá-la sozinha e contar tudo. Quando comecei a trabalhar para ela, porém, nunca consegui encontrar o momento certo. Toda vez que eu tentava, ficava petrificada.

No fim das contas, quem acabou me ajudando não foi Millie. Foi o marido dela, Enzo. Ele foi muito gentil comigo. Ofereceu mais do que tinha para dar, e não me deixou dizer não.

Mesmo assim, tive medo de que minha reserva de dinheiro não fosse suficiente depois que eu tivesse fugido, e foi por isso que, logo antes de sair do hotel onde estava escondida e iniciar a etapa seguinte da minha viagem, fui à casa de Suzette Lowell uma última vez. Estacionei nos fundos, assim aquela vizinha enxerida não contaria para Suzette que eu estivera lá. Suzette tinha uma tonelada de joias e outros objetos que eu poderia empenhar.

Eu me sinto culpada ao dizer isso. Não sou uma ladra. Sempre levei a vida de um jeito honesto e íntegro. Foi meu marido quem me transformou nisso. Tomara que eu nunca mais o veja.

Meu plano era passar quinze minutos revirando as joias de Suzette. Eu sabia quais peças ela usava com frequência e de quais jamais daria por falta. Ela tem

muitas joias, todas muito caras. Três ou quatro peças teriam bastado para me sustentar por um tempo.

Só que, quando cheguei, o Sr. Lowell já estava em casa. Como eu não esperava que ele estivesse lá durante o dia, fiquei surpresa ao descer a escada após ter pegado três dos colares de Suzette e encontrá-lo no meio da sala, ofegante e apoiado numa estante encostada na parede junto à escada, como se estivesse tentando deslocá-la com o peso do corpo. Ele deu um gemido alto, então se encolheu ao mesmo tempo que segurava a barriga. Fiquei pensando por que estaria tentando mudar aquela estante de lugar. Era óbvio que estava se machucando ao fazer isso, porque, ao dar um passo, ele fez uma careta.

– Cadê ela? – balbuciou baixinho. – Onde aquela vagabundazinha se meteu?

Antes de eu conseguir atinar de quem diabos ele estava falando, ele ergueu o olhar, e foi então que me viu. Sabia que eu não estava agendada para trabalhar lá nesse dia, e na mesma hora a desconfiança anuviou seu semblante.

– Você – rosnou ele. – O que tá fazendo aqui?

– Estou… fazendo faxina – gaguejei, embora não estivesse segurando nenhum material de limpeza.

Talvez não tivesse sido tão ruim se eu não estivesse com aqueles colares na mão esquerda. Tudo teria sido diferente se eu tivesse entrado na casa de bolsa e conseguido guardar os colares num lugar em que ele não os visse.

– Você tá roubando a gente! – exclamou ele. – Eu sabia! *Eu disse* pra Suzette que era por isso que as joias dela sumiam! *Eu disse* que era pra ela te mandar embora!

– Não – respondi, atarantada. – Eu não…

Mas o Sr. Lowell estava uma fera. Não parava de vociferar e me xingar de ladra desgraçada. Disse várias coisas horríveis sobre chamar a polícia, e que iriam me prender. Passou o tempo todo segurando a barriga. Mas tudo em que eu conseguia pensar era no que Jed faria comigo se eu fosse presa por roubo.

Ele provavelmente me mataria com as próprias mãos.

Não sei em que momento reparei no abridor de cartas em cima da mesa de centro ao nosso lado. Para ser sincera, tudo aconteceu depressa demais. Peguei o abridor, e na verdade só queria que ele parasse de falar. Que parasse de dizer que iria chamar a polícia. Mas, quando dei por mim, ele estava caído no chão, com sangue esguichando do pescoço e empoçando tudo ao redor do seu corpo sem

vida.

Eu precisava fugir. Com certeza não dava tempo de limpar nada. Principalmente quando ouvi Millie bater na porta.

Quando saí pela porta dos fundos, Enzo estava no quintal da casa ao lado. Tive medo de ele me ver, mas ele parecia ter cortado feio a mão em alguma coisa e tentava estancar o sangue com a camiseta. Estava distraído. Não me viu correr de volta pelo espaço aberto até onde eu tinha estacionado o carro.

Depois, vi no noticiário que Enzo tinha sido preso. Fiquei arrasada com isso, principalmente depois de tudo que ele fez por mim. Ele andava bem apertado de grana, mas mesmo assim me ajudou. É um homem muito bom, e não merecia ir pra cadeia por causa do que eu tinha feito. Por um triz, não liguei para a polícia e confessei ter matado Jonathan Lowell. Mas, antes de eu conseguir fazer isso, saiu uma notícia na imprensa que me deixou chocada.

Suzette confessou ter matado o marido.

Não entendi direito, mas não fiquei nem de longe tão arrasada em relação a Suzette Lowell ser presa. Ela realmente é uma pessoa bem horrorosa.

Passei as duas últimas semanas certa de que a verdade viria à tona. Tive certeza de que a polícia iria aparecer e bater na porta do meu quarto de hotel com um mandado de prisão pelo assassinato de Jonathan Lowell em mãos. Só que isso não aconteceu. Ninguém veio me prender. Ninguém veio sequer me interrogar.

Acho que ninguém nunca desconfia da empregada.

AGRADECIMENTOS

Uau, que viagem incrível desde a publicação do primeiro livro da série A Empregada, em abril de 2022. Mal posso acreditar que o meu livrinho entrou na lista de mais vendidos do *The New York Times* e que milhões de pessoas o leram. Depois dessa acolhida espetacular, era muito natural eu querer dar continuidade à história de Millie em *O segredo da empregada*, e agora mais uma vez em *A empregada está de olho*.

Quero agradecer à Bookouture por ter dado vida a essa série, em especial a Ellen Gleeson, por suas incríveis e espetaculares sugestões tanto em relação ao meu estilo quanto a Millie. Um agradecimento enorme à minha agente literária, Christina Hogrebe, e também a todo o time da Jane Rotrosen Agency, que sempre acreditou em mim e me apoiou. Obrigada à equipe da Sourcebooks por seu trabalho incansável para colocar *A empregada está de olho* no mundo e nas mãos de mais leitores. Fico muito agradecida por isso!

E obrigada a todos que leram o manuscrito durante o processo de edição: minha mãe, Pam, Kate e Val. Sei que é cansativo eu viver aparecendo com um manuscrito e dizendo "Foi mal, ainda devo ter que mexer um pouco no texto", então saibam o quanto sou grata a vocês.

Por fim, obrigada um milhão de vezes a meus incríveis leitores que tanto me apoiam! Isso tudo é por vocês! Vocês pediram um terceiro livro da Empregada? Bom, aqui está!

SOBRE A AUTORA



FREIDA McFADDEN é uma médica especializada em lesões cerebrais com mais de 20 livros publicados, entre suspenses psicológicos e romances médicos. Com *A empregada*, que já vendeu 3 milhões de exemplares e teve os direitos negociados em 36 países, Freida chegou ao topo das listas de mais vendidos.

Mora com a família e seu gato preto em uma casa de três andares centenária,

cujos degraus rangem a cada passo e onde ninguém ouve se você gritar. A não ser, talvez, que grite muito, muito alto.

CONHEÇA OS LIVROS DE FREIDA McFADDEN

A empregada

O segredo da empregada

A empregada está de olho

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

